GISELE MARIA RIBEIRO DE ALMEIDA

Au revoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980

CAMPINAS
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

GISELE MARIA RIBEIRO DE ALMEIDA

Au revoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Gisele Maria Ribeiro de Almeida, e orientada pela Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger

Orientadora

Campinas, SP
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

AL64r

Almeida, Gisele Maria Ribeiro de, 1976-
Au revoir Brésil : um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980 / Gisele Maria Ribeiro de Almeida. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Rosana Aparecida Baeninger.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração. 2. Imigrantes - França. 3. Brasil - Emigração e imigração. I. Baeninger, Rosana Aparecida,1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: *Au revoir Brésil* : a study on Brazilian immigration in France after 1980
Palavras-chave em inglês:
Migration
Immigration - France
Brazil - Emigration and immigration
Área de concentração: Sociologia
Titulação: Doutora em Sociologia
Banca examinadora:
Rosana Aparecida Baeninger [Orientador]
Débora Mazza
Rossana Rocha Reis
Helion Póvoa Neto
Fernando Antonio Lourenço
Data de defesa: 19-11-2013
Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Gisele Maria Ribeiro de Almeida

Au revoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980

Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado em Sociologia defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 19/11/2013

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger (orientador)

Profa. Dra. Débora Mazza (FE/Unicamp)

Profa. Dra. Rossana Rocha Reis (USP)

Prof. Dr. Helion Póvoa Neto (UFRJ)

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço (DS/IFCH/Unicamp)

SUPLENTES:

Prof. Dr. Josué Pereira da Silva (DS/IFCH/Unicamp)

Profa. Dra. Roberta Guimarães Peres (Unicamp)

Profa. Dra. Gláucia de Oliveira Assis (Unicamp)

Novembro/2013

Resumo

A imigração brasileira na França após 1980 foi analisada aqui a partir do reconhecimento da heterogeneidade das modalidades que compõem este fluxo, cuja dinâmica revela a presença concomitante de “antigas” e “novas” lógicas migratórias. Antigas porque há um persistente fluxo de estudantes brasileiros que se volta às instituições francesas de ensino, graças à presença de relações históricas entre o Brasil e a França consolidadas nesse âmbito. No entanto, como parte das migrações internacionais contemporâneas, verifica-se também a presença de novas modalidades migratórias no recente fluxo de brasileiros para a França, deslocamentos que acompanham às transformações sociais advindas com a intensificação da chamada globalização e toda a dinâmica associada, nesse cenário, à diminuição das distâncias e à crescente mobilidade humana. Como se argumenta na tese, o uso das modalidades migratórias na análise permitiu a reconstrução dos processos sociais que engendram os fluxos, ao mesmo tempo em que contemplou a incorporação dos diferentes interesses e estratégias dos migrantes e das repercussões correspondentes nas formas de instalação na sociedade de destino. Se o nível de autonomia e de coação que os agentes experimentam não é idêntico entre os diferentes perfis de migrantes, consequentemente as práticas e os mecanismos envolvidos no projeto e na realização da migração conjugam essas especificidades.

Abstract

Brazilian immigration in France after 1980 was analyzed here with regard to the heterogeneity of the modalities that make this flow, whose dynamics reveal the concomitant presence of “old” and “new” migratory logics. Old because there is a persistent flow of brazilian students that turns itself to French learning institutions, thanks to the existence of historical links between Brazil and France within that circle. However, as a part of contemporary international migrations, there are also new migratory modalities in the recent flow of Brazilians to France, displacements that go hand in hand with the social transformations resulting from the intensification of the so-called globalization and from all dynamics associated to the diminishing distances and growing human mobility in that backdrop. As it is stated in the thesis, the use of migratory modalities in the analysis has allowed the rebuilding of the social processes that bring those flows, contemplating, at the same time, the incorporation of different interests and strategies of the migrants, as well as the corresponding repercussions in the ways of installation in destination societies. If the levels of autonomy and coercion that the agents experience aren’t identical in the different profiles of migrants, consequently, the practices and the mechanisms involved in the planning and execution of the migration include these features.

Résumé

Cette analyse de l'immigration brésilienne en France, depuis 1980, a été effectuée à partir du constat que différentes modalités composent ce flux, dont la dynamique révèle la présence concomitante d'«anciennes» et de «nouvelles» logiques migratoires. « Anciennes » parce que, pour des raisons historiques qui ont consolidé les relations entre le Brésil et la France, il existe un flux permanent d'étudiants brésiliens attirés par les écoles et les universités françaises. « Nouvelles » car, dans le cadre des migrations internationales contemporaines, on voit apparaître de nouvelles modalités migratoires en ce qui concerne l'immigration brésilienne en France. Ces nouveaux déplacements accompagnent les changements sociaux dûs à l'intensification de la mondialisation et à toutes les dynamiques qui lui sont associées. A savoir, dans ce contexte, la réduction de la distance et la croissance de la mobilité humaine à travers la planète. Comme soutenu dans la thèse, considérer les diverses modalités migratoires dans cette analyse a permis de reconstruire les processus sociaux à l'origine de ces flux, ainsi que de déterminer les intérêts et les stratégies des migrants puis leurs répercussions sur les modes d'installation dans la société d'accueil. Si le niveau d'autonomie et de coercition que les agents expérimentent ne sont pas identiques entre les différents profils de migrants, les pratiques et les mécanismes impliqués dans le projet et la mise en œuvre de la migration conjuguent ces spécificités.

Sumário

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO 1. UMA NARRATIVA SOBRE A FEITURA DA TESE 11

1.1. O RECONHECIMENTO DO TERRENO E A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO 19
1.1.1. A pesquisa em fontes secundárias e o levantamento bibliográfico 19
1.1.2. O mapeamento das instituições relacionadas 28
1.1.3. Preparação e realização da pesquisa na França 30
1.2. A OPÇÃO PELA ENTREVISTA E A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA 41
1.2.1. Em busca dos brasileiros que foram imigrantes na França 47
1.2.2. Em busca dos imigrantes brasileiros na França 51
1.3. ALGUNS RESULTADOS GERAIS ORIUNDOS A PARTIR DA PESQUISA DE CAMPO 57

CAPÍTULO 2. A CONSTRUÇÃO DE UM QUADRO ANALÍTICO 67

2.1. COMO OS "MIGRANTÓLOGOS" EXPLICAM AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS 73
2.1.1. As teorias sobre migrações internacionais 74
2.1.2. As redes na migração 80
2.1.3. O projeto migratório 91
2.2. PROJETOS MIGRATÓRIOS E MODALIDADES NO FLUXO BRASIL-FRANÇA 95
2.2.1. O projeto migratório de Bernardo 101
2.2.2. O projeto migratório de Érica 105
2.2.3. O projeto migratório de Leonardo 108
2.2.4. O projeto migratório de Lígia 110
2.2.5. O projeto migratório de Marcílio 114
2.2.6. O projeto migratório de Nara 116

CAPÍTULO 3. O FLUXO BRASIL-FRANÇA NA "ERA DA MOBILIDADE" 123

3.1. AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS 125
3.2. AS NOVAS LÓGICAS MIGRATÓRIAS E A DIVERSIDADE DE MODALIDADES 133
3.2.1. O tipo migratório do fluxo Brasil-França até 1980 138

3.3. MODALIDADES MIGRATÓRIAS E O FLUXO BRASIL-FRANÇA PÓS 1980 143
3.3.1. Migração de profissionais altamente qualificados 145
3.3.2. Migração estudantil 161
3.3.3. Migração laboral 186
3.3.4. Migração afetiva 217
3.3.5. Migração "cosmopolita" 248

CAPÍTULO 4. UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO: OS BRASILEIROS E A FRANÇA 257

4.1. IDENTIDADE NACIONAL E IMIGRAÇÃO NA FRANÇA 261
4.1.1. A França e seus "estrangeiros/imigrantes" 268
4.1.2. "Integração" *à la française* 280
4.2. FORMAS E PROCESSOS DE "INTEGRAÇÃO" DOS BRASILEIROS NA FRANÇA 286
4.2.1. *Le brésil n'est pas un pays sérieux* 288
4.2.1. A imigração de mulheres brasileiras na França 294
4.3. OS BRASILEIROS NA FRANÇA E A QUESTÃO DO RETORNO 299
4.3.1. O projeto de retorno de Mário 311
4.3.2. O projeto de retorno de Suzie 315

CONSIDERAÇÕES FINAIS 321

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 331

ANEXOS 351

ANEXO 1. INSTITUIÇÕES FRANCESAS NO BRASIL 353
ANEXO 2. DADOS CAMPUS FRANCE BRASIL 359
ANEXO 3. DADOS CAPES 367
ANEXO 4. DADOS CNPQ 371
ANEXO 5. RESUMOS TRAJETÓRIAS DE IMIGRANTES BRASILEIROS NA FRANÇA 375
ANEXO 6. RESUMOS TRAJETÓRIAS DE "EX-IMIGRANTES" BRASILEIROS NA FRANÇA 403

Para o M.M., por tudo.

Agradecimentos

Este doutoramento começou em meados de 2008, quando a primeira versão de um projeto ganhou existência. Como toda empreitada, a realização de uma tese de doutorado exige o “desejo”, pois é o “querer” que nos dá um impulso sem o qual não conseguimos executar as tarefas exigentes que são inerentes aos projetos desse tipo. Mas os desejos não são suficientes para transformar nossas ideias e ideais em realidade precisamos também do apoio e suporte que encontramos fora de nós.

Para a realização desse projeto, sou devedora a muitas pessoas. Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, a Profa. Dra. Rosana Baeninger, que me apoiou incondicionalmente desde o início. Sua experiência como pesquisadora *migrantóloga* trouxe contribuições essenciais para a estruturação desta tese, suas sugestões e orientações foram decisivas para que eu chegasse aos conceitos e às reflexões que foram desenvolvidas na tese. Por isso, preciso insistir no agradecimento que lhe faço: muito obrigada!

Agradeço aos professores da banca de qualificação, à Profa. Dra. Debora Mazza e ao Prof. Thomas Dwyer, pela leitura atenta e pelo debate que muito me estimularam, inclusive ajudando-me nos encaminhamentos posteriores.

Gostaria também de agradecer aos professores que compõem a comissão julgadora dessa tese. Os aceites honraram-me muitíssimo, pois todos eles, enquanto professores ou pesquisadores, fizeram parte da minha formação intelectual e acadêmica, antes ou durante o desenrolar desta tese.

Aos colegas do projeto temático “Observatório das Migrações em São Paulo” (coordenado pela Profa. Dra. Rosana Baeninger e financiado pela Fapesp), agradeço pelas discussões e pelo ambiente de apoio e estímulo intelectual. Sou particularmente grata à Patrícia Tavares e à Lidiane Maciel. À Ivonete, agradeço pelo apoio e pela atenção dedicada.

Também devo agradecer aos funcionários do IFCH/Unicamp, particularmente aos funcionários das Bibliotecas do IFCH/Unicamp, do IEL/Unicamp e da FE/Unicamp.

Sou extremamente grata à Fapesp, tanto pela bolsa de estudos concedida no país quanto pela bolsa de estágio na França. O financiamento permitiu um engajamento e um compromisso com a pesquisa que seria inviável sem tal recurso. Agradeço aos

funcionários da Fapesp por atender a tantas solicitações minhas. Ao parecerista anônimo, agradeço a aposta no projeto e as avaliações feitas sobre os relatórios.

Fui muito bem recebida em algumas instituições francesas sediadas no Brasil. Graças à ajuda do Conselheiro de Imprensa e de Comunicação da Embaixada da França em Brasília tive uma agenda cheia de “rendez-vous” na instituição. Isso sem falar na colaboração que tive dos Consulados Franceses de Brasília e de São Paulo.

O Cendotec foi um dos meus primeiros contatos e sou muito grata ao diretor da instituição, que me permitiu acessar informações relativas ao Campus France Brasil. Além disso, gostaria de expressar meus agradecimentos aos funcionários do Cendotec que me auxiliaram no levantamento de pesquisa e tornaram os dias de pesquisa lá bastante agradáveis.

O amparo dos vínculos afetivos também foi fundamental em vários momentos dessa jornada. Agradeço aos meus pais, Plínio e Ziza, que fizeram tudo o que puderam para garantir que eu realizasse meus sonhos e projetos. Devo muito a minha irmã, pela paciência que ela tem comigo e pelos “mil” suportes ao longo dessa tese.

Ao meu amor-amigo-companheiro-marido, Marco, agradeço pelo apoio e pela forma como contornamos juntos as dificuldades que a realização desta pesquisa acabou nos impondo.

Agradeço também o carinho e a torcida dos/das Malagodis/lis.

Agradeço ao Prof. José Marcos e à Fábia Silveira que garantiram meu primeiro contato com os estudos migratórios.

Manifesto minha gratidão também à Bernadette Pitteri, pois, de certa forma, foi através de sua ajuda que o projeto desta pesquisa nasceu. Agradeço particularmente à Samira El Saifi e à Heloísa Hanada, pela amizade e pelo apoio em momentos decisivos. Também gostaria de agradecer a alguns amigos “campineiros” muito queridos que me ajudaram de diferentes formas ao longo do doutorado: Marta Kanashiro, Janaína Campos, Maria Manfredo, Davi de Conti, Gabriel Rezende, Sérgio Silva, Mayume Rosato.

Sou grata ao Gatti pelos almoços vegetarianos na Unicamp serem sempre em tão alto astral.

À Juciara Diniz agradeço pela amizade e, principalmente, pela força na fase final.

Agradeço também a alegria dos amigos dos encontros musicais que tornou a fase de escrita desta tese mais agradável: muito obrigada pessoas queridas!

Gostaria de agradecer à Josemeire Alves, que me ajudou muito com as transcrições dos áudios das entrevistas. Sou-lhe grata não apenas pela execução de tarefa tão árdua, mas principalmente pelo respeito com o qual ela apreende a fala das pessoas.

Preciso agradecer aos professores de francês que tive no “Lumière”, particularmente, ao Mohammed, por sua exigência incansável, e ao Rémy, pelo humor parisiense que tornava a aula mais divertida.

A pesquisa de campo na França contou com o apoio de várias pessoas. Registro minha gratidão para com o Prof. Dr. Hervé Domenach, que prontamente aceitou me receber, além de garantir todo o suporte institucional que viabilizou meu estágio doutoral na Université Aix-Marseille III.

À Profa. Dra. Ângela Xavier de Brito, agradeço pelo apoio que me deu em Paris, pelos comentários e pelas sugestões que fez ao trabalho, além da farta indicação de referências bibliográficas.

Agradeço à Yolande Benarrosh e ao François Vatin pela primeira “morada” em Aix-en-Provence. Sou grata à Franchette e ao Jean-François Bourblanc, que gentilmente me receberam e me hospedaram. Também devo agradecer a acolhida que recebi de Zohra Redjem e Jean-François Pape.

Além dos frutos da pesquisa, a estada na França deixou-me de herança amigas queridas: Nicole Choukroun, Céline Pradier, Érika Pereira de Almeida e Bárbara Silva de Sousa. Apesar de “campineiros”, a Mariana Shinohara e o Antonio são amigos graças à França. Obrigada pelo suporte afetivo e emocional que vocês deram-me durante minha permanência na França!

Agradeço aos brasileiros funcionários do Consulado Brasileiro em Paris que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, recebendo-me e me ajudando com informações. Aproveito para registrar meu agradecimento aos funcionários que me atenderam e que me receberam no Ministério das Relações Exteriores do Brasil em Brasília, bem como aos funcionários da Capes e do CNPq.

Aliás, em Brasília, fui super bem acolhida pela Rio e pela Paula. Obrigada pelo

apoio, amigas queridas!

Migrar envolve sempre um risco. A palavra é de origem latina e significa “ir de um lugar a outro”. Na maior parte dos casos, isso significa caminhar rumo ao desconhecido e ao incerto. Sabemos o que deixamos, mas não sabemos o que vamos encontrar. Para migrar, é preciso aceitar perder o controle, o lugar seguro que nos é familiar e então partir. Uma partida que exige entrega... Entregar-se às circunstâncias e aos contextos que nos são estranhos. É por isso que agradeço principalmente e acima de tudo aos migrantes - aos migrantes-informantes e aos migrantes-entrevistados que encontrei e que colaboraram comigo e com a pesquisa. Deixo aqui meu registro público de agradecimento, ainda que não possa nomeá-los. Essa pesquisa só existe porque vocês aceitaram fazer parte desse projeto. Muito obrigada por compartilhar comigo seus anseios e suas histórias!

Lista de Ilustrações

Figura 1. Folder de divulgação de “Noite Brasileira” em Aix-En-Provence, França.....33
Figura 2. Imagens da Festa no Panier, Bairro de Marselha.....35
Figura 3. Imagens Do Evento “Lavage De La Madeleine” em Paris.....38
Figura 4. Folder De Programação “Découverte Du Brésil À Travers Le Cinema”.....39
Figura 5. Roda de Samba em Estrasburgo, França.....41
Figura 6. Redes de Contato da Pesquisadora com os/as Entrevistados/as.....56

Lista de Tabelas

Tabela 1. Número de Migrantes Internacionais Estimados por Região do Globo.....127
Tabela 2. Casamentos entre Franceses e Brasileiros Registrados na França.....222

Lista de Gráfico

Gráfico 1. Número de Imigrantes e Estrangeiros Brasileiros na França.....20
Gráfico 2. Imigrantes e Estrangeiros Brasileiros na França Segundo Sexo.....21
Gráfico 3. Imigrantes e Estrangeiros Brasileiros na França Segundo Grupo Etário.....22
Gráfico 4. Número De Chegadas Turismo Internacional (Em Milhões) 128

Lista de Quadros

Quadro 1. Instituições e Organismos Visitados no Brasil e na França 30
Quadro 2. Roteiro das Entrevistas com “Ex-Imigrantes” Brasileiros na França 48
Quadro 3. Entrevistas Realizadas com “Ex-Imigrantes” Brasileiros na França..... 50
Quadro 4. Roteiro das Entrevistas com Imigrantes Brasileiros na França..... 51
Quadro 5. Entrevistas Realizadas com Imigrantes Brasileiros/as na França..... 53
Quadro 6. Profissionais Altamente Qualificados Entrevistados 160
Quadro 7. Entrevistados que Foram para a França Estudar 184
Quadro 8. Entrevistados que Foram para a França Trabalhar 216
Quadro 9. Entrevistados que Foram para a França Por Casamento..... 240
Quadro 10. Entrevistadas que Foram Para a França Pelo Cônjuge..... 247
Quadro 11. Entrevistados “Cosmopolitas”..... 256
Quadro 12. Principais Leis Francesas Relativas à Nacionalidade e à Imigração 275
Quadro 13. Entrevistados/as Segundo Situação Jurídica da Migração 280
Quadro 14. Entrevistados de Acordo com Modalidade Migratória e Situação Jurídica..... 294

Lista de Abreviaturas e Siglas

APEB-FR	Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França
BEPE	Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (Fapesp)
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCFB	Câmara de Comércio França-Brasil
CDD	Contrato de Trabalho por Tempo Determinado – sigla francesa
CDI	Contrato de Trabalho por Tempo Indeterminado – sigla francesa
Cendotec	Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
HCI	Haut Conseil à l'integration
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
INSEE	Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos da França
MRE	Ministério das Relações Exteriores do Brasil
ONI	Office National d´Immigration
ONU	Organização das Nações Unidas
PACS	Pacte Civil de Solidarité
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UF	Unidade da Federação

Introdução

Não estamos pisando no terreno da lógica, mas dos anseios, e devo aceitar que anseios são uma condição séria e respeitável. Como, de outro modo, levar em consideração a maior parte da vida de alguém.

Joseph O'Neill

A crise econômica que assolou o Brasil nos anos 1980 impactou o nível de emprego e as condições de vida da população, reverberando em fluxos “inéditos” de emigração no país; foi então que “começamos a fugir da assim chamada ‘década perdida’ pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais” (SALES, 1999, p. 14). O fenômeno emigratório tinha caráter inovador porque, historicamente, as migrações internacionais tiveram um sentido inverso no Brasil, sendo inclusive fundamental para a formação socioeconômica do país que ficou reconhecido por sua “‘vocação” de nação receptora, como assinalam Patarra e Baeninger (1995), ponderando que os registros de emigração até então eram de imigrantes estrangeiros que retornavam aos seus países de origem, de saída de bolsistas, de profissionais e de alguns casos particulares. Essas saídas não indicavam nenhuma tendência de emigração, mas esse quadro foi alterado a partir dos anos 1980 (PATARRA e BAENINGER, 1995).

Ao mesmo tempo em que esses “novos” fluxos de emigração relacionavam-se ao momento histórico vivenciado pelo país e à sua situação econômica, Patarra e Baeninger (1995) argumentam como esse processo estava imbricado com um contexto de mobilidade humana crescente, particularmente de fluxos migratórios originados nos países do sul do globo que se destinavam aos países do norte. Nesse sentido, as referidas autoras evocavam os efeitos da globalização da produção e da reestruturação produtiva para os níveis de desigualdade econômica e social, um cenário no qual “a *migração internacional* e *clandestina* parece constituir o tipo de movimento específico dessa nova etapa do capitalismo” (PATARRA e BAENINGER, 1995, p. 86, grifos das autoras).

Apesar do número crescente da chamada migração indocumentada (HUGO, 1998), dado o aumento do controle nos países receptores, os fluxos internacionais de pessoas assumem também versões de “migração regular”. Os deslocamentos desse tipo têm se acelerado, particularmente no que se refere à circulação internacional estudantil (LATRECHE, 2001) e à mobilidade dos profissionais altamente qualificados (DUMONT, J., 2006).

A historicidade das relações entre o Brasil e a França, particularmente no âmbito das relações culturais, evidencia um protagonismo de ideias francesas em algumas

instituições brasileiras, particularmente de cunho acadêmico. Esses cruzamentos culturais (CARELLI, 1994) ficaram impregnados em certos espaços, engendrando uma francofilia que promoveu – e até hoje estimula – um forte intercâmbio no âmbito acadêmico e intelectual. Essa dimensão histórica ilumina a compreensão de um fluxo duradouro e contínuo de estudantes brasileiros interessados nas universidades francesas. Segundo Tavares (1979), esse fluxo teve início com a Independência do país em 1822 e, até hoje, mostra-se dinâmico, como reforçam diversos estudos (ALMEIDA, 2012; MAZZA, 2009; XAVIER DE BRITO, 1991, 2009).

Entretanto, como a tese demonstra, além da mobilidade estudantil, a recente imigração brasileira na França após 1980 revelou outros perfis de migrantes. Essas "novas migrações" vinculam-se – tal como será argumentado – às chamadas "novas lógicas migratórias" (DUMONT, G., 2006) e aos efeitos decorrentes da ampliação e da aceleração da mobilidade internacional de pessoas, em um contexto que evoca a "mundialização" das migrações internacionais (SIMON, 2008).

No início do processo de emigração brasileira, os países que mais receberam brasileiros foram, principalmente, os Estados Unidos, Japão e Portugal[1]. A eleição dos Estados Unidos como destino principal explica-se, em grande medida, pela forte influência cultural deste país sobre o Brasil e pela difusão generalizada de um imaginário em torno do "sonho americano" (SALES, 1991). No caso do Japão, tem-se o movimento de refluxo da imigração japonesa no Brasil, viabilizado pelo interesse japonês em receber esses descendentes para suprir a falta de mão de obra no país (SASAKI, 1999). Portugal foi e ainda é um destino importante, um exemplo de fluxo típico de "dupla migratória", resultante de vínculos coloniais (BÓGUS, 1995). É possível presumir que a ida para Portugal era facilitada pela relativa ausência de barreira linguística, dimensão importante num momento de migração de pioneiros, em que os migrantes, tanto os potenciais como os efetivos, não encontram redes sociais através das quais conseguem transferir facilmente capital social para a sociedade de destino, tal como argumenta Faist (2010).

No entanto, com a formação do espaço de livre circulação europeu, a França

[1] Há um fluxo específico direcionado ao Paraguai, particularmente ligado a uma dinâmica de fronteira (PALAU, 2001; SALIM, 1995).

tornou-se um potencial território de passagem, trânsito e instalação para os brasileiros que foram, estão ou vão para a Europa (ROSENFELD et al., 2009). Esse é um dos motivos prováveis para o crescimento da presença de brasileiros no território francês, particularmente após o "11 de setembro" de 2001 nos Estados Unidos, que repercutiu em um aumento do controle nas fronteiras estadunidenses, implicando em maiores obstáculos para a imigração indocumentada naquele país (ASSIS, 2008).

O "11 de setembro" impactou o cenário dos deslocamentos humanos pelo mundo na medida em que contribuiu para a criminalização das migrações (PÓVOA NETO, 2005). Como o referido episódio foi caracterizado como um ato terrorista e dada sua proporção, sendo praticado por "estrangeiros", o evento marcou o fim de uma crença utópica na livre circulação de pessoas pelo mundo que, segundo Castles e Miller (2004), vinha se configurando com o avanço da globalização e com a crise dos Estados-Nação.

Particularmente no que tange à emigração brasileira, a partir de então, a presença de imigrantes brasileiros começou a aumentar consideravelmente no Reino Unido, na Espanha e na Itália. Esses países — assim como os Estados Unidos, Japão e Portugal — continuam a receber brasileiros e registram estoques significativos desses imigrantes. No entanto, passada a primeira década do século XXI, foi possível verificar que o fenômeno da emigração de brasileiros apresentou novas tendências. Primeiramente, na origem, a situação econômica do Brasil durante esse período foi muito mais promissora, fato que inclusive pode explicar fluxos migratórios de retorno para o Brasil, particularmente após 2008, com uma piora do desempenho econômico nas sociedades hospedeiras devido à crise financeira nos Estados Unidos, que afetou alguns países europeus e, posteriormente, em 2011, com a efetiva crise econômica europeia. Em segundo lugar, essa nova configuração da emigração brasileira também está relacionada à maior diversificação dos destinos, evidente pelos indícios do crescimento de imigrantes brasileiros em países europeus como Alemanha, França, Bélgica e Suíça (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2008, 2009 e 2011).

O posicionamento geográfico da França na Europa faz com que esse destino seja especialmente relevante, sobretudo quando se considera a magnitude e a abrangência do espaço de livre circulação europeu (SIMON, 2008). Se a supressão de

fronteiras facilita a circulação e a migração neste espaço, Simon enfatiza o impacto disso para as representações dos migrantes e sua influência para a imigração na Europa. Mesmo com a adoção de políticas migratórias mais rígidas, os não-europeus continuam a entrar no espaço Schengen: cerca de 1,5 a 2 milhões de pessoas por ano (SIMON, 2008).

A recente imigração brasileira na França será analisada nesse contexto, como parte das migrações internacionais contemporâneas, fluxos que apresentam tendência crescente envolvendo cada vez mais áreas do globo e que se realizam em um contexto maior de transformações sociais (CASTLES e MILLER, 2004; CORTÈS e FARET, 2009; SIMON, 2008;). Um cenário que fez emergir novas lógicas migratórias (DUMONT, G., 2006) e contribuiu para a manifestação de "novas migrações" e de "novos migrantes" (WIHTOL DE WENDEN, 2001).

Nesta tese, argumenta-se que o fluxo Brasil-França após 1980 é uma evidência de como o tipo "migração internacional" vem sendo composto por um mosaico de modalidades migratórias, dada a presença da mobilidade de trabalhadores altamente qualificados, da migração laboral, da circulação estudantil, dos deslocamentos motivados pela afetividade, dos fluxos de refugiados, entre outros. Nesse sentido, alguns desafios teóricos colocaram-se ao estudo em função do contexto contemporâneo e dessa diversidade dos processos migratórios identificados no fluxo investigado.

O primeiro capítulo foi pensado para compartilhar com o leitor a realização da tese. Sendo assim, este texto foi estruturado de forma a permitir a exposição dos pressupostos e dos objetivos que orientaram a pesquisa ao longo de seu percurso, inclusive corroborando a revisão de algumas opções metodológicas e a eleição de perspectivas analíticas. Esse capítulo inicial revela então as inquietações teóricas e metodológicas que foram sendo progressivamente organizadas até a composição do arranjo que se apresenta.

A pesquisa de campo também mereceu atenção especial neste processo de "fazer a tese" por causa do constante diálogo que se procurou estabelecer com o material empírico e com os entrevistados. Nesse sentido, o primeiro capítulo também apresenta aspectos relativos à metodologia utilizada, abordando a opção pela

condução de entrevistas semi-dirigidas, a forma de seleção e de amostragem que constituiu o *corpus* da pesquisa, bem como a narrativa sobre as experiências de observação direta propiciadas pela pesquisa de terreno. Algumas informações relativas às entrevistas (data e cidade onde foi realizada e forma de registro) bem como certas características básicas do conjunto dos entrevistados no Brasil e na França (ano de nascimento, ano de chegada à França, local de nascimento e local de residência anterior à emigração) encerram esse capítulo inicial.

O interesse em explicar a recente imigração brasileira na França no cenário contemporâneo exigiu a busca de um referencial analítico que pudesse permitir uma compreensão deste fenômeno multifacetado. O autor clássico da Sociologia, Weber [1904] argumenta sobre os limites do conhecimento nas Ciências Sociais. Ao mesmo tempo em que registra sua resignação frente a essa limitação, enfatiza a necessidade do cientista social não se eximir de buscar potencializar os resultados obtidos por sua pesquisa. Nesse sentido, as reflexões que foram apresentadas, particularmente no segundo capítulo, devem ser vistas como parte dos esforços empreendidos na tarefa de investigação sobre esse complexo fenômeno que as migrações internacionais contemporâneas configuram.

O reconhecimento da heterogeneidade das modalidades migratórias que fazem o fluxo e a incorporação dessa dimensão na análise permitiu que a pesquisa explorasse a questão da diversidade dos perfis de migrantes e dos processos migratórios relacionados. Isso porque, como se argumenta na tese, as distintas modalidades revelam processos migratórios e formas de instalação específicas, mostrando, dessa forma, os contornos particulares que se estabelecem a partir dessa dinâmica de diferenciação. Os diferentes perfis de migrantes deparam-se com arranjos diferenciados no processo de superação dos obstáculos jurídicos, econômicos e sociais. Por isso, a gênese dos projetos migratórios e as formas encontradas para realizar os deslocamentos e a instalação na sociedade de destino não serão idênticas.

A análise sobre as diferentes modalidades de migração e, consequentemente, sobre os diversos tipos de migrante e seus projetos, demandou um olhar para o posicionamento relativo desses agentes no espaço social (BOURDIEU, 2001, 2004, 2011), dado que esses espaços sociais apresentam-se como eixos de diferenças

constituídos pela “estrutura da distribuição das formas de poder ou dos tipos de capital eficientes no universo considerado – e que variam, portanto, de acordo com os lugares e os momentos” (BOURDIEU, 2011, p. 50). Parte da discussão contemplada pelo segundo capítulo abordou a questão da interferência da quantidade de capital econômico e cultural que os potenciais migrantes possuem para os processos migratórios vivenciados, evidenciando, nesse contexto, uma maior ou menor dependência do capital social (DE HAAS, 2010). Por isso, o papel das redes sociais para a migração (FAIST, 2010; TILLY, 1986; TRUZZI, 2008) relaciona-se intimamente ao perfil dos migrantes devido à necessidade que estes têm de acessar o capital social disponível em suas redes para viabilizar seus projetos migratórios. No eixo de argumentação do segundo capítulo, o projeto migratório – sua gênese, sua realização e sua atualização – tal como propõem alguns autores franceses (MA MUNG, 2009; BOULY DE LESDAIN, 1999; BOYER, 2005) mostrou-se como um *locus* privilegiado para uma análise interessada em reconhecer a agência do migrante, sem desconsiderar os constrangimentos que lhe são externos e que organizam suas disposições enquanto agentes (BOURDIEU, 2004).

Seis casos de projetos migratórios foram intencionalmente selecionados entre o universo de entrevistados com o objetivo de apresentar a diversidade de perfis e processos migratórios identificados pela pesquisa de campo. O objetivo com a discussão mais detalhada em torno desses casos foi demonstrar, a partir do empírico, como os aspectos teóricos discutidos e problematizados manifestam-se nesses processos migratórios.

O terceiro capítulo considera o contexto contemporâneo, as transformações sociais em curso e suas implicações para o estudo das migrações internacionais. Nesse sentido, foram abordadas algumas contribuições analíticas que tentam fazer face ao fenômeno, considerando a questão da “globalização da migração” (CASTLES e MILLER, 2004) e os efeitos da globalização e da internacionalização (DUMONT, G., 2006) para a emergência das “novas mobilidades” (WIHTOL DE WENDEN, 2001).

Esse cenário multifacetado traz à tona a questão das diferentes “faces do fenômeno migratório” e dos ganhos analíticos obtidos com a incorporação das modalidades migratórias (BAENINGER, 2012a). A partir desse ponto de partida,

apresenta-se o tipo histórico migratório do fluxo Brasil-França – dado pela mobilidade estudantil – considerando os processos históricos que o engendraram. Ainda que estudantes brasileiros continuem a ir para a França, a tese argumenta que o recorte cronológico, que definiu a escolha de investigar esse fluxo migratório após 1980, evidenciou a insuficiência analítica do tipo migratório histórico e a necessidade de incorporar as modalidades migratórias. Tendo em vista essa perspectiva, o terceiro capítulo apresenta uma análise sobre o fluxo em questão, visando à reconstrução analítica dos processos sociais que se manifestam nas diferentes modalidades migratórias identificadas. Essas modalidades foram engendradas a partir da leitura dos projetos migratórios dos entrevistados, isto é, calcada nos interesses e nas estratégias dos migrantes, e, ao mesmo tempo, orientada pelo reconhecimento dos constrangimentos estruturais que interferem nas suas possibilidades de agência.

Assim, a tipologia construída priorizou as motivações que estão na raiz dos projetos migratórios e não, por exemplo, a condição jurídica do migrante na sociedade de destino. Isso porque foi considerado que a situação legal do migrante e da migração é, muitas vezes, resultado de sua trajetória e não explica necessariamente os interesses e as estratégias que levaram à decisão de emigrar do Brasil e imigrar para a França. As modalidades foram, então, construídas a partir do material obtido com a pesquisa de campo e, nesse sentido, a tipologia construída reflete a tentativa de dialogar com as opções metodológicas e analíticas que orientaram a tese.

Ao todo, foram definidas nesse estudo cinco modalidades migratórias: 1. Migração de profissionais altamente qualificados; 2. Migração estudantil; 3. Migração laboral; 4. Migração afetiva e 5. Migração “cosmopolita”. Além da incorporação das trajetórias dos migrantes entrevistados que foram “classificados” de acordo com as modalidades migratórias, buscou-se também reconstruir analiticamente os processos sociais que engendraram essas formas de mobilidades. Por exemplo, a mobilidade internacional de executivos inseridos em corporações privadas transnacionais não pode ser desassociada das transformações advindas com a globalização e suas implicações para os processos produtivos e para as formas de gestão organizacional que se configuram nesse contexto (CASTELLS, 2008; FREITAS, 2010). É nesse sentido que a análise sobre o fluxo investigado a partir das modalidades migratórias procurou conciliar

os interesses e estratégias dos migrantes, mas sem perder de vista as coações e as possibilidades que esses agentes experimentam dados os seus respectivos posicionamentos no espaço social (BOURDIEU, 2004, 2011). O argumento central é que profissionais qualificados, trabalhadores manuais, estudantes, migrantes "por amor" e "cosmopolitas" deixam o Brasil e imigram na França em função de interesses e estratégias diversas que guardam intrínsecas relações com processos sociais que viabilizam, suportam e direcionam esses deslocamentos.

No quarto e último capítulo, o foco da discussão foi a sociedade de destino, como esta recebe seus imigrantes e como esses migrantes vivenciam a condição estrangeira, aspecto que remete à questão do "acolhimento" que encontram, envolvendo os processos de identidade e de reconhecimento social e jurídico que essa experiência suscita.

A atenção para a condição imigrante/estrangeira das mulheres e dos homens brasileiros na França demandou a menção, ainda que de forma resumida, à identidade nacional da França e ao histórico de imigração do país. Como se argumenta na tese, a relação dos franceses com seus imigrantes deixa entrever uma dinâmica complexa que deixa vestígios até hoje em manifestações de xenofobia, particularmente no que se refere ao debate político e midiático em torno dessas relações (MAILLOT, 2008; REIS, 2006). Diversos autores franceses apontam que a França é um país de imigração que não se reconhece enquanto tal (NOIRIEL, 2006; REA e TRIPIER, 2008; WEIL, 2004). No contexto da crise econômica após os choques do petróleo nos anos 1970 e dos impactos negativos gerados para o nível de emprego e de vida da população francesa, o racismo "explodiu" (DUBAR, 2009).

É nessa França que a imigração brasileira vem crescendo, um contexto marcado por obstáculos jurídicos crescentes que se evidenciam no aumento das restrições à imigração (REIS, 2006) e pela instituição de práticas sociais racistas e xenófobas (DUBAR, 2009; SANCHEZ-MAZAS, 2004) que impactam as possibilidades de "integração" dos imigrantes na França. "Integração" é a palavra chave no debate francês, do ponto de vista político institucional, no que tange ao processo de adaptação da população imigrante/estrangeira à sociedade nacional. Existe, inclusive, um órgão francês chamado "Alto Conselho para a Integração", instituído exatamente para servir

como esfera capaz de orientar a política francesa nesse âmbito. A discussão em torno do assunto mostra as limitações do modelo francês de integração (SCHNAPPER, 2007) que servem também para o ensejo de novas formas de discriminação e estigmatização da população imigrante (BLANC-CHALÉARD, 2001; ELIAS e SCOTSON, 2000; SANCHEZ-MAZAS, 2004).

No caso particular dos imigrantes brasileiros, a pesquisa de campo mostrou que alguns estereótipos em torno do Brasil e de seus cidadãos são geradores de estigmas específicos como, por exemplo, de um "país que não é sério" e até mesmo no que se refere à concepção de uma sexualidade "naturalmente" exacerbada (ALMEIDA REGO e CHRISTIANO, 2012). Nesse sentido, há processos sociais que interferem na chamada "integração" de homens e mulheres brasileiras na França e que revelam processos paradoxais e multifacetados, com experiências que combinam de forma diversificada a "integração" e a "não integração".

A questão do retorno ao Brasil – e dos "fantasmas" que se associam à condição migrante e as relações travadas com o espaço (SAYAD, 2000) – foi também discutida nesse último capítulo. Apesar de não se constituir em uma modalidade migratória, a reflexão sobre a possibilidade do retorno e sobre a efetivação do projeto de retorno dos entrevistados ilumina os processos migratórios identificados. O retorno deve ser visto como parte integrante do projeto migratório exatamente porque reflete sua atualização constante, evidenciando seu caráter dinâmico (BOULY DE LESDAIN, 1999; BOYER, 2005). A "criação migratória" (MA MUNG, 2009) que está na gênese do projeto migratório também se manifesta na forma como os migrantes vivenciam e elaboram seus projetos de retorno.

O estudo dos fluxos de migração de brasileiros e brasileiras para a França, aqui apresentado, revela a presença de "antigas" e "novas" modalidades migratórias que são engendradas e redesenhadas pelas transformações sociais contemporâneas. Essas distintas modalidades mostram processos migratórios diferenciados, evidenciando os desafios teórico-metodológicos que se colocam para o entendimento das causas e dos motivos, para usarmos as expressões cunhadas por Singer (1973), dessas migrações.

Capítulo 1. Uma narrativa sobre a feitura da tese

O meu francês é meio assim
Jabaculê
E esse impasse:
Me mudar da vila pra Montparnasse
Eu sei que o tempo urge
Do verde-amarelo pro bleu-blanc-rouge
Da Conde Bonfan pro Moulin Rouge
Très bien, que beleza:
Ver o pandeiro tocar a Marselhesa
Pra cada merci beaucoup
Eu mando um n'a pas de quoi
E lê samba, voilá!
Com mon amour eu vou derreter
(Dieu!)
E qu'est ce que c'est que vous voulez
Si la question é remexer?
Paris, je t'aime!
Eu vou voar pra ver

Moacyr Luz e Aldir Blanc

Pesquisando sobre a emigração brasileira, encontrei uma ampla bibliografia sobre o assunto, mas a princípio apenas um artigo abordava a França como destino. Era um artigo de Xavier de Brito (2000)[2] que falava particularmente sobre estudantes brasileiros naquele país. Em um primeiro momento, essa busca foi pragmaticamente orientada em razão de uma consultoria que fiz em 2005 para uma instituição financeira brasileira que pretendia oferecer serviços de remessas para brasileiros no exterior. Fui contratada para fazer relatórios sobre a presença de brasileiros na Alemanha, Canadá, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Japão, Paraguai e Portugal. Notei a escassez de informações e uma considerável lacuna na literatura especializada particularmente nos casos da Alemanha e da França. Interessei-me pelo caso francês, pois estudava a língua e como cientista social, tinha predileção por diversos pensadores franceses (como ouviria de muitos entrevistados durante a execução da pesquisa). Terminei este trabalho bastante interessada pelo fenômeno da emigração de brasileiros (que até então conhecia superficialmente) e "guardei" a ideia para uma pesquisa de doutorado, quando tivesse fôlego para retomar a formação acadêmica.

Em 2008, voltei a pesquisar sobre a imigração brasileira na França, já em um contexto de reflexão para a estruturação de uma proposta para doutoramento. Novamente, não tive muito sucesso no levantamento bibliográfico sobre o assunto. Proliferara ainda mais os estudos sobre imigração brasileira nos Estados Unidos[3], Japão[4] e Portugal[5] (os três países que apresentam historicamente os maiores coletivos de imigrantes brasileiros), enquanto continuava a haver poucas referências à imigração brasileira na França[6]. Instigada inclusive por essa "ausência", avancei nas pesquisas

---

[2] A Profa. Dra. Ângela Xavier de Brito é brasileira e foi para a França na condição de exilada em função da ditadura militar instituída no Brasil em 1964. Acabou se estabelecendo definitivamente em Paris como pesquisadora e docente na Universidade Paris V. Sua tese de doutoramento foi sobre o tema da mobilidade internacional de estudantes brasileiros para a França (XAVIER DE BRITO, 1991). A referida autora acumula uma série de pesquisas na área desde então.

[3] Teresa Sales (1999) pesquisou os brasileiros na região de Boston; Maxine Margolis (1994) investigou a presença de brasileiros em Nova York e Adriana Capuano de Oliveira (2002) dedicou-se a analisar a inserção de cidadãos brasileiros na região metropolitana de Miami.

[4] A emigração de brasileiros para o Japão, particularmente, foi bastante contemplada pela produção científica no âmbito das ciências sociais, gerando diversas contribuições que buscam compreender, mensurar e analisar este fluxo (KAWAMURA, 1999; ROSSINI, 2004; SASAKI, 1999).

[5] O fluxo migratório de brasileiros para Portugal foi abordado em diversos trabalhos tais como Bógus (2007), Machado (2007) e Padilla (2007).

[6] Os trabalhos encontrados versavam particularmente sobre o tema da mobilidade de estudantes

sobre migrações internacionais contemporâneas e imigração na França. O resultado foi a elaboração de um projeto de pesquisa intitulado “Migrações internacionais no século XXI: o caso dos brasileiros na França” que apresentei no processo de seleção do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) em 2008. A realização e a formalização desta investigação é a tese que apresento.

Ao final do ano de 2009, uma nova versão do projeto foi submetida à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), como parte dos requisitos para pleitear uma bolsa de estudos, que foi outorgada[7]. Nesta ocasião o projeto passou a ser intitulado “Seletividade migratória e capital cultural na migração de brasileiros para a França”, porque nesta reformulação do projeto, foi dado destaque à seletividade migratória na origem (LEE, 1980; RENNER e PATARRA, 1980). Na medida em que os vínculos consolidados historicamente entre o Brasil e a França mostravam-se específicos e de certa forma restritos a certos grupos sociais (CARELLI, 1994), naquele momento pareceu-nos procedente atrelar a noção de seletividade migratória ao conceito de capital social e cultural de Bourdieu (1979; 1980). Pretendíamos analisar de que forma certas competências, habilidades e saberes (capital cultural) e os recursos acessíveis nas redes sociais dos indivíduos (capital social) atuavam no processo de emigração de brasileiros para a França e na inserção destes brasileiros na sociedade francesa.

No entanto, no segundo semestre de 2010, surgiu a oportunidade de participarmos do “I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa”[8]. Com essa ida relativamente premeditada para a Europa, foi possível organizar e realizar uma pesquisa de campo exploratória na França. A estada em Paris ainda que curta, (foram apenas cinco dias) permitiu o cumprimento de atividades importantes, tais como uma reunião com o Cônsul Adjunto do Brasil em Paris e visita à Embaixada do Brasil na França, realização de cinco entrevistas exploratórias com brasileiros que viviam

---

brasileiros para a França (CANÊDO e GARCIA, 2005; MAZZA, 2009).

[7] É importante mencionar que a investigação faz parte de um projeto de maior envergadura o “Observatório das Migrações em São Paulo” também financiado pela Fapesp e coordenado pela Profª. Dra. Rosana Baeninger, orientadora desta pesquisa.

[8] O referido evento ocorreu nos dias 25, 26 e 27 de novembro de 2010 em Barcelona, na Espanha.

naquele país, além de visita a uma loja de produtos brasileiros na capital[9].

Três dos entrevistados naquela ocasião se revelaram "informantes bem informados", tal como denominou Margolis (1994) para se referir às pessoas que estão inseridas no universo de pesquisa ou são conhecedoras do assunto em função de suas atividades profissionais e/ou pessoais. Cheguei a estas pessoas fortuitamente, por meio de uma mensagem eletrônica que enviei a um grupo virtual formado pelos alunos da Pós-Graduação do IFCH. Na mensagem eu apresentava o tema da pesquisa e pedia contatos de brasileiros na França que pudessem colaborar com a pesquisa. Um colega do Instituto, que tinha retornado de um estágio doutoral em Paris, respondeu-me indicando cinco contatos de brasileiros. Eles viviam em Paris havia anos e compartilhavam um interesse pela imigração brasileira no país que crescia "a olhos vistos", conforme me relataram posteriormente. Destes cinco, consegui encontrar-me com apenas duas brasileiras, que me indicaram uma terceira pessoa, um brasileiro que fazia um filme documentário sobre o assunto.

A realização da pesquisa de campo exploratória foi fundamental para revermos a ênfase ao papel do capital cultural e do peso dos vínculos históricos particulares, dada a descoberta *in situ* de que havia uma presença crescente de brasileiros que usavam a França como porta de entrada no espaço europeu e que acabavam lá se estabelecendo. Assim, a diversidade dos perfis de imigrantes brasileiros na França e o que ela revela para o entendimento das migrações internacionais contemporâneas foram se mostrando cada vez mais relevantes.

Os informantes privilegiados com os quais conversei nesta breve estada em Paris mencionaram o crescimento significativo do número de brasileiros na França após a crise econômica de 2008, devido às repercussões vivenciadas pelas economias norte-americana, espanhola e portuguesa. Segundo o Cônsul Adjunto do Brasil em Paris naquela ocasião, esses três países foram mais afetados pela recessão e isso explicaria um redirecionamento dos trabalhadores brasileiros, que buscaram "refúgio

[9] Essas visitas e entrevistas foram realizadas entre os dias 16 e 19 de novembro de 2010.

econômico" na França[10]. Ainda segundo o referido informante, tal fluxo seria em grande medida composto por imigrantes indocumentados; inclusive, havia indícios da existência de uma rede importante luso-brasileira no ramo da construção civil que sustentava um fluxo de imigração irregular, através da oferta empregos e da associação à confecção de documentos falsos[11].

De acordo com uma reportagem veiculada, em 2005, na Rádio França Internacional, os brasileiros residentes em Paris "tinham uma reputação de elite intelectual". Ainda que reconhecesse a falta de fundamento para tal representação, a jornalista argumentava sobre uma suposta "mudança" no perfil do brasileiro que vive na França:

> Esses brasileiros [associados à "elite"] continuam a chegar à Paris [sic] e outras cidades famosas por seus centros universitários. Mas eles talvez não sejam mais a maioria da comunidade. Desde 1996, o fluxo de imigrantes brasileiros aumentou, devido ao fim da necessidade de um visto de entrada. Essa facilidade abriu a porta para um outro tipo de imigrante brasileiro, menos interessado na cultura francesa, mais preocupado com problemas econômicos (VALENTE, 2005, p. 1).

Nesta incursão ao campo, tive conhecimento, por exemplo, da existência de diversas Igrejas Evangélicas e uma Igreja Católica na periferia norte de Paris que funcionam como espaço de sociabilidade e rede de apoio, tal como Martes (1999) verificou em seu estudo sobre imigração brasileira em Massachusetts, nos Estados Unidos.

Apesar de ter encontrado vestígios que indicavam a "mudança" no perfil dos imigrantes brasileiros na França, a pesquisa de campo exploratória foi decisiva para obtermos informações que qualificavam melhor essa dinâmica em curso e que

---

[10] Segundo o referido membro do corpo consular, isso foi constatado por meio dos pedidos de renovação de passaportes que revelavam as origens de emigrantes brasileiros que procuraram o Consulado para a emissão do documento atualizado. Os demais entrevistados, disseram ter conhecimento do fato por terem tido contato com brasileiros que apresentavam tais trajetórias.

[11] Quanto a esse aspecto, convém mencionar que foi noticiada pela agência de notícias BBC Brasil, em 11/06/2008, uma operação da polícia francesa com o objetivo de desmantelar uma rede de imigração composta por portugueses e franceses de origem portuguesa que explorava brasileiros. Um dos entrevistados durante a pesquisa de campo na França em 2012 (que foi nomeado como Bernardo) foi detido durante essa operação. Cabe dizer que segundo seu depoimento, ele realmente "comprou" por R$ 2 mil reais um trabalho na construção civil e uma vaga em um apartamento superlotado na periferia de Paris, além de ter sido instruído a adquirir um documento falso para poder trabalhar. Bernardo narrou que ele foi diretamente do Brasil para a França e que não tinha experiência anterior de emigração. A notícia está disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/06/080611_brasileiros_francarg.shtml>. Acesso em 19 Set. 2011.

apontavam para aspectos de certa forma inesperados. Os “achados” dessa primeira visita ao campo empírico acabaram por reorientar a perspectiva analítica da pesquisa e os objetivos que haviam sido inicialmente estabelecidos.

No guia para a pesquisa de campo escrito por Beaud e Weber (2010), os autores comentam como a experiência obtida com a pesquisa de campo pode modificar o projeto inicial do estudo, às vezes provocando mudanças profundas. Neste caso, não se tratou de uma mudança substancial, mas apenas uma redefinição de objetivos e perspectivas de análise, uma readequação frente à aproximação com o universo empírico da investigação. Como resultado, a ênfase aos diferentes perfis de migrantes passou a ser analiticamente modulada pela consideração das diferentes modalidades migratórias (BAENINGER, 2012a) que compõem o fluxo migratório Brasil-França após 1980.

A questão da imigração brasileira na Europa (ROSENFELD et al., 2009) e as especificidades do fluxo para a França (baixa expressividade numérica[12], barreira linguística, vínculos históricos particulares, entre outros) demandavam, no nosso entendimento, a construção de um referencial de análise capaz de mapear os diferentes caminhos que ligavam os diversos tipos de emigrantes brasileiros a esse país. A incorporação das modalidades migratórias (BAENINGER, 2012a) colocou-se como uma solução metodológica para o embasamento da discussão pretendida. Isso porque, desta forma, a questão da seletividade seria pensada tendo em vista as diferentes modalidades de migração.

Se de um lado, o número de brasileiros na França se mostrava modesto, havia evidências de que esse contingente aumentava, o que confirmava as impressões de crescimento desta população conforme relataram os informantes contatados. Segundo Bógus (1995) os registros oficiais do Ministério das Relações Exteriores (MRE) indicaram a presença de sete mil residentes brasileiros na França em 1994. De acordo com as estimativas do MRE, havia 30 mil brasileiros vivendo na França em 2007, 60 mil em 2008 e 80 mil em 2010 (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2008, 2009

[12] A maior estimativa desse contingente foi de 80 mil imigrantes (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2011).

e 2011)[13].

O Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicou que dos 491.645 emigrantes brasileiros no exterior, 17.743 estavam residindo na França. Apesar desses dados não contemplarem os casos em que a família inteira migrou (pois a pergunta do referido censo é se existe algum membro da família residindo no exterior), os números revelam a tendência da distribuição da emigração brasileira, e indicam que 3,6% dos emigrantes estão na França (IBGE, 2011). Do ponto de vista da sociedade de acolhimento, é irrisória a participação dos brasileiros no que se refere ao total de estrangeiros e imigrantes na França (menos de 1% de acordo com os dados do "Institut National de la Statistique et des Études Économiques" – INSEE da França).

Nesse sentido, o volume de emigrantes brasileiros na França é pouco expressivo, quando se compara com os contingentes nos Estados Unidos e no Japão. No entanto, como se argumenta na tese, como fenômeno sociológico, esse fluxo se mostrou relevante. A insignificância estatística poderia ser usada como um argumento a favor de seu desmérito sociológico, mas seguindo a trilha deixada por Laurens (1992), apostamos nos ganhos teóricos que uma pesquisa sobre fenômenos de exceção social pode trazer ao conhecimento sociológico.

A pequena expressividade numérica do fluxo o colocou como um problema de pesquisa particular, fato que reforçava nosso interesse pela seletividade dessa migração e que nos levou a considerar a relevância das redes sociais (MASSEY et al., 1987; TRUZZI, 2008) como pontes que vinculavam particularmente origem e destino, em conformidade com o "tipo de migrante" e com sua inserção na sociedade francesa. Nessa concepção, as modalidades migratórias (BAENINGER, 2012a) poderiam indicar os diferentes processos relacionados à migração, pois, como as diferentes "categorias" de migrantes se posicionam distintamente no espaço social (BOURDIEU, 1997, 2011), suas redes deveriam refletir isso, na medida em que estas redes podem ser tomadas como metáforas das relações e interações humanas, construídas em função do

[13] Apesar dos limites estatísticos desses números, que resultam de estimativas realizadas pelas Embaixadas e pelos Consulados do Brasil sobre a presença de brasileiros vivendo em suas jurisdições, estes oferecem um ponto de partida para pensar o crescimento do número de brasileiros no território francês.

pertencimento a círculos sociais que têm natureza, extensão e estrutura distintas (DEGENNE, 1983).

As redes sociais seriam, nesse caminho analítico, uma maneira de conduzir uma reflexão sobre os mecanismos de seletividade migratória presentes nas diferentes modalidades, em função dos tipos distintos de "imigrantes brasileiros na França", da quantidade de capital cultural e econômico que os migrantes possuíam, e também do capital social que podiam acessar por meio de suas respectivas redes sociais. Assim, as redes e os recursos que elas acessam seriam capazes de promover ou obstaculizar os projetos migratórios (FARET, 2003).

Por outro lado, a posição central da França no continente europeu também reforça a relevância desse objeto de pesquisa. É um território estratégico na medida em que faz fronteira com a Bélgica, a Alemanha, a Itália, a Suíça e a Espanha, além da proximidade com o Reino Unido. No contexto do espaço de livre circulação europeu e do imaginário de "eldorado migratório" que a Europa ocupa nas representações dos migrantes (SIMON, 2008), a França torna-se um espaço potencialmente privilegiado para os brasileiros que estão na Europa ou para aqueles que pensam em ir para lá. Esses aspectos colocaram como imperativa a necessidade de pensarmos a questão do livre espaço de circulação europeu e os usos que os brasileiros dele fazem, inclusive contextualizando o lugar da França na composição de trajetórias[14] migratórias múltiplas. Tentamos incorporar esse desafio durante a realização da pesquisa de campo em 2012, de maio a outubro, quando a permanência mais duradoura na França foi viabilizada por uma Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) da Fapesp . Os percursos e os percalços, bem como os resultados mais gerais dessa etapa da pesquisa, estão apresentados na última parte deste capítulo. Importante ressaltar que material da pesquisa empírica é a base de todos os quadros elaborados e apresentados ao longo da tese.

[14] A palavra trajetória é utilizada como sinônimo de percurso do migrante, seus deslocamentos internos e internacionais. Em outras palavras, entende-se aqui trajetória migratória como o caminho percorrido pelo migrante e relatado em sua entrevista.

1.1. O reconhecimento do terreno e a realização da pesquisa de campo

1.1.1. A pesquisa em fontes secundárias e o levantamento bibliográfico

Ainda que a pesquisa se orientasse por uma perspectiva epistemológica qualitativa, buscou-se acessar dados que pudessem quantificar ou caracterizar o fluxo Brasil-França. Por isso, as estatísticas disponibilizadas no sítio eletrônico do INSEE sobre imigrantes e estrangeiros foram sistematizadas e organizadas, e, apesar de alguns limites de desagregação nas tabulações disponíveis, há dados relevantes para nossa pesquisa.

A mensuração dos fluxos migratórios internacionais contemporâneos é sempre um desafio, seja para as autoridades dos países envolvidos, seja para os pesquisadores interessados. Mesmo quando há dados disponíveis, quase sempre são parciais devido ao número crescente de migrantes indocumentados.

No caso dos brasileiros na França, isto é particularmente importante por causa da não exigência de visto para deslocamentos de curta duração (estada inferior a 90 dias), resultado de um acordo assinado entre o Brasil e a França, e que vigora desde 27/06/1996. Assim, desde meados dos anos 1990, a França se tornou, uma potencial "porta de entrada" para o brasileiro na Europa. Isso é particularmente importante quando se considera a presença de brasileiros na Inglaterra (EVANS, 2010) e as maiores restrições que a política inglesa vem impondo para a entrada e a permanência de estrangeiros[15].

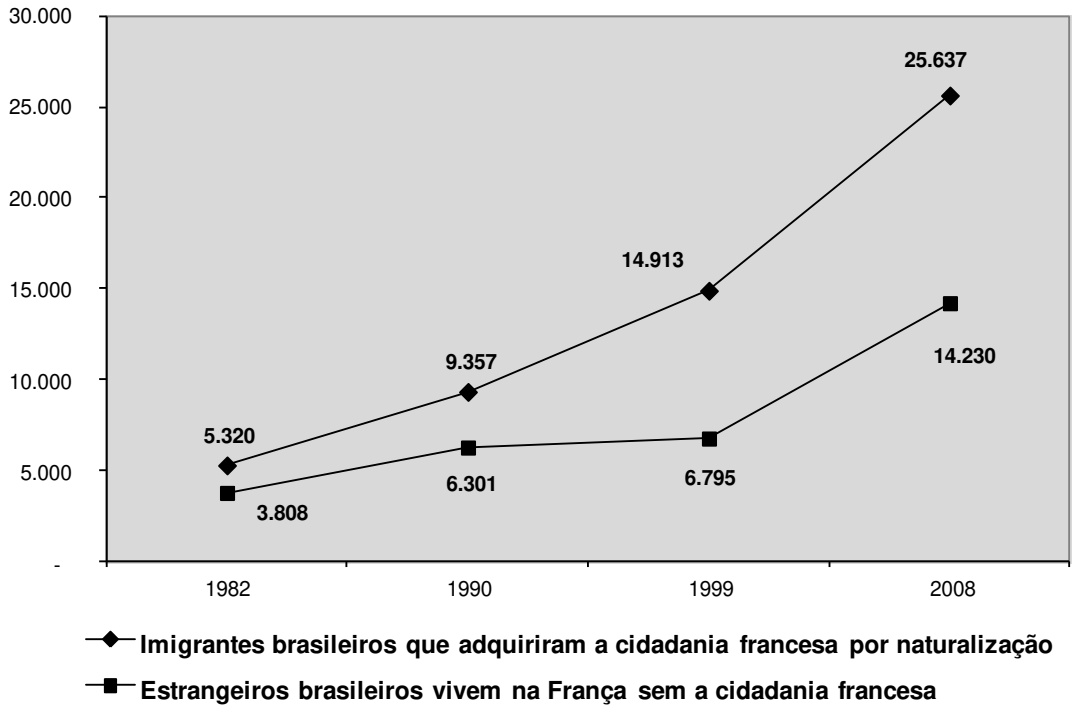
Apesar desses limites, não é o caso de desconsiderar as estatísticas. Esses números servem para uma caracterização geral do fluxo, revelando a evolução e o perfil da população pesquisada.

Os dados do INSEE apontam que os brasileiros são a segunda nacionalidade mais representativa dos latino-americanos, depois da haitiana, para todos os anos que esses dados foram divulgados, a saber: 1982, 1990, 1999 e 2008. Em 2008, os brasileiros eram um quinto da população latino-americana na condição de estrangeiros e imigrantes na França.

[15] As estimativas do MRE apontam a existência de 180 mil brasileiros vivendo no Reino Unido em 2010, o que representa 20% do contingente de emigrados (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2011).

Os imigrantes, conforme a definição do INSEE, são os brasileiros que vivem na França, nascido no Brasil, e que obtiveram a nacionalidade francesa. Os estrangeiros são os brasileiros que moram na França e não possuem a cidadania francesa. Os imigrantes brasileiros naturalizados franceses eram 5.300 em 1982 e 25.000 em 2008. O número de brasileiros estrangeiros (aqueles que vivem na França e não possuem a cidadania francesa) também apresentou crescimento: 3.800 em 1982 e 14.000 em 2008 (Gráfico 1).

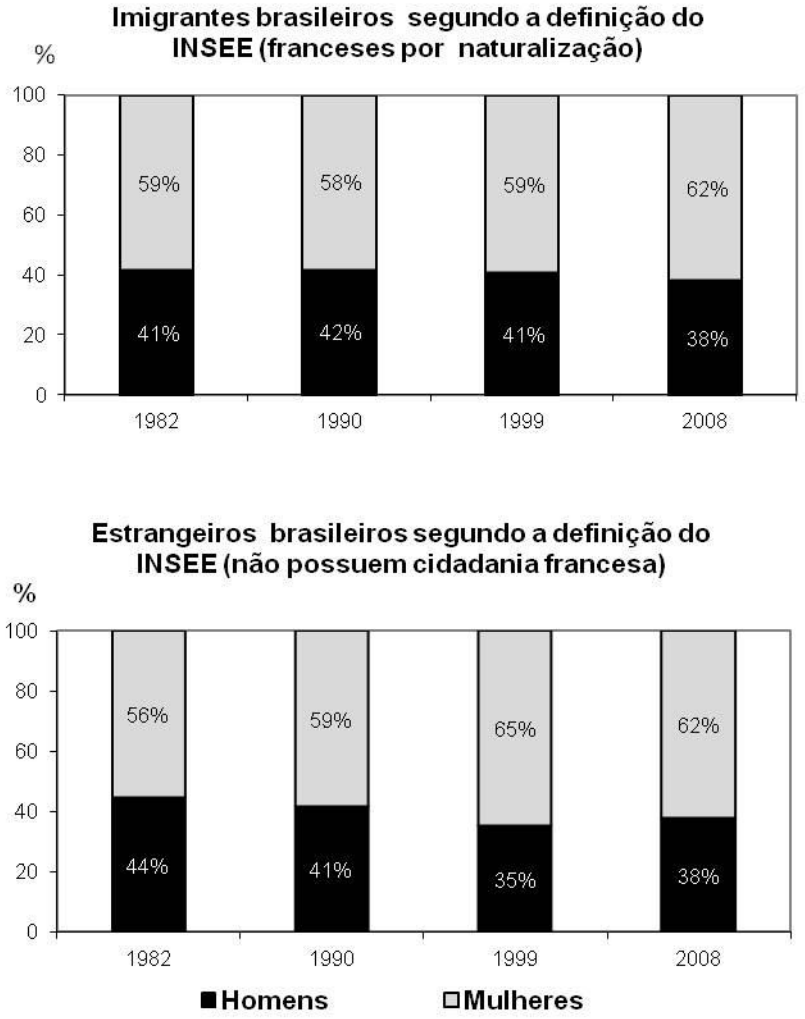
Gráfico 1. Número de imigrantes e estrangeiros brasileiros (de acordo com a definição do INSEE) na França - 1982, 1990, 1999 e 2008



Fonte: INSEE, Recenseamento da População 1982, 1990, 1999 e 2008.

A feminização da migração internacional é um fato que vem sendo reconhecido por diversos estudos contemporâneos (MOROKVASIC, 1984). Em termos de sexo, os dados disponibilizados pelo INSEE apontam para a predominância das mulheres na composição do fluxo, que representavam 59% dos imigrantes brasileiros na França em 1982 e 62% em 2008. Entre os estrangeiros, as mulheres brasileiras são também a maioria: eram 56% em 1982 e 62% em 2008 (Gráfico 2).

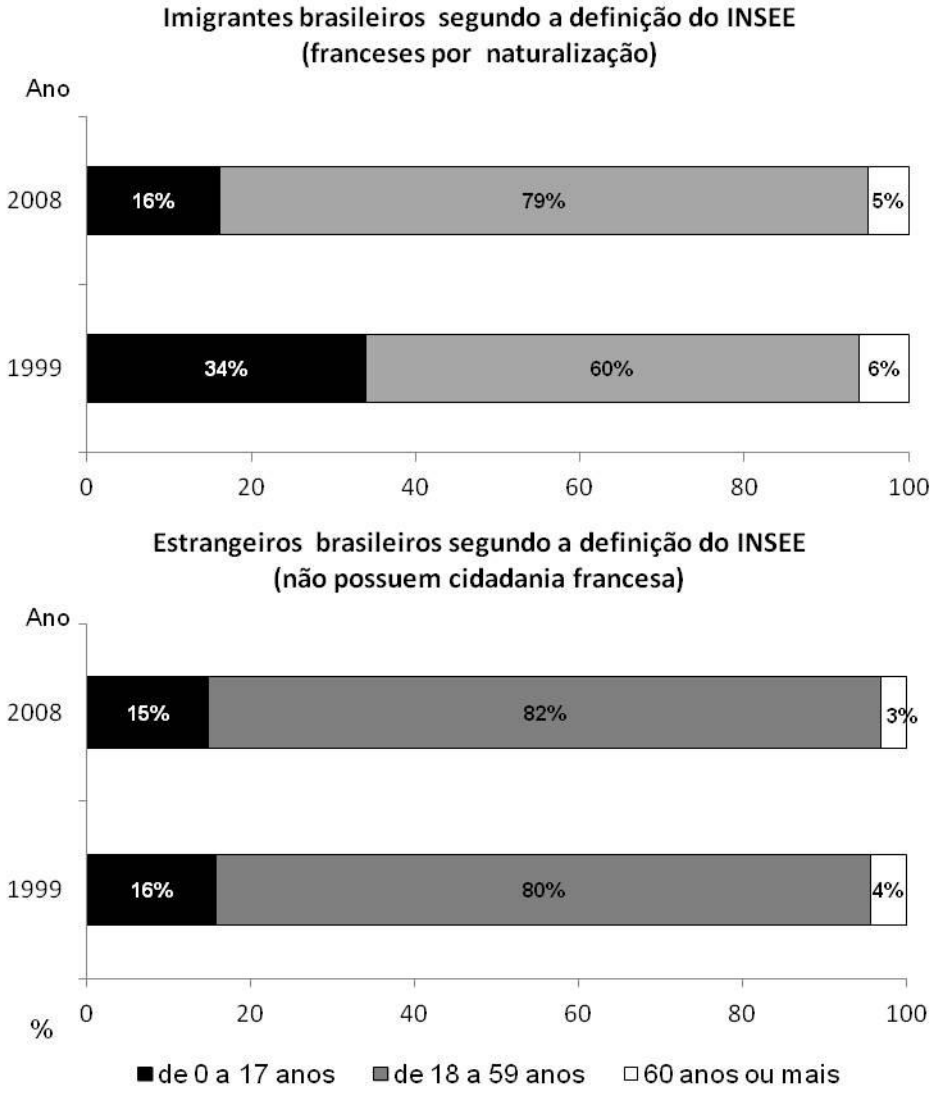
Gráfico 2. Distribuição relativa dos imigrantes e estrangeiros (de acordo com a definição do INSEE) brasileiros na França segundo sexo - 1982, 1990, 1999 e 2008



Fonte: INSEE, Recenseamento da População 1982, 1990 1999 e 2008.

O INSEE divulgou dados mais detalhados para os anos de 1999 e 2008, que permitem a classificação dos imigrantes e estrangeiros brasileiros por faixas etárias. Os números revelam que os brasileiros que vivem na França são principalmente adultos entre 18 e 59 anos. Aqueles com 60 anos ou mais constituem a faixa menos representada no grupo. Pode-se notar ainda que 34% dos imigrantes brasileiros que viviam na França em 1999 tinham menos de 18 anos. Em 2008, esse valor diminuiu, e apenas 16% deles eram menores de 18 anos (Gráfico 3).

Gráfico 3. Imigrantes e estrangeiros brasileiros na França segundo grupo etário - 1999 e 2008



Fonte: INSEE, Recenseamento da População 1999 e 2008.

Os dados disponibilizados pelo INSEE não permitem um conhecimento mais detalhado sobre o perfil dos brasileiros que vivem na França. Não há, por exemplo, informações sobre o nível de instrução, a inserção ocupacional, a renda per capita etc.

Os números de vistos expedidos pelas autoridades francesas no Brasil seriam referências muito relevantes, dado que poderiam servir como indicação da dinâmica do fluxo. Informações sobre tais dados (número de vistos, número de extraditados e/ou deportados) foram solicitadas junto ao MRE e às autoridades francesas no Brasil, mas tivemos acesso limitado a elas.

Segundo o Consulado Francês de Brasília[16], anualmente são outorgados em média de 500 a 600 vistos para estudantes. Em função dos Estados da Federação circunscritos a esta seção, conforme o tal órgão informou, a maioria dos vistos de trabalho emitidos para trabalhadores com baixa qualificação se destinavam à Guiana Francesa principalmente. Para ilustrar este fato, disseram-me que ao longo de 2010, este Consulado deferiu apenas três vistos para "Salariés en mission", tipo de visto que serve à mobilidade de profissionais qualificados, designados para alguma missão temporária na França em empresas com sede no exterior ou para empresas de um mesmo grupo. Quanto aos vistos para pesquisador de longa duração, foram 49 casos em 2010. Os vistos para "competências e talentos"[17] foram cinco em 2010; e foram 10 vistos para assistentes em língua portuguesa. Para a Guiana Francesa, foram delegados 29 vistos de trabalho em 2010[18].

Tivemos acesso ainda a uma série maior (números para o período 2005-2010) do Consulado Francês de São Paulo, cuja jurisdição abarca os seguintes Estados brasileiros: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Segundo os dados do consulado paulista, em cada ano do período citado, foram solicitados quase três mil pedidos de visto no total. Como os brasileiros estão dispensados da exigência de visto para curta duração, apenas os vistos de longa duração são aqueles que se referem efetivamente aos brasileiros (residentes na área de circunscrição deste consulado), e que correspondem ao maior volume de vistos demandados e concedidos (em 2010, 83% dos vistos demandados e concedidos foram deste tipo). É importante registrar que o volume de vistos de longa duração deferidos apresentou tendência crescente no período 2005-2010, com uma pequena queda no ano de 2009. Foram 1.317 vistos em 2005, 1.541 em 2006, 1.839 em 2007, 2.037 em 2008, 1.541, 1.984 em 2009 e 2.079 em 2010. No período todo, o aumento foi aproximadamente de 50%.

---

[16] A seção Consular em Brasília atende os seguintes Estados da Federação: Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima, Tocantins e Pará.

[17] Essa modalidade de visto foi criada em 2006 pela lei conhecida como "Lei Sarkozy". O tal visto pode ter duração de um a três anos, com possibilidade de renovação e o seu intuito é facilitar a entrada de mão de obra qualificada no país. A política migratória da França é apresentada com mais detalhes no quarto capítulo.

[18] Informações disponibilizadas pelo Cônsul Geral da França em Brasília, realizada no dia 18/10/2011 em Brasília.

Esses vistos estão classificados por motivo da viagem (reunião familiar, profissional, estudos, menores e outros). O visto para estudantes é o mais demandado neste Consulado, sendo mais de 60% dos vistos de longa duração outorgados em todos os anos do período.

Um aspecto importante para pensar a presença de brasileiros indocumentados na França foi mencionado pelo Cônsul Adjunto da França em São Paulo, ao informar que estimativas do governo francês indicam que 150 mil brasileiros entram na França sem visto (porque entram na condição de turista ou para permanência de curta de duração) e que dados obtidos por amostragens aleatórias de controle mostraram que nem todos estes brasileiros retornam: uma parcela fica na França ou em território europeu. No entanto, o acordo que rege a dispensa de visto de curta duração, na avaliação do referido Cônsul, não deve ser revogado pois a situação econômica atual do Brasil é favorável e, no contexto de crise na Europa, são "os franceses que querem vir para o Brasil"[19].

Ainda em relação aos dados encontrados em fontes secundárias, cabe mencionar a mobilidade de estudantes brasileiros para a França, modalidade que oferece a maior quantidade de informações estatísticas disponíveis e acessíveis, especialmente, através dos dados de movimentação do Campus France do Brasil e as informações sobre bolsas de estudos no exterior concedidas por agências brasileiras de fomento como a Capes e o CNPq. Alguns desses dados foram discutidos em Almeida (2012) e também podem ser acessados no material anexo (Anexos 2 e 3).

Em relação à literatura especializada, os poucos estudos sobre a recente imigração brasileira na França não fornecem informações mais precisas nem quanto ao volume, nem quanto ao perfil desta população.

González (2007b), por exemplo, faz uma discussão sobre a produção bibliográfica, de 1973 a 2007, relativa à migração de latino-americanos para a França e enfatiza que são poucos os trabalhos que refletem sobre esse fluxo. No caso dos estudos particularmente sobre brasileiros, González mencionou apenas dois artigos

[19] Informações oferecidas pelo Cônsul Adjunto da França em São Paulo, em 02/12/2011, na sede do Consulado paulista.

sobre o exílio de brasileiros na França nos anos 1960/70[20].

Os demais estudos encontrados são todos mais específicos: o foco de seus autores estava em determinada cidade, condição e/ou grupo pesquisado, referências que serão discutidas a seguir[21].

Xavier de Brito (1991) é a referência mais clássica sobre o tema. Em sua tese de doutoramento, a autora investigou a presença de brasileiros na França motivada por estudos, uma análise centrada no conceito *goffmaniano* de carreira moral. Posteriormente, foram realizados outros trabalhos sobre estudantes brasileiros na França, na condição de bolsistas (XAVIER DE BRITO, 2000) e também estudantes que foram sem financiamento institucional (XAVIER DE BRITO, 2009). A autora identifica em seus trabalhos a presença de estudantes que migram para fugir de condições insatisfatórias ou problemáticas no Brasil, mas o foco de suas análises está centrado na formação acadêmica, os interesses e as motivações desses brasileiros que estudam na França, não abordando outros perfis de migrantes.

Chamozzi (2009) – que também denuncia a falta de estudos sobre a imigração brasileira na França, principalmente quando se compara a outros países de imigração brasileira – mostra como a migração de pessoas qualificadas não se desvincula de desafios e riscos[22] e enfatiza o problema do rebaixamento profissional (entendido como a situação em que alguém ocupa um posto de trabalho que exige menos qualificação ou menor remuneração do que o correspondente ao seu nível de estudos ou formação) aspecto que, segunda a autora, está presente na experiência de imigrantes brasileiros na França.

De acordo com os dados do INSEE analisados por Chamozzi, dos 14 mil imigrantes brasileiros na França em 1999 (que segundo o INSEE são aqueles naturalizados franceses), cerca de 5 mil eram pessoas ativas e ocupadas, com uma

---

[20] Trata-se das seguintes referências GOLDBERG (1994) e GOLDBERG-SALINAS (2000).

[21] Abud (2010), Amorim (2009), Chamozzi (2009), Ferreira (2008), Reis (2012), Silva (2012), Vale (2008, 2009), Vassalo (2003) e Xavier de Brito (1991, 2000, 2009).

[22] Na França os imigrantes ficam em desvantagem no mercado de trabalho em função de regulamentações que permitem ou não a entrada de cidadãos não europeus, como é o caso das profissões regulamentadas no que concerne à nacionalidade e/ou ao diploma (como profissionais da saúde, advogados, jornalistas, entre outros) e à legislação que restringe o "emprego não oponível". Isso significa, segundo Chamozzi que o empregador precisar provar que não encontrou um cidadão francês ou de país membro à União Europeia para o preenchimento da vaga.

grande representação de quadro dirigentes e profissionais intelectuais, de nível superior, e com pouca participação de trabalhadores manuais. No entanto, uma pesquisa qualitativa realizada pela autora, em 2006, com 25 pessoas, mostrou que apenas uma pequena minoria escapava do rebaixamento profissional (foram três casos identificados), enquanto a maior parte dos casos revelava a experiência de um revés na carreira profissional, com caráter duradouro (principalmente pela não equivalência de diplomas) ou temporário (tempo de aprendizagem do idioma).

A ausência de estudos sobre a imigração brasileira na França também chamou a atenção de Abud (2010), que realizou um levantamento da bibliografia sobre a presença de brasileiros no exterior disponível ao sítio eletrônico “Brasileiros no Mundo”, vinculado ao MRE do Brasil. O trabalho de Abud foi a primeira referência encontrada que abordava o tema. O estudo foi desenvolvido no âmbito de um mestrado em Antropologia Social e Cultural na Universidade Autônoma de Barcelona. A discussão da autora está centrada em torno da identidade dos imigrantes brasileiros na cidade de Lyon, principalmente no que se refere às construções subjetivas e às representações coletivas de franceses e de brasileiros sobre a identidade cultural brasileira. Abud fez entrevistas semiestruturadas com brasileiros que viviam em Lyon e com franceses que participavam de manifestações relativas à cultura brasileira na cidade, uma programação em grande medida vinculada às associações culturais brasileiras que existem em Lyon (ABUD, 2010).

A tese de Amorim (2009) se configurou em uma referência importante. Em sua pesquisa, a autora explora o imaginário de brasileiros sobre a França e o imaginário de franceses sobre o Brasil que vigoram atualmente a partir de entrevistas realizadas com imigrantes brasileiros em Rennes, cidade localizada no leste francês, e com imigrantes franceses em Belo Horizonte. Esse foi o caminho escolhido para entender a migração de brasileiros para Rennes e a de franceses para Belo Horizonte, num esforço de articular as expectativas e os motivos que engendram o projeto migratório tendo em vista os imaginários que se constituem em torno do destino.

Há também a pesquisa de Silva (2012), que analisou a dinâmica conjugal de casais franco-brasileiros, exclusivamente nos casos em que as mulheres são brasileiras e os homens franceses e que o casal vive na França. Como resultado das entrevistas

realizadas, Silva construiu uma tipologia de três regimes que caracterizariam as estratégias com as quais os cônjuges incorporaram as diferenças culturais.

Os demais estudos encontrados versam sobre temas associados à presença de brasileiros na França, mas escapam de uma reflexão específica sobre migrações internacionais contemporâneas. Vale (2008, 2009), por exemplo, apresenta uma reflexão sobre a imigração de transgêneros brasileiros que atuam no mercado do sexo parisiense, argumentando que em grande medida essas migrações resultam dos processos de discriminação que sofrem no Brasil.

Outro assunto que recebeu a atenção de pesquisadores é a presença da capoeira na França, em particular na cidade de Paris. Como uma prática brasileira, essa atividade se vincula à imigração brasileira, sem que esta seja o foco de interesse dos autores em questão (FERREIRA, 2008; VASSALO, 2003).

Cabe mencionar, por último, a recente tese de Reis (2012), que analisou a trajetória de músicos e dançarinos brasileiros que trabalhavam no Brasil e na França. A autora mostrou como a escolha da carreira artística é um caminho encontrado para escapar de uma condição socioeconômica crítica, inclusive favorecendo a emigração, graças aos suportes que estes artistas encontram por meio de suas redes sociais, que lhe garantem acesso à formação e à inserção profissional. A pesquisa centrou sua atenção em dançarinos e percussionistas de Salvador e, para tanto, Reis entrevistou os artistas no Brasil e também artistas imigrantes na França.

Em resumo, a bibliografia encontrada sobre o assunto nos ofertou um panorama do processo em questão, e acabou por reforçar nosso argumento de que a reconstrução histórica das relações entre o Brasil e a França era um ponto de partida para o entendimento do início do fluxo. Porém, o andamento da pesquisa indicou que se esse histórico iluminava aspectos relevantes do fluxo investigado, tal abordagem não se era capaz de explicar sua dinâmica e composição mais recentes. Por isso, foi incorporada posteriormente a discussão do “tipo migratório” histórico, como expressão dominante do fluxo pesquisado até 1980, e das modalidades migratórias, como entendimento das migrações das últimas décadas. Esta discussão remete à perspectiva analítica centrada na discussão do tipo migratório e etapa econômica tal como foi estruturada por Baeninger (2012a), reflexão que foi incorporada e está aprofundada no

terceiro capítulo.

1.1.2. O mapeamento das instituições relacionadas

Considerando o objetivo de analisar a imigração brasileira na França nas últimas décadas, a primeira tarefa foi o mapeamento de instituições e autoridades francesas presentes no Brasil. Isto foi feito por entendermos que tais instituições poderiam revelar conexões entre o Brasil e a França capazes de iluminar nosso conhecimento sobre o fluxo migratório em questão, posto que não foram localizados estudos pretéritos que poderiam nos balizar.

O mapeamento das relações franco-brasileiras foi viabilizado, pelo levantamento bibliográfico sobre o assunto, mas também a partir de visitas às instituições francesas no Brasil, particularmente nas cidades de São Paulo e Brasília, e da realização de entrevistas com seus representantes. Foram então estabelecidos contatos com a Aliança Francesa de São Paulo, a Câmara de Comércio França-Brasil (CCFB), o Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica (Cendotec)[23], a Missão Econômica, os Consulados da França em São Paulo e em Brasília e a Embaixada da França em Brasília[24].

Os contatos institucionais reforçaram a perspectiva da literatura (CARELLI, 1994; TAVARES, 1979) de que há uma francofilia engendrada pelas relações históricas entre o Brasil e a França, arraigada em importantes instituições brasileiras, particularmente de cunho acadêmico e artístico, e que continua presente em estratos sociais específicos. Essa francofilia se revela em parcerias institucionais e pessoais e até hoje sustentam fluxos de brasileiros interessados em realizar parte de seus estudos e formação na França, como demonstra a discussão sobre a modalidade migratória estudantil apresentada no terceiro capítulo.

O contato com as instituições francesas no Brasil não evidenciou uma

---

[23] Esta é uma associação binacional cujo objetivo é apoiar a cooperação científica, universitária e tecnológica, facilitando e desenvolvendo a troca de informações entre a França e o Brasil. O Cendotec abriga também o Campus-France Brasil. Mais informações, bem como algumas das informações disponibilizadas pela associação foram sistematizadas e podem ser consultadas no Anexo desta tese (Anexos 1 e 2).

[24] Outras instituições contatadas, mas que se eximiram de contribuir com a pesquisa foram a Fundação Liceu Pasteur e a Missão Econômica francesa de São Paulo. No anexo 1 desta tese, é possível acessar informações sobre as instituições francesas visitadas.

preocupação da França com a presença de imigrantes brasileiros no país, ao contrário, em várias ocasiões foram enaltecidas a formação do estudante e a qualidade do profissional brasileiro, bem como sua capacidade de "integração"[25] à cultura francesa. Cabe ainda dizer que tanto as autoridades brasileiras como as francesas insistiram no caráter estratégico das relações entre o Brasil e a França para ambos os países, envolvendo setores-chave e estabelecendo uma agenda bilateral, multilateral e regional. No entanto, se há uma questão que abala as "amistosas" relações franco-brasileiras, ela se refere aos conflitos que advêm com questão transfronteiriça que se estabelece entre o Brasil e a Guiana Francesa, como território ultramarino da França. A imigração brasileira na região tem sido um tema delicado para os órgãos competentes envolvidos de ambos os países[26], aspecto que se denota pela decisão da França em manter a exigência de visto para brasileiros entrarem no país a despeito dos esforços políticos e econômicos despendidos na construção da chamada ponte binacional do Oiapoque[27].

Além de instituições francesas no Brasil, algumas instituições brasileiras que estão implicadas no fluxo de brasileiros para a França também foram contatadas, destacando-se a Divisão das Comunidades Brasileiras no Exterior do MRE, a Divisão da Europa I (setor responsável pela coordenação da política externa brasileira para a Europa Ocidental, que agrega a França) do MRE, a Coordenação-Geral da Cooperação Internacional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Coordenação Geral de Cooperação Internacional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Consulado do Brasil na França.

---

[25] Este aspecto será discutido com mais cuidado no quarto capítulo: no momento cabe apenas destacar que, na França, o debate político institucional sobre o processo de inserção da população imigrante se faz a partir da ideia de integração, trata-se portanto de um conceito particularmente valioso para o entendimento das relações entre imigrantes/estrangeiros e a França como Estado-Nação.

[26] Esta avaliação é decorrente das entrevistas institucionais realizadas, impressões a partir da interlocução junto ao MRE do Brasil e à Embaixada da França em Brasília.

[27] A referida ponte liga o município de Oiapoque do estado brasileiro de Amapá ao município de Saint George, região de Caiena na Guiana Francesa. Um dos principais pontos de conflito é a prática de garimpo por brasileiros em território francês, pois a "França Amazônica" cumpre um papel de reserva ecológica para a França e a atividade garimpeira incomoda as autoridades francesas por vários motivos, mas principalmente por seu efeito predatório. Todas as considerações que fiz sobre as relações bilaterais sintetizam as opiniões que ouvi dos meus interlocutores na Embaixada da França no Brasil, em Brasília, e no Ministério das Relações Exteriores do Brasil (estes dois encontros ocorreram no dia 18/10/2011, nas respectivas instituições de afiliação dos mesmos).

O quadro abaixo sintetiza todas as instituições e as datas das visitas realizadas, inclusive as agências francesas no Brasil e aos órgãos brasileiros que possuem relação com a imigração brasileira na França.

Quadro 1. Instituições e organismos visitados para levantamento de informações sobre as relações Brasil-França no Brasil e na França (2010-2012)

Instituição	Data
Aliança Francesa de São Paulo	01-09-2010
Assistência Consular - Consulado Geral do Brasil em Paris	12-10-2012
Câmara de Comércio França-Brasil de São Paulo	27-09-2010
Cendotec	02-09-2010, de 20 a 23-09-2010 e 12-08-2011
Consulado Geral da França em Brasília	18-10-2011
Consulado Geral da França em São Paulo	02-12-2011
Consulado Geral do Brasil em Paris	19-11-2010 e 09-10-2012
Divisão da Europa – I do MRE	18-10-2011
Divisão das Comunidades Brasileiras no Exterior do MRE	18-10-2011
Embaixada da França no Brasil	18 e 19-10-2011
Embaixada do Brasil na França	17-11-2010

1.1.3. Preparação e realização da pesquisa na França

Como colocam Beaud e Weber (2010), fazer uma pesquisa de campo exige uma vontade de interagir como aqueles que são alvo de pesquisa, um desejo de melhor compreender os indivíduos e os processos sociais relacionados: “Sem essa sede pelo conhecimento, sem essa vontade de saber (...) a pesquisa de campo torna-se uma mera formalidade, um exercício escolar.” (p.13, tradução nossa[28]). Além da exigência de flexibilidade, como mencionam os autores, o “estar em campo” coloca o pesquisador diante do desafio de enfrentar seus receios e seus preconceitos, inclusive para poder transformar a sua visão sobre os processos que são alvos do estudo. Os autores colocam uma questão que me pareceu fundamental e que se refere à adoção de uma postura reflexiva sobre a pesquisa. Por isso, as prioridades se alteraram, porque mais importante do que chegar aos resultados esperados (o número de entrevistados, as oportunidades de observação direta etc.) passou a ser a forma como o processo seria conduzido, como chegar aos entrevistados, como conduzir as entrevistas, como respeitar os envolvidos, avaliar se as escolhas estavam acertadas, entre outros aspectos. Esse foi o caminho no qual a pesquisa de campo se fez, um processo no qual

[28] No original: “Sans cette soif de découvrir, sans cette envie de savoir (...) le terrain devient une formalité, un exercice scolaire” (BEAUD e WEBER, 2010, p. 13).

o pesquisador é simultaneamente agente e paciente (BEAUD e WEBER, 2010).

Essa questão pode parecer trivial, principalmente quando se pensa uma pesquisa de campo na França, um território aparentemente pouco inóspito para um cientista social - afinal, nesse caso, trata-se de uma brasileira, paulista, que precisou ir para outro país, mas, por causa do compartilhamento de uma cultura ocidental, esse encontro tenderia a ser pouco impactante. Entretanto, a condição de "estudante estrangeira", o desafio da solidão e as tarefas para viabilizar a inserção no campo precisam ser equacionados e são exigentes como em qualquer pesquisa empírica. Foi a partir dessa experiência que me reconheci uma investigadora, empreendendo uma pesquisa de campo, tendo que lidar com os limites e as possibilidades que encontrava. Isso me exigiu a habilidade de me relacionar com desconhecidos, brasileiros de diferentes grupos sociais, de interpelar as pessoas com telefonemas e de lidar com os constrangimentos envolvidos na solicitação às vezes insistentes de contatos, de ter postura de submissão no agendamento dos encontros, de adotar comportamentos de empatia durante as entrevistas, entre outras. Como argumentam Beaud e Weber (2010), negociar um espaço junto ao universo de pesquisa implica em incomodar as pessoas, demanda prudência, a capacidade de escutar e de não julgar. Mesmo no caso da observação, é essencial pensarmos o nosso papel como pesquisador nas relações que estão sendo observadas. Em resumo, quando estamos fazendo pesquisa de campo, trabalhamos em tempo integral. No meu caso, enquanto aproveitava a estada na França para levantamento bibliográfico, lia e refletia sobre os aspectos relativos à pesquisa de campo, buscava localizar ou agendar encontros com brasileiros, fazia entrevistas e tentava participar de eventos brasileiros, ao mesmo tempo em que pensava sobre as práticas adotadas.

O uso do questionário[29] como uma ferramenta complementar à realização das entrevistas foi considerado uma estratégia, antes da ida para a França, mas por fim decidi não aplicá-lo devido à dificuldade de localizar entrevistados e ao receio de perder os raros contatos. Essa decisão de não aplicar o questionário é um exemplo das

[29] No âmbito do "Observatório das Migrações em São Paulo", projeto temático financiado pela Fapesp no qual esta pesquisa se insere, foram aplicados questionários para diferentes fluxos de brasileiros para o exterior, com o objetivo de permitir análises comparativas. Este seria, então, o questionário pensado em um primeiro momento para ser aplicado também ao caso da imigração brasileira na França.

exigências que a pesquisa de campo coloca ao pesquisador, a necessidade de adaptação às condições encontradas, e que muitas vezes se apresentam como entraves à execução do que foi planejado. No caso, a decisão foi tomada pela consideração da singularidade do objeto empírico, pois os brasileiros na França não são numerosos e não estão concentrados em bairros e associações, particularmente no sul da França, onde passei os três primeiros meses.

Apenas para ilustrar o contexto, apesar de algumas buscas, antes de ir para a França, eu tinha informação apenas de uma brasileira na cidade de Aix-en-Provence, uma pequena cidade próxima a Marselha, onde me instalei inicialmente. As pesquisas pela internet e as tentativas de contatos institucionais não trouxeram resultado. A grande "sorte" foi ficar sabendo que havia uma brasileira que era secretária na Universidade. Esta "brasileira de Aix" foi fundamental para o sucesso da pesquisa no sul, pois por meia dela cheguei a uma informante com posição privilegiada na "rede" formada por brasileiros que vivem na região. Durante o tempo que permaneci no sul da França, consegui fazer um pouco mais de 30 entrevistas, principalmente em Marselha e Aix-en-Provence, mas também em outras cidades próximas como Toulon, Nice e Montpellier.

Esse período propiciou também a observação direta em eventos brasileiros, notadamente em Marselha, maior cidade da região, que abriga um número considerável de brasileiros. Importante dizer que apesar de haver uma "comunidade brasileira" nessa cidade, não encontrei Igrejas nem bares frequentados por brasileiros. Existem bares "latinos" nos quais há apresentação de músicos brasileiros ou ainda de "noites brasileiras", como é o caso do *L'Expresso Café* em Aix-en-Provence, onde há uma "Festa made in Rio" (Figura 1) uma vez por mês, e um bar em Marselha chamado *Le Paradox*, no qual ocorrem noites de música brasileira apresentadas por músicos brasileiros que vivem na região. Fui a uma das noites no bar de Aix-en-Provence e uma vez ao bar de Marselha. Nessas incursões, interpelava os/as brasileiros/as, apresentava-me como pesquisadora, conversava, fazia contatos, pedia colaboração por meio da concessão de entrevistas etc. Consegui entrevistar diversas dessas pessoas, mas nunca fiz entrevistas de fato nessas situações, ainda que temas de interesse da pesquisa fossem abordados nesses encontros.

Figura 1. Folder de divulgação da "noite brasileira" em bar de Aix-en-Provence, França



Busquei registrar essa minha incursão junto ao terreno e, na medida do possível, procurei manter um registro das minhas percepções decorrentes da observação no campo. Como ilustração, abaixo reproduzo alguns trechos de notas que fiz sobre um dia bastante intenso para a pesquisa. Era um sábado, havia programado duas entrevistas em Marselha, agendadas com pouco tempo entre uma e outra. Na casa do segundo entrevistado conheci outro brasileiro que aceitou colaborar com a pesquisa. Depois das entrevistas, eles me convidaram para ir a uma festa de aniversário de uma amiga deles, também brasileira. Além disso, à noite ainda assisti ao show realizado por um cantor brasileiro em uma festa pública em um bairro de Marselha que se chama Panier (Figura 2)[30]. O texto foi escrito em Aix-en-Provence, onde eu morava, no dia posterior ao da vivência. Como se nota, estava particularmente preocupada com minha dificuldade de ser uma "observadora", inquietava-me a proximidade e a distância que se estabelecia entre mim como pesquisadora e o universo da pesquisa:

> Ir ao encontro do outro, livrar-me dos meus julgamentos para olhar o outro.

[30] Este show foi realizado pelo cantor brasileiro Alexandre Manno e Banda. Seu nome e sua imagem foram reproduzidos aqui porque ele não está entre o universo de entrevistados, na verdade não tivemos nenhum contato, apenas assisti a sua apresentação que foi pública.

Como é difícil fazer isso. Sinto-me diante deste “outro” que procuro, o imigrante brasileiro na França, como em um jogo. [...] Ontem eu acordei cedo, antes do despertador tocar porque estava preocupada com o dia. Foi fácil chegar à casa da U., foi um prazer conversar com ela e ouvir sua história. A história dela faz sentido para mim. A história dela poderia ser minha. É uma não-outra, e o encontro pouco exigiu de mim. Além disso, ela valoriza a minha pesquisa e me ajudou com a maior boa vontade do mundo, me levando inclusive à casa do outro entrevistado, o C. Bom, chegando ao C., começou uma aventura... Primeiro, ele mora em um conjunto habitacional, na periferia da cidade. [...] Ele me instala na sala e pede licença para acabar de comer. Liga a TV para que esta me faça companhia. Estava passando *Desperate Housewives* dublado em francês. Não assisto, principalmente porque estou ansiosa com minha primeira oportunidade de estar na “casa de um brasileiro na França”. É preciso frisar aqui que todas minhas pré-noções estão em jogo neste caso. Eu acabara de vir da casa da U., ela é brasileira e mora na França. Por que lá eu não tive esse pensamento: “ah, estou fazendo uma etnografia!”. Porque lá eu me senti em um ambiente familiar... No C. tudo era estranho para mim, e isso me remeteu ao meu imaginário sobre o “verdadeiro migrante”, aquele que eu não conheço e que é o “real” objeto da minha pesquisa. Observo tudo, a grande bandeira do Brasil pendurada na parede da sala, o quadro com a foto do Ayrton Senna ao lado da geladeira. A discussão em português rolando num telefone... [...] C. se prepara para ir para a festa. Eu fui convidada e vou com eles. A mulher de B.[amigo de C. que estava na casa dele] telefona várias vezes. As crianças começam a se aprontar. Saímos. Vou com C., que pega uma cerveja, já havia bebido uma enquanto me concedia a entrevista. Saiu dirigindo e bebendo. O celular toca e ele atende. [...] Chegamos na festa. Uma casa antiga, de dois andares. Um grande jardim na frente, com uma escada em formato de “u” que leva para uma varanda. Churrasqueira funcionando. Mesa de bebidas. Música brasileira tocando e muitos brasileiros. Reencontro A. que conheci na noite em Aix, e a L., francesa, mas que fala português e também toca na banda que se apresentou em Aix. E vou conhecendo outras pessoas, inclusive uma mulher me lembra que eu lhe telefonei, pela lista de nomes indicados por I. Por coincidência é a cunhada do C. Encontro a aniversariante, L., dou-lhe o chocolate, pedindo desculpas e dizendo que foi de última hora. Ela é gentil, me agradece, me diz para eu me servir. Ter conhecido a L. e a A. antes foi ótimo, fez minha chegada lá não parecer tão absurda. Juntei-me ao grupo onde elas estavam. Fiquei lá um tempo conversando, na verdade falei um pouco com L. e no geral fiquei observando...Achei que eu estava muito “de fora”, sem falar nada, sem comer nada, e pensei que era um comportamento estranho. Decidindo me comportar com mais naturalidade, decidi ir pegar alguma coisa para beber e no retorno, segui para um grupo onde estava o C., o irmão dele e uma outra mulher na parte de baixo, no jardim. [...] sento numa “muretinha”, tentando me inserir ali naquele grupo. Logo no início, a mulher que estava lá diz alguma coisa que me faz ver que ela era a mulher do B.. Disse a ela que eu estava com o B. na casa do C., e ela me respondeu: “mas é você a mulher da entrevista!” - como se espantasse – e acrescenta “e eu achando que você era francesa!”. Depois ela fala que pensou isso por causa do meu sapato. Que as francesas usam muito aquele tipo de sapato. [...] Chegamos lá [eu e uma amiga francesa, no atelier de uns amigos dela] um super-espaço, gigante, daqueles com pé-direito bem alto. No mezanino que também era gigantesco, havia quatro pessoas comendo. Nos convidaram para comer. Eu aceitei. Uma comida africana que não me lembro o nome. Abrimos uma cerveja, brindamos e comemos juntos. Eu e cinco franceses. Com três deles, eu praticamente não conversei, mas ali me senti mais à vontade e em um ambiente mais familiar que na casa da L., entre brasileiros. Experimentei como ser brasileiro não quer dizer nada. A nacionalidade é só uma informação, como a idade. Não é porque você

> tem 30 anos que vai ser amigo de uma pessoa de 30 anos. Nesta hora, com o nível de domínio da língua que eu tenho, já me senti menos estrangeira entre franceses do que na festa dos brasileiros. Depois do jantar, fomos para a praça ver o show de música brasileira, onde reencontrei o pessoal que estava na festa de L. à tarde. [Notas de Pesquisa de minha autoria em 17/06/2012]

Figura 2. Imagens da Festa no Panier, bairro de Marselha, do ano de 2012



Folder de Divulgação do Evento



Show brasileiro na *Fête du Panier*, em 16/06/2012 – Foto Gisele Almeida

Além da pesquisa de campo, este período passado em Aix-en-Provence viabilizou uma interlocução mais próxima com o Prof. Dr. Domenach[31] que foi o responsável pela orientação do estágio doutoral. Para facilitar a execução da pesquisa de campos, dada a maior concentração de brasileiros na região da capital, definimos que eu deveria me estabelecer em Paris nos três últimos meses da minha estada na França. Cheguei a Paris nas férias de verão, no final de julho de 2012. Até final de agosto, vi e ouvi brasileiros/as e o português o tempo todo, nas ruas e no metrô, que claramente eram turistas. Depois, a partir de setembro, isso ficou mais raro, mas

[31] O vínculo institucional para o estágio doutoral foi dado através do "Institut d'Urbanisme et d'Aménagement Régional" da Université Paul-Cézanne Aix-Marseille III, onde o referido pesquisador estava estabelecido. O estágio permitiu a oportunidade de diálogo e estreitamento da parceria acadêmica com o Prof. Dr. Hervé Domenach - um antigo parceiro do Nepo/Unicamp - que é pesquisador de destaque no âmbito dos estudos migratórios, com trabalhos dedicados aos conceitos de análise migratória, envolvendo aspectos relativos às diversidades das formas de mobilidade, à reversibilidade dos deslocamentos, à dinâmica das redes migratórias, entre outros. Além dos ganhos que tal interlocução nos trouxe do ponto de vista teórico, o Prof. Dr. Domenach também tem grande experiência com pesquisas empíricas sobre o fenômeno migratório, inclusive em contextos latino-americanos. Em suma, a possibilidade que tivemos de dialogar com o referido pesquisador foi de grande valia para a execução desta pesquisa.

mesmo assim fiquei com a impressão de que a presença brasileira é mais expressiva do que se pode pensar, ainda que seja apenas pelo turismo.

Durante minha estada em Paris, fiquei cinco semanas na chamada *Maison du Brésil*, a Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris. Achei que seria importante ter essa experiência, para contrastar com a vida solitária e isolada de uma estudante brasileira que mora sozinha em um *studio*, como são chamados os pequenos apartamentos parisienses. Foi o período em que me senti mais perto do Brasil: ouvia e falava basicamente português e o Brasil era assunto frequente. É interessante notar como os estudantes brasileiros que viviam em Paris em função de estágios, duração máxima de um ano, diziam sentir falta das "coisas do Brasil". Vi um colega que retornou ao Brasil devido a uma perda na família e que regressou a Paris com pacotes de feijão e café para que ele pudesse degustá-los durante os quatro ou cinco meses que faltavam para seu retorno definitivo ao Brasil. Pude notar também que, não raramente, os estudantes que vão para fazer estágio com as bolsas chamadas "sanduíche" falam muito pouco ou quase nada de francês. Eles preparam comidas brasileiras, e iguarias como pão de queijo, doce de leite e biscoito de polvilho apareciam com frequência na cozinha compartilhada, reforçando o argumento de que os "rituais alimentares apresentam claras dimensões identitárias" (BRUM, 2011, p. 23). A *Maison du Brésil* é um território marcado por uma nostalgia, um contexto no qual a experiência da circulação internacional reverbera em uma "exaltação da brasilidade" (BRUM, 2011, p. 28). Essa experiência foi importante para confirmar o filtro que havíamos estabelecido anteriormente de não entrevistar estudantes que foram ou estavam na França financiados com as "bolsas sanduíches" – ainda que tenha feito três entrevistas com brasileiras que experimentaram essa condição. No entanto, quando eram bolsistas, elas acabaram se envolvendo afetivamente com um francês e regressaram para a França após a defesa da tese no Brasil, dando continuidade à relação afetiva. Entrevistei estas mulheres nesta segunda mobilidade, quando viviam na França e se adequavam aos critérios estabelecidos para a definição do universo potencial de entrevistados (este aspecto do "filtro" será discutido no item subsequente).

Há muito mais brasileiros na região de Paris do que no sul da França. Mesmo sem dados estatísticos, outras evidências se impõem, como a presença de várias

igrejas formadas e voltadas aos brasileiros (em sua maioria evangélicas), e, os diferentes pontos de redes com as quais tive contato. Fui visitar uma igreja católica e participei de um culto em uma igreja evangélica. Os eventos culturais dos quais participei na capital, tais como exibições de filmes e a noite de samba (brasileiro) no *Le Café de La Plage*, atraíram um público bem diversificado. Nesse sentido, apesar da presença marcante de brasileiros, percebida pelas conversas em português, são eventos culturais típicos de uma cidade como Paris. Soube que há diversos bares e eventos com música brasileira tal como noites de forró. Destaca-se o bar *Los Mexicanos* que possui três dias da semana dedicados ao Brasil: forró na segunda e na quarta, samba e gafieira aos domingos. Há também uma série de restaurantes que servem comida brasileira na região parisiense, visitei alguns, mas não encontrei um lugar que funcionasse como referência para os brasileiros, pois, diferentemente de Rennes onde há uma convergência de brasileiros, em Paris e região há muitos grupos distintos, vivendo em diferentes regiões da cidade. Apenas um trabalho etnográfico mais específico poderia revelar informações detalhadas.

Um evento que me surpreendeu foi a *Lavage de la Madeleine*. Antes da ida para a França, sabia que existia essa festa brasileira em Paris, mas jamais poderia imaginar a proporção. Simplesmente avenidas importantes de Paris têm seu trânsito suspenso, para a passagem de carros de som e grupos de dança brasileiros. O percurso dura cerca de 3 km, partindo da *Place de la Republique* e seguindo até a *Église de la Madeleine*. O evento, que teve em 2012 sua 11ª edição (Figura 3), é inspirado na lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim em Salvador, Bahia. Nesse dia, fiz vários contatos e revi brasileiros/as que já havia encontrado anteriormente em outros espaços, até mesmo pessoas que já havia entrevistado.

Figura 3. Imagens do evento “Lavage de la Madeleine” em Paris, do ano de 2012



Baianas na Lavage de la Madeleine, em 23/09/ 2012 com a fachada da Opera Garnier ao fundo



Folder de Divulgação do Evento



Vista do alto da escadaria da “Église de la Madeleine Baianas” em 23/09/2012, situada no 8 *arrondissement* de Paris

Fotos Gisele Almeida

No final de setembro, fui para Rennes, capital da Bretanha, noroeste da França. A ida para Rennes, em grande medida, foi estimulada pela tese de Amorim (2009), que mencionou a existência de uma associação de mulheres brasileiras na cidade. Além disso, uma pesquisa realizada através da internet me levou ao sítio eletrônico *Brésil à Rennes* que reúne uma agenda compartilhada do chamado "Coletivo Brasileiro" na cidade. Entrei em contato com algumas das instituições envolvidas e, com o aceite de colaboração prévio de algumas pessoas, preparei-me para passar alguns dias na cidade.

Figura 4. Folder de programação "Découverte du Brésil à travers le cinema" de setembro a dezembro de 2012



Logo no dia da minha chegada, tinha uma exibição de um filme brasileiro no âmbito da programação de cinema organizada pelo Coletivo, chamada *Découverte du Brésil à travers le cinema* (Figura 4). No dia em que participei do evento, 25 de setembro de 2012, o filme era "Trópico da saudade", um documentário realizado por Marcelo Fortaleza Flores, no qual se refaz o percurso feito por Claude Lévi-Strauss

junto ao grupo indígena Nambikwara. O filme aborda, por meio da leitura de trechos de autoria de Lévi-Strauss, algumas reflexões do antropólogo francês sobre os problemas da sociedade brasileira que ele observava. Depois da exibição, houve um debate coordenado pela produtora do filme, Rafaela Vargas. Apesar de haver muitos brasileiros, o público era misto e a discussão foi realizada integralmente em francês. Em seguida, um grupo de cerca de 10 pessoas (entre as quais eu me encontrava, assim como a debatedora do filme, os organizadores da exibição e outros brasileiros) seguiu para um bar que, segundo me informaram, serve de ponto de encontro dos brasileiros na cidade.

Pelos limites de tempo e recursos financeiros, não consegui ir a Grenoble, onde parece ter uma grande presença de estudantes brasileiros; também não fui a Toulouse, nem a Orléans. Essas três cidades, segundo meus informantes, agregam um número significativo de brasileiros. O mais lamentável, parece-me, não ter conseguido ir a Toulouse, onde soube que chegavam brasileiros que vinham da Espanha fugindo da crise econômica. Por outro lado, fui a Estrasburgo em decorrência de uma “dica” de um entrevistado. Depois de realizar buscas pela internet, vi que havia uma presença notável de brasileiros na cidade (graças a presença de associações, restaurante, grupos de capoeira etc.). E, realmente, na roda de samba feita na cidade em homenagem ao dia da Independência do Brasil, em 07 de setembro de 2012, impressionei-me com o número de brasileiros na região (Figura 5).

Figura 5. Roda de Samba em comemoração a Independência do Brasil em Estrasburgo, França, em 2012



Foto Gisele Almeida

A última cidade visitada foi Lyon. A cidade foi incluída devido ao trabalho de Abud (2010) que se deparou com a presença de associações culturais brasileiras. Na minha pesquisa, não tive sucesso na identificação e contato com essas associações e como permaneci poucos dias na cidade, não se deram as condições necessárias para uma pesquisa de terreno mais aprofundada. Em Lyon, fiz seis entrevistas, quatro delas foram possíveis graças a um grupo no Facebook que reúne os brasileiros da cidade. Para outra, tive a indicação de uma entrevistada de Paris; a sexta foi um "achado" a partir de buscas específicas na internet.

1.2. A opção pela entrevista e a constituição do *corpus* de pesquisa

Ao analisar a utilização da técnica de entrevista pelas Ciências Sociais, Blanchet (2003) discorre sobre a potencialidade desse instrumental para o acesso às representações e às opiniões individuais. No entanto, o autor enfatiza a relevância do próprio processo da entrevista, levando-nos a refletir sobre a situação na qual esta se realiza, instituindo um mecanismo inter-relacional de produção de discurso. Conforme

argumenta o autor, assim como a “imaginação sociológica” (MILLS, 1965), a entrevista é um processo e uma ferramenta da pesquisa repleta de “mistérios” e sua validade depende em grande parte de um sentido que está longe de uma apreensão objetiva da realidade.

As fragilidades associadas à utilização das entrevistas se referem aos seus vieses, que, segundo Poupart (2010), envolvem três níveis. Primeiro, há os vieses relacionados ao dispositivo de investigação, que abarcam as “deformações” geradas pelo conteúdo e pela forma das questões feitas pelo entrevistador, mas também pelas técnicas de registro (anotações ou gravador) e as circunstâncias e lugares em que se deu a pesquisa. Um segundo aspecto crítico, refere-se ao caráter tendencioso que pode advir da relação que se estabelece entre entrevistador e entrevistado em razão das respectivas situações sociais. Por último, Poupart aborda os vieses ligados ao contexto da pesquisa, que podem afetar os discursos dos envolvidos. Aspecto conhecido neste caso é que, quando o entrevistado tem conhecimento sobre o enfoque da pesquisa, seu enunciado tende a ser afetado tanto naquilo que é dito quanto naquilo que é omitido (POUPART, 2010).

Queiroz (1983) ressaltou os benefícios que os registros orais de depoimentos pessoais com o uso do gravador poderiam trazer às Ciências Sociais. Essa autora descreve as potencialidades da “informação viva” oriunda do próprio informante e de suas motivações como “riqueza de dados”, na medida em que dá acesso ao que “se encontra explícito” e “abre portas para o implícito” (QUEIROZ, 1983, p. 67).

Os riscos da incorporação pela produção científica das chamadas histórias de vida foram destacados por Bourdieu (2011), que se mostra apreensivo diante dos pressupostos (mesmo que ocultos) inerentes a essa técnica. Isso se deve a que, segundo esse autor, parte-se da ideia de que há uma totalidade na experiência de vida dos indivíduos e que esta pode ser relatada. Além disso, Bourdieu aponta que a situação da narrativa (o momento da entrevista) se torna um elemento fundamental na produção de um sentido, que na avaliação do autor é uma criação artificial, pois o entrevistado seleciona e organiza os acontecimentos e a experiência vivida. Um dos exemplos destacados pelo autor é a organização entre a ordem cronológica e a ordem lógica, quando os depoentes recorrem a expressões como “desde pequeno” ou

“sempre gostei de música” (BOURDIEU, 2011).

Particularmente no que tange à compatibilização entre a história pessoal e a condição migratória, em várias entrevistas eu mesma perguntei ao entrevistado sobre sua relação com o desejo de emigrar, sua relação com a França, de forma que o provoquei a formular esse sentido. Também ouvi, em muitos casos, negativas, em que o “sempre” transformou-se em “nunca” e, no lugar de “eu sempre quis sair do país”, disseram-me “eu nunca pensei em sair do país”. Essa dimensão me parece importante para reforçar o argumento de Bourdieu de que para usar as “biografias” nas Ciências Sociais é preciso considerar os riscos envolvidos na técnica e, dessa forma, incorporar a relação complexa que se estabelece entre o indivíduo e o campo social no qual ele se insere, pois a trajetória do indivíduo só poderá ser explicada em relação a este último.

Um aspecto mencionado por Poupart (2010) e discutido por Blanchet e Gotman (2012) diz respeito à entrevista como um momento de coprodução de um discurso, uma narrativa que entrevistador e entrevistado constroem conjuntamente. Blanchet e Gotman (2012) apontam que a entrevista é um instrumento privilegiado para explorar o universo das representações e das práticas sociais, a “utilização da técnica de entrevista é, dessa forma particularmente recomendada quando se quer analisar o sentido que os atores conferem às suas práticas, aos eventos dos quais eles puderam ser testemunhas ativas” (BLANCHET e GOTMAN, 2012, p. 24, tradução nossa)[32]. Para estes autores, o valor heurístico da técnica de entrevista é garantido na medida em que essa engendra a apreensão da representação do sujeito articulada ao seu contexto de experiência; ou seja, esta representação não está desconectada de um universo mais amplo. Por isso, insistem os autores que a entrevista não deve ser pensada para que os entrevistados descrevam algo, mas sim para que eles falem sobre isso que descrevem (BLANCHET e GOTMAN, 2012).

Ainda que a “história” contada pelo entrevistado seja uma criação, como diz Bourdieu (2011), a entrevista se constitui em instrumento privilegiado para que o

[32] No original: “L’enquête par entretien est ainsi particulièrement pertinente lorsque l’on veut analyser les sens que les acteurs donnent à leurs pratiques, aux événements dont ils ont pu être les temoins actifs. [...] Le valeur heuristique de l’entretien tien donc à ce qu’il saisit la représentation articulée à son contexte expérienciel et l’inscrit dans um réseau de signification. Il ne s’agit pas alors seulement de faire décrire, mais de faire parler sur.” (BLANCHET e GOTMAN, 2012, p. 24-25)

pesquisador conduza uma “criação” que fale sobre as representações e as práticas sociais relacionadas ao tema da pesquisa. Ainda que construído artificialmente pela encenação na qual se realiza a entrevista, o material que daí origina serve à análise do pesquisador a despeito da “veracidade” e da “objetividade” das informações obtidas.

Nesse sentido, reconhecendo as possibilidades e os limites do uso desta técnica, as entrevistas foram pensadas nesta pesquisa como forma de colecionar informações sobre os projetos e os processos migratórios em questão, partindo das experiências dos sujeitos que migraram. E isso significou buscar suas motivações (por que emigrar) e suas possibilidades e constrangimentos (por que naquele momento e por que para aquele destino), mas sem desconsiderar que os impulsos ou obstáculos para a migração não dependem apenas do indivíduo, não se explicam apenas a partir de sua subjetividade, ainda que o indivíduo venha a organizar dessa forma sua experiência. No caso desta pesquisa, recorremos às entrevistas na tentativa de considerar a experiência, a narrativa do migrante, entrelaçada ao contexto macroestrutural, ao campo social que serve para promover e/ou obstaculizar suas possibilidades de ação. Como diz Bourdieu (2011), considerar o indivíduo sem lhe conectar à construção social que o engendra é o mesmo que tomar o trajeto do metrô como independente da estrutura da rede na qual este opera.

Todas as entrevistas foram semi-dirigidas, com exceção das primeiras, que foram não dirigidas. Na fase inicial de pesquisa, as entrevistas não dirigidas nos são úteis para revelar aspectos importantes para os sujeitos pesquisados e que são às vezes ignorados ou pouco valorizados pelo pesquisador. Então, as entrevistas iniciais cumpriram papel exploratório.

Em relação à constituição do *corpus* da pesquisa, os filtros foram definidos a partir de critérios intencionais que resultaram dos questionamentos em torno da definição sobre quem seria o imigrante e o ex-imigrante brasileiro na França contemplado pela investigação. O recorte cronológico da pesquisa, a imigração brasileira na França após 1980, foi devido ao nosso interesse em estudar as migrações internacionais contemporâneas, e para não nos ocuparmos, por exemplo, com o fluxo de refugiados brasileiros para a França nos anos 1960 e 1970 promovido com a ditadura militar. No entanto, outro aspecto temporal precisava ser considerado: depois

de quanto tempo de permanência na França, o brasileiro se tornaria um imigrante? Neste sentido, um aspecto que também era evocado se refere à reversibilidade do deslocamento (DOMENACH e PICOUET, 1990).

Começamos a pensar o *corpus* da pesquisa então pela exclusão dos tipos de mobilidade que não interessava aos objetivos da pesquisa. Assim, foram excluídos os turistas (mesmo quando estabelecem residência temporária), os estudantes de idioma francês de curta duração e também os chamados "bolsistas-sanduíche". Estes últimos, apesar de poderem permanecer até um ano na França, sabem que vão voltar e a expectativa temporal do deslocamento tende a se manter inalterada (ROBERTS, 1995). Por outro lado, um imigrante indocumentado poderia voltar ao Brasil após quatro meses de permanência na França, porque foi deportado ou porque não se adaptou. Ainda que a estada na França seja menor no segundo caso, o tipo do deslocamento se caracteriza mais como um processo migratório, ainda que não exitoso, mas vivenciado devido ao projeto de migrar. A condição do estudante bolsista é totalmente diferenciada, pois desde o início ele sabe que será um deslocamento temporário, o que diminui a exigência de integração à sociedade hospedeira, aspectos que tendem a não engendrar a "experiência" de ser um "estrangeiro" (SCHUTZ, 1944).

Esse filtro foi adotado por entendermos que as permanências de curta duração (geralmente de 3 a 12 meses) na França são experimentadas com pouca ou nenhuma probabilidade de não retorno no tempo previamente estipulado, isso é particularmente relevante para os "bolsistas-sanduíche", estudantes para os quais o não retorno compromete a titulação[33].

No entanto, um estudante que foi ou está na França para fazer uma formação integral, estabelecendo uma estada mais duradoura, vivencia ou vivenciou um projeto migratório e tende a experimentar uma realidade mais próxima da condição de "estrangeiro". Por isso, o filtro adotado estabeleceu que seria considerado um "ex-imigrante" alguém que tivesse vivido na França durante no mínimo um ano, sem ter sido "bolsista-sanduíche". Para os "atuais" imigrantes, a regra de um ano se manteve, mas

[33] Devo ressaltar que isso não significa que não haja a possibilidade deste tipo de deslocamento implicar imigração, como atestam os casos de três entrevistadas. O critério foi estabelecido para garantir um universo de entrevistados que pudessem melhor contribuir para a discussão pretendida.

foi em três ou quatro ocasiões deliberadamente ignorada, pois eram situações de imigrantes estabelecidos na França por período menor que um ano, mas cujos projetos migratórios revelavam uma intencionalidade de permanência mais duradoura ou um deslocamento que integrava uma trajetória migratória múltipla.

É importante destacar que a definição do imigrante brasileiro adotada na pesquisa se refere aos brasileiros que viviam ou viveram na França por um período mínimo de um ano sem ser "bolsista-sanduíche", ou seja, não trabalhamos com a concepção do INSEE, que diferencia os imigrantes e os estrangeiros em função da aquisição da nacionalidade francesa. Nesta pesquisa todos os brasileiros que viviam ou viveram na França por mais de um ano são imigrantes ou "ex-imigrantes", independentemente de terem sido naturalizados ou não. Os "ex-imigrantes" são brasileiros que moraram na França no mínimo um ano e que estavam no Brasil ou em um terceiro país quando foram entrevistados para esta pesquisa.

Como se trata de uma população pequena e dispersa, os entrevistados foram identificados e localizados pelo método da "bola de neve" (MAY, 2004; PIRES, 2010; WEISS, 1994), usado nas Ciências Sociais para indicar a seleção de amostragem de forma não probabilística, no qual alguém indica uma ou mais pessoas, que por sua vez podem sugerir outros nomes. De acordo com May (2004), essa técnica é recomendada e utilizada em pesquisas cuja população alvo está oculta e/ou dispersa, permitindo que o pesquisador se aproxime de situações sociais específicas. Nesses casos, é mais fácil que informantes privilegiados e/ou pessoas da própria população conheçam outros membros e os indiquem, do que o próprio investigador conseguir identificá-los. A mesma técnica foi usada por Sales (1999) em seu estudo sobre imigração brasileira em Boston. Margolis (1994) também explicitou a opção por essa técnica, que cria uma "rede de informantes", para sua pesquisa realizada sobre os imigrantes brasileiros em Nova Iorque.

As entrevistas foram realizadas em Aix-en-Provence, Lille, Lyon, Marselha, Montpellier, Paris, Rennes, Estrasburgo, Nice e Toulon e outras pequenas cidades próximas a elas. O procedimento utilizado foi o estabelecimento do contato (correio eletrônico ou telefone) com explicitação do pedido de colaboração, seguido pelo agendamento do encontro. A hora e o local de realização da entrevista ficaram sempre

a critério do entrevistado, bem como a opção de registro da entrevista, se seria por meio de gravação ou de registro por notas. Todos os entrevistados foram informados sobre a pesquisa em curso, e sabiam que seus depoimentos seriam utilizados em um estudo; mas assumi o compromisso de preservar suas identidades, por isso quando há referência aos entrevistados, estes aparecem invariavelmente identificados por nomes fictícios.

Os roteiros das entrevistas tiveram pequenas adaptações nos casos de imigrantes e ex-imigrantes brasileiros na França. A seguir, apresento a forma de localização e informações mais gerais sobre as entrevistas realizadas no Brasil e na França; disponibilizo o roteiro utilizado nos dois casos.

1.2.1. Em busca dos brasileiros que foram imigrantes na França

Se os imigrantes brasileiros na França estão dispersos e relativamente invisíveis, o que dizer dos "ex-imigrantes" que viveram na França e retornaram ao Brasil? A busca por esses entrevistados se revelou uma tarefa exigente. Recorri a diversas formas de identificação e localização dos potenciais entrevistados, mas, a despeito dos esforços realizados, o número de entrevistados nessa condição foi limitado e os tipos destes imigrantes não foram tão diversificados quanto se esperava para os objetivos da pesquisa, ou seja, não conseguimos colecionar a mesma pluralidade de modalidades migratórias que obtivemos na pesquisa de campo realizada na França. A seguir um quadro apresenta o roteiro utilizado nas entrevistas com os chamados "retornados" (Quadro 2).

A busca por pessoas que pudessem compartilhar suas experiências como ex-imigrantes na França se tornou uma importante tarefa da pesquisa ao longo de 2011. Em março, procurei o Cendotec e solicitei ajuda para a divulgação de pedido de colaboração. O anúncio teve uma chamada direta, com "link" no portal eletrônico da instituição (www.comunidadefb.com.br) e uma nota na edição número 85 de seu boletim informativo, intitulado *França Flash*. Por essa via, tive o retorno de 10 pessoas, mas a maioria delas morava na França, apesar de o anúncio explicitar que a pesquisa buscava brasileiros que haviam morado pelo menos um ano em terras francesas, excluindo-se os "bolsistas-sanduíche", e que tivessem retornado ao Brasil por qualquer motivo. Essa divulgação permitiu a realização de quatro entrevistas consideradas no

estudo, três presenciais (Alessandra, Bruno e Suzie)[34] e uma à distância, via Skype (Mário)[35].

Quadro 2. Roteiro das entrevistas com brasileiros que foram imigrantes na França, retornados ao Brasil ou que reemigraram para outro país

Roteiro entrevista com retornados

a) Perfil socioeconômico (sexo, idade, situação familiar, escolaridade, profissão etc.)
b) Por que/como chegou na França (motivação e facilitadores)
c) Cidade(s) onde morou na França e quanto tempo ficou
d) Condição de entrada no país e situação de permanência (documentação)
e) Relação com o idioma francês (língua foi/é uma barreira)
f) Atividades realizadas na França (trabalho e/ou estudo) e atividade no Brasil antes da partida
g) Rede social e conhecimento prévio (contatos de pessoas que estavam lá antes de ir, rede de apoio para ir e para se estabelecer)
h) Relacionamentos com brasileiros/as durante a permanência na França (trabalho, moradia, amizade etc.)
i) Relação com a identidade brasileira durante a estada na França (como era "ser brasileiro/a", sentimentos sobre a identidade nacional na condição estrangeira)
j) Inserção na sociedade francesa ("integração" na sociedade hospedeira e a experiência de ser estrangeiro)
k) Motivo de retorno/planos de nova migração
l) Como avalia a experiência que teve

Outro caminho utilizado para encontrar entrevistados que pudessem colaborar com a pesquisa foi o sítio de relacionamento pessoal chamado Orkut, que possui algumas comunidades virtuais[36] de brasileiros na França. Fiz um registro do meu "anúncio" em três dessas comunidades, selecionadas com base no número de integrantes e nas atualizações de postagens. Tive retorno da primeira delas, pois a

[34] Sempre que houver referências aos nomes próprios de entrevistados, deve-se lembrar de que se trata de pseudônimos, isto é, para garantir o anonimato daqueles que colaboraram com a pesquisa, eles receberam nomes falsos.

[35] Em um primeiro momento, a possibilidade de entrevista não presencial estava descartada, mas avaliamos que nos casos em que um encontro não fosse possível, a opção do Skype deveria ser utilizada de forma a permitir que os informantes fossem contemplados. A primeira entrevista pelo Skype não transcorreu tão bem, sua duração foi muito curta em relação às entrevistas presenciais, tanto que essa entrevista não foi considerada na análise. Depois desta, realizei outras quatro entrevistas por Skype que resultaram em um ótimo material, com envolvimento e interesse do/a entrevistado/a (Jurema, Marcelo, Mário e Norma).

[36] Estas comunidades reúnem pessoas que tenham aspectos e/ou interesses em comum. Funcionam como fóruns de divulgação de informação, rede de apoio, enfim, trocas diversas.

moderadora[37] entrou em contato comigo e se dispôs a me auxiliar, repassando uma mensagem minha por correio eletrônico para algumas amigas que ela havia conhecido na França e que haviam retornado ao Brasil. Isso me levou a quatro mulheres, esposas de profissionais qualificados, que foram para a França acompanhando seus maridos em contexto de expatriação ou de recrutamento realizado por empresa francesa[38]. Estas quatro mulheres aceitaram colaborar com a pesquisa (Margareth, Norma, Pilar e Vânia).

Também fiz um blog para facilitar o anúncio de pedido de colaboração para a pesquisa (http://brasileirosnafranca.blogspot.com) e o envio de mensagens para pessoas anteriormente entrevistadas. Com isso, tive acesso a outros potenciais entrevistados, o que resultou efetivamente em duas entrevistas (Dora e Jurema).

Recorri ainda às minhas redes pessoais (envio de pedidos de colaboração por correios eletrônicos e pelo *Facebook*), que viabilizaram o contato com seis retornados (Amilton, Daniela, Gabriel, Mara, Marcelo e Osvaldo). O quadro 3, disponível abaixo, organiza estas entrevistas com brasileiros que viveram na França e retornaram ao Brasil ou foram para outro país (há dois casos em que isso ocorreu).

[37] Aqui chamada de Rosa, ela inclusive me concedeu posteriormente uma entrevista, quando nos encontramos na França.

[38] Denomina-se expatriação o caso de um profissional contratado por uma empresa francesa no Brasil que passa uma temporada na França. Neste caso, o vínculo profissional na origem é mantido. Há também casos de contratação direta, na qual o profissional não tem vínculo com uma empresa estabelecida no Brasil, seu contrato de trabalho é com uma empresa no exterior, sem intermediação.

Quadro 3. Entrevistas realizadas com "ex-imigrantes" brasileiros na França

	Nome fictício	Local da entrevista	Data da entrevista	Duração	Forma de registro	Ano de Nascimento	Ano de Chegada na França	Cidade que morou na França	Ano de Retorno ou Saída da França	Local de nascimento	Local de residência anterior a partida para a França	Local de residência após o retorno ao Brasil
1	Amilton	São Vicente - SP	16-10-2009	50'55"	Gravador	1967	1991	Paris	2009	São Vicente/SP	Cotia/SP	São Vicente/SP
2	Bruno	São Paulo - SP	14-04-2011	1h32'27"	Gravador	1984	2005	Paris	2007	São Paulo/SP	São Paulo/SP	São Paulo/SP
3	Daniela	São Paulo - SP	14-04-2011	1h00'37"	Gravador	1981	2007	Toulose	2010	Coronel Fabriciano/MG	Belo Horizonte/MG	São Paulo/SP
4	Mara	Campinas - SP	27-06-2011	34'23"	Gravador	1968	1996	Lyon	1999	Niterói/RJ	Campinas/SP	Campinas/SP
5	Osvaldo	Campinas - SP	05-06-2011	1h26'07"	Gravador	1961	1996	Lyon	1999	Cerqueira César/SP	Campinas/SP	Campinas/SP
6	Pilar	São José dos Campos - SP	08-06-2011	58'	Gravador	1970	1998	Lyon	2001	São Paulo/SP	Campinas/SP	Campinas/SP
7	Vânia	São José dos Campos - SP	08-06-2011	1h33'	Gravador	1964	1997	Lyon	2005	São Paulo/SP	Campinas/SP	Florianópolis/SC
8	Margareth	Campinas - SP	23-06-2011	1h53'07"	Gravador	1969	1999	Lyon e Chartres	2009	Campinas/SP	Campinas/SP	Araraquara/SP
9	Alessandra	São Paulo - SP	12-08-2011	43'57"	Gravador	1958	1992	Grenoble	1996	Santos/SP	Santos/SP	Campinas/SP
10	Norma	Via Skype	23-09-2011	1h05'38"	Gravador	1961	2001	Chartres	2010	Recife/PE	Recife/PE	Alemanha
11	Jurema	Via Skype	25-09-2011	1h01'42"	Gravador	1958	1997	Paris	2006	Rio de Janeiro/RJ	Escócia	Rio de Janeiro/RJ
12	Suzie	Brasília - DF	16-10-2011	1h39'04"	Gravador	1959	1987	Bordeaux e Paris	1993	Várzea de Palma/MG	Belo Horizonte/MG	Belo Horizonte/MG
13	Dora	Brasília - DF	18-10-2011	cerca de 2h	Anotações	1963	2002	Paris	2004	Brasópolis/MG	Florianópolis/SC	Florianópolis/SC
14	Gabriel	Campinas - SP	21-10-2011	31'23"	Gravador	1986	2006	Nantes	2008	Brasília/DF	Campinas/SP	Campinas/SP
15	Marcelo	Via Skype	22-11-2011	1h09'24"	Gravador	1981	2008	Paris	2009	Belo Horizonte/MG	Campinas/SP	Goiânia/GO
16	Mário	Via Skype	01-09-2012	45'15"	Gravador	1964	1991	Paris	2012	Barbacena/MG	Barbacena/MG	Belo Horizonte/MG

1.2.2. Em busca dos imigrantes brasileiros na França

A pesquisa de campo mostrou, por observação e informação, que há algumas periferias da região parisiense que concentram brasileiros, mas de forma geral os imigrantes brasileiros na França não são facilmente localizados. Por isso, a inserção em redes de brasileiros e os efeitos da "bola da neve" foram essenciais para o sucesso da pesquisa. Como era do nosso interesse a busca de uma diversidade de perfis de migrantes e de modalidades migratórias, mais do que intensificar os contatos em um mesmo grupo, priorizei obter o maior número possível de pontos de partida e, para isso, os informantes privilegiados foram fundamentais. Os entrevistados que "localizei" diretamente foram contatados por meio dos grupos formados no *Facebook*, da lista eletrônica de troca de mensagens da Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França (APEB-FR), das redes pessoais da pesquisadora e de encontros com brasileiros em situações diversas. Diferentemente do caso dos retornados, a estratégia utilizada para a localização dos entrevistados viabilizou a reunião perfis diferenciados. Abaixo, o quadro 4 apresenta o roteiro que foi utilizado nas entrevistas com os brasileiros que viviam na França.

Quadro 4. Roteiro das entrevistas com imigrantes brasileiros na França

Roteiro entrevista com brasileiros vivendo na França

a) Perfil socioeconômico (sexo, idade, situação familiar, escolaridade, profissão etc.)
b) Por que/como chegou na França (motivação e facilitadores)
c) Cidade(s) onde vive (e viveu) na França, ano de chegada e ano de saída do Brasil
d) Condição de entrada no país e situação de permanência (documentação, tipo de visto etc.)
e) Relação com o idioma francês (nível de conhecimento da língua)
f) Atividades realizadas na França (trabalho e/ou estudo) e atividade no Brasil antes da partida
g) Rede social e conhecimento prévio (contatos de pessoas que estavam no país antes de ir, rede de apoio para chegar e para se estabelecer)
h) Relacionamentos com brasileiros/as (trabalho, moradia, amizade etc.)
i) Relação com a identidade brasileira enquanto imigrante na França (como sente-se sendo "brasileiro/a", sentimentos sobre a identidade nacional na condição estrangeira)
j) Inserção na sociedade francesa ("integração" na sociedade hospedeira e a experiência de ser estrangeiro)
k) Relação com o Brasil (viagens) e o envio de remessas
l) Pensa ou planeja retornar ao Brasil ou nova migração
m) O que mais gosta e o que menos gosta da vida na França
n) Imagem sobre a França antes de vir e depois de viver no país

Fiquei estabelecida três meses no sul da França, em Aix-en-Provence, uma cidade próxima a Marselha e por isso a maior parte dos entrevistados do sul são dessas cidades. Mas também fui à Nice, Toulon e Montpellier. Algumas cidades são muito pequenas e para preservar a identidade dos entrevistados mencionei apenas a cidade vizinha de referência ou ainda a região da França na qual se situa a referida cidade. Nos três meses em que fiquei em Paris, fui à Lille, Lyon, Rennes e Estrasburgo. A seguir encontra-se um quadro no qual se apresenta, de forma sistematizada, o total das entrevistas realizadas com imigrantes brasileiros na França (Quadro 5).

Quadro 5. Entrevistas realizadas com imigrantes brasileiros/as na França

Nome fictício		Data da realização	Local	Forma de registro	Duração do Áudio	Sexo	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída doBrasil
1	Adalberto	18-10-2012	Lyon	Gravador	23'30"	homem	1987	2011	Fortaleza/CE	Fortaleza
2	Adalto	16-09-2012	Paris	Anotações	-	homem	1985	2011	Interior GO	Goiânia
3	Alberto	28-08-2012	Paris	Anotações	-	homem	1962	1990	Recife/PE	Campinas
4	Alex	16-07-2012	Marseille	Anotações	-	homem	1984	2012	Jequié/BA	São Paulo
5	Alexandra	17-08-2012	Paris	Gravador	1h26'57"	mulher	1968	1995	Recife/PE	Recife
6	Álvaro	24-07-2012	Aix-en-Provence	Gravador	12'19"	homem	1972	2005	Porto Seguro/BA	Porto Seguro
7	Amanda	18-10-2012	Lyon	Gravador	19'20"	mulher	1987	2011	Interior do RS	Porto Alegre
8	Angelina	25-05-2012	Aix-en-Provence	Gravador	40'44"	mulher	1962	1988	Rio de Janeiro/RJ	Maceió
9	Armando	15-09-2012	Paris	Anotações	-	homem	1976	2008	Interior MG	Espírito Santo
10	Arthur	16-07-2012	Aix-en-Provence	Gravador	50'54"	homem	1970	2006	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro
11	Augusto	24-05-2012	sul da França	Gravador	1h 08'13"	homem	1972	1993	Salvador/BA	Salvador
12	Baltazar	16-06-2012	Marseille	Anotações	-	homem	1964	1989	Interior da BA	Salvador
13	Beatriz	19-05-2012	Côté d'Azur	Anotações	-	mulher	1975	1997	Salvador/BA	Salvador
14	Bernardo	22-09-2012	Norte de Paris	Gravador	52'52"	homem	1982	2008	Interior de MG	Interior de MG
15	Bianca	18-10-2012	Lyon	Gravador	21'37"	mulher	1986	2011	Porto Alegre/RS	Porto Alegre
16	Carlos	16-06-2012	Marseille	Anotações	-	homem	1972	2003	Interior do PR	Poconé
17	Cassiano	11-09-2012	Paris	Anotações	-	homem	1977	2006	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro
18	Catarina	17-08-2012	Paris	Anotações	-	mulher	1987	2012	Interior do PR	Curitiba
19	Cecília	08-06-2012	Aix-en-Provence	Gravador	56'15"	mulher	1954	1990	São Paulo/SP	São Paulo
20	César	02-07-2012	Marseille	Gravador	29'30"	homem	1983	2006	Olinda/PE	Olinda
21	Cícero	10-09-2012	Leste da França	Anotações	-	homem	1977	2010	Salvador/BA	Salvador
22	Clara	15-05-2012	Aix-en-Provence	Gravador	25'52"	mulher	1970	2005	Natal/RN	Brasília
23	Dalva	16-09-2012	Paris	Anotações	-	mulher	1966	2002	Interior da BA	São Paulo
24	Darci	05-09-2012	Paris	Gravador	41'20"	mulher	1954	2009	Interior do RS	Brasília
25	Diana	20-07-2012	Montpellier	Gravador	39'22"	mulher	1962	1991	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro
26	Elba	13-09-2012	Paris	Gravador	30'32"	mulher	1959	1985	Rio de Janeiro/RJ	Salvador
27	Elis	28-06-2012	Toulon	Gravador	1h32'51"	mulher	1974	2005	Recife/PE	Salvador
28	Érica	02-07-2012	Marseille	Gravador	27'03"	mulher	1980	2010	São Paulo/SP	São Paulo
29	Fabiana	18-08-2012	Paris	Gravador	25'19"	mulher	1989	2009	Interior do RS	Pelotas
30	Fátima	14-06-2012	Marseille	Gravador	46'02"	mulher	1973	2011	Belém/PA	São Paulo
31	Felipe	15-06-2012	Aix-en-Provence	Anotações	-	homem	1981	2011	Fortaleza/CE	Fortaleza
32	Fernanda	09-08-2012	Paris	Gravador	31'58"	mulher	1981	2010	São Paulo/SP	São
33	Flávia	07-08-2012	Paris	Gravador	1h17'52"	mulher	1973	2005	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro
34	Francisca	17-10-2012	Lyon	Gravador	36'47"	mulher	1964	1990	Interior de MG	Governador Valadares
35	Geraldo	11-10-2012	Paris	Gravador	52'42"	homem	1962	2008	Interior de SP	Interior de SP
36	Guilherme	29-05-2012	Marseille	Anotações	-	homem	não informou	2010	Interior do RS	São Paulo
37	Gustavo	15-08-2012	Lille	Gravador	1h17'11"	homem	1985	2008	Piracicaba/SP	Piracicaba
38	Horácio	04-10-2012	Paris	Gravador	27'52"	homem	1954	2013	Curitiba/PR	São Paulo
39	Humberto	06-09-2012	Paris	Anotações	-	homem	1983	2005	Brasília/DF	Brasília
40	Isabel	27-08-2012	Paris	Gravador	50'08"	mulher	1978	2005	Recife/PE	Salvador
41	Ivan	03-09-2012	Paris	Anotações	-	homem	1965	2001	Goiânia/GO	Campo Grande
42	Ivone	29-05-2012	Marseille	Gravador	35'39"	mulher	1955	1991	Rio de Janeiro/RJ	Maceió

(continua)

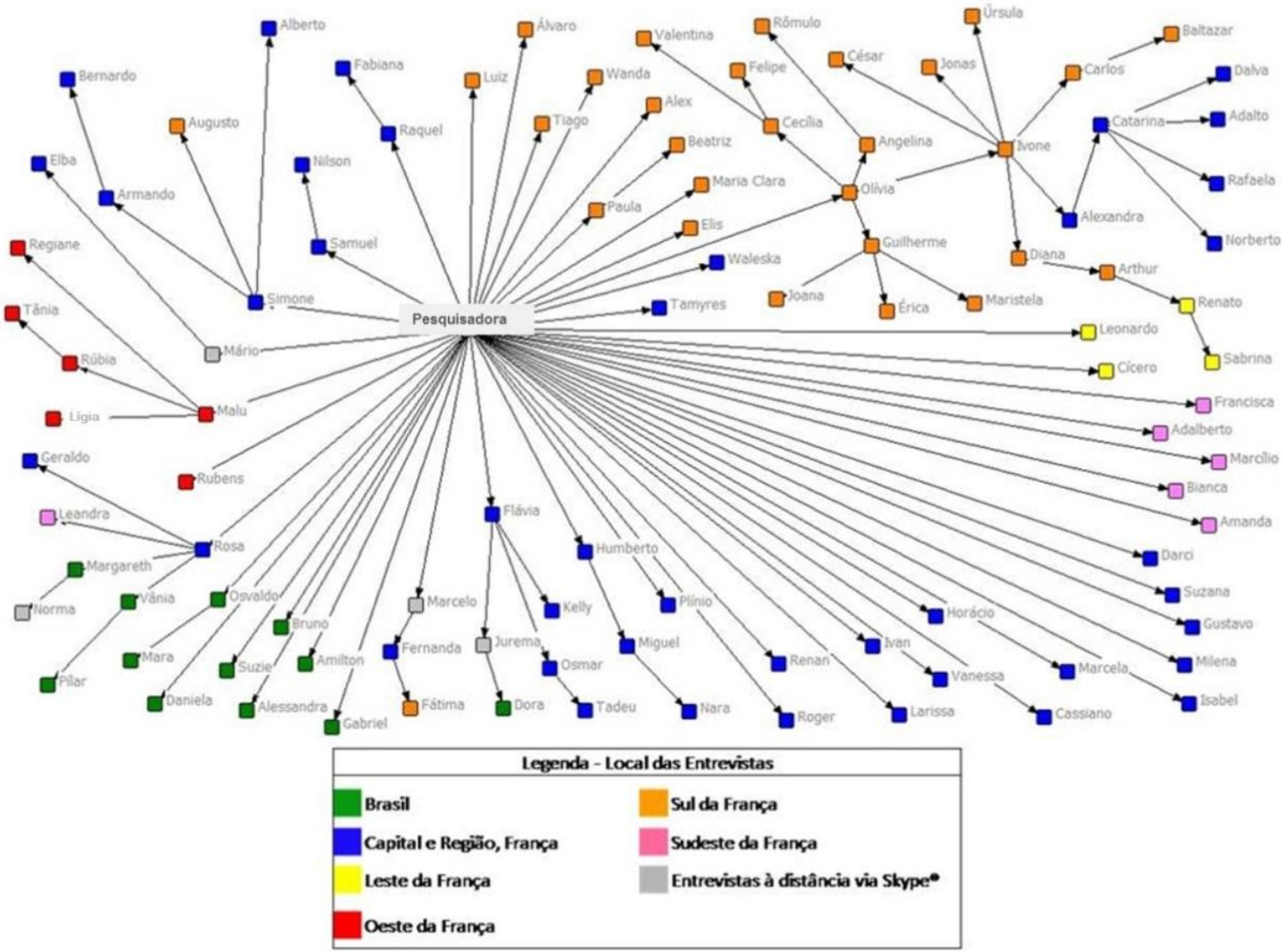
Quadro 5. Entrevistas realizadas com imigrantes brasileiros/as na França (continuação)

	Nome fictício	Data da realização	Local	Forma de registro	Duração do Áudio	Sexo	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída doBrasil
43	Joana	29-05-2012	Marseille	Anotações	-	mulher	1982	2003	João Pessoa/PB	Rio de Janeiro
44	Jonas	03-07-2012	Marseille	Anotações	-	homem	1968	1995	Canoa Quebrada/CE	Canoa Quebrada
45	Kelly	24-08-2012	Paris	Anotações	-	mulher	1980	2002	Belém/PA	São Paulo
46	Larissa	24-10-2012	Paris	Anotações	-	mulher	1976	2008	Belo Horizonte/MG	Ipatinga
47	Leandra	16-10-2012	Lyon	Gravador	29'50"	mulher	1980	2010	Interior de MG	São Paulo
48	Leonardo	08-09-2012	Leste da França	Gravador	51'27"	homem	1966	2005	Campo Grande/MS	Recife
49	Lígia	26-09-2012	Rennes	Gravador	57'32"	mulher	1968	2004	Recife/PE	Recife
50	Luiz	16-07-2012	Marseille	Gravador	40'48"	homem	1968	2004	Criciúma/PR	São Paulo
51	Malu	27-09-2012	Rennes	Anotações	-	mulher	1966	2005	Litoral de São Paulo	Recife
52	Marcela	20-08-2012	Norte de Paris	Gravador	1h13'20"	mulher	1970	2006	São Paulo/SP	São Paulo
53	Marcílio	16-10-2012	Lyon	Gravador	32'59'	homem	1974	2012	São Paulo/SP	São Paulo
54	Maristela	29-05-2012	Marseille	Anotações	-	mulher	1980	2009	Macapá/AP	Macapá
55	Miguel	06-10-2012	sul de Paris	Gravador	30'50"	homem	1980	2004	Interior de MG	Campinas
56	Milena	13-09-2012	Paris	Gravador	35'28"	mulher	1980	2007	Interior do MA	São Luís
57	Nara	06-10-2012	sul de Paris	Gravador	51'52"	mulher	1986	2004	Interior de MG	Interior MG
58	Nilson	28-10-2012	Norte de Paris	Anotações	-	homem	1979	2006	Interior de Goiás	Goiânia
59	Norberto	25-10-2012	sul de Paris	Anotações	-	homem	1965	2009	Curitiba/PR	Curitiba
60	Olívia	25-05-2012	Aix-en-Provence	Gravador	32'37"	mulher	1960	1992	Interior de MG	Arraial D'Ajuda
61	Osmar	18-08-2012	Paris	Anotações	-	homem	1971	2002	Salvador/BA	Salvador
62	Paula	19-05-2012	sul da França	Gravador	1h24'44"	mulher	1970	1998	Niterói/RJ	Niterói
63	Plínio	08-08-2012	Paris	Gravador	46'23"	homem	1974	1998	Interior do MG	Rio de Janeiro
64	Rafaela	16-09-2012	Paris	Anotações	-	mulher	1982	2007	Recife/PE	Recife
65	Raquel	06-08-2012	Paris	Gravador	1h00'32''	mulher	1981	2008	Interior de SP	São Paulo
66	Regiane	28-09-2012	Rennes	Gravador	27'50"	mulher	1975	2000	Interior de MG	Varginha
67	Renan	30-08-2012	Paris	Anotações	-	homem	1982	2006	Salvador/BA	Belo Horizonte
68	Renato	07-09-2012	Strasbourg	Anotações	-	homem	1982	2009	Brasília/DF	Brasília
69	Roger	18-09-2012	Paris	Gravador	55'32"	homem	1964	1995	Rio de Janeiro/RJ	Niterói
70	Rômulo	28-05-2012	Aix-en-Provence	Gravador	54'03''	homem	1966	1994	Belo Horizonte/MG	São Paulo
71	Rosa	03-09-2012	Paris	Gravador	37'58"	mulher	1967	2008	Interior de SP	Interior de SP
72	Rubens	26-09-2012	Rennes	Gravador	46'30"	homem	1953	1990	Interior de MG	Salvador
73	Rúbia	27-09-2012	Rennes	Gravador	36'07"	mulher	1987	2010	Interior do RS	Porto Alegre
74	Sabrina	10-09-2012	Strasbourg	Anotações	-	mulher	1985	2009	Brasília/DF	Brasília
75	Samuel	06-09-2012	Paris	Anotações	-	homem	1981	2005	Vitória/ES	Vitória
76	Simone	19-11-2010	Norte de Paris	Gravador	1h30'34"	mulher	1966	1993	Porto Alegre/RS	Porto Alegre
77	Suzana	19-09-2012	Paris	Gravador	51'22"	mulher	1974	2003	São Paulo/SP	São Paulo
78	Tadeu	25-08-2012	Paris	Anotações	-	homem	1982	2005	Teresina/PI	Teresina
79	Tamyres	11-10-2012	Paris	Gravador	1h11'23"	mulher (trans)	1977	2001	Araçatuba/SP	Bauru
80	Tânia	27-09-2012	Rennes	Gravador	23'14"	mulher	1970	2007	Interior de SP	Interior de SP
81	Tiago	13-06-2012	Marseille	Anotações	-	homem	1981	2006	Litoral de São Paulo	Litoral de São Paulo
82	Úrsula	16-06-2012	Marseille	Gravador	59"	mulher	1971	1997	São Paulo/SP	São Paulo
83	Valentina	29-06-2012	Aix-en-Provence	Gravador	38'32"	mulher	1977	2010	Fortaleza/CE	Fortaleza
84	Vanessa	18-11-2010	Paris	Gravador	1h27'59"	mulher	1982	2008	Florianópolis/SC	Florianópolis
85	Waleska	15-10-2012	Paris	Gravador	39'43"	mulher (trans)	1977	2002	Fortaleza/CE	São Paulo
86	Wanda	23-07-2012	Aix-en-Provence	Gravador	1h06"13'	mulher	1952	2009	Belém/PA	Belém

Para demonstrar visualmente a rede de contatos que se estruturou a partir dos efeitos da “bola de neve”, reproduzo a seguir uma figura que ilustra os vínculos entre a pesquisadora e os entrevistados (Figura 6). Como a figura evidencia, há cadeias de referências nas indicações que configuram uma espécie de rede. Apenas como exemplo, cito o caso de Olívia, uma brasileira que conheci casualmente, pois ela era secretária na Universidade à qual eu estava vinculada durante o estágio na França. Pelas indicações de Olívia cheguei diretamente a quatro entrevistados/as e indiretamente a 21, pois uma de suas indicações era Ivone, uma pessoa com posição privilegiada na rede social de brasileiros em Marselha. Ivone me conectou a 15 brasileiros/as no sul da França e em Paris. A filha de Alexandra (amiga de Ivone que vive em Paris) estudava na mesma escola que Catarina, que também aceitou colaborar com a pesquisa e me indicou outros nomes. Ela inclusive me levou a um culto dominical (evangélico) onde pude encontrar muitos brasileiros e realizar entrevistas com perfis diferenciados de imigrantes (Adalto, Dalva, Rafaela e Norberto) além da própria experiência de observação direta durante o culto e depois dele, no encontro de confraternização do grupo.

Os entrevistados que estão diretamente ligados à pesquisadora foram contatados de diversas formas, particularmente por meio de: a) grupos formados no Facebook, b) lista eletrônica de troca de mensagens da APEB-FR, c) indicações dos informantes privilegiados, d) redes pessoais da pesquisadora, e) contatos estabelecidos oportunamente em eventos que reuniram brasileiros.

Figura 6. Redes de contato da pesquisadora com os/as entrevistados/as



1.3. Alguns resultados gerais oriundos a partir da pesquisa de campo

Além das entrevistas com os chamados imigrantes brasileiros na França, também foram realizadas entrevistas com "informantes bem informados" tal como denominou Margolis (1994), para fazer referência a pessoas que são conhecedoras por experiência do universo de pesquisa, seja porque dele faz parte, seja por suas atividades como líderes comunitários, religiosos etc. No meu caso, isso significou buscar os brasileiros que viviam no país e que de alguma forma atuassem junto aos brasileiros na França, institucionalmente ou não.

As conversas com os informantes privilegiados vinculados a associações e a instituições oficiais, tais como os agentes consulares, foram fundamentais por permitir o acesso a suas memórias e a suas percepções. A maioria vivia na França há cerca de 10 anos e vivenciou de alguma forma o que eles próprios denominaram de "mudança no perfil do brasileiro na França" e o crescimento da "comunidade" no país.

Esses informantes eram integrantes do Conselho de Cidadãos, um órgão pensado para servir de apoio às atividades do Consulado Geral do Brasil em Paris. Composto por brasileiros que em sua maioria prestam apoio de forma voluntária aos imigrantes brasileiros, o objetivo da formação do Conselho era permitir a sinergia das atividades de apoio à comunidade brasileira[39]. Uma repercussão particularmente importante dessa iniciativa pôde ser vista na criação do "Espaço Voluntariado", que abrigava iniciativas de alguns integrantes do Conselho que se dedicavam a oferecer atendimento voluntário para imigrantes brasileiros nas áreas de Direito do Trabalho e Imigração e de Assistência Social.

Segundo as informações que recebi, a presença de brasileiros na França teria começado a aumentar a partir dos anos 2000, principalmente após 2005. Num primeiro momento, isso se deveu a fatores "acidentais", já que a França se tornou rota de passagem para brasileiros rumo à Inglaterra, em razão do trem Paris-Londres. Na medida em que não conseguiam entrar na Inglaterra e ficavam em Paris ou arredores, a permanência destes "pioneiros" foi consolidando embriões de redes migratórias e atualmente há brasileiros que partem do Brasil decididos a ficar na França.

[39] Estas informações estão na ata da primeira reunião do Conselho realizada em outubro de 2011.

Essa imigração acidental se explica por uma estratégia dos emigrantes brasileiros de não "perder a viagem". Quando são impedidos de entrar na Inglaterra, se partiram do Brasil em voo direto para o Reino Unido, o procedimento é a deportação para o Brasil; se entram através de outro país, como Portugal ou França, e destes países tentam ir para a Inglaterra, o máximo que as autoridades inglesas podem fazer é "devolvê-los" ao país de saída. Quando vão de trem via Paris, o procedimento ocorre ainda em território francês na própria *Gare Du Nord*, de onde partem os trens para Londres. Diversos entrevistados disseram ser essa é explicação para a origem dos estoques de imigrantes trabalhadores brasileiros na França, particularmente dos goianos. Esse tipo de atualização do projeto migratório (com redefinição do destino inicialmente previsto) apareceu em três entrevistas realizadas, casos nos quais o objetivo inicial dos migrantes era Londres e, não conseguindo passar pela imigração, ficaram na França. Dos referidos casos, dois foram marcados por violência e maus-tratos por parte das autoridades inglesas (Adalto e Nara).

Os casos atuais de brasileiros que emigram com o objetivo de ir para a França em função de amigos e parentes estabelecidos no país foi ressaltada pelos informantes. Tal aspecto foi confirmado em outras três entrevistas, pessoas que declararam um direcionamento ou redirecionamento migratório por ter parentes ou amigos na França (caso de dois homens trabalhadores da construção civil, Norberto e Samuel, e uma mulher que trabalhava como faxineira e manicure, Larissa).

Os estados de origem da maioria dos imigrantes trabalhadores brasileiros na França, segundo estes informantes, são Goiás, Minas Gerais e Paraná[40]. O maior peso de Goiás estaria ligado a um fluxo mais antigo de goianos que foram para trabalhar nos frigoríficos na região de Dublin, dadas a especialização desses trabalhadores e a inserção de frigoríficos exportadores nesse estado. Entre os imigrantes brasileiros na França entrevistados, três nasceram em Goiás e dois residiam lá antes da emigração para a França.

Adalto, de 27 anos, goiano, é um dos casos de atualização do projeto migratório mencionado acima. Ele morava na Inglaterra e um dia foi interpelado em barreiras de

[40] Mais de três informantes mencionaram essas três Unidades da Federação, houve apenas alteração na ordem da segunda e terceira principal origem.

controle de identidade. Como estava em condição irregular, foi deportado para o Brasil. Ficou alguns meses apenas e logo reemigrou com a intenção de retornar a Londres via Paris. Chegou em 2011, e a primeira tentativa foi ir de trem via *Gare du Nord*. Nem entrou no trem, foi "barrado" ainda em território francês. Tentou ainda uma segunda vez, de avião, partindo de um terceiro país europeu. Na chegada a Londres, foi detido, revistado e, sob a alegação de suspeita de transportar substâncias ilícitas, foi obrigado a tomar medicação para "eliminá-las". Não permitiram sua entrada no Reino Unido e o reenviaram para o tal país. Ele voltou para Paris, onde tinha um contato, e arrumou um trabalho. Desistiu de Londres e de voltar ao Brasil, acabou ficando em Paris.

Voltando aos "informantes bem informados", outro aspecto destacado por eles é que alguns brasileiros teriam deixado a Espanha e Portugal, após as crises econômicas de 2008 e 2010, e ido para a França. Considerando as entrevistas realizadas, identifiquei dois casos de migração da Espanha para a França. Um deles, Alex, de 28 anos, cozinheiro, que vivia havia 7 anos na Espanha, viu-se "constrangido" a migrar novamente, pois o restaurante em que ele trabalhava fechou no começo de 2009. Segundo me contou, ficou desempregado e os trabalhos que apareceram eram muito mal remunerados. Em 2012, decidiu "voltar" para a França (o país foi seu primeiro destino quando emigrou do Brasil em 2004) por causa da "Legião Estrangeira"; um exército mercenário francês, que foi o "mote" de seu primeiro projeto migratório internacional.

O segundo caso de trajetória Espanha-França é de Norberto, 47 anos, que trabalhava com revestimento de interiores. Ele foi para a Espanha em 2006 porque era "caminho para a Inglaterra", mas acabou se estabelecendo em Madri mesmo. No entanto, com a crise ele não encontrava mais condições para permanecer e, como não queria "voltar para trás", aceitou o convite de um amigo e foi para a França (ele, a mulher e dois filhos – todos com cidadania italiana obtida por parentesco da mulher brasileira).

O retorno desses emigrados para o Brasil no contexto do crescimento do Brasil e da crise na Europa também foi mencionado por alguns informantes. No Consulado havia essa percepção, mas havia também a demanda por um documento de "saída definitiva e retorno ao país" que sugeria um fluxo de volta. Ao longo de 2010 foram

solicitados 123 documentos desse tipo. Em 2011, 233, e até outubro de 2012 haviam sido feitas 193 declarações[41]. Fiz duas entrevistas com brasileiros prestes a retornar ao Brasil e mais três brasileiros que estavam com problemas para renovar e/ou regularizar sua documentação e aguardavam respostas das autoridades francesas. Por outro lado, seis entrevistados foram para a França em 2011 e três haviam recém-chegado ao país quando me concederam as entrevistas, em 2012.

Grande parte dos brasileiros que vivem na França, particularmente trabalhadores, não possui a documentação exigida para permanecer e para trabalhar na França. Os segmentos do mercado de trabalho que mais empregam esses brasileiros são a construção civil, renovação de imóveis, setor de limpeza e *baby-sitting*. A inserção tanto no ramo da construção civil quanto no da limpeza é viabilizada pela maciça presença de portugueses[42] nesses nichos. É bastante comum que brasileiros sem documentos regularizem a permanência e o trabalho na França recorrendo ao uso de documentos falsos. Entrevistei pessoas que têm e usam a identidade falsa, mas também entrevistei pessoas que desistiram de ter empregos formais devido ao risco de ter documento falso e por isso trabalhavam informalmente.

Dois aspectos importantes mencionados pela Assistência Consular se referem ao número de brasileiros retidos e aos casos de crises de doenças mentais. Na avaliação do agente consular, o aparecimento de casos de doenças mentais, tais como crises psicóticas, estaria ligado às dificuldades com o idioma, a falta de habilidade com os códigos culturais e com o modo de vida das grandes metrópoles.

Os brasileiros estão no topo das nacionalidades encontradas nos Centros de Retenção Administrativa. De acordo com os dados conhecidos mais recentes, em 2011 a nacionalidade brasileira ocupava a 5ª posição no "ranking", representando 3,3% dessa população (LA CIMADE, 2012)[43]. Um dos entrevistados que viviam na França sem documentos foi preso, mas conseguiu entrar com pedido de regularização e

[41] Este documento é pedido pelo brasileiro que retorna ao Brasil após uma estada de no mínimo 1 ano na França para permitir maior volume de bagagem despachada junto a companhia aérea sem ônus adicional. Pelo tempo, estudantes bolsistas sanduíche podem pedir essa declaração para embarcar uma mala adicional sem custo no momento de retornar ao Brasil. De forma que o dado deve ser interpretado com cautela, e visto apenas como uma referência.

[42] Há uma grande presença numérica de portugueses na França, um fluxo antigo, que também é conhecido pela sua capacidade de integração à sociedade francesa *cf* Cordeiro (1999).

[43] Esse número abarca os casos de retenção no território da Guiana Francesa.

acabou sendo solto e não foi deportado para o Brasil.

Na França, o levantamento de campo realizado pela pesquisa superou as expectativas iniciais: no projeto foi estipulado o número de 30 entrevistas, e ao final foram realizadas 86. Destas, duas entrevistas foram realizadas durante a pesquisa de campo exploratória em 2010 e as demais foram conduzidas em 2012.

Das 86 entrevistas realizadas, 31 foram registradas em anotações e 55 foram gravadas. Na maior parte dos casos em que o entrevistado preferiu anotações, a justificativa apresentada foi "não estar com a voz boa naquele dia", "vamos conversar, a gente grava depois", ou ainda um estranhamento total "alguém deixa você gravar?". Em algumas ocasiões, tomei a decisão de não recorrer à opção do gravador por se tratar de imigrantes indocumentados, entrevistados que se mostraram receosos por participar de uma pesquisa; nem mesmo indaguei o entrevistado sobre tal possibilidade para evitar constrangimentos. Enfim, como pesquisadora, fiz avaliações sobre o contexto da entrevista e do entrevistado. Por exemplo, quando estava fazendo entrevistas no espaço de confraternização de uma igreja após o culto, inferi que a presença do gravador poderia gerar um efeito desagradável de forma generalizada, dado que se tratava de um espaço coletivo e ao mesmo tempo íntimo e que era o primeiro contato do grupo comigo[44]. Outras vezes, preferi registrar por notas porque o local escolhido pelo entrevistado para a realização da entrevista era muito agitado e/ou ruidoso, fato que comprometeria o áudio, mesmo que o entrevistado aceitasse a gravação.

Em relação ao sexo dos entrevistados, 38 são homens, 46 são mulheres e 2 são mulheres transexuais. Em relação à idade, o mais jovem entrevistado possuía 23 anos no momento da entrevista e o mais velho, 60. A maior parte deles, 57 respondentes, tinham entre 31 e 50 anos de idade. Os jovens entre 23 e 30 anos somaram 20 casos. Os que possuíam mais de 51 anos são minoria, apenas 8 pessoas. Um entrevistado se recusou a me informar sua idade, mas, pela biografia e aparência, julgo que tivesse entre 35 e 45 anos.

No que se refere ao tempo de permanência na França, a maioria dos

[44] Poupart (2010) aponta como o pesquisador deve contribuir para que os entrevistados esqueçam tudo o que poderia censurar sua fala, de forma a favorecer a construção de um ambiente confiável. O autor reconhece que essa situação é bastante variável e depende de cada entrevistado, o que enfatiza a necessidade de atenção do pesquisador diante de cada entrevista.

entrevistados chegou na primeira década do século XXI: 66 ocorrências. Apenas 3 pessoas emigraram nos anos 1980 e 17 nos anos 1990. Esse aspecto evidencia a diversificação dos destinos da emigração brasileira, que se dirigia na década de 1980 principalmente para os Estados Unidos e o Japão. Nesse sentido, o recorte cronológico adotado pela pesquisa, ao definir o período após 1980, permitiu a visualização do crescimento da imigração brasileira na França a partir de meados dos anos 1990. Podemos considerar que o fim da exigência de visto para turistas brasileiros entrarem na França, instituído em meados dos anos 1990, se somou ao crescimento da presença de imigração brasileira em países europeus, dinamizando o fluxo investigado desde então. Ao mesmo tempo, é importante destacar que 10 entrevistados chegaram à França entre 2011 e 2012, ou seja, migraram em um contexto de crise econômica na Europa e de crescimento no Brasil, aspecto que reforça o argumento de que modelos como "push and pull" são insuficientes para o entendimento dos fluxos contemporâneos, exigindo a incorporação de motivações não-econômicas na explicação dos deslocamentos (MASSEY et al, 1998; SASSEN, 2010).

Dentre os imigrantes entrevistados, a Unidade da Federação (UF) de nascimento com maior frequência foi São Paulo, com 15 casos, seguido por Minas Gerais, com 12 casos. Na terceira posição, estão os Estados do Rio de Janeiro e da Bahia: 9 entrevistados/as fluminenses e 9 baianos. Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Sul são os locais de nascimento de 7 entrevistados/as (em cada UF). Os demais Estados que apareceram foram Paraná (5 casos), Goiás (3 casos), Pará (3 casos) e Distrito Federal (3 casos). Amapá, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Santa Catarina foram mencionados como UF de nascimento de um entrevistado.

Em relação à migração interna, 48 entrevistados tiveram percurso migratório no Brasil, em alguns casos apenas no interior da própria UF de nascimento, em outros casos foram migrações inter-regionais. Por isso, a distribuição das UF apontadas como residência anterior à emigração não coincide com a distribuição da UF de nascimento. São Paulo continua sendo a UF mais citada: é o Estado de origem de 15 entrevistados/as e foi a última residência antes da emigração em 27 casos. Bahia foi o Estado deixado por 10 emigrantes, seguido por Rio de Janeiro (8 casos), Minas Gerais

(7 casos) e Pernambuco (6 casos). O Distrito Federal e o Rio Grande do Sul ocupam respectivamente a sexta e a sétima posição (5 casos cada).

Considero relevante destacar que, dos 38 entrevistados/as que não declararam experiência migratória interna, 10 pessoas mencionaram alguma mobilidade internacional anterior à imigração na França. É o caso de Osmar, que deixou o Brasil com a intenção de viver na Suíça, mas, ao fim, estabeleceu-se na França. Há também a experiência de Álvaro como imigrante indocumentado durante 5 anos na Inglaterra.

Dos 86 entrevistados/as, 12 chegaram à França diretamente de outros países (sem retorno ou passagem, ainda que breve, ao Brasil). Três saíram da Suíça, casos de Luiz, Osmar e Renan; dois, da Espanha, como me revelaram Norberto e Alex. Ivan e Wanda partiram de território francês, a Guiana Francesa. Érica e Rúbia foram da Irlanda para França. Houve um caso de partida da Alemanha (Rômulo), um dos Estados Unidos (Regiane) e um de Portugal (Dalva). Outros três entrevistados viveram na Inglaterra, mas foram para a França partindo do Brasil. Armando e Adalto estavam irregulares e foram deportados pelas autoridades inglesas, e Álvaro, que também estava irregular, foi com a esposa francesa para o Brasil para providenciar o visto para migrar para a França devido ao reagrupamento familiar.

Outro aspecto que reforça a abordagem centrada na intensificação da mobilidade no mundo contemporâneo (CORTES e FARET, 2009) é que, além dessas experiências pretéritas de mobilidade internacional, cerca de 20 entrevistados/as tiveram passagem anterior pela França. Alguns o fizeram na condição de “turista”, e a maioria dos que “retornaram” à França haviam vivido no país meses (ou até anos) por causa de estudo ou de trabalho.

Por último, cabe mencionar a posse de cidadania europeia por origem familiar, aspecto que contribui para a um caráter possivelmente transnacional para a imigração brasileira na Europa, tal como argumentam Rosenfeld *et at.* (2009). Seis entrevistados possuíam o passaporte italiano (Isabel, Guilherme, Luiz, Marcílio, Norberto e, por último, Érica que aguardava o pedido), um entrevistado (Cassiano) é cidadão português e brasileiro[45], e uma entrevistada (Raquel) tinha conseguido a cidadania espanhola.

[45] Dalva também obteve a cidadania portuguesa, mas isso ocorreu após sua emigração, por ter se casado com cidadão português na França.

Apesar dos riscos de uma generalização, tais trajetórias migratórias múltiplas reforçam a ideia de que o espaço de livre circulação europeu tende a reconfigurar os sistemas migratórios dos brasileiros na Europa (ROSENFELD et al, 2009). Como dito anteriormente, há casos em que a ida para a França consistiu em uma nova emigração para Europa após um retorno ao Brasil – além de casos de "retorno" à França, também mencionado, casos em que houve pelo menos uma estada anterior em terras francesas desde a última imigração. O caso de Horácio se aproximava de um movimento de "vai-e-vem": no momento da entrevista, ele estava na sua sétima experiência de expatriação profissional na França, desde 1986 foram "idas e vindas" frequentes.

Em relação ao perfil, as entrevistas revelaram uma diversidade de tipos de migrantes, pessoas com diferentes interesses no deslocamento e com diversas estratégias para efetivá-lo. Apesar de serem todos "brasileiros imigrantes na França", possuem modos de vida completamente distintos e exerciam atividades variadas. Em relação às ocupações[46], observou-se que dos 86 entrevistados/as:

• 25 entrevistados/as eram profissionais das ciências e das artes (músicos, mestres de capoeira, produtora cultural, cientista, docente universitário etc.);

• 23 entrevistados/as eram trabalhadores do setor de serviços (manicure, faxineira, profissional do sexo, tradutora, cozinheiro, garçom/garçonete, motorista, vendedor em lojas e mercados etc.);

• 9 entrevistados/as eram trabalhadores de manutenção e reparação (atividades ligadas à construção civil e à reforma imobiliária tais como: pintor, azulejista, pedreiro etc.);

• 7 entrevistados/as eram estudantes mas trabalhavam com a prestação de serviços (*baby-sitting*, limpeza, agente de turismo etc.);

• 7 entrevistados/as eram trabalhadores de serviços administrativos (secretária, auxiliar de biblioteca, atendentes etc.);

• 6 entrevistados/as estavam desempregados/as ou não trabalhavam;

• 6 entrevistados/as são estudantes e não trabalham, vivem de economias, ajuda da família ou do cônjuge;

[46] Agrupei as ocupações declaradas pelos entrevistados de acordo com os grandes grupos da Classificação Brasileira das Ocupações, de 2002, do Ministério do Trabalho e Emprego.

• 3 eram dirigentes ou gerentes de empresas privadas.

Um resumo das trajetórias de todos os entrevistados, no Brasil e na França, encontra-se disponível nos Anexos 5 e 6.

As motivações mencionadas para a migração serão devidamente consideradas no terceiro capítulo. Em termos gerais, a imigração brasileira na França parece seguir a tendência recente de feminização (MOROKVASIC, 1984, 2010), e um aspecto importante dessa maior presença de mulheres envolve a questão do casamento franco-brasileiro (AMORIM, 2009; SILVA, 2012). Uma segunda motivação frequente nas entrevistas é o estudo, tipo de mobilidade reconhecida também pela literatura (XAVIER DE BRITO, 1991, 2009). A migração de trabalhadores que buscam obter melhores oportunidades de trabalho ou salários maiores (SALES, 1995) também apareceu no universo dos entrevistados. Entretanto, verifiquei que em mais de um caso a vivência no exterior levou a uma atualização do projeto migratório, culminando na mudança da expectativa temporal inicial desses migrantes trabalhadores, inclusive com práticas e posturas que indicam menor probabilidade de reversibilidade do deslocamento (DOMENACH e PICOUET, 1990).

Como esperamos mostrar, as diferentes modalidades migratórias que se manifestam na recente imigração brasileira na França evidenciam a presença de "novas lógicas migratórias" (DUMONT, G., 2006) que se somam à historicidade do fluxo, dada pela mobilidade estudantil[47]. Nossa proposição é que, ao olharmos para a diversidade dos tipos de fluxos, poderemos melhor analisar os mecanismos de seletividade presentes nos casos observados.

O empenho realizado no campo para garantir a diversidade de perfis de entrevistados não pode se desconectar do nosso interesse em analisar as diferentes modalidades migratórias de forma articulada às especificidades dos diferentes "tipos" de imigrantes brasileiros na França. O material obtido pela pesquisa de campo serve aqui como os elementos empíricos que sustentam nosso argumento de que o contexto macroestrutural define regras diferenciadas para cada perfil de migrante, dado que para as sociedades de acolhimento existem migrantes que são "benvindos" e outros que são "dispensáveis" e/ou "indesejados". Se essas distinções estão presentes nas

[47] Esse aspecto será desenvolvido no terceiro capítulo.

configurações política (política migratória), econômica (mercado de trabalho) e social (discriminação e xenofobia) da França, os mecanismos envolvidos no projeto e na realização da migração serão também diversificados. É nesse sentido que a investigação sobre os projetos migratórios e as modalidades migratórias serve ao reconhecimento de processos migratórios e de formas de instalação que são correspondentes aos diferentes perfis de migrante.

Capítulo 2. A construção de um quadro analítico

Todas as teorias, todos os poemas
Duram mais que esta flor.
Mas isso é como o nevoeiro, que é desagradável e úmido,
E maior que esta flor...
O tamanho, a duração não tem importância nenhuma...
São apenas tamanho e duração...
O que importa é aquilo que dura e tem dimensão
(Se verdadeira dimensão é a realidade)...
Ser real é cousa mais nobre do mundo.

Fernando Pessoa

Usando a metáfora do jogo para falar da dinâmica da sociedade – porque trata-se de um conjunto de pessoas participa de uma atividade que obedece a regularidades –, Bourdieu (2004) entende que existem coações objetivas que atuam sobre os jogadores (as necessidades inscritas na estrutura do jogo), mas também reconhece que existe um "sentido do jogo" que é incorporado pelos jogadores, sentido este que reverbera no conceito de *habitus* do autor. Enquanto sentido transformado em "natureza", o *habitus* é "um traço individual de uma história coletiva" (BOURDIEU, 2004, p. 132). Isto é, Bourdieu considera que o indivíduo, enquanto jogador, é um agente, que tem interesses e desenvolve estratégias, mas que estes interesses e estratégias não estão desvinculados da estrutura porque estão articulados com o *habitus* que, por sua vez, institui um "senso prático", orientando o jogador, mas sem se traduzir em uma forma de obediência cega. Nas palavras do autor: "Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador" (BOURDIEU, 2004, p. 82). As diferentes posições sociais engendram princípios de práticas específicos em função do lugar que o agente ocupa no espaço social:

> Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciações comuns (BOURDIEU, 2011, p. 22, grifo do autor).

No que se refere ao tema desta pesquisa, isso significa considerar que devido ao lugar em que estão posicionados no espaço físico e social (BOURDIEU, 2001, 2004, 2011), os migrantes, sejam efetivos ou potenciais, possuem interesses e estratégias diferenciadas que repercutem em suas "aptidões" e "disposições" (BOURDIEU, 2004) para elaborar e realizar projetos migratórios que os levem para a França.

Em um primeiro momento, foi considerado que essa dinâmica de diferenciação poderia ser analisada através da seletividade do fluxo, nos termos propostos por Renner e Patarra (1980), enquanto aspectos que diferenciam certas populações migrantes e sedentárias:

> Migração diferencial ou seletiva é a tendência observada de algumas partes da população serem mais migratórias do que outras. (...) observa-se que geralmente as características de uma população migrante diferem das geralmente encontradas nas populações de origem e destino. Esta constatação gerou o interesse pelo conhecimento das leis gerais, ou dos princípios de seletividade em relação a determinados tipos de migração (RENNER e PATARRA, 1980, p. 239).

O interesse pela seletividade da migração aumentava pelo fluxo em questão ser um fenômeno "excepcional", dado o contingente quantitativamente pouco expressivo de brasileiros imigrantes na França. Os dados do MRE referentes a 2009 e divulgados em 2010 estimavam a presença de 60 mil brasileiros na França. O caráter "marginal" do objeto pesquisado contestava o poder explicativo do funcionamento das chamadas redes sociais tal como MASSEY et al. (1987) verificou, por exemplo, no caso dos mexicanos nos Estados Unidos (MASSEY et al., 1987) ou mesmo como Fusco (2000) identificou no fluxo migratórios dos habitantes de Governador Valadares para os Estados Unidos:

> Com algumas viagens e retornos, as notícias sobre a vida no exterior começam a contagiar um número cada vez maior da população. Parentes e amigos são atraídos pela facilidade da conexão já estabelecida, ao ponto de qualquer habitante da cidade ter pelo menos um conhecido nos Estados Unidos. A formação e utilização de redes sociais, ligando origem e destino com os fortes laços das relações familiares e de amizade, é o ingrediente que faltava para impulsionar um movimento internacional de pessoas com volume expressivo e de fluxo contínuo. (FUSCO, 2000, p. 10).

O fluxo migratório Brasil-França não evidenciava estar alicerçado nesse tipo de rede. De Haas reconhece que há situações nas quais um processo migratório pode se autoperpetuar: "Uma vez que as redes e os sistemas migratórios são estabelecidos, vários mecanismos de retroalimentação que se reforçam mutuamente tendem a dar ao processo migratório seu próprio ímpeto" (DE HAAS, 2010, p. 1610-1611, tradução nossa)[48]. Por outro lado, o referido autor também argumenta como esse dinamismo interno do processo migratório pode ser neutralizado, ensejando uma dinâmica de retorno capaz de solapar as redes e os sistemas migratórios ao longo do tempo e explicar porque nem todos os fluxos uma vez iniciados repercutem em deslocamentos massivos.

As redes não conduzem necessariamente a mais migração, segundo De Haas (2010), porque, para cumprir esse papel, é preciso que os migrantes sejam capazes de mobilizar recursos para facilitar a migração e que estejam dispostos a ajudar os potenciais migrantes por causa das obrigações morais, do altruísmo, entre outros. Dessa forma, é possível, ao mesmo tempo, que imigrantes bem integrados, detentores

[48] No original: "Once migration networks and systems are established, several mutually reinforcing feedback mechanisms tend to give migration processes their own momentum." (DE HAAS, 2010, p. 1610-1611).

de recursos úteis para facilitar a migração de outros, não façam uso destes porque não estão dispostos e que migrantes que têm a disposição para tal não o façam,pois são desprovidos dos recursos (DE HAAS, 2010). Esse autor chama a atenção para a importância de outras formas de capital na promoção da migração, identificando um uso e uma demanda diferenciada dada as diferentes formas de capital:

> É também fundamental observar que a migração não é necessariamente empreendida através do capital social (redes), mas também pode ser viabilizada através de outras formas de capital. Podemos, portanto, trabalhar com a hipótese de que os migrantes relativamente pobres e que possuem pouca qualificação são geralmente mais dependentes do capital social, na forma de redes, a fim de migrar do que os relativamente ricos, os imigrantes altamente qualificados (DE HAAS, 2010, p. 1603, tradução nossa)[49].

A pesquisa inicial mostrou que havia um tipo histórico do fluxo Brasil-França expresso na migração estudantil e que esse tipo migratório fazia alusão aos laços históricos e culturais entre o Brasil e a França[50]. Essa migração mostrava-se, em grande medida, bastante seletiva e indicava um processo migratório mais dependente do capital cultural, por exemplo, do que do capital social (BOURDIEU, 1979 e 1980), tal como sugere De Haas (2010).

No entanto, com a pesquisa de campo exploratória na França em 2010, vieram as primeiras impressões e os primeiros achados que, se não negavam a seletividade tal como esperávamos, invalidavam parte das suposições iniciais, pois havia perfis de brasileiros na França que destoavam completamente do universo construído em torno do tipo migratório histórico. A pesquisa de campo e o aprofundamento nas leituras evidenciaram que a análise das condições de origem e destino e dos vínculos históricos e culturais entre os países poderiam ser suficientes para explicar o processo inerente a algumas das modalidades migratórias, como o caso do fluxo de estudantes brasileiros para a França (cuja raiz está no tipo histórico). Todavia, tais referenciais mostravam-se insuficientes para abarcar a diversidade das modalidades migratórias que compunham o fluxo.

Apenas para ilustrar esse argumento, a pesquisa de campo evidenciou que, em

---

[49] No original: “It is also crucial to observe that migration is not necessarily achieved through social capital (networks), but can also be achieved through other forms of capital. We can therefore hypothesize that relatively poor, low-skilled migrants are generally more dependent on social capital in the form of networks in order to migrate than relatively wealthy, high-skilled migrants” (DE HAAS, 2010, p. 1603).

[50] Essa questão do tipo migratório histórico do fluxo Brasil-França e das relações culturais, particularmente intelectuais, serão abordadas cuidadosamente no terceiro capítulo.

muitos casos, a "escolha" da França como destino foi parte de um "acaso". Diversos entrevistados revelaram que não tinham nenhuma relação com a França antes de sair do Brasil, não falavam francês e, muitas vezes, não tinham sequer representações estereotipadas sobre o país. O destino França foi, para esses migrantes, resultado do delineamento de novas rotas para se chegar à Inglaterra. Devido à proximidade geográfica com o Reino Unido, a França tornou-se também um espaço de passagem, construído estrategicamente pelos migrantes e pelas redes migratórias para contornar os obstáculos e as restrições da política migratória inglesa[51]. Esse "destino-França por acaso", todavia, acabou se tornando a residência efetiva de migrantes que findaram por se estabelecer no país após tentativas mal sucedidas de ir para a Inglaterra ou de atualizações de seus projetos migratórios[52].

Como esses imigrantes chegaram ou se estabeleceram, ainda que "por acaso", a presença de brasileiros na França cresceu nos últimos anos. E, desde que o país configurou-se em um espaço de passagem para brasileiros, tornou-se também espaço de instalação para aqueles que não continuaram seu percurso ou para aqueles que buscavam um "novo destino", que visavam a reemigrar uma vez que se estava na Europa.

Essas e outras evidências levaram a uma revisão dos pressupostos originais e a uma reformulação das questões relativas à investigação, suscitando também novas inquietações. Nesse caminho, foi considerada a questão da diversidade de modalidades migratórias e a preocupação de como os mecanismos de seletividade funcionavam, tendo em vista as especificidades dos tipos de migrantes: um estudante e um trabalhador da construção civil não "chegam" na França pelos mesmos caminhos, isto é, os mecanismos que fazem essa "conexão" são distintos. Trata-se de processos diferenciados que não podem ser explicados por um único referencial. É nesse sentido que a valorização dos mecanismos de seletividade presentes no processo migratório levou-nos a incorporar a diversidade de tipos de migrantes e a reconhecer as diferentes

[51] Simon (2008) menciona esse aspecto da França também se tornado um lugar de trânsito para migrantes que se dirigem para a Grã-Bretanha, particularmente na região norte nas proximidades de Calais.

[52] Ainda neste capítulo, será dedicada uma atenção particular para o projeto migratório envolvendo sua conceituação e seu significado analítico.

modalidades migratórias que fazem o fluxo.

Dentro do universo “imigrantes brasileiros na França”, há exilados políticos do regime militar que nunca voltaram, estudantes de vários níveis, pesquisadores, executivos, jogadores de futebol, artistas, trabalhadores com baixa qualificação. Há uma diferença entre ser um estudante de pós-graduação com um visto temporário em Estrasburgo, um trabalhador da construção civil indocumentado em Paris ou um mestre de capoeira naturalizado francês em Marselha. Existem brasileiros vivendo em todas essas condições na França. Portanto, fazer referência aos “brasileiros na França” não apenas oculta a diversidade, mas pouco informa sobre como a seletividade migratória atuou nessas diferentes formas de mobilidade e sobre a importância das diferentes formas de capital para a formulação dos projetos migratórios e das condições que viabilizam os deslocamentos e a integração do migrante na sociedade de destino.

Todos esses aspectos foram reforçando a necessidade de construir um referencial analítico capaz de abrigar a complexidade dos tipos de migrantes encontrados e que fosse apto para explicar a imigração brasileira na França após 1980, que, por seu contexto social mais amplo, demanda o reconhecimento de importantes processos contemporâneos que impactam a mobilidade humana. Esses processos vinculam-se às estruturas “macro”, como, por exemplo, a circulação de profissionais qualificados vinculados à dinâmica da economia global (CASTELLS, 2008), e também às dimensões “micro”, que se expressam nos interesses e nas estratégias dos potenciais migrantes como mostra da criatividade com que estes contornam os obstáculos institucionais e criam vínculos fortes entre o país de residência e o de origem, a despeito das formas de instalação estáveis (SIMON, 2002).

Nesse cenário, buscávamos um referencial que nos ajudasse a analisar o fluxo reconhecendo o processo de transformação social em curso, (CASTLES, 2010) bem como a entender a emigração desses brasileiros no contexto de mobilidade crescente, como agentes que possuem interesses e estratégias específicos correspondentes ao lugar que ocupam no espaço social (BOURDIEU, 2004, 2011), agentes que delinearam projetos migratórios que, de alguma forma, envolveram a França, desde o início do planejamento até mesmo depois, devido à reatualização do projeto ao longo do percurso migratório.

2.1. Como os "migrantólogos"[53] explicam as migrações internacionais

O tema da migração foi constituído interdisciplinarmente (PEIXOTO, 2004), talvez por vocação, pois, como aponta Sayad (1998), "todo itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de cruzamento de inúmeras disciplinas" (p. 15).

Apesar do século XIX ter sido palco de migrações em massa, o interesse pelo tema na época foi pouco significativo. Uma prova disso, de acordo com Peixoto, é que os autores base da sociologia que formularam suas teorias naquele contexto abordaram a questão apenas tangencialmente:

> O tema das migrações foi largamente ignorado pelos autores clássicos das principais ciências sociais, no período histórico em que estas se constituíram e consolidaram. Apesar da importância que os fluxos migratórios então assumiram (...) o tema não surge senão de forma marginal na maioria dos autores. Ao longo do século XX, as ligações disciplinares das teorias sobre migrações não são também evidentes. Apesar de um interesse crescente pelo fenómeno, referências mais ou menos desenvolvidas dispersaram-se por várias ciências (com critérios de inserção nem sempre claros). Na sociologia actual, o tema das migrações não surge, na maioria das vezes, autonomizado (ao contrário de temas "clássicos" como o trabalho, a educação ou as questões territoriais), acontecendo o mesmo em outras ciências sociais." (PEIXOTO, 2004, p. 3).

O autor pioneiro no âmbito dos estudos migratórios é Ravenstein, um cartógrafo e geógrafo que escreve, em 1885, um primeiro estudo dedicado explicitamente ao tema, até hoje considerado um "clássico" sobre o assunto.

A origem interdisciplinar traz vantagens e desvantagens de acordo com Peixoto (2004), pois, como os especialistas operam com diferentes perspectivas teóricas, o conhecimento acumulado traz benefícios. Por outro lado, a deficiência da interdisciplinaridade revela-se, na visão desse sociólogo português, através da ausência de uma teoria geral da migração.

Segundo Brettell e Hollifield (2000), a dimensão interdisciplinar é considerada,

---

[53] O termo é um neologismo e refere-se aos pesquisadores voltados ao tema da migração. É possível encontra-lo com certa recorrência na bibliografia de língua espanhola, mas ainda é pouco usado na produção lusófona. Domenach (1996) fala também de uma "migratologia", em função do argumento de que precisamos situar a análise sobre as migrações contemporâneas no quadro geral da transformação social em curso, que alterou, por exemplo, as relações espaço-tempo, fundamentais no estudo sobre a migração.

atualmente, fonte de algumas desvantagens, em razão da fragmentação das análises, da dispersão do conhecimento produzido frente às dificuldades de integração das diferentes perspectivas e abordagens teóricas das disciplinas que se dedicam ao assunto, pois como, apontam os autores, raramente as disciplinas são atravessadas pelos diálogos travados (BRETTELL e HOLLIFIELD, 2000).

Sayad (1998) insiste que o migrante se desloca em um espaço "qualificado em muitos sentidos", evidenciando que o fenômeno migratório é um "fato social total". O conceito maussiano, ao qual Sayad faz referência implícita, assinala a importância de se considerar a sociedade em sua totalidade, para que então possamos perceber o que, de fato, lhe é essencial (MAUSS, 2003). Para Mauss, o estudo sobre o completo é possível e sua recomendação é que o cientista não separe os diversos elementos da sociedade, particularmente no caso da sociologia, em que tal procedimento aumenta o poder explicativo do conhecimento produzido (MAUSS, 2003). Dessa forma, ainda que possam ser mantidos os focos das disciplinas, a investigação sobre o tema das migrações exige do pesquisador um olhar atento para a "totalidade" que institui e abarca o fenômeno, pois "falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica (...) e também em sua extensão sincrônica" (SAYAD, 1998, p. 16).

2.1.1. As teorias sobre migrações internacionais

Como foi dito anteriormente, as migrações foram sempre analisadas por pesquisadores vinculados a diferentes disciplinas (BRETTELL e HOLLIFIELD, 2000; PEIXOTO, 2004) e, nesta pesquisa, apesar do intuito de construir uma análise a partir de uma perspectiva sociológica, é fundamental considerar aqui as abordagens elaboradas por economistas para explicar as migrações internacionais, bem como as perspectivas analíticas propostas por geógrafos, entre outras contribuições disciplinares. Algumas dessas serão discutidas a seguir e devem ser vistas como foram pensadas: uma exposição para sustentar a argumentação de que as migrações internacionais contemporâneas estão reivindicando que os *migrantólogos* busquem novas perspectivas de análise.

Um dos aspectos que se mostra fundamental aqui refere-se ao problema da unilateralidade da análise no âmbito dos estudos migratórios e ao interesse crescente

por parte dos *migrantólogos* em considerar os condicionantes macroestruturais que impelem a migração, como, por exemplo, os níveis de desigualdades econômicas e sociais entre os países. É preciso, ao mesmo tempo, reconhecer a agência do migrante e de suas motivações (BAKEWELL, 2010; CASTLES, 2010; FAIST, 2010; MASSEY et al., 1998). A avaliação que se encontra em Massey et al. (1998) resume bem essa problemática quando ressalta a impossibilidade de uma leitura exclusivamente "macro" ou "micro" do processo migratório a partir de uma revisão das teorias elaboradas para explicar a migração internacional contemporânea:

> (...) nós duvidamos tanto das teorias atomistas que negam a importância das restrições estruturais sobre as decisões individuais, como das teorias estruturais que negam a agência dos indivíduos e das famílias. Em vez de assumir o argumento limitado da exclusividade teórica, adotamos a posição mais ampla de que os processos causais relevantes para a migração internacional podem ocorrer simultaneamente em vários níveis, e que a triagem de quais explicações são úteis é uma tarefa empírica e não apenas lógica (MASSEY et al., 1998, p. 50, tradução nossa)[54].

Em grande medida, essa busca por um nível de análise menos polarizado é motivada pelo entendimento de que a maior parte das migrações resulta de múltiplos efeitos, com diferentes níveis de agência individual, de um lado, e de oportunidades e constrangimentos macroestruturais, de outro, dependendo do caso. Buscando conhecer as causas da migração, Matos (1993) colocou a seguinte questão como ponto de partida de sua reflexão:

> Porque migram as pessoas? As respostas vêm de dois lados e apontam para suspeitos aparentemente incompatíveis: as decisões individuais racionais e as estruturas sociais coercivas. No fundo, o que está em causa é determinar qual a unidade de análise: o indivíduo ou a sociedade, o migrante ou o processo migratório (MATOS, 1993, p. 2).

Uma vez que a imigração brasileira na França, alvo desta reflexão, é vista como voluntária e ao mesmo tempo é parte integrante da dinâmica social, essa questão passa pela consideração dos interesses do agente migrante, sem perder de vista as coações e disposições associadas ao seu posicionamento no espaço social (BOURDIEU, 2004). Em outras palavras, trata-se de investigar não apenas os

[54] No original: "(...) we are skeptical both of atomistic theories that deny the importance of structural constraints on individual decisions, and of structural theories that deny agency to individuals and families. Rather than adopting the narrow argument of theoretical exclusivity, we adopt the broader position that causal processes relevant to international migra- tion might operate on multiple levels simultaneously, and that sorting out which of the explanations are useful is an empirical and not only a logical task" (MASSEY et al., 1998, p. 50).

constrangimentos e oportunidades que operam sobre o migrante, mas as motivações[55] e as expectativas que o levam a se deslocar.

Essa questão do porquê se migra está no cerne de uma primeira construção teórica sobre a migração formulada pelo demógrafo americano Everett Lee em 1966 – que aprofundou as leis formuladas anteriormente por Ravenstein[56]. Lee (1980) argumenta sobre aspectos relacionados ao ato migratório: os fatores ligados à origem e ao destino, os obstáculos intervenientes e os fatores pessoais. Segundo o autor, tanto na origem como no destino há aspectos positivos, negativos e indiferentes. Essas vantagens e desvantagens podem referir-se aos indivíduos de maneira mais homogênea (como a insalubridade do ar) ou de forma particular (como a existência ou não de uma escola pode ser um fator de influência para a mobilidade de um casal com filhos). Lee enfatiza que esses fatores positivos ou negativos na origem e no destino – que retêm, repelem e/ou atraem – não serão idênticos para cada migrante real ou potencial.

Os obstáculos intervenientes são todas as barreiras que emergem entre os dois pontos (potenciais) dos deslocamentos. Lee menciona a distância, mas podemos prolongar a lista incorporando a questão da barreira linguística, das diferenças culturais, das restrições impostas pelas políticas migratórias dos países etc.. Por último, os fatores pessoais envolvem aspectos objetivos (como a etapa do ciclo vital) e inclinações subjetivas (ter mais ou menos "gosto" pela mudança). Como ressaltou o autor, os fatores associados às decisões de ficar ou partir não são experimentados de uma mesma forma por todos os indivíduos, a superação dos obstáculos encontrados não se

---

[55] Bourdieu prefere falar em interesse e não em motivação porque quer enfatizar a ruptura de seu pensamento com o que ele chama de uma "tradição ingenuamente idealista que estava presente na ciência social e em seu léxico mais comum (motivações, aspirações, etc..)" (BOURDIEU, 2004, p. 126). Para Bourdieu, há uma pluralidade de interesses que variam em relação ao tempo e ao lugar. Aqui, nós reconhecemos a importância do lugar do agente no espaço social para a constituição dos seus interesses, no entanto, falaremos das motivações dos agentes, particularmente quando fizermos referências aos autores que fizeram uso do tal léxico.

[56] Destacam-se suas sete "leis" da migração: 1. predominância dos fluxos de curtas distâncias; 2. os deslocamentos seguem uma espécie de "etapismo" a depender da origem do migrante e a distância que este se encontra em relação aos centros que mais absorvem migrantes; 3. o processo de dispersão é o inverso do processo de absorção dos migrantes; 4. cada corrente migratória produz um fluxo inverso; 5. as migrações de longa distância destinam-se principalmente para os grandes centros urbanos-industriais; 6. a população que vive em áreas rurais migra mais que a população de área urbana e 7. as mulheres migram mais do que os homens (RAVENSTEIN, 1980).

coloca no mesmo nível de dificuldade e as “personalidades” também respondem diferentemente às “oportunidades”. Essa construção do processo migratório (nem todos migram, apenas uma parcela) remete explicitamente à seletividade que opera e se manifesta tanto na elaboração quanto na realização do projeto migratório. Esse aspecto da seletividade destacado pelo autor de alguma forma reconhece e incorpora o papel da agência no ato migratório.

O papel da agência individual também aparece nas recomendações que Mangalam e Schwarzweller (1970) sugerem como “sociologicamente relevantes” para o estudo das migrações. Para os autores, os estudos migratórios devem conseguir responder: quem são os migrantes, por que eles migraram, para onde eles migraram e quais as consequências da migração. Enquanto problema de pesquisa, a migração não pode ser vista como uma ação realizada ao acaso e, nesse sentido, uma pesquisa sobre migração deve buscar conhecer os critérios e os processos por meio dos quais o sentimento de privação (incapacidade de satisfação das necessidades individuais) afeta a decisão de migrar, que, na perspectiva do texto, refere-se mais a um ato subjetivo do que a uma resposta às condições estruturais[57]. Mangalam e Schwarzweller reconhecem a capacidade de agência dos indivíduos e apreendem a migração como um fenômeno social cuja dinâmica depende de uma articulação do subsistema da sociedade de origem e do subsistema da sociedade receptora.

A abordagem de Singer (1973) explica a migração em vinculação às transformações estruturais: “como qualquer outro fenômeno social [...] as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas” (SINGER, 1973, p. 31). Apesar do autor referir-se, no texto, à migração interna, sua proposta de análise pode ser adaptada para o estudo das migrações internacionais, na medida em que a redistribuição da população – no interior da nação ou através do globo – ocorre em razão das transformações espaciais engendradas pela atividade econômica. Nesse

[57] De acordo com Arango (2010), a contribuição da chamada “Nova economia da Migração de Trabalho” (tradução livre da expressão inglesa “New economics of labour migration”) foca o conceito de privação relativa, porque é dependente de um grupo de referência, para embasar a tomada de decisão sobre permanecer ou migrar. Nesse sentido, em lugares em que há um histórico de emigração, é possível que se desenvolva uma percepção de privação relativa em função do contato com ex-migrantes ou familiares de migrantes e seus ganhos obtidos com a migração (ARANGO, 2010).

sentido, o autor diferencia os condicionantes estruturais (capazes de estimular os deslocamentos) dos motivos – alegados pelos indivíduos – que se subordinam aos fatores subjetivos e às características pessoais (SINGER, 1973).

As causas da migração, para esse autor, devem, primeiramente, ser buscadas na origem, nos fatores de expulsão, que tornam outras localidades atrativas. Assim, para Singer, a primeira determinação da seletividade migratória recai na situação de classe, dado que os segmentos sociais homogêneos tendem a sofrer os mesmos impactos gerados na divisão social do trabalho pela transformação econômica. Porém, num segundo momento, essa seletividade funciona no interior da classe, na medida em que o fluxo criado produz os elos entre origem e destino (SINGER, 1973).

De acordo com King (2012), os modelos conhecidos como "*push and pull*", assim chamados pelos efeitos de atração e repulsão, baseados na economia neoclássica – que operam com os princípios da escolha racional, da maximização da utilidade esperada e do diferencial de salários entre as regiões e os países – dominaram as explicações sobre o fenômeno migratório, particularmente na metade no século XX.

Massey et al. (1998) apontam que a economia neoclássica forneceu dois tipos de perspectivas que definem como "macro-teoria" e "micro-teoria". A "macro-teoria" entende que as migrações internacionais são causadas por diferenças entre oferta e demanda da força de trabalho que leva a uma mobilidade desta, resultando em fluxos de migração. Por outro lado, a "micro-teoria" segue esse mesmo pressuposto de "atração" (mais emprego e/ou salário maior) e "repulsão" (menos emprego e/ou salário menor), com a diferença de que, neste caso, o migrante é visto como um agente racional que busca maximizar seus ganhos[58].

Esses modelos baseados em critérios racionais, dados os níveis de salários e expectativas de ganhos por parte dos indivíduos, mostraram-se insustentáveis para explicar os fluxos após 1980, por causa dos maiores níveis de desemprego nos países de destino e das maiores restrições à imigração (MASSEY et al., 1998). Os *migrantólogos* (CASTLES; MILLER, 2004; MASSEY et al., 1998; PORTES, 1999)

[58] Os referenciais neoclássicos também são os pilares de abordagens para explicar as migrações internas. Nesses casos, Todaro (1980) é uma referência da chamada "macro-teoria" e Sjaastad (1980), um exemplo da "micro-teoria".

argumentam que, desde então, os aspectos econômicos não são mais suficientemente satisfatórios para explicas as migrações, inclusive porque, via de regra, não são os mais pobres que migram, muito menos para um outro país.

Os estudos realizados e os fluxos observados a partir dos anos 1960, de acordo com Boyd (1989), foram legitimando as críticas endereçadas aos modelos baseados na atração-repulsão[59], minando o poder explicativo dessas abordagens e consolidando a crise do "push-pull" (MASSEY et al., 1998). Dessa forma, os desequilíbrios no interior da nação e as disparidades entre os países não justificariam isoladamente as migrações[60]. Dos 214 milhões de migrantes internacionais estimados em 2010, a Europa foi origem de 27% e o destino de 32% desse contingente, e a África foi a origem de 13% e o destino de 9% (UNITED NATIONS, 2012).

No sentido de superar estas teorias, estudos partiram de um novo olhar sobre o processo de tomada de decisão em relação à migração, uma perspectiva que reconhece o migrante, efetivo ou potencial, como um agente ativo e não apenas um indivíduo racional que toma a decisão com base numa avaliação sobre custo *versus* benefício. Nessa perspectiva, Massey et al. (1998) argumentam como aumentou o interesse por informações que pudessem melhor definir as especificidades econômicas e sociais associadas às migrações. É importante ressaltar que essa valorização do agente não significa a desconsideração dos aspectos suscitados pelos níveis macroestruturais. Como diz Elias (1994) "as unidades de potência menor (...) dão origem a uma unidade de potência maior, que não pode ser compreendida quando suas partes são consideradas em isolamento, independentemente de suas relações" (p. 16). Atentos a isso, os *migrantólogos* começaram a combinar estrutura socioeconômica, estratégias familiares e processo decisório-individual, perspectivas teóricas preocupadas em pensar os indivíduos e as circunstâncias que os afetam de forma combinada:

> A interação entre indivíduos, motivações e contextos definidos nos vários níveis de agregação (doméstico, comunitário, nacional e internacional) tornou-se

[59] O artigo de Boyd (1989) do final dos anos 1980 já apontava o "esgotamento" do modelo teórico baseado na atração-repulsão.

[60] Essas inquietação teóricas também estão sendo contempladas nos estudos sobre migrações internas no Brasil, leituras que apontam para o limite do paradigma clássico que entendia as migrações atreladas ao desenvolvimento econômico (BAENINGER, 2012b; MENEZES, 2012).

> fundamental para a formulação de uma compreensão acurada sobre os fluxos migratórios contemporâneos e, sobretudo, para responder à questão central de por que algumas pessoas migram e outras não - e, concomitantemente, por que alguns países enviam muitos migrantes para o exterior, enquanto outros, aparentemente situados num mesmo patamar, enviam poucos (MASSEY et al., 1998, p. 16, tradução nossa)[61].

Esse "caráter seletivo da dinâmica migratória" (SOARES, 2004, p. 106) foi apontado por Soares (2004) para justificar a adesão ao referencial das redes sociais por parte dos *migrantólogos*. Isso porque, segundo Soares, a análise elaborada a partir das redes ajuda a entender porque alguém migra e porque outras pessoas sujeitas aos mesmos condicionantes estruturais não o fazem.

2.1.2. As redes na migração

Segundo Boyd (1989), o interesse pelo papel das redes sociais na promoção das migrações internacionais foi simultâneo à difusão do enfoque de sistema migratório e à sensibilização crescente para a identificação dos determinantes que incorporassem a perspectiva macro e microestrutural[62].

Um texto que reflete sobre os fluxos imigratórios para os Estados Unidos no final do século XVIII e ao longo do século XIX escrito por Tilly (1986) é uma referência fundamental quando se trata de redes funcionando na migração. Na sua análise, Tilly chama atenção, em primeiro lugar, para a seletividade, apontando que a imigração nos Estados Unidos foi extremamente seletiva quanto à origem e ao tipo de migrante. O segundo aspecto, ressaltado pelo autor, aborda o papel das redes na migração quando diz que o fluxo não foi desenhado por indivíduos isolados e, sim, por grupos de pessoas que compartilhavam conhecimento e destino: "Com certeza, indivíduos imigraram para os Estados Unidos e, algumas vezes, sozinhos. Mas eles migraram como participantes de processos sociais que se estendiam para além deles" (TILLY, 1986, p. 3, tradução

---

[61] No original: "The interplay of individuals, motivations, and contexts defined at various levels of aggregation (household, community, national, and international) have become fundamental to building an accurate understanding of contemporany migration flows, and above all to answering the central question of why some people migrate while others do not - and concomitantly, why some countries send many migrants abroad while others, apparently equally situated, send few." (MASSEY et al., 1998, p. 16).

[62] Na avaliação dessa autora, a alteração na composição dos fluxos de migrações internacionais verificada nos anos 1970 e 1980 (que se caracterizaram pela crescente presença feminina e pelo aumento da migração de membros familiares como crianças) deve ser vista como resultado da maturidade de sistemas migratórios, mas também em função dos estímulos gerados a partir das redes sociais, dos vínculos e relações entre migrantes e não migrantes na sociedade de origem.

nossa)[63]. Ou seja, mesmo no caso da migração individual, o argumento de Tilly é que sua viabilidade dependeu do acesso a informações e auxílio de membros de suas redes[64] que já haviam migrado anteriormente para a "América". A frequência das remessas monetárias para os lugares de origem e das passagens de navio pré-pagas por imigrantes assentados nos Estados Unidos é um aspecto usado por Tilly como evidência da importância dessas redes. De acordo com o autor, cada deslocamento transfere os principais segmentos das redes sociais existentes no país de origem para o de destino e, ao mesmo tempo, modifica a estrutura das redes sociais nesse processo. O retorno também tem seu papel nessa nova configuração de redes sociais, na medida em que os retornados reforçam os vínculos entre origem e destino, facilitando novos fluxos no mesmo sentido. Para Tilly, como uma planta após um transplante, as redes sociais se movem, mudam o formato e criam novas raízes, sem, no entanto, eliminar totalmente as antigas raízes. É nesse sentido que, para o autor, em última instância, não são as pessoas, mas as redes sociais que migram. Em suma, o autor apreende a rede em torno da migração como uma estrutura:

> (...) os próprios migrantes não conseguem, via de regra, ver as possibilidades que são modeladas por suas redes sociais. (...) nós devemos pensar a migração como pensamos a estrutura de uma comunidade: simplesmente não é possível reduzi-la às características e intenções individuais (TILLY, 1986, p. 5, tradução nossa)[65].

Truzzi (2008) sustenta que a noção de redes é fundamental para aqueles que pretendem entender as migrações como processo social. Na sua análise, Truzzi contextualiza o referencial das redes como uma contraposição ao paradigma atração-repulsão na medida em que reconhece o papel do indivíduo e de sua rede de relações na migração, diferentemente da ênfase nas condições estruturais. Os recursos que podem ser mobilizados pelos indivíduos por meio de suas redes[66] interferem tanto na

---

[63] No original: "To be sure, individuals did migrate to the United States, and sometimes alone. But they migrated as participants in social processes that extended far beyond them" (TILLY, 1986, p. 3)

[64] O autor não distingue com precisão a qualificação dessas redes. Em alguns trechos, usa a expressão isolada apenas (redes), em outros momentos, fala da estrutura da rede de migração e há duas ou três referências à ideia de redes sociais.

[65] No original: ""(...) the migrants themselves often can't see the possibilities that are shaped by their network. (...) we ought to think of migration as we think of community structure: simply not reducible to individual characteristics and intentions" (TILLY, 1986, p. 5).

[66] O autor faz uma distinção entre redes sociais e redes migratórias, apontando que as primeiras são anteriores a segunda. A menção à ideia de redes de relações deixa em aberto maiores precisões conceituais.

elaboração do projeto migratório, por meio da seleção do destino, como na realização do projeto, através da inserção do imigrante no mercado de trabalho e na sociedade hospedeira. Como ressaltou Truzzi (2008), a partir dessa perspectiva, "o migrante passou a ser visto como agente mobilizador de seu capital social" (p. 207).

Faist (2010) é um autor que também evoca as redes e as relações no contexto de uma preocupação com a construção de um nível intermediário de análise[67]. Ao fazer uma revisão parcial das teorias sobre migrações internacionais, Faist constrói sua argumentação em torno da proposta de conciliar os níveis "macro" e "micro" a partir da ênfase nas relações sociais entre os indivíduos, nos grupos de parentesco, domicílios, vizinhança, círculos de amizades e organizações formais. Para Faist, o "link" entre as teorias "macro" e "micro" demanda a utilização de conceitos como relações e laços sociais, pois sua aposta é que, com o foco nas relações e nos vínculos sociais, seja possível entender "*como* as oportunidades estruturais são traduzidas na ação individual e vice-versa" (FAIST, 2010, p. 64, grifo do autor, tradução nossa)[68].

A recomendação do autor é que uma análise sociológica da migração incorpore na análise os níveis estrutural, relacional e individual (FAIST, 2010). Nesse raciocínio, do ponto de vista estrutural – que envolve as estruturas política, econômica e cultural –, há uma série de diferenças e desigualdades entre os países que podem impelir os indivíduos a migrar. Por outro lado, no outro extremo, o nível individual abrange o nível da autonomia do indivíduo para a tomada de decisão entre partir e ficar. Para Faist, essa dimensão evoca uma ampla gama de possibilidades numa escala que vai desde aqueles que, em última instância, migram "sem escolha" (escravos, certos casos de refugiados, entre outros) e outros que o fazem com amplo espectro de liberdade porque possuem recursos econômicos, informações e contatos. Entre os dois extremos (nenhuma e muita "liberdade"), encontra-se, de acordo com Faist, a grande maioria dos migrantes, indivíduos cujos espaços de "autonomia decisória" estão circunscritos pelos contextos nos quais se inserem e que influenciam a sua decisão de partir ou ficar:

> O grau de liberdade ou autonomia está circunscrito em um contexto no qual os

[67] A tradução é nossa, pois o autor intitula seu artigo como "The crucial meso-level" (FAIST, 2010), que pode ser traduzido para o português como "o crucial nível intermediário".
[68] No original: "*how* structural opportunities are translated into individual action and vice versa." (FAIST, 2010, p. 64, grifo do autor).

> conjuntos das principais partes envolvidas na tomada de decisão em relação à migração e na dinâmica da migração são: (1) os indivíduos no lugar de origem, (2) os coletivos e redes sociais de migrantes potenciais, de migrantes atuais e de sedentários tais como famílias, domicílios, círculos de amizade e parentesco, vizinhanças, associações étnicas, religiosas e profissionais, mas também (3) atores coletivos de interesse nos países de origem e de destino (por exemplo, organizações não governamentais, organizações supranacionais como o ACNUR, governos dos países de origem e destino, partidos políticos, sindicatos e organizações patronais)(FAIST, 2010, p. 69, tradução nossa)[69].

O nível relacional, por sua vez, refere-se ao capital social e aos vínculos sociais entre migrantes e sedentários tanto na origem como no destino. Dessa forma, é possível sintetizar o argumento de Faist ressaltando que a abordagem focada nos vínculos e nas relações sociais mostra como os recursos individuais relacionam-se com as oportunidades estruturais. Quanto ao contexto, dado pelas condições macroestruturais, a decisão de migrar ou ficar depende de como as estruturas reverberam na família, no trabalho, na comunidade. Quanto ao "cálculo individual", este é indicativo de como os indivíduos ou agentes coletivos avaliam custos e benefícios e tomam decisões racionais. Para Faist, o elo entre esses dois polos (que o autor intitula estrutural e individual) está nos laços sociais, entendidos como uma série de transações interpessoais, sendo esses laços responsáveis por configurar o contexto das relações sociais no qual migrantes e sedentários estão inseridos, o que evoca, no raciocínio do autor, o papel do capital social:

> Capital social constitui-se nos recursos inerentes aos laços sociais padrão que permitem aos indivíduos cooperar em redes e coletivos e/ou que permitem que os indivíduos busquem atingir seus objetivos. (...) O capital social também serve para conectar os indivíduos às redes e aos coletivos através de afiliações. O capital social, portanto, cumpre uma dupla função: facilita a cooperação entre atores individuais (e coletivos) no estabelecimento de confiança e liga os indivíduos às estruturas sociais. Além disso, o capital social serve para mobilizar o capital financeiro, humano, cultural e político (FAIST, 2010, p. 73, tradução

[69] No original: "The degree of freedom or autonomy is circumscribed in a context in which the main sets of parties involved in migration decision making and the dynamics of migration are: (1) individuals in the place of origin; (2) collectives and social networks of potential and actual movers and stayers such as families, households, friendship and kinship circles, neighbourhoods, ethnic, religious and professional associations, but also (3) interested collective actors in the countries of origin and destination (e.g. Non-Governmental Organizations, supra-national organizations such as UNHCR, sending and receiving country governments, political parties, unions and employer organizations)." (FAIST, 2010, p. 69).

nossa)[70].

Segundo Faist (2010), o capital social facilita a migração por meio: a) das considerações funcionais devido às trocas motivadas pelas expectativas de ganhos materiais ou sociais (de informações sobre trabalho, moradia, acesso à documentação, passagem pela fronteira etc.); b) das expectativas normativas que engendram normas de reciprocidade baseadas na confiança (por exemplo, alguém ajudar uma pessoa que lhe prestou ajuda anteriormente); e c) das identidades coletivas que fundamentam laços de solidariedade.

De acordo com Faist, a ênfase nos vínculos e nas relações, nos coletivos e nas redes, gera uma análise de nível intermediário na medida em que essa abordagem permite entrever que a migração internacional ocorre por causa de "eventos precipitadores", relacionados às estruturas "macros", mas a amplitude e a permanência do fluxo ao longo do tempo depende de como, através dos laços e relações sociais, "os migrantes e sedentários aproveitam as oportunidades oferecidas pelas limitações de nível macro" (FAIST, 2010, p. 70, tradução nossa)[71].

Faret (2003) é um geógrafo francês que pesquisou o sistema migratório formado entre o município de Ocampo, situado no noroeste do México, e os Estados Unidos. Esse autor usou o referencial das redes para explicar o processo migratório em questão, mostrando que as elas expressam um "saber" e um "poder", particularmente quando se trata um fenômeno migratório como processo social que combina: estratégias dos atores, lógicas de natureza coletiva e constrangimentos externos (FARET, 2003). Em sua pesquisa de campo, Faret verificou a importância das redes para a migração dos ocampenses e encontrou, inclusive, ocorrência de empréstimo temporário de documento para a migração (visto ou passaporte) para permitir a passagem através da fronteira. Faret deparou-se ainda com um caso de um jovem de 18 anos chamado Manuel que não realizou seu projeto migratório porque não teve

[70] No original: "Social capital are those resources inherent in patterned social ties that allow individuals to co-operate in networks and collectives, and/or that allow individuals to pursue their goals. (...) Social capital also serves to connect individuals to networks and collectives through affiliations. Social capital thus has a dual thrust: it facilitates co-operation between individual (and group) actors in creating trust and links individuals to social structures. Furthermore, social capital serves to mobilise financial, human, cultural and political capital" (FAIST, 2010, p. 73).

[71] No original: "(...) movers and stayers take advantage of the opportunities offered by macro-level constraints" (FAIST, 2010, p. 70).

acesso às informações e aos serviços de atravessadores. Depois de andar durante oito dias sem conseguir trabalho nas fazendas da região, foi interceptado pela patrulha migratória e reconduzido à fronteira mexicana. É nesse sentido que os recursos – como expressões do capital social – estão vinculados aos processos de cooperação que facilitam a migração no que se refere tanto ao percurso quanto à instalação.

Também há autores dedicados a problematizar o uso desse referencial nos estudos migratórios, argumentando sobre os seus limites explicativos. Krissman (2005) é um desses autores que critica algumas pesquisas realizadas – com ênfase na abordagem das redes sociais – em função da não incorporação de atores importantes nas redes migratórias como, por exemplo, os empregadores que demandam trabalho de imigrantes e os recrutadores e atravessadores que viabilizam os deslocamentos[72].

As redes tiram a ênfase do indivíduo e de seus atributos, como aponta Mercklé (2011), e orientam o foco para as relações existentes entre os indivíduos e para como eslas modelam os comportamentos individuais e, ao mesmo tempo, configuram estruturas sociais. Dessa forma, cabe lembrar que um dos efeitos das redes é que elas permitem ou obstaculizam o acesso aos recursos nela disponíveis dependendo da inserção do indivíduo nesse arranjo de relações, pois as posições ocupadas pelos agentes "podem potencialmente: a) alterar os resultados; b) influenciar as ações, estratégias, alianças e oposições e c) influir sobre as propensões cognitivas dos atores (inclusive as suas preferências)" (MARQUES, 2007, p. 157)[73].

Segundo Degenne (1983), as redes devem ser vistas como expressão das relações humanas, sendo que as características das redes pessoais (tamanho, forma, densidade, entre outros aspectos) variam de acordo com o indivíduo dependendo de sua classe e do status social. É nessa perspectiva que o olhar para as redes sociais relaciona-se aos mecanismos de seletividade, ainda mais se a análise for enriquecida com os conceitos de capital social e cultural de Bourdieu. Isso porque esse autor

[72] Importante ressaltar que Krissman diferencia a análise de rede (network analysis) do conceito de rede usualmente utilizado pelas pesquisas sobre migração.

[73] Marques (2007) aborda em seu texto a análise das redes para pensar sobre fenômenos políticos, sendo a questão do posicionamento dos atores – segundo o léxico do autor – uma das perspectivas a ser valorizada pelos estudos. Além dessa dimensão, Marques cita o uso analítico das redes para iluminar o conhecimento sobre os efeitos da estrutura da rede sobre os fenômenos existentes em um dado contexto. Também é possível usar o referencial das redes para pensar as repercussões que diferentes estruturas de rede trazem para os fenômenos em questão.

reconhece a estreita relação entre a posição ocupada pelo indivíduo na hierarquia social e a quantidade de capital (econômico, cultural e social) que ele possui (BOURDIEU, 1989). Para o autor, a compreensão do posicionamento do indivíduo no espaço social é essencial para indicar seu acesso às vantagens e às oportunidades disponíveis nesse espaço:

> O capital – que pode existir no estado objectivado, em formas de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo [...], logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e de ganhos. As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (BOURDIEU, 1989, p. 134).

Em outras palavras, Bourdieu insiste no fato de que as "aptidões" são dependentes do tempo e das condições que os indivíduos tiveram para construí-las, sendo resultante de um processo que indica o acesso e/ou a posse de capital cultural e que é determinado por estruturas sociais e por práticas internalizadas[74].

Se considerarmos que as "aptidões", no âmbito de uma análise sobre migração, representam as capacidades (adquiridas e aprendidas), estas podem engendrar mais ou menos "coação" diante das regras do jogo – voltando à metáfora bourdieusiana – que, no caso, evidenciam as oportunidades e as condições nas quais os deslocamentos são planejados e realizados.

Pensando nesses termos a imigração de brasileiros para a França e retomando o argumento de De Haas (2010), de que o peso do capital social para viabilizar a migração é inverso à quantidade de capital econômico e cultural dos migrantes, o protagonismo do capital social e o suporte conferido pelas redes possuem dinâmicas de funcionamento distintas entre diferentes tipos de migrantes. Essas diferenças manifestam-se tanto na sociedade de origem, antes de emigração, como na inserção na sociedade de destino:

> As pessoas que possuem altos níveis de capital econômico, humano e cultural estarão mais aptas a migrar sem a ajuda dos outros, por exemplo, através da obtenção de vistos de trabalho. A alta dependência relativa do capital social, por parte dos migrantes pouco qualificados, para facilitar a migração ajuda a explicar em parte porque esses migrantes tendem a se aglomerar em cidades e bairros específicos, em oposição aos padrões dos imigrantes altamente

[74] Vale lembrar que, para Bourdieu, essas práticas não são socialmente universais, mas dependem da posição relativa do indivíduo no espaço social e dos estilos de vida correspondentes.

> qualificados, que estabelecem assentamentos de forma mais individualizada e espacialmente mais difusa (...) (DE HAAS, 2010, p. 1.603, tradução nossa)[75].

Nesse sentido, a dependência do capital social e a centralidade das redes sociais para a gênese dos projetos migratórios e para a operacionalização da migração dependem da posição social do potencial migrante e dos "trunfos" que ele possui. Para um brasileiro que tem pouca ou nenhuma qualificação profissional e não fala francês, por exemplo, que concebe a migração para a França como uma estratégia articulada aos seus interesses econômicos (ter um trabalho e/ou ganhar um salário maior), os recursos disponíveis nas suas redes no Brasil e na França tendem a cumprir um papel primordial na sua construção migratória, pois, sozinho, esse potencial migrante (ou imigrante) não poderia obter as informações e os auxílios capazes de fomentar seu projeto migratório para a França e sua inserção na sociedade. Mas como as redes sociais e os recursos nelas disponíveis não são idênticos para todos os migrantes, a posição social, nesse caso, define a posse ou não de "trunfos" que orientam os migrantes, inclusive na forma como participam de redes e usam recursos, tal como apontam Ryan et al. (2008) em estudo sobre a recente imigração de poloneses em Londres. Nos achados da pesquisa de campo realizada, as referidas autoras identificaram, seguindo o referencial de Bourdieu, como a posse de capital econômico e cultural engendra redes sociais mais amplas e intensifica o acesso ao apoio e recursos, demarcando distinções entre migrantes qualificados e não qualificados (RYAN et al., 2008).

Um aspecto ressaltado por alguns autores como Massey et al. (1987) sobre a dinâmica das redes em processos migratórios refere-se ao fato de que a expansão e a consolidação dessas redes forjam "pontes" entre origem e destino e que, ao longo do tempo, estas podem atingir um nível de maturidade tal que viabilizam uma sustentação autônoma dos fluxos.

Por outro lado, De Haas (2010) critica a ideia de sistemas migratórios que engendram fluxos autossustentados, argumentando que essas leituras do fenômeno

[75] No original: "People possessing high levels of economic, human and cultural capital will be better able to migrate without the help of others, for instance through obtaining work visas. Their relatively high dependence on social capital to facilitate migration partly helps to explain why low-skilled migrants tend to cluster in specific towns and neighbourhoods as opposed to the more individualized and spatially more diffuse settlement patterns of high-skilled (...) (DE HAAS, 2010, p. 1603)

não percebem os efeitos negativos do processo social que consolida a rede migratória e também que elas não respondem porquê a maioria dos deslocamentos iniciais "falham", isto é, não engendram a construção de uma rede migratória, nem de um sistema migratório. Esse é um dos aspectos de fragilidade da abordagem da "causação cumulativa", na medida em que há pesquisas apenas sobre as redes existentes, o que não permite acesso ao conhecimento sobre o fracasso na formação dessas redes (DE HAAS, 2010).

Em relação à distinção entre os tipos de redes relacionadas aos processos migratórios, Soares (2004) fornece uma conceituação de redes pessoais, sociais e migratórias. Segundo esse autor: a) as redes pessoais são aquelas fundamentadas em laços de amizade e parentesco; b) as redes sociais, por sua vez, reúnem além de pessoas, organizações ou instituições sociais que se vinculam por relações políticas, econômicas, religiosas, entre outros tipos e c) as redes migratórias constituem um tipo particular de rede social que articula redes sociais existentes de forma a viabilizar seu objetivo específico que é a migração.

Quando existem restrições à livre entrada e permanência de migrantes, as redes migratórias tendem a funcionar com o intuito de facilitar a migração de indocumentados e envolvem a presença de indivíduos e organizações (agências de viagens, agências de transporte, recrutadores, atravessadores, falsificadores). No caso do Brasil, são bastante conhecidas as redes migratórias que atuam no fluxo de Governador Valadares e de Criciúma para os Estados Unidos[76].

Machado e Reis (2007) citam que haveria um "aproveitamento" da estrutura criada na migração de valadarenses para os Estados Unidos que, diante dos maiores obstáculos para atravessar a fronteira estadunidense, tem sido utilizada para suportar uma reorientação do fluxo para a Europa, em particular para Portugal. Nesse sentido, é pertinente supor que possam ocorrer extravasamentos para outros países, inclusive a França.

[76] Há uma bibliografia generosa sobre os papéis das redes nestes fluxos que, via de regra, envolvem uma estrutura de emigração indocumentada. Sobre o assunto, recomendo o segundo capítulo do livro de Margolis (1994) e os artigos de Assis (2008) e Machado e Reis (2007).

Bernardo[77], que é originário da Região de Governador Valadares, é um imigrante brasileiro na França que foi para lá em 2008, graças a uma rede de "migração irregular"[78]. Nesse caso, o lugar de Bernardo no espaço social (ser jovem, estar desempregado e ter acesso aos recursos que operacionalizam a migração) deve ser notado em relação ao fato dele possuir um relativo capital econômico (ter dinheiro para a viagem e para pagar os atravessadores) e quase nenhum capital cultural (baixo nível de escolaridade, tendo completado o primeiro grau e abandonado os estudos). Ou seja, pelas disposições que lhe são inerentes, pelo *habitus*, Bernardo sequer poderia, sozinho, pensar em ir para a França – um país que ele desconhecia –, muito menos teria conseguido trabalhar e se estabelecer na periferia de Paris sem documentos, onde vivia em um pequeno apartamento que, segundo me contou, ele havia alugado em seu nome. Abaixo reproduzo dois trechos da entrevista na qual Bernardo contou "porqu^ê" foi para a França e o que esperava encontrar nesse destino:

> **Bernardo:** [...] Conheci um rapaz. Conheci um rapaz, ele... Coiote. Ói só, coiote pra França [sic]. [Pausa]
>
> **Pesquisadora:** Ah, é?! [Risos]
>
> **Bernardo:** Conhecemo... Conheci um rapaz, ele falou: "Não sô, vai pra França! Eu tenho dois irmãos lá, tenho amigos. Eu mando alguém lá buscar no aeroporto, eles vão te levar pra casa de brasileiros e eles vão te arrumar trabalho." [Pausa] Conversei com esse amigo meu. Nós... "E aí? Vamo encarar essa?" Eu nem pensei na possibilida... Eu nem pensei assim "Nó, eu não falo nada em Francês... Eu não conheço ninguém." Eu não pensei nada disso. [...]
>
> **Pesquisadora**: Cê nunca mudou de cidade, lá [no Brasil]?
>
> **Bernardo**: Não. Nun...
>
> **Pesquisadora**: [Sorrindo] Diretamente do interior de Minas pra Paris.
>
> **Bernardo**: [Sorrindo] Direto do interior de Minas pra Paris! [Risos]
>
> **Pesquisadora**: E qual a imagem que cê tinha da França, antes de vir pra cá?
>
> **Bernardo**: Torre Eiffel.
>
> **Pesquisadora**: É? [Risos]
>
> **Bernardo**: [Sorrindo] Tudo resumia à torre. [Risos] Que eu via no filme...Então, tudo se resumia ali, na torre, pra mim. Conhecia mais nada. Eu nunca gostei de história. [Bernardo, em entrevista realizada em 22/09/2012].

Por outro lado, há casos em que o potencial migrante possui capital cultural

[77] O projeto migratório de Bernardo e sua realização estão detalhadamente analisados na última parte deste capítulo.

[78] A expressão aparece entre aspas porque a migração é irregular do ponto de vista jurídico da sociedade de destino, mas registramos que este não é nosso entendimento por reconhecermos os direitos dos migrantes e entendermos que essas classificações corroboram práticas xenófobas.

elevado e, mesmo assim, a rede cumpre um papel fundamental para o seu deslocamento. A diferença, no entanto, é que esses casos tratam de trabalhadores qualificados – por isso "desejados" – inseridos em redes corporativas ou institucionais que fomentam uma "migração regular" e configuram um tipo de migração que Tilly (1986) definiu como "migração de carreira": casos em que o indivíduo desloca-se por causa de oportunidades de trabalho que advêm da profissão exercida ou no âmbito da empresa/organização na qual o indivíduo se insere (TILLY, 1986).

No caso dos brasileiros que migram como estudantes, geralmente há uma relação prévia com a França em razão da área de estudos e/ou atuação, ou ainda uma facilidade devido ao custo menos elevado, já que as universidades francesas são gratuitas e não cobram taxas exorbitantes. Nesse sentido, funcionam os vínculos entre instituições promovidos por projetos de cooperação científica e a francofilia presente em importantes universidades brasileiras, que configuram redes sociais que podem tanto promover como viabilizar os deslocamentos de estudantes brasileiros por meio de incentivos como bolsas de estudos, projetos de cooperação ou intercâmbio.

O acesso dos potenciais migrantes às organizações – como empresas, universidade, agências de programa para *Au Pair*[79] etc. – é mais ou menos importante para viabilizar a gênese de projetos migratórios que envolvam a França e que permitem a migração dependendo do perfil do migrante e da modalidade migratória que a mobilidade assume. Esse aspecto reforça o argumento de que quanto mais capital econômico e cultural o migrante dispõe, menos ele depende do capital social (DE HAAS, 2010) e maior sua autonomia para a realização da migração em relação a este, ainda que sua disposição e seu interesse não sejam nunca independentes de seu posicionamento social (BOURDIEU, 2004), discussão que evoca a questão da interferência da posição do agente para o desenrolar de um fenômeno (MERCKLÉ, 2011).

Nas entrevistas realizadas com os migrantes, foi possível notar que a ida para a

[79] Trata-se de programas para jovens ir para o exterior trabalhar "cuidando" de crianças ao mesmo tempo em que aprendem o idioma. Normalmente, a experiência de ser "au pair" no exterior é "vendida" como um intercâmbio, uma forma de viabilizar uma estada no exterior trabalhando "pouco" e permitindo conhecer uma nova cultura e um novo idioma. Redondo (2013) realizou um estudo de caso sobre a presença de "au pair" brasileiras na França e analisa aspectos menos glamorosos da experiência.

França demandou recursos disponíveis nas redes através a) do contato com outros brasileiros na França, b) da inserção em organização francesa, c) da obtenção de bolsa de estudos por meio de projetos de cooperação, d) de ter agências de recrutamento para jovens *au pair*, entre outros. Entretanto, também se registrou a importância das "aptidões" dos migrantes para permitir a migração como, por exemplo, conseguir um orientador francês, ter conhecimento prévio do idioma, contar com representações simbólicas sobre a França etc. Em grande medida, os achados empíricos evidenciam a questão da diversidade dos tipos de migrantes, dos interesses e estratégias distintos, e reforçam a necessidade analítica de olharmos para as modalidades migratórias e para o processo social que as engendra.

Antes de existir "objetivamente" enquanto movimento no espaço, essa mudança precisa ser "arquitetada". Muitas vezes, é meticulosamente planejada, outras vezes são mais imediatistas. De qualquer forma, sua realização evoca a gênese dos projetos migratórios.

2.1.3. O projeto migratório

Conforme aponta Ma Mung (2009), a perspectiva da autonomia para explicar as migrações é um caminho para sair do debate teórico que aposta na leitura polarizada da migração como processo determinado, ora resultado de fatores macroeconômicos, ora explicado pelas dimensões individuais. A proposta desse autor é investigar, então, a forma através da qual o "interior" (entendido como as disposições individuais) organiza para si a exterioridade material e social (os fatores macroestruturais). Ma Mung enfatiza que o projeto migratório assume a expressão da capacidade individual de iniciativa e de realização, isto é, uma evidência de suas capacidades de "saber-fazer" e "poder-fazer". No primeiro caso, um "saber-fazer", pois os indivíduos e os coletivos reformulam os contextos em que vivem de alguma maneira; e depois um "poder-fazer" já que se adota um pressuposto de iniciativa, reconhecendo uma capacidade dos indivíduos de agir sobre estes contextos.

O projeto migratório deve ser encarado, nessa abordagem, como um procedimento estratégico, ligado à realidade prática e ao contexto que o cerca. É uma construção intencional, uma projeção sobre o futuro, cujo conteúdo está em "constante redefinição em função da história, dos percursos e das experiências migratórias" (MA

MUNG, 2009, p. 33, tradução nossa)[80].

O uso da noção de projeto migratório é revelador da capacidade de "poder-fazer" dos migrantes e sinaliza para uma perspectiva que privilegia o indivíduo migrante como alguém com intenções e com capacidade de ação: "(...) sabendo que quaisquer que sejam o peso das restrições e condições (naturais e sociais), há uma porção de iniciativa nas ações dos sujeitos. É imperativo então enfatizar as iniciativas ao invés das restrições" (MA MUNG, 2009, p. 30, tradução nossa)[81].

Um aspecto central dos desafios envolvidos na análise das migrações internacionais é a distinção usual (mesmo quando não explicitada) entre migrações forçadas e voluntárias. Recorrentemente, os *migrantólogos* adotam o princípio classificatório de que aqueles migrantes que buscam refúgio são "migrantes forçados", como é o caso, por exemplo, dos deslocados por causa dos conflitos na região de Darfur no Sudão (SIMON, 2008). Por outro lado, os latino-americanos que migram para os Estudos Unidos tendem a ser classificados, ainda que implicitamente, como "migrantes voluntários" porque, a princípio, "poderiam" ter permanecido em seus países de origem[82]. Na prática, isso significa reconhecer, ainda que como pressuposto oculto, que, no primeiro caso, o grau de liberdade para a realização do deslocamento é nulo ou quase inexistente, enquanto, no segundo caso, houve uma escolha, ainda que ela não seja feita com plena autonomia. Constrangimentos e oportunidades tendem a ser, em diferentes níveis, inerentes aos potenciais migrantes. Entender porque alguém migra de um local para outro e como isso é possível demanda, do ponto de vista sociológico, o reconhecimento de um nível de agência – entendida como a capacidade de ação dos indivíduos dentro de um campo de forças sociais.

Dessa forma, se parto do pressuposto que os brasileiros que foram para a França agiram com algum nível de autonomia e defino esta migração como "voluntária", uma explicação sociológica do fluxo demanda a incorporação da agência desses

[80] No original: "em redéfinition constante en fonction de l'histoire, des parcours et de l'expérience migratoire" (MA MUNG, 2009, p. 33).

[81] No original: "(...) à savoir que quel que soit le poids des contraintes et conditions (naturelles et sociales), il y a une part d'initiative dans les actions des sujets. Il faut alors mettre l'accent sur les initiatives plutôt que sur les contraintes." (MA MUNG, 2009: p. 30)

[82] A não ser que se trate de autores cujas perspectivas analíticas são centradas na explicação macroestrutural, de que o migrante não é agente porque em última instância não há espaço para a ação do indivíduo, que sofre impreterivelmente os efeitos da reprodução da ordem social.

migrantes na análise, ainda que o grau de liberdade para a tomada da decisão de emigrar do Brasil e imigrar na França não seja nunca total, pois não se ignora o peso das estruturas econômicas e políticas que estão além das competências individuais e que são fundamentais para a viabilização do projeto.

Nesse sentido, a relação entre as "estruturas objetivas", que existem "independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações" (BOURDIEU, 2004, p. 149), e a "gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos (...) de *habitus*" (BOURDIEU, 2004, p. 149, grifo do autor) é reintroduzida aqui e incorporada em torno da concepção e realização do projeto migratório. Importante ressaltar que esse "projeto" não é algo estático. Ao contrário, só faz sentido usar a noção de projeto migratório no âmbito desta argumentação se o entendemos em seu caráter dinâmico, como um planejamento que se atualiza e se reatualiza nas diferentes etapas do deslocamento[83].

Bouly de Lesdain (1999) constatou que, a partir de uma pesquisa empírica sobre fluxo de camaronenses para a França, o exame do projeto migratório elaborado antes da partida oferece uma visão estática dos perfis e das motivações dos migrantes. A autora mostrou que mulheres que foram acompanhando seus maridos muitas vezes aproveitam a oportunidade para estudar e assim acabam prolongando sua estada na França para além daquela do seu esposo, assim como encontrou estudantes que não tinham, no momento da emigração, motivações ligadas aos estudos, mas, uma vez na França, seguem sua instrução, impactando seus planejamentos quanto ao futuro.

Esse caráter do projeto migratório foi bastante enfatizado por Boyer (2005), que destacou a influência das informações, intercâmbios e experiências do migrante ao longo de sua trajetória para a atualização constante de suas projeções para seu futuro migratório. Essa autora reconhece que o projeto é resultado de uma negociação permanente que advêm de diferentes escalas (da conjuntura econômica ao grupo social, da rede migratória aos parentes que ficaram na origem), mas também aponta para a dimensão subjetiva, pois numa perspectiva individual o projeto resulta de uma

[83] A apresentação de algumas trajetórias selecionadas para efeitos de ilustração no final do capítulo revelam esse aspecto da migração como um processo em movimento.

construção do agente sobre um "porvir migratório", através de suas representações e de suas leituras sobre a realidade, no local de origem e no destino. Em outras palavras, Ma Mung (2009) também faz referência a isso quando aborda o papel da "criação migratória" no processo que engendra a própria formulação do projeto: "Essa imaginação, essa criação de um mundo predisposto a acolher a migração é concomitante de elaboração de um projeto de migração com intenção de deixar um lugar para outro" (MA MUNG, 2009, p. 35, tradução nossa)[84]. Importante dizer que essa dimensão criativa tem, para Ma Mung, um efeito ativo e retroativo sobre o projeto migratório. Nos projetos migratórios analisados no final deste capítulo, é possível verificar como essa "criação migratória" manifestou-se em função de aspectos distintos:

- Bernardo é um caso em que a "criação migratória" foi facilitada pelo capital social disponível dada sua proximidade junto às redes que fomentam a emigração e, no seu caso, o projeto migratório é uma alternativa "evidente" quando ele perde o emprego;
- Érica tinha o sonho de estudar inglês, mas a ida para a Irlanda com o seu namorado "abriu novos horizontes" para sua criação migratória: dessa primeira experiência migrante, nasceu o "projeto França", o desejo de aprender um novo idioma, um porvir em aberto pela existência de novos projetos pessoais e profissionais;
- Leonardo tinha o desejo de sair do Brasil desde adolescente e avalia sua emigração como uma "fuga", a possibilidade de escapar de um lugar no qual ele sempre se sentiu "estranho". O "porvir migratório" prometia a ele a oportunidade de se encontrar e de ter uma vida mais condizente com seus valores e seus objetivos;
- Lígia via no relacionamento com um "estrangeiro" a possibilidade de realizar tudo aquilo que sonhava e entendia que esse "caminho" lhe abriria as portas para alcançar seus sonhos. O "estrangeiro" – enquanto parceiro e um território estranho – é que lhe permitiria ter uma casa, ter uma família, ter uma vida que correspondesse aos seus anseios.
- Marcílio aponta para a sua criação migratória quando narra sua trajetória,

[84] No original: "Cette imagination, cette création d'un monde predisposée à accueillir la migration est concomitante de l'élaboration d'un projet migratoire comme intention de quitter um lieu pour um autre" (MA MUNG, 2009, p.35).

dizendo ter contraído o “bichinho da viagem” na primeira vez que saiu do Brasil, enviado à Suíça pela empresa onde trabalhava. Desde então, não conseguiu mais ficar satisfeito com sua vida no Brasil, uma trajetória recheada de chegadas e partidas desde 2000, com estadas no Canadá, na Inglaterra, na Itália e na França;

• Nara tinha 18 anos, vivia numa cidade pequena, nunca tinha viajado para muito longe, muito menos sem os pais. Sempre “sonhou” estudar fora e num momento biográfico difícil, o projeto migratório desabrochou como uma possibilidade de mudança pessoal: decidiu ir para Londres com base em uma construção bastante idealizada (é possível até classificá-la de ingênua) e que implicou em muita frustração, pois sequer passou pela imigração inglesa e, conforme me disse, não imaginava que haveria dificuldades, achava que seria “tudo maravilhoso”.

Usando os referenciais discutidos, o projeto migratório será tomado como um *locus* privilegiado. Entendemos que a concepção e atualização dos projetos, que foram apreendidos a partir de entrevistas com os migrantes, revela uma dinâmica que deixa entrever como as estruturas “macro” – que orientam e coagem as práticas dos agentes – conectam-se aos interesses e às estratégias dos migrantes, de acordo com as disposições que lhes são inerentes.

2.2. Projetos migratórios e modalidades no fluxo Brasil-França

Na revisão sobre as principais teorias contemporâneas elaboradas para explicar as migrações internacionais, Massey et al. (1998) elaboram uma divisão entre as teorias que explicam o início de um fluxo de migração internacional e as teorias que apontam os elementos para o entendimento do porquê esses fluxos se perpetuam. Os autores enfatizam que o objetivo não é defender uma ou outra abordagem, mas indicar os pontos fortes e fracos de cada formulação. Recomendam que o pesquisador fique atento ao contexto para “escolher” a perspectiva que possa trazer mais ganhos analíticos ao objeto específico.

Bakewell (2010), por sua vez, entende que esse pode ser um caminho “arriscado”, no sentido de que é possível combinar o uso de teorias com fundamentos epistemológicos distintos. Esse autor apresenta uma reflexão sobre a incorporação da

problemática "estrutura versus ação" [85] na teoria sobre a migração. Sua sugestão é a contemplação da condição estrutural (que promove a emigração e permite a imigração), juntamente com o nível relacional dos migrantes e a elaboração estrutural que advém da formação das redes sociais e dos sistemas migratórios. Para Bakewell, o desafio é esboçar uma teoria que consiga entender esses elementos e o mecanismo causal que levam a eles[86].

Por outro lado, Castles (2010) é mais cético quanto à formulação de uma teoria geral sobre a migração, alegando que a complexidade dos movimentos migratórios contemporâneos reverbera na dificuldade de se considerar tantas especificidades. Porém, esse autor reconhece a necessidade de conciliar a ação e a estrutura e argumenta sobre a urgência de se forjar um arcabouço conceitual que considere os processos de transformação social em curso.

Apesar de certas divergências, tanto Bakewell (2010) quanto Castles (2010) entendem que as recomendações de Massey et al. (1998) são fundamentais em um estudo sociológico contemporâneo sobre migrações internacionais:

1) abordar as forças estruturais que promovem a emigração na origem;
2) contemplar os fatores estruturais que permitem a imigração no destino;
3) considerar as motivações, objetivos e aspirações dos migrantes;
4) analisar as estruturas econômicas e sociais que se formam para conectar os espaços de imigração e de emigração.

Além disso, Castles (2010) insiste que, no cenário atual, é fundamental entender as mudanças e os processos globais, que se manifestam em experiências concretas como, por exemplo, a nova geografia social global ou o crescimento das ocupações ligadas ao cuidado – *care economy*[87] – em países desenvolvidos. Segundo Castles

---

[85] O léxico é do próprio autor, que evoca a expressão inclusive no título de seu trabalho (BAKEWELL, 2010).

[86] Bakewell (2010) argumenta que o problema da estrutura e da ação é o grande obstáculo para uma teoria da migração. Recomenda que o corpo teórico deve buscar responder: a) Quem se move da A para B e por quê? b) Por que quem se moveu foi para B e não para C? e c) Por que foram naquele dado momento e não em outro?

[87] Hirata e Guimarães (2012) discutem como a tradução da palavra inglesa *care*, no âmbito do *care work*, é uma tarefa difícil, por isso muitas vezes o léxico inglês é mantido. No entanto, as autoras também explicitam que quando recorrem à tradução, utilizam a palavra "cuidado" que lhes parecem apropriada para o sentido de *care*. Nesta tese, as referências às atividades de cuidado devem ser pensadas como *care work*.

(2010), o aumento da demanda por cuidados nos países desenvolvidos relaciona-se a um processo de transformação social em curso, que envolve o surgimento de uma nova economia associada, nos países ricos. ao crescimento de economias informais (principalmente na agricultura, limpeza e restauração) e ao crescimento da economia do "care". Ou seja, apesar de se tratar de configurações locais do mercado de trabalho, revelam-se padrões recorrentes que apontam para as conexões entre experiências concretas e mudanças globais (GUIMARÃES, HIRATA e SUGITA, 2011). Essas mudanças impactam tanto autóctones quanto principalmente os migrantes, que são mais propensos a aceitar tais ocupações[88].

Não é pertinente supor que as pessoas se deslocam apenas devido à expectativa de obter um salário maior. Ao contrário, não é raro que a vida na França esteja associada a um rebaixamento de estatuto social[89] ou a uma piora nas condições de vida, decorrentes da perda de "privilégios" que tinham no Brasil, tais como carro próprio, moradia mais confortável, entre outros. Como me disse uma imigrante brasileira na França, no momento em que nos despedíamos após a entrevista, "é melhor ser pobre em Paris, do que classe média em São Paulo"[90]. Por último, não é possível ignorar as "pontes" econômicas e sociais que se estruturam para ligar os espaços que compõem o fluxo. No caso da imigração brasileira na França, isso significa reconhecer

[88] Entre as mulheres brasileiras migrantes retornadas e as que viviam na França quando me concederam as entrevistas, as ocupações como cuidadoras de criança ou idosos e como profissionais da limpeza apareceram com frequência, principalmente quando se trata de estudantes que não possuem bolsas de estudos. A "economia do cuidado" tem atraído a atenção de diversos estudos, inclusive relacionando o aumento da demanda por serviços relacionados ao cuidado com os atuais fluxos migratórios sul-norte (ZELIZER, 2008).

[89] Os casos encontrados na pesquisa de campo são inúmeros quanto a esse aspecto, principalmente quando a migração é motivada por estudos, e o imigrante precisa trabalhar para se manter. Nesses casos, pessoas que trabalhavam em atividades intelectualizadas no Brasil, uma vez na França, trabalham como faxineiras, cuidadores de crianças e idosos, na cozinha ou servindo mesas no setor da restauração.

[90] Esta fala evoca a dinâmica que Sales (1999) identificou no caso da imigração brasileira na região de Boston quando a experiência migratória engendra a possibilidade de uma vivência de igualdade, no sentido de que, independentemente da condição social no Brasil, uma vez que estão na sociedade de destino, esses migrantes não precisam recorrer aos símbolos de status que são importantes no Brasil. De acordo com a autora, isso se manifestava nos depoimentos quando os brasileiros alegavam que não precisam se preocupar com sua vestimenta, com serem bem tratados no ambiente profissional e com recorrer aos serviços públicos do país. Nas palavras da autora: "É como se houvesse em tudo isso uma certa quebra do fetiche da igualdade em favor de uma igualdade de outra natureza: *sentir-se sendo igual*, quando sua experiência prévia era a de *só se sentir alguém sendo superior*" (SALES, 1999, p. 205, grifos da autora).

até mesmo um “lugar” para a Inglaterra na análise, dado que, em várias trajetórias migratórias observadas, a França foi uma opção viável por causa da deportação ou do fracasso na tentativa de entrar em território inglês. Nesse sentido, a análise centrada no projeto migratório permite o acesso aos mecanismos que conectam os brasileiros à França e que viabilizam o deslocamento. Como sugere Bourdieu, a quantidade de capital (econômico, cultural e social) pertencente a um indivíduo não pode ser dissociada da sua localização no espaço social: seu posicionamento é essencial para indicar o acesso que ele tem a certas vantagens e oportunidades. Por isso, o capital disponível aos potenciais migrantes, em suas diversas facetas, impacta seu nível de autonomia para a decisão de permanecer e partir, bem como das motivações que justificam o deslocamento. A gênese e a execução de projeto migratório dependem do capital humano, cultural e financeiro que ele pode dispor e do capital social correspondente que viabiliza o projeto “emigrar do Brasil” e “migrar para a França”.

No caso do capital social, ele pode estar disposto em redes transnacionais[91] que envolvem migrantes, não migrantes e instituições (FAIST, 2010). O capital inerente e acessível ao indivíduo cumpre função importante na medida em que: (1) viabiliza a gênese do projeto (ter acesso a informações e oportunidades que tornam a ida para determinado país uma possibilidade em razão de determinadas condições na origem), (2) suporta a realização do projeto (conseguir recursos que financiam ou condições que justificam o deslocamento) e (3) fornece dinamismo ao projeto que se realiza (ajudando na inserção e na integração na sociedade de destino).

Na argumentação precedente, foi bastante enfatizado o aspecto da seletividade

[91] De acordo com Vertovec (2010) o termo transnacionalismo tem sido alvo de diversas abordagens conceituais distintas que abarcam seu uso como 1) morfologia social, para falar de formações que abrangem fronteiras como, por exemplo, para refletir sobre as chamadas diásporas étnicas; 2) tipo de consciência, na medida em que a perspectiva transnacional evoca a questão da dupla ou múltiplas identidades; 3) modo de reprodução cultural em função da gênese de “culturas híbridas” que ensejam “novas etnicidades”; 4) via do capital, dada a emergência das corporações transnacionais forjadas no âmbito de uma estrutura produtiva flexível e global; 5) espaço de engajamento político, como mostra a atuação de Organizações Não Governamentais; 6) reconstrução do “lugar”, dado o aumento da mobilidade humana e as novas TICs e seus impactos para a relação dos indivíduos com o espaço, que viabilizam conexões e posicionamentos em mais de um país. Um exemplo da dimensão transnacional para a migração se encontra na abordagem de Glick-Schiller, Basch e Blanc (1995), que falam de “transmigrantes” como sendo os imigrantes cujas vidas cotidianas dependem da várias e constantes interconexões estabelecidas através das fronteiras internacionais e cujas identidades sociais relacionam-se a mais de um Estado-Nação.

migratória e o reconhecimento de que diferentes perfis de migrantes possuem interesses e estratégias distintas. Essa diversidade remete às localizações desses migrantes, sejam efetivos ou potenciais,no “hierarquizado” espaço social (BOURDIEU, 1997). Além da diferenciação, essa relação espacial também remete aos espaços de pertencimento do indivíduo, isto é, aos lugares com os quais ele trava relação e com os quais se mantém ligado, dimensão traduzida através do conceito de espaço de vida de Courgeau (1988). O conceito de espaço de vida formulado pelo autor foi pensado para servir ao propósito de pensar o indivíduo e suas relações com o espaço com ênfase na dimensão coletiva (pertencimento a um grupo, a uma comunidade etc.).

Nesse sentido, o desenvolvimento das novas TICs – e as múltiplas formas de presença e ausência que engendram – impactam os espaços de vida dos indivíduos, dado que esses espaços englobam não apenas os lugares de passagem e de permanência, mas, igualmente, todos os outros lugares com os quais o indivíduo relaciona-se, mesmo à distância (COURGEAU, 1988). É por isso que Truzzi (2008) chama a atenção para a relação complexa que se estabelece entre os “mapas mentais” dos migrantes e os “mapas geográficos”. Lugares distantes no espaço físico podem ser muito mais próximos do que lugares próximos em termos de distância objetiva (TRUZZI, 2008)

Ou seja, os diferentes tipos de migrantes fazem referências às distintas disposições que possuem (BOURDIEU, 1989, 2004, 2011) e aos espaços de vida particulares (COURGEAU, 1988), diferenças que dificilmente poderiam repercutir em processos migratórios homogêneos. É por isso que a incorporação das modalidades migratórias para municiar a compreensão sobre a dinâmica do fluxo mostra-se como um caminho teórico e metodológico fundamental. Ainda mais no contexto contemporâneo de “novos migrantes” e de “novos perfis”, tal como aponta Wihtol de Wenden (2001).

Como os diferentes perfis de migrantes não “sofrem” de forma idêntica os entraves da política migratória – como atesta a política de atração de trabalhadores estrangeiros qualificados instituída pela França (DUMONT, J., 2006)[92] – e os constrangimentos políticos e sociais para sua inserção na sociedade de destino, as

[92] O leitor encontra uma reflexão em torno da política migratória francesa no quarto capítulo.

estratégias associadas à realização da migração também assumem e refletem essas nuances. Essas distinções estão presentes nas possibilidades da "criação migratória" (MA MUNG, 2009), no nível de autonomia sobre a decisão de migrar, na forma jurídica que a migração vai assumir no destino, entre outras dimensões. O olhar para as modalidades migratórias permite a análise do fluxo em sua heterogeneidade, sem perder de vista os processos migratórios, bem como o processo social que lhes fornece sustentação.

Analisar o fluxo migratório Brasil-França a partir de uma abordagem explicativa que contemple os fatores estruturais que promovem a emigração na origem e a imigração no destino, bem como que faça jus às transformações sociais em curso e que não deixe de incorporar a dimensão ativa dos migrantes, incluindo nesta leitura suas motivações, interesses, sua propensão a migrar, entre outros fatores, não é uma tarefa fácil. Como exercício prático do que isso envolve, apresento a seguir uma reflexão sobre os projetos migratórios de seis imigrantes brasileiros na França (Bernardo, Érica, Leonardo, Lígia, Marcílio e Nara). Esses migrantes foram escolhidos intencionalmente, isto é, procurei colecionar uma diversidade dos perfis, dos projetos e das situações considerando o universo de entrevistados, dado que não é possível contemplar todos os migrantes entrevistados e seus projetos de forma tão detalhada. Os casos analisados representam: a) a migração laboral "clássica" em um contexto de acesso facilitado aos recursos que operacionalizam a migração (Bernardo); b) a circulação estudantil que se atualiza em migração (Érica); c) o processo da chamada "fuga de cérebros" (Leonardo); d) a "criação migratória" de agentes detentores de elevado nível de capital cultural, econômico e político (Marcílio); e) a situação de casamento como estratégia migratória (Lígia); f) o imaginário migratório baseado no "Eldorado" (Nara).

O conjunto dos entrevistados será contemplado no capítulo subsequente, quando o foco da discussão fica na construção analítica das modalidades migratórias enquanto processo social, considerando os interesses que embasaram a formulação dos projetos migratórios dos imigrantes entrevistados na França e dos ex-imigrantes entrevistados no Brasil.

2.2.1. O projeto migratório de Bernardo

Bernardo[93] nasceu em 1982 no interior de Minas Gerais, em uma pequena cidade na região de Governador Valadares, que é conhecida pelo grande número de emigrantes internacionais. Ele tem o primeiro grau completo e trabalhava desde 2000 numa empresa exportadora de café quando, em 2007, foi mandado embora. Chegou a ser procurado por outra empresa exportadora, mas avaliou que "não valia a pena". Nas suas próprias palavras:

> [...] esse outro empresário... [...] Ele me pagava... Ele me pagava pouco mais do que um salário mínimo. Ele, então, disse... Na época, eu fiz o... Eu fazendo meus cálculos, dividindo por trinta, eu tava ganhando cerca de quase vinte reais por dia. Na antiga empresa onde eu trabalhava, eu ganhava muito mais. [...] Agora, pra esse, pra esse rapaz, lá, eu tava ganhando **quase** vinte reais por dia. Só! Se eu convertesse esses vinte reais em euros? Daria um total de oito a nove euros, por dia! Então, falei: "Nossa! Eu tô trabalhando pra ganhar oito euros, por dia!" [...] Então, eu falei: "Não! Eu não vou ficar aqui, não!". [Bernardo, em entrevista realizada em 22/09/2012 – negrito nosso usado para reproduzir a ênfase da fala]

Nessa fala de Bernardo, fica evidente que um constrangimento estrutural (a demissão seguida pela oferta de emprego com pior remuneração) o levou a um "cálculo", manifestando uma racionalidade econômica que incorpora a expectativa de ganho no exterior. No caso de Bernardo, o próprio "cálculo" é um indicativo de um aspecto que envolve uma seletividade, porque não se trata de um "raciocínio" que "qualquer brasileiro" faria. Mesmo se considerarmos o efeito retroativo da elaboração de sua própria experiência, é evidente que a emigração é uma alternativa não apenas concreta, como comum e legítima no contexto no qual Bernardo estava inserido. De acordo com seu depoimento, Bernardo tinha uma irmã e alguns primos que moravam na época nos Estados Unidos e também tinha outros primos em Portugal. Ter esses vínculos e saber dessas experiências são aspectos importantes para entendermos porque Bernardo faz o "cálculo" do seu possível salário em euro que, nesse contexto, alimenta uma "criação migratória" articulada com espaços relativamente longínquos, evidenciando que "os mapas mentais dos que pensam em emigrar são diferentes dos mapas geográficos. Locais em outro continente, mas com parentes e empregos, podem ser emocional e materialmente próximos" (TRUZZI, 2008, p. 207). No planejamento

[93] Entrevista realizada em 22/09/2012 no norte de Paris, França.

inicial, sua ideia era ir para os Estados Unidos, mas pretendia acompanhar um amigo que havia tentado ingressar no país via México e acabara preso durante 70 dias:

> Aí ele foi, ficou preso, voltou. Falei: “E aí? Cê vai continuar?” Ele falou: “Vou, mas pros Estados Unidos eu não quero mexer mais não.” [Risos]. Lá eu não quero mexer, não. Eu quase morri lá. Eu falei: “Vamos pra Portugal. Eu tenho parente lá”. [Bernardo, em entrevista realizada em 22/09/2012]

Decidido, então, a ir para Portugal, Bernardo foi até Governador Valadares para tirar o passaporte, pois ele nunca tinha saído do país até então. Lá, ele conheceu um “coiote” que sugeriu a ele ir para a França:

> [...] Conheci um rapaz. Conheci um rapaz, ele... Coiote. [...] Ói só, coiote pra França. [Pausa] Conhecemo... Conheci um rapaz, ele falou: “Não sô, vai pra França! Eu tenho dois irmãos lá, tenho amigos. Eu mando alguém lá buscar no aeroporto, eles vão te levar pra casa de brasileiros e eles vão te arrumar trabalho.” [Pausa] Conversei com esse amigo meu. Nós... “E aí? Vamo encarar essa?” Eu nem pensei na possibilida... Eu nem pensei assim “Nó, eu não falo nada em Francês... Eu não conheço ninguém.” Eu não pensei nada disso. Em Portugal é fácil, né? Português... Né? [...] Mas eu pensei: “Ah! Vomo... [sic] pela adrenalina, vamo bora!” E a gente veio pra cá. E esse cara cobrou, né – “Não! Mas pra mim te dar [sic] essas informações, mandar alguém te buscar no aeroporto, tem que me dar dois mil reais.” [Bernardo em entrevista realizada em 22/09/2012]

Um “coiote” para a França é sem dúvida inesperado e Bernardo contou-me isso com certo “orgulho” de me trazer essa novidade. O fato remete a um artigo de Machado e Reis (2007) no qual mostram como a imigração de valadarenses para Portugal é recente, mas que houve um “aproveitamento” da estrutura associada máfia de emigração ilegal para os Estados Unidos, que serviu para uma reorientação dos fluxos: “existe em Governador Valadares uma estrutura básica que permite qualquer tipo de imigração – legal ou ilegal – e que esta apenas se aproveitou da demanda por um destino mais barato e se ‘organizou’ em oferecer este novo produto” (MACHADO e REIS, 2007, p. 154).

Além de ter vínculos com migrantes nos Estados Unidos e em Portugal, Bernardo estava em contato com outros migrantes em potenciais e também tinha acesso aos recursos disponíveis em redes relativamente estruturadas que promoviam a migração através de contatos com atravessadores e promessa de trabalho no destino. Bernardo me disse que ficou instigado pela ideia de ir para a França, de ir para um lugar diferente, “porque não vai brasileiro pra lá”. Contou-me que “ninguém acreditava” que ele ia para a França, achavam estranho e que tudo isso serviu para ele como estímulo. Precavido, comprou passagens para Portugal via França, pois se algo desse

errado, ele seguiria para Portugal.

O problema é que, realmente, Bernardo caiu numa rede de tráfico de pessoas. De acordo com seu depoimento, ele pagou dois mil reais pelo "serviço" de ir buscá-lo no aeroporto e leva-lo até um apartamento. Também teve que pagar 100 euros para o motorista e ainda foi informado, quando chegou, que precisaria fazer uma documentação falsa que o permitisse trabalhar, o que lhe custou mais 200 euros. O aluguel, no valor de 200 euros, teve que ser quitado antes de sua entrada. Ele foi levado a um apartamento em uma *Cité* parisiense – as *cités* são prédios que formam conjuntos habitacionais, normalmente servindo de moradia para as classes desfavorecidas. O apartamento era conhecido como "Carandiru":

> [...] No meu quarto tinha seis beliches. [...] Só tinha um espaço no meio pr'ocê andar. Os...seu local de liberd, que cê tinha liberdade é em cima de sua cama. [Riso do entrevistado] [...] É igual prisão. Por isso que é apelido de Carandiru. Porque é igual prisão. [Bernardo, em entrevista realizada em 22/09/2012]

Bernardo morou no "Carandiru" mais vazio, porque tinha "apenas" dezesseis pessoas. Disse-me que havia outros dois com mais de 20 pessoas. O "esquema" chamou a atenção das autoridades francesas e, dois meses depois de sua chegada, Bernardo foi detido pela polícia francesa em uma visita ao local. Acabou sendo liberado porque foi enquadrado como "vítima" da quadrilha, que foi acusada de tráfico humano e confecção de documentação falsa. Liberado depois de um dia inteiro de interrogatórios, Bernardo narrou que nunca mais teve documento falso e que, desde então, trabalha informalmente apenas numa área que está se constituindo um nicho de trabalho para brasileiros: a renovação imobiliária através da prestação de serviços de pintura, acabamentos diversos, entre outros.

A demanda pela força de trabalho imigrante foi "sentida" por Bernardo, pois segundo ele, apesar de haver um discurso contra imigração na França, mesmo sem documentação que regularize sua condição imigrante, ele não teve seu passaporte carimbado quando passou pela imigração, foi liberado após ser detido com documento falso. Além disso, mesmo estando irregular no país, ele "consegue" pagar impostos,

pode ter uma conta bancária e conseguiu alugar um apartamento em seu nome[94].

No caso de Bernardo, o papel da rede de "migração irregular" foi fundamental para a escolha do destino. Disse que não falava nada de francês e que não conhecia previamente nenhum brasileiro naquele país. A única imagem que alegou ter da França era a Torre Eiffel porque "aparecia nos filmes". Quase cinco anos depois de sua chegada, disse-me que não sofria com a falta de trabalho e que a França se tornou mais do que a Torre Eiffel para ele. Bernardo contou-me que tinha se transformado em um conhecedor da história, dos monumentos parisienses e me disse que já serviu de guia turístico para amigos de conhecidos seus. Em relação ao retorno, disse que "ama a França", que pensa em voltar ao Brasil um dia, mas só daqui a uns 10 anos (quer regularizar sua situação para poder vir ao Brasil visitar a família, mas poder regressar à França). No momento, apesar de mandar dinheiro para ajudar a família, ressalta que sua vida é lá:

> [...] Ajudo a minha família, porque eu **vivo** aqui. É... Minha vida é aqui. Tem gente que vem, tem pessoas que vêm, e trabalha com aquela intenção – "vou ficar aqui dois anos e vou mandar..." Então, ele trabalha, pega o dinheiro do mês, compra comida, paga a vaga de aluguel e manda o resto pro Brasil. [...] E... E não chupa uma bala, né. [...] E... Só isso. Eu, não. Eu **vivo** aqui. Eu tenho despesa aqui. Eu tenho que pagar água, eu tenho que pagar luz, eu tenho que pagar aluguel. E eu não sou aquele... Eu, eu gosto de teatro, eu gosto de ópera. A França me deixou culto. [Risos] A França me deixou culto. [...] Mas eu ajudo a minha família. Paguei a faculdade da minha irmã. Dos meus sobrinhos – eu ligo e falo: "O quê que cê tá precisando?" São tão bonzinhos! Falam assim: "Eu não tô precisando de nada, não, tio." [Risos] Eu falo assim: "Ai, que amor! Ai, que menina boazinha!" [Risos] [Bernardo, em entrevista realizada em 22/09/2012, grifo nosso para destacar ênfases da fala]

No caso de Bernardo, seu "espaço de vida" (COURGEAU, 1988)[95], ampliado a partir dos vínculos com emigrantes e sua proximidade com as redes migratórias, fez da emigração uma opção "imediata" num momento de dificuldade, quando perdeu seu emprego. O fato de ter parentes nos Estados Unidos e em Portugal é uma evidência da familiaridade com a emigração internacional. Mas a "escolha" pelo destino-França

[94] Aspectos que evidenciam a contradição da política migratória francesa, que vem cada vez mais proibindo a entrada de estrangeiros em seu território, recusando a renovação de vistos e negando pedidos de regularização, mas que "fecha os olhos" quando os indocumentados pagam seus impostos e trabalham sem "criar problemas". Na prática, a França e outros países centrais recusam a conferir a identidade de cidadão para os imigrantes, mas aceitam sua identidade de trabalhador.

[95] Para Courgeau (1988), o espaço de vida engloba não apenas os lugares de passagem e de permanência, mas, igualmente, todos os outros lugares com os quais o indivíduo se relaciona, ainda que seja de forma não presencial.

passou pela estrutura de uma rede de "migração irregular". Passadas as dificuldades iniciais, quase 5 anos depois, Bernardo tem uma rede de apoio de brasileiros na França (trabalha como autônomo, mas também prestas serviços para um brasileiro que tem uma empresa de renovação imobiliária), frequenta igreja brasileira e divide o apartamento com brasileiros.

2.2.2. O projeto migratório de Érica

Érica[96] é filha de mãe alagoana e pai mineiro, nascida em São Paulo, capital, em 1980. Fez administração de empresas e trabalhava em firma que concorria por licitações. Contou-me que o trabalho era muito estressante e que quis se afastar por um tempo:

> Eu sempre tive o sonho de estudar fora do Brasil, inglês, que eu já tinha feito o curso, tudo, mas nunca consegui pegar fluência porque lá a gente não usa... E na época meu marido tinha acabado de perder o emprego e tava querendo abrir um negócio. E eu falei pra ele: "olha, eu acabei de receber esse dinheiro e eu vou ver pra passar seis meses na Inglaterra ou onde for", e ele falou: "ah, eu vou, vou nas agências com você". A primeira agência que a gente foi, ele saiu mais empolgado que eu. Ele falou: "esquece essa história de abrir negócio, eu vou com você, a gente vai passar seis meses fora". E aí eu queria ir pra Inglaterra e na época estava muito complicado pegar visto, estavam recusando muito, e a agência indicou Dublin, na Irlanda. Falou "oh, porque, não, tá do lado" e de qualquer forma eu queria Europa, não importava onde. [Érica, em entrevista realizada em 02/07/2012]

Saíram do Brasil em novembro de 2006 com o projeto de ficar 6 meses em Dublin, na Irlanda, para estudar inglês. Mas as coisas foram dando certo: a família irlandesa que os acolheu no primeiro mês era ótima, arrumaram trabalho em 2 meses, apesar de terem levado dinheiro para não precisarem trabalhar e conseguiram um apartamento novo e bem localizado. Enfim, os planos iniciais foram atualizados:

> A gente começou a gostar do ambiente, e tudo que a gente foi buscar lá foi um curso de inglês e, na realidade, a gente percebeu que tinha muito mais. E que em seis meses não seria suficiente pra descobrir. A cultura era muito diferente, não só da Irlanda, mas de outros países, que a gente tava na escola e tinha bastante alunos da Coréia, da França, da Espanha, de todos os lugares do mundo, e principalmente da Europa. A gente fez muitos amigos, inclusive os professores. A gente falou "não, a gente não vai voltar daqui seis meses. A gente vai ficar mais". Aí a gente foi ficando. Um ano e pouco depois os pais do meu marido resolveram ir pra lá também, pra morar. [Érica, em entrevista realizada em 02/07/2012]

Com os anos, Érica disse-me que começou a alimentar um desejo de partir da

[96] Entrevista realizada em 02/07/2012 em Marselha, França.

Irlanda. Ao mesmo tempo, o namorado dela, o Raul, começou a ir atrás da cidadania italiana, a que tinha direito devido a sua origem familiar. O documento saiu em 2010 e foi fundamental para viabilizar a realização de um novo projeto de migração:

> Em 2009 a gente tinha vindo para Marseille passar férias, passamos acho que 10 dias aqui. Quando eu saí daqui eu falava pra ele, eu falei "olha, eu quero, eu quero morar na França. Vamos voltar, vou começar a estudar francês!". Que eu achei uma maravilha ver verão, ver praia, ver gente de biquíni andando pela rua, já estava morrendo de saudade disso. Todo ano a gente ia pro Brasil, mas mesmo assim fazia falta de ter isso todo dia. E...Aí, a partir daí, a gente começou a pensar no passaporte, conseguir o passaporte pra mudar de país. Não necessariamente seria França, mas poderia ser qualquer um outro. Aí, conseguiu o passaporte em janeiro de 2010. [Érica, em entrevista realizada em 02/07/2012]

Em maio de 2010, Érica veio ao Brasil para o casamento de sua irmã e, segundo me disse, sabia que não voltaria a viver na Irlanda:

> [...] e eu já tava com isso na cabeça, de que não voltaria mais pra, pra Irlanda, voltaria só pra pegar minhas coisas e ir pra algum outro lugar. Ou voltaria pro Brasil ou pra algum outro país. E aqui em *Marseille* tinha um amigo nosso que morava, a gente tinha amigo que morava na Alemanha, em Barcelona, então a gente começou a ver as possibilidades. Portugal também. Começou a ver as possibilidades de trabalho, de vida e tudo mais e a França foi a melhor opção porque o Raul [marido de Érica], ele é chefe de cozinha. Então, ele falou "pra mim é muito importante a França porque eu posso fazer curso". Na época eu estava trabalhando em, em restaurante também, então eu falei eu posso fazer um curso na área de confeitaria, alguma coisa. E... E a gente resolveu, a gente conversou com nosso amigo que morava aqui. Ele falou que "pode ficar aqui em casa, não tem problema, até vocês arrumarem alguma coisa". E a gente foi, com a cara e com a coragem. [Érica em entrevista realizada em 02/07/2012]

Essa "decisão" é interessante do ponto de vista da discussão teórica feita acima, pois Érica e seu marido tinham documentos que facilitavam o deslocamento pela Europa (ele tinha a cidadania italiana e ela, uma carta de residente irlandesa), ao mesmo tempo em que tinham "contatos", portanto benefícios associados ao capital social tanto na Alemanha, na Espanha, em Portugal e na França. Neste caso, a escolha envolveu o critério de um "clima" mais quente e, ao mesmo tempo, um interesse específico pelo país: para Érica, era a possibilidade de estudar o idioma francês e, para Raul, que já era chefe de cozinha, seria o privilégio de fazer um curso de culinária na França.

O apoio do amigo foi fundamental, ficaram dois meses na casa dele até conseguirem alugar um "loft". Érica contou que foi muito difícil porque eles não falavam francês e só conseguiram esse apartamento porque houve uma empatia com a proprietária (uma francesa) que, inclusive, tornou-se uma amiga do casal. Depois de

“arrumar” a casa, o desafio foi encontrar trabalho. Como chegaram à cidade em julho, pleno verão, a maior parte do comércio estava de portas fechadas. Érica disse que pensou que fossem os efeitos da crise econômica na Europa e que nunca conseguiria encontrar trabalho. No entanto, foi mais fácil do que ela pensava e, novamente, destaca-se o papel do capital social, de um vínculo e de uma solidariedade construídos em torno da identidade brasileira. Apesar de ser um trecho relativamente longo, optei pela transcrição literal de sua narrativa sobre esse processo:

> A gente foi pra escola, fazer a inscrição e no dia que a gente foi fazer a prova pra saber o nível que a gente estava, apareceu uma brasileira. E aí o fiscal falou: “ah, ela é brasileira, tal”. Eu falei: “ah, oi tudo bem?”. Ela falou “meu nome é Inês” - que foi o outro anjo que apareceu na minha vida. E ela falou, é... “Eu vim pra cá pra trabalhar”, a gente começou a conversar, ela começou a falar o que ela fazia, tudo. Ela falou “eu sou manicure, eu vim pra cá pra trabalhar, eu fui selecionada em uma loja brasileira, que eu trabalho. Eu fa...eu dou formação pra, pras meninas aqui, que querem trabalhar nessa loja”. E eu falei “olha, eu, eu já fui manicure. Eu me formei, eu tinha uns 15, 16 anos, eu fazia unha minha, da minha irmã, das minhas primas, depois a minha mãe começou a chamar as amigas dela pra fazerem a unha, fazerem a unha comigo e eu fazia em casa. Mas depois disso, eu acabei entrando na faculdade, fui estudar, fui trabalhar, mas sempre fui eu que fiz minha unha [...]. Ela falou assim: “oh, você pode vir trabalhar com a gente então. Você sabe pegar num alicate, não sabe?”. Eu falei “Isso eu sei com certeza!”. Aí, falou: “Então você pode vir trabalhar com a gente.” Aí, ela me indicou pra dona da loja... [...] E eu fui. Isso foi dia 17 de agosto, eu comecei a trabalhar dia 02 de setembro. [...] E a... e o... a Inês também, o namorado dela estava aqui na época, e ele trabalhava num restaurante. E aí ele indicou o Raul pra trabalhar. [...] aí ela arrumou trabalho pra ele lá e depois disso ele fez alguns bicos em alguns outros restaurantes e um desses restaurantes, que era de um amigo que ele conheceu na escola, tinha um rapaz que chama Túlio, que indicou ele na empresa que ele trabalha. [Érica, em entrevista realizada em 02/07/2012]

O receio inicial foi sendo substituído por uma série de conquistas e o projeto de permanecer um ano na França e voltar ao Brasil após esse período foi reatualizado, de modo que, atualmente, não pensam mais em voltar:

> A gente até pensava em voltar depois de um ano que a gente estivesse aqui [em Marselha, na França], porque o tempo suficiente pra aprender o francês, pro Raul aprender um pouco da cozinha francesa, então o plano era voltar pro Brasil depois de um ano. Só que, depois de um ano a gente... Ãh... A gente até deu entrada na passagem, a gente ia voltar de navio, pra caber todas as coisas, tudo. A gente já estava com as malas todas prontas, porque precisava fazer orçamento de transportadora e tudo... E de repente começou a aparecer um monte de oportunidade. [...] Aí a gente começou a pensar duas vezes. Fiquei uns 2 meses pensando, decidindo. E aí o Raul falou: “acho melhor a gente ficar. Por mim, eu fico”. Pra ele é muito fácil, né, porque a família dele estava na Irlanda. [...] Pra mim o mais difícil é isso: minha família está no Brasil, meus amigos estão lá - é isso que mais me faz pensar em voltar algum dia. Hoje em dia não, eu já estou mais conformada. Acho que com o passar do tempo você vai se acostumando com isso. [...] E... Sei lá, aconteceu muita coisa depois que

> a gente veio pra cá, assim. Lá, minha avó morreu, minha tia morreu e eu fiquei pensando. Sei lá, a vida é tão curta, né? A gente tem que aproveitar, viver o momento. Aqui, a gente está super bem, a gente comprou esse apartamento. [...] Sabe, no Brasil seria difícil a gente comprar um apartamento assim. Acho que chegar onde a gente chegou, assim, eu acho que, sei lá, acho não era bem o momento de a gente voltar pro Brasil. [Érica, em entrevista realizada em 02/07/2012].

Érica mantém uma ligação forte com o Brasil, por causa da família. Disse-me que tenta visitá-los uma vez por ano. Mas, apesar de sentir saudades, reconhece que, depois de tantos anos, seria difícil acostumar-se novamente com a vida no Brasil. Quando me concedeu a entrevista, eles haviam se casado oficialmente há poucos meses e ela estava feliz com a nova casa.

2.2.3. O projeto migratório de Leonardo

Leonardo[97] nasceu em 1966, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Fez a graduação e o mestrado em física no interior de São Paulo. Mudou-se novamente para fazer o doutorado, que realizou em Recife. Ele queria muito sair do Brasil e, mesmo sem ligações pretéritas com esse país, aproveitou uma oportunidade que apareceu e foi para a França em 1999, após concluir seu doutorado, acompanhando sua esposa. Segundo ele, essa decisão de emigrar pode ser entendida de duas formas. A primeira é uma leitura "lógica e simplificada", em que a oportunidade dela fazer o doutorado no exterior somava-se ao momento em que ele terminava o próprio doutorado e buscava um lugar para fazer o pós-doutoramento. Enfim, um contexto favorável à saída do Brasil. Mas ele tem uma leitura mais subjetiva que nos ajuda a entender porque ele foi, voltou e foi novamente, e, sobretudo, a entender porque ele não pensa em voltar nunca mais: "No fundo de mim, eu sei que no final de contas, foi uma fuga. Eu estava querendo fugir, me mandar do Brasil, ir para outro lugar" (Leonardo, em entrevista realizada em 08/09/2012).

Eles foram e permaneceram cerca de quatro anos na França, período no qual Leonardo realizou dois pós-doutoramentos com bolsa de estudos da França. Após este período, eles voltaram ao Brasil por motivos pessoais. Retornaram para Recife. Mas, depois de quase dois anos no Brasil, surgiu um convite que levou, em 2005, Leonardo a voltar para a França:

[97] Entrevista realizada em 08/09/2012 em uma cidade no leste da França.

> [...] eu recebi uma nova proposta pra voltar pra França, dessa vez, pra trabalhar num laboratório [de um instituto de pesquisa francês] em Orléans. Pra montar um laboratório [palavra incompreensível] E uma proposta sedutora de ter um posto permanente no instituto ao final do projeto. [Leonardo, em entrevista realizada em 08/09/2012]

O trabalho era interessante, mas a promessa de um contrato de trabalho por tempo indeterminado não se efetivou. Incomodado com a instabilidade, procurou alternativas e encontrou outro posto como pesquisador em Paris:

> O salário tava bom, era um contrato em CDI[98], pra trabalhar num laboratório de pesquisa, numa área interessante, uma equipe boa. Muito bom. Eu fiquei 4 anos nesse laboratório e depois de um tempo recebi uma nova proposta de trabalho [...] pra que eu voltasse para cá [leste da França] e dessa vez com um posto no instituto. Aí, com todos os prós e contras. Os prós: bom, eu estou numa instituição de peso, status [...]. É, os contras é que em relação ao salário que eu tinha, eu perdi muito. Eu estou numa cidade pequena, que é muito mais fácil de me deslocar, o custo de vida é muito menor do que em Paris, então, enfim, acabei aceitando [...] e estou aqui desde o começo do ano passado.. [Leonardo, em entrevista realizada em 08/09/2012]

Perguntei o porquê da segunda ida para a França, se havia relação com a volta ao Brasil, após a experiência de emigração. Respondeu-me:

> Extremamente. Extremamente difícil. Na verdade, é, eu diria que foi ao contrário. Na verdade, eu nunca me adaptei ao Brasil. Eu gosto do Brasil, mas eu nunca me adaptei ao Brasil. E quando eu cheguei na França particularmente [nesta cidade], eu não sei por que diabos eu me senti em casa. [Leonardo, em entrevista realizada em 08/09/2012]

Como um pesquisador, um trabalhador altamente qualificado, Leonardo viabilizou sua ida e permanência na França sempre a partir de vínculos institucionais e pelo pertencimento a redes profissionais de colaboração, dispensando recursos baseados em relações de solidariedade advindos de redes pessoais e sociais. Os contatos que viabilizaram sua emigração foram sempre profissionais, promovidos e legitimados por mérito. Sua qualificação lhe permitiu realizar o sonho que tinha desde adolescente de sair do Brasil, lugar que sempre o fez se sentir estranho:

> Eu falava que eu queria ir embora do Brasil, eu queria ir embora do Brasil, eu estava a fim de ir pra qualquer lugar. Se tivesse uma seleção para uma bolsa no Japão, nos Estados Unidos, pra Alemanha. Eu comecei [palavra incompreensível] na Nova Zelândia. Eu comecei a procurar um monte de lugar. Então, eu estava a fim de ir embora pra um lugar: "Não é possível que o mundo seja só isso, deve ter gente que pensa um pouco diferente também!" O importante era sair. Não esperava necessariamente que eu ia chegar aqui e ia descobrir um eldorado. Eu não esperava que fosse fácil. [Leonardo, em entrevista realizada em 08/09/2012]

[98] Sigla usada para referir-se a um contrato de duração indeterminada.

Mesmo fazendo parte dos migrantes benvindos, porque qualificados, Leonardo contou que a burocracia para visto e documentação sempre foi complicada. Durante sua primeira estada, de 1999 a 2003, e depois, de 2005 a 2011, teve o visto científico, mas ele conseguiu, em 2011, a carta de residente válida por 10 anos. Sobre o retorno, Leonardo parece não ter muitas dúvidas:

> [...] pensar em voltar pro Brasil, significaria dizer, é, eu não estou contente com a vida aqui, ou eu projeto que a vida aqui vai piorar, ou eu projeto que vai chegar um momento em que tudo aquilo que eu deixei, vai me fazer falta, ou eu projeto que vai chegar um momento em que, por razões sei lá, familiares, doença na família, que eu não vou aguentar o frio aqui, porque sei lá, não vou aguentar o banzo e eu vou ter que voltar. Então, eu não vejo isso. O que eu vejo é que eu não vou me transformar em um francês, com certeza. Eu não vou perder os meus laços com tudo pra mim associado com o Brasil. Mas hoje eu já sou um cidadão híbrido. [...] E por razões práticas, eu não me vejo chegando no Brasil, 50, 60 anos de idade e tendo que fazer um plano de saúde que vai custar uma fortuna, por exemplo. Eu não, não, me vejo. [Leonardo, em entrevista realizada em 08/09/2012]

Apesar de não ter planos de retorno, Leonardo sente-se comprometido com o Brasil, uma espécie de "dívida" pela sua formação acadêmica. Por isso, tem buscado fortalecer projetos de cooperação com o Brasil e levar alunos brasileiros para a França com recursos franceses.

2.2.4. O projeto migratório de Lígia

Lígia[99] é de Olinda, Pernambuco, e tinha 36 anos (nasceu em 1968) quando conheceu um francês chamado Gilles, que é seu atual companheiro. Como as entrevistas são semiestruturadas, faço poucas intervenções, apenas para abordar os assuntos que considero fundamentais ou para estimular o/a entrevistado/a a falar quando se trata de alguém de poucas palavras. No caso de Lígia, não precisei me esforçar: ela tinha sua história para me contar.

Disse-me que, quando conheceu Gilles, ela procurava mesmo um "estrangeiro", pois Olinda/Recife são cidades muito turísticas e ela já havia tido a experiência de se relacionar com alguns turistas estrangeiros, mas nada que ela tivesse levado a sério. Esse interesse por um homem estrangeiro era deliberado:

> O fato de escolher um estrangeiro, por quê? Porque eu estava cansada, é...Não sei nos outros estados mas lá em Pernambuco, eu só tive relação com machista, com cara que não me respeitava, com cara que me fazia me sentir inferior, sabe? Psicologicamente, eu sentia que eu era uma merda, que

[99] Entrevista realizada em 26/09/2012 em Rennes, França.

> ninguém me queria, aquelas coisas assim. Já fui batida também, né? [Lígia, em entrevista realizada em 26/09/2012].

Lígia queria distância dos homens brasileiros, mas, ao mesmo tempo, sonhava em ter uma família, em ter uma casa, pois, a vida toda, morara com sua mãe. Ela tem dois filhos, frutos de relacionamento anteriores, os quais ela criou sozinha. E não confiava mais nos brasileiros – buscava, então, o "estrangeiro" que pudesse fazer seu sonho tornar-se realidade. Contou-me que, apesar de ter esse desejo, não pensava em sair do Brasil, achava que seria o contrário, que ele é que ficaria no Brasil, tanto que sequer tinha um passaporte. Mas, quando conheceu Gilles, ela achou que valia a pena investir nele. Inclusive, meses depois de terem ficado juntos no Brasil, foi ela quem se dispôs a ir visitá-lo e, para isso, fez questão de comprar a passagem com seu próprio dinheiro:

> [...] sei lá, porque é tanta coisa que acontece, a gente escuta, sei lá, chega lá e esse homem pega meu passaporte, me prende, se o negócio não der certo... Ao menos fui eu que paguei minha passagem, entendeu? Fui eu que paguei, ele não vai jogar na minha cara: 'Ah, eu te paguei seu bilhete de avião'. Entendeu? Assim, por tudo que eu, então, eu que paguei meu bilhete, faço questão disso. [Lígia, em entrevista realizada em 26/09/2012]

Ela tinha o segundo grau completo, trabalhava numa empresa de telefonia em Recife e decidiu pedir demissão, mesmo sem saber no que daria, pois achava que não tinha perspectiva de subir profissionalmente. e então, perguntou-se *"'Por que não ousar?' E ousei!*".

A história com Gilles começou quando Lígia foi informada previamente por uma amiga que viria um grupo de franceses para a cidade. Ela estava esperando-os ansiosamente, pois era a oportunidade de *"sair do caritó",* como ela mesma disse. Existe um vínculo particular entre o tal grupo de franceses e Recife. Há uma associação na França há mais de 20 anos que ajuda na manutenção de uma creche numa pequena cidade no interior de Pernambuco. Os associados participam na França da colheita da maçã e da fabricação do suco e os recursos obtidos com a venda do suco é que financiam o projeto. Por isso, há viagens relativamente frequentes de brasileiros e franceses que vão para Pernambuco conhecer a tal creche. Por meio de contatos, a "tia da amiga", Lígia foi convidada para participar de uma festa, onde estariam os tais franceses. Lá ela conheceu o Gilles, que, a princípio, não "deu muita bola para ela", mas ela interessou-se por ele e aceitou o convite de um dos franceses para

acompanhar o grupo na visita à creche. Depois, encontrou-o novamente numa festa, para a qual ela esforçou-se para ser convidada, pois era o último dia do grupo em Recife. Ficaram juntos, mas, no dia seguinte, os europeus partiriam para Natal e, de lá, voariam de volta para França. Lígia decidiu investir tudo. Conseguiu entrar em contato com Jacques – um dos franceses que ela conhecia um pouco melhor, pois ele era casado com uma brasileira e falava português – e lhe disse que queria ver Gilles de novo, antes de ele ir embora e que pretendia ir para Natal encontrá-lo:

> Falei 'Olha, só que eu só tenho o dinheiro da passagem e do táxi, não tenho dinheiro pra voltar, não tenho dinheiro pra pagar hospedagem, mas, eu tenho que ver esse homem', aí ele disse 'Vem'. [Lígia, em entrevista realizada em 26/09/2012]

Ela foi e relembra que foi um final de semana maravilhoso, mas, ao mesmo tempo, de despedida. Depois que ele voltou para a França, trocaram mensagens e se falaram algumas vezes pelo telefone. Lígia disse que sentia que era diferente de outros relacionamentos que teve com estrangeiros, que com Gilles ela teve vontade de ir atrás, sentia que era uma "coisa do destino". Cinco meses depois, ela desembarcava na França para "sempre", pois as coisas deram certo entre eles e ela arrumou trabalho com facilidade:

> E chegamos aqui, a coisa, a coisa, o que foi bom, porque desde que eu cheguei tinha uma comunidade brasileira que me acolheu, que me, que me ajudou a, nesse meio tempo eu nunca fiquei sem trabalhar aqui. Desde que eu cheguei, primeira semana, tinha uma faxina pra fazer ali, tinha um bebê pra tomar conta lá, entendeu? [Lígia, em entrevista realizada em 26/09/2012]

Eles fizeram uma união civil e ela conseguiu seu primeiro visto de permanência quase um ano depois que tinha chegado. Regularizada, conseguiu fazer uma formação profissional para cuidar de crianças (obrigatória na França) e, desde então, vive disso. Como tem a mãe e os dois filhos no Brasil, manda dinheiro para eles todos os meses. A maior alegria foi quando conseguiu comprar uma casa para a mãe em Olinda. Ainda está pagando o financiamento na França:

> [...] o empréstimo vai até 2014. Então, mas eu fiquei, foi uma segunda coisa assim que, que me emocionou aqui foi...Primeiro foi eu ter a minha primeira carta de 'séjour', porque me deu um alívio no fato de, assim, 'Agora eu estou legal, eu tô...', sabe: 'Agora eu existo, pra França, eu existo!'. O segundo foi ter comprado minha casa...entrado na universidade, né, bom, entrado não quer dizer que eu tinha terminado, né, isso foi depois... [Lígia, em entrevista realizada em 26/09/2012]

Isso porque Lígia entrou na Universidade francesa e obteve uma licença em

Português-Francês, que seria o equivalente a uma graduação no Brasil:

> [...] eu fiquei muito feliz, muito contente de ter esse diploma porque... [...] agora eu acabei de pedir minha nacionalidade, e hoje, um dos fatores primordiais pra você ter a nacionalidade é ter um diploma francês. [Lígia em entrevista realizada em 26/09/2012]

Quanto ao retorno, ela acha que não se acostuma mais ao Brasil para viver:

> Eu sinceramente adoro minha Olinda, adoro o povo, mas é como eu disse, o quadro de vida que eu estou habituada hoje aqui, eu não consigo mais me acostumar lá. Eu quero ir lá, eu vou quando eu tenho férias, mas quando chega 30, 40 dias... Uma vez...A primeira vez que eu fui eu passei 45 dias... Ai, estava doida pra voltar [suspira] isso em 2005...(...) Fazia um ano que eu tinha ficado um ano aqui, né? Mas, assim, a falta, era falta do meu marido, assim, né, e agora quando eu vou eu sinto falta realmente do clima *déjà*, sinto falta das comidas, sabe? [Lígia, em entrevista realizada em 26/09/2012]

A história de Lígia é instigante pela habilidade com a qual ela articula sua biografia ao projeto migratório, que, neste caso, significou a oportunidade de realizar seus sonhos. Sua história é compartilhada comigo, enquanto brasileira e pesquisadora, como motivo de muito orgulho. A "balança" não deixa dúvidas para Lígia em razão de todas as dificuldades que ela encontrou na vida e todas as conquistas de que ela pode, hoje, se gabar.

Em relação ao caso de Lígia, cabe destacar inicialmente a importância de uma "criação migratória". Lígia nunca tinha saído do Brasil até 2004 quando "ousou" ir para a França atrás do seu "estrangeiro". Ela não tinha passaporte e nunca tinha feito isso antes. Ao mesmo tempo, é evidente uma criação migratória se entendermos que seu interesse explícito e consciente por um homem "estrangeiro" envolvia uma tentativa de agir sobre sua realidade, transformando-a. Ela, que tinha dois filhos de 10 e 13 anos quando conheceu Gilles, não era uma mulher ingênua. Havia passado maus momentos, inclusive tinha sido vítima de violência doméstica. Tinha 36 anos, estava solteira, morava na casa da mãe e tinha um emprego que não lhe trazia nenhuma perspectiva de crescimento e de mudança. Estas são as motivações particulares de Lígia, que não podem ser reduzidas a uma lógica racional de custo versus benefício, mesmo reconhecendo-se que ela queria, sim, melhores condições materiais de vida. Lígia avaliava sua situação e parece ter entendido que sua única possibilidade de realizar seus sonhos dependia de uma mudança, do contato com outro universo cultural e material aqui expresso na figura do homem estrangeiro que serviria de alicerce para ela transformar seu mundo. Disse alicerce, pois me parece exatamente o caso. Lígia

não precisava de alguém para sustentá-la (material e simbolicamente), mas ela precisava de apoio para efetivar uma mudança real na sua condição de vida. Os fatores que explicam a emigração de Lígia nos remetem aos entraves para sua mobilidade social no Brasil e que, em um contexto de viver em uma cidade turística de referência internacional, permitiram que o contato com o estrangeiro se desse mesmo sem ela se deslocar. O casamento ou a relação afetiva com um estrangeiro tornou-se, nessa perspectiva, uma alternativa para suas perspectivas de futuro. Lígia pôde, então, projetar-se no futuro, imaginando e construindo uma vida "fora" – se não fora do país, fora daquilo que lhe era conhecido e familiar. Um projeto migratório explícito se coloca facilmente em prática quando ela conhece um francês que o "destino" transformou em "o francês" pelo qual ela se apaixonou.

A imigração na França foi possível também porque suas redes pessoais a levaram diretamente para o contato com brasileiros que viviam na cidade e porque Lígia conseguiu trabalhar durante todo o período em que esteve indocumentada. Exercendo atividades que são geralmente desprezadas pelos franceses, ela fazia faxina e cuidava de crianças. Há anos que ela vive apenas cuidando de crianças, o que nos remete a questão estrutural da economia do cuidado.

O projeto de Lígia é resultado de um entrecruzamento de constrangimentos e oportunidades macroestruturais e de suas aspirações e motivações individuais. Lígia, voluntariamente, migrou para a França e, nesse sentido, ela é a autora de sua história, construída a partir de um projeto migratório, factível e realizável porque inserido em um contexto mais amplo, que remete inclusive à globalização e ao crescimento do turismo internacional. O fato de ela morar em uma cidade turística brasileira, acostumada a receber muitos turistas estrangeiros, foi fundamental para favorecer um projeto de casamento com um "gringo", opção que poderia não se apresentar se ela vivesse em outra cidade ou região do país.

2.2.5. O projeto migratório de Marcílio

Marcílio[100] nasceu em 1974 em São Paulo, capital. Fez administração de empresas e é poliglota (fala inglês, espanhol, francês e italiano – além do português). A

[100] Entrevista realizada em 16/10/2012 em Lyon, França.

primeira ida para a Europa foi para a Suíça, enviado pela empresa que trabalhava no Brasil. Foi nessa viagem que, segundo ele, apareceu o "bichinho da viagem" e começou aquele desejo de "quero morar no exterior". Em 2000, foi para o Canadá e, em 2001, ocorreu sua primeira ida para a França, para estudar a língua:

> Agora eu vou pra França. E foi pela primeira vez que eu decidi vir pra França estudar. E por quê? Porque eu, como o meu inglês já estava melhor, e por que em algum momento nesse primeiro semestre de 2001, eu conversei com um irmão de um amigo meu que tinha estudado em Chambéry. Francês. "Ah, Chambéry é uma cidade pequena, bacana pra estudar francês, não tem muito brasileiro, vai pra lá". Então eu ainda não tinha essa coisa de quero ir pra França, mas como alguém me sugeriu ir pra lá, e eu já falava o Francês, eu vim pra Chambérie estudar em 2001 e passei 6 meses estudando em Chambéry. Só falava Francês, eu estudava e morava com uma família de Franceses e estudava Francês. E eu gostei bastante do que eu vi, não pude, queria até ficar, mas naquela época eu não tinha o passaporte Italiano ainda [Marcílio, em entrevista realizada em 16/10/2012].

Voltou para o Brasil, conseguiu sua cidadania italiana e, em 2002, foi para Londres. Um ano depois, volta para o Brasil, estimulado por um vínculo afetivo. Ficou no Brasil até 2004, quando partiu para uma primeira estada mais prolongada na França, vivendo dois anos em Lyon:

> E eu vim pra Lyon por que? Por que quando eu estava estudando em Chambéry, a gente tinha feito uma excursão pra Lyon de um dia. E eu adorei a cidade. Então, a cidadezinha ficou lá na minha cabeça. Em 2004, quando eu já estava com o documento, é, eu queria voltar pra França e eu voltei pra Lyon. Abril de 2004. Eu desembarquei aqui com, só com 5 noites de albergue da juventude reservada e eu não conhecia ninguém em Lyon. Pra não falar que eu não conhecia ninguém, eu conhecia uma menina em Lyon... Quer dizer, eu não conhecia, eu conheci uma amiga Brasileira que tinha uma amiga que morava em Lyon. Então eu desembarquei em Lyon, com 5 dias de hotel reservado, e saí em busca de uma "coloque" [expressão diminutiva a partir da palavra francesa "colocation" para se referir a um imóvel compartilhado por pessoas, em português seria uma espécie de "república"], de um lugar pra morar com outras pessoas. E três dias depois eu achei, fui morar com dois estudantes franceses. E aí começou a minha primeira vida aqui em Lyon, em 2004. O começo...Eu passei os primeiros 2 meses procurando emprego e depois de 2 meses, passando pelo *Quais de Rhône*, eu vi um negocinho, um *affiche* [cartaz em francês], um anúncio falando assim: "eu preciso de gente que fale o Português, Espanhol, Inglês e Francês". Que eram exatamente as 4 línguas que eu falava. E aí eu fui ver, era uma agência *d'intérim* [agência de trabalho temporário] que estava contratando pra "T". Então, em Abril de 2004, eu comecei a trabalhar pra "T" aqui em Lyon. [Marcílio, em entrevista realizada em 16/10/2012]

A posse da cidadania europeia, a formação superior em administração de empresas numa universidade reconhecida de São Paulo e o fato de ser poliglota tornaram o "projeto viver em Lyon-França" relativamente "fácil". Marcílio nem precisou recorrer a seu contato de "amiga da amiga" para arrumar moradia e trabalho.

Depois disso, entre 2006 e 2012, foram idas e vindas, Europa-Brasil, inclusive com duas temporadas na Itália. Contou-me que não gostava mais de viver no Brasil, mas sua companheira na época era juíza no Brasil e não abria mão da profissão. Ela chegou a ir fazer um mestrado na França, quando viveram dois anos juntos em Lyon, de 2004 a 2006. Mas, depois, ela voltou ao Brasil. Eles voltaram juntos. No entanto, segundo Marcílio, ele não encontrava trabalho e não se encontrava. O relacionamento acabou e ele estava trabalhando em São Paulo, com um bom salário, mas confessou que se sentia infeliz:

> [...] em São Paulo eu consegui um emprego lá, que tinha um amigo meu que tava levando uma empresa de internet pro Brasil e ele me colocou numa posição muito boa lá. E...Mas apesar de eu ganhar muito bem, de novo, como sempre, eu estava bem infeliz no Brasil com o meu trabalho, com tudo. E aí, pela terceira vez eu entrei em contato com a "T" aqui em Lyon e pela terceira vez eles falaram; "pode vir, não tem problema. Você fala 4, 5 línguas, você...". Eles já conheciam o meu trabalho, né? Então, pra mim a porta também está quase, sempre aberta aqui na "T". Pelo menos até hoje esteve. Então, eu não tive dúvidas, já não tinha mais a minha esposa, não tinha amarras mais no Brasil. Mais nenhuma, a última amarra que era a minha esposa, tinha caído em janeiro. E aí eu falei pra esse meu amigo que me contratou, eu falei assim: "sinto muito, você me deu o melhor emprego, o emprego mais bem pago que eu tive até hoje, mas eu não estou feliz, tchau". Pedi as contas dois meses depois e vim pra Lyon. Agora faz três meses... É, abril. Vim pra Lyon em Abril e pela terceira vez eu estou trabalhando aqui em Lyon. [Marcílio, em entrevista realizada em 16/10/2012]

O contrato é temporário, de um ano e seis meses, mas Marcílio tem expectativa de permanecer e até mesmo conseguir um contrato por tempo indeterminado. O fato é que ele alega adorar a vida em Lyon e que não pensa em voltar no curto e nem no longo prazo.

2.2.6. O projeto migratório de Nara

Nara[101] nasceu em 1986, numa pequena cidade no sudoeste de Minas Gerais. Havia terminado o segundo grau, queria fazer faculdade na área da saúde, prestou vestibular e não entrou. Foi quando decidiu que iria sair do país: "Eu tinha uma prima que morou em Londres, ela tinha voltado há pouco tempo, ela vem e fala 'Acho que é válido você ir, né, aprender a língua', eu já estava estudando inglês no Brasil e eu falei 'Não, mas eu quero ir pros Estados Unidos, não quero ir pra Europa'" (Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012). Mas falaram para ela que estava muito difícil

[101] Entrevista realizada em 06/10/2012 no sul de Paris, França.

conseguir o visto estadunidense e ela ponderou que seria bom aprender o inglês e que seria mais fácil ir para os Estados Unidos a partir da Inglaterra. Então, com 18 anos, Nara, que morara a vida toda em uma cidade de 15 mil habitantes sem nunca ter saído do Brasil, nem tinha tido contato com a vida em grandes cidades, entrou num avião com uma amiga para ir para a Inglaterra:

> Em julho de 2004. Foi...Eu passei por um período, assim, de muitas perdas na família, e momentos muito difíceis na minha vida, e, eu precisava de mudança: "Eu preciso mudar, eu preciso sair, preciso ver outras coisas, me interagir com outras..." [sic], como se fosse também uma maneira minha de fugir daquilo tudo que eu estava vivendo. Então eu decidi vir. E aí eu vim pra cá, mas eu disse "Vou passar na França, né, vou passar por Paris", todo mundo tem que ir em Paris, então eu também vou passar por lá, vou ficar dois dias lá, me aconselharam fazer dessa maneira, pelo fato de que se eu fosse ser cortada em Londres, eles não me mandariam direto pro Brasil, mas eles me mandariam de volta pro primeiro país de entrada na Europa. Seguindo esses conselhos, em julho de 2004, eu decidi vir. Eu embarquei no Brasil no início de agosto, no dia oito de agosto de 2004. Vim pra Paris, fiquei os dois dias aqui em Paris, e como todo mundo, fui pra *Gare du Nord* pra pegar o TGV [trem de alta velocidade] e ir pra, pra Londres. Aí mesmo em *Gare du Nord* tem a migração, a imigração britânica, né, e ali mesmo eu fui barrada. Eles disseram que eu não podia entrar pelo fato de que eu tinha muito dinheiro. Na época eu estava com 500 libras. Eu falei "Mas eu sou uma turista, com 500 libras em Londres", eu já estava com hotel pago, eu estava com tudo pago, mas com 500 libras em Londres, visto que eu vim pra passar 15 dias, o período da passagem de volta era 15 dias, eu falei "Não é muito dinheiro". Mas isso foi o que eles alegaram, que eu tinha muito dinheiro. Então vetaram a minha entrada, não me deixaram entrar, tinha uma amiga que estava indo comigo, "Não, vocês não podem entrar". [...] Eu liguei na agência, que eu tinha comprado minha passagem, né: "Olha, não deu certo, como que eu vou fazer agora, eu preciso de instrução". E isso...Eu tinha 18 anos. Nunca tinha saído da minha cidade. [...] Nunca tinha saído sozinha, sem família, sem mãe, sem pai, sem ninguém, e a menina que estava comigo, ela entrou num estado de choque tão grande, que ela não falava, ela não teve reação, então eu tinha que agir por mim e por ela. [Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012]

Apesar de sua cidade ser pequena e de não ter tanta emigração como ocorre em outras regiões de Minas Gerais, vemos, pela narrativa de Nara, uma proximidade mental com os Estados Unidos (seu "eldorado migratório" e morada do irmão da sua vizinha) e a Inglaterra (sua prima morou em Londres). A passagem via Paris "recomendada" pela agência de viagens também revela o acesso a informações importantes e que foram fundamentais para no percurso migratório de Nara. O destino migratório alvo era Londres, mas Nara deixou o Brasil sabendo que um amigo de um pastor que ela conhecia (pois era da mesma cidade) estava morando na França.

Outro aspecto que reforça a importância das redes no caso de Nara foi o papel da agência de viagens que, primeiramente, instruiu-a a chegar no espaço europeu por

outro país que não a Inglaterra. Depois de “barrada” na imigração britânica em solo francês, Nara entrou em contato com a agência para pedir ajuda e, nessa ocasião, foi “aconselhada” a ir de ônibus. Ela e a amiga estavam com o passaporte marcado pela recusa, mas não avaliaram o perigo. Na verdade, parece que, no momento, não sabiam o que estavam fazendo e os riscos envolvidos:

> [...] Quando eles te negam a entrada eles carimbam seu passaporte...E faz uma cruz gigante, que normalmente deveria ocupar uma página. Eles rasgaram todas as páginas do meu passaporte [...] com a força que fizeram a cruz. [...] E aí, já, claro que eles já sabiam que a gente poderia tentar entrar de *Ferry Boat*, né, então, acho que eles já fizeram propositalmente. E aí a gente chegou, pegou o ônibus, passou por essa primeira barreira, ficou uma meia hora ali, aquele negócio pendente, vai-não-vai, vai-não-vai, a gente conseguiu embarcar. Entramos nesse barco, de ônibus, e atravessamos o Canal da Mancha, chegamos lá na estação de Waterloo. Lá nessa estação é que há a real imigração. Então, você já vê Londres, porque você já está dentro de Londres...[...] Então eu já via os carros passando, na mão contrária, né, “Nossa, a gente já está em Londres, que ótimo né?”. Mas ali que estava o problema, porque ali era a barreira, a real imigração digamos assim. Então, quando nós chegamos lá, eles nos mandaram, nós estávamos num ônibus com 29 pessoas. Esse ônibus não entrou. Todo mundo foi deportado. [...] E aí nós duas, é, só nós duas éramos brasileiras, nos levaram pra uma sala separada, e aí veio, vieram as polícias, as policiais mulheres. Nós tivemos que tirar a calça, por quê? Pra passar um, um aparelho pra ver se a gente não tinha nada dentro da pele, pra ver se não tinha droga no estômago. Então, assim, foi um momento de muita humilhação. Porque, nós ficamos quase nuas.[...] E você ouve, assim, eles fazerem muitas... Você ouve eles fazerem piadas, tipo, tirando mesmo com você ali, sabe? É...o pouco que eu entendia, eu ouvi eles falando: “Ah, brasileiros, eles acham que vão chegar aqui e vão fazer o que quiser, olha o que nós estamos fazendo com elas”. E elas achavam que eu não estava entendendo nada, né, mas ao mesmo tempo eu fiquei tão nervosa, tão frustrada com tudo aquilo, que eu não conseguia revidar. E, por um lado, eu acho que foi bom, porque se eu revidasse ali, como elas, naquele momento ali eram autoridades sobre mim, elas podiam pegar aquilo pessoalmente, né, e aquilo criar mais confusão, mais problema pra mim e...E aí eles colocaram uma menção no passaporte na época que a gente só entraria na Inglaterra dez anos depois do que aconteceu, ou com o visto de estudante, com uma quantidade imensa de um curso pago, senão não poderíamos entrar de maneira alguma, como turista, jamais. [Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012]

Depois de algumas horas, foram reencaminhadas para território francês e só tiverem acesso aos seus objetos pessoais, entre os quais documentos e dinheiro, depois de chegar na cidade de Callais, no norte da França:

> [...] nos deixaram ali e disseram “A partir daqui vocês estão livres”. Aí o pessoal virou pra mim, o policial virou pra mim e falou assim “Os britânicos não aceitam vocês, mas nós aceitamos vocês aqui, vocês são benvindas aqui no território francês”, carimbou nosso passaporte e escreveu “Visto de três meses”. Foi um alívio aquilo ali pra mim, porque, tipo, pelo menos aqui nos aceitaram, né? Isso eu não entendia uma palavra em francês, eu não sei como eu entendi aquilo. E aí ele falou “Você pode pegar um táxi ali, ir pra estação de trem e daqui você vai pra Paris”. E eu estava achando que eu já estava em Paris. Eu falei “Mas eu

> não estou em paris?". Aí ele falou assim "Não, você está no norte da França, você está bem longe de Paris". Eu falei "Mas, e agora? [Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012]

Nara e sua amiga tiveram que pegar um taxi, descobrir um hotel e como fariam para voltar para Paris. Nara já tinha avisado a família no Brasil sobre o ocorrido e seu pai havia conseguido encontrar o tal pastor, cujo amigo morava em Paris, que chamarei de Beto. Foi assim que Nara chegou a Paris no dia seguinte com o telefone desse contato. Beto é pedreiro e estava morando com a família em um hotel que estava sendo reformado por ele. Elas foram bem recebidas e, depois de compartilhar as mazelas da tentativa frustrada de ir para Londres, decidiram pagar o quarto pelo período de um mês, para ver o que aconteceria:

> O problema é que o dinheiro estava acabando, e sem trabalho, como que você fica aqui? Eles nos ajudaram demais, o Miguel [um brasileiro que veio a ser seu futuro marido e que também compõe o universo de entrevistados desta pesquisa] ajudou muito, mas não dava pra ficar na sombra deles, né? [...] E aí, então eu comecei a procurar trabalho, consegui um trabalho pra cuidar de duas crianças numa casa de família, onde eu trabalhava o dia todo ali com as crianças, sabe? Comecei a trabalhar ali e fui tomando gosto pelo lugar, e aí decidi ficar aqui. [Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012]

No caso de Nara, o apoio da rede social que ela teve em Paris foi fundamental para ela rever seu projeto e acabar por "tomar gosto" pela França. Miguel, amigo de Beto, é da mesma cidade de Nara e foi para a França a convite dele. Ele havia chegado lá um mês antes de Nara. Eles se envolveram e, pouco tempo depois, casaram-se. Miguel conseguiu resolver seu problema de documento via empregador: em função da sua especialidade, o empregador solicitou junto às autoridades migratórias a concessão de um visto de trabalho para ele, que foi outorgada em 2007. No entanto, Nara não estava contemplada no trâmite e precisou continuar sua batalha para regularizar sua situação. Para obter o visto por causa do casamento com Miguel, Nara precisaria ficar no Brasil para pedir o reagrupamento familiar, processo que poderia levar mais tempo do que ela estava disposta a esperar. Por isso, decidiu retomar seu projeto de estudos e buscou regularizar sua situação a partir de seu tempo de permanência na França. Foi um processo longo e difícil, ainda mais porque eles mudaram de apartamento e isso significou uma migração de jurisdição. Um ano depois, como ela estava matriculada na universidade, aceitaram conceder-lhe o visto de estudante:

> E aí, então, eu terminei, eu fiz o meu curso, 2009, 2010 lá na Paris III, consegui o meu diploma, né, e aí decidi, então, entrar em economia na Paris I.[...] Passei

> por todo o processo, fui aceita, fiz três meses, vi que realmente não era isso que, não era só aquilo que eu estava procurando numa formação e, decidi mudar pra administração. Nisso eu engravidei do bebê, né... [...] E assim foi, e até hoje eu estou com meu visto de estudante. Hoje a gente ainda não tem projetos de ir embora, né, no dia de hoje não pensamos "Ah, daqui um tempo vamos embora", mas também não descartamos a ideia de um dia voltar ao Brasil, né? [Nara, em entrevista realizada em 06/10/2012]

Quando perguntei qual a imagem ela tinha da França antes de ir, ela me responde: "Na verdade, eu não queria ter vindo pra cá. Aqui não era o lugar." No entanto, o "não lugar" foi transformando-se, de agosto de 2004 até outubro de 2010, quando me concedeu a entrevista. Casamento, maternidade, faculdade. Nara vivenciou muitos obstáculos e, em diversos momentos, precisou confirmar seu "projeto de emigração", inclusive com um "retorno temporário" – após o casamento, em 2007 retornou ao Brasil com Miguel, onde ficaram quase dois meses –, quando ainda não tinha o documento francês. Depois das férias, voltaram para a França e foi quando o casal decidiu que ela iria retomar os estudos e que Miguel assumiria sozinho o sustento da família. Miguel poderia pedir a carta de residente (um "visto" que tem validade durante 10 anos) no final de 2012 e o casal pretendia pedir a nacionalidade francesa assim que possível. Planejavam ir a para a Inglaterra a passeio e a satisfação de Nara ficou evidente, pois, munida do documento francês, sentia-se segura para passar na imigração: "agora a gente vai, no final do ano, nós vamos passar alguns dias lá [na Inglaterra]. Eu falei pro Miguel: 'eu quero passar naquela imigração, eles vão ter que me engolir!'[risos]".

Não dá para pensar na viabilidade de Nara se manter na França, nas condições e com os recursos pessoais que tinha, sem poder dispor do capital social que ali encontrou. Este é um caso evidente em que o baixo capital cultural exigiu os benefícios dos recursos das redes sociais para permitir uma instalação exitosa no destino. Sem o contato de Beto e a ajuda que ele ofereceu-lhe, Nara teria, muito provavelmente, voltado ao Brasil – como pensou que faria ao ser barrada pela imigração inglesa. Sem o casamento com Miguel, ela provavelmente continuaria trabalhando como babá e talvez preferisse voltar ao Brasil. Nesta trajetória, as condições encontradas no lugar inicialmente pensado como de "passagem" (na sua fala, a França "não era o lugar"), culminaram explicitamente na reatualização do projeto migratório, transformando esse lugar em sua casa, se não em termos de uma permanência definitiva, ao menos

durante um período relativamente extenso, pois, desde sua chegada, já se passaram 8 anos e ela não tem planos de retorno. Além disso, disse sentir uma ligação afetiva: declarou gostar da França e da língua francesa.

Capítulo 3. O fluxo Brasil-França na "era da mobilidade"[102]

A nuvem andante acolhe o pássaro
Que saiu da estátua de pedra.
Sou aquela nuvem andante,
O pássaro e a estátua de pedra.

Recapitulei os fantasmas,
Corri de deserto em deserto,
Me expulsaram da sombra do avião.
Tenho sede generosa,
Nenhuma fonte me basta.

Murilo Mendes

[102] A expressão "era da mobilidade" baseia-se em leituras que enfatizam o movimento para o entendimento da dinâmica sociedade atual elaboradas por autores como, por exemplo, Cortès e Faret (2009) e Urry (2000). Cortès e Faret (2009) falam de uma "ordem das mobilidades", ou de "lógicas da mobilidade", um cenário marcado por uma "turbulência de paradigmas" e no qual a mobilidade, enquanto movimento, torna-se cada vez mais imbrincada nas práticas migratórias. Por outro lado, Urry (2000) que não trata do fenômeno migratório em particular, coloca a questão da mobilidade, da circulação e do movimento, como sendo estruturante da dinâmica social contemporânea, substituindo o papel que antes cabia às estruturas e às organizações sociais estáveis.

Além do debate teórico sobre as migrações internacionais no que tange ao olhar combinado para as motivações individuais e para os condicionantes estruturais (conforme foi discutido no segundo capítulo), os *migrantólogos* também estão se preocupando com novos conceitos para dar conta dos fenômenos migratórios contemporâneos, que se mostram mais complexos dadas as transformações nas relações espaciais e temporais, que estão delineando um mundo marcado pela mobilidade – de capital, mercadorias, pessoas, informações – e que impactam a mobilidade humana em geral (URRY, 2000), com efeito sobre as migrações internacionais, tanto no que diz respeito à intensificação dos fluxos internacionais de pessoas, como também no que se refere às formas de instalação dos migrantes (CORTES e FARET, 2009; DIMINESCU, 2009; TARRIUS, 1993).

As novas relações espaciais culminam em fenômenos de co-presença (estar "lá" e "cá" simultaneamente) particularmente pelas novas Tecnologias e Informação e Comunicação (TICs), mas também pelos constantes vai-e-vem, deslocamentos periódicos entre outros aspectos. Diminescu (2009) insiste sobre a necessidade de uma nova perspectiva epistemológica, capaz de conceber o migrante dentro de um "sistema global de mobilidade". Além disso, essa era da mobilidade impacta a identidade dos migrantes e intensifica a circulação de bens simbólicos e materiais nos espaços que compõem os deslocamentos, bem como nas pontes de ligam os espaços percorridos (CORTÈS e FARET, 2009).

Tarrius (1993) entende que determinados percursos conectam os migrantes a um local de destino, mas sem os desvincular dos lugares de onde vieram, e que assim instituem os chamados *territórios circulatórios* que, de acordo com este autor, se desprendem dos processos associados à identidade dos migrantes, que os levam a viver em comunidade e ao mesmo tempo os permitem compor e recompor a dinâmica urbana nas cidades onde vivem. Nesse sentido, os conceitos de campo migratório e espaço migratório foram criados para contemplar os espaços percorridos e construídos através dos fluxos migratórios (SIMON, 2008); esses "territórios" desenhados pelos deslocamentos referem-se a um espaço social transnacional que abarca os lugares de origem, trânsito e instalação dos migrantes (SCHAEFFER, 2009).

Território circulatório e espaço migratório são exemplos de conceitos

relativamente novos e que indicam os desafios intelectuais que se colocam para a análise dos fenômenos observados no âmbito dos estudos sobre migrações internacionais contemporâneas.

Nesse cenário, Domenach e Picouet (1996) apontam que o próprio conceito "clássico" de migração como "mudança definitiva de residência" torna-se questionável, na medida em que a diversidade das trajetórias e das durações dificultam o estabelecimento de uma fronteira precisa entre o que é temporário e o que definitivo. Os autores também discutem o problema em torno da noção de residência, dada as dimensões subjetivas que se associam ao local de moradia, bem como a emergência de situações de residências múltiplas (DOMENACH e PICOEUT, 1996).

O crescimento dos deslocamentos humanos e o aumento da diversidade das formas de mobilidade tornam-se, nessa perspectiva, uma evidência da necessidade de repensarmos sobre as abordagens e os conceitos que serão utilizados numa investigação (ALMEIDA e BAENINGER, 2013).

3.1. As migrações internacionais contemporâneas

A instituição da sociedade moderna andou *pari passu* às migrações e a história moderna das migrações internacionais se iniciou no século XVI, época do mercantilismo, com os fluxos de emigração da Europa motivados pela colonização e pelo crescimento do comércio da época (MASSEY et al, 1998). A segunda fase, ao longo do século XIX, foi marcada pelas migrações em massa, particularmente para a colonização das Américas, da Austrália e do sul da África. É importante destacar ainda que, em grande medida, esses fluxos estão associados às consequências da Revolução Industrial, das transformações nos processos produtivos que engendraram migrações internas, com destino principalmente para as áreas mais urbanizadas, e também migrações para além das fronteiras nacionais (BRITO, 1995).

De acordo com Massey et al (1998), entre 1800 e 1925 mais de 48 milhões de pessoas deixaram países industrializados europeus para viver na América e na

Oceania[103]. As primeiras décadas do século XX marcam, segundo os autores mencionados, uma ruptura nos fluxos, como resultado das grandes guerras e do consequente crescimento de refugiados; além da crise econômica dos anos 1930, que levou os Estados Unidos a adotarem leis migratórias mais restritivas.

Dessa forma, em uma perspectiva de etapas, a terceira fase das modernas migrações internacionais começou nos anos 1960. Faist (2000) e Massey et al (1998) afirmam que a partir de então, inaugurou-se uma nova era das migrações internacionais, porque houve uma ruptura com as dinâmicas anteriores: a migração tornou-se de fato um fenômeno global, não sendo mais um fenômeno particular de países europeus e suas respectivas colônias.

Castles e Miller (2004) abordam essas fases da migração internacional, mas com outro recorte cronológico: antes e após 1945. Para estes autores, no período anterior ao ano de 1945, as migrações deram-se no interior da Europa e através dos fluxos para as colônias. Castles e Miller denunciam os efeitos da migração para a destruição de várias etnias, autóctones das áreas coloniais, bem como os deslocamentos forçados na África promovidos pela economia escravista. Após 1945, Castles e Miller percebem um período marcado por uma dualidade, dado o crescimento econômico dos "anos dourados" que precisou e se beneficiou das migrações até 1973, quando o choque do petróleo e o início de uma grave crise econômica reverberaram na adoção de medidas mais restritivas quanto à imigração. No entanto, as migrações internacionais não cessaram, instituindo-se a partir de então a figuração de novas modalidades migratórias e motivações (CASTLES e MILLER, 2004)[104].

Os dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU) evidenciam esse crescimento dos fluxos: havia 75 milhões de migrantes internacionais em 1965, 82 milhões em 1970, 111 milhões em 1985, 165 milhões em 1990, 175 milhões em 2000, 191 milhões em 2005 e quase 200 milhões em 2006 (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE

[103] Os cinco principais destinos (que acolheram 85% destes europeus) foram Argentina, Austrália, Canadá, Nova Zelândia e Estados Unidos, sendo que este último teria recebido a maior fração. Os países de emigração foram notadamente Grã-Bretanha, Itália, Noruega, Portugal, Espanha e Suécia (MASSEY et al, 1998).

[104] O período é conhecido pelo aumento da migração de reunificação familiar, do fluxo de refugiados e de demandantes de asilo. Castles e Miller (2004) também chamam a atenção para uma importante mudança na motivação: os fluxos após o período da chamada reestruturação produtiva explicam-se cada vez menos em função de critérios econômicos.

AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, 2005; SIMON, 2008).

Um aspecto apontado que relativiza esses dados, segundo Simon (2008), diz respeito ao crescimento do número de Estados reconhecidos pela ONU – eram 46 em 1900 e perto de 200 em 2007 – que interfere no resultado. No entanto, também é necessário considerar os números de imigrantes indocumentados, fato que eleva potencialmente o número de migrantes internacionais pelo mundo afora. Abaixo, tem-se a distribuição proporcional dos migrantes internacionais por região, na qual a Europa aparece como o principal destino dos migrantes internacionais (Tabela 1).

Tabela 1. Número de Migrantes Internacionais Estimados por Região do Globo (1990-2010)

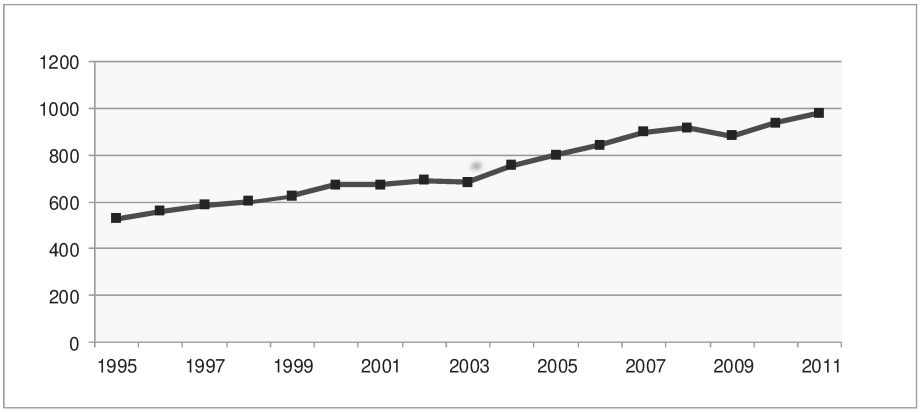
Região	Ano Referência				
	1990	1995	2000	2005	2010
Africa	10,3	10,8	9,6	9,1	9,0
América do Norte	17,9	20,2	22,6	23,4	23,4
América Latina e Caribe	4,6	3,8	3,6	3,5	3,5
Ásia	32,7	29,4	29,1	28,2	28,7
Europa	31,8	33,0	32,3	33,0	32,6
Oceania	2,8	2,9	2,8	2,8	2,8
Mundo	**155.518.065**	**165.968.778**	**178.498.563**	**195.245.404**	**213.943.812**

Fonte: Nações Unidas, Departamento de Economia e Assuntos Sociais, Divisão População (www.iom.int)

Como aponta Simon (2008), o volume de migrantes internacionais no mundo parece elevado quando se sabe que esse se equipara à população total da Indonésia, o 5º país mais populoso no ranking mundial. Ao mesmo tempo, traduz-se em uma proporção modesta, pois em termos relativos totaliza apenas 3% da população mundial. Para Faist (2000) isso nos coloca diante de uma "dupla" evidência: aumento crescente dos deslocamentos num mundo marcado por uma "massiva imobilidade", dado que a maior parte das pessoas vive em seu país de origem. Por outro lado, Simon (2008) avalia que essa "imobilidade" associa-se mais ao caso de residentes estáveis do que necessariamente de sedentários, isso porque mesmo que não se trate de migrantes, não quer dizer que esses indivíduos supostamente imóveis não se movimentem, nem circulem cada vez mais, por exemplo, realizando deslocamentos internacionais para fins turísticos. Essa é a tese de Urry (2000) que defende um novo foco para a sociologia tendo em vista o desenvolvimento de redes e fluxos internacionais que solapam a respectiva estrutura social na qual emergem. Sua proposta é que a sociologia volte sua atenção para as diversas formas de mobilidade (pessoas, objetos, imagens), focando assim o movimento, a mobilidade e a ordem contingente e não mais a estrutura e a

ordem social. Nos termos de Urry, na época atual ser móvel, tornou-se um estilo de vida. Os dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), agência vinculada às Nações Unidas, sobre o número de chegadas internacionais ligadas ao turismo são contundentes sobre o crescimento desse mercado (Gráfico 4).

Gráfico 4. Número de chegadas turismo internacional (em milhões) - (1995-2011)



Fonte: WORLD TOURISM ORGANIZATION (2012)

As relações entre turismo e migração não são ainda alvo de preocupação para muitos cientistas sociais segundo Barretto (2009), que argumenta como as fronteiras entre o chamado "turista" e o "imigrante" são permeáveis, pois muitos turistas tornam-se residentes. Por outro lado, Barretto também chama a atenção para o fato de que as facilidades que advêm com as novas TICs, contexto no qual o estabelecimento dos migrantes também evoca o deslocamento de seus familiares e amigos, contribuindo para o crescimento do turismo. Nas suas palavras é possível abordar a interface entre turismo e migração de várias maneiras: "o turismo como uma forma de migração, o turismo gerando migrações e as migrações gerando fluxos turísticos" (BARRETTO, 2009, p. 2). Essas imbricações explicam-se, segundo a autora, devido às mudanças geradas pela globalização, que fizeram a mobilidade ser um paradigma da cultura contemporânea.

Para Simon (2008), a realidade atual evoca uma mundialização dos fluxos migratórios, isso porque assistimos atualmente ao surgimento e à diversidade de correntes migratórias, de forma que o fenômeno pode ser percebido no mundo todo, envolvendo fluxos regulares e indocumentados. Outro aspecto que explica esse caráter global, é que as origens geográficas dos migrantes se diversificaram.

Esse aumento na distância dos deslocamentos reforça a questão dos espaços

de trânsito, países que se tornaram parte das rotas migratórias dadas as suas localizações estratégicas, normalmente regiões de fronteira dos destinos-alvo, como o caso do México, em relação aos Estados Unidos, e do Marrocos, em relação à Europa (SIMON, 2008). O alargamento das regiões envolvidas nas migrações, segundo Simon (2008), somado ao problema da implementação de mecanismos de controle mais eficientes e de políticas migratórias mais restritivas, engendrou espaços de trânsito importantes como, por exemplo, a França que se tornou passagem para migrantes a caminho da Grã-Bretanha, principalmente na região norte do país, em Calais[105].

Anteriormente, o "casal migratório", como relação migratória clássica, se fazia pela união de dois países que criava um sistema migratório exclusivo pelo menos do ponto de vista do país de origem (WIHTOL DE WENDEN, 2001). Exemplos de relações desse tipo são os casos dos mexicanos nos Estados Unidos, dos turcos na Alemanha e dos argelinos e marroquinos na França. No entanto, como aponta Wihtol de Wenden (2001), as novas mobilidades caracterizam-se por uma maior diversidade, as relações migratórias estão mais complexas pelo fim da proibição de saídas instituída pela Guerra Fria e pelos efeitos da mundialização que suscitaram novos fatores de atração e de esquemas migratórios que não correspondem mais a antiga migração de trabalhadores (sintetizada na representação hegemônica de que era constituída em grande medida por trabalhadores manuais do sexo masculino que migravam sozinhos e com a intenção de retornar), nem aos laços tradicionais entre país de origem e de destino. Outro aspecto importante destacado por Wihtol de Wenden diz respeito à motivação

[105] Segundo relatório da CFDA (Coordenação Francesa pelo Direito de Asilo), Calais é uma importante área de fronteira na Europa, pois nesta cidade francesa situa-se um estreito, onde tem-se a menor distância do Canal da Mancha entre o continente europeu e a Grã-Bretanha. Como o Reino Unido e a Irlanda aderiram parcialmente ao acordo Schengen, o dispositivo jurídico que rege o espaço de livre circulação europeu, estes países mantêm uma política migratória autônoma em relação ao Espaço Europeu. Isto significa que estes países conservaram o direito de controlar as pessoas em suas fronteiras e de não acatar as medidas adotadas pelos países adeptos em relação à concessão de vistos, ao asilo e à emigração. Enquanto fronteira franco-britânica, é uma região de limite do Espaço Schengen e pelo regimento da União Europeia, deve funcionar em Calais uma dupla barreira, administrativa e policial. A área também concentra refugiados, pois em Calais havia um campo de refugiados, chamado Sangatte, que foi fechado no final de 2002 exatamente como tentativa de diminuir a pressão migratória na região. No entanto, refugiados e migrantes continuam a chegar ao local, sendo uma região marcada por conflitos e tensões, inclusive constituindo-se em rota para migrantes dispostos a atravessar ilegalmente a fronteira. Tanto é que Calais faz parte das localidades que registram casos de mortes relacionados diretamente à migração internacional (COORDINATION FRANÇAISE POUR LE DROIT D'ASILE, 2008). O filme realizado pelo cineasta Philippe Lloret chamado "Welcome" (2009) é ilustrativo de tal situação.

para migrar, para os “novos migrantes” que têm “novos perfis”, os fatores de atração seriam mais importante para promover os deslocamentos do que os fatores de repulsão. Dessa forma, o imaginário, particularmente vinculado à busca de um “Eldorado”, tende a influenciar mais os potenciais migrantes, segundo a autora, do que fatores como pobreza ou desemprego.

A concentração dos migrantes internacionais em alguns poucos países favorece esse argumento de Wihtol de Wenden. Apesar do aumento do número de países de origem dos migrantes internacionais, englobando regiões cada vez mais distantes do globo, os países de destino são menos diversificados: 28 países acolhem 75% dos migrantes internacionais (SIMON, 2008). Um aspecto que explica isso é o que Simon denominou a difusão espacial e social do desejo de emigração.

Em relação aos países de destino, ainda se mantém uma concentração dos imigrantes internacionais em países desenvolvidos. Segundo dados divulgados pela Divisão de População da ONU, 60% dos migrantes internacionais em 2010 estavam vivendo nas regiões mais desenvolvidas do planeta (Austrália, América do Norte, Europa, Japão e Nova Zelândia) enquanto os países menos desenvolvidos concentravam 40% dos migrantes internacionais. No entanto, os fluxos entre países do sul não podem ser desconsiderados, inclusive 5% dos migrantes internacionais (cerca de 11 milhões de pessoas) viviam em 49 países classificados pela ONU como sendo aqueles menos desenvolvidos do mundo[106]. Tal aspecto reforça a crescente diversidade de países de acolhimento e instalação dos migrantes internacionais.

Castles e Miller (2004) apontam cinco tendências gerais no panorama das migrações internacionais contemporâneas: a “globalização da migração” com crescimento das áreas de origem dos migrantes; a aceleração do volume de migrantes; a diversidade de modalidades migratórias; a feminização crescente dos fluxos; e, a politização da imigração com a adoção de políticas nacionais, bilaterais e regionais. Estas tendências em grande medida se revelam com os “novos” esquemas migratórios que constituem e redefinem os deslocamentos atuais.

De acordo com Dumont, G. (2006), ainda que as causas dos movimentos

[106] Estes dados referem-se aos estoques de migrantes internacionais para o ano de 2010 divulgados pela ONU *cf* United Nations (2012).

migratórios atuais possam ser semelhantes àquelas predominantes no passado – associadas às dimensões político-religiosa, econômica, demográfica e os casos de fatores diversos, nos quais se conjugam fatores de expulsão – teríamos que lidar hoje com o surgimento de "novas lógicas migratórias"; que estão relacionadas à globalização, à internacionalização e à mundialização.

Na distinção conceitual elaborada por Gérard Dumont, a globalização envolve o conjunto de decisões políticas, tomadas com o objetivo de minar as fronteiras políticas, facilitando à circulação de mercadorias, homens e capitais. Elas impactam diretamente as migrações internacionais à medida que criam novas possibilidades de movimentos populacionais. Em primeiro lugar, a livre circulação de mercadorias potencializa as migrações porque sua prática depende da existência de redes de trocas, que suscitam a prerrogativa econômica da mobilidade das pessoas (DUMONT, G., 2006). Tal aspecto também foi destacado por Sassen (2010a) quando aborda o papel das cidades globais, enquanto enraizamento local e material da globalização, como lugares estratégicos para a reprodução da economia global. Ao reconfigurar os lugares e as escalas, o funcionamento da economia global renova a ordem social e alinhava processos e espaços transnacionais; inclusive repercutindo sobre as migrações internacionais, que são, desse modo, partes da dinâmica social (SASSEN, 2010a).

A globalização financeira também estimula as migrações, pois segundo Dumont, G. (2006) viabiliza e facilita o envio de remessas, que se constituem em uma das principais motivações para milhares de migrantes internacionais. Um último aspecto, no âmbito da globalização, relaciona-se à construção de espaços de livre circulação, como é o caso da União Europeia, que facilita e promove as migrações no interior desses espaços[107].

Segundo Simon (2008), o espaço de livre circulação europeu agrega 400 milhões de cidadãos em um território de 3.600.000 km^2. Se a supressão de fronteiras facilita a circulação e a migração nesse espaço, Simon enfatiza o impacto disso para as representações dos migrantes e sua influência para a imigração na Europa. Apesar do endurecimento das políticas migratórias e do "fechamento" das fronteiras para os não-

[107] Dumont, G. (2006) enfatiza também os impactos em função do alargamento da incorporação de países europeus afetados pela implosão da União Soviética, como é o caso da Polônia.

europeus nos últimos anos, os fluxos de entradas de migrantes, no espaço Schengen, mantêm-se em torno de 1,5 a 2 milhões de pessoas por ano (SIMON, 2008).

A internacionalização, segundo a conceituação de Dumont, G. (2006), também afeta as lógicas migratórias. Para este autor, a internacionalização refere-se às técnicas e aos processos que reduzem o espaço-tempo para as trocas, havendo duas fases da aceleração da internacionalização. Primeiramente, a partir de 1980, tem-se a intensificação da facilidade dos meios transportes com o "encurtamento" dos voos aéreos e o início da implantação dos trens de alta velocidade[108]. A segunda fase foi nos anos 1990 com a internet, o endereço eletrônico e o telefone móvel que impactam a migração por facilitar e acelerar o acesso às informações para potenciais migrantes e também porque permitem a manutenção dos laços com a origem por meio da comunicação à distância (DUMONT, G., 2006).

Essa diminuição das distâncias relativas transformam as relações espaço-temporais e inauguram novas possibilidades para a mobilidade humana, manifestando uma das características fundamentais da modernidade (HARVEY, 1992). Integra esse debate, apenas para citar alguns dos esforços feitos no sentido de compreender a realidade contemporânea, a concepção de sociedade em rede de Castells (2008), a noção de modernidade marcada pelo desencaixe de Giddens (1991) e o processo de "desterritorialização" discutido por Ortiz (1996).

Do ponto de vista dos movimentos migratórios, estas mudanças são relevantes porque redefinem categorias como presença/ausência, aqui/lá, migrante/sedentário (DIMINESCU, 2009). De acordo com Dumont, G. (2006), a internacionalização permite o desenvolvimento de "migrações reticulares" como manifestação do "desenvolvimento de redes que anulam parcialmente a noção de fronteiras e permitem uma grande flexibilidade dentro da mobilidade" (DUMONT, G., 2006, p. 23, tradução nossa) [109].

Depois da globalização e da internacionalização, a terceira causa para a

---

[108] Apenas para ilustrar os "ganhos" obtidos, segundo Dumont, G. (2006), a duração do voo Paris (França)-Saigon (Vietnã) era de uma semana em 1933 e tinha 16 escalas; atualmente, o voo Paris (França) – Ho Chi Minn (atual Saigon-Vietnã) é feito em 12 horas e 35 minutos. A velocidade dos trens também encurtou significativamente as distâncias pois os trens "comuns" trafegam com velocidades entre 100 e 200 km/h enquanto os trens de alta velocidade o fazem entre 250 e 300 km/h.

[109] No original: "reposant sur le développement de réseaux qui effacent en partie la notion de frontière et permettent une grande souplesse dans la mobilité" (DUMONT, G., 2006: p. 23).

emergência das novas lógicas migratórias tem como base o processo de mundialização que, conforme argumenta Gèrard Dumont, refere-se à dimensão econômica e às ações das grandes corporações, que passam a adotar estratégias mundializadas e adaptadas ao contexto da globalização e da internacionalização (DUMONT, G., 2006). A mundialização favorece as migrações internacionais, na medida em que estas organizações recorrem aos deslocamentos de profissionais para que eles possam criar as filiais de comercialização, as sociedades no âmbito da produção e as parcerias (DUMONT, G., 2006). Nesse mesmo sentido, Sassen (1993) aponta como a internacionalização da produção influenciou a mobilidade da mão de obra, estimulando fluxos migratórios principalmente entre locais ligados por relações econômicas como, por exemplo, pelos investimentos diretos estrangeiros. Em suma, as novas lógicas migratórias tendem a dinamizar os fluxos internacionais de pessoas, através da proliferação dos fatores e das motivações que justificam e facilitam os deslocamentos.

3.2. As novas lógicas migratórias e a diversidade de modalidades

Tendo em vista a dinamização dos fluxos internacionais de pessoas e o consequente aumento da complexidade do fenômeno na época contemporânea, o quadro analítico centrado no tipo migratório combinado à etapa econômica evidencia seus limites explicativos, tal como demonstrou Baeninger (2012a). Partindo da existência de uma relação íntima entre dinâmica produtiva econômica e processos migratórios (ênfase na perspectiva histórico-estrutural), esta autora argumenta que haveria para cada fase da estrutura produtiva brasileira, um tipo migratório correspondente, a partir do qual se desprendem outras modalidades migratórias:

> Em termos teórico-metodológicos isto nos conduz a uma diferenciação entre migração – como tipo estruturante - e as modalidades migratórias dela recorrentes, mesmo que as duas conceituações tenham por definição a mudança de residência entre municípios ou estados. As modalidades migratórias apresentam condicionantes, impactos, vínculos, localizações, abrangência, direção e sentido bastante diferenciados do tipo migratório. A reconstrução do fenômeno migratório como tipo ou como modalidade permite desvendar as especificidades e características, contextualizando e reconceitualizando o fenômeno social. (...) A modalidade migratória parece corresponder e emergir com as tendências conjunturais, enquanto o tipo migratório é um dos elementos na construção das estruturas sociais em transformação" (BAENINGER, 2012a, p. 23).

De acordo com Baeninger, a ênfase nas modalidades migratórias justifica-se na

medida em que estas se mostram mais aptas para o reconhecimento das diferentes "faces" do fenômeno migratório; uma perspectiva mais adequada à complexidade inerente aos movimentos migratórios contemporâneos:

> Apesar dessa limitação do enfoque teórico para anos recentes, considero que a reconstrução histórico-social do fenômeno migratório em seu tipo/etapa em diferentes espaços é que permitirá identificar as raízes das modalidades migratórias e suas especificidades e articulações na formação social e nas relações que estabelece em suas diferentes escalas, desde o local até o global (BAENINGER, 2012a, p. 57)

O quadro de entendimento das migrações (particularmente internas) no Brasil foi estruturado em torno da conjugação entre movimentos migratórios e desenvolvimento econômico. No entanto, diversos autores (BAENINGER, 2012b; BRITO, 2009; MENEZES; 2012) têm apontado a limitação explicativa do modelo analítico assentado sobre os processos de industrialização como explicação dos deslocamentos: os autores parecem concordar que desde as últimas décadas do século XX ocorreram transformações profundas que tornaram mais complexo o fenômeno migratório. É nesse sentido que as separações entre teorias e conceitos para explicar as migrações internas e internacionais estão perdendo o sentido, pois o processo crescente de internacionalização da economia, os impactos para a divisão internacional do trabalho, os efeitos da reestruturação produtiva, as novas TICs modificaram substancialmente as relações sociais e espaciais, interferindo em deslocamentos internos e internacionais de forma superposta. A presença de goianos na França, por exemplo, que chegam a Paris sem passagem pelas grandes cidades brasileiras, tal como foi observado durante a pesquisa de campo, é um exemplo notável de como a época contemporânea promove o delineamento de "mapas" particulares, que podem tornar a França ou a Inglaterra um lugar mais próximo (devido às redes sociais dos potenciais migrantes) do que lugares geograficamente menos distantes, no próprio país.

Assim, as "novas lógicas migratórias" estão impactando os deslocamentos migratórios dentro e fora das fronteiras nacionais, o que tende a obstaculizar a construção do tipo migratório que seria inerente a atual etapa econômica. É nesse sentido que seguindo o rasto deixado por Baeninger (2012a), a análise voltada para as modalidades migratórias mostra-se mais pertinente também para as migrações internacionais, em função da diversidade das características dos movimentos que

compõem os fluxos e os estoques de migrantes.

A incorporação de modalidades migratórias na análise do fluxo permite a contextualização mais precisa do objeto investigado, ao mesmo tempo em que revela processos migratórios e formas de instalação específicas, de acordo com o tipo de migrante, a modalidade da migração e a forma de inserção na sociedade receptora. Se as regras políticas, econômicas e sociais não são as mesmas para todos os perfis de migrante, consequentemente as práticas e os mecanismos envolvidos no projeto e na realização da migração não serão idênticos.

No entanto, adotar uma perspectiva de análise baseada nas modalidades migratórias, significa também assumir alguns critérios que serão utilizados para a construção da tipologia que vai orientar a classificação dos perfis migratórios em modalidades migratórias.

De acordo com a tipologia proposta por Domenach e Picouet (1996), as diferentes modalidades dependem dos motivos e da duração dos deslocamentos e podem ser realizados por um indivíduo ou por uma família, e segundo estes autores, é a causa da migração que tende a estruturar a forma dos deslocamentos, de forma que a migração rural-urbana tende a ser massiva e familiar, enquanto que a migração laboral ou estudantil seria mais restrita e individual. No entanto, como argumentamos, as migrações internacionais contemporâneas veiculam novas lógicas e esquemas migratórios, onde se verifica a existência de uma grande diversificação dos tipos de fluxos e de uma variedade dos modos de instalação. Para os autores acima, os critérios para compor as tipologias podem enfatizar as características socioeconômicas dos migrantes, a situação jurídica do migrante na sociedade de acolhimento, a duração e/ou a reversibilidade do deslocamento (DOMENACH e PICOUET, 1990)[110].

As modalidades migratórias cumprem papel analítico importante quando fluxos distintos manifestam-se simultaneamente, havendo desde deslocamentos motivados por reagrupamento familiar, passando pela circulação estudantil, fuga de cérebros,

[110] Segundo estes autores, os fluxos podem ser irreversíveis ou reversíveis. Os irreversíveis referem-se a uma mudança de residência definitiva e dessa forma é caracterizada por uma ruptura com o lugar de residência anterior. Eles podem ser fluxos voluntários, forçados ou itinerantes. Os fluxos reversíveis, por sua vez, podem ser de longa duração, de reversibilidade renovada ou esporádica. Para Domenach e Picouet (1996), a classificação quanto à reversibilidade depende da duração, do motivo e da periodicidade dos deslocamentos efetuados em relação a uma residência base.

trabalhadores temporários, demandantes de asilo, indocumentados (WIHTOL DE WENDEN, 2001). Nesse sentido, a autora citada sugere que uma tipologia de análise destas novas migrações deve distinguir as formas, os fatores e os objetivos. Wihtol de Wenden não aprofunda a discussão sobre as dimensões inerentes a tais critérios, mas podemos considerar que as formas, por exemplo, envolvem a questão da situação jurídica do imigrante (cidadão naturalizado, título de residente, visto de longa permanência, visto de curta duração, indocumentados), mas também dependem da reversibilidade (DOMENACH e PICOUET, 1990) e da categoria do deslocamento (migração familiar, individual etc.). Os fatores podem ser econômicos, políticos, religiosos, culturais, sociais e inclusive de ordem pessoal. Por último, os objetivos – entendidos como as motivações – nos levaria a considerar a questão profissional, laboral, financeira, afetiva, entre outros. Portanto, a combinação destes três critérios pode resultar em uma tipologia tão extensa quanto o volume de migrantes, se não adotarmos alguns critérios estruturantes das modalidades.

A adoção de políticas migratórias mais restritivas por parte dos países que apresentam os melhores salários e/ou maior crescimento econômico, compõe um cenário completamente distinto de meados do século XX, quando esses mesmo países implementaram políticas de atração de trabalhadores[111]. É por isso que a política migratória tornou-se um elemento chave na composição das modalidades migratórias existentes:

> (...) a imposição de limites quantitativos e qualitativos sobre a entrada [de estrangeiros] cria diferentes categorias de migrantes com características especificamente selecionadas que, ao final, ocupam posições distintas na estrutura socioeconômica da sociedade de acolhimento: de migrantes legais, imigrantes ilegais, refugiados, asilados, estudantes, estagiários, executivos e trabalhadores "temporários" (MASSEY et al, 1998, p. 13, tradução nossa)[112].

Tendo em vista esse contexto, a utilização do critério jurídico para a construção das modalidades migratórias mostra-se bastante relevante para refletir sobre a situação e a inserção dos imigrantes na sociedade de acolhimento. No entanto, esse critério

---

[111] Como aponta Sales (1992), a falta de mão de obra na Europa e nos Estados Unidos levou estes países a promoverem programas de estímulo para a imigração de trabalhadores estrangeiros.

[112] No original: "The imposition of qualitative and quantitative limits on entry creates different classes of migrants with differently selected traits who ultimately occupy different positions in the socio-economic structure of the receiving society: legal immigrants, undocumented migrants, refugees, asylees, students, trainees, business executives, and 'temporary' workers" (MASSEY et al, 1998, p. 13).

perde força analítica quando se tem o interesse de se considerar a questão da gênese dos projetos migratórios, isto é, contemplar a diversidade dos interesses e das estratégias dos migrantes – dadas as suas posições sociais (BOURDIEU, 2004, 2011) – que se manifestam em processos migratórios específicos. O olhar para a situação jurídica do migrante na sociedade hospedeira no momento em que a entrevista foi realizada pouco informa sobre os mecanismos envolvidos na realização dos projetos migratórios. Isso porque a aquisição da nacionalidade do país de destino, por exemplo, tende a revelar uma dinâmica de médio e de longo prazo experimentada pelo migrante, mais uma decorrência dos percursos migratórios. A obtenção do um estatuto jurídico regular por parte do migrante e a forma que esta regularização assume, por exemplo, a posse do visto de vida familiar obtido por meio do casamento com um francês mostra-se útil para analisarmos a inserção do brasileiro na França, seu "lugar" na sociedade de acolhimento. Por outro lado, a reunião de todos os entrevistados que tinham o visto de vida familiar "oculta" a diversidade de projetos migratórios. A união com um cônjuge francês pode ser tanto "resultado" da trajetória do migrante, como é o caso de brasileiros que foram para a França estudar e lá viviam com vistos de estudantes, até que em determinado momento de sua permanência no país, casaram-se com um cônjuge francês; ou ainda, o "mote" para o deslocamento, por ter conhecido um francês e a partir do relacionamento é que se deram os elementos que corroboraram para a migração. Tendo em vista esses aspectos é que consideramos pensar as modalidades migratórias com foco nas motivações da migração, em outras palavras, construir uma tipologia de modalidades migratórias a partir dos objetivos que compunham inicialmente o projeto migratório.

Considerando o quadro analítico elaborado no segundo capítulo, orientado pela busca de um nível intermediário de análise e que nos levou a valorizar a concepção e a realização do projeto migratório, as modalidades migratórias que compõem o fluxo Brasil-França pós-1980 não poderiam ser concebidas sem a incorporação das motivações. Ao mesmo tempo, não é o caso de abandonar as implicações das macroestruturas que se manifestam, por exemplo, a partir das políticas migratórias e de outros aspectos que viabilizam ou obstaculizam a possibilidade dos agentes realizarem seus projetos de migração para a França.

Como a melhor tipologia tende a ser aquela que é mais adequada às especificidades da pesquisa (WIHTOL DE WENDEN, 2001), nossa proposta é considerar as motivações que envolvem os deslocamentos de forma combinada às brechas e às possibilidades que advêm do cenário mais amplo. A motivação para a migração nos parece essencial à formulação e à realização do projeto migratório, sendo que o papel dos condicionantes estruturais não pode ser ignorado, porque são eles que influenciam diretamente na composição das formas assumidas pelos deslocamentos, e também porque esses são os fatores que os explicam, por exemplo, quando os interesses econômicos orientam as políticas migratórias e definem trabalhadores "benvistos e benvindos" e trabalhadores "dispensáveis e deportáveis".

Tendo em vista nosso interesse de reconhecer o migrante como agente, mas sem desconsiderar os constrangimentos estruturais que limitam e/ou engendram suas disposições, optamos por uma construção das modalidades migratórias em sua perspectiva sociológica, isto é, tentando conciliar a relação dialética entre os condicionantes estruturais que promovem/impelem as migrações e os interesses e as estratégias dos agentes que migram: valorização da subjetividade dos migrantes vis-à-vis o cenário mais amplo no qual esses se inserem.

As modalidades foram formuladas a partir das motivações manifestadas pelos entrevistados para migrar, mas ao mesmo tempo seguimos a recomendação de Bourdieu (2011) e consideramos o indivíduo e sua história em consonância à posição que ele ocupa no espaço social, reconhecendo como suas disposições (experimentadas como particulares, porque lhe acionam uma "natureza" individual) não estão desvinculadas de uma "história coletiva" (BOURDIEU, 2004). As modalidades migratórias elaboradas foram concebidas a partir destas relações dialéticas, por isso, além das motivações e objetivos dos migrantes, a composição destas chaves analíticas demandou também a reconstrução dos processos sociais relacionados.

3.2.1. O tipo migratório do fluxo Brasil-França até 1980

Um caminho para se compreender em termos históricos, o fluxo de imigração brasileira na França, nos leva a buscar primeiramente as relações entre os dois países, que iluminariam as "afinidades" entre brasileiros e a França e que em grande medida

poderiam justificar deslocamentos migratórios do referido fluxo. Nesse sentido, as relações econômicas e culturais, as representações sociais sobre a França que se difundiram e se instituíram no Brasil, ao menos em certos grupos sociais, mostram-se como um ponto de partida.

Carelli (1994) insiste no caráter "atípico" das relações franco-brasileiras e na preponderância cultural francesa no país, apesar do afluxo de imigrantes de outros países (como italianos e japoneses) ter sido muito mais volumoso:

> O lugar excepcional da França não lhe foi outorgado por suas veleidades coloniais, mas sim por sua irradiação intelectual. Aos Filósofos do Progresso, é necessário adicionar a importância da língua francesa, (...), e o gosto pelos produtos de Paris, a fim de conceber hoje a preponderância cultural desta nação, que apesar disso é claramente menos presente, de um ponto de vista comercial, do que a Inglaterra (CARELLI, 1994, p. 18).

Em termos mais objetivos, a história das relações franco-brasileiras começa ainda no século XVI, com o projeto de criar a chamada "França Antártica", uma colônia francesa em terras brasileiras que eram na época domínio da Coroa Portuguesa (TAVARES, 1979). Apesar de haver registros de viagens anteriores de navegadores franceses para o Brasil, segundo Tavares (1979), foi Villegaignon quem primeiro realizou uma expedição organizada e com recursos necessários para a instituição da colônia em 1555[113]. O empreendimento alcançou importantes êxitos iniciais, logrou a construção de um forte, conseguiu o apoio dos Tupinambás, mas o projeto foi completamente derrotado pelos portugueses em 1565, ainda que o evento tenha servido para aumentar o interesse da França pelo Brasil (TAVARES, 1979).

Os relatos sobre o território "selvagem" brasileiro tiveram grande repercussão, segundo Carelli (1994), na configuração do imaginário francês sobre "paraísos lendários", principalmente devido às narrativas que chegavam à França a partir da experiência dos aventureiros pensadores que exploravam o "Novo Mundo".

No século XIX, esse interesse foi reorientado e, segundo Tavares (1979), a independência do Brasil em 1822, teve papel fundamental nesta mudança. Isso porque, até então, eram os franceses que vinham ao Brasil, sendo que após esse período, foram os brasileiros que seguiram para a França, "onde grande número de brasileiros iria matricular-se nas suas universidades ou adquirir ensinamentos que se tornavam

[113] Rufin (2002) romanceou o episódio tendo como base uma substancial pesquisa documental.

indispensáveis aos diferentes aspectos do nosso desenvolvimento nacional" (TAVARES, 1979, p. 146).

Tavares aponta que a emancipação política trouxe a necessidade de formação dos quadros competentes que iriam ocupar postos dos Serviços Públicos. Como já havia as tais "afinidades" intelectuais e políticas entre a França e o Brasil, houve então um movimento de bolsistas brasileiros, após 1822, de estudantes financiados pelo governo. Esse afluxo de brasileiros para a França após a independência, foi bastante intensificado, pois havia também um pretérito movimento "espontâneo de estudantes brasileiros" que procuravam as escolas francesas. A carta escrita pelo representante do Brasil em Paris, em 1824, merece ser reproduzida aqui:

> A afluência de brasileiros para este país aumenta dia a dia, e esse fato, que alguns julgam do seu dever aplaudir, já se transforma numa espécie de mania que exige a atenção dos poderes públicos. Sem planos para o futuro nem outra ambição que a de cair no ridículo e no vício, muitos viajam para a França e aqui cedo se encontram sem recursos. (...) Muitos me têm pedido ajuda. Eu não faço mais do que me é possível e eles continuam a dilapidar meus bens. É indispensável, contudo, socorrê-los para que eles não cubram de vergonha o nome dos brasileiros. Torna-se por isso importante não permitir a vinda para a França senão às pessoas que disponham de meios para viver aqui. Rogo, pois, a Vossa Excelência propor, com urgência, providências a respeito, como eu já tenho solicitado e volto a reiterar, porque o mal aumenta. (OFÍCIO[114] [...], 1824 apud TAVARES, 1979, p. 170-171).

Por outro lado, a influência das ideias francesas continuaram se infiltrando nas instituições e nos intelectuais brasileiros, como mostra a relevância que o positivismo, baseado no pensamento de Augusto Comte, teve para a instauração da República no país (CARELLI, 1994). A irradiação das ideias francesas impregnou as instituições brasileiras:

> Por volta de 1900, as instituições culturais brasileiras eram frequentemente o reflexo daquelas da França. A Academia de Belas Letras é um bom exemplo de cópia do modelo, não somente em sua estrutura institucional, mas ainda em sua instalação, dado que se situa em uma réplica do Petit Trianon, pavilhão que foi oferecido pelo governo francês em 1922 (CARELLI, 1994, p. 154).

Em relação ao idioma francês, ele era no início do século XX um "sinal de *distinção*" (CARELLI, 1994, p. 173, grifos do autor): quase um terço do acervo consultado, em 1907, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro era escrito em francês,

---

[114] Tavares não menciona o nome do então Cônsul, nem onde o referido ofício foi acessado. Diz apenas que sua data é de 12/11/1824 e que foi dirigido ao Ministro do Exterior do Brasil *cf* TAVARES, Aurélio de Lyra. **Brasil-França**: ao longo de cinco séculos. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979, p. 170-171.

sendo apenas 2% em inglês. É neste sentido que o autor argumenta que a França é a "pátria intelectual" de muitos brasileiros.

Na compilação de artigos sobre as relações de cooperação científica e acadêmica entre o Brasil e França, o prólogo foi assinado pelo sociólogo brasileiro Antonio Candido[115], que apresenta a historicidade e a relevância das relações entre a França e o Brasil, argumentando que "não é exagero achar que desde o começo do século XIX a língua e a cultura da França exerceram no Brasil o papel formador que as culturas da Grécia e de Roma exerceram na Europa" (CANDIDO, 2005, p. 13). Essa influência explica o lugar de destaque da França como "país das Luzes" no imaginário intelectual brasileiro:

> No afrontamento entre 'barbárie' e a 'civilização' que conhecia a jovem nação brasileira, Paris foi o modelo incontestado, assim como a referência mítica dos artistas. Ir a Paris tornou-se uma necessidade para todo intelectual digno deste nome (...).(CARELLI, 1994, p. 185).

Durante o século XX, os laços entre Brasil e França foram reforçados, sendo notável a fascinação e a admiração que a França exerceu sobre diversos e importantes estratos brasileiros, especialmente em certos meios intelectuais e artísticos (CARELLI, 1994). No âmbito universitário e acadêmico, projetos de parceria científica foram essenciais na formação e na estruturação de importantes institutos e universidades no Brasil, como é o caso da Universidade de São Paulo (TAVARES, 1979). Todo esse histórico resultou em uma expressiva herança cultural francesa no Brasil, consolidada em instituições e grupos sociais. De forma que houve e ainda há um fluxo de estudantes brasileiros na França, em grande medida, relacionado à francofilia que emergiu destas relações.

Ainda que a influência comercial inglesa tenha sido sempre superior no Brasil oitocentista, a cultura francesa teve sem dúvida seus mecanismos próprios de difusão pelo país. Estudos históricos sobre a presença de franceses no Brasil no século XIX em São Paulo (BIVAR, 2007) e no Rio de Janeiro (MENEZES, 2004) registraram que a França era tomada como um "modelo de civilização" e sinônimo de "luxo".

Assim, essa dimensão simbólica, principalmente em torno de Paris e de sua

[115] No referido texto, o professor Antonio Candido (2005) conta que fez Ciências Sociais na Universidade de São Paulo e que teve aulas ministradas em francês, assim como algumas provas eram nessa língua.

radiação cultural, pode explicar ao menos em parte, a preferência das elites brasileiras pela França quando se trata de viagens de lazer:

> Em 1900, a moeda brasileira era forte, graças à exportação de café, e os ricos proprietários de terras não hesitavam em dirigir-se a Paris com sua família para longas estadas. (CARELLI, 1994, p. 189).

Ao longo do século XIX e começo do século XX, a presença de brasileiros na França era em grande medida composta por membros das elites, que iam para lá motivados por estudos ou lazer (ROLLAND, 2008; PEREIRA, 2009). Depois, na segunda metade do século XX, algumas dezenas de brasileiros, destacadamente intelectuais e artistas, buscaram refúgio político na França no contexto da ditadura militar instituída em 1964 (ROLLAND, 2008).

Esse histórico particular no âmbito das relações entre a França e o Brasil em geral, e da imigração brasileira na França em particular, parece estar na raiz de um suposto estereótipo de "elite", associado à "presença brasileira na França" (ROLLAND, 2008; VALENTE, 2005)[116]. No entanto, desde 1980, com a intensificação da globalização e o início de um processo mais evidente de emigração de brasileiros, a França se tornou um destino para migrantes que deixam o Brasil com o objetivo de estudar, trabalhar ou viver (ABUD, 2010; AMORIM, 2009; BÓGUS, 1995).

Nesse sentido, apesar de haver um aumento da diversidade na composição do fluxo de brasileiros na França, o número de estudantes brasileiros na França, bolsistas ou não, registrado em fontes secundárias diversas[117] aponta para a relevância desta modalidade migratória na composição do fluxo, cuja raiz está no tipo histórico. Ainda que atualmente uma série de novas lógicas migratórias estimule a imigração de

---

[116] Xavier de Brito (2000) argumenta como o termo "elite" que se usa para falar dos estudantes brasileiros em mobilidade internacional refere-se mais a uma "solução de facilidade" do que uma expressão do estatuto social destes brasileiros. De acordo com Brito, apenas uma parcela minoritária dos estudantes brasileiros constituem parte de uma elite tal qual esse termo foi definido e explorado por cientistas sociais diversos.

[117] Em Canêdo e Garcia (2004) é possível localizar dados sistematizados e analisados sobre as bolsas de agências brasileiras para formação no exterior, no qual a França ocupa a segunda posição como destino dos estudantes ao longo do período 1987 a 1998. Mazza (2009) também analisou as estatísticas de bolsistas no exterior da Capes, do CNPq e da Fapesp durante o período de 1970 a 2000, e confirma a importância da França como destino destes estudantes. Almeida (2012) apresenta dados de bolsistas brasileiros das Capes e do CNPq para a primeira década do século XXI que reitera a importância da França como país de destino dos bolsistas brasileiros na França, além de apresentar trajetórias de estudantes que foram autonomamente, isto é, sem bolsa de estudos e que se mantinham com recursos pessoais e/ou familiares.

brasileiros na França, estas “novas” lógicas convivem com “antigas” lógicas, que reivindicam um protagonismo da influência cultural francesa no Brasil.

Em resumo, as diversas modalidades migratórias que compõem o atual fluxo de imigração brasileira na França diversificam a configuração que engendrou o fluxo de estudantes como tipo migratório dominante. Os diferentes perfis de migrantes e de condições migratórias atuais nos orientou a elaborar uma recomposição analítica das modalidades migratórias que se manifestam após os anos 1980 para o entendimento do fluxo. Ainda que guardem relações com o tipo histórico, no âmbito das “migrações internacionais contemporâneas”, tais deslocamentos revelam também outros processos sociais, que se relacionam à fase atual do capitalismo e às correspondentes transformações sociais que engendram projetos migratórios que, por caminhos distintos, conduzem brasileiros à França.

3.3. Modalidades Migratórias e o Fluxo Brasil-França pós 1980

Para refletir sobre os mecanismos de seletividade relacionados aos deslocamentos, tal como foi discutido no segundo capítulo, e reconhecendo o contexto contemporâneo no qual esses deslocamentos se realizam, entendemos que é necessário incorporar a diversidade de modalidades migratórias que implicam em uma significativa heterogeneidade dos imigrantes brasileiros na França. Como esperamos argumentar, os processos que conectam os brasileiros a França são distintos, assim como são diversos os projetos migratórios, a situação jurídica e o estatuto social do estrangeiro. O foco então passa para a análise das modalidades migratórias encontradas pela pesquisa de campo e de como estas modalidades influem sobre o processo migratório.

Considerando as 86 entrevistas realizadas na França, do ponto de vista jurídico tem-se que:

- 30 brasileiros apresentam uma condição estável na França, pois entre esses casos, 11 possuem a carta de residente (que tem validade de 10 anos e é renovada automaticamente[118]) e 19 foram naturalizados franceses;
- 10 brasileiros entrevistados possuem documentos de outros países membros da União Europeia: 1 caso de carta de residente espanhola, 1 caso de nacionalidade espanhola, 2 casos de nacionalidade portuguesa e 6 casos de nacionalidade italiana;
- 38 brasileiros entrevistados vivem na França com visto de longa permanência: 14 possuem vistos outorgados por "vida familiar", 13 possuem vistos de estudante, 5 estão munidos com visto "assalariado" (concedido nos casos em que o visto prevê o direito de trabalhar), 2 casos de estada com visto "científico", 1 visto do tipo "bénévole" (que não permite trabalhar de forma remunerada) e 3 casos em que a categoria não foi informada.
- 8 entrevistados viviam na França de forma irregular, estão sem documentos válidos ou possuem documentos falsos.

No que tange aos 16 ex-imigrantes brasileiros na França entrevistados, como é de se esperar, a condição de estabilidade foi pouco frequente; houve apenas 2 casos de cidadania francesa e 1 caso de posse de título de residente. A maioria permaneceu na França com visto de estudantes (7 entrevistados), outros 3 tinham visto de vida familiar, 1 tinha visto de trabalho (que é chamado "salarié"), 1 estava sem documentos e 1 dos entrevistados não informou sua condição.

O agrupamento dos brasileiros que obtiveram a cidadania francesa e que foram beneficiados com a carta de residente esconde uma diversidade muito grande de perfis e de modalidades migratórias. Por isso, esses casos serão classificados tendo em vista as motivações iniciais relacionadas ao projeto migratório e/ou ao tipo de visto que esse imigrante tinha antes de se beneficiar de condições jurídicas mais estáveis. Por exemplo, Leonardo que possuía a carta de residente quando me concedeu a entrevista,

[118] A renovação é considerada um "direito pleno" desde que não se trate de um estrangeiro que viva em poligamia, ou que um dos cônjuges viva em situação de poligamia. Também pode ser revogado o direito de residente nos casos de condenação por ter cometido ou ter sido cúmplice da prática de mutilação genital feminina em menor de 15 anos. Outro fator para não renovação, é que o estrangeiro tenha deixado o espaço Schengen para residir no estrangeiro durante um período de três anos consecutivos.

havia inicialmente migrado com o visto “científico”, de forma que seu caso será contemplado na modalidade migratória denominada científica. Os processos migratórios dos entrevistados foram então analisados de forma agrupada, isto é, segundo as modalidades migratórias, que serão analisadas em sua especificidade. Tendo como base o material das entrevistas, procuramos construir as modalidades migratórias dos brasileiros na França a partir dos relatos de seus projetos e da consideração dos processos sociais que engendraram estas formas migratórias. Nesse sentido, tem-se que no âmbito de um projeto migratório centrado no casamento com um cônjuge francês, por exemplo, foi estruturada a modalidade migratória afetiva de caráter matrimonial. Ao todo foram “concebidas” cinco modalidades migratórias: migração de profissionais altamente qualificados, migração estudantil, migração laboral, migração afetiva, migração “cosmopolita”. Em algumas destas, as ramificações mostraram-se importantes para salientar certas nuances. Isto porque a migrações de profissionais qualificados abarca tanto os quadros de gerência de organizações privadas multinacionais, que reverbera na “migração de executivos”, como a mobilidade de cientistas e pesquisadores. A migração de estudantes englobou uma parcela significativa dos entrevistados, mas a importância desta modalidade migratória revelou que existem diversas formas de conceber e realizar os projetos que levam os brasileiros a ir estudar na França. Ao mesmo tempo, não se ignora a dimensão híbrida que atravessa estas construções, há casos em que as motivações iniciais estavam atreladas ao estudo, mas a atualização dos projetos implicou em inserção no mercado de trabalho ou então na formação de família na França, com a realização de casamentos com cônjuges franceses, nascimento de filhos etc. Esse hibridismo é expressão inclusive do que argumentamos no início deste capítulo sobre como as chamadas migrações internacionais contemporâneas evidenciam uma realidade social dinâmica e cada vez mais complexa.

3.3.1. Migração de profissionais altamente qualificados

De acordo com Castells (2008), a economia que surgiu no final do século XX é caracterizada por ser informacional, global e em rede. Esta economia é informacional porque a produção e o uso da informação ocupam papéis chave para o desempenho

das unidades e dos agentes econômicos; é global porque todas as esferas da produção e da circulação, e seus respectivos integrantes (como o capital e o trabalho) são organizadas em âmbito mundial e, funciona em rede porque sua dinâmica resulta de uma interação que criou um sistema econômico específico (CASTELLS, 2008). Numa economia que se organiza por tais ditames, os profissionais qualificados são cada vez mais valorizados:

> Existe um processo cada vez maior de globalização da mão de obra especializada (...) que vem sendo excepcionalmente requisitada no mundo inteiro e, portanto, não seguirá as regras normais das leis de imigração, do salário e das condições de trabalho. Esse é o caso da mão de obra profissional de alto nível: gerentes de nível superior, analistas financeiros, consultores de serviços avançados, cientistas e engenheiros, programadores de computador, biotecnólogos, etc. (CASTELLS, 2008, p. 171).

Em um mundo que tem fechado cada vez mais as fronteiras para trabalhadores ordinários, esss profissionais ocupam um lugar privilegiado, sendo ao contrário, em diversos casos disputados por políticas migratórias seletivas, fundamentadas em critérios de capital humano, que definem facilidade e às vezes até benefícios para tais profissionais (DUMONT, J., 2006). As migrações e a mobilidade destas competências têm crescido, segundo Dumont, J. (2006), desde meados dos anos 1990, sendo o envelhecimento da população dos países mais desenvolvidos um fator relevante, assim como o crescimento econômico mundial. Este autor aponta que, em 2000, havia 17 milhões de pessoas com diploma superior que viviam em países da OCDE sendo que eles não eram naturais dos países onde estavam[119]. Gaillard e Gaillard (2002) destacam que os países de Europa Ocidental são aqueles que tradicionalmente mais se beneficiam dos fluxos migratórios de profissionais altamente qualificados.

Os fluxos compostos por profissionais qualificados têm origem, na maior parte dos casos, nos países do sul (menos desenvolvidos ou em desenvolvimento) e se destinam aos países no norte, mais desenvolvidos, dando ensejo a uma reflexão que a partir dos anos 1960 foi estruturada em termos da chamada “fuga de cérebros” (DUMONT, J., 2006). Há algumas décadas atrás, o debate sobre o tema ficava quase

[119] Para Dumont, J. (2006) apesar da abertura das políticas migratórias, facilitando a imigração de profissionais qualificados, não se pode dizer que há uma mundialização do mercado de trabalho qualificado, pois ainda vigoram muitas barreiras (validação de diplomas, domínio do idioma do país de destino) e muitos países continuam adotando critérios migratórios rígidos para a entrada destes profissionais a despeito da necessidade do mercado de trabalho.

que exclusivamente em torno do efeito negativo desta migração para o crescimento econômico das áreas e/ou países de emigração, mas a globalização afetou a prática das profissões científicas e das políticas das corporações transnacionais, alterando esse cenário (GAILLARD e GAILLARD, 2002). No contexto atual, os autores têm chamado a atenção para uma maior tendência de circulação de competências, da estruturação de redes e da instituição de projetos de cooperação, do retorno e da transferência de tecnologias que trariam efeitos positivos desta migração de trabalhadores qualificados para seus respectivos países de origem (MEYER e CHARUM, 1995; GAILLARD e GAILLARD, 2002; VIDEIRA, 2013)[120].

A França é um dos países que adotam políticas seletivas, baseadas no interesse de atração de profissionais qualificados, particularmente para sanar as carências do mercado de trabalho. O fluxo de profissionais qualificados para França foi pesquisado por Wagner (1998), que o analisa como parte das migrações inerentes à globalização[121]. De acordo com Wagner (1998), depois de 1974 com a suspensão oficial da imigração na França, uma parcela cada vez maior dos imigrantes é composta por quadros superiores:

> (...) atualmente são as classes superiores que mais contribuem para o crescimento do efetivo de estrangeiros ativos na França. Entre os recenseamentos de 1982 e de 1990, os números de executivos estrangeiros quase dobraram (+81,5%), enquanto que os volumes de outros estrangeiros ativos pararam de aumentar (+0,8%). Em 1995, segundo a pesquisa Emprego, quase 10% dos imigrantes são executivos e profissionais intelectuais superiores (WAGNER, 1998, p. 21, tradução nossa)[122] .

O argumento da autora é que as categorias normalmente utilizadas para analisar a condição migratória precisam ser revistas quando se trata de focar o fenômeno da

---

[120] Meyer e Charum (1995) destacam que a questão do "ganho de cérebros" assume novas versões, no atual contexto, que superam a questão da adoção de políticas de repatriamento que permite a reincorporação do profissional, que retorna com uma formação superior a que poderia obter se não tivesse migrado.

[121] Wagner ressalta que sua abordagem torna-se incomum na medida em que os estrangeiros de classes superiores não são tratados como imigrantes, inclusive tendem a ser negligenciados nos estudos sobre imigração e população estrangeira, ou seja, a autora denuncia o fato de que as elites são excluídas das representações sociais em torno do fenômeno migratório como uma "omissão" que merece ser objeto de análise.

[122] No original: "(...) ce sont aujourd'hui les classes supérieures qui contribuent le plus fortemente à l'augmentation des effectifs des actifs étrangers en France. Entre les recensements de 1982 et de 1990, les effectifs des cadres étrangers ont presque doublé (+81,5%), alors que ceux des autres actifs étrangers ont cessé de progresser (+0,8%). En 1995, d'après l'enquête Emploi, prés de 10% des immigrés sont de cadres et professions intellectuelles supérieure" (WAGNER, 1998, p. 21)

migração de elite. A ênfase nas nacionalidades ou nas clivagens culturais que orientam as problemáticas em torno das migrações perde força quando estrangeiros que pertencem a estas classes superiores reivindicam uma "identidade internacional" e desta forma se colocam para além das limitações nacionais, uma espécie de "vanguarda na mundialização" (WAGNER, 1998).

Essa questão de um tratamento diferenciado para a condição imigrante do executivo não se manifesta apenas no nível das representações sociais, tal como evidencia as políticas seletivas. Na França, como na maior parte dos países, para poder trabalhar, o estrangeiro precisa de uma autorização de trabalho outorgada, e no caso francês, esta concessão está atrelada a situação do emprego no âmbito da profissão demandada e que considere a região de atuação, que na prática definem obstáculos que, ressalta Wagner, tendem a implicar na recusa da concessão. No entanto, os estrangeiros de "alto nível" não são analisados com a mesma severidade; há inclusive uma circular, em vigor desde 1984, que orienta os órgãos públicos competentes a "examinar o pedido dos 'estrangeiros com elevada qualificação' com a mais alta complacência" (WAGNER, 1998, p. 26, tradução nossa)[123]; e nestes casos, segundo a autora, a autorização de trabalho solicitada é comumente aceita. É nesse sentido, que se pode entrever uma seletividade política-jurídica dos imigrantes, dado que o direito ou sobretudo a aplicação do direito instituí uma categoria de estrangeiros alicerçada em critérios sócio-profissionais, que escapam das mesmas medidas voltadas aos outros estrangeiros (WAGNER, 1998).

Em 2006, Nicolas Sarkozy era Ministro do Interior do governo Jacques Chirac, e enquanto tal defendeu a adoção de uma política que permitisse a França passar de uma "imigração sofrida" para uma "imigração escolhida". No espírito de uma política seletiva, indulgente com as necessidades do mercado de trabalho francês, foi criada uma nova categoria de visto de longa permanência, chamado de "competências e talentos", um visto que pode ter duração de um a três anos, com possibilidade de renovação:

> O visto de permanência 'competências e talentos' pode ser concedido a um estrangeiro que tenha condições de contribuir, em função de suas competência

[123] No original: "examiner la demande des 'étrangers de haute qualification' avec la plus grande bienveillance" (WAGNER, 1998, p. 26).

> e habilidades, de forma significativa e durável ao desenvolvimento econômico e à propagação, particularmente intelectual, científica, cultural, humanitária ou esportiva da França e do país de sua nacionalidade (FRANCE, 2006, art. 315, tradução nossa)[124].

No entanto, as entrevistas realizadas mostram que essa abertura da legislação e das práticas associadas não reflete necessariamente na maneira como esses profissionais sentem-se recebidos. Se o ambiente profissional e organizacional mostra-se normalmente receptivo (com algumas exceções que serão posteriormente apontadas), "acolhendo" bem o profissional brasileiro, a avaliação desses profissionais quanto ao tratamento recebido pelos funcionários públicos que atuam na imigração foi unânime em apontar como eram "mal tratados", sendo frequente a manifestação de terem vivido um sentimento de "humilhação". Podemos considerar como agravante, o fato de que esses brasileiros participam de um estrato social privilegiado, não estando habituados a experimentar papéis sociais marginais, associados a estigmas, aspecto que tende a reforçar o mal-estar que sentem quando são tratados com indiferença[125].

Nesta análise sobre as migrações de profissionais qualificados, optei por fazer uma distinção entre a migração de carreira (TILLY, 1986), típicas de quadro gerenciais de empresas multinacionais, e a migração de cientista, que se liga mais a uma dinâmica de universidades e centros de pesquisa.

Migração de executivos

A migração de executivos refere-se exatamente ao processo que Tilly (1986) descreveu como "migração de carreira", pois são situações nas quais os indivíduos (e suas famílias) migram pelas oportunidades profissionais que surgem nas organizações nas quais eles trabalham. Normalmente, a possibilidade de ir para outro país está ligada a inserção desses profissionais executivos em filiais de empresas multinacionais instaladas no país. Segundo Freitas (2010), com a globalização, as empresas têm

---

[124] No original: "La carte de séjour 'compétences et talents' peut être accordée à l'étranger susceptible de participer, du fait de ses compétences et de ses talents, de façon significative et durable au développement économique ou au rayonnement, notamment intellectuel, scientifique, culturel, humanitaire ou sportif de la France et du pays dont il a la nationalité. Elle est accordée pour une durée de trois ans. Elle est renouvelable. Lorsque son titulaire a la nationalité d'un pays membre de la zone de solidarité prioritaire, son renouvellement est limité à une fois" (FRANCE, 2006, art 315).

[125] Wagner (1998) aponta como muitos dos seus entrevistados, todos estrangeiros e profissionais qualificados na França, não se identificavam com a condição de ser um imigrante na França. Em algumas das entrevistas que fiz, também pude perceber a preferência pela condição de expatriado vis-à-vis a de imigrante.

recorrido cada vez com mais frequência a esse tipo de prática, na medida em que se tornou um recurso das organizações multinacionais para:

> a) internacionalizar a sua gestão; b) aumentar o repertório dos conhecimentos de certa equipe para desenvolver um projeto e/ou uma unidade específicos; c) formar novos líderes; d) elevar o nível de coordenação e controle das suas unidades geograficamente dispersas; e) aumentar a diversidade estratégica de seus recursos humanos face aos mercados globais; f) desenvolver e incorporar novas técnicas e processos organizacionais; g) exemplificar aspectos importantes da cultura da empresa-mãe. (FREITAS, 2010, p. 690).

Há duas formas usuais de viabilizar essa mudança, em primeiro lugar, por meio de um contrato de expatriação, no qual o profissional continua vinculado ao Brasil, mas fica cedido temporariamente para uma unidade localizada no exterior: "Esses executivos, denominados expatriados, caracterizam-se por serem funcionários enviados para viver e trabalhar em um país estrangeiro por, no mínimo, dois anos" (CARDOSO, 2008, p. 11). A segunda possibilidade é o profissional ser efetivamente contratado pela empresa sediada no exterior. Neste caso, conforme me informaram os entrevistados, como não se mantém nenhum vínculo com o Brasil, a experiência de expatriação tende a ser mais arriscada, pois não há garantias contratuais, visto que no país de destino o profissional será um funcionário "como qualquer outro" (ainda que privado da condição de cidadão nacional), fato que o isenta de receber benefícios e serviços de apoio para a família, incentivos muito comuns nos casos de expatriação[126].

Os vistos que permitem os estrangeiros expatriados trabalhar são considerado pela política francesa de longa permanência e são classificados como "salarié en mission" (quando há o vínculo no Brasil e a expatriação resulta em uma mobilidade temporária) ou simplesmente "salarié" (quando é um estrangeiro com permissão de trabalho na França).

Entre as entrevistadas realizadas na França, o único caso de mulher como profissional executiva foi Marcela que ocupava um cargo de direção no âmbito administrativo. Além dela, foram entrevistados Horácio e Geraldo, ambos engenheiros elétrico, que ocupavam cargos gerenciais ligados à produção, e Osvaldo, um engenheiro químico que permaneceu na França durante 4 anos e havia retornado no

[126] Os benefícios e serviços de apoio dependem da política da empresa, mas pode envolver o pagamento de curso de idiomas, instalação temporária em hotel, ajuda para locação de imóvel e para matricular crianças na escola, assumir os trâmites burocráticos para obtenção e/ou renovação do visto, passagens aéreas anuais para a família visitar o país de origem, entre outros.

Brasil quando me concedeu a entrevista.

Marcela[127], 42 anos, é formada em Letras. Estudava francês desde criança, estimulada pela mãe, e foi pelo conhecimento no idioma que foi contratada quando ainda era estudante por uma empresa francesa, instalada no Brasil desde meados do século XX. A política de carreira da empresa era oportuna e Marcela se manteve na empresa, ascendendo profissionalmente. Depois de ser assistente da direção, tornou-se responsável pela gestão dos recursos humanos da filial brasileira. Posteriormente, foi convidada para assumir a mesma posição, mas no âmbito organizacional relativo à América Latina, permanecendo em São Paulo. A oportunidade de expatriação surgiu em 2005, quando Marcela foi convidada para ocupar um cargo importante de direção na França. O marido aceitou acompanhá-la e foram: o casal e o filho. Em 2008, o casal chegou a comprar uma casa na França, pensando que ficariam definitivamente. Mas logo depois veio o desejo de voltar e desde 2010 foi sendo estruturado pela empresa seu retorno ao Brasil.

Horácio[128], 58 anos, é outro caso de migração de carreira (TILLY, 1986), porém foram tantas idas e vindas, entre França e Brasil, que sua trajetória pode ser classificada como rotativa (BAENINGER, 2012b); desde 1985, Horácio teve cerca de 6 experiências como expatriado. Ele é engenheiro elétrico e segundo me contou, essa intensa mobilidade deve-se a uma especificidade de sua área, de momentos em que há mais projetos em um país do que no outro, o que repercute em situações de diferenciadas de ociosidade e necessidade de profissional com seu perfil. Horácio nasceu em Curitiba, onde estudou engenharia. Começou a carreira numa empresa pública, mas em 1985 foi para uma grande multinacional francesa sediada em São Paulo. Logo após a mudança, recebeu o convite para sua primeira expatriação para a França, que implicou em uma permanência temporária de 10 meses. Voltou para São Paulo e em 1995 teve uma nova experiência de expatriação, desta vez mais duradoura, quando permaneceu 3 anos na França. Regressou ao Brasil no final de 1997. Em 2000, um novo contrato, desta vez, ficou 2 anos e meio. A quarta estada foi de 2005 a 2007. Em 2011 ficou “indo e vindo”, passava 2 meses na França e depois 2 semanas no

[127] Entrevista realizada em 20/08/2012 em cidade situada na região norte de Paris, França.
[128] Entrevista realizada em 04/10/2012 em Paris, França.

Brasil. Até que recebeu convite de um contrato de 2 anos que começou em maio de 2012. A "lógica" desta mobilidade está intrinsecamente associada à questão da internacionalização da empresa, pois foi a filial Suíça que assumiu um projeto na Sérvia e ele foi expatriado pela filial no Brasil, para trabalhar nesse empreendimento, morando na França. O contrato vai até maio de 2014, e até lá ele deve permanecer na França. Segundo relatou, ele não tem a cidadania francesa, mas tem uma filha alfabetizada lá, atualmente graduada pela Sorbonne e cursando um *master*[129]. Também, tem um filho, nascido na França, em idade escolar. Recebeu proposta de contrato por tempo indeterminado na França, mas não aceitou. Segundo revelou na entrevista, é mais vantajoso ser expatriado do que se estabelecer indefinidamente como profissional na França.

Geraldo[130], 50 anos, também é um engenheiro elétrico que estava vivendo na condição de profissional expatriado na França. Ele nasceu no interior de São Paulo. Como engenheiro elétrico trabalhou em São Paulo, Limeira, São José dos Campos, Campinas e Piracicaba. Ao longo dos anos 1990, Geraldo foi algumas vezes para a Holanda, para realizar treinamentos ou outras atividades que implicaram em estadas de curto período. A primeira permanência mais longa foi de 6 meses na França em 1998. Em 1999 teve a primeira oportunidade de expatriação que, segundo contou, teve relação com a crise cambial que afetou o Brasil naquele contexto:

> [...] eu estava numa outra empresa, uma empresa francesa, e eu estava num projeto de implantação da empresa francesa no Brasil. [...] Aí, o que aconteceu? [...]teve a grande maxi-desvalorização, ele [a moeda brasileira, o Real] passou de um dólar-um real passou um dólar-dois reais na época, em fevereiro de 99, e pros franceses [...] foi um choque, foi a primeira crise que eles vivenciaram, e foi bem na hora que a fábrica estava iniciando, e, eles se viram totalmente perdidos, né? [...] Então, na época, eles propuseram pra algumas pessoas pra ir trabalhar durante um período de três anos, dois anos a três anos na França, e depois estar retornando pro Brasil uma vez a crise passada, ou alguma coisa assim...[Geraldo em entrevista em entrevista realizada em 11/10/2012].

Ele aceitou e foi a família inteira, e ficaram em Lyon até 2002. Voltaram para o

[129] Na estrutura de ensino da França, o nível que seria o equivalente ao segundo grau no Brasil é conferido através de uma prova que se chama "baccalauréat" ou BAC – como se encontra com frequência. Uma vez que foi aprovado no BAC, o estudante pode dar sequência a sua formação na Universidade, e neste caso o nível de titulação é sempre referenciado ao número de anos de estudo após o BAC. Nessa estrutura, os principais níveis de titulação são *licence* (BAC +3), *master* (BAC +5) e doutorado (BAC +8). No caso de formação na área de saúde ou de formação técnica, há outras configurações.

[130] Entrevista realizada em 11/10/2012 em Paris, França.

Brasil e ele acabou mudando de empresa. Em 2008, surgiu uma nova proposta de expatriação para a França, desta vez na região de Paris, mas com atuação no mundo todo em um primeiro momento e após a crise de 2008, apenas na Europa:

> [...] eu fui identificado, por uma pessoa aqui da Europa que precisava de alguém com o meu perfil [...] Eu permaneci um ano, nessa equipe, que viaja, uma consultoria interna que viaja pro mundo todo, na realidade, a gente trabalha com melhoria contínua, fazendo trabalho de melhoria e propostas de melhoria pras empresas, e dando treinamento em ferramentas de melhoria, né? Em 2008, o que aconteceu aqui, que teve a grande crise europeia, 2008, foi bastante forte, bastante pesada [...] Então, nessa transição, o que aconteceu? O departamento em que eu estava, ele sofreu uma reestruturação, e o setor europeu de aços planos, ele estava precisando de uma nova injeção de, de energia, vamos dizer, pra melhoria. Então, eu fui convidado, dentro do meu contrato de expatriação, de mudar desse setor de onde eu estava pegando o mundo todo, pra um setor mais restrito que seria a parte de aços planos para a Europa especificamente. Então, aí, a partir do início de 2009, né, eu mudei de área, que é onde eu estou até agora, nessa nova área de, de somente de Europa...[...] Então eu não viajo mais o mundo todo, mas eu viajo na Europa, então cada semana eu estou num país. Alemanha, Polônia, Bélgica, Luxemburgo, Espanha...Então, onde tem as fábricas que estão desenvolvendo esse programa de melhoria, eu estou lá, ou dando treinamento, ou dando consultoria, ou fazendo auditoria, eu estou nesse aspecto do meu trabalho... [Geraldo em entrevista em entrevista realizada em 11/10/2012].

Por último, cabe destacar o caso de Osvaldo[131], 50 anos, que foi como profissional expatriado para a cidade de Lyon na França, em 1996, onde permaneceu durante quatro anos. Após esse período, ele retornou ao Brasil e não teve mais nenhuma experiência desse tipo. Ele nasceu no interior de São Paulo. É formado em Química e Engenharia Química e trabalhava numa empresa química francesa estabelecida na região de Campinas. Em entrevista, Osvaldo contou que sabia que como parte da política da empresa havia a possibilidade dele trabalhar na França, e que isso se tornou para ele um projeto profissional. Em 1988, teve sua primeira missão internacional na França, e em 1992, uma segunda viagem de negócios. Estudou francês de 1987 a 1993, inclusive porque enquanto trabalhava no Brasil recebia também profissionais franceses. Em meados dos anos 1990, deram-se as circunstâncias profissionais e pessoais que viabilizaram a ida de Osvaldo para a França. Eles foram em 1996 e voltaram em 1999. O retorno foi difícil para toda a família, pois o casal estava habituado com a vida na França, segundo me disse, com as facilidades do modo de vida francês. Após o regresso, ele acabou mudando de

[131] Entrevista realizada em 05/06/2011 em Campinas, Brasil.

empresa e não teve outra experiência de expatriação, mas disse que foi tão positiva, que ele estaria disposto a ir novamente, caso tivesse a oportunidade.

Migração de cientistas

De acordo com Videira (2013), o trabalho científico é atualmente uma atividade globalizada e cada vez com maior frequência, as carreiras acadêmicas articulam-se à mobilidade internacional. Não há um consenso sobre o que se denomina migração de "trabalhadores altamente qualificados", mas Videira adota o critério de que se trata de trabalhadores com diploma universitário ou que tenham experiência significativa em sua área de atuação. No entanto, aqui, os imigrantes brasileiros na França que serão "classificados" como parte da chamada migração de "cérebros" são aqueles em que a mobilidade para a França foi posterior aos seus respectivos doutoramentos. Isto é, serão considerados "mão de obra altamente qualificada" aqueles brasileiros que entraram na França como "cientistas/pesquisadores", desconsiderando assim os graduados que vão pra lá como estudantes para fazer algum curso de pós-graduação.

A migração de trabalhadores altamente qualificados, como é o caso dos cientistas, engendra implicações individuais e estruturais. No aspecto negativo, El Hajji (2013) aponta para o problema estrutural da evasão de mão de obra qualificada que afeta particularmente os países em desenvolvimento, mais carentes desse perfil profissional. Por outro lado, como foi dito acima, a mobilidade de cientista também podem promover benefícios estruturais, impactando a internacionalização e a qualidade das pesquisas, promovendo o desenvolvimento de redes transnacionais que podem configurar parcerias de longo prazo com repercussão inclusive para a economia dado o atual papel do conhecimento (VIDEIRA, 2013). Do ponto de vista individual, Videira argumenta que a mobilidade internacional permite ao cientista um enriquecimento biográfico que pode influenciar decisivamente a sua carreira de pesquisador; a obtenção de competência linguística; a ampliação do horizonte cultural e teórico; e, o alargamento das redes sociais que repercutem em ganhos em termos de acesso a informações, conhecimento e recursos.

No caso da mobilidade de cientistas, não se verifica a existência de um protagonismo das organizações, tal como se manifesta na mobilidade de trabalhadores qualificados vinculados às empresas multinacionais:

> (...) a mobilidade de cientistas no sector académico não é tanto induzida por processos formais de recrutamento ao nível organizacional (...). Prende-se, ao invés, com uso de redes *ad hoc* (...) e de formas de recrutamento autopropostas, através de amigos, colegas e familiares ou derivadas de mobilidade enquanto estudante (VIDEIRA, 2013, p.146)

Quanto à motivação, os trabalhadores qualificados movem-se segundo Dumont, J. (2006), devido a uma combinação de "fatores de atração e repulsão"; um arranjo no qual a questão financeira tem papel secundário, pois nesses casos há uma tendência em considerar outras dimensões como, por exemplo, o problema da segurança urbana e a qualidade no ensino público para os filhos que encontram no país de origem.

Videira (2013) também aponta que o aspecto financeiro não revela as principais motivações que levam os cientistas a migrar, que tendem a valorizar as próprias condições de trabalho tais como: a excelência da investigação praticada numa determinada instituição, o acesso aos melhores laboratórios e equipamentos mais avançados, a autonomia no trabalho e o próprio reconhecimento social dado à atividade científica. No entanto, Videira também aponta motivos de cunho mais pessoal como a proximidade da família, a compatibilização de oportunidades quando se trata de carreiras duplas, entre outros aspectos:

> (...) é importante na análise das motivações individuais dos cientistas a compreensão do contexto em que estes se movimentam. Cientistas a trabalhar em diferentes campos científicos, sectores e contextos nacionais serão sujeitos a diferentes pressões e oportunidades. Questões de curso de vida e de carreira, bem como a qualidade e evolução dos contextos de investigação nacionais, serão igualmente decisivas na importância dada à mobilidade e na capacidade para lhe dar resposta (VIDEIRA, 2013, p.147).

Em um artigo sobre as migrações contemporâneas de trabalhadores qualificados, El Hajji (2013) enfatiza a perspectiva subjetiva que está na raiz desses deslocamentos, argumentando que no contexto das novas TICs e outros aspectos que facilitam a mobilidade, os deslocamentos são alimentados, particularmente no âmbito do imaginário e do simbólico, um contexto que promove incessantemente processos de desterritorialização. Nesse sentido, os cientistas são alvos primeiros desses efeitos, na medida em que têm acesso à instrução e à informação, aspectos que tendem a formatar novas exigências sociais e subjetivas. Os cientistas são, nessa perspectiva, "mais propensos e suscetíveis à sedução dos deslocamentos subjetivos e, por conseguinte, às migrações físicas e espaciais – sendo este segundo movimento apenas o reflexo e atualização do primeiro". (EL HAJJI, 2013, p. 126).

Durante a pesquisa de campo, foram entrevistados três casos de brasileiros que se enquadram na categoria de cientistas ou "cérebros". São duas mulheres (Darci e Fernanda) e um homem (Leonardo). Todos entraram na França com visto de longa permanência na categoria "científico", mas Leonardo já havia obtido o título de residente, evidenciando através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado e de seus próprios anseios pessoais, uma situação de instalação "definitiva" ou de um "fluxo voluntário de caráter irreversível" nos termos propostos por Domenach e Picouet (1990).

Darci[132], 58 anos, nasceu no Rio Grande do Sul, mas vivia em Brasília desde 1986 ocupando um posto como professora numa universidade da cidade. Segundo me disse, seus avós eram franceses, e sua relação com a França sempre foi forte, porém subjetiva. Foi apenas em 2001 que foi à França pela primeira vez como pesquisadora convidada, por meio de uma parceria em um projeto de investigação. Entre 2001 e 2008 foi para a França uma ou duas vezes ao ano, sempre a trabalho e com estadas que duravam alguns meses. No caso de Darci, as redes profissionais foram decisivas para motivar e viabilizar seus deslocamentos:

> Foi em 2001 que eu vim pela primeira vez à França e eu fiquei seis meses. Fui para Montpellier para trabalhar em uma pesquisa [...]. E a partir daí nós criamos uma rede em 2004, [...] que é uma rede de pesquisadores latino-americanos e franceses, então sempre tem uma mobilidade muito grande de estudantes e de pesquisadores para virem para a França e os franceses pra irem para o Brasil e os outros países da América Latina. Eu fiquei seis meses em Montpellier e a partir daí a cada ano eu vinha uma ou duas vezes trabalhar. Ficava um mês, 45 dias, três meses, quatro meses. Então isso foi crescendo até 2009, quando eu recebi o convite para vir trabalhar aqui definitivo, em Paris [Darci em entrevista realizada em 05/09/2012].

Em relação às questões burocráticas, ela revelou que nunca teve problemas e que sempre entrou com visto científico e que na última ida em 2009, foi em uma condição diferenciada como pesquisadora convidada no âmbito de um concurso de carreira de uma universidade parisiense. Então, atualmente Darci é uma professora de Sociologia ligada ao quadro da universidade. Vive desde então em Paris. Deixou a família no Brasil - filhos, netos e um ex-marido – por isso, vem ao Brasil duas vezes por ano. Apesar de sentir um pouco a solidão, Darci revelou que gosta muito da vida na França e que não tem planos de retornar ao Brasil. Outra característica importante de

[132] Entrevista realizada em 05/09/2012 em Paris, França.

Darci é a familiaridade com os deslocamentos internacionais, apesar de ser uma cientista brasileira na França, sua trajetória é marcada por uma intensa mobilidade. Para ilustrar tal aspecto, reproduzo abaixo um trecho da entrevista que me concedeu:

> **Entrevistadora:** E o país que você tem relação além da França, que você vai com frequência ou que você já tenha ido e ficado bastante tempo?
>
> **Darci:** Não. Não para morar, mas que eu desenvolvo projetos de pesquisa, Portugal, sem dúvida, praticamente todos os países da América Latina, Chile, Uruguai, Argentina, Equador, Peru, Colômbia... Na verdade Venezuela e as Guianas não. E África...
>
> **Entrevistadora:** Mas que você vai e permanece meses?
>
> **Darci**: Não, que eu vou, fico um mês, em trabalho, em missões de pesquisa.
>
> **Entrevistadora**: Entendi.
>
> **Darci**: Moçambique, Cabo Verde...
>
> **Entrevistadora:** Você trabalha muito com redes, com grupos...
>
> **Darci:** Com redes. Nós temos a rede [...] que congrega países da América Latina e praticamente toda a Europa. E tem uma rede luso-brasileira que hoje se transformou em rede luso-afro-brasileira de estudos socio-ambientais, porque nós temos projetos na África também. [Darci em entrevista realizada em 05/09/2012].

A trajetória de Leonardo[133] foi abordada com detalhes no segundo capítulo quando seu projeto migratório foi analisado, por isso, não me alongarei muito no seu caso aqui para evitar repetições. Interessante dizer que a primeira ida de Leonardo para a França, em 1999, após a conclusão do seu doutorado, foi motivada por sua esposa. Nesse sentido, não há uma relação prévia com a França e nem a inserção em redes específicas como foi o caso de Darci. Leonardo "construiu" as pontes que lhe permitiram conseguir um pós-doutorado com bolsa do governo francês uma vez que estava na França:

> Bom, eu vim pra França, acompanhei minha esposa. Eu procurei trabalho [palavra incompreensível] não encontrei nada, nada, na área de física. Finalmente, eu consegui um financiamento francês, pra um pós-doutorado [em uma escola] no sul de Paris. Fui pra lá, me pagou salário lá, um ano, um ano e pouco, um ano e meio. E depois eu vim pra cá [leste da França] pra fazer um segundo pós-doutorado. Eu acabei ficando mais tempo do que eu previa. O laboratório ficou interessado no meu trabalho, eles tentaram me guardar de maneira mais ou menos definitiva [Leonardo em entrevista realizada em 08/09/2012].

No entanto, Leonardo precisou, devido a motivos pessoais, voltar para o Brasil. Aí sim, a experiência anterior, os contatos e o acesso a informações foram decisivos

[133] Entrevista realizada em 08/09/2012 no leste da França.

para impulsionar um novo deslocamento, pois a oportunidade lhe chegou por meio de uma pesquisadora de Paris com a qual ele mantinha uma colaboração. Quando se definiu a instalação de um novo laboratório no sul de Paris, a colega parisiense de Leonardo avaliou que ele tinha o perfil desejado pelo laboratório e entrou em contato com ele, perguntando se ele se interessava pela vaga. Dessa forma, Leonardo volta para a França em 2005:

> [...] depois de um tempo, de volta pro Brasil, eu recebi uma nova proposta pra voltar pra França, dessa vez, pra trabalhar num laboratório [em uma agência de pesquisa francesa no sul de Paris]. Pra montar um laboratório. E uma proposta sedutora de ter um posto permanente no final do projeto. [...] E a proposta era realmente interessante porque eu vim com um bom salário e com um apartamento pago. E era realmente um negócio muito, muito legal. Isso me permitiu me instalar confortavelmente [Leonardo em entrevista realizada em 08/09/2012].

Depois de um tempo, a "promessa" de um posto definitivo não se concretizou. Leonardo não queria voltar ao Brasil e buscou um novo posto. Há alguns anos, foi aprovado em um concurso e tornou-se pesquisador associado a um importante centro de pesquisa francês. Novamente, a mobilidade anterior lhe trouxe vantagens, pois ele trabalha em um laboratório no qual fez um pós-doutoramento de 18 meses naquela primeira estada. Interessado em sua especialidade, o laboratório informou a Leonardo que havia uma vaga disponível. O contato prévio com a instituição foi um diferencial no momento de preparar-se para concorrer à vaga. Aprovado, Leonardo atualmente desfruta de uma condição estável profissionalmente e juridicamente, pois tem um título de residente. Ele não considera retornar ao Brasil: "nessa segunda vinda pra França, a única certeza que eu tinha é a de que eu não voltaria pro Brasil. Eu vim pra ficar" [Leonardo em entrevista realizada em 08/09/2012].

Por último, há o caso de Fernanda que também é física e estava na França fazendo um pós-doutoramento. Apesar do pós-doutorado ainda ser parte da formação, entendemos que na área de atuação de Fernanda, esse tipo de inserção configura-se mais como uma mobilidade de competência (VIDEIRA, 2013) do que uma circulação estudantil (LATRECHE, 2001).

Além disso, segundo sua própria narrativa, seu deslocamento tem pouca probabilidade de reversibilidade (DOMENACH e PICOUET, 1990). Fernanda teve uma primeira estada temporária na França quando fez seu estágio doutoral. Após a

obtenção do título no Brasil, Fernanda planejou a ida para fazer o pós-doutoramento na França:

> Eu passei seis meses, aqui, fazendo uma parte do meu Doutorado – que pela FAPESP só pode ficar seis meses. E aí eu gostei. Eu... Eu me identifiquei com a França. Eu me identifiquei, **principalmente**, com a pesquisa. [...] Eu trabalho com a área de laser. E é uma área **muito** diferente, é uma área muito tecnológica. E é **muito** diferente trabalhar aqui ou trabalhar lá no Brasil. É, realmente, muito diferente. A tecnologia é... Eles, realmente, têm muito mais dinheiro, eles têm... Assim: é realmente, fazer pesquisa de ponta, contra fazer pesquisa porque você gosta de fazer pesquisa. [Pausa] Então, daí eu resolvi que eu queria fazer um pós-doc aqui. E, daí eu comecei a namorar um francês, no final do meu, do meu período aqui. Então, eu falei: "Bom! Então, realmente, eu vou fazer o um pós-doc na França." [...]. Daí eu entrei em contato com outro laboratório – que eu queria mudar de laboratório. Aí, deu certo. Eu pe... Eu pedi uma bolsa. Só que eu falei pra ela que eu não tinha interesse, que eu não tinha interesse de voltar ao Brasil, não. Que, se eu me adaptasse na França, eu não voltaria pro Brasil. Então, que eu não poderia pedir nenhum tipo de bolsa brasileira, porque com bolsa brasileira cê precisa voltar. [Pausa] Ela falou que pra ela interessava ainda mais, porque eles precisam de gente que queira ficar mesmo. [Fernanda em entrevista realizada em 09/08/2012, grifos para destacar ênfases da fala].

A bolsa de Fernanda já havia sido renovada quando ela me concedeu a entrevista e ela tinha um contrato até novembro de 2013. Reconhecia que havia certa incerteza em relação ao futuro a partir de então, mas a trajetória de Leonardo é um indicativo de que o cenário de Fernanda pode ser promissor. Em relação a sua permanência na França, o relacionamento afetivo com um francês reforça ainda mais os vínculos com a sociedade de destino, inclusive porque a união pode facilitar sua inserção na França como pesquisadora após o término do seu pós-doutoramento.

Quadro 6. Profissionais altamente qualificados entrevistados no Brasil (2011) e na França (2012)

N°	Nome fictício entrevistado/a	Data da realização da entrevista	Cidade/Local da entrevista	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Ano Retorno ao Brasil	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída doBrasil	Documento francês	Profissão na França
1	Darci	05-09-2012	Paris, França	1954	2009	Sem previsão	Interior do RS	Brasília	visto científico	Pesquisadora
2	Fernanda	09-08-2012	Paris, França	1981	2010	Sem previsão	São Paulo	São Paulo	visto científico	Pós-doutoranda
3	Geraldo	11-10-2012	Paris, França	1962	2008	Sem previsão	Interior de SP	Interior de SP	visto "salarié"	Engenheiro Elétrico
4	Horácio	04-10-2012	Paris, França	1954	2013	2014	Curitiba	São Paulo	visto "salarié"	Engenheiro Elétrico
5	Leonardo	08-09-2012	Leste da França	1966	2005	Não pretende retornar	Cuiabá	Recife	título residente	Pesquisador
6	Marcela	20-08-2012	Norte de Paris	1970	2006	2012	São Paulo	São Paulo	visto "salarié"	Direção em cargo administrativo
7	Osvaldo	05-06-2011	Campinas, Brasil	1961	1996	1999	Interior de SP	Interior de SP	visto "salarié"	Engenheiro Químico

3.3.2. Migração estudantil

As causas para brasileiros irem para o exterior estudar variam ao longo dos tempos, mas é uma condição intrínseca à formação do Brasil. Xavier de Brito (1991) argumenta sobre a relevância desse fenômeno, em um país cuja história foi escrita em relação de dependência e/ou de colaborações com atores estrangeiros, sendo a formação no exterior uma dimensão integrante do universo acadêmico e cultural do Brasil.

Construindo uma análise cronológica, Xavier de Brito mostra que entre 1500 e 1840 a formação superior foi integralmente ou majoritariamente feita no exterior. Esta ausência de formação superior no Brasil foi também destacada por Schwartzman (1979), que a relaciona com a posição marginal ocupada por Portugal no campo da Ciência internacional, repercutindo na tardia formação científica brasileira. Por outro lado, Xavier de Brito (1991) argumenta que tal lacuna deve-se a uma política deliberada portuguesa, cujo modelo colonial valorizava a dependência com a metrópole, e na medida em que impedia o ensino superior no Brasil tornava a ida para Portugal passagem obrigatória para aqueles integrantes das elites[134] que quisessem ter uma formação superior.

Segundo Xavier de Brito (1991), desde a segunda metade do século XVIII, a França começou a atrair alguns estudantes brasileiros, interessados nas ideias políticas francesas que eram consideradas mais avançadas. Em meados do século XVIII, o eixo da Ciência internacional transferiu-se para a França, em grande medida pela reverberação das ideias iluministas. Momento que conflui com o período da "ilustração brasileira", vivenciado entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX:

> (...) período em que o contato com a Europa, particularmente com a França, é intenso, e de lá vêm as ideias de evolução, o darwinismo biológico e social, o positivismo e o materialismo filosófico e político. Estas ideias encontram eco nas elites políticas, culturais e intelectuais do país, cada qual escolhendo os aspectos que mais lhe são próximo. (...) É da França e da Alemanha que chegam, muitas vezes com atraso e distorcidos, os modelos intelectuais e institucionais que são adotado no Brasil. É nestes países, particularmente no primeiro, que vão estudar nossas elites intelectuais (SCHWARTZMAN, 1979, p. 86).

[134] O caráter de elite é destacado na medida em que 80% da população brasileira era analfabeta, e a proporção da população com acesso ao ensino superior era de 0,04% (XAVIER DE BRITO, 1991).

Na primeira metade do século XIX, surgem as primeiras possibilidades de formação superior no Brasil, criadas com a vinda da família real ao Brasil (SCHWARTZMAN, 1979). Naquele momento, destaca-se a criação de duas escolas de medicina (no Rio de Janeiro e na Bahia) e duas escolas de direito em São Paulo e Pernambuco (XAVIER DE BRITO, 1991). Ou seja, a partir de então, tem-se uma progressiva transferência da formação para o Brasil, mas a realização de parte dos estudos ou a formação no exterior continua sendo praticada e estimulada, segundo Brito, por camadas sociais privilegiadas.

Após 1930, a forte atuação do Estado foi fundamental para a criação de diversas universidades brasileiras, que continuam a receber influências estrangeiras. Como por exemplo, em meados da década de 1930, São Paulo recebeu a "missão francesa" composta por cientistas sociais que foram convidados para a organização da USP; aspecto que, segundo Schwartzman (1979), seguiu em grande medida o modelo francês, ao tomar a criação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas como "célula mater", a partir do qual a instituição foi organizada.

Nesse período, de 1930 a 1960, de acordo com a cronologia de Xavier de Brito (1991), obter a formação superior no Brasil tornou-se mais frequente[135]. Ao mesmo tempo, a ida ao exterior para os estudos continua sendo uma realidade e inclusive estimulada por bolsas de estudos pelas agências de fomento à pesquisa (CNPq e Capes)[136]. Das 1474 bolsas que a Capes concedeu para formação no exterior entre 1951 e 1963, cerca de um terço delas foram outorgadas para estudantes brasileiros na França (XAVIER DE BRITO, 1991). Por outro lado, Canêdo e Garcia (2004) analisando dados de bolsas da Capes, do CNPq e da Fapesp para o exterior, entre 1987 e 1998, mostram que os Estados Unidos são o principal destino desses bolsistas (35%), sendo que a França ocupa a segunda posição, concentrados 18% dos bolsistas[137].

Entre 1960 e 1975, Xavier de Brito considera que houve uma modernização do

[135] No referido estudo, a autora cita dados oficiais brasileiros de 1938, segundo os quais havia cerca de 26 mil estudantes brasileiros inscritos em 438 instituições de ensino superior no Brasil.
[136] Em 1951, duas agências vinculadas à promoção do ensino superior e pesquisa científica foram criadas, o CNPq e a Capes, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino superior no Brasil, permitindo a formação dos quadros necessários pelo mercado de trabalho (XAVIER DE BRITO, 1991; CANÊDO e GARCIA, 2004).
[137] Canêdo e Garcia (2004) e Mazza (2009) argumentam sobre especificidades no que tange a área disciplinar de estudos e o país de destino dos bolsistas.

sistema universitário brasileiro, todavia com a ditadura militar instituída em 1964, a autora argumenta que, a influência estrangeira estadunidense tornou-se mais notável[138].

Uma reforma no sistema de ensino brasileiro, em 1968, repercutiu na criação do sistema de pós-graduação do país, mostrando o início de um processo de profissionalização das Ciências que atingiu maturidade plena no momento subsequente. O último período cronológico definido por Xavier de Brito vai de 1976 a 1989, quando ocorre de fato a profissionalização da pesquisa científica, em um cenário acadêmico no qual a França precisou "lutar" para manter-se como referência para o pensamento acadêmico latino-americano, devido à diversificação das influências que, no caso brasileiro, remete ao retorno da primeira leva de cientistas formados no exterior, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, quando ocorreu também a institucionalização do sistema de pós-graduação no Brasil.

Apesar da possibilidade objetiva da realização de todo o ciclo de estudos no Brasil, o interesse por efetuar os estudos no exterior se manteve. De acordo com Mazza (2009), ter uma experiência internacional no processo de escolarização e profissionalização assume uma estratégia pessoal distintiva num mercado simbólico que valoriza o cosmopolitismo. Além disso, Mazza (2009) também argumenta sobre a difusão mais recente do acesso ao ensino superior no Brasil, fato que repercutiu em certo "desgaste de credenciais" e engendrou a adoção de novas "estratégias" de distinção. No limite, ter uma experiência internacional torna-se uma "necessidade" e esse é o aspecto discutido por Mazza em outro artigo de sua autoria, onde analisa um momento no qual "a circulação internacional, no campo acadêmico, estaria metamorfoseando-se de direito em dever" (MAZZA, 2008, p. 296)[139].

A política científica brasileira incorporou a valorização da internacionalização da

---

[138] Tanto que a proporção de bolsas de estudos concedidas pela Capes para os Estados Unidos (40%) superou o número dos casos para a França (24%). Predileção que se mantém e cresce nos anos posteriores, pois Canêdo e Garcia (2004) mostram que a proporção de bolsas de estudos concedidas pela Capes, CNPq e Fapesp para os Estados Unidos foi de 31% no período 1987-1991 e 39% no período 1995-1998

[139] Os dados sobre mobilidade de estudantes brasileiros seguem uma tendência mundial. De acordo com Latreche (2001), se vivemos hoje numa época marcada pela mobilidade, com uma grande circulação de capital, mercadorias, informações e pessoas pelo mundo, a mobilidade de estudantes em circulação internacional acompanha este movimento. Dados da OCDE e da Unesco analisados por este autor apontam que em 1962 havia cerca de 270 mil estudantes inscritos em universidades estrangeiras e em 1998 este número evoluiu para 1 milhão e 400 mil em 1998

formação acadêmica, incentivando a cooperação internacional e oferecendo bolsas de estudos e suporte financeiros para a circulação de estudantes e pesquisadores. Segundo Mazza (2009), de 1951 a 1979, foram 879 bolsas no exterior da Capes e do CNPq, número que se elevou para 17 mil no período de 1970 a 1998. As estatísticas das bolsas Capes e CNPq no exterior para o período 2000-2010 registram e reforçam o crescimento desse tipo de auxílio: foram 44 mil na primeira década do século XXI[140]. Número que deve ser muito maior nesta década, devido à implantação de um ambicioso programa federal, chamado Ciências Sem Fronteiras, cujas orientações principais são investir na formação de profissionais altamente qualificados e promover a internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil[141].

Quando se decide estudar no exterior, há fatores que influenciam a decisão sobre qual será o país de destino, um processo típico de todo projeto migratório. Latreche (2001) cita a relevância de fatores culturais e sociológicos, mas destaca "dois tipos de 'determinantes' que influem diretamente sobre a migração: as proximidades geográficas e linguísticas" (LATRECHE, 2001, p. 18, tradução nossa)[142].

Se considerarmos a questão da geografia mundial em termos de "norte" e "sul", a distância que separa os estudantes brasileiros dos Estados Unidos e dos países europeus (os principais destinos dos estudantes em mobilidade internacional) não difere sobremaneira de um país para outro. Nesta perspectiva, a distância torna-se uma variável menos relevante. Fato que tende a aumentar o peso da questão linguística

[140] Algumas destas séries históricas disponibilizadas pelas referidas agências podem ser acessadas nos anexos 3 e 4 desta tese.

[141] O programa Ciências Sem Fronteiras foi instituído pelo decreto n° 7642 de 13/12/2011. A política tem como objetivo investir na formação de profissionais altamente qualificados, através do aumento da internacionalização da formação acadêmica e profissional, promover a internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil. É ao mesmo tempo uma política de atração de mão de obra altamente qualificada para o Brasil. As metas iniciais previam 75 mil bolsas de estudos, mas as metas mais recentes divulgadas pelo Comitê Executivo do programa, em 2013, estabelecem a meta de 101 mil bolsas, dentre as quais 75 mil outorgadas por financiamento público e 26 mil através de recursos disponíveis pela iniciativa privada. Existem duas modalidade de bolsas no Brasil ("Atração de Jovens Talentos" e "Pesquisador Visitante Especial". As bolsas no exterior são para "Graduação Sanduíche", "Doutorado Sanduíche", "Doutorado Pleno", "Pós Doutorado" e "Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior" (esta última para viabilizar estágios e cursos no exterior para aperfeiçoamento ou treinamento de profissionais). A Capes e o CNPq participam do programa na medida em que este deve complementar as políticas de cooperação internacional desenvolvidas por estas agências. Estas informações constam em material de divulgação oficial do programa, bem como estão disponíveis no portal eletrônico do programa (www.cienciasemfronteiras.gov.br).

[142] No original: "deux types de 'déterminants' qui agissent directement sur la migration: les proximités géographiques et linguistiques" (LATRECHE, 2001, p. 18)

como fator preponderante.

O fluxo de estudantes brasileiros para Reino Unido e Portugal foi discutido por Iorio (2012) a partir da análise de entrevistas realizadas com estudantes retornados desses países ao Brasil. De acordo com a autora, muitas vezes Portugal é escolhido como destino para formação no exterior exatamente por falta de habilidade linguística em outro idioma. Sendo que ao contrário, aqueles que foram para o Reino Unido argumentaram sobre essa escolha dizendo que já dominavam o inglês ou destacaram a relevância de poder aperfeiçoar ou aprender o idioma inglês.

Segundo Ortiz (2008), com o aumento da mobilidade e da circulação que advêm com a modernidade, o idioma passa a ter um papel central, pois "falar a mesma língua" é uma forma de encurtar as distâncias. Ainda que se reconheça o hiato entre um "ideal de idioma universal" e a forma como um idioma vem a ser universal, é inegável o domínio do inglês na contemporaneidade. No Brasil, não é diferente. Como aponta Xavier de Brito (1991), o autoritarismo político dos anos 1960 foi decisivo para a influência estadunidense no processo de modernização do sistema universitário e acadêmico no país.

Além disso, devemos considerar que a própria hegemonia do inglês no âmbito da produção midiática ligada à indústria cultural tende a reforçar a preponderância desse idioma no sistema de ensino formal e informal do país. É nesse sentido que a aprendizagem e o domínio do idioma francês, que no caso brasileiro, como foi apontando, evoca as heranças do século XIX e as representações distintivas associadas à França e ao idioma francês, tende a se revestir de dimensões simbólicas. A "barreira linguística", nesse contexto, passa a ser mais um componente do que Mazza (2009) chamou de "estratégia de construção de fronteiras diferenciais" (p. 253), particularmente quando o "desgaste de credenciais" municiam novas formas de se produzir elementos de distinção nos currículos escolares e profissionais.

E é nesse sentido que as pretéritas relações culturais e vínculos ideológicos entre a França e o Brasil – analisados anteriormente neste mesmo capítulo – podem ter forte conotação explicativa. É através da francofilia, impregnada em instituições e imaginários brasileiros, que falar francês assume caráter distintivo no campo intelectual (BOURDIEU, 2011). Assim, podemos entender como uma jovem paulistana formada em

jornalismo confessou-me que estudava francês, pois sempre teve o "sonho de estudar na Sorbonne", e que isso a motivou a deixar o trabalho e ir para a França trabalhar como *au pair* como forma de financiar seu projeto (caso de Suzana[143]). O tipo migratório histórico do fluxo Brasil-França, discutido anteriormente, explicitou a importância da influência cultural francesa, fato que remete a chamada francofilia que nos ajuda a entender a relevância da migração estudantil no fluxo em questão, apesar da diversificação crescente dos tipos e perfis de migrantes.

Outro aspecto extremamente relevante que foi apontado pela pesquisa de campo, refere-se às facilidades inerentes à política de acolhimento de estudantes que vigora na França quando se compara a outros países, mesmo considerando a atenção que as autoridades francesas conferem ao assunto em razão do "risco migratório" que pode se esconder atrás de uma mobilidade estudantil (LATRECHE, 2001). Por isso, foram adotadas nos últimos anos maiores exigências para outorga e renovação de vistos na categoria estudante (ALMEIDA, 2012). No entanto, ainda assim, a França mostra-se relativamente como um destino mais "fácil" para muitos brasileiros ou mais "barato" do que ir para a Inglaterra ou nos Estados Unidos. As taxas que vigoram nestes países conforme foi revelado por alguns entrevistados foram decisivas para fomentar a ida para a França, que se colocou como a opção de mais baixo custo (particularmente por Plínio e Mário que durante a "criação migratória" pesquisaram as universidades e os países nos quais poderiam estudar fora do Brasil).

É evidente que as motivações que justificaram a ida dos estudantes brasileiros para a França e os fatores que tiveram papéis determinantes não são os mesmos para todos. No universo dos entrevistados, identifiquei 30 situações nas quais o estudo apareceu como principal motivo da ir para a França ou porque foi a condição de estudante que viabilizou a entrada no país (entre os casos de migração afetiva, há diversos estudantes ou ex-estudantes, mas nesses casos, o estudo foi resultado de uma oportunidade, e não a motivação primeira da mobilidade). Importante dizer que desse grupo, oito deles haviam regressado ao Brasil quando me concederam a entrevista, sendo que um deles havia reemigrado para outro país.

Buscando aspectos mais gerais, é possível listar algumas "categorias

[143] Entrevista realizada em Paris em 19/09/2012.

explicativas" sobre os condicionantes e/ou motivações relacionados aos projetos migratório que levaram os entrevistados a entrar na França com visto de estudante: a) Obtenção de uma bolsa de estudos; b) Contato institucional prévio; c) Interesse particular em uma formação pela França; d) Incentivado por amigos ou parentes que iam para a França ou que lá estavam; e) Desejo de sair do Brasil e/ou estudar fora com aspectos a favor da França. A seguir, vou dedicar-me a discutir cada uma destas categorias e ilustrá-las com os projetos migratórios que correspondem a tal classificação.

a) Obtenção de uma bolsa de estudos

Houve quatro casos de mobilidade incentiva por financiamento institucional específico para a França: Adalberto, Bruno, Gabriel e Suzie. Os três primeiros foram como estudantes de engenharia e, nesse sentido, assemelham-se aos "apostadores" identificados por Xavier de Brito (1991), que tiveram uma oportunidade e a aproveitaram.

Bruno e Gabriel foram para a França por meio de projetos de cooperação que os permitiram ter uma "Bolsa Eiffel", um recurso disponibilizado pelo Ministério de Relações Exteriores da França e que é destinado exclusivamente para estudantes estrangeiros de países considerados emergentes; limita-se às áreas consideradas estratégicas, entre as quais, estão as engenharias. Ambos cursavam engenharia e não tinham relação prévia com a França quando tomaram conhecimento sobre a oportunidade.

Aluno da Escola Politécnica da USP, Bruno que foi para a França em 2005, com 21 anos, contou-me que logo no ingresso do curso no Brasil sentiu um ambiente bastante competitivo, pois segundo ele são centenas de alunos, todos com excelente formação. Segundo ele, foi esse ambiente de competição que o fez pensar: "se eu quero ser alguém nesse lugar, eu preciso procurar coisas novas, tentar me destacar" [Bruno em entrevista realizada em 14/04/2011]. Assim, Bruno disse que buscou desde o início encontrar formas de possuir um currículo diferenciado e que isso o motivou a buscar projetos de iniciação científica e outras oportunidades similares. Nesse movimento, soube do convênio de programa de dupla titulação Brasil-França e da Bolsa Eiffel que poderia garantir isso. Até então, não tinha relação com a França e disse-me

que antes de 2003 – quando soube da existência do programa – “nunca tinha pensado na minha vida que eu ia um dia pisar em Paris” [Bruno em entrevista em 14/04/2011].

Gabriel foi quando tinha 20 anos, em 2006, no mesmo programa de Bruno. Gabriel era aluno da Unicamp que também prevê a dupla titulação e a possibilidade de concorrência à Bolsa Eiffel, e ele reconheceu a oportunidade da experiência:

> Eu comecei aqui na Unicamp, eu estava fazendo engenharia aqui e daí tem esse programa já de duplo diploma...É...Aí, eu fiquei sabendo deste programa [...], aí eu apliquei pra ele e passei. Daí, foi por causa disso. Na verdade, quando eu descobri que tinha esse programa, eu comecei a fazer francês também. Eu estava mais ou menos interessado, né. Eu fui porque era uma bolsa internacional, tudo pago, eu achei que eu não tinha motivos pra eu não ir [...] [Gabriel em entrevista realizada em 21/10/2012].

Adalberto também foi durante a graduação, mas com uma bolsa da Capes vinculada ao Programa BRAFITEC[144]. Disse-me “não foi bem eu que escolhi a França. Era o lugar que tinha bolsa” [Adalberto em entrevista realizada em 18/10/2012]. Naquela ocasião, ele permaneceu 18 meses na França, além de disciplinas, fez um estágio em uma empresa francesa. Na época, o seu chefe demonstrou interesse em que ele fizesse uma formação lá, após a conclusão do curso de Engenharia. No Brasil, depois da titulação, entrou em contato com o antigo chefe que manteve a proposta. Adalberto voltou então para a França, em 2011, aos 24 anos para fazer um mestrado, que segundo me explicou é uma “formação em alternância”, com duração de 16 meses, divididos em módulos de aulas teóricas e estágios práticos. Ele tem um contrato de trabalho por tempo determinado (na França chama-se CDD) com a empresa, que paga a escola e seu salário.

Suzie destaca-se bastante desse grupo. Jornalista e com formação em teatro e experiência em produção cultural, já tinha uma ligação intelectual pretérita com a França, sendo que a obtenção da bolsa aos 28 anos, em 1987, apenas viabilizou sua ida para lá. Tanto que ela voltou depois, autonomamente, com seus próprios recursos e permaneceu 5 anos, nos quais estudou e trabalhou particularmente em atividades

[144] O Programa BRAFITEC (Brasil/França Ingénieur Technologie) tem como objetivo fomentar as parcerias universitárias no campo das engenharias. No Brasil, a instituição responsável pela gestão do programa é a CAPES e na França é a Conférence des Directeurs des Écoles Françaises d'Ingénieurs (CDEFI).

ligada a cultura brasileira na França[145].

b) Contato institucional prévio

Seja por meio de redes pessoais ou institucionais, Alessandra, Felipe, Kelly e Valentina foram para a França porque tiveram contato com um orientador ou professor francês ainda quando estavam no Brasil. Felipe e Valentina chegaram pela mesma conexão, uma parceria entre a Universidade de Aix-Marseille e a Universidade Federal do Ceará.

Formado em Economia e Matemática, Felipe contou-me que sempre conciliou estudos com trabalho. Dava aulas e trabalhava em um banco, mas como tinha interesse em continuar os estudos, ele foi fazer um mestrado. Nesta ocasião, ele conheceu um colega que havia estudado na França e o próprio professor francês com o qual ele fora estudar. Segundo Felipe, ele não falava francês, pensava em estudar fora, tinha esse desejo, mas declarou que sua ida para a França, em 2011, quando tinha 30 anos, foi uma questão de "coincidência", por ter conhecido o tal professor francês: "não fui eu quem escolheu Aix [Aix-en-Provence, cidade no sul da França onde ele estudava], foi ela que me escolheu" [Felipe em entrevista realizada em 15/06/2012]. Ele não tinha bolsa de estudos, mas argumentou que o curso não era pago e que ele tinha a poupança que fez enquanto trabalhava no Brasil. Confessou que a maior dificuldade para ele foi o idioma, pois não falava praticamente nada de francês.

Valentina também fez economia na mesma universidade que Felipe, em Fortaleza e conheceu o mesmo professor francês. Em 2006, tiveram o primeiro contato no qual ela teria sido aceita para fazer o doutorado. Mas, por motivos pessoais, ela precisou abortar a viagem. Em 2010, com 33 anos, após um divórcio e a morte de um parente, ela resgatou o projeto e foi para a França para fazer um doutorado integral. Para ela, o contato prévio com o professor foi fundamental para ela se sentir segura:

> Nunca ninguém na minha família tinha feito nem mestrado nem doutorado, muito menos saído do país que era uma coisa totalmente nova, e isso me deu uma certa segurança. Pra minha família também. De saber que eu estava indo pra um país que eu não tenho família, não tenho amigos, não tinha nada. Mas de qualquer maneira tinha a faculdade, tem esse professor que conhecia a minha professora e disse que ia dar todo o suporte. Então, assim, de uma

[145] Além de uma mobilidade posterior de um ano para fazer um curso de pós-graduação em gestão cultural financiada pelo governo francês. A trajetória de Suzie está apresentada com detalhes no quarto capítulo, quando seu "projeto migratório de retorno" foi analisado.

> maneira entre aspas, né, dá uma certa segurança. [Valentina em entrevista realizada em 29/06/2012].

Alessandra e Kelly chegaram aos seus orientadores franceses via indicação de um colega no Brasil e que havia estudado anteriormente na França com o respectivo professor/pesquisador. No entanto, são situações e perfis muito diferentes.

Formada em Química, Alessandra disse-me que não falava bem francês, mas que sempre teve uma grande admiração por "tudo que vinha da França". Estava trabalhando em uma empresa privada e queria voltar para a área acadêmica e à pesquisa, quando se lembrou de uma amiga que tinha contato com um pesquisador estadunidense radicado na França, devido à realização de um pós-doutoramento no laboratório em que ele coordenava. Entrou em contato com essa amiga que lhe "deu o caminho das pedras": passou o contato do professor e deu dicas para o pedido de bolsa. A Capes outorgou a bolsa para Alessandra que foi aos 34 anos, em 1992, para Grenoble fazer um doutorado integral, permanecendo 4 anos. Importante dizer que o vínculo com a França se manteve, e em 2001, ela regressou à França, desta vez Paris, para um pós-doutoramento.

Kelly é musicista, toca bateria, e contou-me que sempre teve vontade de sair do Brasil, que tinha o desejo de estudar fora e que "se não fosse a França seria outro país"[Kelly em entrevista realizada em 24/08/2012]. Ela é de Belém e fez universidade em São Paulo, capital, onde conheceu um amigo, cujo amigo estudava em Estrasburgo na França. Nesse sentido, ela revelou a existência de um acaso, pois me disse que não tinha um interesse anterior pela cultura francesa e que ela preferia, na época, ter ido para a Alemanha, um país pelo qual ela se sentia "mais atraída".

c) Interesse particular em uma formação pela França

Essa questão da significativa herança intelectual francesa que permeou instituições e correntes intelectuais no Brasil foram abordadas com mais detalhes anteriormente. Aqui cabe destacar o papel da francofilia, na construção de um desejo específico de ir estudar na França, ainda que esse não seja o único fator capaz de explicar a mobilidade como, por exemplo, Suzana que pode realizar o "sonho" de estudar na França graças à indicação de uma ex-professora de francês sobre uma vaga para *au pair*. Ou então Bianca que queria estudar no "berço dos direitos humanos" sem, no entanto, desconsiderar o relativo baixo custo da mobilidade.

Além destas duas entrevistadas, é possível incluir nesta lista de "interessados" na França em especial: Elis, Gustavo, Isabel, Malu, Simone e Vanessa que ainda estavam na França trabalhando ou terminando os estudos. E mais dois que haviam deixado a França, Marcelo que estava no Canadá fazendo um pós-doutoramento e Amilton que estava no Brasil.

Amilton foi para a França em 1991 com 24 anos de idade. Segundo sua narrativa, um dia, por acaso conheceu, por meio de um livro, a produção fotográfica do Cartier-Bresson[146] e disse-me que foi exatamente naquele momento que decidiu ir para a França, particularmente Paris, com o objetivo de estudar fotografia. Relatou que foi sem "muita noção", tendo ingressado na França com visto de turista (naquela circunstância ainda era necessário) e precisou voltar ao Brasil para pedir o visto de estudante com a carta de aceite da Sorbonne em mãos. Contou-me que na época o franco estava valorizado e o dinheiro "só deu para pagar a matrícula". Por "sorte", entrou na "rede de brasileiros", conheceu pessoas que o ajudaram a arrumar trabalho e moradia. Ele não é mais estudante, o plano de virar fotógrafo deu certo, e trabalhando de forma independente, conseguiu tornar-se profissional.

Bianca cursou Direito e como tem o objetivo de seguir na área acadêmica, queria dar continuidade aos estudos no nível de pós-graduação. Ela queria fazer um mestrado em Direitos Humanos e a França foi um destino "óbvio" segundo ela por ser "o berço, né, dos Direitos Humanos, da Filosofia, da *Lumière*" [Bianca em entrevista realizada em 18/10/2012] e ao mesmo tempo ter um ensino de baixo custo. Explicou-me que estudar no Brasil ou na França seria equivalente em termos financeiros, pois como fez a graduação em uma faculdade particular, avaliou que seria "muito difícil eu conseguir uma vaga num doutorado numa universidade pública. Então, o mesmo dinheiro que eu gastaria para fazer um mestrado em uma [universidade] particular, eu faço aqui" [Bianca em entrevista realizada em 18/10/2012]. Ela foi em 2011, aos 25 anos de idade, para fazer um mestrado em Filosofia do Direito em Grenoble. Quando me concedeu a entrevista, em outubro de 2012, fazia um segundo mestrado em Igualdade de Gênero,

[146] Henri Cartier-Bresson (1908-2004) é um fotógrafo francês que se destacou no século XX. Além de cobrir guerras e eventos políticos, vários de seus registros são até hoje considerados cartões postais da França e de Paris em particular.

com planos de ingressar em seguida no doutorado na França.

Razões instrumentais também podem acionar o interesse pela França em particular. Elis é jornalista e trabalhava numa revista de iatismo, uma prática na qual participam muitos franceses. Contou-me que encontrava dificuldade para entrevistar os esportistas franceses e que precisava recorrer a tradutores. Somado a essa questão objetiva, estava um pouco descontente com a rotina do trabalho e como tinha feito uma poupança, decidiu (em 2005, aos 31 anos de idade) ir para a França estudar francês. O plano inicial era ficar na França durante um ano estudando o idioma na cidade de La Rochelle. No entanto, após o período inicialmente estipulado, Elis avaliou que seu francês não estava muito bom (ela convivia muito com estrangeiros e morava com uma brasileira) e decidiu fazer um mestrado na sua área de formação em Nantes. Quando me concedeu a entrevista, havia se casado com um francês, fazia o doutorado em Toulon e planejava voltar a viver no Brasil após a titulação.

Para Gustavo, o interesse pela França vem de uma admiração pela língua e pela cultura. Tentou fazer um intercâmbio ainda na Graduação, não conseguiu, mas foi para o Québec, no Canadá, onde pode aperfeiçoar seus conhecimentos no idioma francês. Após o término do curso, Gustavo se inscreveu em um mestrado em Ciência Política em uma Universidade de Paris e foi para lá em 2008, com 23 anos, sendo inclusive beneficiado com uma bolsa de estudos do governo francês. Após a conclusão do mestrado, ele teve a possibilidade de trabalhar na sua área de especialização em uma agência pública de Lille, alterando seu visto de estudante para “salarié”.

Paris ocupa um papel de destaque nos imaginários sobre a França. No caso de Isabel esse aspecto apareceu logo no início da entrevista, quando me disse: “eu sempre tive um sonho de morar na França. E não França, em Paris, precisamente” [Isabel em entrevista realizada em 27/08/2012]. Em 2005, aos 27 anos, foi para a França pela primeira vez, para fazer um doutorado. A narrativa de Isabel explicitamente argumenta que seu desejo de morar em Paris “não tem nada objetivo”, e que o momento foi decisivo porque ela avaliou que se não fosse naquela ocasião “eu não viria mais, porque estava construindo a minha carreira profissional lá” [Isabel em entrevista realizada em 27/08/2012]. Isabel pediu bolsa de estudos para a Capes e para o CNPq, mas seu pedido foi negado. No entanto, como ela tem cidadania italiana também, por

descendência familiar, conseguiu ter uma bolsa parcial de estudos do governo francês para cidadãos europeus. Ela defendeu a tese em janeiro de 2012, mas não tem planos de voltar ao Brasil. Ela havia casado recentemente com um francês e estava trabalhando em uma instituição brasileira na França.

Por outro lado, a relação de Malu com a França passa pela moda. Ela trabalhava em uma importante grife nacional, sediada em São Paulo, mas viajava muito, pois atendia franquias em diferentes regiões do Brasil. Inclusive, ela viveu 4 meses na Itália e 3 meses na Inglaterra devido a seu trabalho. Contou-me que ela ia à França com frequência, particularmente em férias, pois tinha alguns amigos franceses. Em 2003, foi transferida para Recife, mas não se adaptou e acabou pedindo demissão. Decidiu fazer uma viagem à França, e em setembro de 2004, foi fazer um curso de francês com visto de estudante de 4 meses. Conheceu por meio de um de seus amigos franceses, aquele que veio a ser seu marido. Ele morava em Paris na época e ela estava decidida a abrir uma loja de biquínis. Com o envolvimento, eles ficaram noivos, ela voltou para o Brasil para "fechar as coisas", e em seguida retornou para a França. Em meados de 2005, casaram-se. Ela não abriu a loja de biquínis, o marido precisou mudar para Rennes, e ela vive lá trabalhando como azulejista. Um trabalho pesado, mas segundo Malu é uma profissão bem remunerada na França e, na avaliação dela, é melhor do que trabalhar fazendo faxina.

A trajetória de Marcelo é de intensa mobilidade internacional. A primeira experiência foi no doutorado na área de Geografia, graças à obtenção de uma bolsa-sanduíche da Capes:

> Eu, eu sempre quis fazer alguma coisa fora do Brasil. Eu tinha a França, assim, mais como... sempre foi minha primeira opção. Mas não sei te dizer o porquê, assim. Então, eu estudei francês bastante tempo, tipo assim, antes, mesmo sem ter nada em, programado pra ir, mas com a ideia de fazer alguma coisa fora [...] no mestrado eu tentei mas não tinha nenhum programa de, tipo sanduíche, no mestrado. [...] Então assim que eu comecei o doutorado, no dia em que eu me inscrevi no doutorado, eu comecei a olhar e vi essa bolsa da Capes pra ir pra lá [França]" [Marcelo em entrevista realizada em 22/11/2011]

Ele foi em 2008, com 27 anos, e permaneceu 2 anos em Paris. Marcelo conseguiu a "dupla titulação" com reconhecimento do diploma no Brasil e na França. Depois do término do doutorado, ele iniciou um pós-doutoramento em uma universidade brasileira em início de 2011, mas logo no início do projeto, ele recebeu a

aprovação de um pedido de pós-doutoramento no Canadá e optou pela nova oportunidade de mobilidade. Foi para o Canadá em agosto de 2011. Quando me concedeu a entrevista, já sabia que no final de 2012 iria para a Bélgica onde outro projeto seu fora aprovado. Na Bélgica, ele terá um contrato de pesquisador com duração de três anos, e com possibilidade de renovação por mais dois ciclos de três anos. No entanto, ele confessou que vive o "exílio" voluntário com certo constrangimento e que pensa em voltar ao Brasil depois de 2 anos na Bélgica, ainda que ele reconheça que imprevistos possam surgir e alterar seus planos.

Suzana disse que quando apareceu a indicação de uma família francesa procurando uma *au pair* que falasse português, foi uma reviravolta em sua vida: "eu estava super feliz no meu emprego, mas o meu sonho sempre foi fazer um doutorado na França, sempre foi estudar na Sorbonne. **Sempre**. E sempre foi falar francês, então eu sempre estudei francês". [Suzana em entrevista realizada em 19/09/2012, grifo nosso para destacar ênfase da fala]. Inclusive foi sua professora de francês quem lhe falou da oportunidade. Ela pediu demissão e foi para a França em 2006, aos 26 anos. Contou-me que foi difícil no início conciliar as tarefas do trabalho com o desejo de estudar, mas acabou conseguindo fazer o mestrado e em seguida o doutorado. Em 2012 quando nos conhecemos, ela havia terminado sua tese há pouco tempo, casara com um francês e estava grávida do segundo filho.

A estória da França com Vanessa começou, segundo seu relato, em 2000 quando entrou na Universidade (Artes Cênicas) e começou a estudar francês e a nutrir a ideia de estudar na França: "eu quero ir estudar na França, quero fazer estudo de Teatro, e enfim, a França também era uma 'Meca' na parte toda de teatro" [Vanessa em entrevista realizada em 18/11/2010]. Em 2002, foi a primeira vez para a França, fazer um curso intensivo de um mês. Não gostou muito da experiência, alguns anos depois um direcionamento de pesquisa a fez olhar novamente para a França:

> Entrei num grupo de pesquisa que estudava um autor francês e meu orientador trabalhava nas traduções dos textos deste autor, que nunca tinha sido traduzido, nem publicado no Brasil [...] eu entrei um pouco por causa disso porque eu gostava do objeto de pesquisa e porque eu já falava francês, possuía nível intermediário, aceitável, coisa que era super rara entre os meus colegas. [...] e aí o curso começou a chegar a seu fim e eu comecei a pensar na possibilidade de fazer mestrado e seguir todos os passou e vir para cá, porque eu já falava a língua, eu já tinha uma pesquisa acontecendo [...] falei: pela praticidade da coisa, era melhor eu ir para a França. Aí eu me formei, ainda

> fiquei dois anos no Brasil trabalhando, e comecei a organizar as coisas para vir para cá. [Vanessa em entrevista realizada em 18/11/2010].

Assim em 2008, com 26 anos de idade, Vanessa foi para Paris fazer um mestrado. Quando me concedeu a entrevista, em novembro de 2011, ela havia concluído o curso, mas adiaou seu retorno, pois decidiu fazer o doutorado também na França.

Segundo Simone, seu pai era francófono e ela também estudou francês na Aliança Francesa. Após concluir sua faculdade no Brasil foi para a Europa viajar, quando conheceu um mexicano, estudante de doutorado na França, com o qual teve um relacionamento que continuou após seu retorno ao Brasil, levando Simone a nutrir a ideia de estudar na França para viver essa história pessoal. No entanto, até a preparação do projeto e os contatos institucionais, a relação terminou, mas ela decidiu que seguiria com seus projetos. E foi para França "com o peito e a coragem", aos 27 anos em 1993, em um primeiro momento sem nenhum vínculo oficial. Os contatos foram efetivados, ela encontrou um orientador e começou a fazer o que na época chamava-se *DEA*[147]. Ela havia entrado na França com um visto de 6 meses e foi vítima da mudança na legislação da época do então ministro Pasqua, que inviabilizou o prolongamento do visto, por isso Simone precisou voltar ao Brasil para solicitar o documento. De acordo com o depoimento de Simone, o "projeto estudar na França" nasceu articulado a um relacionamento afetivo com alguém que vivia no país, mas se realizou já desvinculado desta dimensão afetiva, sendo em grande medida sustentado pelo seu interesse particular. Após a conclusão do *DEA*, Simone ingressou no doutorado e no meio de sua formação conheceu Patrick, seu atual esposo. Casaram-se em 2001. Em 2002, ela concluiu seu doutorado, mesmo ano de nascimento de seu filho.

d) Incentivado por amigos ou parentes que iam para a França ou que lá estavam

Nesse caso, ter um parente morando no país cumpriu importante papel na elaboração do projeto migratório de estudo. Tal aspecto faz referência à perspectiva das

[147] A sigla refere-se à expressão "diplôme d'études approfondies" ou diploma de estudos aprofundados. Atualmente, não existe mais essa formação, mas era pensada como uma preparação para o doutorado quando se daria um aprofundamento dos estudos na área de interesse do estudante. Desde 2004, segundo Amorim (2009), foi instituído o percurso: *licence*, *master* e doutorado; e com a reformulação, o DEA desapareceu, sendo o *master recherche* seu equivalente.

redes e seus usos na promoção e no suporte dos deslocamentos[148]. Mais uma vez reforço que com isso não pretendo estabelecer uma relação imediatista que justifique a migração. No entanto, o fato de ter "alguém" ou ter sido estimulado por um colega a ir para a França foi um catalisador que não pode ser desconsiderado na concepção do projeto migratório e de sua própria viabilização.

Esse "vínculo" com a França pode ser resultado de laços familiares como Humberto que tinha a mãe vivendo na França. Ou ainda de ter irmãos morando na França (casos de Sônia, Jurema e Renato).

Outro aspecto a destacar nesta questão dos "vínculos" que ligam estudantes brasileiros à França refere-se ao programa *au pair* que viabiliza aos jovens entrar na França com visto de estudante, desde é claro que tenham uma família que os receba para comprovar a moradia e o rendimento associado. Importante dizer que uma vez na França, a renovação do visto de estudante não é automática e há uma série de exigências a serem cumpridas e uma delas é a coerência no programa de estudos, além da comprovação de condições financeiras para tal. Nesse sentido, entrar como *au pair* é uma estratégia migratória para alguns, enquanto para outros permite a viabilização de um projeto de estudos no exterior que seria improvável ou mais difícil sem esse facilitador.

No caso de Fabiana, por exemplo, a vaga de *au pair* informada por uma colega que vivia na França foi o acelerador de um projeto futuro de ir para um país que já era uma forte referência para ela:

> A França, era, era um... Uma coisa especial, assim, pra mim. [...] A França é referência – não adianta – de várias coisas, no Brasil. Eu acho que se criou um pouco um imaginário, quando eu era... Criança e... Não sei. Quando eu pensei em fazer Letras, era Francês... [Fabiana em entrevista realizada em 18/08/2012]

Estava no quinto semestre de Letras-Francês em uma universidade pública no sul do Brasil quando soube da vaga de trabalho como *au pair* e decidiu que deveria aproveitar a oportunidade. Largou a faculdade e foi em 2009, com 20 anos de idade. Quando me concedeu a entrevista, não era mais *au pair* e já havia terminado a

[148] O papel das redes como facilitador da migração foi abordado no segundo capítulo através da incorporação de diversas contribuições teóricas (BOYD, 1989; FAIST, 2010; SOARES, 2004; TRUZZI, 2008).

graduação na França e fazia um mestrado. Ao término do mestrado, não sabia o que iria fazer, se voltaria ao Brasil ou se faria um doutorado na França.

Por outro lado, Raquel que também foi como *au pair*. Tinha 27 anos em 2008 quando deixou o Brasil, em grande medida motivada por uma amiga. Ela era formada em Ciências Sociais e fazia um doutorado em Saúde Pública em São Paulo, mas não tinha bolsa de estudos e sobrevivia sendo professora. Segundo me contou, ela não estava satisfeita com sua situação no Brasil e por isso "encarou" o projeto:

> [...] o que me trouxe pra cá foi uma situação difícil no Brasil. Tipo, difícil a que ponto? Eu não consigo mesurar [sic] comparado aos outros brasileiros, fazendo uma sociologia dessa situação, sabe? Mas, difícil pessoalmente. [...] Eu queria desistir muitas vezes no meio do caminho, assim, e uma vez muito feia, muito, muito forte. Mas aí eu tinha um compromisso com essa minha amiga de infância. Porque aí eu falava, ela foi achando que eu ia. Se eu não vou, como que ela vai ficar? [...] E aí beleza, então eu vim. Mas eu vim, assim, aos prantos. Eu vim, eu vim, eu vim com muita dor, assim, eu não vim na euforia, na felicidade. [Raquel em entrevista realizada em 06/08/2012].

Contrariamente a expectativa inicial, a experiência de Raquel foi muito positiva. Ingressou rapidamente em um mestrado na sua área de formação e se envolveu com a formação acadêmica na França. Quando me concedeu a entrevista, não trabalhava mais como *au pair*, o francês estava fluente e ela havia ingressado recentemente no doutorado – financiada com uma bolsa de estudos outorgada por uma empresa privada. Mostrou-se bastante satisfeita com suas realizações e não tinha planos de voltar ao Brasil, até porque obteve a cidadania espanhola (por origem familiar), fato que também lhe trazia estabilidade adicional.

No caso de Humberto, sua mãe vivia na França, levada de Brasília por uma família de diplomatas para trabalhar para eles. Quando foi visitá-la a primeira vez, em 2005, tinha 22 anos. Como ele tinha acabado de perder o emprego no Brasil e gostou da França, "decidiu" que iria para lá estudar francês. A narrativa de Humberto é um pouco confusa, como se não quisesse explicitar que inicialmente os estudos na França foram apenas resultado de uma estratégia de se manter regularizado no país, pois logo no início de sua chegada, ele conheceu (por meio da mãe) uma brasileira, que veio a ser sua esposa. Eles se conheceram em março de 2005, e em novembro de 2006 eles se casaram (ela estava na França estudando). De março de 2005 a junho de 2006, ele estudou francês. Na renovação do visto, alegaram que ele poderia estudar no Brasil e a renovação do visto negada. Ele voltou ao Brasil, e regressou à França como *au pair* em

setembro de 2006. Em 2009, novamente precisou renovar o visto e foi negado, no entanto ele entrou com recurso administrativo, e enquanto durava o processo redefiniu seus estudos e optou por fazer um curso de informação em rede. Isso foi considerado no processo e então ele recebeu novamente o visto de estudante. Mas quando me concedeu a entrevista, Humberto se preparava para retornar ao Brasil, pois havia terminado o curso e o pedido de renovação do visto com a alteração de permissão de trabalho, lhe fora negado.

Renato e Sabrina são namorados, e foram juntos para Estrasburgo como estudantes em 2009. Ela tinha 24 anos e queria estudar moda, país onde a França é referência, mas o fato do irmão de Renato morar lá foi decisivo para a eleição do destino. Renato tinha 27 anos, acabara de perder a mãe e tinha recém concluído a faculdade, de forma que ele gostou da ideia. Foram primeiramente para estudar francês, mas para renovar os vistos ela foi fazer um mestrado, ele fez curso de gastronomia. Quando me concedeu a entrevista, Renato estava incerto sobre seu futuro, pois seu visto não foi renovado e ele havia entrado com processo administrativo para tentar permanecer na França. Inclusive porque o mestrado de Sabrina não tinha terminado, e em razão disso ela não teve problema para a renovação de seu visto.

O mesmo aconteceu com Sônia, que tinha uma irmã que foi para a França fazer uma especialização. Ela era funcionária de uma agência federal e pediu licença não remunerada para ir para a França em 1990, aos 26 anos, com a ideia inicial de passar um ano estudando francês. Sônia nunca mais voltou. Em 1996 casou-se com um francês. Fez o mestrado e doutorado, este concluído em 2005. Atualmente, ela é docente ligada a uma Universidade no centro leste da França.

Jurema também se beneficiou do fato do irmão morar na região parisiense e, enquanto fazia uma especialização na Escócia, foi visitá-lo e “aproveitou” para se inscrever em um programa de doutorado. Tendo sido aprovada, Jurema foi direto da Escócia para a França em 1997, aos 39 anos.

e) Desejo de sair do Brasil/estudar fora com aspectos a favor da França

Arthur fazia graduação em música em uma universidade carioca, quando decidiu que queria sair do Brasil. Mesmo tendo vivido na França quando tinha 11 anos[149], no momento em que planeja emigrar, esse não foi o destino imediatamente considerado. Na sua fala é possível entrever que o projeto de estudar fora era a princípio pouco definido e que foi se prolongando. Ele foi 2006 e tinha 36 anos:

> [...] eu estava de saco cheio do Brasil, negócio, queria ver negócio de música no mundo - que eu sou músico - eu falei, pô, pensei em ir pra, como quase todo mundo no Brasil, pensa em ir para um país anglofone [sic], né. Principalmente quem trabalha com música. Aí tentei de ir pra Austrália...arrumei uns contatos na Austrália, mas não...aí, pô, mas e a França? Você tem contatos assim na França, quer dizer, contato com a cultura francesa...Continuava volta e meia encontrando os franceses no Rio, não é difícil, tá cheio, cheio de franceses no Rio, né. Então, fui pra...Aí fiz, estudei mais francês e fiz aquele exame que dava acesso à universidade francesa, né? E aí, entrei aqui. Vim, podia talvez ficar, como não tinha bolsa, podia ficar 3 meses, 6 meses, 1 ano. Qualquer coisa já está bom. E acabei ficando, já vão fazer 6 anos em setembro. Que louco! Quer dizer já fiz 6 anos universitários aqui. Mas todo ano tem que renovar o papel, é aquela tensão, tem que mostrar dinheiro pra o governo, né, mostrar que na conta bancária tem uma boa quantidade de dinheiro ou então mostrar que você tem trabalho. Aí é aquela tensão. [Arthur em entrevista realizada em 16/07/2012].

O projeto migratório de Mário foi analisado com mais detalhe no quarto capítulo. Gostaria apenas de ressaltar aqui os aspectos que envolveram a decisão de ir estudar na França. No seu planejamento inicial, pensava em ir para os Estados Unidos. No entanto, ao longo do processo de pesquisar informações, sentiu que havia mais receptividade nas respostas que chegavam das universidade europeias, além de verificar que teria mais chances de bolsa na Europa do que nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, foi conhecendo pessoas que falavam francês e que tinham planos de ir para a França, assim ele redirecionou seu foco para a França. Mário foi para a França em 1991, com 27 anos. Fez mestrado e doutorado. Ele retornou ao Brasil em 2012 e aguardava o reconhecimento de seus diplomas para procurar trabalho no país.

Roger trabalhava em uma companhia aérea e em meados dos anos 1990, decidiu que queria sair do Brasil. O "projeto ideal" era os Estados Unidos, onde tinha amigos que inclusive poderiam ajudá-lo. Mas seu visto foi negado. Ao mesmo tempo, também conhecia umas pessoas em Paris, já tinha estudado francês quando jovem e o

[149] Uma situação bem particular já que Arthur viveu um ano na França como refugiado, pois sua mãe era casada com um uruguaio que foi para lá nessa condição em 1980.

visto foi concedido: “eu pedi um visto francês e pedi um visto americano. O americano rejeitou e a França me deu, eu falei: ‘Bom, vou para Paris’.” [Roger em entrevista realizada em 18/09/2012]. Ele foi para a França em 1995, quando tinha 31 anos. Roger reconhece que o “plano de estudar francês” foi sobretudo uma estratégia para lhe garantir um visto que lhe permitisse viver na França e ao mesmo tempo trabalhar. Para permanecer na França acabou fazendo também uma *licence*[150] em linguística. Depois de tanto tempo lá, ele disse se sentir parisiense, tem o título de residente e não pensa em voltar, mas confessou: “pedi o visto para os Estados Unidos, desde que eu estou aqui, duas vezes e eles me disseram não! [Risos] Meu negócio é com os Estados Unidos, e a França é porque a França que me quer!” [Roger em entrevista realizada em 18/09/2012].

Conforme me relatou, Plínio vem de uma família mineira de origem muito humilde e foi levado pela avó para o Rio de Janeiro após a morte da mãe. No Rio de Janeiro foi “apadrinhado” por uma senhora e acabou recebendo ajuda de uma comunidade de Igreja para “financiar” seu projeto de estudar fora. Ele é flautista e fazia graduação em música quando saiu do Brasil, em 1998, aos 24 anos. Disse que no início pensava em “ir pros Estados Unidos, porque na minha época os meus amigos, eles iam ou pro Canadá ou pros Estados Unidos” [Plínio em entrevista realizada em 08/08/2012]. Todavia, ele narrou que o “mito da França” – como uma referência a ideia previamente discutida em termos da francofilia – e o custo dos estudos foi decisivo para redefinir as coisas:

> [...] acho que foi mais o mito da França. Porque teve a questão financeira também. Porque o que era pra música é, Boston é a melhor universidade. Então eu tentei Boston, mas 70 mil dólares a inscrição [fala sorrindo]. Depois Montreal, um pouquinho menos, mas era mais de 26 mil dólares a inscrição. E a França, é, que era gratuita. Se pagar 500 euros é muito, que aqui é só pra financiar o administrativo. E a qualidade também. Então isso foi decisivo também. [Plínio em entrevista realizada em 08/08/2012].

Milena é um caso interessante porque ela não tinha nenhuma relação anterior com a França e nem queria efetivamente estudar. Ela queria emigrar. Era formada em Letras e professora municipal em São Luís do Maranhão. Apesar do trabalho estável

[150] A “licence” é um diploma universitário francês de nível em parte equivalente a um bacharelado ou uma graduação no Brasil. Este diploma é obtido normalmente após três anos de formação em determinada área e é um preparação para um tipo de mestrado que, desde 2004 em função de mudanças na estrutura de ensino francesa, chama-se *master*.

queria muito sair do Brasil, e sonhava ir para os Estados Unidos. Inclusive tem um irmão mais velho que vive lá, que sempre a convidou para morar com ele:

> Só que ele se casou. Aí, tipo, pra eu morar com o meu irmão sim, mas com o meu irmão e a mulher dele... E aí, foi quando eu conheci ele, o Fernão [o amigo com o qual ela divide o *studio* que mora em Paris], que tinha a ideia também de sair e tal. Então, ele que escolheu o...Ele que veio pra França. [...] Mas, é, na verdade ele veio porque era mais fácil. Tinha o programa *au pair* e tal, que pra idade dele não dava, pra ir pros Estados Unidos, alguma coisa assim, não dava. Ele também queria ir pros Estados Unidos. Aí ele veio pra cá pra França. [Milena em entrevista realizada em 13/09/2012].

O amigo de Milena foi primeiro e ela foi um tempo depois encontrá-lo, em 2007, aos 27 anos de idade. Ela não falava francês, nem inglês; por isso precisou esperar um ano, até encontrar uma família que quisesse uma *au pair* que falasse português. Os estudos no caso de Milena não foram projetos dela, e sim uma estratégia para permanecer regularmente na França, renovando seu visto:

> E aí acabou e aí eu entrei num mestrado. Na verdade eu fiz pra *licence* [nível graduação na França] porque eu não queria voltar pro Brasil. Acabou o meu contrato e eu não queria voltar. Aí eu peguei, fiz um teste pra entrar em *licence*. Só que aí, o meu nível era alto, porque eu já tinha feito letras no Brasil. E aí, eu acabei indo pro terceiro, nível três, *licence trois,* e depois eu fui logo pro mestrado. Porque eu já tinha feito. Mas não era o que eu queria. Nunca foi. Nem no Brasil, não era... [...] E aí eu, e aí eu fiquei aqui com o mestrado. Eu comecei a fazer pelo visto. Não porque: 'Ai, meu sonho é fazer...' Eu achava um saco! As aulas eram segunda e quarta, eu queria cortar meus pulsos [risos]. [Milena em entrevista realizada em 13/09/2012].

Nos casos dos entrevistados que escolheram efetivamente ir para a França – e não outro país qualquer – é possível perceber uma afinidade anterior com o idioma (estudavam ou estudaram antes de ir) e um interesse particular pelas ideias e/ou cultura francesa (casos de Bianca, Gustavo, Isabel, Marcelo, Suzana e Vanessa). A escolha de estudar na França resulta de um interesse que pode ter uma origem "inexplicável", pois muitas vezes os depoimentos sugerem um desconhecimento das relações "objetivas" que estariam por trás destas inclinações que os levam à França.

Ao mesmo tempo, é importante destacar o papel de projetos de cooperação e/ou convênios estabelecidos, que viabilizaram a ida de alguns brasileiros como bolsistas. Nesses casos, mesmo se tratando de mobilidades de curta ou média duração, os laços estabelecidos podem sustentar deslocamentos posteriores.

Apesar de ser considerada muitas vezes como uma mobilidade específica, a circulação internacional de estudantes não se dissocia no debate contemporâneo da questão da migração internacional. É um tema de interesse dos Estados e está

diretamente associada ao problema da “fuga de cérebros”. Segundo Agulhon e Xavier de Brito (2009), as boas condições para a realização da pesquisa e das oportunidades de emprego são aspectos que implicam na retenção de um grande número de pessoas que vão estudar (ou trabalhar) nos países do norte (as estimativas da OCDE, citadas pelas autoras, mencionam um percentual de 75% dos que não voltam aos seus países de origem).

No que se refere a esta questão do retorno, em trabalho anterior (ALMEIDA, 2012) argumentei sobre os impactos da mobilidade de estudantes para a França sobre a imigração brasileira no país, considerando as mudanças na expectativa temporal dos migrantes sobre a duração dos deslocamentos (ROBERTS, 1995). Em artigo que analisa experiência de estudantes brasileiros não-bolsistas em Paris, Xavier de Brito (2009) abordou a influência de “processo de integração” desses estudantes, enfatizando que a aquisição dos hábitos culturais que advém com a permanência mais duradoura no exterior, tende a influenciar o desejo de ficar mais tempo, inclusive repercutindo no estabelecimento de residência e no acesso à nacionalidade francesa, particularmente quando há uma relação afetiva ou casamento.

Considerando o universo dos entrevistados que foram para a França para estudar, o alongamento do tempo de permanência deles na França foi verificado em diversas trajetórias: dos 30 casos classificados como migração estudantil, 8 viviam na França após o término dos estudos (Sônia, Gustavo, Isabel, Kelly, Malu, Roger, Simone e Suzana) e 2 haviam retornado ao Brasil, mas permaneceram anos na França após a conclusão dos estudos (Amilton e Mário). Entre esses ex-estudantes, para 4 deles (Gustavo, Kelly, Mário e Roger) a estada mais duradoura ou definitiva não envolveu uma relação afetiva com francês que se efetivou em matrimônio como ocorreu nos casos de Amilton, Sônia, Isabel, Malu, Simone e Suzana.

Considero importante dizer que alguns me narraram essa mudança na expectativa inicial como “objetiva”, decidindo por exemplo fazer o doutorado após o término do mestrado. Mas entre aqueles que vivem na França há vários anos, essa permanência foi muitas vezes narrada como “inesperada” e até mesmo “estranha”. Sônia, por exemplo, não conseguiu me dizer porque “foi ficando” e assim como não pôde falar explicitamente que não vai voltar, ainda que o tenha dito indiretamente,

quando falou dos receios que tem em relação a isso (questão de tempo de serviço para aposentadoria, falta de segurança e educação de qualidade para o filho)[151]. Para aqueles que queriam mesmo “emigrar”, a instalação definitiva é resultado de uma série de estratégias e esforços empreendidos pelo “estudante” que quer ser “imigrante”, como revela a trajetória de Roger.

Apresenta-se a seguir, os 30 brasileiros/as entrevistados/as que foram para a França estudar (Quadro 7).

[151] Sônia ficou particularmente perturbada com a experiência de me conceder a entrevista, pois conforme lembrava seus 22 anos de experiência como imigrante, foi se emocionando crescentemente até um momento em que, em função de seu visível sofrimento, considerei pertinente desligar o gravador e declarar a entrevista encerrada.

Quadro 7. Entrevistados que foram para a França estudar - Brasil (2009 e 2011) e França (2010 e 2012)

N°	Nome fictício entrevistado/a	Data da realização da entrevista	Cidade/Local da entrevista	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Ano de Retorno ou Planos de Retorno	Área dos estudos	Nível da Formação	Motivação principal para ir estudar na França	Tipo de documento/visto na França na época da entrevista	Observação
1	Adalberto	18-10-2012	Lyon, França	1987	2011	Sem definição	Engenharia Mecânica	Pós-Graduação	Obtenção de uma bolsa de estudos	visto de estudante	Teve uma primeira permanência durante a graduação com bolsa do Programa Brafitec da Capes. Depois de formado, foi para a França fazer um mestrado com bolsa francesa (iniciativa privada).
2	Alessandra	12-08-2011	São Paulo, Brasil	1958	1992	1996	Química	Doutorado	Contato institucional prévio	-	Foi novamente fazer um pós-doutorado em 2012.
3	Amilton	16-10-2009	São Vicente, Brasil	1967	1991	2009	Fotografia	Não informou	Interesse particular pela França	-	Tornou-se fotógrafo profissional. Casou-se com uma francesa, teve dois filhos. Quando me concedeu a entrevista, estava separado e vivendo no Brasil, mas com planos de voltar para a França.
4	Arthur	16-07-2012	Aix-en-Provence, França	1970	2006	Sem definição	Música	Graduação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	visto de estudante	Viveu na França durante um ano aos 10 anos de idade pois sua mãe estava casada com uruguaio que foi para lá como refugiado político. Havia acabado de entrar no doutorado quando me concedeu a entrevista.
5	Bianca	18-10-2012	Lyon, França	1986	2011	Sem definição	Direito	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	visto de estudante	Foi para fazer um mestrado, mas quando me concedeu a entrevista estava no segundo mestrado com planos de fazer o doutorado lá.
6	Bruno	14-04-2011	São Paulo, Brasil	1984	2005	2007	Engenharia	Graduação	Obtenção de uma bolsa de estudos	-	Foi no âmbito de projeto de cooperação com bolsa no governo francês.
7	Elis	28-06-2012	Sul da França	1974	2005	Planeja voltar no médio prazo	Línguas - Idioma francês	Formação	Interesse particular pela França	visto de vida familiar	Foi para estudar francês, mas fez mestrado e atualmente faz doutorado em Comunicação. Casou-se com francês.
8	Fabiana	18-08-2012	Paris, França	1989	2009	Sem definição	Línguas - Idioma francês	Graduação	Presença de amigos/parentes na França	visto de estudante	Foi como "jeune fille au pair". Estava trabalhando em uma agência de turismo e fazendo um mestrado em letras.
9	Felipe	15-06-2012	Aix-en-Provence, França	1981	2011	2012	Economia	Pós-Graduação	Contato institucional prévio	visto de estudante	No final de 2012, entrou no doutorado, mas morando no Brasil e indo eventualmente.
10	Gabriel	21-10-2011	Campinas, Brasil	1986	2006	2008	Engenharia	Graduação	Obtenção de uma bolsa de estudos	-	Foi no âmbito de projeto de cooperação com bolsa no governo francês.
11	Gustavo	15-08-2012	Lille, França	1985	2008	Sem definição	Ciência Política	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	visto "salarié"	Teve bolsa do governo francês e depois de terminado o mestrado, arrumou um trabalho em uma agência pública e vive atualmente com visto "salarié"
12	Humberto	06-09-2012	Paris, França	1983	2005	2012	Idioma francês	Formação	Presença de amigos/parentes na França	visto de estudante	A mãe vivia na França. Foi de férias e decidiu que queria viver lá. Voltou como estudantes, e depois em função de dificuldade para renovar o visto, reemigrou uma segunda vez como "garçon au pair".
13	Isabel	27-08-2012	Paris, França	1978	2005	Não planeja voltar	História	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	cidadania italiana	Concluiu o doutorado. Tem cidadania italiana e écasou-se recentemente com um francês.
14	Jurema	25-09-2011	Via Skype	1958	1997	2006	Geografia	Pós-Graduação	Presença de amigos/parentes na França	-	Fazia um mestrado na Escócia e após o término deste ingressou no doutorado na França, viabilizado pois seu irmão morava lá.
15	Kelly	24-08-2012	Paris, França	1980	2002	Sem definição	Música	Pós-Graduação	Contato institucional prévio	visto de vida familiar	Não é mais estudante. Assinou PACS (certidão de união estável francesa) com um amigo para poder permanecer na França regularmente

(cont)

Quadro 7. Entrevistados que foram para a França estudar - Brasil (2009 e 2011) e França (2010 e 2012) (continuação)

N°	Nome fictício entrevistado/a	Data da realização da entrevista	Cidade/Local da entrevista	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Ano de Retorno ou Planos de Retorno	Área dos estudos	Nível da Formação	Motivação principal para ir estudar na França	Tipo de documento/visto na França na época da entrevista	Observação
16	Malu	27-09-2012	Rennes, França	1966	2005	Não planeja voltar	Idioma francês	Formação	Interesse particular pela França	cidadania francesa	Ela não pensa em voltar porque tem muito medo de violência urbana, inclusive com vítima fatal na família. Nunca conseguiu trabalhar na área. Primeiro trabalhou como faxineira, mas atualmente trabalha como azulejista.
17	Marcelo	22-11-2011	Via Skype	1981	2008	2009	Geografia	Doutorado	Interesse particular pela França	-	Quando me concedeu a entrevista estava morando no Canadá e com previsão de mudança para a Bélgica (ambas mobilidade em função de pós-doutoramento com bolsas dos respectivos governos nacionais).
18	Mário	01-09-2012	Via Skype	1964	1991	2012	Biologia	Pós-Graduação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	cidadania francesa	Fez mestrado e depois um doutorado com bolsa do governo francês. Feza carreira em uma empresa de tradução. Tem cidadania francesa.
19	Milena	13-09-2012	Paris, França	1980	2007	Sem definição	Idioma francês	Formação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	visto de estudante	Foi como "jeune fille au pair". Queria muito sair do Brasil, pensava nos EUA, mas queria ir com um amigo que ia para a França.
20	Plínio	08-08-2012	Paris, França	1974	1998	Não planeja voltar	Música	Graduação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	cidadania francesa	Atualmente está no Doutorado. Casou-se com francesa, tem cidadania francesa.
21	Raquel	06-08-2012	Paris, França	1981	2008	Sem definição	Línguas - Idioma francês	Formação	Presença de amigos/parentes na França	cidadania espanhola	Foi como "jeune fille au pair". Atualmente está no Doutorado em Ciências Sociais. Tem cidadania francesa.
22	Renato	07-09-2012	Estrasburgo, França	1982	2009	Sem definição	Línguas - Idioma francês	Formação	Presença de amigos/parentes na França	visto de estudante	Foi com a Sabrina que é sua namorada. Fez um curso de gastronomia. Ele é músico.
23	Roger	18-09-2012	Paris, França	1964	1995	Não planeja voltar	Línguas - Idioma francês	Formação	Plano de morar/estudar fora e aspectos pró-França	título de residente	Atualmente tem título de residente, considera-se parisiense e não pensa em voltar.
24	Sabrina	10-09-2012	Estrasburgo, França	1985	2009	Sem definição	Línguas - Idioma francês	Formação	Presença de amigos/parentes na França	visto de estudante	Ela é namorada de Renato. Queria estudar moda, mas como os cursos eram muito caros, está fazendo pós-graduação em história.
25	Simone	19-11-2010	Norte de Paris	1966	1993	Não planeja voltar	História	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	título de residente	Casou-se com francês e tem título de residente.
26	Sônia	17-10-2012	Lyon, França	1964	1990	Não planeja voltar	Literatura	Pós-Graduação	Presença de amigos/parentes na França	cidadania francesa	Atualmente é professora universitária, casou-se com francês e foi naturalizada francesa
27	Suzana	19-09-2012	Paris, França	1974	2003	Não planeja voltar	Jornalismo	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	visto de vida familiar	Foi como "jeune fille au pair". Atualmente está casada com francês, tem dois filhos.
28	Suzie	16-10-2011	Brasília, Brasil	1959	1987	1993	Jornalismo	Pós-Graduação	Obtenção de uma bolsa de estudos	-	Ida financiada através de uma bolsa de estudos de um ano outorgada pelo Rotary Club. Voltou logo depois para França autonomamente. Depois teve uma terceira mobilidade para fazer um curso com bolsa do governo francês.
29	Valentina	29-06-2012	Aix-en-Provence, França	1977	2010	Planeja voltar em meados de 2014	Economia	Pós-Graduação	Contato institucional prévio	visto de estudante	Ela trabalha como faxineira para realizar seu sonho de estudar fora.
30	Vanessa	18-11-2010	Paris, França	1982	2008	Sem definição	Artes Cênicas	Pós-Graduação	Interesse particular pela França	visto de estudante	Foi para fazer um mestrado, mas quando me concedeu a entrevista estava no doutorado.

3.3.3. Migração laboral

Os brasileiros que foram para a França e que alegaram ter como motivação aspectos relativos ao trabalho (tendo em vista o intuito de melhorar padrão de vida ou conseguir juntar dinheiro) foram incluídos nesta modalidade chamada migração laboral "clássica", dado o peso que o "fator trabalho" teve historicamente na promoção dos deslocamentos humanos, particularmente para o entendimento das migrações internas (SJAASTAD, 1980; TODARO, 1980). Esses modelos eram baseados na ideia da existência de áreas que "atraem" vis-à-vis áreas que "expulsam", dados os diferenciais de renda e a oferta de oportunidades de trabalho. São esses diferenciais, maior renda ou mais trabalho, que foram vistos como principal explicação para a migração até meados dos anos 1970 e o início da crise econômica mundial que alterou o cenário de crescimento do pós 2ª Guerra Mundial. Como argumentamos no segundo capítulo, a capacidade explicativa destes modelos é considerada atualmente como limitada, no entanto, isso não significa ignorar que os fatores laborais continuam a cumprir um importante papel (ainda que não exclusivo) na promoção dos fluxos migratórios internos e externos.

Inclusive, a decisão de analisar a imigração brasileira na França após os anos 1980 deve-se ao fato de que foi a partir daí que se iniciou um processo de emigração de brasileiros[152], pois historicamente, o Brasil foi um país de imigração (PATARRA e BAENINGER, 1995). Os fluxos de emigração se avolumaram naquele momento em grande medida como resultado da grave crise econômica que assolou o país nos anos 1980, e que comprometeu as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e de mobilidade social, inclusive inviabilizando a manutenção do status social das classes médias (SALES, 1995).

Durante os anos 1980, o país sofreu com elevados índices de inflação e com impactos negativos para as condições de vida da população, em razão das implicações sociais geradas com crise de dívida externa e com a crise fiscal e financeira do setor

[152] Segundo dados da Política Marítima e de Fronteiras, divulgados por Sales (1994), entre 1986 e 1990, 1,4 milhão de brasileiros saiu do Brasil e não retornou. Os registros consulares do Ministério das Relações Exteriores (MRE) apontaram 1,9 milhão de brasileiros vivendo no exterior em 2000 (PATARRA, 2005). As estatísticas mais recentes disponibilizadas pelo MRE, de 2010, calculavam que havia mais de 3 milhões de brasileiros vivendo no exterior.

público brasileiro (REGO e MARQUES, 2002). Nos anos 1990, os principais efeitos foram sentidos pela reestruturação produtiva e pelas reengenharias administrativas que implicaram em repercussões negativas para a oferta de trabalho: “numa amostra de 55 empresas transnacionais das 100 maiores indústrias de transformação [foi constatado], que aproximadamente 80% demitiram mais de 10% dos seus empregados em 1990-1991, sendo que a média esteve em torno de 20%” (REGO e MARQUES, 2002, p. 193).

Ou seja, as possibilidades de inserção no mercado de trabalho tornaram-se críticas no Brasil dos anos 1980, e durante parte significativa da década de 1990, afetando a inserção no mercado de trabalho, a possibilidade de mobilidade social e até mesmo da manutenção do nível de vida. Esses foram condicionantes importantes para entendermos porque tantos brasileiros tornaram-se “emigrantes em potencial” e outros tantos emigraram de fato. Os deslocamentos internacionais também foram facilitados pelo contexto de internacionalização crescente, que como se argumentou, acabou por diminuir as distâncias e atualizar as lógicas migratórias.

Sales (1999) sustenta que a maioria dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos declarou que os motivos para a migração estavam relacionados ao trabalho que, como aponta a autora, significava “procurar trabalho melhor, melhorar padrão de vida, juntar dinheiro para voltar, conseguir juntar dinheiro, estar desempregado” (SALES, 1999, p. 33). Seja como uma estratégia individual ou familiar, o espaço migratório dos brasileiros que buscaram e que buscam melhorias das condições de vida, teve seu território ampliado: o que nos anos 1950 ou 60 se realizava quase que exclusivamente no interior das fronteiras do Brasil, após 1980, esse panorama se alterou quando se iniciou um fluxo de emigração brasileira.

O fluxo de emigração brasileira cresceu e nos primeiros anos, os destinos principais foram os Estados Unidos (MARGOLIS, 1994; SALES, 1999), o Japão (KAWAMURA, 1999) e alguns países da Europa Ocidental, particularmente Itália e Portugal (BÓGUS, 1995)[153]. Três décadas depois do início desse processo emigratório, as condições econômicas do Brasil melhoraram expressivamente. No entanto, isso não significou fim da emigração de brasileiros, pois o que se verifica no âmbito das

[153] Além de um fluxo específico para o Paraguai.

migrações internacionais contemporâneas é uma combinação de "novos" e "velhos" fatores na promoção dos fluxos, um contexto no qual os fatores laborais e econômicos se conjugam a critérios de outra natureza no processo decisório que culmina na migração. Para ilustrar o que tento argumentar, mencionarei o caso do projeto migratório de Catarina. Ela deixou o Brasil aos 25 anos, em fevereiro de 2012, e foi para a França com o intuito de "ter mais experiência, aprender um idioma", mas pelos motivos alegados por ela para justificar a migração, isso também queria dizer "ganhar dinheiro". O caso de Catarina[154] é um exemplo de como os fatores "*push-pull"* são limitados mesmo para se entender a migração laboral, pois ela saiu do Brasil em um contexto no qual o mercado de trabalho interno estava muito mais favorável do que na França[155], que em 2012 sofria os efeitos da crise econômica europeia; sendo inclusive uma fase marcada pelo retorno de brasileiros (FERNANDES, NUNAN e CARVALHO, 2011) e pela imigração de profissionais e trabalhadores europeus (ALCARAZ, 2012).

A criação migratória começou para Catarina, em grande medida, combinada ao casamento com Marcos e o desejo do casal de comprar uma casa em Curitiba, onde viviam. Segundo sua narrativa, eles tinham R$ 30 mil reais e perceberam que não iriam conseguir comprar um imóvel tal como gostariam, bem localizado. Seu argumento foi que "minha mãe tem 50 anos e paga aluguel ainda" e, que na sua avaliação, isso era "um absurdo". Catarina reconheceu em sua fala que a venda de uma casa de sua propriedade na periferia de Curitiba para financiar a migração, o abandono dos trabalhos que eles tinham no Brasil e até mesmo o rebaixamento profissional (tendo em vista as ocupações que eles tinham na França) foi uma decisão que envolveu e envolve um "risco", mas pondera que "pessoas bem-sucedidas arriscaram".

Para reforçar ainda mais a situação de vulnerabilidade do casal, eles não estavam na França regularizados e a estratégia deles foi comprar documentos falsos

---

[154] Entrevista realizada em 17/08/2012 em Paris.

[155] De acordo com a agência oficial de Estatísticas da União Europeia, a EUROSTAT, em fevereiro de 2012, a taxa de desemprego da França era de 10%. No Brasil, no mesmo período, a taxa de desemprego era quase a metade, 5,7%, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE. Não localizei dados do INSEE, agência francesa de estatística, para 2012, mas em 2011, a taxa de desemprego média calculada por este instituto foi de 9,2%, enquanto que no Brasil, a taxa estimada pelo IBGE foi de 6%. Se considerarmos que via de regra estrangeiros e imigrantes apresentam taxas de desocupação ainda mais altas, os critérios objetivos que podem ser considerados em um "cálculo racional" por parte do migrante não corroborariam a decisão de emigrar do Brasil e imigrar na França naquele período.

para poderem trabalhar formalmente. Ela disse-me que tinha consciência de que isso não era certo, mas ao mesmo tempo entenderam que se eles ficassem sem documentos, trabalhariam no "negro" e não teriam, segundo ela, como comprovar o tempo de residência na França (numa eventual possibilidade de regularização)[156].

A migração para França foi uma sugestão de Marcos[157], seu marido, que tem um tio que vivia lá. O impulso para o projeto veio dele e ela encampou a ideia, apesar de ter declarado que nunca tinha pensado em sair do Brasil, "eu nunca tinha viajado de avião, tinha medo". O "plano" é ficar alguns anos na França e depois voltar.

A trajetória de Catarina mostra-se como um indicativo de uma dinamização do processo de emigração brasileira. O acúmulo de estoques de emigrantes e de migrantes que retornaram ao Brasil, a circulação de informações e também a expansão e reformulação de rotas migratórias, com novos destinos dos brasileiros no exterior, estão muito provavelmente atualizando as estratégias migratórias de Brasileiros no exterior e de potenciais emigrantes. Isso sem mencionar os países que tiveram fluxos maiores e mais antigos, que contam atualmente com a presença de segunda e terceira geração de brasileiros nesses países de acolhimento.

Particularmente em relação à Europa, o espaço de livre circulação europeu muito provavelmente impactou os sistemas migratórios dos brasileiros naquele continente (ROSENFELD et al, 2009). Norberto[158], o tio de Marcos mencionado acima, foi de Curitiba para Madri em 2006, aos 46 anos. O destino era a Inglaterra, mas foi primeiro para a Espanha "porque era caminho". Tinha um amigo em Madri, gostou da cidade e decidiu ficar. Seis meses depois, a esposa e os dois filhos foram se juntar a ele. Contou-me que conseguiram economizar 500 euros por mês até juntar os 8 mil euros necessários para eles pedirem a cidadania italiana para toda a família, dado que sua esposa tinha direito por descendência familiar. Eles viveram na capital espanhola até 2009, quando decidiram – por causa da crise que afetou o país e a renda do casal – ir a Paris, onde Norberto tinha um amigo, pois ele "não queria voltar para trás". A ideia dele era ir para a França, para então ir para a Inglaterra. Segundo relatou na entrevista, seu

[156] A chamada "legitimidade da condição clandestina" foi bastante discutida por Sales (1999).
[157] Eu o conheci, conversei com Marcos, mas nosso encontro não configurou uma entrevista.
[158] Entrevista realizada em 25/10/2012 no sul de Paris.

desejo “sempre” foi ir para um país anglófono.

Ele trabalhava no ramo da decoração, com “revestimento de interiores”. Inclusive estava acostumado a viajar por motivos de trabalho quando vivia no Brasil. Na França, tinha montado uma empresa de prestação de serviço na área. Disse-me que as coisas não estavam “muito ruins”, mas ele avaliava, quando me concedeu a entrevista, que poderia ganhar mais no Brasil do que ganhava lá no contexto da crise. Não obstante, apesar de se sentirem cansados e de trabalharem muito, Norberto não pensava em voltar porque a família considerava também a qualidade de vida e a questão da segurança urbana.

Ele contou-me que quando saiu do Brasil já tinha o plano de permanecer fora, pois declarou que “a maioria do pessoal [emigra porque] quer comprar uma casa”, mas que não era dessa forma o seu caso. Contou-me que eles tinham duas casas no Brasil e que foram não apenas para trabalhar, mas “para viver”. Norberto estava em vias de ir para os Estados Unidos. A princípio, seria para fins turísticos, mas ele foi enfático em dizer “mas eu não escrevo”, alegando que tem amigos lá e se gostar, esse pode ser o novo destino da família.

Essa área de atuação de Norberto é conhecida na França como *rénovation bâtiment*, cuja tradução literal seria “renovação de edifícios”, que em português envolve as prestações de serviços ligadas à reforma de residências e prédios, atividades associadas ao setor da construção civil. Os profissionais deste ramo são os pedreiros, encanadores, pintores, tapeceiros, gesseiros, azulejistas. São estas atividades, ligadas à reforma e à construção civil, que são responsáveis por empregar a maior parte dos trabalhadores homens manuais brasileiros. As conversas com informantes privilegiados já haviam me sinalizado de que a maior parte dos imigrantes homens brasileiros trabalhava na construção civil e as entrevistas realizadas corroboraram esse aspecto: dos 15 homens entrevistados e que foram classificados como casos de migração laboral, 7 deles atuavam nesta área (Norberto, Samuel, Armando, Adalto, Bernardo, Miguel e Nilson)[159].

[159] Outro ramo de atividade que ocupa brasileiros de maneira destacável será abordado mais adiante e se refere às ocupações artísticas como músicos e mestres de capoeira.

Trabalhadores brasileiros na construção civil

Há fortes indícios de que a entrada dos brasileiros nesse segmento do mercado de trabalho na França tenha sido facilitada pela forte presença portuguesa na atividade. Existe uma antiga e volumosa migração portuguesa para a França, e os trabalhadores portugueses estariam até os dias de hoje "super-representados" quanto à inserção ocupacional nesse ramo da atividade em relação aos franceses e outros grupos estrangeiros.

De acordo com Tavarès (2001) a história da imigração portuguesa na França pode ser dividida em três fases. A primeira de 1916 a 1931, com crescimento do fluxo de trabalhadores particularmente no período de entre guerras. Após a1930, a segunda fase, marcada por um movimento de refluxo motivado pelos efeitos da crise econômica e ao mesmo tempo é um período de naturalizações para portugueses que viviam na França. Segundo dados citados por Tavarès, no final da década de 1930, havia cerca de 28 mil portugueses na França. A terceira e última onda da imigração portuguesa foi de 1954 a 1974, quando o estoque de portugueses na França cresce de forma expressiva. Desde meados dos anos 1960, o Brasil perde sua posição de principal destino da emigração portuguesa para a França (TAVARÈS, 2001). Os dados do INSSE reproduzidos por Cordeiro (1999) são reveladores: em 1962 havia 50 mil portugueses na França e, em 1975, eles eram 760 mil.

O setor da construção civil (na França se considera em conjunto o setor da construção civil e dos trabalhos públicos[160]) historicamente empregou a mão de obra portuguesa (CORDEIRO, 1999; TAVARÈS, 2001). De acordo com dados do INSEE, analisados por Cordeiro (1999), no que se refere à inserção ocupacional, em 1982, 45% dos homens portugueses ativos trabalhavam no setor da "construção civil e trabalhos públicos", e em 1995 houve uma queda nesta taxa (27%), mas ainda apontando uma presença significativa dos portugueses no ramo, que emprega apenas 6,7% dos trabalhadores ativos na França.

A recente imigração brasileira na França beneficia-se da presença de imigrantes

[160] Os chamados trabalhos públicos envolvem os serviços de construção de infraestrutura (vias públicas, rotas e estradas, canalizações, etc.). Em francês diz-se o ramo do "Bâtiment et des travaux public", sendo visto com frequência o uso da sigla "BTP" para referir-se a esse setor da economia.

portugueses e de seus descendentes, particularmente vinculados a esse ramo de atividade. Isso porque a barreira linguística para trabalhadores brasileiros manuais na França tende a desaparecer ou a ser minimizada quando se trata dessas atividades ligadas aos portugueses; nesse contexto, os brasileiros conseguem arrumar trabalho mesmo quando não falam o francês.

Para Miguel, por exemplo, a própria migração foi viabilizada pelo empregador. Ele é de uma pequena cidade no interior de Minas Gerais. Trabalhava como pedreiro e nunca teve o sonho, nem a oportunidade de sair do Brasil. Em 2002, Edson, um amigo o convidou para ir para Londres. O projeto não deu certo porque ele não tinha a carteira de reservista para fazer o passaporte. Dois anos depois, Edson estava na França, porque não conseguiu entrar na Inglaterra e acabou ficando em Paris. Lá estabelecido, Edson ofereceu um trabalho ao Miguel, que foi em 2004, com 24 anos. Abaixo reproduzo o trecho da entrevista na qual ele narrou a sua partida:

> **Miguel**: [...] Consegui. Juntei uma graninha, que eu tinha compro [*sic*] um carro. Aí, ele [o Edson]: "Vende tudo e vem pra cá. Que eu te garanto um trabalho de quatro, cinco meses, no máximo." Eu falei: "Ah, tudo bem." E comprei a passagem... E, aliás, eu... Não... Num dava pra comprar a passagem, na época. Que eu vim em alta temporada, que era junho... E eu precisava começar a trabalhar em **julho**. E eu...
>
> **Entrevistadora:**: Sei. Porque é super caro, essa época, né. Porque é férias...
>
> **Miguel**: É **muito** caro! E na época que eu vim, eu paguei... Foi **mil** e setecentos euros. O euro era quase **quatro** reais, na época. Então, foi quase cinco **mil** reais a minha passagem. E aí, ele falou: "Ah... Eu vou ver o quê que eu faço." E o... O nosso patrão... Emprestou o dinheiro, pra que ele comprasse o bilhete. E... Eu vendi o meu carro, comprei umas roupas, peguei um dinheiro, tirei o passaporte. Falei: "Ah... Então... Tô indo embora." Aí, ele me ligou e falou assim: "Oh, no dia vinte e oito, então, no dia vinte e sete você embarca." Eu falei: "Tá bom! Vinte e sete?..." E isso era vinte e **quatro** de junho. Eu falei: "Vinte e sete? Que vinte e sete?" Ele falou: "Vinte e sete, agora. Daqui há três dias." [*Pausa*] Então, já era... Foi pra nem... Pra mim nem pensar em desistir [sic].
>
> **Entrevistadora:**: [*Sorrindo*] Sei... Não teve nem tempo...
>
> **Miguel**: Não tive nem tempo. E aí ele me mandou só o número. Ele falou: "Oh, é, é... Grava esse número aí, é o número da sua reserva aí." Aí, fui pra São Paulo e peguei o avião TAM e vim direto pra cá. [*Pausa*] E quando eu vi aqui, eu... Apaixonei pelo lugar, né. Assim... Aí, comecei a trabalhar. Na verdade, foi se alongando – trabalhei **um ano**, aqui. Trabalhei **um ano** direto com ele. [Entrevista realizada em 06/10/2012, grifos para destacar ênfases da fala]

As coisas foram dando certo e ele foi ficando. Em 2007, ele se casou com uma brasileira e o projeto individual, virou um projeto familiar. Sua situação jurídica como imigrante foi regularizada desde o final de 2007 através de um processo de demanda

do empregador[161].

Na entrevista que Adalto[162] me concedeu, ele contou-me que não conseguiu entrar na Inglaterra e assim como o amigo de Miguel, acabou permanecendo na França. Ele saiu de Goiânia, aos 26 anos, em 2011, e foi para Paris com o objetivo de ir para Londres, onde ele tinha vivido um tempo de forma irregular até ser deportado. Decidiu reemigrar e foi juntamente com um primo. Tentaram entrar na Inglaterra duas vezes. Chegaram a ser retidos e sofreram maus-tratos quando tentaram embarcar, na segunda e última tentativa, via outro país europeu. Voltaram para Paris tentando remarcar a volta para o Brasil, mas precisaram esperar algumas semanas, devido ao preço do bilhete. Enquanto Adalto aguardava o retorno na casa "da prima do primo", arrumou um trabalho na construção civil e desistiu de voltar. Adalto é mais um dos trabalhadores brasileiros que acabam na França por causa da atualização de seus projetos migratórios.

O mesmo aconteceu com Nilson, também goiano, que tinha o objetivo de ir para Londres e que por fim se estabeleceu na França. Nilson[163] nasceu no interior de Goiás, aos 16 anos migrou para Goiânia procurando melhores condições de vida. Contou-me que sempre sonhou em sair do Brasil com o objetivo "igual ao de todo mundo, ganhar dinheiro", no seu caso isso significava comprar uma casa e ajudar a mãe. De acordo com sua narrativa, a oportunidade que ele esperava veio quando trabalhava numa grande empresa e conseguiu negociar sua saída para "fazer uma coisa diferente". Foi assim que ele saiu do Brasil em 2006, aos 27 anos, tendo Londres como destino. Como ele não passou pelo controle britânico de imigração, arrumou um trabalho na construção civil e lugar para morar na periferia de Paris. O caso de Nilson é particular porque quatro meses depois de sua chegada, ele sofreu um grave acidente de trabalho, tendo permanecido seis meses internado e adquiriu como sequela uma incapacitação laboral significativa. Apesar de estar com o documento falso, conseguiu efetivar um processo de regularização de sua condição de imigrante. Quando me concedeu a entrevista, ele tinha título de residente, sendo que, desde 2008, a esposa e os filhos

[161] No quarto capítulo quando a política de migração seletiva da França for discutida, abordarei as necessidades de mão de obra do país, entre as quais estão os trabalhadores da construção civil.
[162] Entrevista realizada em 16/09/2012 em Paris.
[163] Entrevista realizada em 28/10/2012 no norte de Paris.

foram pra França viver com ele.

Armando[164] também viveu na Inglaterra e foi deportado por estar irregular. Mas decidiu reemigrar e no seu caso, escolheu efetivamente ir para a França, país que tinha visitado anteriormente[165]. Ele é mineiro, mas estava vivendo no Espírito Santo (onde abriu um restaurante) quando decidiu que, por problemas de ordem pessoal, era hora de partir novamente. No final de 2007, ele começou a planejar sua ida e em fevereiro de 2008, aos 32 anos, foi para Paris. A mulher foi encontrá-lo sete meses depois. Disse-me que os dois primeiros anos foram muito difíceis, mas quando me concedeu a entrevista, Armando contou-me que estava bem profissionalmente e financeiramente, e que apesar da condição migratória irregular, tinha uma empresa prestadora de serviços na área de renovação imobiliária. Tive a oportunidade de fazer a entrevista em um imóvel no qual sua equipe trabalhava, e pude conhecer na ocasião três brasileiros que trabalhavam para ele. Um deles é Bernardo que aceitou colaborar com a pesquisa e me concedeu posteriormente uma entrevista.

O projeto migratório de Bernardo[166] foi analisado no segundo capítulo, portanto não irei me alongar no seu caso. Ele é de uma pequena cidade próxima a Governador Valadares e foi para a França em 2008, aos 26 anos, graças a um "coiote". O caso de Bernardo envolveu uma rede migratória baseada em práticas ilegais. Bernardo foi orientado a comprar um documento falso e a pagar valores exorbitantes por uma vaga em um apartamento superlotado. As autoridades francesas chegaram até ele, por meio de uma investigação sobre condições de exploração nas relações de trabalho. Ele chegou a ser detido como suspeito de ser membro da organização, mas segundo me disse, foi liberado por ser considerado uma vítima e não autor do crime. Depois desta experiência difícil, Bernardo teve ajuda de um brasileiro que lhe ensinou o trabalho de pintura, e hoje ele é pintor de paredes. Desde então, Bernardo trabalha como autônomo e prestando serviços para pequenas empresas como a de Armando.

---

[164] Entrevista realizada em 15/09/2012 em Paris.

[165] Armando é mineiro, e estava morando em Belo Horizonte quando foi, em 2000, para a Inglaterra. O ano de 2001 passou em Portugal e em 2002 voltou para a Inglaterra, onde ficou até final de 2005. Ele e a mulher foram detidos e extraditados. Ficaram presos em Belfast durante 11 dias e depois enviados para o Brasil. Na Inglaterra eles estavam se organizando para ir para os Estados Unidos, mas voltaram para o Brasil.

[166] Entrevista realizada em 22/09/2012 em Paris.

Outro brasileiro que teve problema com a justiça francesa foi Samuel[167]. No seu caso, ele foi julgado por abrigar imigrantes irregulares na França em 2006, quando a polícia francesa localizou 6 brasileiros morando na casa dele. Samuel também foi acusado de fazer documentos falsos. Ao mesmo tempo, o processo facilitou sua permanência no país (até então irregular), pois durante quatro anos ele não pode ser expulso, pois estava sob investigação judiciária no país. Quando me concedeu a entrevista, Samuel contou que começou a pensar em sair do Brasil em 2004, pois trabalhava como mestre de obras e teve indícios de que sua profissão era mais valorizada fora do Brasil, pois ficava sabendo de amigos que tinham emigrado e que, na sua avaliação, eram profissionais menos qualificados do que ele, mas que ganhavam mais. Estava com as malas prontas para ir para os Estados Unidos, mas o seu tio estava na França e o convidou para ir. Segundo disse-me escolheu a França porque "é sempre melhor ficar perto da família". Nunca tinha saído do Brasil, nem mesmo do Espírito Santo, seu estado natal. Em outubro de 2005, chegou a Paris, com 24 anos de idade. Fez o percurso de vários outros imigrantes brasileiros: teve documento falso e trabalhou informalmente. Mas havia conseguido abrir sua própria empresa. Para ele, a crise não se fez sentir, falou-me que a princípio não volta porque "não parei de subir os degraus". Faz um ano, casou-se com uma francesa de origem argelina. Desde que foi para a França só voltou ao Brasil uma vez em 2009. Tem uma filha de 9 anos no Brasil para quem envia dinheiro. Samuel levou o pai para trabalhar com ele, mas revelou que ele não estava se adaptando muito bem e pensava em voltar.

Três entrevistados estavam inseridos em ocupações não ligadas à construção civil: Alex (cozinheiro), Carlos (motorista) e Ivan (operador de empilhadeira).

Alex[168] nasceu em 1984 em Jequié, na Bahia. A mãe trabalhava em um grande banco nacional e por isso mudavam com facilidade. Segundo me disse sempre quis "ir embora". Em 2004 deixou o Brasil para ingressar na Legião Estrangeira[169] na França. Foi como quem vai fazer um trabalho, mas ainda durante o treinamento, não gostou e

[167] Entrevista realizada em 06/09/2012 no sudoeste de Paris.
[168] Entrevista realizada em 16/07/2012 em Marselha.
[169] A Legião Estrangeira é uma unidade militar mercenária francesa que recruta voluntários no mundo todo. O sítio eletrônico da instituição oferece informações sobre recrutamento em 15 idiomas diferentes e se apresenta como "uma oportunidade para uma vida nova" *cf* <www.legion-recrute.com/pt>. Acesso em 21 Mar. 2013.

decidiu que não queria mais ficar. Tinha uma namorada no Brasil cuja mãe era espanhola e ela aceitou ir com ele para a Espanha. Ele voltou ao Brasil para buscá-la, casaram-se e foram juntos para a Espanha em 2005. O destino foi uma pequena cidade na Galícia, onde Alex viveu 7 anos. Tiveram um filho que nasceu lá. Mas a esposa não se adaptou, e quis voltar. Em 2008, ele trouxe a mãe para viver na Espanha e ficou. Estava bem na Espanha, fez um curso de Gastronomia de 2 anos de duração e trabalhava num restaurante. Ganhava 2 mil euros por mês e vivia bem. Mas com a crise econômica, o restaurante não conseguiu manter-se e, no início de 2009, o restaurante fechou. Segundo Alex me narrou, o restaurante tinha 14 funcionários e todos ficaram desempregados. Enquanto recebia o seguro-desemprego, Alex buscou trabalho, mas disse-me que as vagas que apareceram pagavam salários muito baixos que não permitiam que ele mantivesse seu padrão de vida. Foi nesse contexto de se sentir "sem saída", que ele pensou em voltar a ser legionário. Conforme me disse, o retorno ao Brasil para ele estava forma de questão e, assim, resgatou a ideia de ir para a Legião Estrangeira (que ele define como um "plano de evasão", pois se as coisas estiverem muito ruins, lá ele pode conseguir 5 anos de trabalho sem o custo de contas mensais). Então, em março de 2012, Alex deixou a Espanha rumo a Aubagne (cidade francesa onde se faz o alistamento), mas não pode efetivar seu interesse porque foi roubado durante a viagem e levaram seu passaporte. Até conseguir fazer os novos documentos e resolver sua situação, Alex conheceu por meio de uma Associação Cultural Peruana na cidade de Marselha alguns brasileiros na cidade. A partir daí, conseguiu lugar para dormir e alguns trabalhos. Em menos de um mês ficou sabendo que um bar latino da cidade buscava um cozinheiro. Fez um teste e conseguiu o trabalho. Quando me concedeu a entrevista, 4 meses depois de chegar à Marselha, o "projeto legionário" estava a princípio suspenso. Disse-me que não queria começar tudo de novo, o processo de não entender o idioma e os códigos culturais, mas disse que foi "forçado a sair", pois "sabia que dentro da Europa, a Espanha não era o melhor lugar para quem quer avançar".

Carlos nasceu no interior do Paraná em 1972. Sua trajetória é típica de migrantes "pioneiros", no sentido que são mudanças bastante arriscadas, vivenciada em um clima de "aventura". A primeira migração foi junto com o pai, que partiu motivado

pelas promessas de riqueza com o garimpo de ouro no Mato Grosso. Foi no Pantanal onde conheceu alguns franceses que moravam na região. Disse-me que "sempre quis voar" e que podia ser "Estados Unidos ou Londres, mas foi a França porque conheci esses franceses" [Carlos em entrevista realizada em 16/06/2012 em Marselha]. Estava com 21 anos, tinha um caminhão e segundo grau completo: "ou entrava na faculdade ou saia do Brasil" [Carlos em entrevista realizada em 16/06/2012 em Marselha]. Acabou saindo pela primeira vez em 1993, com o amigo francês. Não deu nada certo, mas conheceu uma brasileira que lhe deu apoio e se tornou sua "segunda mãe", ela o ajudou e para ganhar a vida jogou futebol na terceira divisão. Mas para ele foi uma desilusão. Após 8 meses, acabou voltando ao Brasil. Ficou um ano e meio no Brasil, o ano era 1994, e segundo sua narrativa, a situação estava ruim no Brasil, seu pai estava falindo e acabou decidindo voltar para a França. Ficou dois anos. E, após esse período, retornou ao Brasil casado com uma francesa. Em menos de dois anos, regressam à França. O casamento se desfez, voltou para o Brasil, e em seguida foi "puxar madeira" na Amazônia. Foi para Curitiba, onde trabalhava como motorista de caminhão e garçom de hotel. Em seguida voltou para o Mato Grosso, mas segundo ele, "a coisa estava feia". Em 2002 decidiu sair do Brasil para estudar inglês em Londres, mas antes passou na casa da sua "segunda mãe" na França. Apareceu um emprego para caminhoneiro que pagava bem e ele foi ficando. Dez anos depois, Carlos ainda estava em Marselha, trabalhava como motorista e morava em residência própria[170].

Ivan[171] também possui trajetória migratória múltipla. Nasceu em Goiás, e a primeira migração foi para Campo Grande. Emigrou para a Guiana Francesa em 1990, aos 25 anos. Foi para jogar futebol, pois tinha um cunhado que estava jogando lá. Depois começou a trabalhar na construção civil, tornou-se mestre de obras e mais tarde trabalhou como joalheiro. Em 1996, conheceu sua atual esposa, uma brasileira do Pará. Casaram-se em 1999, e, em 2001, foram para a França, por causa de um amigo que

[170] Estava estudando inglês com intenção de retornar ao Brasil antes da Copa do Mundo. Segundo me disse "não quero ficar aqui e perder o bonde do Brasil". Quer voltar no primeiro semestre de 2014 com dinheiro para abrir um negócio. Ainda não sabe onde fará isso, e disse-me que vai precisar de um tempo para especular, pesquisar o melhor lugar, pois como ele mesmo reconheceu, ele conhece muitos lugares. Apesar de ter certeza que quer voltar ao Brasil, admite que tem dois países e que pretende voltar à França.

[171] Entrevista realizada em 03/09/2012 em Paris.

vivia lá e que ofereceu trabalho para ele. Conseguiu um visto de trabalho de dois anos, teve alguma facilidade por vir de território francês. Começou preparando entregas, depois fez curso de operador de empilhadeira. Trabalhava com gestão de estoque, mas com a crise econômica a empresa foi vendida, então desde 2009 voltou para o ramo da construção civil. A empresa era pequena e com a crise não aguentou a concorrência, acabou fechando. Quando me concedeu a entrevista, trabalhava como operador de empilhadeira. Tem dois filhos que nasceram na França e toda a família tem a nacionalidade francesa.

As brasileiras e os serviços de cuidado

Em relação às mulheres, seguindo os passos dos homens que trabalham com portugueses na construção civil, as brasileiras tendem a exercer algumas atividades peculiares aos grupos imigrantes e em segmentos que também concentram ou concentraram portuguesas, como serviços de limpeza que podem ser a realização de faxinas em residências (casos de Dalva e Larissa) ou limpeza de escritórios comerciais (Catarina), além do serviço de zeladoria (Rafaela) que em francês chama-se "concierge" (porteira e/ou zeladora) ou "gardienne d'immeuble" (guardiã de imóvel), que também foi uma ocupação bastante comum das portuguesas[172].

Rafaela contou-me que se tornou "concierge" através de contato com portugueses. Ela trabalhava em Recife como auxiliar administrativa e contou-me que o "sonho de sair do Brasil" era do marido, ela nunca havia pensado nisso, mas segundo ela, "a mulher tem que seguir o marido". Ele foi primeiro, em 2006, para Portugal onde ficou quase dois meses e de lá seguiu para a França. De acordo com seu depoimento, o irmão do marido morava na Inglaterra e ele tinha um amigo na França, por isso ele sugeriu ao marido de Rafaela que ele fosse para a França, devido à dificuldade em passar pela "imigração" no Reino Unido. Desta forma, atualizando seu projeto migratório, o marido de Rafaela foi para Paris e ela foi encontrá-lo sete meses depois, em 2007, aos 25 anos. No momento em que me concedeu a entrevista, não estava trabalhando, pois estava prestes a dar à luz. Mas até então trabalhava como zeladora.

[172] Não encontrei referências acadêmicas explícitas ao fato, mas em diversas ocasiões chegou-me a informação de que os estereótipos dos imigrantes portugueses na França eram dados pela mulher "porteira" e pelo homem "trabalhador da construção civil".

Tinha documento falso, mas disse-me que vivia “normalmente”. Nunca tinha imaginado morar em Paris e ficou surpresa com a quantidade de africanos que encontrou, falou que quando andava de metrô no início “se sentia em um filme, mas agora já me acostumei” [Rafaela em entrevista realizada em 16/09/2012 em Paris].

Segundo Cordeiro (1999), em 1990, 25% das portuguesas trabalhavam no ramo dos serviços domésticos. Na região francesa denominada Ilha da França, onde se situa a capital, quase a metade das mulheres portuguesas que tinham entre 25 e 29 anos trabalhavam no setor de limpeza em 1990.

Apesar de haver essa sintonia entre a presença de imigrantes portuguesas nesse ramo de serviços, a inserção ocupacional das brasileiras nas atividades de cuidado remete a um cenário mais amplo, e o significado desta prevalência laboral está intimamente relacionado ao funcionamento da economia global e ao crescimento das atividades ligadas ao cuidado (GUIMARÃES, HIRATA e SUGITA, 2011).

A importância de certos segmentos de trabalho para a dinâmica da globalização foi discutida por Sassen (2010b), dando ênfase aos circuitos nos quais as mulheres constituem a força de trabalho principal. Para o entendimento da dinâmica desses mercados, a autora associou processos que se desenrolam nos países do sul, como “feminização da sobrevivência” – em razão de uma tendência crescente do constrangimento da reprodução econômica familiar ficar a cargo da mulher – com processos típicos dos países do norte que passam a demandar cada vez mais mão de obra barata, particularmente para cumprir trabalhos domésticos. Atividades laborais que são geralmente ocupadas por mulheres imigrantes e outros grupos minoritários (SASSEN, 2010b).

A inter-relação entre as atividades de cuidado e as migrações internacionais contemporâneas, particularmente no que se refere às migrações de mulheres, tem chamado a atenção de diversos autores (KING e ZONTINI, 2000; MOROKVASIC, 2010). De acordo com Lisboa (2006), “100 mil mulheres de todo o mundo movem-se anualmente em fluxos migratórios, para assumirem trabalhos domésticos na esfera privada” (p. 162).

Os trabalhos domésticos são relevantes, mas há muitas outras ocupações que se pode associar ao setor do cuidado e que também são executadas basicamente por

mulheres. A definição de cuidado proposta por Zelizer indica a amplitude do seu alcance:

> O que se deve entender por *care*? As relações de *care*, na minha avaliação, incluem toda a atenção pessoal sustentada e/ou intensa que tenha por fim melhorar o bem-estar de quem é o objeto. Pode-se desta forma definir o leque destas 'atenções pessoais sustentadas e/ou intensas', tendo como um extremo, de um lado, o cuidado de fazer a manicure em um salão de beleza ou um rápido aconselhamento por telefone em uma *hotline* de suporte psicológico e, de outro, os laços que duram uma vida inteira entre mãe e filha, ou ainda a dedicação de um antigo empregado (ZELIZER, 2008, p. 6, tradução nossa[173]).

Partilhando desta visão ampla de cuidado, tem-se que a grande maioria das mulheres entrevistadas que trabalha ou que trabalhou na França, estava ligada à uma atividade de cuidado. Além das mulheres classificadas como "migrantes laborais", diversos casos de estudantes brasileiros na França – modalidade abordada anteriormente – sustentaram-se graças à demanda por serviços de faxina e cuidados de idosos e crianças. As brasileiras entrevistadas cujos deslocamentos foram classificados como migração laboral exerciam estas atividades de cuidados, com exceção de Beatriz que está no ramo artístico (era bailarina e quando me concedeu a entrevista trabalhava com a produção cultural de shows).

Dalva[174] trabalhava como faxineira autônoma. A trajetória dela é interessante, pois nasceu no interior da Bahia, e em 1987, foi para São Paulo, com 21 anos de idade, uma experiência que segundo ela foi muito mais desafiante do que chegar em Paris anos depois. Trabalhava desde 1991 na mesma indústria em São Paulo, quando foi mandada embora e isso teria lhe motivado a emigrar em 2006. Foi para Portugal, onde permaneceu três meses e de lá foi para a França, porque tinha uma irmã que trabalhava para uma família. Disse-me que no início trabalhou para a ex-patroa da irmã e que ganhava 800 euros por mês e foi assim, mandando remessas para o Brasil, que quitou a casa da mãe. Em 2007, Dalva conheceu um português no curso de francês que é seu atual marido, situação que inclusive viabilizou sua regularização. Quando me

[173] No original: "Que faut-il entendre par *care*? Les relations de *care*, selon moi, incluent toute attention personnelle soutenue et/ou intense ayant pour effet d'améliorer le bien-être de celle ou celui qui en est l'objet. On peut définir ainsi un éventail de ces 'attentions personnelles soutenues et/ou intenses', avec à une extrémité le soin de la manucure dans une 'onglerie' ou le bref conseil téléphonique sur une *hotline* d'aide psychologique et à l'autre les liens à l'échelle d'une vie entière entre une mère et sa fille, ou encore le dévouement d'un vieux serviteur" (ZELIZER, 2008: p. 6).

[174] Entrevista realizada em 16/09/2012 em Paris.

concedeu a entrevista, tinha dois filhos.

Larissa[175] nasceu em Belo Horizonte e vivia em Ipatinga quando saiu do Brasil para ir para a França em agosto de 2008, com 32 anos de idade. Disse-me que tinha vontade de ir para os Estados Unidos, mas seu irmão estava na França. No entanto, o irmão não teve papel importante na viabilização do seu projeto, pois ela não lhe avisou que iria para lá, ele ficou sabendo quando ela já estava na França. Larissa contou-me que não tinha planejado sair do Brasil, mas as circunstâncias a levaram a isso. Declarou que tem o segundo grau completo e que sempre trabalhara na área comercial, seu último vínculo formal foi como gerente de loja, mas segunda ela, não se tem vida (disse que foram dois anos sem férias e que ela precisava parar porque estava esgotada). Segundo seu depoimento, ou "emigrava ou estudava" e que pra estudar também precisava de dinheiro. Então, pediu demissão e com o acerto decidiu investir em um negócio próprio e comprou uma máquina de fritura industrial para vender batata frita. A máquina tinha um grave defeito, com o prejuízo, perdeu todas as suas economias. Assim levou adiante um projeto de migração. A tia emprestou dinheiro e ela foi com recursos para passar 10 dias em um albergue. Mas um conhecido seu no Brasil tinha um amigo na França, e pediram para ele ir buscá-la no aeroporto, porque ela não falava nada de francês. Ao final o amigo aceitou ir encontrá-la e acolhê-la. Ela ficou na casa dele quatro meses. Contou que eram 24 m^2 para cinco pessoas (ele, a esposa, filho e um irmão, mais ela). Conheceu uma franco-portuguesa e arrumou trabalho numa associação que trabalha com agência de empregos. Conseguiu moradia por meio da associação e trabalhava com empresa de reciclagem. Segundo Larissa, quando ela chegou, disseram a ela que a única forma de trabalhar era com documento falso. Ela "acabou fazendo um", mas alegou que tinha muito medo e que preferia trabalhar informalmente. Quando me concedeu a entrevista fazia faxina e trabalhava como manicure.

Uma dimensão importante do "care" refere-se aos cuidados de crianças. Além dos casos de babás e jovens *au pair* mencionados entre os estudantes, Nara e Dora também trabalharam cuidando de crianças.

Nara nasceu em 1986, numa pequena cidade no interior de Minas Gerais. Havia

[175] Entrevista realizada em 24/10/2012 em Paris.

terminado o segundo grau, queria fazer faculdade na área da saúde, mas não passou no vestibular. Segundo me disse, sempre teve o sonho de estudar fora, queria os Estados Unidos, mas foi informada das dificuldades para entrar lá e por isso decidiu ir para a Inglaterra. Foi com uma amiga, via Paris, mas também não conseguiu entrar na Inglaterra e acabou encontrando amigos da sua cidade natal em Paris e foi o trabalho de cuidar de crianças que a manteve durante os anos iniciais de vida na França. Ela se casou em 2007 com Miguel (entrevistado mencionado acima). Quando me concedeu a entrevista, ela não trabalhava mais, tinha tido um filho e estava se dedicando exclusivamente ao estudo graças ao suporte do marido.

Dora[176] nasceu no sul de Minas Gerais, mas quando ela tinha 7 anos, a família mudou-se para São José dos Campos. Foi nesta cidade que ela se graduou em Sociologia e iniciou sua militância política partidária junto aos movimentos sociais. Em 1991, ela contou-me que se mudou para São Paulo e em 1995 para Florianópolis. O interesse pela França começou ainda quando vivia em São José dos Campos quando um amigo foi fazer doutorado lá e a convidou para ir trabalhar como babá para eles. Em 2001, uma crise institucional acabou deixando-a desempregada. Tinha uma amiga que vendia passagens baratas, e decidiu ir para a França, inclusive vendeu seu carro. Foi em maio de 2002 e voltou em fevereiro de 2004. A permanência no país foi indocumentada, possível por ter encontrado um trabalho de babá.

De acordo com Padilla (2007), os segmentos de trabalho que mais concentram as imigrantes brasileiras em Portugal são o setor de limpeza de casas, o cuidado de doentes e idosos em casas de repouso, alguns postos específicos na hotelaria e na restauração, além do mercado do sexo onde as mulheres brasileiras têm posição dominante segundo fontes secundárias (PADILLA, 2007). Como mostram outros trabalhos sobre imigração feminina (LISBOA, 2006; MOROKVASIC, 2010; SASSEN, 2010b), esta tendência não é casual, nem particular à inserção de brasileiras em Portugal, tanto que a pesquisa de campo mostrou que esses mesmos segmentos são aqueles nos quais a grande maioria das brasileiras entrevistadas, e que eram economicamente ativas, trabalhava ou já havia trabalhado na França.

[176] Entrevista realizada em 18/10/2011 em Brasília.

Brasileiras no mercado profissional do sexo parisiense

Em conversas com informantes privilegiados tomei conhecimento que a presença de mulheres no mercado do sexo francês tem crescido nos últimos anos, com fluxos de reemigração vindos particularmente da Espanha, da Itália e de Portugal. Infelizmente, não conheci nenhuma brasileira que tivesse tal trajetória. Esse redirecionamento do fluxo explica-se pelas melhores condições de trabalho e remuneração que o mercado do sexo oferece na França.

Esses informantes também me alertaram para uma diferença entre a prostituição de mulheres e de transexuais. As primeiras tendem a usar mais a internet para divulgação e agendamento dos encontros e as transexuais usariam mais as ruas e os parques para encontrar os clientes. Outra questão importante sobre a qual fui informada é que atualmente o mercado do sexo assume característica itinerante, isto é, as profissionais anunciam estadas curtas (que podem assumir caráter periódico) em diferentes cidades do país[177].

Existe na França uma associação que presta serviços de apoio de saúde para transgêneros que se chama "Prevenção, Ação, Saúde e Trabalho para os Transgêneros"[178] também conhecida pela sigla PASTT. A associação foi criada nos anos 1990 por uma transgênero brasileira, que inclusive assume a coordenação da entidade. Eu estive três vezes no PASTT. As tardes de sextas-feiras são dedicadas ao atendimento preferencial das profissionais do sexo de origem latina, com ênfase nas brasileiras, por isso fui até lá duas vezes, tentando conhecer brasileiras e estabelecer contatos para a pesquisa. Na terceira ocasião, fui ao PASTT em uma segunda-feira para uma reunião pré-agendada com a coordenadora. Apesar de ter sido muito bem recebida na instituição e ter contado com a atenção particular de sua dirigente, não tive muito sucesso, a partir desse caminho, para a localização de pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa.

---

[177] Há alguns sítios eletrônicos que possuem canais específicos para divulgação dos anúncios de programas eróticos e/ou sexuais como é o caso do "escort.vivastreet.com", onde é possível por exemplo filtrar a busca por cidade da França, por sexo (homem, mulher e trans) e por "origem" (neste caso as opções são: negra, europeia, asiática, latina e berbere). É muito comum os anúncios alertarem uma "novidade" (uma profissional pela primeira vez em uma cidade específica) e o caráter temporário (mencionando que a estada da profissional em determinada localidade será de alguns dias somente).

[178] Em francês: "Prévention Action Santé Travail pour les Trangenders".

A única profissional do sexo brasileira (não-transgênero) com quem conversei sobre sua experiência migratória foi uma paranaense. Irei chamá-la de Fabrícia, apesar de não poder caracterizá-la como uma entrevistada. Nós nos conhecemos na sala de espera da PASTT e após eu me apresentar e dizer o que fazia, ela me contou um pouco da sua vida. Trabalhava como prostituta e estava na França há uns 3 ou 4 anos. Disse-me que era a segunda vez que migrara, pois tivera uma estada anterior na França ao fim da qual regressara ao Brasil. Segundo sua narrativa, ela ficou um tempo no Brasil e depois reemigrou. Tinha dois filhos na França e um no Brasil. De acordo com seu depoimento, ela tinha um francês que estava disposto a se casar com ela, mas ela não sabia se conseguiria viver com ele e nem se ela queria estabelecer-se desse modo na França. Fabrícia inicialmente mostrou-se muito solícita e receptiva para comigo e para com a pesquisa. Convidou-me para fazermos a entrevista em sua casa, para tanto trocamos os números de telefone e combinamos que eu ligaria na semana seguinte. Conforme o acordado, entrei em contato, ela agendou um encontro comigo e ficou de me enviar o endereço por mensagem de texto via telefone celular, mas não o fez. Retornei algumas vezes. Foram três mensagens, sem retorno e um telefonema no qual me disse que estava ocupada e que me ligaria quando pudesse. Respeitei sua decisão e não a incomodei mais, mas sem dúvida a pesquisa ficou com essa lacuna no conjunto dos entrevistados.

Em relação às transexuais, tive mais sorte. Em um evento cultural na Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris, conheci duas transexuais brasileiras que aceitaram colaborar com a pesquisa, concedendo-me entrevistas (Tamyres e Waleska). Atualmente elas também desenvolvem trabalhos artísticos, atuam como atrizes e fazem figuração, mas quando chegaram a Paris ganhavam a vida exclusivamente com a prostituição.

No que tange à presença de profissionais do sexo transexuais, Vartabedian (2010) chama a atenção para o fato de que a migração de brasileiras transgêneros para a Europa começou por Paris, uma primeira leva que foi no final dos anos 1960, quando o contexto político repressor criminalizava as travestis. Nesse primeiro momento, Vartadebian sustenta que o fluxo foi composto basicamente por “transformistas”, homens que se vestiam de mulheres para realizar shows e apresentações artísticas em

cabarés parisienses. Na França encontravam, ainda segundo a referida autora, respeito e liberdade, e também acessavam técnicas de feminização. Alguns anos depois de permanência em Paris, voltavam ao Brasil "belas e glamorosas, exibindo sem puder suas joias e seus estatutos de artistas reconhecidas no exterior" (VARTABEDIAN, 2010, p. 52, tradução nossa)[179].

Como resultado, aponta Vartabedian, difundiu-se entre as travestis um "desejo generalizado de ir para Paris" e em meados dos anos 1970, aumentava cada vez mais o fluxo de travestis brasileiras para Paris; e como não havia espaço para todas em cabarés, elas foram para as ruas, viver da prostituição. A necessidade de visto para entrar como turista a partir de 1984, fez com que a Itália substituísse a França como destino preferencial das travestis brasileiras e, segundo a autora, atualmente, são as políticas migratórias e suas restrições que orientam e redefinem os destinos das travestis brasileiras na Europa (VARTABEDIAN, 2010).

A experiência migratória de travestis e transgêneros brasileiras em Paris foi analisada por Vale (2008, 2009) em uma perspectiva antropológica[180]. Como o autor argumenta, a motivação para migrar das transgêneros está na maior parte dos casos relacionada ao preconceito e à violência de que são vítimas no Brasil. O "Bois de Boulogne", um parque situado no oeste de Paris, é o local que concentra travestis e transgêneros de diversas nacionalidades que vivem basicamente do mercado do sexo, abaixo reproduzo a descrição de Vale sobre esse ambiente:

> Em relação às demais 'zonas sexuais' de Paris, o *Bois de Boulogne* se distingue pela presença maciça de travestis e transgêneros. Um relatório do PASTT de 2003 registrou a presença de aproximadamente 1000 travestis, transexuais e transgêneros de origens variadas, que vivem quase exclusivamente do comércio sexual desenvolvido neste local. Essa impressionante densidade de travestis, transexuais e transgêneros ao 'pé da pista', vestidas de maneira provocante (muitas vezes, pode-se encontrá-las nuas, cobertas apenas com o casaco) exacerba um *voyerismo* generalizado. Seja na grande avenida ou nas ruelas que dão acesso ao interior da 'mata', pode-se encontrar travestis e transgêneros oferecendo seus serviços, exibindo seus 'dotes', convidando para um 'programa'. A saturação sexual impera no *Bois* e o constitui enquanto 'ponto turístico' de Paris, seja no inverno, seja no verão. Dotado de uma poderosa carga simbólica, oriunda tanto da saturação sexual que ali tem lugar quanto da ambivalência de suas 'trabalhadoras

[179] No original: "bellas y glamorosas, exhibiendo sin pudor sus joyas y su estatus de 'artistas' reconocidas" en el exterior" (VARTABEDIAN, 2010: p. 52).
[180] Alexandre Vale também dirigiu um documentário sobre a vida de travestis e transexuais brasileiras que vivem na França. O filme chama-se "O voo da beleza" (2012).

> sexuais', o *Bois de Boulogne* aparece como um mundo espetacular e consumível (VALE, 2009, p. 17).

Entrevistei duas brasileiras transexuais que vivem na França e que passaram pelo *Bois de Boulogne*, Tamyres e Waleska.

Tamyres nasceu em 1977 em Araçatuba, mas cresceu na cidade de Bauru. Ela é uma transexual e o mote para a migração, segundo sua narrativa, foi uma "necessidade psicológica" devido ao suicídio de seu companheiro em 2000. No Brasil, trabalhava no mercado do sexo (prostituição e fazia filmes pornográficos), o que lhe permitiu ter, aos 23 anos, "uma situação financeira privilegiada", pois conforme me contou, ela tinha um apartamento e um carro. No entanto, após a morte de seu companheiro, ela decidiu emigrar para se distanciar de tudo que a lembrasse dele:

> [...] eu não conhecia ninguém aqui. Eu tinha dinheiro, eu tinha muito dinheiro. Porque não existia euro, era franco. Então eu vim com dólar, então eu comprei muito dólar no Brasil. Eu vendi apartamento, vendi... Eu falei: 'mãe, não vou passar fome, que eu sou puta! Imagina, eu paro na esquina e ganho dinheiro!' [risos da pesquisadora]. Verdade! A língua mais... Verdade, ó, você pode botar isso no seu, no seu livro: o idioma, a profissão que não precisa de idioma nenhuma pra ser falado é a puta, é a prostituta. Ela não precisa falar pra ganhar dinheiro. Ela fica parada, gesticula o que ela fala, gesticula o que ela propõe e gesticula o quanto ela quer. Ela ganha dinheiro. Isso sempre soube. Falei: 'mãe, eu não vou passar fome'. Aí, eu vim. [Tamyres em entrevista realizada em 11/10/2012]

Tamyres chegou a Paris em 2001, com 24 anos de idade, onde vive desde então, apesar de vir ao Brasil com frequência. Segundo Tamyres me contou, ela entrou na França como turista, isto é, sem nenhum tipo de visto. A primeira regularização foi possível, de acordo com sua narrativa, graças a um PACS com um francês, alguns anos depois de sua chegada. A união acabou, mas mesmo assim ela disse-me que tinha uma condição migratória regularizada. Tamyres declarou que sempre mandou dinheiro para o Brasil, ajudando a mãe e seus irmãos. Ela planejava retornar em breve para o Brasil, para viver na casa que construiu e abrir um negócio com sua mãe no interior de São Paulo.

Waleska nasceu em 1977 em Fortaleza. Ela é uma mulher transexual, e sua condição não foi aceita pelo pai, tendo sido obrigada a sair de casa aos 15 anos. Foi para São Paulo, onde não encontrou condições de inserção no mercado de trabalho e por isso, contou-me, precisou recorrer à prostituição. Viveu em São Paulo durante 10 anos, mas segundo sua narrativa, o preconceito no Brasil era demais e decidiu emigrar:

> O motivo que me fez sair do Brasil para vir pra cá é porque eu **sou** um transexual e no, no... Em noventa e seis, ainda, né... Em noventa e nove, dois mil, a sociedade ainda não tava preparada para receber a gente *autant*, como **profissionais**... Mesmo diplomada – porque eu sou diplomada, pela Senac, no Brasil. Pel´uma [sic] instituição que *s'appelle* Si..., que se chama Siprof, também em Fortaleza, Ceará. Como cabeleireira, maquiadora... E... Não consegui direito, muito assim, trabalho...Sempre a resposta era assim: 'A gente não tá pronto' [...] era mais por causa de que eu assumi meu *côté*, meu lado... Mulher. [...] Se eu tivesse continuado *homo*... Os *homos* são bem, ainda, recebidos nesse meio. Mas quando se passa a *trans*, aí, daí, já é... [Waleska em entrevista realizada em 15/10/2012, grifo nosso para destacar ênfase da fala].

Primeiro Waleska pensou em ir para a Itália, até estudou italiano antes de viajar. Mas foi via Paris, onde tinha uma amiga brasileira e acabou mudando os planos. Chegou em 2002, aos 25 anos, e desde então vive na França. No começo trabalhava apenas com a prostituição. Depois conseguiu trabalhar também como figurante, maquiadora e cabeleireira. Em 2006, uma união civil com um francês (PACS) permitiu regularizar sua situação de imigrante na França.

Com o dinheiro que ganhou na França, ela conseguiu comprar uma "terra" para a família no interior do Ceará e uma casa em Fortaleza. Não pensava em voltar, mas "reconquistou" sua família. Quando me concedeu a entrevista, Waleska estudava francês para fazer um curso de cabeleireira antes de retornar ao Brasil, pois seu plano é ter um salão de beleza em Fortaleza.

Brasileiros/as artistas na França

Um segmento de trabalho importante para os brasileiros na França refere-se ao universo artístico, que é bastante receptivo em comparação com as possibilidades de inserção laboral que esses artistas encontram no Brasil (REIS, 2012).

Em sua tese, Reis analisou a trajetória de músicos e dançarinos brasileiros que trabalhavam no Brasil e na França. A autora mostrou como a escolha da carreira artística é um caminho encontrado para escapar de uma condição socioeconômica crítica, que encontram graças aos suportes de suas redes sociais, a possibilidade de realização de estratégias individuais e coletivas para a viabilização tanto da formação profissional como da inserção no campo de trabalho artístico. A pesquisa centrou sua atenção em dançarinos e percussionistas de Salvador e para tanto entrevistou esses artistas no Brasil e na França. Através de seu estudo, Reis nos mostra como a emigração integra um leque de estratégias:

> Para os músicos e dançarinos brasileiros, oriundos de Salvador/BA, o processo

> migratório, analisado a partir das redes de interações e interdependências, nas quais estes sujeitos estão inseridos, tanto no país de origem quanto no de destino, vem sendo acionado como estratégia para romper com o círculo de pobreza, em busca de ascensão social, assim como forma de reconhecimento social e profissional (REIS, 2012, p. 160).

Para esta pesquisa entrevistei dois baianos que se "encaixam" no perfil destacado por Reis. Beatriz que era dançarina e imigrou na França nessa condição no final dos anos 1990 e que hoje trabalha como produtora cultural, e Osmar, um percussionista que primeiro "tentou a sorte" na Suíça onde tinha uma conhecida, até ser convidado por um amigo para tocar em Paris.

Reis (2012) verificou que com certa frequência a emigração acontece depois que os artistas saem do Brasil para participar de turnês, que foi exatamente o caso de Beatriz. Em 1996, com 21 anos, ela foi para a França pela primeira vez participar de uma turnê como bailarina após ser selecionada ainda em Salvador pelo Brasil Tropical[181]. Ao final desta temporada, voltou para o Brasil, mas no ano seguinte retornou à França e aí ficou mais tempo morando em Paris, e participando de shows brasileiros. Em 1998 fez uma audição e foi trabalhar num bar na região de Nice, onde está até hoje. Conta com orgulho que entrou ali com um contrato de experiência de apenas cinco dias e que hoje ela é a produtora cultural responsável pela concepção e realização dos shows brasileiros. Apesar de viver há tanto tempo na França, a ligação de Beatriz com o Brasil é forte, inclusive porque ela deixou uma filha para quem manda dinheiro frequentemente e todo ano passa 3 meses no Brasil. Segundo ela foi uma escolha, pois visitou muitos outros países quando era dançarina. Porém, apesar de dizer gostar da França, Beatriz tem certeza que quer voltar, nas palavras delas: "minha vida é aqui, mas meu futuro é lá" [Beatriz em entrevista realizada em 19/05/2012]. Para ela não é fácil viver distante do Brasil, declarou-me que ela o faz com esforço, cuja recompensa é

[181] Alguns dos dançarinos entrevistados por Reis (2012) também começaram suas carreiras internacionais através do Brasil Tropical. De acordo com Reis, a origem deste grupo remete aos anos 1960 quando foram criados grupos folclóricos que apresentavam danças afro-brasileiras com "pessoas simples da comunidade", e que posteriormente houve uma profissionalização destes grupos, partindo de uma visão empresarial, através da contratação de bailarinos profissionais, bem como a adoção de novas concepções estéticas, tendo em vista o objetivo de conquistar o mercado europeu. O grupo existe e atualmente tem atuação "globalizada". Em 31/07/2013, em uma página do Facebook chamada "Dança – Testes e Audições" havia dois anúncios da Companhia Brasil Tropical. O primeiro buscava bailarinas para trabalhar em uma discoteca em Taiwan durante o mês de julho e o segundo selecionava bailarinas para temporada de seis meses em um circo em Cancun. Os salários normalmente são de 1100 dólares e livres em relação aos custos de passagem, hospedagem e alimentação.

poder oferecer à filha certas oportunidades. Chegou a ficar sem documentos, mas sua situação migratória estava regularizada quando me concedeu a entrevista.

Osmar também é de Salvador e saiu do Brasil em março de 2002, aos 31 anos. O primeiro destino foi uma pequena cidade na Suíça, onde vivia a irmã do seu vizinho. Apesar de ter esse apoio, Osmar contou-me que na Suíça "não virou", o trabalho que a amiga tinha conseguido não deu certo e como ele não tinha papéis ficava difícil encontrar alternativas. Foi quando conseguiu devido à ajuda de um amigo, que morava em Paris, trabalhar como músico na França. Segundo sua narrativa, passou um mês e meio em Paris, período no qual trabalhou mais que os três meses passados na Suíça e por isso decidiu ficar na França. Conheceu uma francesa que ficou grávida depois de seis meses que estavam juntos, e acabaram casando-se. Eles ficaram quase dois anos casados. Segundo ele, em 2009, passou por uma fase bastante difícil, pois perdeu a mãe e um irmão, estava irregular na França e sem lugar para morar. Foi quando decidiu "voltar de vez" para o Brasil. Retornou, mas disse-me que durou apenas seis meses, pois não conseguiu viver no Brasil que, segundo ele, "estava pior que antes". Sentiu os efeitos da crise econômica na França, pois como ele toca "na noite" avalia que o lazer é o primeiro que as pessoas cortam, as pessoas saem menos. Perguntei se ele voltaria ao Brasil e ele me respondeu: "só se eu ganhar na loteria. Não existe lugar melhor pra se viver, mas duro, não rola não!" [Osmar em entrevista realizada em 18/08/2012]. Apesar de viver na França há tantos anos e de ter um filho francês, Osmar estava indocumentado, e em parte, segundo sua avaliação, isso se devia mais a sua falta de organização, do que das brechas da política migratória francesa.

A capoeira também é responsável por ocupar diversos brasileiros no país. Entrevistei quatro homens que viviam na França da capoeira, mas um deles foi classificado como migração afetiva, pois ele emigrou para viver com uma francesa depois que começaram a se relacionar no Brasil. Os três mestres de capoeira que emigraram para "ganhar a vida" na França foram Augusto, Cícero e Tiago.

De acordo com Vassalo (2003), a presença da capoeira na Europa começou a se manifestar a partir do final dos anos 1970, pois foi quando ocorreram os primeiros fluxos migratórios de capoeiristas em grande medida assim como os artistas estudados por Reis (2012) motivados por melhores condições de vida:

> Este fenômeno se inscreve num movimento migratório mais abrangente de brasileiros rumo aos países industrializados, motivados por questões econômicas, que se intensifica a partir dos anos 1980. A capital francesa desempenhou um papel muito importante desde o início deste processo, sendo uma das primeiras cidades a acolher tais profissionais. [...] Paris conta com algumas dezenas delas, geralmente dirigidas por brasileiros que ensinam suas técnicas corporais a franceses e estrangeiros de diversas nacionalidades residentes na cidade. [...] Trata-se de [brasileiros] negros, brancos e mulatos em busca de melhores condições de vida, que vêem o ensino da luta afro-brasileira no exterior como uma possibilidade de ascensão social (VASSALO, 2013, p. 2).

Ferreira (2008) estudou o processo de transnacionalização da capoeira na França. De acordo com este autor, as festividades em torno do "Ano do Brasil na França" em 2005 aumentaram a visibilidade da capoeira, que foi incluída nas atividades realizadas no âmbito do evento. Atualmente, haveria cerca de 400 academias de capoeira em atividade na França, sendo que 99 localizadas em Paris e outras 50 na região da capital (FERREIRA, 2008).

O caso de Augusto é bastante atípico, entre os artistas e capoeiristas brasileiros na França, pois sua ligação com o país veio por meio de sua mãe. Contou-me que sua mãe foi para a França quando ele era pequeno, em meados dos anos 1970, pois ela casou-se com um francês, viveram no Brasil alguns anos e depois foram para a França. Por isso seu processo de imigração foi bastante facilitado: "Minha mãe morava aqui, facilitou minha vinda e quando eu vim aqui, cheguei aqui, então, já tinha lance de papel, tudo arrumado, fiquei aqui e cheguei já tinha lance de reagrupamento familiar e tudo o mais" [Augusto em entrevista realizada em 24/05/2012].

Chegou na França em 1993, e tinha cerca de 20 anos. Ele era capoeirista no Brasil e segundo seu depoimento, essa opção profissional foi um motivo para a migração:

> Na época em que eu vim pr'aqui, a capoeira não era bastante valorizada no Brasil. A sociedade via a capoeira com maus olhos, inclusive todos os ramos da sociedade. Inclusive em relação a minha família, também, eles não aceitava [sic] essa escolha, né, de ser capoeirista. E também a vontade, quando a gente é mais jovem, de conhecer outros lugares [Augusto em entrevista realizada em 24/05/2012].

Ele começou fazendo espetáculos de capoeira e percussão no sul da França (em cidades como Marselha, Nice, entre outras). Disse-me que naquele período não havia

tanta demanda por curso, e que ele trabalhava mais participando de shows[182]. Quando me concedeu a entrevista, Augusto vivia em Toulon no sul da França, tinha uma associação e trabalhava dando curso de capoeira, aulas de percussão e eventualmente ainda fazia alguns shows. Envolveu-se com uma francesa e teve um filho com ela. Não estava mais casado, mas disse que apesar de estar cansado da França se sentia "preso" lá por causa do filho. Ao mesmo tempo, declarou que não pensava em voltar porque "recuar não é a solução".

Tiago[183] nasceu no litoral de São Paulo, em 1981. A primeira ida para a França teve como destino Nice, no verão de 2005, quando foi convidado por amigos que viviam na cidade para fazer shows brasileiros. Foi com visto de trabalho para artista, com duração de três meses. No entanto, ficou além do tempo previsto, circulando entre Nice, Marselha e Paris; mas voltou para o Brasil em dezembro de 2005, pois segundo me disse "sem papel aqui, não vira". Em janeiro de 2006 voltou para Marselha, com um novo contrato e um visto de trabalho de dois anos (graças a rede de contatos prévios que viabilizaram o convite e posteriormente a possibilidade de contratação)[184]. No final desse período, envolveu-se afetivamente com uma francesa e o casamento foi acelerado para ele poder permanecer regularmente na França. E foi só então que começou a aprender o francês, pois nesses dois primeiros anos, praticamente só falava português. Quando me concedeu a entrevista, havia acabado de mandar o pedido para o visto de residente de 10 anos. Contou-me que no começo tinha poucas aulas, ganhava 600 euros por mês, mas havia melhorado muito e que estava podendo "escolher" onde trabalhar. Disse-me também, com orgulho, que estava ganhando mais do que a esposa francesa. Quanto a retornar ao Brasil, no médio prazo está fora de

[182] Segundo Augusto e outros entrevistados me informaram, os "shows" brasileiros na França normalmente combinam a apresentação de dançarinas (samba), de percussão e de capoeiristas; pode haver outras danças afro-brasileiras, mas estes são os três elementos fundamentais. No entanto, em relação à capoeira, cabe dizer que mais do que o "jogo" de capoeira, o que se mostra nestes shows para "estrangeiros" são acrobacias, que conferem caráter de espetáculo aos movimentos praticados pelos capoeiristas.

[183] Entrevista realizada em 13/06/2012 em Marselha, França.

[184] Pelo que pude perceber conversando com os capoeiristas, o intercâmbio entre os que emigram e os que estão no Brasil é frequente, inclusive porque os emigrantes voltam para o Brasil para se "atualizarem", isso reforça os laços entre origem e destino e tende a promover novos deslocamentos. Tiago, por exemplo, contou-me que "trouxe" o irmão e um amigo para a França, o irmão vivia em Avignon e o amigo em Marselha.

questão, mas na sua avaliação, o ideal seria formar alunos e coordenar os grupos de aula, e com isso passar três meses na França, depois três meses no Brasil.

A situação de Cícero era bem distinta. Primeiramente, ele já era casado com uma brasileira quando emigrou. Isso era um problema, segundo seu depoimento, porque a melhor maneira para se regularizar na França era por meio de um casamento. Ele mesmo estava com um visto, mas de "bénévole" e ele não podia trabalhar formalmente. Além disso, sua esposa e seus dois filhos viviam irregularmente.

Cícero[185] é professor de Capoeira e segundo me contou, não estava conseguindo "ganhar a vida" no Brasil. A primeira ida dele para a França foi nas mesmas condições que a de Tiago: fazer shows durante uma temporada (verão) em razão de ser convidado por um amigo. Assim, ficou em Bordéus durante três meses em 2003. Voltou novamente para a França, em 2006, só que dessa vez foi com a intenção de ficar mais tempo. De Bordéus (oeste da França) foi para uma cidade ao leste da França, em janeiro de 2007. No começo de 2008, foi para o Brasil para buscar a esposa e a filha. Em 2008, ficaram 11 meses, enquanto ele trabalhava em um grupo de capoeira; mas o visto que ele tinha não permitia trabalhar, ele ganhava informalmente pela associação e não conseguiram se estabilizar. Em 2009, voltam para o Brasil e em 2010 regressam à França. Ele conseguiu um novo visto de "bénévole" e novamente não podia trabalhar formalmente e nem obter os papéis para a esposa e filhos. Quando me concedeu a entrevista, o visto dele estava prestes a vencer e a família não sabia o que fazer. Conversei com sua esposa, que também é de Salvador e tem 25 anos, e conheci os filhos do casal. O mais novo, menos de um ano, nasceu na França. Eles estavam bastante apreensivos, devido à insegurança em permanecerem lá naquela condição e, ao mesmo tempo, sem perspectivas que pudessem estimulá-los a voltar. Cícero reconheceu ao longo da entrevista a importância dos benefícios sociais da França e que a vida lá é "mil vezes melhor", para tanto argumentou que mesmo sua mulher, que estava indocumentada no país, conseguia atendimento médico rápido e que a escola que a filha frequentava era muito boa. E que "fome aqui, não passa". Segundo Cícero me narrou, o sonho deles é conseguir juntar dinheiro para comprar uma casa no Brasil.

De acordo com Amaral (2008), mais de 2 mil e 500 artistas, intelectuais e

[185] Entrevista realizada em 10/09/2012 em uma cidade no leste da França.

operadores culturais brasileiros foram para a França ao longo de 2005, por causa das atividades inscritas no âmbito da programação oficial do "Ano do Brasil na França"[186]. Foi um evento de grandes proporções e que se constituiu, como demonstra Amaral, num marco importante no que tange à visibilidade do Brasil na França. Ao mesmo tempo, verificou-se o contrário, a possibilidade de muitos brasileiros que trabalham no meio artístico conhecerem e irem para a França. Um dos entrevistados, Tadeu, já tinha ido à França, mas graças ao referido evento saiu do Brasil com um visto de permanência de um ano.

Tadeu[187] nasceu em 1982, em Teresina. Foi para a França pela primeira vez em 2000, convidado para fazer parte de um espetáculo no âmbito de um intercâmbio cultural, pois ele é acrobata e artista de circo. Isso porque em Fortaleza existe uma escola de circo dirigida por um francês que o convidou para participar do projeto. Segundo seu depoimento, Tadeu ficou apenas três meses e que a curta estada "serviu para eu pegar gosto de morar na Europa". Voltou para o Brasil, terminou o segundo grau e retornou à França no ano seguinte para mais uma temporada. Em 2005, um espetáculo que ele integrava e que foi criado exclusivamente para o "Ano do Brasil na França", lhe permitiu entrar no país com um visto de permanência de um ano. E, desde então, só veio ao Brasil para visitar a família. Em 2006, ele casou-se com uma francesa, que lhe deu um apoio fundamental, inclusive financeiro. Estudou francês na Aliança Francesa e disse-me que fala e escreve bem em francês. O casamento acabou em 2011. Desde 2009, tem um título de residente de 10 anos. A migração foi uma oportunidade de ajudar a família: sempre mandou dinheiro e comprou uma casa no Brasil. Ele pensa em voltar para o Brasil, ao final da entrevista, perguntei se ele queria acrescentar alguma coisa, e ele me disse: "talvez voltar para o Brasil em 2014 definitivamente, escreve isso aí!". Esse retorno para o Brasil é vivido de forma bastante conflituosa, ele teme perder tudo o que conquistou na França, mas sente-se emocionalmente inclinado a voltar. O sonho dele era ter dinheiro para voltar ao Brasil e

[186] O chamado "Ano do Brasil na França foi um projeto proposto pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil à instituição que lhe corresponde na França. O tema foi "Brésil, Brésils" tendo em vista o interesse de mostrar a diversidade brasileira na esfera artística, natural e econômica. O evento selecionou 332 projetos (entre 2 mil e 500) que significou a realizações de exposições, espetáculos (teatro, dança e circo), shows musicais, exibições de filmes e eventos científicos (AMARAL, 2008).
[187] Entrevista realizada em 25/08/2012 em Paris, França.

abrir uma pousada no litoral nordestino.

As estimativas do MRE para 2012[188] apontam para uma diminuição dos estoques de imigrantes brasileiros na Europa, com exceção da Alemanha e Portugal. Esta diminuição não se restringiu à Europa, afetou também a população brasileira nos Estados Unidos e no Japão (os dois países que mais concentram brasileiros). Muito provavelmente, isso se associa ao refluxo de retorno ao Brasil no contexto da crise econômica vivida pelos países do norte.

Ao mesmo tempo, como nos mostrou Catarina e seu marido, há quem continue a migrar, a despeito de indicadores mais objetivos que poderiam inibir a emigração do Brasil e a imigração na Europa em geral e, em particular, na França. Conforme ilustrado acima, Catarina chegou na França "para trabalhar" em plena crise europeia. Ao mesmo tempo, os projetos de reemigração de Adalto e Armando apontam para a questão das trajetórias circulares, permeadas de vai-e-vem.

Outro aspecto importante que apareceu nas entrevistas com estes trabalhadores migrantes, é que no início todos os projetos foram concebidos como uma migração temporária, mas após os primeiros anos, quando conseguem uma estabilidade (financeira, pessoal, jurídica) as expectativas temporais são redefinidas e a atualização do projeto migratório passa a incorporar uma negação do retorno ao Brasil, que tende a ser avaliado como "retrocesso" ou "fracasso", dimensão explicitada por Alex e que se manifesta com mais nuance na trajetória de Norberto. Outras vezes o retorno ao Brasil passou a ser não mais desejado, porque esses imigrantes começam a se sentir confortáveis e adaptados ao modo de vida na França. A fala de Miguel é contundente quanto a isso:

> Aqui um pedreiro **bom**, ele ganha dois mil e duzentos euros, dois mil e trezentos euros. Bah, vai! Quatro mil e poucos reais, mas aqui, o gasto é **muito** maior. Agora, se a pessoa mora numa capital lá [no Brasil], ele não vive muito bem não, porque lá o gasto é também maior...[...] Então, por isso que eu falo. Agora, a diferença é o seguinte: por um exemplo, você, aqui, com nove mil euros, você compra um carro **zero**. Compra e paga. [*Pausa*] A grande diferença é essa. Nove mil euros são quatro salários e meio [*sorrindo*] de um pedreiro. Agora com quatro salários e meio de um pedreiro, lá no Brasil, ele vai comprar o quê? Um fusca? [...] Dá a entrada de um carro novo. Então, essa é a grande diferença. Porque o salário no Bra... Mesmo o salário sendo **bom**, no Brasil a

[188] Estimativas mais recentes, para 2012, divulgadas no relatório da Subsecretaria-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior (SGEB) chamado "Diplomacia consular". Disponível em: <www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/diplomacia-consular>. Acesso em: 30 Abr 2013.

> coisa é **muito cara**, no Brasil. [...] É **muito cara**. Um litro de gasolina custar **três** e tantos reais. Então, a **comida**... Pô! O meu irmã [*sic*] e meu cunhado, eles gastam quatrocentos reais lá. Quatrocentos reais por mês. É **um** salário mínimo, quase, de compra! Pô! Aqui cê num vai gastar, **nunca**, um salário mínimo – que é mil e trezentos euros, o SMIC – num supermercado. Cê vai gastar... men... Um terço do que você ganha [...] Essa é a grande diferença. Você não tem acesso a dez por cento das coisas que você tem acesso aqui [na França], lá no Brasil. Você pode viver uma vida boa lá, comendo, se vestindo e morando mais ou menos, né. [Entrevista realizada em 06/10/2012, grifo nosso para destacar ênfase da fala]

O quadro 8 organiza os entrevistados mencionados classificados na modalidade de migração laboral.

Quadro 8. Quadro resumo dos entrevistados que foram para a França trabalhar - Brasil (2011) e na França (2012)

N°	Nome fictício entrevistado/a	Data da realização da entrevista	Cidade/Local da entrevista	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída do Brasil	Outro país de residência anterior a França	Documento francês	Retorno	Nacionalidade do Cônjuge	Atividade/Ocupação principal na França	Remessas para o Brasil
1	Adalto	16-09-2012	Paris, França	1985	2011	Interior de GO	Goiânia	Inglaterra	Indocumentado	?	Francesa (noiva)	Trabalhador construção civil	Não informou
2	Alex	16-07-2012	Marselha, França	1984	2012	Sul da BA	São Paulo	Espanha	Visto residente espanhol	Não	Brasileira (e espanhola)	Cozinheiro	Não informou
3	Armando	15-09-2012	Paris, França	1976	2008	Interior de MG	Interior do Espírito Santo	Inglaterra e Portugal	Indocumentado	Sim	Brasileira	Empresário e trabalhador da renovação de imóveis	Não informou
4	Augusto	24-05-2012	sul de Paris, França	1972	1993	Salvador	Salvador	-	Nacionalidade Francesa	Não	Foi casado com francesa	Professor de Capoeira	Não
5	Beatriz	19-05-2012	Região de Nice, França	1975	1997	Salvador	Salvador	-	Título de residente	Sim	-	Produtora cultural	Sim
6	Bernardo	22-09-2012	Norte de Paris, França	1982	2008	Interior de MG	Interior de MG	-	Indocumentado	Sim	-	Pintor de paredes	Sim
7	Carlos	16-06-2012	Marselha, França	1972	2003	Interior do PR	Poconé - MT	-	Título de residente	Sim	-	Motorista	Sim
8	Catarina	17-08-2012	Paris, França	1987	2012	Interior do PR	Curitiba	-	Indocumentado	?	Brasileira	Faxineira	Não informou
9	Cícero	10-09-2012	Estrasburgo, França	1977	2010	Salvador	Salvador	-	Visto "benevole"	?	Brasileira	Professor de Capoeira	Não
10	Dalva	16-09-2012	Paris, França	1966	2002	Interior da BA	São Paulo	Portugal	Nacionalidade Portuguesa	Não	Portuguesa	Faxineira	Sim
11	Dora	18-10-2011	Brasília, Brasil	1963	2002	Interior de MG	Florianópolis	-	Indocumentada	2004	-	Babá	Não
12	Ivan	03-09-2012	Paris, França	1965	2001	Goiânia	Campo Grande	Guiana Francesa	Nacionalidade Francesa	Não	Brasileira	Operador de empilhadeira	Não informou
13	Larissa	24-10-2012	Paris, França	1976	2008	Belo Horizonte	Interior de MG	-	Indocumentado	Sim	-	Faxineira e manicure	Não informou
14	Miguel	06-10-2012	sul de Paris, França	1980	2004	Interior de MG	Campinas	-	Visto "salarié"	Não	Brasileira	Trabalhador construção civil	Sim
15	Nara	06-10-2012	sul de Paris, França	1986	2004	Interior de MG	Interior MG	-	Visto de estudante	Não	Brasileira	Foi babá, estava estudando	Não
16	Nilson	28-10-2012	Norte de Paris, França	1979	2006	Interior de GO	Goiânia	-	Título de residente	Não	Brasileira	Trabalhador construção civil	Sim
17	Norberto	25-10-2012	sul de Paris, França	1965	2009	Curitiba	Curitiba	Espanha	Nacionalidade italiana	?	Brasileira (e italiana)	Empresário e trabalhador da renovação de imóveis	Não informou
18	Osmar	18-08-2012	Paris, França	1971	2002	Salvador	Salvador	Suíça	Indocumentado	Não	Foi casado com francesa (divorciado)	Músico percussionista	Não informou
19	Rafaela	16-09-2012	Paris, França	1982	2007	Recife	Recife	-	Indocumentado	?	Brasileira	Porteira/zeladora	Não informou
20	Samuel	06-09-2012	Paris, França	1981	2005	Vitória	Vitória	-	Não informou	?	Francesa	Empresário e trabalhador da construção civil	Sim
21	Tadeu	25-08-2012	Paris, França	1982	2005	Teresina	Teresina	-	Visto de vida familiar	Sim	Francesa (separado)	Artista de circo	Sim
22	Tamyres	11-10-2012	Paris, França	1977	2001	Interior de SP	Bauru	-	Não informou	Sim	Francesa (PACS desfeito)	Atriz e profissional do sexo	Sim
23	Tiago	13-06-2012	Marselha, França	1981	2006	Litoral de São Paulo	Litoral de São Paulo	-	Visto de vida familiar	Não	Francesa	Professor de Capoeira	Sim
24	Waleska	15-10-2012	Paris, França	1977	2002	Fortaleza	São Paulo	-	Visto de vida familiar	Sim	Francesa (PACS)	Maquiadora e profissional do sexo	Sim

3.3.4. Migração afetiva

Como foi argumentado no início do capítulo, as transformações sociais contemporâneas combinam-se a uma época marcada pela mobilidade, um contexto que estimula, e até mesmo exige, que as pessoas se desloquem mais. O crescimento do número de viagens internacionais, a maior circulação de estudantes pelo globo e até mesmo a ampliação dos espaços da migração laboral são indícios de espacialidades ampliadas; acessíveis até mesmo para sedentários, pois com as novas TICs e suas ferramentas, as pessoas movem-se virtualmente e estabelecem novas formas de presença. Este é o cenário que alimenta e institui os chamados espaços transnacionais.

Neste contexto, as migrações motivadas pela afetividade também crescem. Seja pelos deslocamentos familiares, em que os cônjuges migram para preservar a unificação familiar, seja pelas mudanças motivadas "por amor", casos em que a mobilidade resulta de uma relação amorosa estabelecida com um parceiro estrangeiro. No âmbito das migrações contemporâneas, estes relacionamentos entre duas pessoas de nacionalidade distintas associam-se em grande medida à aceleração da formalização jurídica da união, pois o casamento é em muitos casos a única forma de permitir a unificação do casal, e que o cônjuge estrangeiro possa se manter regular no país onde vive (SILVA, 2012)[189].

Como aponta Piscitelli (2010), esta questão jurídica, que permeia com frequência tais relacionamentos, pode levar à instituição de "suspeitas" sobre a veracidade dos sentimentos (o "amor") tendo em vista os interesses (os "papéis"). No entanto, a literatura sobre este tema aponta para a insuficiência analítica destes critérios (ASSUNÇÃO, 2012; PISCITELLI, 2010) e as entrevistas realizadas com homens e mulheres que migraram "por amor" reforçam a necessidade de se buscar outras referências para analisar estas uniões que estabelecem ou atualizam projetos migratórios.

Nesta análise sobre a modalidade migratória afetiva, foram estabelecidos dois subtipos. O primeiro aborda a migração matrimonial, entendida como os deslocamentos

[189] Para Silva (2012), a maneira como os cônjuges enfrentam essa questão pode ser distinta. Em alguns casos, o casamento ainda que apressado é visto como uma "sequência lógica dada à sua relação amorosa" ou também pode ser experimentado como "uma obrigação puramente jurídica".

que são motivados pelo relacionamento com cônjuge estrangeiro, as chamadas migrações “por amor”. O segundo aborda a questão da migração familiar, quando um dos cônjuges tem uma motivação profissional ou estudantil e o outro migra para acompanhá-lo, considerando que esta decisão resulta na perspectiva adotada de uma escolha “autônoma” do cônjuge acompanhante, isto é, sua agência se mostra aqui tão relevante quanto em qualquer outro caso de migração voluntária.

Migração matrimonial

Entre os entrevistados, foram identificados 26 casos em que o mote para a migração teve caráter matrimonial, isto é, a emigração no Brasil e a imigração na França foi motivada pelo casamento, pois o deslocamento efetuado foi realizado e/ou viabilizado devido à formação familiar. Destes 23 casos, 7 situações foram de brasileiros que conheceram seus cônjuges franceses na França: seis mulheres estavam na França trabalhando, estudante ou em viagens de lazer, e um homem estava a passeio. Por outro lado, em 19 casos, o início do relacionamento com cônjuge estrangeiro (18 franceses e 1 canadense) ocorreu no Brasil ou em um terceiro país. Importante dizer que entre os relacionamentos dos entrevistados não houve casos de relação homoafetiva.

Preferi analisar a migração classificada como matrimonial em dois subtipos, considerando o país onde se deu o início do relacionamento que culminou na motivação para a migração: no Brasil ou outro país e na França.

Essa decisão foi influenciada pelo trabalho de Silva (2012) que sustenta que as mulheres brasileiras que foram para a França por motivações próprias (estudo, trabalho etc.) e lá conheceram seus respectivos cônjuges franceses, adaptaram-se melhor e mantêm uma relação mais positiva com o fato de viver na França, diferentemente das mulheres que conheceram os cônjuges no Brasil que, segundo a autora, encontram maiores empecilhos para aprender o idioma francês, integrar-se ao mercado de trabalho e à sociedade francesa de forma geral, dado que sua “transplantação” foi motivada exclusivamente pelo marido[190].

[190] Silva (2012) pesquisou a conjugalidade de casais franco-brasileiros formados por mulheres brasileiras e homens franceses e que vivem na França; e utiliza o termo “transplantação” da mulher brasileira para analisar seu deslocamento geográfico e social.

Entre os 19 casos de relacionamentos iniciados fora da França, há 14 ocorrências nas quais o/a cônjuge brasileiro/a conheceu o/a cônjuge estrangeiro/a no Brasil (Clara, Olívia, Angelina, Ivone, Maristela, Joana, Baltazar, Jonas, Diana, Rubens, Lígia, Tânia, Regiane e César) e 5 casos onde o casal se formou em outro país (Álvaro na Inglaterra, Amanda na Austrália, Luiz na Suíça, Rúbia na Irlanda e Wanda na Guiana Francesa).

Considerando esses casais formados "fora da França", 6 são homens e 13 são mulheres. As idades variaram, mas tinham entre 25 e 60 anos. Em relação ao tempo de permanência na França, Angelina é que vive há mais tempo na França, desde 1988, e a Amanda teve a chegada mais recente, em 2011.

No que se refere à origem destes imigrantes no Brasil, duas delas são da região norte do país (Maristela e Wanda) e nestes casos o contato com o futuro cônjuge deu-se via Guiana Francesa. Wanda conheceu o cônjuge francês quando já vivia como imigrante em Caiena, e Maristela conheceu o cônjuge canadense (que vivia na França e estava na Guiana Francesa) no Brasil, em Macapá, onde nasceu e morava. A "rede" que possibilitou o encontro passou pelo padrasto de Maristela que é francês (sua mãe vive na França há muitos anos).

Outros sete nasceram no nordeste brasileiro. Destes Baltazar, César, Lígia e Jonas conheceram os respectivos cônjuges no próprio estado de nascimento, enquanto outros três conheceram os cônjuges já com uma trajetória migratória inter-regional ou internacional anterior: Clara vivia em Brasília (mas conheceu seu marido na Bahia quando fazia uma viagem de férias), Álvaro morava na Inglaterra e Joana, no Rio de Janeiro.

O sudeste foi o local de nascimento de sete entrevistados: três mineiros (Olívia, Rubens e Regiane), três cariocas (Ivone, Diana, Angelina) e uma paulista (Tânia) [191]. E três casos de nascimento no sul do país, duas gaúchas que conheceram os parceiros fora do Brasil, Rúbia vivia na Irlanda e Amanda estava na Austrália, e Luiz que conheceu sua esposa francesa na Suíça, onde ambos viviam na época.

[191] Olívia e Rubens conheceram os cônjuges, no nordeste, onde moravam na ocasião. E Angelina que nasceu no Rio de Janeiro, cresceu e vivia em Maceió quando conheceu o francês que a motivou a ir para a França.

Para analisar as migrações afetivas que tiveram o matrimônio como motivação fundamental dos projetos migratórios que levaram estes brasileiros para a França, parece-me necessário iniciar a discussão abordando o debate científico sobre o assunto que, no contexto das migrações internacionais contemporâneas, tem sido tratado em termos de mercado matrimonial global ou transnacional (ASSUNÇÃO, 2012; PISCITELLI, 2010; ROCA GIRONA, 2007).

De acordo com Roca Girona (2007), a partir dos anos 1990 foi registrado um aumento da união de pessoas de países diferentes. Para este autor, o entendimento do processo de formação destes casais transnacionais envolve dois marcos conceituais. O primeiro tem natureza socioeconômica e relaciona-se a globalização, ao desenvolvimento das novas TICs e a sociedade de consumo. O segundo assume dimensão cultural, pois diz respeito às transformações nas relações de gênero e no próprio conceito de amor, que impactam os modelos e as formas dos relacionamentos (ROCA GIRONA, 2007).

Os projetos migratórios que levam mulheres a migrar em razão de relacionamentos afetivos não se engendram, segundo Roca Girona (2007), a partir de uma lógica econômica e laboral, pois as motivações são de natureza amorosa-sentimental. Ao mesmo tempo, tais deslocamentos evidenciam o protagonismo destas mulheres na elaboração destes projetos que não se articulam às cadeias e às redes migratórias típicas[192].

O foco desta pesquisa está nas uniões franco-brasileiros, pois interessa-nos particularmente aqui brasileiros/as que migraram para a França por causa de relacionamento com autóctones. Seguindo o rasto da bibliografia especializada, faremos uso da expressão “casamento misto”, como referência aos matrimônios entre duas pessoas de nacionalidades distintas, ainda que se reconheça que outros aspectos socioeconômicos além da nacionalidade são importantes na composição do que se pode definir como homogamia e heterogamia.

[192] Roca Girona (2007) aborda o papel da internet e suas ferramentas (chats, redes sociais e sítios eletrônicos de relacionamentos) para a formação dos casais binacionais, particularmente no seu contexto de pesquisa que é dado pela prevalência das uniões entre o homem espanhol e a mulher estrangeira originária da América Latina (com destaque para as cubanas e brasileiras) e da Europa oriental (particularmente russas e ucranianas).

O crescimento dos chamados casamentos mistos, particularmente no que se refere às uniões entre homens dos "países do norte" e mulheres dos "países do sul", tem sido analisado no contexto das relações históricas de desigualdades entre estes países – segundo Assunção (2012) tal aspecto remete à herança dos estudos pós-colonialistas – e o contexto migratório contemporâneo, com destaque para os maiores obstáculos para a imigração. Por isso, os casamentos mistos têm suscitado a discussão sobre os "interesses" capazes de explicar estes relacionamentos.

Piscitelli (2010) analisa o casamento misto em contexto migratório, como fato que evoca atualmente uma série de "suspeitas" por parte das autoridades migratórias do país de acolhimento do cônjuge estrangeiro, dos amigos e às vezes até mesmo familiares do cônjuge autóctone. Essas suspeitas relacionam-se em grande medida a uma caracterização destas uniões como sendo "por interesse", em oposição às uniões motivadas "por amor"[193]. Contudo, como a própria autora argumenta, estas avaliações produzidas por um senso comum, desconsideram que todos os casamentos se fazem "por interesse" e que os casamentos "por papéis" são com frequência resultados de "relacionamentos duradouros e estáveis que foram formalizados para resolver a situação migratória do parceiro" (PISCITELLI, 2010, p. 17).

Assunção (2012) também reforça a necessidade de superação da dicotomia entre "casamento por amor" e "casamento por interesse" no âmbito da compreensão dos casamentos mistos no contexto das migrações internacionais contemporâneas. O foco da atenção dessa autora é os relacionamentos entre brasileiras(os) e holandeses(as), e neste caso, o mais comum é a mulher brasileira casar-se com homem holandês, e não o contrário. O mesmo ocorre na Espanha (ROCA GIRONA, 2007) e em Portugal (RAMOS e FERREIRA, 2012), apenas para citar alguns países. Os casais formados com franceses e brasileiros seguem esta tendência: ao menos quando se trata de casamentos oficiais, o número de mulheres brasileiras casadas com homens franceses é muito maior do que o contrário.

Na França, a proporção de casamentos mistos cresceu nas últimas décadas. As

[193] No quarto capítulo abordaremos como a política francesa tem abordado essa questão, inclusive expondo algumas situações de "suspeitas" sobre a veracidade das uniões que apareceram em algumas entrevistas.

estatísticas de estado civil divulgadas pelo INSEE apontam que em 1950, dos 331 mil casamentos registrados no país, 92% dos casos referem-se às uniões exclusivamente formadas por cônjuges franceses, apenas 6% eram casais mistos. Em 1970, ocorreram 393 mil casamentos e a proporção de uniões entre franceses foi de 94%, sendo os casamentos mistos apenas 5% do montante. Em 1990, os casamentos mistos aumentaram significativamente em termos percentuais, chegando a 11%, enquanto o número de casamentos caiu para 287 mil. Em 2010, dos 245 mil casamentos, 85% foi entre franceses e 12% foi entre um cônjuge francês e um estrangeiro[194].

De acordo com os dados de 2007 a 2011, a maior parte dos casamentos mistos de franceses com estrangeiros são aqueles nos quais os cônjuges estrangeiros são do Magrebe (Algéria, Marrocos e Tunísia), que constitui a origem da maior parte dos imigrantes e estrangeiros na França, devido às relações históricas e de caráter colonial que vinculam esses países. Os casamentos franco-brasileiros representam cerca de 2% de todos os casamentos mistos realizados a cada ano no período citado.

De 2007 a 2011 foram registrados cerca de 600 casamentos por ano entre franceses e brasileiros. Em relação ao sexo dos cônjuges, os dados apontam para a predominância de casais formados por mulheres brasileiras e homens franceses (Tabela 2).

Tabela 2. Casamentos entre franceses e brasileiros registrados na França segundo o sexo dos cônjuges (2007-2011)

Casamentos franco-brasileiros	em n°					em %				
	2007	2008	2009	2010	2011	2007	2008	2009	2010	2011
Brasileiras casadas com franceses	476	502	507	389	483	81,0	81,4	78,5	78,1	74,5
Brasileiros casados com francesas	112	115	139	109	165	19,0	18,6	21,5	21,9	25,5
Total	588	617	646	498	648	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Estatísticas de Estado Civil do INSEE-França.

Esta presença mais expressiva das mulheres brasileiras nos leva a considerar um aspecto levantado pela bibliografia, segundo o qual as mulheres dos "países do sul" ocupam posição privilegiada no mercado matrimonial global, dadas as representações e os imaginários sociais que vinculam essas mulheres a estereótipos de docilidade, sensualidade e submissão (ASSUNÇÃO, 2012).

[194] Os percentuais restantes referem-se aos casamentos nos quais ambos os cônjuges eram estrangeiros. Estes dados foram localizados no portal do INSEE (www.insee.fr) e acessados através do índice de temas pela rubrica "População" e "Casais, famílias e domicílios".

No entanto, paradoxalmente, Piscitelli (2010) aponta que as mulheres brasileiras "preferem" os estrangeiros, particularmente os europeus, porque estes são vistos como menos machistas: "os estilos de masculinidade europeus, associados ao privilégio da família sobre o sexo, e à qualidade dos relacionamentos, vinculada a padrões igualitários, são os preferidos para a realização de casamentos" (p. 19).

No caso do universo desta pesquisa, Lígia foi a única entrevistada que declarou um interesse particular em se envolver com um estrangeiro:

> O fato de escolher um estrangeiro, por quê? Porque eu estava cansada, é, não sei nos outros estados mas lá em Pernambuco eu só tive relação com machista, com cara que não me respeitava, com cara que me fazia me sentir inferior, sabe? Psicologicamente eu sentia que eu era uma merda, que ninguém me queria, aquelas coisas assim. Já fui batida também, né? Teve esse... Foi uma série de coisas, assim, na minha cabeça, que teve um momento..., principalmente com o último que eu vivi, que foi esse que..., que..., me bateu, que eu disse: "Não, não quero mais, não tenho mais saco pra essa mentalidade, pra esse tipo de mentalidade de homem". Não tive sorte diabo, não sei se foi sorte, ou..., sei lá, não sei, não consegui encontrar um homem realmente que tem vontade de respeitar a mulher, de... Por exemplo, eu gosto dessa liberdade que eu tenho aqui hoje, de sair, eu saio com minhas amigas, eu, ele sai com os amigos dele, mas a gente se respeita. Eu sei que ele está saindo pra se divertir, ele não está saindo pra procurar mulher entendeu? [Lígia em entrevista realizada em 26/09/2012].

Nos demais casos de mulheres brasileiras entrevistadas que se casaram com franceses (Maristela é o único caso em que o cônjuge não é francês), os encontros foram narrados como sendo por um acaso.

O depoimento de Clara enfatizou esse aspecto. Ela não tinha nenhuma relação com a França e nem tinha interesse por se envolver com um estrangeiro em particular: "quando eu, eu tive aquele, aquele olhar, e tal, eu nem sabia que ele era francês. [...] E eu não fazia a menor ideia de onde que ele era. [...] Até porque ele não tem, ele não tem, digamos assim, um estereótipo do estrangeiro. Ele não é loiro, não tem o olho azul" [Clara em entrevista realizada em 15/05/2012].

Clara é jornalista e trabalhava na área em Brasília quando conheceu o atual marido numa viagem de férias em 2003. A relação foi mantida à distância, com idas e vindas, durante dois anos. Em 2005, Clara mudou-se definitivamente para o sul da França motivada pelo projeto de construir uma família. Sua narrativa evidencia sua escolha:

> Então, eu vim para aqui por causa do Théo. Théo é o meu marido. Eu conheci ele [sic] em 2003, de férias na Bahia. Eu estava de férias, na época eu

> trabalhava em Brasília, e ele estava de férias. Então, a gente se encontrou e meio que por acaso. Meio que por acaso não, completamente por acaso, nessas férias e depois de um ano de idas e vindas, emails, de telefonemas, a gente viu que estava na hora de tomar uma decisão. Ou ele viria pra... Ou ele iria pro Brasil ou eu viria pra cá. Então, a gente achou melhor que eu tomasse a decisão de vir. Eu já estava em um momento da carreira que podia começar alguma coisa nova, né. Eu nunca tinha [...], uma outra experiência, eu tava afim de, de investir nessa relação. Então, eu vim por causa do Théo, por causa da, vamos dizer assim, que eu dei uma prioridade à família. Nessa, nesse momento da minha vida, eu já tinha tido uma carreira como jornalista de 17 anos, então eu achei que podia [...] dar uma pausa, fazer uma pausa sem maiores dramas. E aí eu vim, eu estou aqui já há sete anos. Sete anos, casada com o meu, meu respectivo, né? A gente já tem dois filhos. [Clara em entrevista realizada em 15/05/2012].

A autonomia com que Clara toma a decisão de deixar sua carreira transparece no seu depoimento em diversos momentos como, por exemplo, neste trecho que transcrevo abaixo:

> **Entrevistadora**: Mas isso acabou gerando uma mudança radical na sua vida...
>
> **Clara**: Ah, sim! Sim, a mudança ela foi feita. Mas uma mudança consciente. Eu sabia que deixando o Brasil, e fazendo essa opção, eu estaria deixando uma carreira longa, e que provavelmente eu não faria a mesma coisa, mesmo que eu conseguisse fazer alguma coisa, não seria a mesma coisa que eu fazia no Brasil, até porque, mesmo que eu tenha o domínio da língua hoje bom, como jornalista, você tem uma necessidade de excelência, que em uma outra língua é muito mais complicado. Então, e talvez, eu tivesse realmente vontade de fazer uma mudança. Talvez fosse um momento da minha vida onde eu estava procurando outra coisa.
>
> **Entrevistadora**: Quantos anos você tinha quando você conheceu ele?
>
> **Clara:** Eu tava em 2003...trinta e três! Então, com trinta e três você já tem uma certa maturidade pra saber o que você quer.
>
> **Entrevistadora**: É uma idade boa, já está mais segura também...
>
> **Clara**: É. Apesar que eu acho que esse tipo de decisão, essas coisas muito radicais assim, eu sempre digo quando me perguntam, que ou você faz isso muito jovem, quando você não tem realmente nenhum compromisso ainda, não está casada, não tem filho. Você está ainda naquela coisa de que não sabe o que vai fazer na faculdade, então você pode passar um ano, dois fora pra abrir a cabeça pro mundo. Ou realmente quando você já viveu uma carreira, você sabe o que que é, você tem uma noção do que você está deixando. Então, é mais ou menos isso. Eu sabia o que eu estava deixando e sabia o que que eu estava buscando [Clara em entrevista realizada em 15/05/2012].

A impossibilidade de manter a carreira profissional que tinha no Brasil após a migração é um problema que afeta com frequência as mulheres que se casam com franceses e aquelas que acompanham cônjuges brasileiros. Mas, segundo as entrevistas realizadas, os casos de acompanhamento tendem a assumir caráter temporário, fato que diminui o impacto sobre a inserção profissional dessas mulheres no longo prazo, devido ao retorno ao Brasil. Para aquelas mulheres que não têm planos

ou previsão de retorno, a experiência tende a se tornar mais difícil. Esse é o caso de Tânia que é advogada e que trabalhava em um escritório e era professora pública no Brasil. Na França, Tânia não trabalha, dedicando-se exclusivamente aos cuidados da casa e dos filhos[195].

Tânia conheceu o cônjuge no Brasil, no interior de São Paulo, em uma pequena cidade na microrregião de São João da Boa Vista onde ela nasceu e vivia. Em 2000, conheceu Julian, em uma festa. Eles começaram a namorar e decidiram viver juntos. Tinham dois filhos, quando em 2007 o pai de Julian se aposentou e ele precisou voltar para a França para assumir os negócios da família. Eles vivem entre "lá e cá", pois o vínculo com o Brasil se mantém forte. Julian vem duas vezes por ano ao Brasil em razão da filial da empresa instalada no país e Tânia vem uma vez por ano, durante as férias de verão da França. A mudança na vida de Tânia foi profunda:

> Eu era professora primária do Estado, há 14 anos, e era advogada também há 12 anos. E aí, abandonei tudo. Tive que pedir demissão do Estado, né, pedi exoneração. Os primeiros dois anos eu pedi licença sem remuneração e vim. A gente não sabia que ia dar certo, tal. Então, os dois primeiros anos, eu ainda tava, tinha o vínculo lá porque estava com licença sem remuneração. Fechei meu escritório de advocacia. Aí, depois de dois anos, a gente já estava aqui: "'vamos ficar". Pedi exoneração. E essa é parte mais difícil, porque você deixa tua vida. Eu tinha uma vida lá, montada. Fazia 15 anos que eu trabalhava. Tinha meu escritório. Era funcionária estadual. E aqui, depois de quanto tempo....Pra entrar no mercado de trabalho com 40 anos em outro país...É muito complicado! [Tânia em entrevista realizada em 27/09/2012].

Silva (2012) analisou as relações conjugais de casais franco-brasileiros a partir da construção de tipos ideais, que ela denominou de "regimes", entendidos como parte das estratégias utilizadas pelos cônjuges para harmonizarem suas diferenças culturais. Um destes tipos foi definido pela autora como "regime brasileiro". Segundo Silva, a grande maioria dos relacionamentos pesquisados que tinham essa característica iniciou-se no Brasil. Nestas uniões, verificou um esforço maior do homem francês em se

[195] Sega (2013) verificou em sua pesquisa de campo sobre imigração brasileira em Toronto, no Canadá, que com certa frequência o projeto migratório de casais brasileiros comprometeu a carreira e/ou a inserção profissional das mulheres que passam a assumir as funções de donas de casa e mãe.

integrar à cultura brasileira[196]. O argumento de Silva é que as mulheres brasileiras destes tipos de casamentos encontram muitas dificuldades para se integrar à cultura e à sociedade francesa. Como estratégia, elas podem se ligar às atividades associativas ligadas à cultura brasileira ou ainda viver exclusivamente na esfera doméstica, abdicando de trabalhar. Como demonstrou o depoimento de Tânia, estas características estão presentes em sua experiência migratória.

Olívia também foi para a França por causa de um projeto familiar, após se envolver com um francês e morar com ele no Brasil durante dois anos. Ela é natural do interior de Minas Gerais, mas tinha uma pousada em Arraial d'Ajuda, litoral sul da Bahia, quando conheceu Ludovic. Eles decidiram ir para a França depois que Olívia engravidou, pois avaliaram que a qualidade de vida na França seria melhor para o bebê. Em relação à profissão, Olívia aprendeu o francês e já falava inglês, fato que talvez explique o êxito com que contornou os possíveis obstáculos para sua inserção profissional:

> [...] eu trabalhei no início em hotel, porque eu conhecia bem. Depois eu trabalhei como *freelance* recebendo expatriados militares [brasileiros] que vinham trabalhar na Eurocopter em Marignane, com helicópteros. [...] Eu fazia o *welcome service*. [...] Depois o meu marido mudou, ainda era marido... [risos] Foi, é, transferido pra Paris. [...] Eu trabalhei numa multinacional francesa [...]. E lá eu fiquei uns oito anos. Comecei trabalhando como recepcionista... Foi quando eu me separei. E depois eu passei pro recursos humanos, depois eu fiquei metade do tempo nos Recursos humanos e metade no departamento de comunicação. E no final tempo integral na comunicação. [...] Depois eu voltei, a minha filha não gostava de Paris, resolveu voltar pra Aix [...] Então, por isso que eu voltei pra cá. E consegui esse trabalho aqui na faculdade [Olívia em entrevista realizada em 25/05/2012].

Ivone[197] era jornalista e trabalhava em um jornal carioca quando conheceu o francês, com o qual se envolveu e acabaram se casando. Acabou perdendo o trabalho que tinha no Rio de Janeiro devido a uma estada que passou na França após o

---

[196] O segundo tipo é o regime misto, casos em que a diferença de origem é valorizada, vista como positiva e ambos os cônjuges interessam-se respectivamente pela cultura alheia. A mulher brasileira tende a encontrar alguns obstáculos por ser estrangeira, mas ao mesmo tempo essa condição é facilitada, de acordo com Silva, pelo seu interesse e disposição em se integrar. E o terceiro tipo foi denominado "regime francês". Nestes casos, Silva aponta que as mulheres brasileiras demonstravam um interesse pela cultura francesa que é anterior ao início do relacionamento. Na maior parte dos casos, essa mulher não tem interesse em transmitir a cultura brasileira para o marido e nem para os filhos. Para sua inserção profissional, Silva argumenta que estas mulheres tendem a buscar formações acadêmicas e profissionais na França ou ainda adotar a cultura de origem como um elemento distintivo a ser valorizado, por exemplo, ao se inserir no mercado artístico.

[197] Entrevista realizada em 29/05/2012 em Marselha, França.

casamento, mas tiveram que voltar ao Brasil em razão de seu visto. Neste retorno, viveram dois anos e meio em Maceió, onde ela arrumou trabalho. Como o marido não conseguiu se inserir profissionalmente no Brasil, em 1991, eles decidiram ir viver na França. A adaptação dela foi um pouco difícil, pois ela não falava o idioma e não conseguiu trabalhar na sua área de formação. Ivone criou uma associação e tentou promover eventos culturais brasileiros na região, mas não teve êxito. Após oito anos de casamento, ela se separou e estava em vias de retornar ao Brasil quando se envolveu com outro francês que é seu parceiro até hoje.

Essa experiência de separar-se e conhecer outro francês, também foi vivida por Angelina. Ela é filha de alagoanos, nascida no Rio de Janeiro em 1962, mas criada em Maceió. Contou-me que sonhava "em sair e morar fora", que tinha certeza de que não iria viver em Maceió "para sempre". Mas seu alvo era Inglaterra, pois fazia Letras e estudava inglês, pensando em ir para lá para aperfeiçoar o idioma. Em 1988, conheceu um francês que estava de férias no Brasil. Começaram a namorar e ela foi para a França para conhecer o país e ficar uma temporada com ele. A temporada se transformou em anos, mas a relação terminou e ela estava se preparando para retornar ao Brasil quando conheceu outro francês. Um ano depois estavam casados e como ela disse, "eu fui ficando e já tem vinte e quatro anos" [Angelina em entrevista realizada em 25/05/2012].

Diferentemente de Clara e Ivone, por exemplo, que tinham carreiras profissionais no Brasil e de Angelina que era estudante universitária, Joana vivia uma condição social menos favorável. Filha de pai comerciante e de mãe professora, Joana nasceu em João Pessoa. Tinha cerca de 20 anos quando migrou sozinha para o Rio de Janeiro. Trabalhava como manicure quando conheceu, em março de 2003, um francês que veio a ser seu marido. Disse-me que sete meses depois estavam casados e que foi por causa do relacionamento que ela foi para a França. Segundo seu depoimento, ela não tinha o "sonho de sair do Brasil" e que os cinco primeiros anos foram muito difíceis, pois ela não gostava da França. Mas disse ter aprendido a gostar. Até mesmo porque chegou a voltar para o Brasil, mas ficou doente e as dificuldades que ela viveu a fez "colocar as coisas na balança". Quando ela me concedeu a entrevista, falou que nem pensava mais em deixar a França. Continuava casada, tinha dois filhos e trabalhava

como manicure num salão em Marselha.

A questão do casamento como forma de permitir a vida comum do casal foi explicitamente abordada por Regiane. Ela nasceu no sul de Minas Gerais em 1975. Foi para Varginha fazer faculdade e lá conheceu um francês, Alain, que é seu atual marido. Ele vivia na cidade porque trabalhava em uma multinacional francesa na região, e estava disposto a permanecer no Brasil. Mas alguns meses depois deles se conhecerem, em 1999, ele recebeu uma proposta de transferência para os Estados Unidos. Ela foi acompanhando-o, mas com visto de estudante, pois não quiseram se casar para não “precipitar as coisas”, dado que o relacionamento ainda era recente. Viveram lá cerca de 18 meses. Eles casaram-se nos Estados Unidos, segundo ela principalmente por razões burocráticas. Em suas palavras: "ficar junto era uma escolha, casar era uma necessidade" [Regiane em entrevista realizada em 28/09/2012]. Foram para a França de férias, e Regiane contou-me que se apaixonou pelo país. Como ela não gostava de viver nos Estados Unidos, ele aproveitou uma oportunidade de realocação na empresa e foi transferido para Paris. Foram para a França em 2000. Quando me concedeu a entrevista, ela estava estudando e a família se organizava para voltar ao Brasil até o final de 2013.

Um pouco diferente deste perfil é Diana, que conseguiu conciliar sua área de atuação e interesse profissional com a imigração na França, vindo a coordenar uma empresa que trabalha com produção cultural e que tem atuação internacional. Ela vivia no Rio de Janeiro, era bailarina e já tinha familiaridade com o exterior, pois viajava muito a trabalho. Formada em Comunicação Social, trabalhava como bailarina e produtora quando conheceu Olivier, seu ex-marido francês, em 1989 em um ônibus circular no Rio de Janeiro. Ela já tinha ido para a França e falava francês. Eles envolveram-se e casaram-se. Em 1991, aos 29 anos, ela se mudou para o sul da França. Quando chegou lá, criou uma empresa que trabalhava com performances ligadas à cultura brasileira e vive disso até hoje. Ela emprega artistas brasileiros, porém a empresa se internacionalizou e atualmente os shows são realizados em vários lugares do mundo. Diana não estava mais casada, mas continuava vivendo em terras franceses. Na verdade, ela permanecia entre “lá e cá”, pois tem uma casa no Brasil (Rio de Janeiro) e outra na França (Montpellier), passando quatro meses por ano no Brasil e

oito na França.

Encontrei dois casos de relacionamentos em fase inicial: Amanda e Rúbia. Amanda ainda não havia formalizado a união. Rúbia, sim, havia casado inclusive para viabilizar sua estada de forma regular na França.

Amanda nasceu no interior do Rio Grande do Sul, em 1987. Saiu da casa dos pais e foi para Porto Alegre fazer faculdade. Em 2007, ela trancou a faculdade para fazer um ano de intercâmbio na Austrália, para estudar inglês. Lá ela conheceu um francês e eles se envolveram. Ele voltou para a França e ela para o Brasil em 2008. Ela foi para a França passar férias. Depois ele foi para o Brasil duas vezes. O relacionamento foi ficando sério e se depararam com a necessidade dela ir para a França ou dele ir para o Brasil. Segundo Amanda, ela achou melhor ela ir, e foi para Lyon viver com ele em abril de 2011. Ela foi com visto de estudante. O primeiro ano fez curso de francês, mas o visto ia vencer e ela não queria continuar estudando francês. A opção era ir para a Universidade ou assinar o PACS (união civil da França). Disse-me que não queria se casar, pois se achava nova e não era o momento, seria apenas por causa do visto, e ela disse-me querer evitar isso. Ela conseguiu ser aceita na Universidade e quando me concedeu a entrevista, cursava uma segunda graduação. Segundo ela, seria importante para sua formação tanto se vier a ficar na França como se acabar voltando ao Brasil. Ela trabalhava cuidando de crianças, e conseguiu o trabalho antes de sair do Brasil, via *Orkut*. Ela avaliou que não foi tão difícil tomar essa decisão de emigrar, pois tinha saído da casa dos pais para estudar em Porto Alegre, depois teve a estada na Austrália, além do que tinha ido antes para Lyon e gostara da cidade. Disse-me que não criou “muita expectativa” e, isso tornou a decisão mais fácil:

> Quando eu vim para cá definitivamente, eu não esperava nada, eu não tinha, eu tinha zero expectativa, que eu não queria, assim, sabe, me arrepender. Então, sabe, eu falei assim: 'eu vou, eu conheço a cidade, eu vou morar com ele, a gente se conhece e a gente se dá bem’. [...] Se não fosse dar certo [sic], eu voltaria. Então, assim, era: 'vou ficar um ano, se não der certo com ele', porque, justamente é, o que me...Eu fico, é, por causa dele, por enquanto. Agora, é minha faculdade. Antes, vamos dizer assim, seria mais por ele. Só ele. Agora, então, já é ele e a minha faculdade. E talvez pode ser ele, depois e o meu trabalho. E a minha vida, né, depois, que vai se construir. E eu também gosto de morar aqui. Eu adoro morar aqui. [Amanda em entrevista realizada em 18/10/2012].

Rúbia nasceu no interior do Rio Grande do Sul em 1987. Aos 18 anos, casou-se e foi viver na capital gaúcha. Segundo ela me disse, foi então que sua vida começou

efetivamente, quando “saí daquele mundinho pequenininho e entrei num, num turbilhão de coisas” [Rúbia em entrevista realizada em 27/09/2012]. Ela estudava administração e trabalhava em uma loja de telefonia celular. Aos 21 anos, tornou-se gerente da loja, mas seu casamento entrou em crise, pela incompatibilidade de interesses, pois segundo seu depoimento, enquanto seu marido queria mais estabilidade, ela queria mais oportunidades. Sua irmã morava na Irlanda e ia ter um filho, por isso, convidou Rúbia para ir para lá, estudar inglês e se distanciar um pouco das coisas. Ela foi para a Irlanda em 2008, apenas com o dinheiro da rescisão do vínculo trabalhista. Para se sustentar na Irlanda, Rúbia anunciou no *Orkut* seus serviços de depilação e manicure. Uma brasileira de Recife agendou um horário. Quando foi à casa de sua cliente, Rúbia conheceu um francês, que chamarei de Claude, com quem a tal recifense dividia o apartamento. Eles se envolveram, mas Claude precisava voltar para a França. Ficaram namorando à distância, ela indo para a França e ele indo para a Irlanda uma vez por mês, durante dois anos. Em um determinado momento, Rúbia decidiu ir viver com ele, ver se ela gostava, pois segundo contou-me, Claude estava disposto a viver no Brasil. A experiência deu certo, Rúbia conheceu brasileiros na cidade e como me narrou “se integrou”. Eles casaram-se para regularizar a permanência dela na França no final de 2011.

Na pesquisa de campo de Piscitelli (2010) na Espanha[198], a autora não se deparou com casos nos quais os casamentos envolviam questões de violência doméstica e de tráfico de pessoas. No caso da pesquisa de campo que empreendi na França, também não encontrei casos destes tipos, mas considero relevante apontar que me deparei com duas situações nas quais o matrimônio e a posterior imigração na França repercutiram em constrangimentos e/ou inconvenientes na experiência das mulheres envolvidas tal como apontaram os depoimentos de Maristela e Wanda.

A mãe de Maristela é casada com um francês e vive na França há mais de 15 anos. Maristela nasceu em 1980, em Macapá; e foi lá mesmo onde conheceu um canadense radicado na França, amigo do padrasto francês, que estava na região –

[198] A pesquisadora em questão tem uma série de estudos realizados sobre imigração brasileira na Espanha, neste artigo, ela refere-se particularmente a uma pesquisa de campo feita em 2009 com brasileiras casadas com homens espanhóis.

segundo ela me contou – por causa de atividades profissionais na Guiana Francesa. Eles se casaram e ela foi com ele para a França, em 2009. Ela é enfermeira, mas trabalhava como manicure, pois seu nível de francês não lhe permitia ainda fazer a prova que pode lhe conferir a equivalência da formação na França. Segundo Maristela[199], ela teve problemas com o marido após deixar o Brasil. Disse-me que ele mudou radicalmente e começou a tratá-la mal. Ela não detalhou, nem especificou que tipo de situação ou atitudes a fizeram se sentir mal tratada[200]. De qualquer forma, de acordo com seu depoimento "isso" que "aconteceu" com ela não era algo raro, pois revelou ter escutado histórias semelhantes de outras brasileiras. Ela contou-me que ele não quer se divorciar, mas ela estava decidida, não morava mais com ele e estava namorando outra pessoa.

Por outro lado, a situação de Wanda, foi a mais vulnerável que verifiquei entre os imigrantes brasileiros que entrevistei ou conheci durante a pesquisa de campo. Wanda[201] nasceu em 1952, em Belém. Era comerciante, vendia joias em uma cidade no interior do Pará quando, segundo seu depoimento, foi vítima de violência em um assalto que sofreu. Desde então, ela contou ter desenvolvido um trauma que a dificulta "levar um vida normal", particularmente no Brasil devido ao medo de novas agressões. Viúva, mãe de duas filhas já adultas, recebeu o convite para ir para a Guiana Francesa. Neste contexto, Wanda foi para Caiena, Guiana Francesa, em 2003. Em Caiena trabalhou como faxineira e também cuidou de criança e de idoso. Em 2008, casou-se com um francês que conheceu e em 2010 foram para a França. Uma vez na França, segundo me disse, o marido mudou, bebia demais e acabou por perder o emprego: "Ele tinha um bom trabalho. Ele ganhava dois mil e oitocentos euros, com carro, com casa, tudo por conta da firma. Ele perdeu por causa de bebida" [Entrevista realizada em 23/07/2012 no sul da França]. Sem trabalho, Wanda recorreu a suas economias que estavam em uma conta pessoal sua, mas o dinheiro começou a acabar. Por isso, ela por meio de um

[199] Entrevista realizada em 29/05/2012 em Marselha, França.
[200] Seu depoimento foi apenas registrado por anotações, dado que ela não permitiu que eu gravasse a entrevista, além de ter se mostrado pouco à vontade com a situação da entrevista. Um agravante para o cenário é que estávamos no seu ambiente de trabalho, ainda que estivéssemos em um espaço relativamente reservado, a situação não favoreceu a empatia momentânea. Tentei administrar o contexto, ponderando com a possibilidade de um encontro em outra ocasião; tive sua anuência no momento, mas depois ela não respondeu as minhas tentativas de contato.
[201] Entrevista realizada em 23/07/2012 no sul da França.

contato de uma amiga brasileira arrumou um trabalho de verão no sul da França. O marido que estava no nordeste da França, onde eles moravam, ficou de ir se juntar a ela, mas literalmente desapareceu segundo Wanda:

> E ele, nada de vim [sic]; quando eu ligava, ele dizia: "Ah, eu vou *demain, demain, demain*..." E assim. Quando foi um dia, eu tirei... Foi a minha folga, eu peguei, fui lá [na cidade onde moravam]. [Pausa] Cheguei lá, a casa fechada; a minha mala na casa da vizinha, sumiu. Até hoje eu não sei onde tá esse homem [...] [Pausa]. Aí, fui renovar minha *Séjour*, em dois mil e onze. Quando eu fui renovar minha *Séjour*, me deram um *Récépissé*. Aí, depois, eu recebi uma carta pra mim [sic] quitar o país. [Pausa] Que se eu não tava com o marido, tinha que ir embora. [...] Disseram que eu não tinha direito, que era pra mim [sic] quitar o país. Eu fui na *mairie*, falei com um senhor, ele me deu o nome de um advogado, eu fui no advogado. Como começou a aparecer contas dele – que ele é irresponsável –, começou a aparecer contas, que que eu fiz? Eu peguei, fui no advogado e pedi um papel de divórcio. Assim, como que eu fosse dar entrada no divórcio que eu nem dei. [Entrevistada inspira] Fiz papel me... [...] toda pra ser...Aí que, que ficou difícil, mesmo, pra mim [sic] retirar minha *Séjour*. Aí até hoje, eu não retirei minha *Séjour*. Teve uma primeira audiência, com esse advogado, no juiz. O juiz deu um *Appelle*, mas o *Appelle* é em Marseille. [Pausa] Eu dei a entrada nessa *Appelle* em outubro de dois mil e onze – até hoje, nada! Quer dizer, eu estou sem documento. [Entrevista realizada em 23/07/2012 no sul da França]

Sem notícias do marido, Wanda não encontrou meios para permanecer regularmente na França. Com isso, depende de trabalhos informais, vivendo basicamente da ajuda de pessoas. Quando me concedeu a entrevista, contava com o apoio financeiro de um francês que ela conheceu na internet, que havia arrumado um lugar para ela morar e um advogado. Wanda tentava reverter a decisão da prefeitura que a obrigava a deixar o território francês.

Em relação aos brasileiros homens entrevistados que se casaram com mulheres francesas e que migraram para a França por causa de um relacionamento, as experiências são poucas e bastante diversificadas. Entre os sete casos deste tipo, apenas um dele (Álvaro) continuava casado com a francesa, com a qual foi viver na França. O caso de Renan[202] é um pouco distinto, pois a esposa de Renan é franco-brasileira e ele a conheceu na França, na época em que ele vivia na Suíça, em razão de sua profissão (jogador de futebol).

Inclusive foram inúmeras migrações de carreira (TILLY, 1986), pois até este estabelecimento em Paris, Renan que nasceu em Salvador, já havia morado no Rio de Janeiro, Alagoas, Minas Gerais. Além da mobilidade internacional para os Estados

[202] Entrevista realizada em 30/08/2012 em Paris, França.

Unidos, o Qatar, a Dinamarca e a Suíça. O contrato dele havia terminado recentemente, mas ele não tinha certeza se iria voltar a jogar. Além de ter passado por uma cirurgia, Renan e a esposa abriram um restaurante em Paris e, quando me concedeu a entrevista, avaliava que não podia "reclamar nem da crise, nem das férias", pois segundo Renan, o restaurante vive cheio.

Álvaro[203] nasceu em 1972, em Porto Seguro. Trabalhava com turismo na cidade e decidiu ir para a Londres, em 2000, passar seis meses para aprender inglês, idioma que lhe ajudaria em seu trabalho. Chegando lá, os seis meses, transformaram-se em cinco anos. Em Londres, conheceu Béatrice, que veio a ser sua esposa. A vida em Londres era difícil, disse-me que trabalhava de 12 até 15 horas por dia. Estava indocumentado e cansado. Segundo Álvaro me contou, eles casaram-se e decidiram ir embora de Londres após um ano de relacionamento. Foram para o Brasil, onde passaram seis meses no Brasil e de lá foram para Montpellier, cidade natal da esposa. Chegaram na França em meados de 2005 e vivem lá desde então. Tiveram dois filhos e atualmente, Álvaro trabalha com artesanato. Estão bem, mas o projeto do casal é morar no Brasil, ainda que as condições financeiras atuais do casal não possibilite esse projeto. Segundo Álvaro, eles não podem garantir que os filhos teriam no Brasil, a mesma qualidade de vida que eles têm atualmente na França.

Uma experiência bastante atípica chegou-me através de Baltazar[204]. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1964, mas foi criado no sertão baiano e me narrou uma biografia marcada pelas mazelas da seca. Segundo Baltazar, ele sempre precisou "partir" para "poder vencer", por isso ele se sente "o verdadeiro exilado, o exilado social" [Baltazar em entrevista realizada em 19/06/2012]. Disse-me que no sertão "eu não achava o meu lugar" e que sempre sonhou um dia entrar no ônibus que passava semanalmente no pequeno vilarejo e que seguia para Salvador. Conseguiu realizar seu sonho quando tinha 15 anos de idade e foi para Salvador sozinho "tentar a vida". Segundo Baltazar, sua grande chance veio com um contrato para jogar futebol num clube importante baiano. Ele tinha então 16 anos e levou a família para viver com ele. Em 1989, quando ainda era jogador, conheceu uma francesa, casaram-se e foram juntos para a França.

[203] Entrevista realizada em 24/07/2012 em Aix-en-Provence, França.
[204] Entrevista realizada em 16/06/2012 em Marselha, França.

O casamento não deu certo, segundo ele, as francesas são muitos difíceis para conviver e nas suas palavras: “eu separei da francesa e caí na pobreza”. Foi então que ele se voltou para trabalhar com música brasileira no sul da França. Quando me concedeu a entrevista, estava casado com uma brasileira que “trouxe do Brasil, arranjei papel e fiz um filho nela” [Baltazar em entrevista realizada em 19/06/2012].

César[205] nasceu e vivia em Olinda, quando conheceu uma francesa que estava no Brasil estudando. Ele é músico percussionista e foi para a França pela primeira vez em 2000, quando tinha 15 anos. Disse-me que ficou “apaixonado pela França” e que pôs “na cabeça” que queria morar na França, tanto que começou a estudar Francês e buscou se informar sobre o país.

Inclusive fez um projeto para ir para a França em 2005, por causa do Ano do Brasil na França, mas não deu certo. Foi nesta época que conheceu aquela que veio a ser sua futura esposa. Eles começaram a namorar e ele foi com ela para a França, permanecendo durante 4 meses em 2005, e depois houve a ida “definitiva”, em 2006, quando eles casaram-se e montaram um grupo juntos. Quando me concedeu a entrevista, o relacionamento havia acabado, mas César não tinha planos de deixar a França.

Segunda sua narrativa, antes de sair do Brasil, ela sabia que tinha brasileiros na França, mas não eram pessoas próximas e, como ele disse, não eram pessoas que ele “pudesse contar”; neste sentido, César reconhece o apoio que recebeu da namorada, cujo papel foi fundamental para a realização do seu projeto migratório.

Luiz também é músico e vive em Marselha. Foi para a França para ficar com Céline, uma francesa que ele conheceu na Suíça, onde vivia. Ele nasceu em Criciúma e morava em São Paulo, onde estudava música, quando conheceu alguns músicos que moravam na Suíça, em Florianópolis durante o verão:

> Eu ensaiei com umas pessoas que moravam na Suíça e fizemos dois, três shows e ele falou “vamos lá pra Suíça tocar, estamos precisando de um baixista!” E eu meio de saco cheio de São Paulo. Tipo, 16 milhões de habitantes, fui parar em Vevey, na Suíça, 16 mil habitantes. […] Cortei três zeros! Lembra daquela onda da moeda, né? Cortei os três zeros já! E daí fui pra Suíça. Tocar. […] Eu cheguei... Em 95. Eu cheguei com casa e show no mesmo dia. Já tinha show no barzinho da cidade [...]. [Luiz em entrevista realizada em 16/07/2012].

[205] Entrevista realizada em 02/07/2012 em Marselha, França.

Luiz conheceu se envolveu com uma suíça, estavam namorando, mas ele não tinha documentos, até que foi "controlado" pela polícia. Conseguiu se safar da expulsão com uma promessa de casamento, que lhe garantiu um visto de seis meses. Segundo seu depoimento, ela queria conhecer o Brasil e eles vieram juntos, onde viveram durante um ano. Mas, a relação não deu certo e ela voltou para a Suíça. Ele tinha direito a cidadania italiana por descendência familiar e seu passaporte saiu em 2000, quando ele decidiu voltar para a Suíça – devidamente documentado – para reencontrar a tal moça. A relação não foi retomada, mas ele viveu na Suíça até 2004, quando conheceu uma francesa, Céline, que veio a ser sua esposa e com a qual foi para a França:

> […] Deu uns 6 anos na Suíça no total. Em 2004, daí eu tinha conhecido a Céline, minha companheira agora, né? E... E daí a gente... Ela ficou sem papel na Suíça, porque ela estava terminando uma escola, os caras não deram o trabalho de...permis de travail […] E daí que "vamos pra Rouen!". Acabamos indo pra Rouen. No norte da França. […] E há 3 anos atrás ela descolou um trampo pra cá [Marselha]. Ela trabalhava no comércio. Pah! Ela descolou uma, uma, uma... "mutação" pra cá...[…] Daí a gente veio. A gente veio e me dei super bem com os músicos brasileiros aí e tal. Tem muito mais músico brasileiro do que lá no norte da França, né? [Luiz em entrevista realizada em 16/07/2012].

Jonas[206] também vive em Marselha. É capoeirista nasceu em Canoa Quebrada em 1968. Foi lá que conheceu uma francesa, Nicole, que trabalhava com movimentos sociais e viajava ao Brasil devido a um projeto. Em 1993, eles iniciaram um relacionamento afetivo. Em 1994 foram juntos para a França e decidiram se casar para facilitar a regularização dele. Eles foram para Marselha e ele contou-me que foi um dos primeiros capoeiristas a chegar na cidade e que depois dele, vieram muitos outros. Ele não está mais casado com Nicole desde 2007. Quando perguntei se pensava em voltar, ele me disse que não[207].

Rubens nasceu em 1953 no interior de Minas Gerais. Contou-me que veio de uma "família simples" e que seu pai faleceu quando ele tinha apenas três anos de idade. Como resultado, foi uma infância difícil e ele precisou trabalhar desde muito cedo. Trabalhava em uma empresa, mas gostava do mundo das artes, havia estudado teatro e cantava em coral. Quando Rubens tinha vinte e poucos anos, ele foi trabalhar

[206] Entrevista realizada em 03/07/2012 em Marselha, França.
[207] Jonas contou-me que levou a mãe em 2006, e a irmã, em 2007 para a França. Elas vieram para passar um tempo e foram ficando.

com seu irmão e segundo me contou “descobriu a dança”. Participou de uma seleção e foi aceito. Desde, então, disse-me que não parou mais de dançar. Em 1989, vivia em Salvador quando conheceu uma francesa, Edith. Ela engravidou e eles foram para a França para ela ter o filho, pois Edith não queria ter o filho no Brasil. Em janeiro de 1990, ele foi para a França com um visto de turista de duração de três meses. Mas como a criança ia nascer eles tentaram a prorrogação do visto, e neste intervalo eles casaram-se para resolver a situação jurídica dele. Na época, contou-me, era um procedimento simplificado e depois de dez dias, ele estava com um visto de longa permanência em mãos. Rubens nunca mais voltou ao Brasil para viver:

> Eu entrei nessa companhia [de dança] em setembro de 90, eu comecei a trabalhar com ela e ao mesmo tempo [...] essa companhia me deu oportunidade de trabalhar para prefeitura [...] *donc*, eu fui trabalhar no centro cultural como professor de dança. Depois, ao mesmo tempo, fui trabalhar numa outra cidade [...] como professor também. Ganhava bem minha vida. Pagava imposto. E, isso foi me segurando. Aí eu falei assim: “uai, por que eu vou voltar pra Brasil? [...] Dar aula onde?”. Tava bom demais aqui! Ainda por cima, o Brasil com dificuldade também. Eu tava ganhando franco, franco tinha mais força que... Eu falei assim: “eu vou ficando aqui, enquanto eu tiver ganhando em franco, eu vou poder viajar no Brasil, voltar, vou ter sempre meu trabalho e *voilà*. Fiquei” [Rubens em entrevista realizada em 26/09/2012].

Ele continua trabalhando com dança brasileira: tem uma escola de dança, é professor na universidade e dirige uma companhia. Pensa em voltar para o Brasil, mas antes o plano é ir para os Estados Unidos, país que ele disse adorar e onde seu filho vive atualmente.

Em relação aos casos em que o relacionamento ou o matrimônio com francês (motivo para a migração) teve início na França, além do caso de Renan mencionado anteriormente, os demais seis casos são de mulheres brasileiras unidas a homens franceses. Duas delas estavam na França, em viagem de férias (Cecília e Úrsula), duas delas faziam estágios de doutorado com bolsa-sanduíche (Fátima e Flávia) e duas foram por causa de compromissos de trabalhos, Alexandra foi para participar de um festival e Paula foi trabalhar como cantora durante a temporada de verão.

Fátima e Flávia conheceram seus respectivos maridos franceses em Paris, quando viviam na cidade temporariamente enquanto estudantes. Em ambos os casos, o casamento colocou-se como um imperativo para permitir a permanência regularizada das brasileiras em território francês.

Flávia é carioca, nasceu em 1973. Fez a graduação e o mestrado em Ciências

Sociais em Campinas e fazia o doutorado no Rio de Janeiro quando partiu, em 2004, para fazer um estágio doutoral em Paris. Em um evento de uma amiga brasileira na França conheceu um francês, com o qual se envolveu afetivamente. Ao final de sua estada, conforme o previsto, ela regressou ao Brasil e ele veio visitá-la duas vezes. Decidiram ficar juntos e após a defesa da tese, embarcou novamente para Paris, no final de 2006, desta vez sem previsão de retorno: "(...) Eu fiz o que os franceses dizem, porque, era muito bonitinho, quando eu cheguei aqui, todo mundo falava: 'ah, você fez uma *petite folie d'amour*'. Foi um pouco isso, porque eu era professora universitária e tudo, e aí pedi demissão. Terminei meu doutorado. Peguei minhas coisas e vim embora!" [Flávia em entrevista realizada em 07/08/2012].

O mesmo fez Fátima. Ela nasceu em Belém 1973, mas vivia em São Paulo onde fez seu mestrado e doutorado. A primeira ida para a França foi em 2006, quando fez um estágio linguístico, tendo permanecido seis semanas em Paris. Em 2008, retornou a Paris com uma bolsa sanduíche para uma estada de um ano. Naquela ocasião, por causa de sua pesquisa, ela procurou uma instituição francesa para obter alguns dados para sua pesquisa; ela foi atendida pelo seu atual marido que trabalhava lá. Ela voltou para o Brasil no período previsto, para dar continuidade ao seu doutorado, mas o relacionamento continuou. Após a sua defesa, em 2011, Fátima partiu para a França para se casar:

> Porque, assim, eu vi outros casos de gente que vem pra cá, abandona tudo e etc. Falei: "Não. Eu volto e termino, né. Se tiver que ser, cê vai me esperar e vai ser." E assim foi. A gente ficou um pouco nessa ida e vinda, enquanto eu terminava, né [...] Pra coisa não ir logo. [*Pausa*] Porque quando a gente tá expatriado, a gente tem uns pensamentos, que... Que no Brasil, a gente não tem. Então é legal voltar, botar as coisas no lugar... [...] Eu não tinha esse imaginário. Até porque eu achava, assim, que **morar** aqui, não. [*Pausa*] Eu achava que aqui é pa... Era país pra visitar. [*Rindo*] Eu ainda acho. [*Risos*] Verdade. Tanto que eu estou aqui esperando. Aqui esperando pra ele se aposentar, pra que a gente... É... Daqui há dois ou três anos, a gente volte pro Brasil [Fátima em entrevista realizada em 14/06/2012, grifo nosso para destacar ênfase da fala].

Cecília também tinha uma relação anterior com a França. Ela nasceu em 1954 em São Paulo. O interesse pelo país começou com o estudo do idioma na Aliança Francesa, que alimentou um desejo de estudar na França. Ela foi para lá pela primeira vez, em 1982, com o projeto inicial de permanecer um ano. Ao final, foram quase cinco anos, após os quais retornou ao Brasil. No entanto, manteve a ligação com amigos

franceses ia para a França todos os anos em férias. Em uma destas viagens, foi convidada para um casamento, no qual conheceu Émeric, um francês que se tornou seu marido. A decisão de viver na França foi, segundo Cecília me narrou, vivida tranquilamente, pois ela queria muito ter filhos e ele também queria[208]. Contou-me que quando conheceu Émeric ela tinha 36 anos e ele tinha 40, e que foram práticos na decisão, pois não tinham muito tempo a perder: "Eu vim pra cá por livre espontânea vontade, eu quis vir, quis viver uma outra coisa [...] e me identifiquei desde o início, sabe, me sentia como se fosse realmente aqui que eu tivesse vivido a minha vida toda, aqui. Muito à vontade" [Cecília em entrevista realizada em 08/06/2012]. Em 1990, deixou o Brasil para viver na França. Teve o filho desejado, mas quando me concedeu a entrevista, havia se divorciado do marido, e sentia-se dividida entre dois mundos: o filho na França e seu pai bastante idoso no Brasil.

Alexandra[209] nasceu em 1968 em Recife. Ela contou-me que seu pai é crítico de arte especializado em cinema, e segundo Alexandra, ela cresceu "banhada" num universo cultural no qual a França ocupava lugar de destaque. Estudava teatro e fazia parte de um grupo de marionetes, que foi convidado para participar de um festival na França. Ela soube dois anos antes, e começou a estudar francês. Conseguiu ser escalada pela direção do grupo para ir ao evento e na época precisou de visto mesmo quando se tratava de estadas curtas. Ficou três meses em 1994 que, segundo me disse, foram poucos. Inclusive porque conheceu um francês e eles começaram a namorar. Ela então retornou ao Brasil para conseguir um visto de estudante para um período maior e voltou em 1995, e foi morar com ele. A ideia inicial era estudar durante um ano. Mas foi gostando da vida na França. A relação acabou, mas ela se envolveu com outro francês. Ela estava com 28 anos e se cansando da "vida instável" e querendo ser mãe. Contou-me que ela o pressionou um pouco para eles se casarem, para regularizar a situação dela e ao mesmo tempo terem um filho. Eles se casaram e ela engravidou no ano seguinte. Em 1997, seu filho nasceu. Esse casamento terminou, mas em 2003, ela conheceu o Pierre que é o seu atual marido. Quando me concedeu a

[208] Inclusive, quando Cecília morou em Paris disse que se envolveu com um homem mais velho, que tinha uma filha e não queria mais ter filhos e ela ponderou que seu retorno ao Brasil naquele momento teve relação com esse relacionamento incompleto.
[209] Entrevista realizada em 17/08/2012 em Paris, França.

entrevista, estavam juntos e tinham dois filhos.

Úrsula[210] nasceu em 1971, em São Paulo. Ela é jornalista e aos 25 anos trabalhava em um jornal e uma rádio quando partiu para uma viagem de férias na Europa, a previsão era passar por Barcelona, "rodar" a França e visitar uma amiga na Irlanda. Por causa de eventos fortuitos e inesperados, ela conheceu um grupo de franceses em Montpellier, entre os quais estava Jean, seu atual marido. A relação com a França era vaga, mas me disse que ela sempre nutriu uma enorme admiração pela cultura e pensamento francês, de forma que após o encontro afetivo, Úrsula embarcou no projeto de ir para a França, estudar o idioma e experimentar o relacionamento. Ela estudou francês, fez uma formação em história e se especializou em relações internacionais. Viveu três ou quatro anos com visto de estudante, antes da formalização da união do casal. Dezesseis anos depois, ela continua casada com Jean e eles tiveram duas filhas.

Paula nasceu em 1970, em Niterói. Tinha 28 anos, era cantora em uma banda de rock, fazia faculdade em uma universidade fluminense e trabalhava no Rio de Janeiro quando sua irmã lhe mostrou um anúncio no jornal "O Dia", que buscava cantora para se apresentar no sul da França. Ela candidatou-se e conseguiu a vaga. Foi em maio de 1998 para o sul da França para trabalhar durante a temporada de verão:

> [...] Eu vim. Pra ficar quatro meses. [Pausa] Já com aquelas ideias assim: "ah, porque francês...não toma banho...[Risos] Francês é tudo gay", enfim, né? E... Quando eu cheguei aqui...o pessoal que trabalhava no, na casa [no bar onde ela iria se apresentar] foi me buscar no aeroporto. [Pausa] E, lá no aeroporto, eu conheci o meu marido. [Pausa] Quando eu vi, eu sabia. [Pausa] Já na descida do avião. Eu falei: "Eu não volto nunca mais pra casa". [...] Eu fiquei aqui cinco meses. Voltei pro Brasil, só pra, pra vender minhas coisas, enfim. Sabia que eu ia acabar voltando pra cá. A ideia era pra passar um ano, [entrevistada pigarreia] com o famoso... *fiancé* [risos].[Paula em entrevista realizada em 19/05/2012]

Desde então, as vindas ao Brasil são apenas para passeio. Eles casaram-se e tiveram dois filhos. Quando me concedeu a entrevista, já havia se naturalizado francesa, considerava-se bem integrada, e voltar ao Brasil, segundo ela me disse, era uma alternativa fora de questão.

O quadro 9, disposto a seguir, sintetiza algumas informações sobre estes 26 entrevistados classificados como migração afetiva de cunho matrimonial.

[210] Entrevista realizada em 16/06/2012 em Marselha, França.

Quadro 9. Entrevistados que foram para a França devido a um relacionamento afetivo com francês - Brasil (2011) e na França (2012)

N°	Nome fictício entrevistado/a	Data da realização da entrevista	Cidade/Local da entrevista	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Onde Conheceu o cônjuge	Documento francês	Retorno	Ocupação/atividade no Brasil	Ocupação/atividade na França
1	Alexandra	17-08-2012	Paris, França	1968	1995	Recife	Paris, França	Nacionalidade francesa	Não	Jornalista	Atendente papelaria
2	Álvaro	24-07-2012	Aix-en-Provence, França	1972	2005	Porto Seguro	Londres, Inglaterra	Nacionalidade francesa	Sim	Agente de Turismo	Artesão
3	Amanda	18-10-2012	Lyon, França	1987	2011	Interior do RS	Austrália	Visto de Estudante	Não sabe	Estudante	Estudante - nounou
4	Angelina	25-05-2012	Aix-en-Provence, França	1962	1988	Rio de Janeiro	Maceió, Brasil	Nacionalidade francesa	Não sabe	Estudante	Garçonete
5	Baltazar	16-06-2012	Marselha, França	1964	1989	Interior da BA	Salvador, Brasil	Nacionalidade francesa	Não sabe	Jogador de Futebol	Artista
6	Cecília	08-06-2012	Aix-en-Provence, França	1954	1990	São Paulo	sul da França	Nacionalidade francesa	Não sabe	Gerente de Loja	Bibliotecária
7	César	02-07-2012	Marselha, França	1983	2006	Olinda	Olinda	Título de Residente	Não sabe	Músico	Músico
8	Clara	15-05-2012	Aix-en-Provence, França	1970	2005	Natal	Bahia, Brasil	Nacionalidade francesa	Não	Jornalista	Serviços de Turismo
9	Diana	20-07-2012	Montpellier, França	1962	1991	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, Brasil	Nacionalidade francesa	Não sabe	Produtora e bailarina	Produtora cultural
10	Fátima	14-06-2012	Marselha, França	1973	2011	Belém	Paris, França	Visto de Vida familiar	Provável	Professora	Tutora em Universidade
11	Flávia	07-08-2012	Paris, França	1973	2006	Rio de Janeiro	Paris, França	Título de Residente	Não	Professora universitária	Desempregada
12	Ivone	29-05-2012	Marselha, França	1955	1991	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, Brasil	Título de Residente	Não	Jornalista	Não trabalha
13	Joana	29-05-2012	Marselha, França	1982	2003	João Pessoa	Rio de Janeiro, Brasil	Nacionalidade francesa	Não	Manicure	Manicure
14	Jonas	03-07-2012	Marselha, França	1968	1995	Canoa Quebrada	Canoa Quebrada, Brasil	Visto de Vida familiar	Sim	Professor de Capoeira	Professor de Capoeira
15	Lígia	26-09-2012	Rennes, França	1968	2004	Recife	Recife, Brasil	Visto de Vida familiar	Não	Atendente telefônica	Cuidadora de criança
16	Luiz	16-07-2012	Marselha, França	1968	2004	Criciúma, SC	Suíça	Nacionalidade italiana	Não sabe	Músico	Músico
17	Maristela	29-05-2012	Marselha, França	1980	2009	Macapá	Macapá, Brasil	Visto de Vida familiar	Não sabe	Enfermeira	Manicure
18	Olívia	25-05-2012	Aix-en-Provence, França	1960	1992	Interior de MG	Arraial D'Ajuda, Brasil	Nacionalidade francesa	Sim	Empresária (Pousada)	Secretária
19	Paula	19-05-2012	Região de Nice, França	1970	1998	Niterói	sul da França	Nacionalidade francesa	Não	Estudante universitária	Assistente administrativa
20	Regiane	28-09-2012	Rennes, França	1975	2000	Interior de MG	Varginha, Brasil	Nacionalidade francesa	Sim	Estudante	Estudante
21	Renan	30-08-2012	Paris, França	1982	2006	Salvador	França	Não informou	Não sabe	Jogador de Futebol	Empresário
22	Rubens	26-09-2012	Rennes, França	1953	1990	Interior de MG	Salvador, Brasil	Nacionalidade francesa	Sim	Bailarino	Bailarino
23	Rúbia	27-09-2012	Rennes, França	1987	2010	Interior do RS	Irlanda	Visto de Vida familiar	Não sabe	Estudante e gerente de loja	Estudante, Manicure e depiladora
24	Tânia	27-09-2012	Rennes, França	1970	2007	Interior de SP	Interior de SP, Brasil	Visto de Vida familiar	Sim	Advogada e professora	Desempregada
25	Úrsula	16-06-2012	Marselha, França	1971	1997	São Paulo	Montpellier, França	Título de Residente	Não	Jornalista	Analista em Organismo Internacional
26	Wanda	23-07-2012	Aix-en-Provence, França	1952	2009	Belém	Caiena, Guiana Francesa	Indocumentado	Não	Vendedora autônoma	Desempregada

Migração familiar

Classifiquei como migração familiar, as entrevistadas (são todas mulheres) que foram para a França acompanhando cônjuge brasileiro que foi para lá trabalhar e/ou estudar. Considerando o universo de entrevistados, oito casos foram migrações classificadas como familiar. Destas apenas duas estavam na França (Leandra e Rosa), uma havia se mudado para a Alemanha (Norma) e as demais haviam retornado ao Brasil (Daniela, Mara, Margareth, Pilar e Vânia).

O mais comum é estas mulheres terem o visto de vida familiar concedido para cônjuges e filhos do estrangeiro que entra na França com um visto de longa duração (concedido para estudo ou trabalho). No entanto, há casos em que elas entram ou permanecem na França com visto de estudante.

Assim fez Daniela, que disse ter optado pelo visto de estudante para poder usufruir de benefícios que o Estado francês assegura para estes casos. O marido de Daniela[211] é economista e ele foi fazer um doutorado integral em Toulouse com bolsa da Capes. Inicialmente, ela permaneceu no Brasil e após a conclusão de sua graduação em Fisioterapia é que foi para a França em 2007, aos 26 anos de idade. Como previa ficar lá mais de três anos, ela aproveitou o ensejo para investir em sua formação profissional. O plano inicial era fazer uma especialização na Bélgica que, segundo Daniela, tem reputação notória na área de Fisioterapia respiratória. Mas ela gostou de Toulouse e buscou uma especialização na própria cidade e na sequência fez um mestrado.

Leandra[212] também foi para a França na condição de estudante. Sua história é um pouco distinta das demais, pois na verdade ela não foi acompanhando o marido, pois quando ele emigrou, eles não estavam envolvidos. Ela foi se reunir a ele depois que ele já vivia lá há muitos anos. Ela nasceu no interior de Minas Gerais, em 1980. Trabalhava como jornalista esportiva, era editora de um programa de TV em São Paulo quando “largou tudo” para ir viver na França com Milton, um antigo namorado que ela veio reencontrar anos depois. Segundo sua narrativa, ele é engenheiro, e foi fazer um intercâmbio no meio da graduação. Acabou recebendo uma proposta para trabalhar na

[211] Entrevista realizada em 14/04/2011 em São Paulo, Brasil.
[212] Entrevista realizada em 16/10/2012 em Lyon, França.

empresa em Lyon, sudeste da França, e trabalha lá até hoje. Ela me contou que ele até se predispôs a voltar para o Brasil, mas ela foi visitá-lo, ficou os três meses que podia como turista e gostou da cidade. Disse-me que não teve nenhuma dificuldade em abandonar o trabalho e deixar o Brasil, pois ela sabia que Milton era o amor da sua vida. Em dezembro de 2009, voltou para o Brasil para fazer o trâmite do visto de estudante. Em janeiro de 2010, Leandra deixou o Brasil definitivamente para viver com ele. Ela estudou francês, fez um curso sobre história da França em uma universidade em Lyon. Eles casaram-se em meados de 2010, mas ela permaneceu dois anos com o visto de estudante. Desde janeiro de 2012, ela estava com visto de vida familiar e continuavam na França sem planos de retorno ao Brasil.

Mara nasceu em 1968 em Niterói, mas viveu a maior parte da sua vida em Campinas onde estudou e onde trabalhava quando o marido, Osvaldo (que também compõe o universo de entrevistados desta pesquisa), recebeu uma proposta de ir para Lyon por meio de um contrato de expatriação. Segundo ela, foi uma oportunidade que ela encarou como "imperdível":

> A gente foi em, em noventa e seis. Eu fui de acompanhante do meu marido, eu não podia trabalhar. O máximo que eu podia fazer era estudar, e foi o que eu fiz. Mas eu não sabia Francês. Nadinha. E... Antes de ir, eu trabalhava, larguei tudo pra ir pra lá. [Pausa] Mas eu não podia perder a oportunidade. E foi a melhor coisa que eu fiz, porque foi a melhor época da minha vida, morar lá [Mara em entrevista realizada em 27/06/2011].

Durante os quatro anos que permaneceu na França ela estudou, acabou fazendo uma graduação em Francês. Ela que havia feito graduação no Brasil em outra área, acabou reorientando sua carreira após a permanência em terras francesas. Após seu retorno ao Brasil, Mara trabalhava como professora de francês.

Uma trajetória migratória bastante peculiar é a de Margareth. O marido dela é engenheiro mecânico e trabalhava em um projeto com uma empresa francesa. Devido às exigências do trabalho, ele passou quase um ano na França enquanto a família ficou no Brasil. No entanto, ao final deste período, ele recebeu um convite para trabalhar lá:

> Nós morávamos em Campinas. E, meus filhos eram pequenos, né, idade de pré-alfabetização, ainda não estavam em idade de alfabetização e meu marido, aí, bom, tipo assim, era uma quinta-feira ele falou: "olha, eu tenho que dar a resposta na segunda". [risos] Eu falei, bom, porque daí, eu falei: "vamos fazer o seguinte, você vai", né, ele já tinha ficado um ano lá mesmo, eu falei: "você vai, se der certo, depois a gente vê. Você vem nas férias, eu vou nas férias". "Não", ele falou, "ou vamos todos ou eu não vou". "Tudo bem", eu falei, "Bom, pras crianças vai ser sempre bom, porque mesmo se a gente voltar com uma mão na

> frente e outra atrás, as crianças têm a cultura, têm a língua. Isso vai ser sempre útil, né?". E outra, eu falei: "Eu não tenho o direito de brecar meu marido, é uma evolução profissional dele". Ele sempre sonhou em trabalhar fora, mas nos Estados Unidos, nunca pensou na França. E eu nunca pensei em ir pra França, nem pra passear, nunca tinha pensado. Aí, bom, desse jeito, decidiu, "Vamos". "Vai mesmo?". "Vamos, vamos sim. Vamos ver o que tem lá". Eu falei: "Vai durar seis meses, um ano, né, aí a gente volta" [Margareth em entrevista realizada em 23/06/2011].

Eles decidiram ir e foram, em 1999, o casal mais os dois filhos pequenos. Mas os seis meses acabaram sendo dez anos. Margareth conseguiu reconhecer sua profissão na França, trabalhava na sua área de formação, advocacia, os filhos estavam bem inseridos e eles haviam adquirido a nacionalidade francesa. Enfim, a família seguiu passos importantes de suas carreiras migratórias e vários fatores indicavam uma irreversibilidade do deslocamento. No entanto, o marido que já viajava muito pela Europa em razão do trabalho, recebeu uma proposta que exigia a transferência para o Marrocos. Segundo Margareth me disse, ela e os filhos não iriam, e assim decidiram encontrar uma alternativa. Isso os trouxe de volta ao Brasil, dez anos depois de permanência na França. Quando me concedeu a entrevista, eles estavam em Araraquara no interior do Estado de São Paulo, onde seu marido trabalhava, graças aos contatos profissionais estabelecidos a partir da França para a mudança de emprego que viabilizou o retorno ao Brasil.

Pilar nasceu em 1970 em São Paulo capital, mas vivia em Campinas há muitos anos quando se casou em 1996. Publicitária de formação, ela já trabalhava quando o marido recebeu uma proposta profissional de expatriação para a França. Pilar foi para Lyon, em 1998, acompanhando-o. Para quem acha que a migração de mulheres casadas resume-se a seguir o marido, Pilar enfatizou que foi ela quem mais estimulou seu marido a aceitar a proposta:

> O meu marido, foi fazer uma entrevista lá [na França], voltou; e eu assim naquela expectativa, eu já tava quase pedindo a conta do emprego, porque eu já tava assim, quase arrumando minha mala pra ir...[...] E achava, gente, é uma oportunidade, imagina, ir pro exterior com salário, com uma certa estrutura, vamos dizer assim, pô, tudo de bom. Vamos ver o que vai dar, a gente não tinha filho, começo de casamento, enfim, e eu tava empolgada. Ele voltou da França murcho [...] eu nunca vou esquecer, ele chegou, eu fui pegar ele no aeroporto [sic] e eu assim: "e aí, quando é que a gente embarca, né?". E, ele assim: "não sei não, acho que isso não vai dar certo, a empresa...". [...] E, ele fala até hoje que a gente só foi por causa de mim. Porque eu falei, imagina, não, vamos ver, quem sabe, olha que experiência, e eu fui fazendo, eu sou geminiana, faladora, eu faço a cabeça, né? Olha só, pensa bem, olha que experiência de vida pra você, de trabalho pra você, com uma experiência fora. É que a gente, mulher

> enxerga um pouco além. Pra você vai ser ótimo e pra mim... Eu queria mesmo era parar de trabalhar, porque [...] tava cansada, trabalhando que nem uma louca porque agência de propaganda é um caos [...]. [Pilar em entrevista realizada em 08/06/2011].

Disse-me que aproveitou a estada na França para estudar francês e se especializar em sua área. Conseguiu obter um equivalente a um mestrado em Ciência da Comunicação e da Informação. O marido teve problemas de adaptação na empresa e eles acabaram voltando antes do previsto, dois anos e meio depois, para Campinas. Quando me concedeu a entrevista, estavam morando em São José dos Campos.

Vânia nasceu em 1964 em São Paulo capital. Casou-se com um engenheiro binacional suíço-brasileiro que trabalhava em uma indústria química francesa na região de Campinas. Ele recebeu uma proposta de expatriação para a França e eles foram em 1989. Ela é arquiteta e trabalhava, mas recebeu a proposta com entusiasmo:

> Eu não tinha filhos, eu estava começando a trabalhar na carreira de arquiteta, né, trabalhava em escritório. Eles nos avisaram dessa notícia e eu fiquei muito feliz porque a minha vida escolar foi ligada à comunicação e arte, depois arquitetura, então aprendi história da arte, história da arquitetura, então, era a concretização de um sonho, de conhecer o berço da história, aquilo que eu tanto gostava que era história da arte e da arquitetura. Então pra mim, eu nem pestanejei, eu aceitei de pronto [Vânia em entrevista realizada em 08/06/2011].

Vânia morou em Lyon e em Paris durante esta expatriação do marido. Como não podia trabalhar, aproveitou para aprender francês, fez curso de gastronomia e um curso de história da arte. Eles acabaram voltando antes do previsto, em 1991, por causa de uma reestruturação da empresa. Voltaram para Campinas e em 1997, ele recebeu uma nova proposta, desta vez uma mutação para uma vaga francesa. Essa segunda ida foi diferente, porque foram com dois filhos pequenos. No início ela estudou, mas como ela tinha a nacionalidade Suíça e morava na França há um tempo, ela conseguiu um título de residente que a autorizava a trabalhar. Assim, Vânia conseguiu trabalhar como vendedora de loja. Alguns anos depois, o marido adoeceu e acabou sendo aposentado por invalidez. De acordo com Vânia, os problemas conjugais que vinham das ausências constantes do marido, que viajava muito para a China a trabalho, somaram-se aos problemas de saúde e financeiros em decorrência da aposentadoria. Neste contexto, Vânia decidiu voltar com os filhos para o Brasil, em 2005. O marido não pode voltar por causa de seus problemas de saúde. No início, tentaram manter o casamento apesar da distância, mas decidiram se divorciar. Quando me concedeu a entrevista, morava em

São José dos Campos com os filhos e trabalhava como professora de francês.

Norma nasceu em 1961 em Recife. Fez magistério e trabalhava como assistente em uma Faculdade de Medicina. Casou-se com Camilo, um paulista, que vivia em Recife. Ele trabalhava em uma multinacional e viajava com frequência para o exterior, mas eram estadas temporárias, que Norma aproveitava como turista, pois sempre que podia ia com ele ou ia encontrá-lo. No entanto, em determinado momento da carreira, Camilo recebeu um convite de expatriação da empresa na qual trabalhava. Recém-curada de uma grave doença, Norma que se sentia obrigada a cuidar de sua mãe, viúva e doente, encontrou naquele momento uma forma de romper com um compromisso que a sufocava:

> Aí ele recebeu o convite, de vim trabalhar na França. Eu aceitei. Eu acho que essa minha doença foi muito importante, porque, eu sou filha única, né. Então, a partir do momento que [sic] eu fiquei doente, eu vi. Eu, eu acho que, toda filha tem um, um sentimento de dever para com a mãe. Então, fica sempre achando que deve alguma coisa, que... Sabe? E eu sempre tive, assim, um sentimento de proteção muito grande com a minha mãe, porque moramos, muitos anos, com a mãe dela, que era uma pessoa muito dominadora. Então, com essa doença, eu decidi: "Não! Eu quero ter a minha família de volta. É uma oportunidade para os meus filhos". Eu acho que só com ela, que eu tive a liberdade de, a coragem de, de seguir [Norma em entrevista realizada em 23/09/2011].

Eles foram para Chartres, em 2000, o casal mais os dois filhos. Viveram lá até 2004, quando o marido foi transferido para os Estados Unidos. Em 2007, regressam para Chartres, porém uma nova mudança ocorreu, em 2010, quando foram para a Alemanha. Os filhos voltaram para o Brasil havia alguns anos, enquanto que o casal continuava expatriado. Em mensagens eletrônicas que trocamos depois da entrevista, Norma contou-me que no início de 2013, o marido foi transferido mais uma vez, e desde então "voltaram" a viver na França.

Rosa[213] é casada com Geraldo (que também compõe o quadro de entrevistados) e foi por meio dela, via *Orkut*, que cheguei à Vânia, Pilar e Margareth, pois todas conviveram em determinado momento em Lyon, na França. No contexto de expatriação, a ajuda de mulheres brasileiras na mesma condição foi importante, segundo me disseram, para aprenderem a "se virar" e a enfrentar as dificuldades com as quais se depararam em função da condição estrangeira.

[213] Entrevista realizada em 03/09/2012 em Paris, França.

A primeira expatriação em que Rosa acompanhou o marido foi em 1999, quando foram para Lyon com o projeto inicial de ficar mais ou menos um ano. Ao final, ficaram três anos e ela teve um segundo filho que nasceu na França. O nascimento do bebê fez com que ela quisesse voltar para o Brasil e eles voltaram em 2002.

Quando surgiu uma nova oportunidade de expatriação, Rosa me disse que recebeu a notícia com entusiasmo. Eles foram então, em 2008, para uma cidade na região norte de Paris. Para tomar essa decisão, segundo ela me contou, eles consideraram a questão profissional e salarial de Geraldo, mas também o fato dos filhos estarem em uma idade na qual a mudança não traria muitos prejuízos.

Quando me concedeu a entrevista, Rosa e sua família viviam um momento de instabilidade, pois o contrato de expatriação do marido estava previsto para terminar no início de 2013, e a empresa não havia sinalizado a realocação dele no Brasil. Como eles avaliaram que era um bom momento para voltar ao Brasil, o marido procurou emprego no Brasil. No entanto, até aquele momento, ele não havia recebido nenhuma proposta. Ela estava apreensiva, pois não sabia o que aconteceria e para onde iriam, dado que o marido tinha até então algumas possibilidades incertas, mas todas fora da França (ela mencionou Bélgica, Suíça e Alemanha).

Rosa tem uma empresa no Brasil, em sociedade com sua irmã, e como está longe, assumiu a parte burocrática, que ela consegue administrar à distância. Na França, ela disse-me que nunca trabalhou. Seguindo aquela ideia de Silva (2012) de que as brasileiras sem muita relação com a cultura francesa tendem a se envolver em atividades associativas ligadas ao país de origem, Rosa trabalhava voluntariamente disponibilizando informações e prestando apoio para imigrantes brasileiros na França.

As experiências dessas mulheres que vivem ou viveram na França, em grande medida para acompanhar seus maridos reforçam o argumento de Padilla (2007) quando diz que mesmo quando a mulher não é a motivadora da migração, seu papel é fundamental para a realização do projeto pois “sem o consentimento e a colaboração desta, a estratégia familiar de imigração em muitas ocasiões não seria bem sucedida” (PADILLA, 2007, p. 114). A seguir, o quadro 10 sintetiza as principais informações destas entrevistadas.

Quadro 10. Entrevistadas que foram para a França acompanhando cônjuge brasileiro - Brasil (2011) e na França (2012)

N°	Nome fictício entrevistado/a	Data da realização da entrevista	Cidade/Local da entrevista	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída doBrasil	Ano de retorno ao Brasil ou saída da França	Ocupação/ atividade no Brasil	Ocupação/ atividade na França
1	Daniela	14-04-2011	São Paulo, Brasil	1981	2007	Interior de MG	Belo Horizonte/MG	2010	Estudante	Estudante
2	Leandra	16-10-2012	Lyon, França	1980	2010	Interior de MG	São Paulo	Não pensa em voltar	Jornalista	Estudante
3	Mara	27-06-2011	Campinas, Brasil	1968	1996	Niterói/RJ	Campinas/SP	1999	Química	Estudante
4	Margareth	23-06-2011	Campinas, Brasil	1969	1999	Campinas/SP	Campinas/SP	2009	Advogada	Assistente jurídico
5	Norma	23-09-2011	Via Skype (pesquisadora no Brasil e entrevistada na Alemanha)	1961	2001	Recife/PE	Recife/PE	2010	Secretária e estudante universitária	Não trabalha
6	Pilar	08-06-2011	São José dos Campos, Brasil	1970	1998	São Paulo/SP	Campinas/SP	2001	Publicitária	Estudante
7	Rosa	03-09-2012	Paris, França	1967	2008	Interior de SP	Interior de SP	Não sabe	Empresária	Não trabalha
8	Vânia	08-06-2011	São José dos Campos, Brasil	1964	1997	São Paulo/SP	Campinas/SP	2005	Arquiteta	Vendedora

3.3.5. Migração “cosmopolita”

De acordo com Barretto (2009), o turismo pode implicar em migração, na medida em que o turista pode tornar-se residente do local que “visita”. Este é o caso de Guilherme, que tinha a cidadania italiana e estava na Itália quando foi visitar um amigo que morava em Marselha, no sul da França. Nesta ocasião, conheceu um francês com o qual se envolveu afetivamente. Ao fim, a relação não deu certo, Guilherme voltou ao Brasil, mas veio a se estabelecer “definitivamente” algum tempo depois na cidade mesmo após o término da união, momento em que segundo o entrevistado foi quando ele realmente “escolheu” viver na cidade.

Essa “escolha” nos remete à equação da “autonomia versus coação” na decisão do migrante, se lembrarmos que, segundo a perspectiva bourdieusiana, os agentes estão simultaneamente “livres” e “constrangidos” na elaboração de suas “jogadas” (BOURDIEU, 2004). Neste caso, a decisão de Guilherme de migrar para Marselha é tomada com relativo nível de autonomia, pois ele possuía “trunfos” decisivos para conceber e viabilizar seu projeto migratório com relativa facilidade. Graças a sua origem familiar, Guilherme[214] tinha o passaporte italiano que lhe permitia superar obstáculos jurídicos importantes em uma mobilidade internacional: não precisou conseguir um visto, nem obter uma autorização de trabalho.

Além da própria descendência “estrangeira” que pode alimentar uma “criação migratória”, Guilherme também tinha um terreno fértil do ponto de vista objetivo: tinha capital econômico e cultural para poder “pedir demissão do trabalho” e se “presentear com um ano sabático na Itália”. Gaúcho e formado em Comunicação Social, em 2006, Guilherme deixou São Paulo para fazer um curso de língua e cultura italiana na Itália. Decidiu “aproveitar” que estava na Europa para estudar inglês em Londres, inclusive – segundo seu depoimento – seu plano inicial era “viver um tempo” na Inglaterra para aprimorar seu inglês. Guilherme contou-me que aproveitou que Marselha ficava no “caminho” para Londres, sendo assim, planejou a visita a um amigo. Foi quando conheceu o francês com o qual, segundo me contou, viveu uma “história de amor”. Segundo seu depoimento, eles decidiram ficar juntos e Guilherme começou a estudar o

[214] Entrevista realizada em 29/05/2012 em Marselha, França.

idioma francês e conseguiu um trabalho. A relação acabou, ele voltou para o Brasil, mas retomou o projeto de estudar em Londres. Em 2010, decidiu voltar para Marselha para viver lá, independentemente da antiga relação. Disse-me que não sente "a mínima saudade daquele país", como ele se referiu ao Brasil, pois "adora viver em Marselha" e que ele quer inclusive naturalizar-se francês, mesmo que isso exija que ele abdique da cidadania italiana. Quando me concedeu a entrevista, Guilherme era gerente de uma loja no centro comercial da cidade.

Essa modalidade migratória que chamarei "cosmopolita" foi concebida para dar conta de explicar os processos migratórios identificados em sete entrevistados (Alberto, Cassiano, Elba, Érica, Guilherme, Marcílio e Rômulo). Estes casos, apesar de manifestar algumas nuances entre eles, são processos migratórios bastante semelhantes, principalmente na forma como se revela de um lado, "esta imaginação, esta criação de um mundo predisposto a acolher a migração" (MA MUNG, 2009, p. 35, tradução nossa)[215]; e, de outro, aponta para o relativo alto nível de autonomia destes migrantes que se evidencia nos arranjos entre um "saber-fazer" e um "poder-fazer" presentes na concepção e na realização de seus respectivos projetos migratórios[216].

Nesse sentido, estes entrevistados indicaram um *habitus* particular que associamos a um "cosmopolitismo" no sentido que lhe deu Barretto (2009), como uma "propensão à mobilidade" (p. 4). Giddens (1991) não se refere às palavras "cosmopolita" ou "cosmopolitismo", porém aborda essa dimensão quando fala de uma "*abertura do indivíduo para o outro*" (p. 123, grifos do autor). Esta frase do autor está inserida em sua argumentação sobre os diferentes padrões de confiança que se estabelecem antes e após a modernidade. Isso porque apesar de existir na sociedade moderna instituições sociais que garantiram mais segurança aos indivíduos, as chamadas "consequências da modernidade" engendraram "riscos" e "perigos" que

[215] No original: "Cette imagination, cette création d'un monde predisposée à accueillir la migration" (MA MUNG, 2009, p. 35).

[216] Lembrando que para Ma Mung (2009), não é possível negar nem as condições exteriores, nem as disposições interiores dos migrantes, por isso ele propõe a tomada das condições exteriores como o contexto no que os indivíduos ou coletivos se organizam para realizar seus projetos migratórios, que neste caso, evoca as disposições interiores. Como consequência epistemológica, Ma Mung reconhece a autonomia dos indivíduos que se expressa em um "saber-fazer" e um "poder-fazer". Trata-se de "saber-fazer" dado que os indivíduos e os coletivos reformulam os contextos que lhe são externos; e depois um "poder-fazer" porque aceita-se um pressuposto de iniciativa destes indivíduos.

reforçam a necessidade das pessoas confiaram em sistemas abstratos e em princípios impessoais, por isso a ênfase na necessidade de se “abrir para o outro”, inclusive essa abertura serve também para orientar a busca de uma “auto-identidade” em uma “situação na qual a construção do eu se torna um projeto reflexivo” (GIDDENS, 1991, p. 116).

Entretanto, como é de se esperar, a facilidade e o conforto que os agentes encontram na experiência de viver a “modernidade” e “suas consequências” – segundo a abordagem de Giddens - não são homogêneas. A posição no espaço social e os respectivos “trunfos” que os agentes podem dispor (BOURDIEU, 2004) tornam-se assim reveladores da habilidade com a qual se adaptam a um mundo marcado pela mobilidade crescente (URRY, 2000).

Foram considerados como “migração cosmopolita” aqueles deslocamentos motivados em grande medida por uma predisposição do agente em “acolher a migração” (MA MUNG, 2009), indivíduos que mostraram ter um alto nível de “abertura para o outro” (GIDDENS, 1991), indicando uma “propensão à mobilidade” (BARRETO, 2000). Para continuar as referências ao Bourdieu (1989), são agentes cujas disposições conformam um “gosto” pela mobilidade, viabilizando inclusive que a mobilidade seja expressão de seus “estilos de vida”.

Ainda que se reconheça que alguns migrantes que foram “enquadrados” na modalidade migratória “laboral” ou “afetiva” podem ter a mesma disposição para “ser móvel”, a diferença manifesta-se devido ao peso relativo dos constrangimentos estruturais. Estes “migrantes cosmopolitas” sofreram poucos obstáculos (em alguns casos, quase nenhum) para viabilizar seus projetos migratórios, mesmo quando não tinham o suporte de capital social que tendem a servir como facilitadores dos deslocamentos. A exceção a ser destacada é o caso de Rômulo, pois sua mobilidade foi viabilizada graças a sua profissão e competência em passar por processos seletivos. Ele nasceu em 1966, em Belo Horizonte. Aos 19 anos começou a dançar como bailarino clássico. Foi para São Paulo em meados dos anos 1980, onde viveu durante uns cinco anos. Em janeiro de 1991 foi para a Europa participar de audições e no meio daquele ano deixou o Brasil, rumo à Alemanha, onde foi integrar uma companhia de ballet. Ficou cerca de três anos na Alemanha, e depois ingressou em uma companhia

parisiense. Sem dúvida, no caso de Rômulo a sua profissão é importante para entender sua trajetória, pois como ele mesmo disse, é muito comum que bailarinos clássicos brasileiros partam para a Europa ou Estados Unidos. Ou seja, objetivamente, a profissão de Rômulo lhe permitiu migrar para a França e ter um visto de trabalho para lá permanecer. No entanto, o que o entrevistado destaca de seu processo migratório foi a oportunidade de realizar o seu desejo de "ver o mundo":

> Eu, eu quando saí do Brasil, eu saí muito bem, tinha uma posição muito boa na Companhia, a Companhia estava indo muito bem, eu dançava bem, [...] eu ganhava uma boa grana, não tinha nada...Eu estava assim, no auge, né, minha época de ouro, os últimos três anos que eu estava no Brasil. Eu saí porque eu tinha amigos que vieram e, eu sempre tive muita curiosidade de, de viver em outros lugares, de falar outras línguas...[...] Eu vim pra... (longa pausa) Eu vim porque eu tinha vontade de ver o mundo... [Rômulo em entrevista realizada em 28/05/2012]

Ele contou-me que saiu da Alemanha e foi para a França justamente porque as companhias francesas tinham uma atuação mais internacionalizada, o que lhe permitiria "viajar para o mundo todo" a trabalho. O plano deu certo, inclusive Rômulo contou-me que teve em determinadas ocasiões problemas quando passava pela imigração nos aeroportos que questionavam sua mobilidade "excessiva", registrada por meio da quantidade de carimbos em seu passaporte. Um destes episódios foi narrado durante a entrevista que me concedeu:

> Uma vez quando eu chegava, estava chegando do Brasil, morava em Paris ainda, e, tinha a Vasp ainda, que voava até Bruxelas, e era bem mais barato que a Varig, ainda, de Paris. Então quando eu estava voltando de Bruxelas, quando eu apresentei meu passaporte, a menina pegou um telefone e falou "Aguarde", e veio um senhor que veio me buscar "*Venez avec moi*", me levou na sala dos clandestinos, onde deixam o pessoal tomar um chá de banco, né, e fiquei esperando, esperando, esperando e a pergunta era porque, se eu não morava na *Belgique*, porque que eu, que era a terceira vez que eu passava por ali [...] [Rômulo em entrevista realizada em 28/05/2012]

Ele vive na França desde 1994. Quando me concedeu a entrevista, Rômulo tinha o próprio negócio, vivia em Aix-en-Provence e não dançava mais profissionalmente. Foi casado com uma inglesa, com a qual teve dois filhos.

Cassiano nasceu no Rio de Janeiro em 1977. Fez graduação em Música em uma universidade carioca e participou de um intercâmbio realizado por meio de uma escola de música e que o levou a passar alguns dias na França, no ano de 2000. Alguns anos depois, Cassiano obteve a cidadania portuguesa por origem familiar e com isso, disse-me, ele pôde colocar em prática seu desejo de ir para Europa, pois "sabia que queria vir

para a Europa, só não sabia para qual país" [Cassiano em entrevista realizada em 11/09/2012]. Devido ao intercâmbio realizado, ele estabeleceu alguns contatos que acabaram influenciando sua decisão. Cassiano chegou a Paris em junho de 2006 e escolheu a cidade, segundo seu depoimento, por ser uma capital, aspecto que para ele traz muitas facilidades: "gosto de cidade grande, é mais fácil para arrumar trabalho e eu estou acostumado" [Cassiano em entrevista realizada em 11/09/2012]. Através da comunidade chamada "Brasileiros em Paris" no *Orkut*, contou-me que fez os primeiros contatos para obter trabalho e moradia. Trabalhou como barman, fez *baby-sitting* e outro "bicos" até que começou a dar aulas de piano. Na época em que me concedeu a entrevista, Cassiano tinha vários alunos e conseguia se manter apenas com a música. Entre as coisas que mais gosta de viver em Paris, Cassiano citou "estar na Europa e a facilidade para circular" [Cassiano em entrevista realizada em 11/09/2012]. Ele tinha planos de ir viver na Alemanha, estava estudando alemão enquanto esperava uma "oportunidade".

Outros dois casos são o de Érica e Marcílio, cujos projetos migratórios foram analisados atentamente no segundo capítulo. Érica é paulistana, formada em administração de empresas. Ela decidiu ir para a Irlanda realizar seu "sonho de estudar [inglês] fora do Brasil" [Érica em entrevista realizada em 02/07/2012]. Disse-me que estava cansada do trabalho e que precisava se afastar um pouco. Seu namorado, Raul estava desempregado e se animou com o projeto. O casal foi para Dublin em 2006 com o projeto inicial de permanecer seis meses. Gostaram da experiência e a permanência se estendeu para quatro anos, até que Raul obteve a cidadania italiana por origem familiar e nasceu um novo projeto de reemigração: "a partir daí a gente começou a pensar no passaporte, conseguir o passaporte pra mudar de país. Não necessariamente seria França, mas poderia ser qualquer um outro" [Érica em entrevista realizada em 02/07/2012]. As "opções" que eles tinham foram estabelecidas, segundo Érica me contou, por causa dos contatos com amigos. Consideraram ir para a Alemanha, Espanha e França. A França foi eleita, pois o marido de Érica tinha intenção de fazer um curso de culinária no país, área na qual a França é bastante reconhecida. Chegaram em Marselha, onde tinham um amigo, em julho de 2010. Novamente, o plano inicial era de uma permanência temporária: queriam ficar um ano e voltar ao

Brasil após esse período. Trabalhos e boas oportunidades surgiram e o casal desistiu de retornar. Quando me concedeu a entrevista, eles haviam se casado oficialmente há poucos meses e tinham acabado de comprar um apartamento. Érica considerava a possibilidade de retorno, pois queria ter filhos, e se sentia insegura de viver esta experiência longe da família. Ao mesmo tempo, reconhecia os benefícios de morar na França e que voltar talvez lhe fosse exigente:

> Quando eu volto pra Brasil que eu olho tudo aquilo... A primeira vez que eu voltei pro Brasil, eu fui sozinha. E eu falei, eu liguei pro Raul lá e eu falei: "eu acho que eu não me acostumo mais com isso". Porque as pessoas que estão lá [no Brasil], se eu voltar, as pessoas que estão lá não sabem o que eu vivi, o que eu já vi, a experiência que eu tenho. E pra eu me adaptar e tentar colocar isso na cabeça das pessoas, eu vou ficar parecendo um "E.T." no meio daquilo. Eu não sei se eu me acostumaria de novo. [Érica em entrevista realizada em 02/07/2012]

Marcílio é um poliglota (fala inglês, espanhol, francês e italiano – além do português) que tem cidadania italiana e uma trajetória marcada por intensa mobilidade. Morou no Canadá, na França, na Itália e na Inglaterra. Por causa de uma relação afetiva, ele vivenciou algumas "idas e vindas" entre Europa e Brasil, mas o relacionamento havia terminado e Marcílio estava pela terceira vez vivendo em Lyon, cidade que ele disse "adorar" e da qual não tinha mais expectativas de partir, tendo em vista que os outros retornos foram motivados pelo relacionamento e com seu fim, nada mais lhe prendia ao Brasil.

Estes migrantes mostraram, a exceção de Rômulo, que a posse de um passaporte europeu no contexto do espaço de livre circulação europeu garante um estatuto diferenciado para o brasileiro, que ganha com a posse da cidadania europeia, o direito à mobilidade em um mundo no qual nem todos têm esse privilégio, afinal como aponta Bauman (1999), a distância não é um dado objetivo, assim como as fronteiras apresentam-se como um "fenômeno estratificado de classe" (BAUMAN, 1999, p. 19). É por isso que Guilherme pôde "decidir" viver e trabalhar na França sem precisar passar pelo filtro da política migratória. O mesmo se aplica ao Cassiano e ao Marcílio. Érica ainda não tinha um passaporte europeu, mas entrou na França com um visto de residente irlandês e como seu marido é cidadão italiano, ela obteve com facilidade o título de residente francês e já planejava pedir a nacionalidade italiana após os três anos de casamento que a lei exige.

Outros dois casos em que foram identificadas marcas de “cosmopolitismo”, são trajetórias que evocaram um interesse particular pela França, que alimentava uma “criação migratória”, ao mesmo tempo que experiências de rupturas biográficas mostraram-se como o estopim para a gênese de projetos migratórios.

Alberto é psicanalista e segundo me contou, sua ligação com a França passa por sua profissão. Nasceu em Recife, em 1962, e de acordo com sua narrativa, sua família era “rica e conservadora”. Passou a adolescência e parte da vida adulta no Rio de Janeiro e depois foi para Campinas. Foi desta última cidade que Alberto partiu em 1990 tendo como destino a França. Para ele, esse projeto tem relação com três eventos: o interesse pelo psicanalista francês Jacques Lacan, a vitória eleitoral do Collor vivida com muita decepção e um aborto espontâneo sofrido pela namorada da época.

Segundo Alberto, era a primeira vez que ele foi para a Europa; mas acabou sendo uma ida sem volta. Isso porque depois da emigração, Alberto disse-me que voltou “algumas vezes” ao Brasil, mas ele não se considera mais brasileiro e disse-me que usa apenas seu passaporte francês, mesmo nas raras vezes que veio ao Brasil. Casou-se com uma francesa e eles tiveram três filhos. Segundo sua narrativa, a relação que ele tem com a França hoje é “muito forte e vai além do Lacan”. Alberto tem um elegante consultório em Paris, onde atende clientes franceses em sua maioria, mas também alguns brasileiros.

No caso de Elba, a morte do pai deflagrou uma inquietação com o futuro que a fez deixar tudo para traz e partir para a Europa:

> Na verdade, eu saí do Brasil em oitenta e cinco. Tem muito tempo. É... Eu fiz Psicologia, no Brasil. E... E... Eu sou do Rio, mas eu tava em Salvador, na época. Terminei... Em Salvador. E... Pouco antes de eu me formar – eu me formei em oitenta e quatro... Em oitenta e três meu pai morreu. E... Aí, sabe, assim? Dá aquela, tipo aquela virada na vida, assim, cê bota tudo... Questiona tudo. Né? Ele morreu **cedo**, novo e tudo. E... Aí, eu falei: “Putz! A vida... Tem, tem que aproveitar.” Não “aproveitar”, sair bebendo, fumando, quebrando. Né? Não é isso. Assim, mas tem que... Viver intensamente. Né? [...] Não esperar assim “ah, quando eu tiver aposentado, quando eu tiver dinheiro, quando eu isso, quando eu aquilo...”, né? Tem que viver o presente. E, foi mais ou menos isso. [...] E sempre tive esse bicho carpinteiro de... Num querer ficar muito parada. [...] [Elba em entrevista realizada em 13/09/2012, grifo para indicar ênfase da fala]

Como ela mesma expôs, a perda repentina a estimulou a buscar novas experiências. Um ano antes de se formar, Elba começou a se preparar para a viagem, como ela disse “administrando as coisas” para poder partir. A França foi o destino

escolhido por haver um interesse particular pela França e pelo idioma francês. Quando era adolescente, Elba fez um intercâmbio e viveu seis meses nos Estados Unidos, mas quando planejou emigrar, o destino-alvo eleito foi a França. Elba mencionou que seu pai também tinha esse interesse pela França, fato que talvez explique sua busca que engendrou seu projeto migratório.

Ela deixou o Brasil tendo como objetivo "passar" pela Espanha e ir para a França. A partir de Nice, litoral sul francês, ela conseguiu um trabalho como *au pair* na Córsega:

> Aí, peguei minha mochila. Na época, eu consegui uma passagem só de **ida** – o que é [*rindo*] extraordinário. Uma passagem muito barata, com a *Lan Chile*, que ia pra, pra Espanha. Só de ida. E peguei esse avião, com uma mochila. [Pausa] Eu tinha... Contatos, mas assim, tipo vizinho da prima do... do... do parente distante. E aí fui assim. [...] Fui pra Nice. Porque eu tinha... Eu tinha conhecido uma francesa, em Salvador, que me deu umas aulinhas de Francês [...] Aí fiquei um pouquinho na casa dela. [Pausa breve] Na casa dos pais dela. E... Lá mesmo, em Nice, eu fui ver uma agência de *fille au pair*. Eu não tinha, é, documentos, né, pra trabalhar. Então, ficava meio difícil, mas eles estavam desesperados, procurando alguém pra ir pra Córsega. Porque ninguém queria ir pra Córsega, pra ser *fille au pair*. Aí eu fui. Menos de um mês depois de ter saído do Brasil, eu estava na Córsega. E – quando eu saí do Brasil eu nem sabia onde era a Córsega, não tinha nem a **mínima** ideia. Mas era mais ou menos essa a ida, a **ideia** que eu tinha na cabeça, quando eu saí do Brasil, era essa: era ir lá, onde o vento me levava, onde eu estava sendo chamada, entendeu? [Elba em entrevista realizada em 13/09/2012, grifos para indicar ênfase da fala]

Lá viveu durante 4 anos trabalhando como garçonete, durante a maior parte deste período. Depois conheceu um francês e foi com ele para Paris. Casaram-se para regularizar a situação de Elba. Ela decidiu retomar os estudos e ingressou numa formação para trabalhar como tradutora. Separou-se deste francês, mas casou-se novamente e adotou uma criança, que é brasileira. Atualmente está separada, trabalha como tradutora autônoma e vive com o filho em Paris. O retorno é uma ideia remota, motivada pela saudade, mas de acordo com sua narrativa inviabilizado por questões mais objetivas.

Quadro 11. Entrevistados que foram identificados como “cosmopolitas” - França (2012)

N°	Nome fictício entrevistado/a	Data da realização da entrevista	Cidade/Local da entrevista	Ano Nascimento	Ano de Chegada na França	Local de nascimento	Local de residência anterior a saída do Brasil	Outro país de residência anterior a França	Outra nacionalidade	Documento francês	Retorno	Ocupação
1	Alberto	28-08-2012	Paris, França	1962	1990	Recife	Campinas	-	-	Nacionalidade francesa	Não	Psicanalista
2	Cassiano	11-09-2012	Paris, França	1977	2006	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	-	Portuguesa	-	Sim	Músico
3	Elba	13-09-2012	Paris, França	1959	1985	Rio de Janeiro	Salvador	-	-	Nacionalidade francesa	Não	Tradutora
4	Érica	02-07-2012	Marselha, França	1980	2010	São Paulo	São Paulo	Irlanda	Italiana	-	Não sabe	Manicure
5	Guilherme	29-05-2012	Marselha, França	Não informou	2010	Interior do RS	São Paulo	Itália	Italiana	-	Não	Gerente de Loja
6	Marcílio	16-10-2012	Lyon, França	1974	2012	São Paulo	São Paulo	Canadá, Inglaterra e Itália	Italiana	-	Não	Funcionário de Empresa Multinacional
7	Rômulo	28-05-2012	Aix-en-Provence, França	1966	1994	Belo Horizonte	São Paulo	Alemanha e Inglaterra	-	Visto de Residente	Sim e Não	Empresário

Capítulo 4. Uma análise do processo de imigração: os brasileiros e a França

Passando de madrugada por uma fronteira escura eu me vi
Eu me senti como um refugiado de Cuba
Numa jangada tentando entrar nos Estados Unidos
Atrás da cerca tem um muro
Depois um campo minado
Tem cachorro, tem soldado
O sargento, o coronel
Eles pedem documento
Mandam você ficar pelado
Te olham desconfiado
Te tratam a pontapé
Passaporte brasileiro
A polícia nem escuta
Se é homem é traficante
Se é mulher é prostituta
Quem é que manda em você?
Quem é que manda em você?
Quem é que manda em você?
Se você deixa mandar
Eu sei que a liberdade é o inverso do caminho
Olhem os africanos e suas crianças
Num porta-malas tentando passar as fronteiras da França
Os angolanos ilegais em Portugal
Os paquistaneses, os hindus do Reino Unido
Unidos os Alemães contra os turcos perseguidos
Tratado que nem cachorro pra passar uma fronteira
Essa sempre foi a sina do cidadão estrangeiro

Márcio Faraco

Existe uma expressão polêmica bastante utilizada na França que é o “français de souche” – cuja tradução seria “francês de origem”. Utilizada no contexto da presença de estrangeiros e de imigrantes no país, a expressão geralmente evoca uma marcação distintiva, por se referir aos franceses que possuem ascendência majoritariamente ou totalmente francesa tendo em vista os franceses naturalizados e os franceses de famílias de origem estrangeira[217]. Segundo estimativas, em 1999, havia 14 milhões de franceses imigrantes ou que tinham pais ou avós de origem estrangeira, número que representa um quarto da população francesa (TRIBALAT, 2004).

Diferentemente de outras nações europeias, a França apresentou historicamente baixas taxas de natalidade, um crescimento populacional modesto que repercutiu em escassez de trabalhadores; neste contexto, em diversos momentos de sua história, o país adotou políticas de atração de trabalhadores estrangeiros (BLANC-CHALÉARD, 2001). Após a 2ª Guerra Mundial, o recrutamento foi institucionalizado com a criação do “Office National d´Immigration”, órgão estatal concebido para gerenciar a vinda de trabalhadores estrangeiros e administrar os processos de assimilação e de repatriamento relacionados. Até 1974, quando foi anunciada a suspensão oficial da imigração, com exceção do direito de asilo e da reunificação familiar, a França tinha 3,5 milhões de estrangeiros que eram majoritariamente portugueses, argelinos, espanhóis, italianos e marroquinos (WEIL, 2004).

Em meados dos anos 1970, a população imigrante representava 7,5% da população francesa e ao longo dos anos 1980 e 1990 essa proporção ficou estável (BOËLDIEU e BORREL, 2000). O dado mais recente divulgado pelo “Institut National de la Statistique et des Études Économiques” (INSEE), de 2008, indicava que a população imigrante representava 8,4% da população total do país.

Apesar do percentual não ser tão expressivo se compararmos à proporção de imigrantes em outros países como Suíça (22%), Austrália (21%) e Canadá (20%)[218], o tema da imigração recebe grande atenção na agenda pública francesa, é assunto obrigatório nas campanhas políticas e contemplado pelos meios de comunicação de

[217] De acordo com Wieviorka (2008), o termo “français de souche” é uma terminologia usada pelas direitas radicais, sendo expressão de uma concepção racista que acusa particularmente os imigrantes norte-africanos de ameaçar a identidade nacional.
[218] *cf* Pison (2010)

massa[219], um cenário no qual o tema da imigração tem sido abordado como "problema":

> [...] ao longo dos últimos anos, a relação da França com seus imigrantes parece ter se tornado cada vez mais complicada, e a tendência para considerar a imigração como um problema de segurança e o imigrante como uma ameaça à integridade física e cultural do país parece ter se estabelecido como uma das características mais marcantes da vida política francesa na atualidade (REIS, 2006, p. 70-71)

E quando se discute politicamente a imigração na França, o uso do termo "integração" aparece frequentemente associado. Inclusive um Ministério Francês criado, em 2007, pelo presidente na época Nicolas Sarkozy, foi intitulado como "Ministério da Imigração, da Integração, da Identidade Nacional e do Co-desenvolvimento". Segundo Stoicea-Deram (2009), a criação do Ministério e a reunião dos termos mencionados teve repercussão e gerou diversas reações, pois no "espírito" em que foi concebido era como dizer: "a imigração traz problemas à integração, ameaça à identidade nacional, para limitá-la é necessário investir em co-desenvolvimento"[220] (p. 31 – tradução nossa). Em 2010, o tal Ministério foi suprimido e a gestão da imigração ficou a cargo do Ministério do Interior sob a alçada da "Secretaria Geral de Imigração e Integração"[221]. Esta disposição foi mantida até agosto de 2013, durante o governo do presidente Hollande eleito em maio de 2012, quando um decreto instituiu a "Direção do Geral dos Estrangeiros na França"[222].

Ainda esta tese não tenha o intuito de se enveredar pela perspectiva da linguística, a análise sobre a junção de tais expressões – imigração e identidade nacional ou imigração e integração – na composição dos antigos órgãos públicos responsáveis pela gestão da política migratória mostra-se como um ponto de partida

---

[219] Diversos autores abordam a ênfase que o tema da imigração recebe no debate público francês, particularmente por causa do retorno da extrema direita francesa, através do partido político chamado *Front National*, a partir dos anos 1980, que toma a imigração como um problema para a nação francesa (BLANC-CHALÉARD, 2001; NOIRIEL, 2006; REIS, 2006).

[220] Tradução livre do original em francês: "l'immigration pose de problèmes à l'intégration, menace l'identité nationale, pour la limiter il faut investir dans le codéveloppement" (STOICEA-DERAM, 2009, p. 31).

[221] O referido Ministério foi criado pelo decreto de 18/05/2007 relativo à composição do início do governo de Sarkozy e foi suprimido por outro decreto, de 14/11/2010 que também aborda a questão da composição governamental. Os textos dos referidos decretos podem ser encontrados no sítio eletrônico francês <www.legifrance.gouv.f> que disponibiliza a publicação eletrônica do Jornal Oficial da República da França (JORF). Consultar JORF nº 115 e n°0265 respectivamente.

[222] O novo órgão responsável por gerir a política migratória foi criado pelo decreto n° 2013-728 de 12/08/2013 segundo disposto em <www.legifrance.gouv.f> no JORF n° 0188.

privilegiado para se refletir sobre o "lugar" que o "estrangeiro"[223] ocupa na sociedade francesa contemporânea. Considero relevante apontar, no entanto, que este é um processo social, e como tal não se realiza sem divergência ou conflitos, dado que não há uma uniformidade ideológica entre todos os cidadãos franceses[224]. Em outras palavras, reitera-se que não se considera que todos os franceses vejam a imigração como uma "ameaça". No entanto, o entendimento dessa associação de palavras, revela algumas dimensões que precisam ser consideradas numa discussão sobre as relações que se travam entre os migrantes e a sociedade que lhes recebe; inclusive porque tais perspectivas orientam a gestão da política migratória e desenham as possibilidades de inserção dos imigrantes na sociedade hospedeira. Este é o cenário no qual a imigração brasileira na França vem crescendo, daí a importância de se referenciar e contextualizar esse chamado processo de integração.

A situação dos brasileiros como estrangeiros ou imigrantes na França fica relativamente amenizada pelo fato de que apesar de não serem "franceses de origem", ao menos compartilham os elementos da cultura ocidental. Segundo o Departamento Cultural e de Cooperação do Consulado Francês de São Paulo, 80% dos franceses, que trabalha com brasileiros, fica satisfeito com a formação técnica e acadêmica deles, aspecto que é ainda mais positivo, segundo o funcionário francês do Consulado, pela "facilidade de integração do brasileiro na cultura e no modo de vida francês"[225]. As entrelinhas revelam que, por esses motivos, estudantes e profissionais qualificados brasileiros são bem vistos pelas autoridades francesas e são *a priori* benvindos na França. Entretanto, isso não significa que todos brasileiros são ou serão bem recebidos, pois há os "não-eleitos", aqueles que são afetados pelas restrições colocadas pelas

[223] O termo aparece entre aspas aqui e em alguns outros momentos do texto por uma questão de imprecisão conceitual. Isso porque segundo a concepção jurídica francesa, o estrangeiro é alguém nascido no exterior, que vive na França e que não possui a nacionalidade francesa. Por outro lado, o imigrante é um estrangeiro e que deixou essa condição por obter a nacionalidade francesa através da naturalização. No entanto, como aponta Sanchez-Mazas (2004), nem sempre o reconhecimento jurídico é acompanhado pelo reconhecimento social. Dessa forma, um "imigrante" pode ser visto pela sociedade de acolhimento como um "estrangeiro" não importando se adquiriu ou não a cidadania.

[224] Inclusive Reis (2006) argumenta como se combinaram, de um lado, os processos de fortalecimento do que se pode denominar como um ativismo imigrante, devido às lutas e às reivindicações dessa população e, de outro, o aumento das manifestações racistas e xenófobas na sociedade francesa.

[225] Informações obtidas em entrevista realizada com o Chefe do Departamento Cultural e de Cooperação do Consulado Geral da França em São Paulo em 02/12/2011.

regras de entrada e de permanência de estrangeiros no país[226].

Mais uma vez dimensões de seletividade entram em jogo, dado que os diferentes tipos de brasileiros tendem a receber tratamentos também diferenciados conforme seu estatuto socioeconômico e a forma da modalidade migratória (estudante, reunificação familiar, profissional etc.). Se existem diferentes modalidades migratórias e imigrantes brasileiros na França, as formas de instalação destes são também distintas, a depender do tipo de inserção na sociedade receptora. Neste sentido, revelam-se claramente os efeitos das regras políticas e sociais na dinâmica envolvida no projeto e na realização da migração. A "experiência migratória" dos brasileiros na França assume então especificidades, que impactam os projetos migratórios, das motivações às possibilidades de enraizamento na França.

4.1. Identidade nacional e imigração na França

Para pensar o lugar do estrangeiro na identidade nacional francesa será feita aqui uma discussão sobre o Estado-Nação francês. Esse exercício se colocou como necessário na medida em que do ponto de vista político, forças sociais francesas articulam um discurso que abastece uma relação conflituosa da França e do francês com aqueles que são estrangeiros e/ou imigrantes, ao classificá-los como uma ameaça à integridade da identidade nacional francesa (MAILLOT, 2008; REIS, 2006). Esses conflitos assumem maior relevância no contexto da globalização e do enfraquecimento do Estado-Nação, devido aos processos inversos de reinvenção do nacional que tendem a ser produzidos (REIS, 1997).

A reflexão sobre a ideia de nação e de sua identidade demanda um olhar para os processos que lhes deram origem. Hobsbawm (2005) afirma que a nação é um artefato, sua gênese não foi espontânea, sendo ao contrário, meticulosamente construída pela capacidade que algumas instituições tiveram de "*impor* a uniformidade nacional"

[226] Os brasileiros ocupavam a quarta posição no *ranking* das nacionalidades retidas nos Centros de Retenção Administrativa - que via de regra é obrigada a deixar o território francês, sendo reconduzida ao Brasil - segundo relatório conjunto de organizações francesas: em 2010, os brasileiros representavam 4,5% dessa população (LA CIMADE, 2011). No relatório relativo ao ano de 2011, os brasileiros estavam em quinto lugar no referido *ranking*, com a proporção 3,3% do total de retidos, sendo em número 806 casos (LA CIMADE, 2012). É importante lembrar que esses números contemplam os casos de retenção no território da Guiana Francesa.

(HOBSBAWM, 2005, p. 142, grifo do autor). Esse processo envolve desafios objetivos como, por exemplo, fazer com que todos falem a mesma língua. No entanto, a tarefa mais difícil tem uma dimensão subjetiva, porque depende da construção dos elos simbólicos e ideológicos que ligam os indivíduos à nação. A nação para existir precisa ancorar-se em sentimentos nacionalistas, e eles se instituem no âmbito dos imaginários sociais.

De acordo com Baczko, a criação da nação pode ser vista como a formação de um mito moderno político. O Estado-Nação tem uma dimensão de mito porque sua formação depende de um discurso que narra uma história primordial, revela as origens constitutivas, e que por consequência abastecem as construções de uma identidade coletiva (BACZKO, 1991). Ao mesmo tempo, tem uma dimensão política porque esse "artefato" encerra e transmite representações simbólicas do poder, que servem à legitimação das relações de forças existentes ou postuladas no campo político.

A adesão à identidade nacional articula-se, nessa perspectiva, ao processo de construção da Nação e ao reconhecimento daqueles que a integram, sendo uma forma de identidade compartilhada por um grupo. Como aponta Dubar (2009), as formas identitárias tradicionais, no sentido de serem mais antigas e ancestrais, são comunitárias porque se vinculam a uma convicção de que existem "agrupamentos" – definidos como "comunidades" – que cumprem funções importantes e que são relativamente imutáveis, tais como as "nações": "esses grupos de pertencimento são considerados [...] como fontes 'essenciais' da identidade" (DUBAR, 2009, p. 15).

Na concepção de Gellner (1993) o nacionalismo (que se conjuga à identidade nacional) surge a partir da constituição do Estado, sendo que o último emerge quando há instituições especializadas na manutenção da ordem e que são separadas do resto da vida social. O centralismo político é uma condição necessária para o florescimento do nacionalismo, mas não é a única, pois o nacionalismo só surge em alguns Estados. Para Gellner, o nacionalismo desponta quando algumas forças profundas e enraizadas na vida social se põem em movimento, de forma que seu percurso "universaliza" uma experiência elitista. Quando isso ocorre, segundo o autor, as relações entre as instituições políticas e a cultura alteram-se; a cultura erudita se difunde pelo conjunto da sociedade, sendo que esta cultura é definida e a apoiada pela organização política. A

questão para Gellner é que nas sociedades industriais, a cultura erudita precisa do Estado e isso explica a emergência das nações. Dada a instabilidade e a desordem que marcariam as sociedade industriais, o nacionalismo emerge como uma forma de obstaculizar a "entropia" que lhe é inerente (GELLNER, 1993).

No caso da França, segundo Thiesse (2000) a queda da Bastilha forneceu um substrato simbólico para a identidade nacional no qual se destacam a resistência à opressão e a autonomia para fazer a nação. A experiência revolucionária colocou a política liberal e a questão da democracia na "agenda", inaugurou o conceito e o vocabulário do nacionalismo: "Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa" (HOBSBAWM, 2006, p.83).

Porém, a construção da nação não é uma tarefa simples, mesmo no caso da França, dado seu pioneirismo na construção nacional-republicana: "É motivo de orgulho para a França, ter proclamado com a Revolução Francesa que uma nação possa existir por si mesma" (Renan, 1991, p. 38, tradução nossa)[227]. É preciso ainda fazer a trama constitutiva do "espírito" da nação ou do sentimento nacionalista (GELLNER, 1993).

Conforme Thiesse (2000), o processo de construção identitária das nações passa por duas etapas fundamentais. Primeiramente, os antepassados devem ser identificados, pois neles estão as origens primordiais da nação. A identificação dos antepassados depende, segundo a autora, do conhecimento e do resgate da cultura do "povo"; e desde o século XVIII se difundiu na França a tese de que a nação seria ocupada por dois povos, os gauleses e os francos. Os primeiros teriam sido escravizados pelos segundos, gerando a dissociação entre o terceiro estamento e a nobreza. Para Thiesse, a função desta tese era legitimar os direitos dos nobres como intangíveis. Por outro lado, a aristocracia aparece como estrangeira à nação devendo portanto ser exilada; fato que teria repercutido na dimensão que a revolução assumiu naquele país (THIESSE, 2000).

Como servem ao exercício do poder, as representações sociais em torno da

[227] No original: "C'est la gloire de la France d'avoir, par la Révolution française, proclamé qu'une nation existe par elle-même" (RENAN, 1991: 38).

origem da nação evocam os antepassados, e esta identificação depende do contexto político e de disputas ideológicas. De acordo com Thiesse, a ideologia tradicionalista defende que a França surgiu dos francos e dos gauleses. Todavia, a autora aponta que depois da Revolução Francesa, foram os celtas que se tornaram os antepassados "legítimos", até mesmo para justificar a política expansionista de Napoleão. Os celtas-gauleses representam a resistência à opressão, e são evidências da luta que deu gênese a nação francesa pós-Revolução de 1789 (THIESSE, 2000).

Depois de reconhecer os antepassados, é preciso estabelecer uma continuidade histórica capaz de fornecer os elos que ligam o passado ao presente e, nesse sentido, Thiesse (2000) destaca o papel do romance histórico e do teatro como veículos importantes na difusão das representações que compõem o substrato simbólico da Nação, assim como a criação dos museus nacionais e da construção dos monumentos históricos.

A língua também é importante no processo de construção da identidade nacional porque ela define o idioma "universal" (utilizado em todas as funções) e ao mesmo tempo representa uma "encarnação da nação". A "comunidade linguística" municia o processo de consciência nacional (ANDERSON, 1989).

A questão que interessa aqui é que o nacionalismo funciona como um processo identitário, isto é, serve à categorização de "si mesmo" e consequentemente dos "outros" (DUBAR, 2009). A dinâmica pode ser particularmente conflituosa no contexto contemporâneo, que perturba as formas de identificação pessoal e, segundo Dubar, engendra uma vivência marcada pela "crise das identidades". Na medida em que a forma por meio da qual os indivíduos definem a "si mesmos" é abalada, compromete-se também a sua autoimagem e a sua autoestima; e uma das alternativas que os indivíduos encontram para dar conta desta "crise" é, na perspectiva de Dubar, um retorno às origens, um processo que tende a revalorizar nostalgicamente antigas formas de identificação – como a nacional – e fomentar uma busca das causas do problema que via de regra leva à culpabilização do "outro". É nesse cenário que a relação que se tem com o "estrangeiro" – e por consequência com a imigração e com os imigrantes – torna-se, neste quadro geral de crise, potencialmente crítica, fomentando estigmas sobre o "outro".

Isso porque a construção da nação é um processo articulado a uma homogeneização: ter o mesmo passado, falar a mesma língua, partilhar os mesmos mitos; aqueles que se reconhecem nestes elementos e são por eles reconhecidos serão incluídos na nação e terão o status de cidadão. É por isso que segundo Blanc-Chaléard (2001) a construção política que engendrou a nação no final do século XVIII está intimamente associada à transformação das pessoas em cidadãos, detentores de uma nacionalidade compartilhada. Essa identificação identitária – pertencer àquela nação – engendra o nacionalismo que em contextos de crise e/ou de perigo toma a figura do estrangeiro como sendo o potencial inimigo (BLANC-CHALÉARD, 2001). Em outras palavras, a formação nacional é um processo de inclusão – pela necessidade de agregar diferentes povos e culturas e dar-lhes um senso de totalidade – e simultaneamente um processo de exclusão, ao compor os filtros que definem aqueles que não serão integrados. De acordo com Sanchez-Mazas (2004), a problemática da xenofobia (enquanto racismo em relação ao estrangeiro) situa-se exatamente no contexto dos Estados-Nação e da exaltação de um "senso nacional" e da invenção da ideia de nação.

A modernidade tem, como aponta Sanchez-Mazas (2004), processos sociais específicos de inclusão e exclusão, pois estes dependem de como a alteridade é vivenciada. A noção de alteridade coloca-se na perspectiva desta autora como parte da construção social do "outro", pensado sempre a partir de uma determinada visão de mundo e que reforça os limites construídos para aquilo que se reconhece como sendo "si mesmo". Essa reflexão tem implicações importantes na argumentação de Sanchez-Mazas na medida em que o entendimento destes processos sociais evidencia como sociedades que receberam imigrantes transformaram o "estrangeiro" em "outro" e enquanto tal este se torna necessariamente um excluído. A autora define como "paradoxo da alteridade", a impossibilidade de que o "outro" seja visto como "ele é" – isto é, como "outro" – e também que seja visto como "um de nós". Por consequência, segundo a autora, a apropriação do "outro" é feita a partir de sua exclusão e não por sua assimilação (SANCHEZ-MAZAS, 2004).

Muitas vezes o reconhecimento jurídico do estrangeiro – quando este é naturalizado cidadão nacional do país de acolhimento ou mesmo quando este possui

documentação que regulariza sua permanência e sua atividade no país – não implica necessariamente em reconhecimento social. Isso ocorre porque há processos sociais que cristalizam o "estrangeiro" como sendo a expressão do "outro" e, assim, não é possível valorizá-lo (SANCHEZ-MAZAS, 2004).

A dimensão por vezes contraditória entre reconhecimento jurídico e reconhecimento social apareceu em algumas das entrevistas realizadas para esta pesquisa quando se perguntou aos imigrantes ou ex-imigrantes brasileiros sobre como se sentiam sendo "estrangeiros" vivendo na França. Serão exploradas algumas situações sobre este aspecto do reconhecimento social negado; são casos que foram expostos por três entrevistados (Margareth, Augusto e Vânia) e que são ilustrativos da discussão teórica apresentada acima.

O depoimento de Margareth insisitiu em mais uma passagem de que ela precisou reagir em diversas ocasiões (no ambiente de trabalho, na relação com vizinhos e na escola dos filhos) frente às discriminações sentidas. De acordo com essa entrevistada, a reação através de respostas ou atitudes "mais firmes" eram necessárias pois assim: "eles [os franceses] entendem que você tem um valor também, porque senão eles acham que eles podem tudo" [Margareth em entrevista realizada em 23/06/2011]. Durante a estada na França, Margareth (e toda sua família) pediu e obtive nacionalidade francesa, no entanto, ela foi incisiva na denúncia de que o reconhecimento jurídico não se traduz necessariamente em reconhecimento social:

> [...] uma vez numa festa escolar, que estava, eles tiraram as carteiras do meio da sala, [...] estava tendo uma apresentação lá [...] Aí, precisava puxar umas mesas e a Ana [brasileira naturaliza francesa, filha da entrevistada] estava perto da mesa que eles queriam puxar. [...] Aí, eu escutei ele [um francês, professor da escola da Ana] falando, eu estava sentada assim, escutei ele falando, 'chama aquela, ah, ah, a menina lá, a brasileira'. Eu olhei pra ele assim fiquei encarando ele. A brasileira! [tom de raiva] Porque pra eles quando fala assim, a brasileira, não é carinhoso, é discriminatório. Porque eles não falam chama 'a francesa', entendeu? [...] Ela tem nacionalidade francesa, mas ela vai ser sempre "a brasileira". [Margareth em entrevista realizada em 23/06/2011] [228].

[228] A filha de Margareth cursava um renomado *Lycée* que prevê uma formação (correspondente ao nível de segundo grau no Brasil) especializada em Ciência e Matemática. Na França, o acesso a esta formação é restrito por causa da elevada concorrência e exigência tanto para ingresso como para a obtenção da titulação. Margareth contou-me que sua filha preenchia todos os requisitos para entrar no referido liceu, mas disse que foi muito difícil conseguir que ela fosse aceita e na sua avaliação isso se explica pelo fato dela ter origem estrangeira e, assim, ser estigmatizada como alguém que deve receber uma formação adequada ao seu estereótipo. Nas palavras de Margareth: "Porque eles [os professores

Outro episódio crítico foi relatado por Augusto que vivenciou uma situação de racismo que o levou inclusive a registrar queixa na polícia. Augusto contou-me que estava dando uma aula de percussão em uma sala disponibilizada pela prefeitura da cidade, uma pequena cidade no sul da França. Segundo sua narrativa, eram seis alunos e a sala era pequena de forma que o pequeno grupo saiu para o exterior, mantendo-se à frente da sala. Pouco tempo depois, teria chegado um vigia do local dizendo que era para o grupo parar com aquele barulho e ameaçou atirar em Augusto que respondeu argumentando sobre a situação. Outro vigilante se reuniu a eles na sequência e disse a Augusto que ele deveria "*rentrer chez toi*". Além da ameaça violenta e improcedente do primeiro vigia, a fala do segundo funcionário também foi extremamente agressiva porque além de sugerir que Augusto, enquanto estrangeiro, deveria "voltar para a tua casa", o uso da segunda pessoa do singular[229] neste caso é um indício de recusa de estima – para usar o léxico de Sanchez-Mazas (2004). De forma que a expressão foi desrespeitosa tanto pelo conteúdo quanto pela forma. Segundo a narrativa de Augusto, ele reagiu argumentando que ele era francês (ele tem a cidadania francesa por meio de naturalização) e acusou o vigia de ser racista. Para resumir esse caso, a aula foi interrompida e Augusto foi à polícia para registrar a ocorrência. No atendimento policial, Augusto teria sido desestimulado a formalizar a queixa, mas ele o fez. Na ocasião em que me concedeu a entrevista, o conflito havia envolvido o diretor do gabinete municipal e Augusto estava decidido a levar o processo adiante apesar de ser desencorajado pelos funcionários da polícia e da prefeitura.

Pode ser que o fato de ser negro e de estar "fazendo barulho", explique o nível da violência que atingiu Augusto, mas também ouvi muitos relatos – como o de Margareth – de ser alvo de um racismo "sútil", às vezes subliminar tal como ilustra a fala de Vânia reproduzida abaixo:

> Eu fiquei me olhando, eu falei assim, eu vou ter que passar o resto da minha vida justificando porque eu estou aqui - porque era isso que eu tinha que responder todo santo dia. Alguém sempre me cruzava e falava: "você tem um acento, você tem um sotaque, de onde você é? O que você 'tá' fazendo aqui?". "Mas o Brasil, o Brasil é um país lindo, o que você está fazendo aqui?". O

franceses] acham que se você é brasileira, por que que você quer ser engenheiro?" [Margareth em entrevista realizada em 23/06/2011].

[229] Na França é costume e sinal de respeito que o tratamento entre desconhecidos ou em espaços públicos seja feito com a segunda pessoa do plural "vós" e nunca "tu".

> "fazendo aqui" deles não era assim: "puxa, o que você está fazendo aqui?" [tom de curiosidade]. Não era: "o que você 'tá' fazendo aqui, teu país é tão maravilhoso" [tom de gentileza]. Na verdade, estava subentendido: "o que você está fazendo aqui, tirando um emprego nosso. O que você 'tá' fazendo aqui, estrangeiro!". Eu comecei a perceber que esse "o que você está fazendo aqui?" não era elogioso, era simplesmente, você está tomando o lugar de alguém que está lá fora. [Vânia em entrevista realizada em 08/06/2011].

4.1.1. A França e seus "estrangeiros/imigrantes"

Ainda que a França seja indubitavelmente um país de imigração (NOIRIEL, 2006; REA e TRIPIER, 2008; WEIL, 2004), tal aspecto não se consolidou junto ao imaginário social que concebeu a identidade nacional do país, como teria ocorrido, por exemplo, nos Estados Unidos (NOIRIEL, 2006). Inclusive esse é o argumento de Noiriel para entender porque a história da imigração na França seria um "ponto cego" da historiografia francesa, um tema desconsiderado na construção da memória nacional. Rea e Tripier (2008) mencionam esse mesmo aspecto, mas traduzem o processo no que chamam de uma "negação de memória", usando o mesmo argumento para justificar a pouca atenção que o assunto teria recebido pela sociologia francesa. Simon (2006) pondera que durante muito tempo vigorou essa "estranha amnésia" – expressão do autor – sobre o papel da migração para a formação da sociedade francesa. No entanto, este último autor reconheceu uma mudança de perspectiva, que na sua visão se dá por causa do aumento das pesquisas históricas sobre o tema e do projeto de criação de um museu nacional dedicado ao assunto[230].

É neste sentido que à questão da imigração na França é permeada de conflitos e omissões[231] que servem para fomentar ainda mais o "problema". Em comparação a outras nações europeias, a França apresenta uma singularidade por ser, segundo Blanc-Chaléard (2001), um país de imigração em um continente de emigrantes[232]. De acordo com Green (2002), a demografia teve um papel importante para o entendimento da imigração no país, em razão da demanda de trabalhadores dada à baixa taxa de

[230] O museu ao qual o autor refere-se é a "Cité Nationale de l'Histoire de l'Immigration" aberto em outubro de 2007 em Paris, no "Palais de la Porte Dorée". Maillot (2008) alega que o custo de vinte milhões de euros mostra a importância dada ao projeto, mas inicia seu livro dizendo que o referido museu foi inaugurado na "maior discrição", sem a presença do então presidente, nem do ministro encarregado do assunto.

[231] O filme francês de Michael Haneke chamado "Caché", cuja tradução pode ser "oculto" ou "escondido", de 2005 aborda esse assunto mesclando imigração, omissão, culpa e ameaça.

[232] Apesar de ter passado por crises econômicas, nunca experimentou fluxos de emigração em massa, sendo esta inclusive desestimulada pelo Estado francês (BIVAR, 2007).

natalidade. A autora faz referência à "angústia demográfica" dada a diminuição do crescimento da taxa de fecundidade que começou na segunda metade do século XIX[233]. As perdas com a primeira guerra e os impactos do pós-segunda guerra fizeram com que a demografia continuasse a ser um emblema da situação francesa. O estímulo à fecundidade poderia ter sido uma alternativa política, mas Green argumenta que diante da dificuldade em intervir diretamente neste campo, políticos, demógrafos e empregadores começaram a aceitar a imigração como uma necessidade, uma "infiltração inevitável", uma "invasão pacífica". Green reconhece que o projeto encontrou oposição, pensadores que não recomendavam "atrair o perigo", no caso o estrangeiro, para dentro do país.

Assim, o déficit demográfico que afetava a oferta de trabalhadores desde o final do século XIX, impulsionou políticas de atração de trabalhadores estrangeiros que, como aponta Weil (2004), se centrou num fluxo de vizinhos, com a imigração de trabalhadores belgas, suíços, alemães, entre outros. O fenômeno assumiu grandes proporções apenas nas primeiras décadas do século XX, quando o número de entrada de trabalhadores estrangeiros em relação à saída registrou um excedente de 1 milhão e 150 mil trabalhadores no períodos 1920-1930 (WEIL, 2004). Segundo Blanc-Chaléard (2001), em 1931 foram contabilizados 3 milhões de estrangeiros na França, ou 6,6% da população total, um crescimento significativo em relação aos dados de 1911, quando os estrangeiros representavam 3% da população total da França.

A crise econômica dos anos 1930 reverberou em um protecionismo da mão de obra nacional, inclusive sendo palco da manifestação da xenofobia por parte dos trabalhadores franceses; com registro de expulsões massivas no período 1932-1935 (BLANC-CHALÉARD, 2001).

O período do governo Vichy, durante a ocupação nazista, registrou também uma diminuição na porosidade das fronteiras francesas, mas o freio foi revertido após 1945, quando novamente a França instituiu uma política de imigração aberta, para atrair a força de trabalho essencial para a reconstrução do país (GREEN, 2002). O Office

[233] Segundo Green (2002), a explicação do fenômeno já evocou a questão das leis de sucessão, dos impostos, a laicidade, o espírito calculista, o individualismo crescente, entre outros.

National d´Immigration (ONI)[234] foi criado em 1946 exatamente para organizar o recrutamento de trabalhadores estrangeiros e os processos de assimilação e de repatriamento relacionados (WEIL, 2004).

A imigração tornou-se uma prioridade durante o governo provisório do general Charles de Gaulle (1944-1946) e no "espírito da libertação", segundo Blanc-Chaléard (2001), foi recusada a seleção étnica na política de imigração adotada pelo país, que se visualiza no primeiro código de imigração através das ordenanças de 1945. Estas passaram a reger as condições de acesso à nacionalidade francesa e a regulamentar a prática de trabalho e a atividade profissional dos estrangeiros. Apesar do aparato jurídico (política migratória) e institucional (criação do ONI), os fluxos que entram sob tais controles foram tímidos e, de acordo com Blanc-Chaléard, foi a imigração argelina que mais aumentou, um fluxo que não passava pelo ONI e que desta forma não foi controlado, inclusive porque um estatuto em 1947 liberou a circulação de argelinos em território francês metropolitano[235].

Em meados dos anos 1950, o fluxo de trabalhadores com passagem pelo ONI cresceu tanto que 100 mil trabalhadores foram regularizados com contratos de trabalho entre 1956-57 (BLANC-CHALÉARD, 2001). Após 1958 foram assinados acordos para imigração de trabalhadores com diversos países tais como: Alemanha Ocidental, Espanha, Portugal, Turquia e nos anos 1960 com Tunísia e Marrocos que eram países recém-independentes. Ou seja, como aponta Blanc-Chaléard é uma época de fluxos de imigração massivos e diversificados do ponto de vista das origens:

> Os fluxos de imigração têm origens diversificadas e os 'contratos ONI' acabam por se tornar uma raridade. A forma mais usual é a entrada com um passaporte de turista, os vistos tinham sido abolidos para a maioria dos países exportadores de mão de obra. As empresas tomam o hábito de ir recrutar diretamente na origem, particularmente no Norte da África. [...] Para os portugueses, o governo recusa a deixá-los partir apesar dos acordos, é o tempo de emigração *a salto* [como a emigração "irregular" era chamada pelos portugueses], sem papel, a mercê dos atravessadores de todos os tipos. Ilegalidade? O procedimento de regularização em seguida é justamente visto como um incentivo. A taxa de regularização, que já era de 50% em 1957, chega em 82% em 1968 (BLANC-CHALÉARD, 2001, p. 62, grifo do autor, tradução

[234] Em 1987 o antigo ONI transformou-se no Escritório das Imigrações Internacionais, mudança executada já num contexto de reversão da política migratória.

[235] Blanc-Chaléard (2001) evidencia seu argumento citando que de acordo com o recenseamento de 1946 havia 20 mil "muçulmanos da Algéria" segundo a classificação do próprio recenseamento, sendo que em 1954 eles eram 200 mil.

nossa)[236].

É por isso o período que vai de 1945 a 1975 são conhecidos como os "trintas anos gloriosos da imigração" na história da França (BLANC-CHALÉARD, 2001; TAPINOS, 1992). O crescimento econômico expressivo dos anos 1960 generalizou a necessidade de trabalhadores para toda a Europa, apesar de se manter a crença também partilhada de que esta imigração seria temporária, pois como apontam Rea e Tripier (2008), a representação dominante na Europa sobre o trabalhador migrante é a do *Gastabeiter* que as autoras traduzem para o inglês como "wanted, but not welcome" (p. 90). É exatamente o que Sayad ponderava, em um texto publicado em 1979, quando disse que o interesse econômico construiu uma tolerância:

> Enquanto a expansão econômica, grande consumidora de imigração, precisava de mão de obra imigrante permanente e sempre mais numerosa, tudo concorria para assentar e fazer com que todos dividissem a ilusão coletiva que se encontra na base da imigração. Com efeito, emanando de todos os horizontes políticos e sociais [...] só se viam então - e isso durante décadas - proclamações e declarações que, todas, desejavam ser tranqüilizadoras; fossem quais fossem os sentimentos que se pudesse alimentar e as opiniões que se pudesse ter em relação aos imigrantes, não se parava de afirmar que eles eram necessários, quando não indispensáveis, para a economia e até mesmo para a demografia francesas (SAYAD, 1998, p. 46-47).

O ano de 1974 marcou uma ruptura desta política migratória aberta, com a suspensão oficial da imigração, devido à mudança do cenário econômico e à previsão de crise com o choque do petróleo em 1973 (BLANC-CHALÉARD, 2001). Tapinos (1992) levanta a dúvida se o fechamento das fronteiras foi uma "necessidade ou álibi", argumentando que a situação tinha mais nuances, entre as quais: os custos de gestão desta mão de obra estrangeira, os impactos que a imigração por reagrupamento familiar trazia em termos de seguridade social e a pressão no mercado de trabalho.

De acordo com Sayad (1998), a economia francesa mudou sua condição, a sociedade e a cultura francesa transformaram-se, assim como os imigrantes. O resultado foi o fim da "ilusão coletiva da imigração provisória" (SAYAD, 1998). A partir

---

[236] No original: "Les voies de l'immigration sont les plus diverses et les 'contrats ONI' finissent pour devenir une curiosité. La forme la plus banale est l'entrée avec un passeport de touriste, les visas étant supprimés pour la plupart des pays exportateurs de main-d'œuvre. Les entreprises prennent l'habitude d'aller se servir sur place, notamment em Afrique du Nord. [...] Pour le Portugais, que leur gouvernement refuse laisser partir em dépit des accords, c'est le temps de l'émigration a salto, sans papier, au bon vouloir des passeurs en tout genre. Illégalité? La procédure de régularisation après coup est plutôt perçue comme un encouragement. Le taux de régularisation, déjà de 50% en 1957, atteint 82% en 1968" (BLANC-CHALÉARD, 2001, p. 62, grifo do autor).

daí, a questão da imigração na França assumiu outro contorno.

A interrupção da política de atração de trabalhadores teve sucesso, no entanto outras entradas mantiveram-se e até mesmo intensificaram-se por causa dos fluxos de imigração por reagrupamento familiar, demandantes de asilo, imigrantes temporários e sazonais, bem como a própria imigração indocumentada (TAPINOS, 1992)[237].

Instituiu-se em 1977 uma política de retorno voluntário que viabilizou a saída de 100 mil migrantes, entre trabalhadores e familiares, dos quais 25% eram magrebinos e 50% eram espanhóis e portugueses (TAPINOS, 1992). De acordo com Tapinos, o resultado da política de repatriamento voluntário foi tímido porque a suspensão da política de imigração leva a uma atualização do projeto migratório; aqueles que tinham inicialmente a intenção de permanecer um determinado período e depois retornar ao país de origem reorientaram seus planos e optaram por ficar na França porque a opção de reemigrar posteriormente mostrava-se comprometida.

O aumento dos níveis de desemprego dados os efeitos da reestruturação produtiva e da recessão econômica internacional potencializou o fortalecimento do racismo na França que, segundo Blanc-Chaléard (2001), já se manifestava desde meados dos anos 1960 de forma silenciosa. É neste contexto que uma política mais restritiva foi adotada em 1980 como evidencia a chamada "Lei Bonnet"[238]. Em 1981, François Mitterrand assumiu a presidência, e sob o governo socialista a gestão da política migratória foi menos ortodoxa: fomentou-se um processo de regularização (de acordo com Blanc-Chaléard cerca de 132 mil migrantes foram beneficiados), anulou-se uma série de disposições da lei anterior e introduziram salvaguardas para expulsões, além de prever o direito associativo dos estrangeiros. Não obstante, o agravamento da crise econômica e social, que reverberou no aparecimento do desemprego de longa duração – segundo Blanc-Chaléard em 1982 a França registrou 2 milhões de desempregados – municiou a violência social e fez explodir o racismo. Processo *in situ*

[237] Tapinos (1992) refere-se à imigração indocumentada como sendo "imigração clandestina"; no entanto, aqui se reconhece os direitos dos migrantes e adota-se a recusa do uso de adjetivos como "clandestino" e "ilegal" para qualificar a migração e o migrante, por causa da conotação negativa destas palavras que corroboram estigmas, aumentando a vulnerabilidade da população migrante frente às práticas de discriminação e xenofobia.

[238] Um quadro disponibilizado a seguir resume de forma cronológica as principais políticas migratórias e de nacionalidade.

do que se discutiu acima em termos de crise de identidade que ressoa na relação de alteridade:

> É bem conhecida uma das formas que assumiu esse recurso ao bode expiatório na França dos anos 1980: o racismo, a xenofobia, o 'ódio ao árabe', aquele que 'vem pegar nosso pão', que 'vive de alocações sobre nossas costas', que 'bombeia nosso ar' e nos agride com 'seus ruídos, seus odores, seus costumes'. (DUBAR, 2009, p. 200).

É exatamente nesta época que o *Front National* – partido francês de extrema direita – ganha destaque na política francesa, tendo como pilar essencial um discurso político sobre a imigração que acabou por obrigar todos os demais partidos a se posicionar sobre o assunto; como resultado, o fechamento das fronteiras tornou-se um objetivo comum (BLANC-CHALÉARD, 2001).

Reis (1997) analisou a política migratória e de nacionalidade e suas modificações desde meados dos anos 1980 até 1996, quando um polêmico projeto de lei foi apresentado. O objetivo da autora foi sustentar uma argumentação em torno da relação dialética entre política migratória e de nacionalidade e a identidade nacional, dado o ensejo da globalização com a consequente crise do Estado-Nação e, em particular, a crise republicana vivenciada pela nação francesa. Reis aponta que a situação jurídica do migrante ficou mais instável nestas mudanças de leis e que foram instituídos maiores entraves para a outorga do visto permanente, bem como a obtenção da cidadania francesa, impactando inclusive o direito de asilo (REIS, 1997). As sínteses sobre as medidas adotadas ao longo dos anos 1990, que estão organizadas no quadro abaixo, evidenciam a adoção de uma política migratória cada vez mais restritiva e punitiva.

De 1995 a 2012 a presidência da França ficou a cargo de partidos de direita. Estes governos deram sequência ao fechamento das fronteiras e investiram particularmente no combate à imigração irregular; apesar de medidas coercitivas mais rigorosas em 2003 tal como a intensificação das sanções, a chamada "Lei Sarkozy" e sua defesa da "imigração escolhida e não sofrida" foi a mais controvertida. A lei instaurou diferentes tipos de vistos temporários para assalariados estrangeiros e criou um novo tipo de visto chamado "competências e talentos" (para facilitar a entrada de

intelectuais, artistas, investidores, esportistas de alto nível)[239]. De acordo com Van Eeckout (2007) para a regulamentação da permanência dos estudantes foram estipulados múltiplos critérios para a outorga e renovação dos vistos anuais que abarcam: o projeto de estudos, o percurso acadêmico e pessoal, a habilidade linguística, as relações bilaterais e o interesse da França no país de origem do estudante estrangeiro. Além destas, outras medidas foram tomadas com o objetivo de obstaculizar a migração de reagrupamento familiar e de enquadrar os casamentos mistos (VAN EECKOUT, 2007).

O quadro 12, disposto a seguir, apresenta resumidamente a evolução nas políticas de nacionalidade e de imigração francesa, principalmente daquelas das últimas décadas.

O governo francês vem compondo desde os anos 1990 uma política migratória restritiva no que tange à entrada e à permanência de estrangeiros no país. De acordo com as entrevistas realizadas para esta pesquisa, alguns brasileiros realmente encontraram empecilhos para a obtenção ou renovação de seus vistos. As reclamações sobre o atendimento recebido pelos funcionários dos órgãos públicos foram recorrentes, inclusive nos casos de imigrantes que são a princípio benvindos pela política migratória – como os casos de trabalhadores qualificados.

Os casamentos de brasileiros com franceses também evocaram alguns episódios que valem a pena ser citados, na medida em que alguns entrevistados encontraram inconvenientes no momento de obtenção do visto por motivo de vida familiar, em razão da regulamentação implementada para impedir as uniões “por papéis” que foram crescentemente criminalizadas segundo a legislação francesa como, por exemplo, a “lei Besson” de 2011 que prevê punição ao casamento fraudulento com pena de cinco anos de prisão mais multa.

[239] No terceiro capítulo há uma referência a este tipo de visto quando se argumentou sobre a política francesa de “atração” de competência e profissionais qualificados no contexto de uma disputa pela mão de obra qualificada disponível a nível mundial.

Quadro 12. Principais leis referentes às políticas de nacionalidade e às políticas de entrada e permanência de estrangeiros na França

Data	Políticas migratórias e de nacionalidade em geral (decreto, lei, circular, etc.)
Constituição de 1791	Ideologia republicana de atribuição de nacionalidade: pode pertencer a Nação aqueles que nasceram e/ou vivem na França e que desejam prestar o juramento cívico.
Constituição de 1793	Cidadania francesa aberta a todos que acreditavam nas ideias revolucionárias, não importanto concepções étnicas.
Código Napoleônico de 1804	A ligação pelo sangue (étnica) é valorizada em detrimento do jus soli*.
1851	Double jus soli: indivíduo nascido na França de pais estrangeiros, mas que pelo menos um deles nasceu na França torna-se automaticamente francês.
1888	Decreto institui pela primeira vez a necessidade de uma declaração dos estrangeiros residentes na França junto às autoridades competentes.
1893	O sistema de controle dos residentes estrangeiros é aperfeiçoado através da formalização de um registro de matrícula dos estrangeiros em cada comunidade, que inclusive torna obrigatório a declaração de abrigo a estrangeiros que devem declarar presença no prazo de 24 horas.
1917	Decreto marca a passagem de uma situação de declaração para autorização, na medida em que instituiu o documento que permite a estada de estrangeiros maiores de 15 anos em território francês. O documento é outorgado pela prefeitura que deve ser informada sobre qualquer mudança de residência. Um outro decreto subsequente decreto determina que o documento de residência no caso os trabalhadores é outorgado mediante a apresentação de um contrato de trabalho.
1926	Determina que o trabalhador estrangeiro que queira ir trabalhar na França deve ter um documento de identidade que mencione sua condição de trabalhador, ao mesmo tempo a lei determina que os empregadores não podem contratar estrangeiros que não tenham tal documento.
1927	Reconhece a transmissão de nacionalidade pela mãe e diminui o período necessário para a demanda de naturalização.
1932	A lei determina prioridade de emprego para trabalhadores franceses e institui um sistema de quotas para estrangeiros nas indústrias.
1938	Decreto-lei formaliza uma vigilância policial sobre o estrangeiro e regulamenta todos os aspectos relativos à entrada e à permanência de estrangeiros.
1945	Neste ano foram duas ordenanças. A de outubro refere-se ao código de nacionalidade e a de novembro, regulamenta as condições de entrada e permanência de estrangeiros na França. A segunda guarda muitas semelhanças com o decreto de 1938 e prevê uma rigorosa regulamentação do trabalho de estrangeiros e confere ao Office National de l'Immigration (ONI) o monopólio do recrutamento e da introdução de trabalhadores estrangeiros na França.
1972	As circulares conhecidas como “Marcellin-Fontanet” - que eram os ministros do Interior e do Trabalho - tornam proibitivas as regularizações de trabalhadores que entraram no país sem um contrato de trabalho. Também delibera que a perda do trabalho implica na perda do documento que regulariza a permanência do estrangeiro na França.
1973	Double jus soli passa a referir-se aos filhos de ex-colonos nascidos na França (os pais devem ter nascido em território colonizado)
1974	Suspensão oficial da política de imigração de trabalhadores e de suas famílias.
1977	Instituição de uma política de encorajamento e de auxílio ao retorno voluntário com a instituição de um prêmio no valor de 10 mil francos, conhecido como sendo o “milhão do Stoléru” (nome do Ministro que criou esta disposição).
1980	Conhecida como a Lei Bonnet, altera efetivamente pela primeira vez a lei de 1945 que rege à entrada e à permanência de estrangeiros. A lei “Bonnet” instituiu exigências mais rigorosas para a entrada de estrangeiros no território francês. Além disso, a lei dispõe que a entrada ou permanência ilegais são motivos para expulsão tal como a chamada “ameaça à ordem pública”, viabilizando portanto a expulsão dos imigrantes irregulares ou daqueles que não tiveram os papeis renovados. Além disso, a lei prevê a possibilidade de reconduzir o estrangeiro expulso até a fronteira ou de o manter detido em instituição prisional até 7 dias caso não seja possível viabilizar a expulsão imediata.
Início de 1981	Conhecida como lei “Peyrefitte” torna legal o controle de identidade como medida preventiva.
1981 (maio a setembro)	Após a eleição de François Mitterrand, são lançadas instruções pelo Ministro do Interior da época aos prefeitos sobre a expulsão de estrangeiros. As principais medidas foram: a suspensão da prática de expulsões, a concessão de uma autorização de residência temporária para os estrangeiros que estavam na condição de expulsos, proibição de expulsão de estrangeiros nascidos na França ou daqueles que entraram na França com menos de 10 anos de idade. Outras circulares diminuem as exigências para o reagrupamento familiar, permitindo a permanência de familiares já residentes na França. A ajuda de retorno instaurada por Stoléru é suprimida. Sob o bojo desta política, um processo de regularização é implementado e permite a permanência daqueles que haviam entrado antes de 1981 e que estavam em situação irregular puderam se regularizar desde que tivessem um contrato de trabalho (cerca de 130 mil regularizações são feitas).
Outubro de 1981	A lei revoga as disposições da “lei Bonnet” e introduziu uma série de salvaguardas: a expulsão só pode ser aplicada se o estrangeiro tenha sido condenado a pelo menos um ano de prisão. As garantias processuais em torno da expulsão aumentaram, pois foi estabelecido que os imigrantes ilegais poderiam ser deportados apenas depois de um julgamento, e não pela autoridade administrativa. Instituiu que estrangeiros menores não podem ser deportados, e aqueles que têm laços pessoais ou familiares em França só poderiam ser expulsos em caso de extrema urgência (medida de segurança do Estado ou segurança pública).
1984	Estabelece o reconhecimento do caráter definitivo da instalação da população imigrante na França, dissociando o direito de permanência à situação empregatícia. Desta forma, foi criada um documento de residente, passível de ser outorgado à qualquer estrangeiro que vivesse na França há pelo menos 3 anos e para todos aqueles que tinham relações pessoais ou familiares na França. Este documento tem validade de 10 anos e é renovado automaticamente. Ao mesmo tempo o controle nas fronteiras foi reforçado e o combate à imigração irregular uma prioridade, aumentando as penalidades para os casos de entrada ou permanência irregular no país. Neste espírito, a lei mantém em vigor dois dispositivos da “lei Bonnet”: a faculdade de conduzir a fronteira um estrangeiro expulso e a possibilidade de manter os estrangeiros em centros de retenção até a extradição.
1986	Conhecida como “lei Pasqua” reestabelece o regime de expulsão anterior a lei de 1981 e restringe o acesso ao documento de residente.
1989	A chamada lei “Joxe” assegura mecanismos que protegem estrangeiros que tenham ligações pessoais ou familiares na França de serem expulsos e instaura recursos jurídicos para os casos de extradição.

(cont.)

Quadro 12. Principais leis referentes às políticas de nacionalidade e às políticas de entrada e permanência de estrangeiros na França (continuação)

Data	Políticas migratórias e de nacionalidade em geral (decreto, lei, circular, etc.)
1991	Decreto aumenta as condições para outorga de certificados de acolhimento necessários para os estrangeiros entrarem em território francês.
Janeiro de 1992	Lei reforça o combate ao trabalho irregular e à imigração irregular.
Julho de 1992	Lei conhecida como "Quilès" aborda a questão das "zonas de espera" em portos e aeroportos viabilizando a manutenção dos estrangeiros não admitidos e os demandantes de asilo nestes espaços.
Maio de 1993	Reforma do código de nacionalidade modifica o prazo necessário para estrangeiro cônjuge de cidadão francês poder adquirir a nacionalidade, e questiona o acesso à nacionalidade francesa para crianças nascidas na França de pais nascidos na Argélia antes da independência.
Julho de 1993	Lei conhecida como "Méhaignerie" reformou o direito à nacionalidade ao introduzir a exigência de "manifestação de vontade" para a aquisição da nacionalidade francesa.
Agosto de 1993	Leis "Pasqua" facilitam a prática de controle de identidade, reformula a ordenança de 1945 com a introdução de maiores obstáculos para a outorga de vistos de permanência, bem como prevê retirada da autorização de residência para estrangeiros (alguns casos de refugiados e situação de poligamia). Introduz novos requisitos para o reagrupamento familiar e reforça as medidas para expulsão do território.
Janeiro de 1994	Lei dispõe sobre controle de controle de imigração e de alteração do Código Civil. Facilita controle nas regiões de fronteiras internas ao espaço Schengen e instituiu novas disposições para permanência de demandantes de asilo.
1996	Projeto de Lei "Debré" que contém diversas disposições relativas à imigração: aumento dos dispositivos para expulsão de estrangeiros ilegais, facilitação da retenção judicial desses estrangeiros, fortalecimento da polícia judiciária perto das fronteiras, ampliação dos poderes do prefeito para regulamentar os processos de emissão de certificados de acolhimento e também através da instituição de formas de resolver a situação administrativa de pessoas "não expulsáveis" e que ainda não têm direito a uma autorização de residência. Além disso, formaliza o confisco de passaporte de estrangeiro irregular, autoriza vistoria de veículos coletivos nas fronteiras de países vizinhos, medidas permitem obtenção de vistos temporários para sans-papiers em alguns casos, visto permanente para cônjuge só após 2 anos, direito de asilo é limitado, autoriza controle de identidade por policiais em locais de trabalho, prevê a perda de visto para estrangeiros que empregarem estrangeiros irregulares, os estudantes na França há mais de 15 anos perdem estatuto de não-expulsáveis, renovação de visto de residente (10 anos) pode ser recusado se for constatada uma "ameaça a ordem pública".
Abril de 1997	Conselho Constitucional veta algumas proposições da Lei Debré que é promulgada com algumas modificações em relação ao projeto. Destaca-se a manutenação da renovação automática como pleno direito da carta da residentes de 10 anos (que havia sido questionado pelo projeto).
2003	Principais medidas: ampliação do período de detenção, criação de um banco de dados com impressões digitais e fotos de estrangeiros a partir da demanda do visto (apenas para entradas regulares, mas permite o reconhecimento daqueles que porventura venham a permanecer de forma irregular no país), reforço das penalidades para os casos de auxilia na entrada e permanência de imigrantes irregulares, maiores sanções para empregadores de estrangeiros que não tenham autorização de trabalho no país. O trabalhador sem autorização de trabalho também pode a partir de então a responder pela irregularidade, antes ele era visto como vítima (mesmo com seu consentimento) e passou a ser visto como co-autor do "crime". Recomendou o controle sobre alguns casamentos mistos, instituiu condições mais rigorosas para a obtenção de autorizações de residência.
2006	Lei Sarkozy, baseada no princípio da "imigração escolhida e não sofrida". A nova lei colocou fim a regularização automática dos estrangeiros que viviam há mais de 15 anos na França. Para ter acesso a um visto de residente (10 anos), o estrangeiro deve assinar um termo de acolhimento e integração no qual aceita os valores republicanos franceses (laicidade, igualdade entre homens e mulheres) e também comprovar conhecimento na língua francesa. Instituiu-se também uma obrigatoriedade do estrangeiro em deixar a França no prazo de 36 horas caso sua presença seja recusada ou seu visto não seja renovado. O reagrupamento familiar passa a ser mais restritivo, com aumento do tempo de estada na França de forma a permitir a vinda de parentes. Os casamentos mistos tiveram novas regulamentações, por exemplo, aumentou de 2 para 4 anos o período que permite requerer a nacionalidade francesa. Também institui seleção mais criteriosa para o acolhimento de estudantes estrangeiros. Criação de um novo tipo de visto de residente, o chamado "competências e talentos", com duração de um de três anos e possibilidade de renovação. Ele será emitido no exterior e essa categoria (habilidade e talento) depende dos interesesses da economia francesa e do país de nacionalidade do estrangeiro pode referir-se a: cientistas, empresários, artistas, atletas, executivos com alto potencial.
2007	Entre outras medidas que alteram a legislação referente ao direito de asilo, a maior polêmica ficou pela aprovação da utilização de testes de DNA em caso de demanda de visto por reagrupamento familiar, que deve comprovar a filiação materna. Também foram criadas possibilidades de regularização de imigrantes por pedido do empregador desde que se referiam a setores com dificuldade de recrutamento de mão de obra.
2011	Conhecida como Lei Besson aperfeiçoa dispositivos represssivos contra à imigração irregular, com instituição de medidas de encarceramento e vigilância de estrangeiros irregulares. Diminui as garantias processuais de forma a facilitar a expulsão e cria medidas de banimento com interdição de acesso ao território francês (e por consequência europeu) . Cria zonas especiais de espera para demandantes de asilo, com limitação de ajuda jurídica. Outras medidas que regem a permanência no país, afeta aos imigrantes doentes que antes podiam permanecer na França desde que não tivessem acesso efetivo ao tratamento em país de origem, com a nova lei precisam comprovar que não há o tratamento médico necessário em seu país de origem. A lei também prevê punição ao casamento fraudulento, com 5 anos de prisão mais multa.
2011	Publicação da "Circular Guéant", como ficou conhecida em função do nome do anterior Ministro do Interior da França, em 31 de maio de 2011, que determinou maiores entraves para a obtenção de visto de trabalho para um estrangeiros após a conclusão de seus estudos na França. Antes desta regulamentação, bastava ter um diploma de uma instituição francesa e conseguir um trabalho, que a mudança na categoria do visto de estudante para trabalhador era praticamente automática. A circular alterou essa situação ao recomendar "tratamento rigoroso" e "controle minucioso" nos pedidos de mudança no tipo de visto. Na prática instituiu-se a necessidade de uma carta do empregador explicando porque havia escolhido um estrangeiro e não um francês.
2012	Revogação da Circular Géant em 01/07/2012, pelo novo governo, após a eleição de François Hollande. Estima-se que algumas centenas de estudantes estrangeiros foram obrigados a deixar a França durante este ano em que a lei foi aplicada.

Fontes: Reis (1997), Weil (2004), www.legifrance.gouv.fr, www.vie-publique.fr, www.gisti.org

De acordo com as normas francesas, um casamento fraudulento pode ser "branco" ou "cinza". O casamento branco (em francês, *marriage blanc*) é uma união realizada com o objetivo de obtenção de papéis para o cônjuge estrangeiro; nesse caso, do ponto de vista da lei francesa os dois cônjuges são cúmplices e igualmente autores de um crime. Por outro lado, o espírito da lei define como o casamento cinza (em francês, *marriage gris*) uma união na qual o cônjuge estrangeiro supostamente engana o outro, fazendo-o acreditar que seus sentimentos são verdadeiros. Como foi argumentado no terceiro capítulo, pactuamos da ideia de que a discussão sobre casamento "por amor" e "por interesse" é pouco frutífera para se analisar os casamentos mistos (ASSUNÇÃO, 2012; PISCITELLI, 2010), mas aqui chamamos a atenção para o fato porque a lei francesa o faz, implicando em constrangimentos e dificuldades para muitos casais.

Os inconvenientes relatados foram algumas vezes graves. Flávia, por exemplo, precisou retornar ao Brasil para solicitar o visto porque a lei havia mudado poucos meses antes de sua chegada: "[...] eu falei que o Sarkozy conseguiu acabar com minha lua de mel, praticamente, porque você casa e você tem que voltar, você não tem direito de lua de mel!" [Flávia em entrevista realizada em 07/08/2012].

Desde julho de 2006, a legislação que trata da imigração e da integração na França (Lei n° 2006-911) instituiu a necessidade de solicitação do visto de longa duração para a categoria "vida privada e familiar" junto às autoridades consulares ou diplomáticas da França no país de residência habitual do estrangeiro. Antes dessa reformulação, era possível que um estrangeiro se casasse com um cidadão francês e então fizesse a requisição do visto na França. Atualmente, tem-se exigido o retorno do estrangeiro ao país de origem para a outorga do visto ou ainda que este obtenha um visto específico junto às autoridades francesas no país de origem, antes da entrada em território francês. Dessa forma, desde então, um estrangeiro com visto de estudante, por exemplo, não consegue mudar seu tipo de visto para vida familiar após o casamento, a não ser que seja comprovado que o casamento tenha no mínimo seis meses, que este tenha sido celebrado na França e que o estrangeiro entrou regularmente no país, assim como tinha uma situação migratória regular.

No caso de Flávia, ela ganhou a passagem de retorno de um amigo do casal e

acabou resolvendo a ocorrência com relativa facilidade, mas a situação vivida por Fátima foi pessoalmente mais dramática, pois ela foi mal informada, quando consultou as autoridades francesas no Brasil, e foi para a França para casar-se após seu doutoramento sem um visto específico para esses casos:

> [...] Foi horrível, na época da política, na época da campanha presidencial. Eu tinha, a cada dia, vontade de ir embora. [...] Porque as campanhas, elas se faziam – de **alguns**, né, ainda bem; não todos – pra banir os estrangeiros, né?... [Pausa] Partido de extrema direita... Todo o discurso deles era feito... Não é? Como se os estrangeiros fossem a **doença** da França, a **grande** doença, não é? Então, eu me senti – eu acho que qualquer estrangeiro, também outros amigos brasileiros, com quem eu conversei, se sentiram **muito mal**, nessa época. E era justamente a época em que eu tava [bate sobre superfície aparentemente de madeira, imprimindo ênfase ao que é dito] me batendo, com o serviço de imigração pra ter o meu visto. Porque... Eu caí numa grande armadilha. Porque quando eu vim pra cá, defendi minha tese, né, tava cheia de planos de... [...] Eu não sabia que eu tinha que pegar um famoso Visto de espera, de, de estado civil. Na verdade, quando você vem pra casar, você tem que vir com este carimbo no seu passaporte. E eu não sabia. Um dia liguei pra, pra Embaixada da França, consultei, eu acho que um rapaz novo, que era estagiário, e ele não sabia. [...] Enfim, não vim com isso. [...] eu acabei, assim, casando no dia seguinte que terminava o meu visto. [Pausa] Detalhe – daí essa papelada toda chegou no Serviço de Imigração, eles falaram: "Ah! É mais uma aventureira que veio procurar marido. E achou no f... No término do Visto". [Pausa] Né, porque quando eu cheguei no Serviço de Imigração, com o meu marido [...] pra dar entrada no meu visto [...] vida familiar, eles falaram: "Ah, onde tá o seu... O seu visto de saída do Brasil pra, pra casar, tudo?" Eu disse: "E tinha esse visto? Existia?" E a moça disse: "Claro que existia. Se você tivesse esse visto, em vinte dias você teria o seu, a sua *Carte de Séjour*." [...] Aí, eu caí na... Sob suspeita. E sob suspeita, eles te **massacram**, até você voltar. Né. Se for, se se tratar de um casamento branco, né, que é um casamento arranjado pro Visto; ou se se tratar de uma aventura, você larga tudo e vai embora. E eu já tava a **ponto** de fazer isso, porque, eu não tinha, porque eu [*sic*] não tinha **perfil** de imigrante – eu terminei um doutorado e tinha um cargo público no Brasil. Então, você não **emigra** desse jeito. [Fátima em entrevista realizada em 14/06/2012, grifos para indicar ênfases da fala].

Fátima pagou elevadas multas e precisou levantar uma grande quantidade de documentos para provar a veracidade da união e ao fim acabou conseguindo um visto de permanência, mas que não lhe permitia trabalhar. Uma experiência que abalou fortemente sua experiência como imigrante:

> Então, sim, **alguns** amigos do meu marido que trabalham nesse setor de imigração, sugeriram que tinha sido isso, de fato, né? Que eles tavam justamente massacrando, até eu ir embora. Então, [rindo brevemente] se eu já não tinha vontade de morar aqui, então piorou. E... Aí, quando foi em março, me deram, logo depois, me deram o meu visto, mas a um preço de setecentos e dezoito euros. [Pausa] Que é um negócio **horrível**, me fizeram pagar multas, porque justamente eu vim sem esse visto de mudança de estado civil... Então, assim, a minha história com a imigração não foi nada boa. [Pausa] Então, por isso, talvez, eu não me sinta tão... Tão bem, assim, de... De ser estrangeira, aqui. Né? Agora, com o Visto, você já se sente menos excluí... Menos excluída,

> né. [Fátima em entrevista realizada em 14/06/2012, grifos para indicar ênfases da fala].

A passagem por entrevistas e outras formas de averiguação sobre a veracidade da união também foram vivenciadas por Tiago e Olívia. Em seguida reproduzo um trecho da narrativa de Olívia na qual ela relata sua experiência, onde teve que se apresentar a cada três meses para renovar seu visto de permanência durante 5 anos. Ao mesmo tempo, Olívia expressa sua concordância com o procedimento, pois ela avalia que a França precisa mesmo selecionar seus imigrantes:

> [...] eles fizeram [...] muitas entrevistas comigo. Eu tive que passar por exames médicos pra ver se eu não tinha AIDS, pra ver se eu não era tuberculosa, se eu não tinha doença venérea... Passei realmente por vários, vários exames médicos e em todos eles eu tinha que mostrar que eu sabia falar francês. Eles fizeram perguntas na farmácia, fizeram perguntas [para os] vizinhos, pra saber se eu morava realmente naquele lugar, se eles me conheciam. Eles chegaram na minha casa de surpresa pra ver se as minhas roupas estavam lá. E quando a minha filha cresceu, ela devia ter uns quatro ou cinco anos, nós fomos convocados todos na polícia, no comissariado, pra poder responder um questionário. E chegando lá as perguntas eram direcionadas pra ela e não pra mim. Perguntando: 'Você mora aqui na França?'; 'A sua mamãe mora aqui?'; 'Você sabe seu endereço?'. Então, eles fizeram realmente uma pesquisa profunda pra saber realmente se, pra poder me dar os meus papéis. E finalmente em cinco anos eu consegui. Se não, eu era obrigada a ir a cada três meses no serviço estrangeiro [...] carimbar a minha *Carta de Séjour*. [...] Mas eu concordo com o que eles fizeram. Não comigo, porque, bom, eles colocam todo mundo no mesmo saco, mas eu acho que a imigração aqui na França é um problema muito sério. Porque tem várias pessoas... O social daqui é muito bom, então tem vários estrangeiros, não como nós, a gente [a pesquisadora e a entrevistada], que vêm, que abusam, que conseguem ajudas do Estado e que não trabalham... E que aí chegam, traz a mãe, o pai, os filhos, a avó, o parente e, e o país não consegue andar pra frente. E, além do mais, não falam francês, muito pouco... [Olívia em entrevista realizada em 25/05/2012]

Em relação ao acesso à nacionalidade, ouvi recorrentemente que a quantidade de documentos solicitada serve para desencorajar os pedidos. No entanto, todos os entrevistados que solicitaram a naturalização[240] foram agraciados com o passaporte francês, exceto Elis, a única recusa da qual fui informada. Ela estudava na França desde 2005, fazia doutorado e havia se casado com um francês. Elis preenchia todas as exigências da lei e mesmo assim teve o pedido recusado. A seguir reproduzo o trecho da entrevista na qual a sua experiência sobre o assunto veio à tona:

> **Elis**: Agora eu estou com o visto de cônjuge que hoje em dia eu tenho que ir

[240] Há requisitos necessários para demandar a cidadania e a grande maioria dos brasileiros entrevistados solicitou a naturalização no momento em que puderam. No entanto, há casos nos quais os brasileiros atendem aos critérios, mas não fazem o pedido por motivos diversos (casos de Beatriz, Rômulo e Simone).

com o meu marido na prefeitura pra poder mostrar que a gente não está casado no casamento branco. E, aí, eles olham e assinam o papel e me dão...

Pesquisadora: Porque se não você teria que justificar os 10 mil...[valor que o estudante precisa ter em conta para comprovar que ele tem como se manter na França]

Elis: Hoje eu teria que justificar os 10 mil. Até o ano passado eram 5 mil. Aí, a, uma amiga veio com um papel dizendo que eram 10 mil.

Pesquisadora: E você não está pensando em pedir nacionalidade?

Elis: Pedi esse ano! Pedi e não fui aceita!

Pesquisadora: Não foi aceita?

Elis: Não. O papel diz 5 anos, 5 anos na França, dois diplomas, fala bem a língua, bom, se tiver um emprego melhor ainda. Bom, eu tenho 7 anos, vai fazer 7 anos na França, tenho 4 diplomas franceses, tenho, que mais? [...] Falo bem, e sempre trabalhei na França e pago imposto. Não aceitaram porque disseram que eu não tinha um emprego fixo, um CDI [sigla francesa para contrato de trabalho por tempo indeterminado]. Enfim, ainda por cima, estou casada com um francês. Ai, não aceitaram. Ai bom, deixa pra lá... [Elis em entrevista realizada em 28/06/12]

O quadro 13, abaixo, sintetiza a condição jurídica da permanência dos imigrantes e ex-imigrantes brasileiros entrevistados.

Quadro 13. Imigrantes e ex-imigrantes brasileiros na França entrevistados segundo situação jurídica da migração

Imigrantes		**Ex-imigrantes**	
Tipo de Visto	**N° casos**	**Tipo de Visto**	**N° casos**
Visto "científico"	2	Visto "científico"	-
Visto "salarié"	5	Visto "salarié"	1
Visto "vida familiar"	14	Visto "vida familiar"	3
Visto "estudante"	13	Visto "estudante"	7
Título de Residente	11	Título de Residente	1
Cidadania Francesa	19	Cidadania Francesa	2
Outra cidadania europeia	9	Outra cidadania europeia	-
Indocumentado	8	Indocumentado	1
Outros/Não informou	5	Outros/Não informou	1
Total de entrevistados	**86**	**Total de entrevistados**	**16**

4.1.2. "Integração" *à la française*

No âmbito dos estudos migratórios, as pesquisas clássicas da chamada Escola de Chicago abordaram os processos culturais engendrados pela imigração, enfatizando os aspectos étnicos e os conflitos daí resultantes, fazendo uso de termos como assimilação, fusão de culturas, americanização, a ideia do *melting pot* – da nação que se faz pela integração da diversidade na unidade nacional (PARK e BURGESS, 2009).

Posteriormente, o chamado modelo clássico de "adaptação de imigrante" foi criticado pelo seu caráter de dominante, acusado de promover etnocídio, na medida em que preconizava uma completa assimilação dos imigrantes pela sociedade de destino, resultando em perda dos valores e dos costumes de suas respectivas sociedades de origem (SCHNAPPER, 2007).

Os estudos sobre a adaptação dos imigrantes começaram muito mais tarde na França, em comparação aos Estados Unidos, segundo Schnapper (2007) porque o "projeto de integração republicana" ao criar a "ficção da igualdade entre os cidadãos", fazia ilegítimo o tema da integração do imigrante. Nesse sentido, revela-se a tradição "assimilacionista" do modelo francês, que vai ser colocado em cheque principalmente no último quartel do século XX, quando a suspensão oficial da política de imigração, alterou a composição do fluxo, levando ao aumento expressivo da modalidade de reagrupamento familiar e à evidência de que os imigrantes iriam ficar "para sempre".

Como uma sociedade de imigração, a França precisou criar mecanismos para forjar a unidade política nacional tendo em vista a diversidade de origem dos seus cidadãos, e para "incorporar" à população estrangeira junto à sociedade francesa, foram adotadas políticas de integração nas últimas décadas (SCHNAPPER, 2007). Uma prova deste esforço está na instituição do "Alto Conselho para a Integração" (originalmente, *Haut Conseil à l'integration – HCI*). O referido Conselho foi criado por decreto em 1989 e tem por objetivo elaborar análises e sugerir encaminhamentos políticos no que se refere ao conjunto das questões relativas à integração dos residentes estrangeiros ou de origem estrangeira. O Conselho é composto por cerca de 20 membros, que exercem funções variadas (políticos, jornalistas, cientistas, entre outros) e que elaboram relatórios anuais. O primeiro destes, lançado em 1991, foi intitulado "Por um modelo francês de integração"[241] e apresenta concepções que deveriam orientar os gestores públicos na definição de políticas voltadas à integração. Um aspecto interessante do relatório é a explicitação de uma definição de integração, que não significa assimilar, nem inserir:

> O Alto Conselho considera que é necessário conceber a integração não como uma espécie de meio-termo entre assimilação e integração, mas sim como um processo específico: por este processo busca-se incentivar a participação ativa

[241] Original em francês: "Pour un modèle français d'intégration".

> de indivíduos variados e diferentes junto à sociedade nacional, e ao mesmo tempo aceitando a preservação de características culturais, sociais e morais específicas e tomando como verdade que o conjunto é enriquecido por esta diversidade e complexidade. Sem negar as diferenças, sabendo tomá-las em consideração sem as exaltar, é sobre as semelhanças e convergências que uma política de integração chama a atenção, ao fim, para a igualdade dos direitos e das obrigações, para tornar solidário os diferentes componentes étnicos e culturais de nossa sociedade e para dar a todos, independentemente de sua origem, a oportunidade de viver nesta sociedade, da qual ele aceitou as regras e da qual ele se torna um elemento constituinte" (HAUT CONSEIL À L'INTEGRATION, 1991, p. 18, tradução nossa)[242]

De acordo com o relatório, a assimilação enfatiza a unidade da comunidade nacional, enquanto a inserção refere-se às condições de acolhimento dos estrangeiros, mas com a manutenção dos laços com a origem. Nesse sentido, a integração distingue-se das duas por ser um processo que garante a escolha e a participação dos novos membros na comunidade nacional (HAUT CONSEIL À L'INTEGRATION, 1991). A política voltada para tal fim implica na possibilidade de adesão de todos a um mínimo de valores comuns, a aceitação de um quadro de referência compartilhado a despeito das diferenças que possam existir.

O modelo de integração francês é totalmente distinto do modelo britânico que se apoia no direito à diferença e à representatividade dessa diferença na esfera pública (MAILLOT, 2008)[243]. Schnapper (2007) também discute as diferenças entre o modelo francês, estadunidense e outros modelos europeus. Schnapper reconhece que a integração é um processo que envolve várias dimensões (política, econômica, cultural etc.) e que por isso é um percurso. A autora também reflete sobre os critérios utilizados para "medir" a integração dos imigrantes, isto é, os indicadores que são utilizados com certa frequência: a proporção de casamentos mistos, a inserção no mercado de

---

[242] No original: "Le Haut Conseil estime qu'il faut concevoir l'intégration non comme une sorte de voie moyenne entre l'assimilation et l'insertion, mais comme un processus spécifique : par ce processus il s'agit de susciter la participation active à la société nationale d'éléments variés et différents, tout en acceptant la subsistance de spécificités culturelles, sociales et morales et en tenant pour vrai que l'ensemble s'enrichit de cette variété et de cette complexité. Sans nier les différences, en sachant les prendre en compte sans les exalter, c'est sur les ressemblances et les convergences qu'une politique d'intégration met l'accent, afin, dans l'égalité des droits et des obligations, de rendre solidaires les différentes composantes ethniques et culturelles de notre société et de donner à chacun, quelle que soit son origine, la possibilité de vivre dans cette société dont il a accepté les règles et dont il devient un élément constituant." (HAUT CONSEIL À L'INTEGRATION, 1991, p. 18).

[243] Rea e Tripier (2008) também mencionam os debates que se desenrolaram nos anos 1990 acerca do modelos de integração europeus enfatizando a divergência entre o modelo francês baseado no republicanismo e o britânico que se associa a um liberalismo multicultural.

trabalho, o desejo de ter a nacionalidade francesa e a participação associativa.

Um relatório mais recente do HCI considera que a possibilidade de obter a cidadania francesa é uma dimensão importante para se pensar o "acolhimento" da população imigrantes/estrangeira, ainda que o mesmo texto argumente que o desejo de ter a nacionalidade francesa não é essencial para a integração, mas que "tornar-se francês", através da naturalização, "supõe a aceitação consciente desta escolha que envolve um engajamento de si mesmo, por seus filhos e descendentes" (HAUT CONSEIL À L'INTEGRATION, 2011, p. 30, tradução nossa)[244].

Assim, o acesso à cidadania francesa indica um "êxito" do processo de integração na medida em que essa decisão supostamente deveria ter como princípio a aceitação dos valores republicanos e da lógica da igualdade, que estariam na base da identidade nacional francesa. O problema é que na prática, a obtenção da nacionalidade pode ser mais uma ação estratégica do imigrante para assegurar sua regularização jurídica, do que expressão de sua sintonia com os valores nacionais. Além disso, o desejo de se integrar à sociedade francesa e de ser cidadão francês pode não significar uma consonância com a concepção de identidade que está na raiz da formação da nação e nem com uma concepção hegemônica do que vem a ser um cidadão francês.

A identidade refere-se a um processo intersubjetivo, possui caráter dinâmico e dificilmente pode ser controlado juridicamente. Maillot (2008) sustenta que tomar a identidade nacional como uma instância estática e que pode ser manejada de forma "objetiva" pelos gestores públicos é uma evidência de uma concepção equivocada, orientada por uma visão anacrônica e limitada do processo. De acordo com Castel (2008), quer queiram ou não os franceses, a França já é um país pluriétnico e pluricultural e o desafio atual em termo de "integração" passa pela sua capacidade de acolher as diferenças. Este autor chama a atenção para os mecanismos de exclusão e estigmatização que funcionam no país e alerta para a necessidade de enfrentar este desafio[245].

---

[244] No original: "devenir Français suppose d'accepter consciemment ce choix qui implique un engagement pour soi-même, pour ses enfants et ses descendants" (HAUT CONSEIL À L'INTEGRATION, 2011, p. 30).

[245] Ainda que não as reconheça como políticas compensatórias, a França tem concebido políticas que seguem na mesma direção definindo, por exemplo, zonas de educação prioritária. A questão apontada

Tanto o debate sobre a questão política/midiática (MAILLOT, 2008; STOICEA-DERAM, 2009) como as reflexões suscitadas por pesquisas (BLANC-CHALÉARD, 2001; SCHNAPPER, 2007) têm apontado para a construção de uma representação generalizada da integração como um "problema", assim como a própria imigração foi e é pensada. A mesma dinâmica de não reconhecimento do "outro" enquanto "estrangeiro" coloca-se diante do "outro" como "imigrante":

> A insistência sobre esse 'problema de integração' também tem seus efeitos negativos. Veiculada por políticas onerosas, o dever de integração tornou-se uma nova obrigação para os jovens frutos da imigração e uma fonte de estigmatização suplementar para aqueles que são designados como 'mal integrados'.(BLANC-CHALÉARD, 2001, p. 93, tradução nossa)[246]

Para Elias e Scotson (2000) a sociodinâmica da estigmatização é um processo que nasce de relações sociais estabelecidas entre grupos com poder diferenciado. Nesses casos, os grupos mais poderosos tendem a construir uma autoimagem de superioridade frente aos outros e a engendrar estigmas sobre eles. Os autores reforçam que não se trata de preconceito porque não é um processo relacionado ao indivíduo, a estigmatização advém de condicionantes estruturais: "um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído" (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 23).

Quando se pensa a identidade cultural e sentimento nacionalista, a forma de identificação e pertencimento a um determinado grupo constrói também as formas de identificação e de exclusão dos "outros" (DUBAR, 2009; SANCHEZ-MAZAS, 2004). Ou seja, as fronteiras que limitam os "nacionais" também estabelecem os "forasteiros". Se considerarmos a contribuição de Elias e Scotson, cidadãos nacionais e estrangeiros/imigrantes são grupos sociais distintos, cujas relações estão permeadas por relações desiguais de poder, particularmente porque os "estrangeiros/imigrantes" estão em um território que na concepção do "cidadão nacional" pertence a "ele" e não ao "outro".

Esta desigualdade nos níveis de poder (que pode ser objetiva devido à condição

---

por Castel (2008), é que tais políticas não tem conseguido gerar um reconhecimento social dos grupos estigmatizados.

[246] No original: "L'insistence sur ce 'problème de l'intégration' a aussi ses effets pervers. Relayé par des politiques coûteses, le devoir d'intégration est devenu une nouvelle obligation pour les jeunes issus de l'immigration et la source d'une stigmatization supplémentaire, pour ceux qu'on designe comme 'mal intégrés'." (BLANC-CHALÉARD, 2001, p. 93).

jurídica do estrangeiro ou apenas simbólica quando ele adquiriu a cidadania francesa) de dois grupos que se encontram é semelhante àquela que Elias e Scotson entenderam ser condições capazes de instituir processos sociais de estigmatização. Se no estudo de caso de Elias e Scotson, os grupos diferenciavam-se pelo tempo de residência num determinado local, os mais antigos e os "novos" moradores; a Nação e o sentimento nacionalista por sua vez criam as diferenças entre os cidadãos nacionais e aqueles que lhes são "estranhos".

Na prática, essa dinâmica de produção de estigmas funciona tende a fortalecer lógicas xenófobas. Isso pode ser percebido no contexto francês, quando o discurso anti-imigração e anti-imigrante é usado politicamente para abastecer a integração da sociedade, passando pela exclusão dos estrangeiros/imigrantes (SANCHEZ-MAZAS, 2004).

Quando o estrangeiro tem a cidadania francesa, porque foi naturalizado ou porque nasceu na França (afinal seus avós ou pais vieram de fora, mas eles estão supostamente "em casa"), este perde o estatuto de estrangeiro, mas pode continuar sendo visto como "outro". A estima lhe é negada porque não soube ou não quis compartilhar essa identidade; dado que o imigrante poderia ter se "integrado", mas ele não o fez.

Diversos imigrantes brasileiros entrevistados, particularmente entre aqueles que vivem na França há pelo menos alguns anos, mostraram ter ciência, através de seus depoimentos, de como "funciona" o processo de integração na França. A percepção de que se integrar é uma condição importante para "viver bem" sendo um "estrangeiro/imigrante na França" parece ter funcionado a favor destes brasileiros, que encontraram relativo conforto na condição estrangeira/imigrante tal como foi evocado pelas narrativas:

> Porque estrangeiro, pra eles, de estrangeiro, é, assim, falando eles estranham um pouco. Mas quando fala que é brasileiro a coisa já muda. E tem uma outra história do francês, que ele gosta que a gente adote o sistema deles. Que a gente assimile a cultura deles. Então, essa questão de integração... Aí você não tem problema nenhum. Eu nunca tive nenhum tipo de problema, nem nada. Agora, eu sempre procurei... Porque o problema é o seguinte, eu conheço pessoas que chegaram aqui, tem ilegais, tem de tudo, né? [...] Mas nunca foi o meu caso. [Plínio em entrevista realizada em 08/08/2012]
>
> Ninguém te olha porque você é morena, ou porque você é de outro país, ou você... Aqui, eu acho, o preconceito maior é cultural. Você tem que ser inserido

> na cultura deles. Tem que ser culturalmente no mesmo nível. Aqui você não tem, acho, o preconceito não é pela religião, pelo país de onde você veio, pela cor, por nada...Eles são preconceituosos em relação à cultura [...] quando você não aceita os costumes deles, quando você culturalmente não entende nada [...].A maioria fala, ah, africano, o...Aquele pessoal que usa véu...Eu acho que não é... Eles têm preconceito da onde [sic] eles vêm, mas eles não aceitarem a cultura, de não se inserirem na cultura francesa. E com o brasileiro não tem esse problema, porque o brasileiro se adapta a qualquer coisa. Eu acho que isso é uma facilidade. A gente não tem uma cultura arraigada que a gente procura preservar. A gente se adapta à cultura de outro país. E acho que por isso é mais fácil pra gente...Então, eu nunca senti assim, falar de preconceito. [Tânia em entrevista realizada em 27/09/2012]

> Embora eu more há quatro anos na França, você sente que tem uma certa maneira de ser francês, de falar Francês, que é difícil de a... Que difícil a um estrangeiro [sic] de entrar nessa cultura, né? Que eles têm uma lógica muito assimilacionista, né, os franceses. Não são como os canadenses, que são mais multicultura, multiculturais; ou, ou os brasileiros, que são mais integracionistas [...] um pouco a lógica do caniba..., canibalismo cultural. Na França você tem que jogar com... você tem que entrar na regra do jogo da França. E pouco importa se você é estrangeiro ou não. Mas uma vez que você entra na regra do jogo você é aceito. [Gustavo em entrevista realizada em 15/08/2012]

4.2. Formas e processos de "integração" dos brasileiros na França

As representações do Brasil e dos brasileiros na França que vieram à tona nas entrevistas realizadas dão indícios que os brasileiros não são tão "invisíveis" e, nesse sentido, trazem elementos frutíferos para embasar algumas reflexões sobre processos de "integração" e de discriminação que se referem aos imigrantes brasileiros na França.

Existem relações históricas e específicas entre o Brasil e a França que parecem ter servido para alimentar representações dos brasileiros sobre a França e de franceses sobre o Brasil. Elas podem ser classificadas de amistosas e, a princípio, configuram um encontro harmonioso entre franceses e brasileiros (CARELLI, 1994; TAVARES, 1979)[247]. No entanto, em uma análise mais atenta é possível encontrar evidências de que os percursos de integração dos imigrantes brasileiros à sociedade francesa estão permeados por obstáculos que, evidentemente, não são os mesmos para todos os tipos de imigrantes.

Segundo González (2007a), os latino-americanos são associados aos chilenos para muitos franceses, dado que essa seria uma comunidade visível e vista como bem

[247] As relações históricas franco-brasileiras particularmente no âmbito intelectual foram abordadas no terceiro capítulo.

integrada pela sociedade francesa[248]; no entanto o mesmo não se aplicaria aos imigrantes andinos na França, um fluxo associado inclusive à proximidade com a Espanha. Essa aparente "invisibilidade" dos andinos não significa, de acordo com a autora, que esses estão integrados à sociedade francesa, ao contrário, eles estariam "se virando como podem", ou em outras palavras, o reverso de integração.

A autora não contempla o caso do Brasil em seu texto, mas ainda que haja muito desconhecimento sobre o país, existe um conjunto de representações em torno do Brasil e dos brasileiros impregnado em muitos franceses e que tende a compor os elementos que são mais difundidos pela mídia francesa. Se os conteúdos dessa imagem foram restritos aos estereótipos dos trópicos (calor, praias, caipirinha, samba e futebol), nos últimos anos vem sendo também associado à política e à economia do país[249]:

> Eles começaram a enxergar o Brasil de uma forma diferente, em termos de potencial econômico, cultural também e não aquela visão que eles tinham que o Brasil, infelizmente, é futebol, samba e mulatas, ou mulheres de biquíni na praia. Porque infelizmente se tem uma coisa que me deixava chateado na época era essa imagem do Brasil. Por exemplo, eles viam o Nordeste, o Rio de Janeiro, as favelas, a droga, o futebol e as mulheres de biquíni. [Osvaldo em entrevista realizada em 05/06/2011]

> Agora a gente vê que eles sabem mais sobre o Brasil do que antes. Não sabiam quase nada do Brasil, antes, né. Sabiam só os estereótipos. Agora tá menos estereotipado. Também, não sei, né, agora também eu vou nu... Ando num meio... Um pouco mais culto, né... Gente que sabe. [...] Já deu uma diferença. Antes, as pessoas, na época em que eu morei lá, não sabiam quase nada do Brasil. [Suzie em entrevista realizada em 16/10/2011]

Ainda que alguns entrevistados tenham mencionado esta mudança no olhar da França sobre o Brasil, consolidados estereótipos sobre o Brasil e o Brasileiro e a Brasileira continuam a se manifestar e em alguns casos, gerando estigmas e causando eventuais sentimentos de discriminação.

---

[248] A presença de chilenos na França começou com um fluxo de refugiados do regime ditatorial naquele país, sendo que uma parcela desta população teria permanecido na França após a restauração democrática, e esta seria representada como a "migração tradicional" originária do Cone Sul de acordo com Gonzàlez (2007a).

[249] Em 2010, a revista de economia chamada *L'Expansion* dedicou um número especial ao Brasil, intitulado "Brasil, o novo eldorado francês", cuja foto de capa era a estátua do Cristo Redentor na cidade do Rio de Janeiro segurando uma bandeira da França, onde se via logotipos de empresas francesas. Outra revista de política e atualidade, a *Les Inrockuptibles*, colocou neste mesmo ano o Lula, ex-presidente do Brasil, com a chamada "Brasil, o país em que a esquerda venceu".

4.2.1. *Le brésil n'est pas un pays sérieux*[250]

Ao analisar os "cruzamentos culturais" entre o Brasil e a França, Carelli registra que, ainda na introdução de seu livro, as representações franco-brasileiras são assimétricas e marcadas por estereótipos, que alcançam eventualmente dimensões míticas dado que "as imagens do Brasil amalgamam-se na França em torno de clichês bastante grosseiros (o Brasil como o país do futebol, do carnaval ou da mulata...) nascidos [...] da nostalgia do paraíso perdido e de uma consciência difusa da superioridade de um país de civilização mais sedimentada" (CARELLI, 1994, p. 20).

Em grande medida as imagens francesas sobre o Brasil estão ligadas com o contexto da descoberta do "Novo Mundo" e todo o leque de representações e ideais produzidas naquele contexto de um "imaginário exótico pré-romântico" e é por isso, segundo Carelli, que o olhar francês sobre o Brasil evoca a feliz viagem de iniciação ao encontro do "todo-outro". Isso porque neste imaginário a figura do "bom selvagem" é o protagonista de um filme cujo cenário é composto por "praias", "sombra de coqueiros", "mulatas", "alegria de viver" (CARELLI, 1994).

Neste arranjo foi se consolidando uma tradição francesa na qual o Brasil é visto de forma pitoresca como "um jovem país exótico em vias de modernização" evocando um etnocentrismo que não reconhece o "outro", porém lhe "nega a xenofobia explícita" (CARELLI, 1994, p. 183-184)[251]. As palavras de alguns entrevistados para enfatizar como os brasileiros são bem vistos de forma geral é elucidativa desta relação de alteridade marcada por clichês:

> [...] Nós somos os exóticos, né, e dentro deste contexto do exotismo, eles são apaixonados pela música, pela comida, pela bebida, pela alegria, pela forma de

[250] A frase "O Brasil não é um país sério" faz referência a uma antiga querela no âmbito das relações franco-brasileiras, pois teria sido veiculada como pronunciada pelo então presidente francês De Gaulle, no início dos anos 1960, quando havia conflitos diplomáticos entre os dois países devido à prática de pesca, por franceses, em território marinho brasileiro (SOUZA, 1979). É possível encontrar artigos de revistas não acadêmicas francesas – como a *L'Express* e a *Le Point* - que fazem referência a tal frase como sendo de autoria de De Gaulle. No entanto, o embaixador do Brasil na França na época, Carlos Alves de Souza, em seu livro de memórias, esclarece que a frase foi dita por ele próprio e que o referido ex-presidente francês jamais teria sido seu autor (SOUZA, 1979, p. 317). No entanto, independentemente dos fatos, o que importa é o uso de certa forma frequente da frase e a representação do Brasil que ela veicula.

[251] O texto de Carelli aprofunda os intercâmbios intelectuais entre a França e o Brasil de forma a mostrar que diversos artistas, escritores e intelectuais franceses que viveram no Brasil puderam perceber o Brasil em sua originalidade para além dos estereótipos. Tal fato, contudo, na nossa perspectiva tem mais implicações para o mundo das ideais do que para o senso comum.

> viver. Então, eles são muito abertos. A melhor carta de visita pra quem chega aqui, pro brasileiro que chega aqui, que todo mundo fala "ah, mas eu não falo a língua". Não precisa! Chega pra eles assim, tem aquela frase, que é, você decora isso que você vai se dar bem *"pardon, je ne parle pas français, je suis brésilienne"* [em português: "perdão, eu não falo francês, eu sou brasileira"] [risos] As portas se abrem! [Ivone em entrevista realizada em 29/05/2012]
>
> [...] brasileiro é exótico, fala que é brasileiro "Ah, samba, carnaval, futebol, Pelé, Ronaldo, Ronaldinho...", é sempre exótico né?..., o europeu gosta da cultura brasileira, o europeu adora o Brasil. [Rômulo em entrevista realizada em 28/05/2012]

A imagem do brasileiro foi analisada por Almeida Rego e Christiano (2012) em quatro esquetes humorísticas que tinham o Brasil e/ou o brasileiro como tema central. Duas delas foram realizações portuguesas e duas francesas. Apesar das diferenças, identificam três estereótipos explorados nos programas dos dois países em questão. A primeira marca refere-se à homossexualidade e transexualidade. Depois citam a questão da promiscuidade ou de uma sexualidade "naturalmente" exacerbada. Por último, comentam a questão da língua e dos clichês construídos em cima do acento brasileiro, tanto na pronúncia do português quanto do francês.

Os autores fazem referência a dois aspectos presentes dos programas franceses sobre os brasileiros, mas que estão ausentes no caso português. Primeiramente, a imagem física. Para os franceses, os brasileiros são sempre bronzeados e possuem cabelos encaracolados. Depois, são "fanáticos" por futebol, sendo esse o único interesse do brasileiro. Tanto que um dos quadros analisados é uma emissão jornalística brasileira cujo tema exclusivo é o futebol, como se nada mais importasse[252]. O jornal televisivo é encerrado com a notícia de um terremoto na capital brasileira que teria deixado mil mortos, mas o "apresentador" logo tranquiliza o público dizendo que apesar disso, o jogo de futebol previsto para o próximo domingo não seria comprometido.

Essa imagem desqualificada do Brasil como "um país que não é sério" apareceu, por exemplo, quando uma fisioterapeuta brasileira fazia um estágio em um hospital francês no âmbito da especialização que cursava na França:

> [...] eu tive um momento ruim quando eu tava na especialização, eu fui fazer estágio e que as fisioterapeutas, eram bem mais velhas, assim, uns 45 anos, trabalhavam no hospital, e eu fui fazer estágio com elas. [...] eu mudei de

[252] Esta esquete em particular tem um pouco menos do que dois minutos e está disponível no seguinte sítio eletrônico: <www.youtube.com/watch?v=hsRX7WwcpfA>.

> hospital, porque eu não conseguia ficar lá, que a fisioterapeuta virou para mim e perguntou: "como a gente fazia a fisioterapia aqui no Brasil, se a gente dançava pros pacientes?!"[tom de indignação]. [Daniela em entrevista realizada em 14/04/2011]

No entanto há casos em que os estereótipos não incomodam, tal como se percebe pela declaração de Bernardo:

> Eu encontrei com **muitos** franceses. O primeiro encontro com francês foi a tradutora, que me levou pra casa dela e me acolheu [refere-se ao episódio de sua detenção pela polícia francesa]. Então, eu bem conheço tanto deles aqui. São **super** gentis. Quando... "Ah, cê é brasileiro?!" Aí, conversa... E, pra eles, brasileiro, Brasil se resume em samba, carnaval, favela... [rindo] aí... E futebol. E mulher. [*Pausa*] Mas são **super** gentil [*sic*]. Eu não tenho nada a falar que os franceses são racistas... Não. [...] Nunca fui discriminado por ser brasileiro. **Nunca** fui. [...] Eles me recebem muito bem. [Bernardo em entrevista realizada em 22/09/2012, grifos nossos para indicar ênfases da fala].

Em relação a essa questão dos clichês, é preciso mencionar também o uso estratégico que os brasileiros e as brasileiras podem fazer acerca dos estereótipos estabelecidos. É dessa forma que para as mulheres transexuais que trabalham no mercado do sexo, ser brasileira é um trunfo, porque ela se transforma na "fantasia que pode virar realidade". De forma totalmente diferente, esse tipo de discriminação de efeito "positivo" aplica-se também a situação de artistas brasileiros na França. Luiz, 44 anos, vive na França desde 2004, declarou que aprendeu a "desencanar" de ser estrangeiro, disse que não se sente discriminado, mencionando o fato de ser "branquinho" e de ser "músico". Abaixo reproduzo trecho de um músico negro brasileiro, no qual ele também disse não sentir discriminação:

> O racismo está na cabeça, como se diz. [...] Eu não tenho problema com racismo, não! [...] Depende também com quem você anda, eu mesmo vou em lugares, assim, final de semana agora estou tocando num castelo [...] toco em Mônaco, em vários lugares assim, como aí você vai tocar, é músico, então às vezes a relação é diferente. [César em entrevista realizada em 02/07/2012].

Desta forma, músicos e professores de capoeira podem se beneficiar dos estereótipos sobre o Brasil quando estão vivendo e trabalhando na França. Show de música brasileira, com músicos brasileiros e bailarinas brasileiras é um "produto" que "agrada" e é bastante vendido e consumido enquanto tal, principalmente no sul da França durante o verão. Assim como noites de forró ou de rodas de samba em bares parisienses. O depoimento de Augusto que é negro e professor de capoeira abordou essa dimensão:

> Então no meu caso sendo, vou falar só um exemplo em relação a minha integração na França, em relação, em relação ao fato de vir do Brasil e tudo o

> mais. Na verdade, antes da pessoa saber que eu sou brasileiro, ele me vê como afro-descendente, como negro. [...] “Ah, é brasileiro, futebol, carnaval!”. Já olha, já é diferente. “Ah, capoeira! Que que é capoeira?”. Começa a olhar diferente e tal. Aí já melhora. Mas o primeiro contato nem sempre é interessante. [Augusto em entrevista realizada em 24/05/2012]

Existe também uma parcela de brasileiros na França que se sente muito bem “integrada”, pois estes imigrantes alegam que falam bem o idioma francês e vivem “dentro” da cultura francesa. Do ponto de vista da situação jurídica dos entrevistados, essa “integração” se evidencia através da posse do título de residente – cuja validade é de 10 anos sendo de renovação praticamente automática – ou mesmo da obtenção da cidadania francesa. Entre os 102 imigrantes e retornados entrevistados 12 possuiam ou possuiram o título de residente e 21 o passaporte francês, ou seja, há 33 casos de imigrantes em condição jurídica estável.

Como o número de casamentos franco-brasileiros é grande entre o universo de entrevistados, há dezenas de casos em que a união cumpriu papel fundamental na obtenção do visto de vida familiar ou ainda no acesso à cidadania francesa. Há também casos de brasileiros que se tornaram franceses pelo tempo de residência na França, pelo tempo de trabalho, entre outros aspectos que atendem aos requisitos franceses para efetivar as naturalizações (casos de Leonardo, Margareth e Mário).

Há 20 casos de brasileiros que vivem ou viveram na França com vistos de estudantes, renovados anualmente. Para aqueles que estavam lá, essa condição oferece muitas vezes uma instabilidade, pois precisam garantir as condições que vão viabilizar a renovação do documento anualmente; por isso, muitos deles disseram se sentir inseguros em relação ao futuro.

Para aqueles que estão indocumentados, a situação tende a ser precária. Vale notar que entre os 9 casos de indocumentados encontrados, 8 foram agrupados na modalidade migratória laboral. Não por acaso, são aqueles que trabalham na construção civil e no setor de limpeza, atividades que tendem a ser desprezadas pela mão de obra nacional corroborando a tese de que se existe o imigrante trabalhando informalmente é porque existe interesse de empregadores e da sociedade de acolhimento por essa mão de obra. Conforme aponta Tapinos (1992), o trabalho irregular existe porque há uma confluência de interesses entre empregadores e imigrantes. Ao que parece existe uma “omissão”, que se repercute em “tolerância”, no

que se refere à permanência desses imigrantes em caráter temporário e reversível. Dessa forma, eles podem ser a qualquer momento expulsos do território, livrando a França dos custos sociais e políticos relacionados à imigração regular.

Os brasileiros, assim como os andinos estudados por González (2007a) dão um "jeitinho" e encontram alternativas e brechas no sistema social francês. Alguns brasileiros indocumentados declararam ter acesso à assistência médica e a outras políticas sociais. Porém, isso não significa que não exista brasileiros vivendo à margem do Estado e da sociedade francesa, sobrevivendo graças ao apoio de redes pessoais. A situação de Wanda, por exemplo, era particularmente inquietante pela falta de recursos financeiros e de suporte pessoal, uma condição de vulnerabilidade e de isolamento que tende a ser reforçada pela sua situação de indocumentada.

Outro fator a destacar é recorrência com que ouvi dos entrevistados que os franceses gostam do Brasil e do brasileiro e que por isso, os brasileiros que lá vivem não encontram muitos problemas, ao contrário, são geralmente muito bem recebidos. Essa "invisibilidade" da discriminação pode ser uma faceta do que alguns autores têm discutido em termos de negação da existência de racismo (SIMAI e BAENINGER, 2012). Esta negação está ausente quando o assunto são os "árabes"[253] como sendo este o grupo-alvo da xenofobia francesa. Vários brasileiros argumentaram que os franceses não discriminam os brasileiros porque eles se integraram à cultura francesa. Inclusive, alguns entrevistados disseram concordar que a imigração "de árabes" é um problema para a França. Transcrevo abaixo um desses depoimentos:

> [...] se eu fosse francesa, eu acho que eu também não ia querer os árabes ali por perto. Eles são super assim, eles tão morando lá, mas eles querem manter a cultura deles, o jeito deles, o que eles acham que está certo. E vão pra lá e pra cá com o véu, o homem na frente, a mulher atrás; e fazem o Ramadã...E fazem aquela bagunça. A única vez que eu vi um cara roubar, era um árabe. Ele pôs a gasolina e se mandou sem pagar. [Mara em entrevista realizada em 27/06/2011]

As percepções e opiniões dos imigrantes frente a sua experiência estrangeira são diversificadas, assim como são diversos os seus perfis, aspecto que evidencia o caráter heterogêneo da "comunidade" brasileira na França e revela a existência de distintas trajetórias que percorrem caminhos específicos rumo à inserção na sociedade

[253] Expressão utilizada pelos entrevistados.

de destino. O que encontramos são processos de discriminação e integração multifacetados e às vezes paradoxais. Estes processos duais – que se revelam em experiências simultâneas de "integração" e discriminação – evidenciam as consequências do enfoque transnacional, tal como argumentou Baeninger (2013), para a análise das interações sociais que os imigrantes internacionais estabelecem com a sociedade de destino, tendo em vista que, no contexto contemporâneo, essa perspectiva de análise revela "as heterogeneidades dos processos migratórios, a não-integração, a própria integração, a remessa para o consumo, identidades entre dois países" (BAENINGER, 2013, p. 18). É por isso que conceitos como incorporação, integração, assimilação e inserção para sustentar reflexões sobre as relações estabelecidas entre o imigrante com a sociedade hospedeira mostram-se cada vez mais insatisfatórios para explicar essas dinâmicas contemporâneas; dada a complexidade que se instituí com a experiência dos "transmigrantes" (GLICK-SCHILLER, BASCH E BLANC (1995) e a necessidade epistemológica de ruptura com o nacionalismo metodológico engendrada pela globalização (SASSEN, 2010a).

Disponibiliza-se abaixo um quadro resumo que sintetiza a condição jurídica dos imigrantes entrevistados de acordo com a construção das modalidades migratórias elaboradas no terceiro capítulo. O quadro 14 inclui tanto aqueles que deixaram a França – que temos chamados de ex-imigrantes, pois nem todos retornaram ao Brasil – como aqueles que lá estavam quando foram entrevistados.

Quadro 14. Imigrantes e ex-imigrantes brasileiros na França entrevistados de acordo com modalidade migratória e situação jurídica

Tipo de Visto	Modalidade Migratória					
	Qualificada	**Estudantil**	**Laboral**	**Afetiva**	**Cosmopolita**	**Total**
Visto "científico"	2	-	-	-	-	**2**
Visto "salarié"	4	1	1	-	-	**6**
Visto "vida familiar"	-	3	3	11	-	**17**
Visto "estudante"	-	17	1	2	-	**20**
Título de Residente	1	2	3	5	1	**12**
Cidadania Francesa	-	4	2	13	2	**21**
Outra cidadania europeia	-	2	2	1	4	**9**
Indocumentado	-	-	8	1	-	**9**
Outros	-	-	2	-	-	**2**
Não informou	-	1	2	1	-	**4**
Total	**7**	**30**	**24**	**34**	**7**	**102**

4.2.1. A imigração de mulheres brasileiras na França

Abud (2010) analisou representações sobre a identidade nacional brasileira tendo em vistas os imigrantes e as associações brasileiras na cidade de Lyon e segundo apontou, estas “marcas identitárias” podem funcionar para a inclusão ou para a exclusão, ou seja, assim como a imagem de “povo alegre” pode ser um facilitador para a aceitação destes “estrangeiros” pelos autóctones, a imagem sexualizada da mulher brasileira pode ser um obstáculo.

Esse aspecto da representação da mulher brasileira pelo francês merece destaque, por ser um elemento mencionado frequentemente nas entrevistas. Como resultado de sua pesquisa, Amorim (2009) mostrou que o imaginário dos franceses sobre o Brasil é repleto de ideias de cunho afetivo, que reverberam em relações de amor, com o país e com suas mulheres, estimulando a imigração de franceses para o Brasil e promovendo casamentos com as brasileiras. Nesta representação, a mulher brasileira é o próprio símbolo que representa a imagem do francês sobre o Brasil (AMORIM, 2009). A seguir foram reproduzidos alguns trechos de entrevistas sobre essa questão:

> A mulher brasileira, ela tem mito, que cria medo, [...] é o mito do sexo fácil [...] É um negócio assim, vulgarizado, não só aqui na França, porque eu percorri muito a Europa [...] e solteira ou casada, a única particularidade que eu vi, sendo um ponto em comum na Europa é o seguinte: quando está falando comigo, sendo grata, está tudo bem [...] dali um pouco: "da onde é que tu vens?". "Eu sou brasileira!". De repente você olha, se é um homem, o olho parece assim que salta da órbita e fica te imaginando como se você tivesse trepando agarrada no lustre. É um negócio muito louco. O olhar modifica completamente. [Simone em entrevista realizada em 19/11/2010]
>
> [...] Eu percebi durante esse período de trabalho [em uma loja francesa] é que como brasileira, você é muito visada. Por exemplo, eles acham que você tem que sair com eles. Então toda vez que eu [...] atendia um homem francês, eles olhavam pra mim e falavam: "mas você tem um sotaque, da onde você é?". "Ah, eu sou do Brasil". "*ah, les brésiliennes, comme elles sont belles...la samba, le carnaval*" ["ah, as brasileiras, como elas são belas...o samba, o carnaval"]. E eles "cantavam", eles falavam assim: "você não quer tomar um café comigo?". "Não, eu estou trabalhando, eu sou casada". "Ah, mas eu também sou casado. O que tem de mal nisso? A gente pode fazer uma 'farrinha'" Eles falavam isso. Era uma coisa que eu ficava assim muito, eu me sentia diminuída porque não era uma vez só, eram várias pessoas. [Vânia em entrevista realizada em 08/06/2011].
>
> Eu acho que mulher brasileira é bem discriminada [...] é aquela questão sexual. Sempre! Numa festa quando tu conversas com um francês ou qualquer europeu, estrangeiro: "tu és brasileira! Hummm!". Já tem um "hummm", sabe, na conversa, então, eu não costumo falar que eu sou brasileira [...] eu não falo porque eles têm uma malícia com as brasileiras, é uma discriminação bem forte. [Bianca em entrevista realizada em 18/10/2012].

Simone e Bianca são ambas do sul do Brasil e foram para a França pela mesma motivação inicial: estudar. Mas ao mesmo tempo são situações bem diferentes, pois Simone têm 44 anos e vive lá há 20 anos, enquanto Bianca tem 26 anos e é recém-chegada no país. Vânia foi acompanhando o marido, que foi expatriado por uma multinacional francesa no Brasil, não conseguindo inserção na sua área de formação, acabou trabalhando como vendedora e foi neste contexto que se sentiu afetada pela forma como muitos franceses a viam. Essas três mulheres que apresentam trajetórias distintas, em etapas diferentes da sua "carreira migratória", compartilharam o mesmo incômodo e mal-estar diante do estereótipo da brasileira.

Outras entrevistas mencionaram a questão da imagem sexualizada da brasileira, mas se mostraram menos afetadas. Valentina, 35 anos, está fazendo seu doutorado numa Universidade no sul da França desde 2012 e contou-me que não viveu "nenhuma situação desagradável" porque sabe "manter a distância", mas ponderou que "mulheres mais tranquilas, devem ter problemas" [Valentina em entrevista realizada em 29/06/2012]. Fernanda faz um pós-doutoramento na região parisiense, atuando numa

área que tem mais homens que mulheres, disse que mesmo assim nunca se sentiu pessoalmente vítima desse tipo de preconceito:

> A gente ouve muita brincadeira, mas eu também nunca fui desrespeitada [...] é engraçado, porque tem uma coisa, uma aura em torno da brasileira. [...] A gente ouve muita coisa, muita piada em torno da brasileira [Fernanda em entrevista realizada em 09/08/2012].

De acordo com Almeida Rego e Christiano (2012), o estrangeiro é um tema recorrente de piadas e gozações porque é uma figura vista como extravagante. O "desviante" e "excêntrico" tendem a se constituir em objeto de riso pelo seu caráter de estrangeiro, que o leva a ser visto como "exótico" culturalmente e também pela questão da língua (falta de habilidade no idioma da sociedade de acolhimento, presença de sotaque etc.). Por outro lado, reconhecem que imagens estereotipadas de conotação sexual também servem para alimentar os clichês que serão desenvolvidos pelo humor.

Os estereótipos construídos sobre os "outros" ao servir para rotulá-los, podem fomentar estigmas. De acordo com Goffman (1978) o indivíduo que é estigmatizado experimenta uma impossibilidade de ser plenamente aceito pelo meio social no qual o estigma foi engendrado, pois ele é marcado com um atributo depreciativo. Para esse autor, o problema da categorização é inerente às sociedades, cujo processo resulta na criação de estereótipos que recaem sobre alguns indivíduos. Existem três tipos de estigmas para Goffman: as deficiências e/ou deformidades corporais, as culpas de caráter individual e os estigmas que o autor denomina como sendo tribais porque fazem referência à raça, à nação e à religião. O problema para a experiência de socialização de um indivíduo estigmatizado é que a "marca que o deprecia", destrói a possibilidade de que outros atributos do indivíduo sejam notados (GOFFMAN, 1978). Nesse sentido, há evidências de que a representação estigmatizada em torno da "mulher brasileira" implica em limites para sua socialização ou, para usarmos os termos da política francesa, para o sucesso de sua "integração" junto à sociedade francesa. Particularmente quando essa "mulher brasileira" não aceita voluntariamente a posição em que é colocada pelo estigma, e tende a incomodar os franceses na medida em que ultrapassa os limites que estes consideram aceitáveis. A aceitação voluntária do estigmatizado em manter-se dentro dos limites, que os "normais" estabeleceram para ele, cria segundo Goffman (1978) uma cooperação tácita entre os dois grupos e que pode ser uma "solução" que o estigmatizado encontra para manter-se vinculado ao

grupo.

Marcela que ocupava um posto importante na direção de uma empresa parece ser um exemplo destes limites ultrapassados, pois Marcela experimentou muitos desafios e na sua avaliação as dificuldades tiveram relação com o fato de ser mulher e de ser estrangeira. Apesar de ter suporte institucional (e jurídico) para manter-se na França, sua experiência como imigrante foi atravessada por uma série de constrangimentos. Reproduzirei alguns trechos da entrevista em que a entrevista abordou o tema inclusive para justificar sua decisão de retorno ao Brasil:

> **Marcela:** [...] Porque eu acho que... É muito pesado ser estrangeiro aqui. [Nesta parte da entrevista a voz da entrevistada soa mais grave e séria] É muito difícil! Nesta região é muito difícil. Né... É... Realmente, estrangeiro aqui é visto como... Al, al, al... Alguém a combater; a excluir. É... Aqui dentro da minha fábrica – imagina! Pra eles tolerarem um RH estrangeiro! Eles tiveram que engolir seco, né, também. Não foi fácil pra eles. Mas pra mim também, não. Então, ah... Eu achei que foi muito esforço; deu certo. Mas o esforço foi meio sobre-humano. Então, assim: "vale à pena?" "Não!" [Pausa breve] [Entrevistada pigarreia] Eu...
>
> **Pesquisadora:** E o fato de você ser mulher, é, ser mulher, você acha que também...
>
> **Marcela:** Eu acho que... É... Na percepção que eu tenho, mas aí é um sentimento, né... – meu marido concorda também com isso, e ele é homem, né. É... Ele... Eu acho que a França tem **muito** mais problema em relação à mulher do que o Brasil. **Muito** mais. [grifos nossos para indicar ênfase da fala]
>
> **Pesquisadora**: Não, porque eu nem faço um estudo de gênero, mas eu fico pensando, pensei porque daí soma duas coisas, né?
>
> **Marcela:** É. Soma três: soma gênero, soma a, o fato de você ser estrangeiro... A origem, né. E, soma o fato da **função de origem**. Por quê? Porque é uma empresa de engenheiros, né, uma empresa, é uma **indústria**; e a função nobre aqui, é o engenheiro. Então, desde que você não é engenheiro, você é de segunda categoria. [Marcela em entrevista realizada em 20/08/2012].

Margareth formou-se em advocacia no Brasil e apesar do seu diploma não ter validade lá, ela fez um ciclo de formação no nível de pós-graduação em Direito na França, o que lhe trouxe a possibilidade de trabalhar na sua área de formação. Porém, apesar de ter a habilidade técnica reconhecida, o ambiente profissional foi pouco acolhedor:

> Todos os lugares que eu fui, assim, eu tive discriminação. No meu primeiro emprego, já começou por aí me dando um contrato temporário e prolongando um contrato temporário - que isso não se faz. [...] quando eu cheguei, "todo mundo simpático, todo mundo ótimo". Porque eles [colegas do escritório] pensaram que eu cheguei pra servir café pra eles. Aí, quando eles viram que eu tinha um outro temperamento...Aí eles falaram: "ih, brasileira, não sei o que, ah muito engraçado, né?". [risos] É uma coisa assim. Aí quando eles viram que eu tava lá com o mesmo nível deles, aí já não tinha mais graça, sabe. Aí não tinha

> graça. Bom, quando eu saí, fui pra Paris, e Paris foi mais ou menos a mesma coisa. [Margareth em entrevista realizada em 23/06/2012].

Sobre essa questão do "lugar" da brasileira – tal como apontou Margareth ao dizer que ela "deveria" servir café para os franceses – na sociedade francesa, o conjunto dos depoimentos obtidos com as entrevistas realizadas sugere que ser manicure, vendedora ou garçonete parece ser uma posição mais protegida para a "brasileira" do que ocupar um cargo valorizado. Quando o "estrangeiro" é também "a brasileira", e esta se afasta demais do "lugar" que lhe cabe nos imaginários constituídos, parece que a tendência a ser discriminada pelos franceses aumenta. Digo isso porque profissionais qualificados de ambos os sexos, me narraram percepções bastante distintas. Cito um trecho da narrativa de Horácio, brasileiro, homem, engenheiro e detentor de um posto técnico importante em uma grande multinacional na França:

> **Pesquisadora:** [...] O fato de ser brasileiro, isso repercutiu, de alguma maneira, na dinâmica de trabalho, aqui na França, nessas suas estadas aqui? [...] Por ser brasileiro, por ser estrangeiro?
>
> [Pausa longa]
>
> **Horácio**: Não. Eu, eu acho que não.
>
> **Pesquisadora:** Não?
>
> **Horácio**: No meu meio, não.
>
> **Pesquisadora**: Porque sabe, às vezes, aquela coisa do... "que tá roubando trabalho"... de franceses...
>
> **Horácio**: Não, não, não, não... Não. Não. O... O meu meio...
>
> **Pesquisadora**: Ou duvidar da qualidade da formação no Brasil...
>
> **Horácio**: Não. Não. O meu meio... [Pausa] O meu meio é muito técnico.
>
> **Pesquisadora**: Tá.
>
> **Horácio**: [...] *Cadre* [categoria profissional privilegiada na França], né? Então... Eu acho que não... Não... Não se chega a pensar nisso, não. [Horácio em entrevista realizada em 04/10/12]

Outro brasileiro homem que também ocupava um importante cargo de gestão também disse que nunca se sentiu discriminado:

> [...] nesse ponto de discriminação nunca senti nada pelo fato também não sei se é por causa disso, por exemplo, meus empregados, sabiam que eu tinha doutorado, essa coisa toda. Essas pessoas estavam sob a minha responsabilidade. Talvez isso, tenha, de uma...Vamos dizer, eles têm uma noção de hierarquia muito grande na França. [Mário em entrevista realizada em 01/09/2012]

Enquanto Horácio e Mário alegaram não sofrer preconceito por serem

estrangeiros, em razão de um reconhecimento técnico ou posição hierárquica; as duas mulheres, Marcela e Margareth, também qualificadas e competentes para as funções que exerciam, foram confrontadas com práticas hostis no ambiente de trabalho e declararam-se vítimas frequentes de preconceito.

4.3. Os brasileiros na França e a questão do retorno

Uma das tensões presentes no processo migratório refere-se à decisão de partir ou ficar. Uma vez que já se é migrante, a questão passa a ser permanecer ou retornar. De acordo com Sayad (2000), mais do que uma possibilidade, o retorno é um componente essencial da migração. Para Durand (2006), por outro lado, a decisão de voltar é semelhante àquela que se dá no momento da partida. No caso das migrações internacionais contemporâneas, a tensão entre permanecer ou retornar pode assumir contornos jurídico-institucionais, pois os países – como é o caso da França – adotam políticas de imigração mais restritivas e rigorosas, fato que muitas vezes se traduz no "retorno compulsório". Ainda que se reconheça o peso desta dimensão explicativa, também há casos em que são as tensões subjetivas, as dinâmicas identitárias que influenciam na re-atualização do projeto migratório e definem expectativas e/ou comportamento frente à decisão de voltar ao Brasil ou permanecer na França. Isso porque o retorno depende das mudanças nos contextos internacionais, mas está intimamente associado à experiência do imigrante, isto é, a maneira como se passou a migração (DURAND, 2006).

Na nossa perspectiva, a decisão de retorno é uma componente integrante do projeto migratório, entendido como uma criação individual ligada à realidade prática e ao contexto que cerca o potencial migrante (MA MUNG, 2009). Lembrando que o "projeto" não é algo estático, ao contrário, é um planejamento que se atualiza e se reatualiza nas diferentes etapas do deslocamento (BOYER, 2005), refletir sobre o retorno é refletir sobre os projetos migratórios. E assim como os projetos de emigração e de imigração, os planos de retorno (ou sua ausência) não estão livres dos constrangimentos e oportunidades. A resposta de Kelly quando perguntei se ela pensava em voltar ao Brasil um dia é elucidativa deste aspecto de atualização constante do projeto migratório e de como um plano inicial de uma estada temporária

pode assumir contornos de um fluxo com baixa probabilidade de reversibilidade: "[...] começa com 'eu vou para ficar um tempo', passa pelo 'não sei se vou voltar' até chegar ao 'como vou fazer para ficar?'" [Kelly em entrevista realizada em 24/08/2012]. Kelly tinha feito uma união civil com um amigo – um casamento branco – para conseguir se manter regularizada na França, mas não sabia até quando seu amigo estaria disposto a manter a ligação. Isso é um exemplo de como oportunidades e constrangimentos influenciam na dinâmica a longo prazo dos projetos migratórios e dos planos de retorno.

No que se refere aos 16 ex-imigrantes brasileiros na França, 7 deles cumpriram a expectativa inicial no que se refere ao tempo de permanência na França, que era pensada como uma mobilidade temporária.

Alessandra foi fazer seu doutorado integral em física e voltou ao país após a conclusão do mesmo, pois para ela, ser "estrangeira" "para sempre" estava fora de questão:

> Quatro anos fora!... Eu era a única que ia voltar. Que as outras duas casaram. Ficaram lá... Mas eu não queria ficar lá. [...] Eu acho que é muito ruim pro estrangeiro. Eu não gostei de ser estrangeira. Assim, eu acho legal, a experiência, mas, você passar a vida sendo estrangeiro! Ah, não... que que é isso? [Alessandra em entrevista realizada em 12/08/2011]

Bruno e Gabriel foram enquanto estudantes de graduação, talvez por isso eles não vivenciaram o retorno como uma questão em aberto, porém a experiência teria despertado em Bruno o desejo de viver uma experiência internacional no âmbito profissional, o que o fazia "sonhar" com terras francesas, neste sentido, ainda que afetivamente, seu "espaço de vida" (COURGEAU, 1988) abarcava a França[254]. Gabriel, por outro lado, desenvolveu uma identificação distinta e não mostrou nenhum interesse em retornar para a França.

Por outro lado, Daniela disse-me que poderia ter ficado, mas que quis voltar. Seu marido foi para fazer um doutorado integral e ela foi para acompanhá-lo e aproveitou para estudar. Ao final do período inicialmente previsto, os quatro anos de duração do doutorado, Daniela declarou que seu marido recebeu uma proposta de trabalho e que ele tinha vontade de ficar, mas ela sentia muita falta da família, e o casal acabou

[254] A França compõe seu espaço de vida tanto de maneira afetiva, através das lembranças rememoradas com satisfação (a entrevista que me concedeu durou quase duas horas e mais de uma vez utilizou o verbo "ir" como se estivesse na França naquele momento), ou ainda de maneira propositiva, quando diz ter interesse de ter uma experiência profissional naquele país.

voltando ao Brasil:

> [...] até que no final, no finalzinho eu até tive uma vontade de continuar lá, porque eu tinha, no fundo eu tinha medo de voltar para o Brasil. Eu queria porque eu pensava "não, daqui um ano eu quero ter filho" e, eu queria que isso acontecesse perto, perto da minha família, né, eu não imaginava ter filho longe, construindo uma família longe. E eu teria que vir com um pouco de antecedência pra gente se estabelecer, conseguir um emprego. Acho que esse foi o forte também. Só que eu tinha medo, tinha não, eu tenho, até hoje! Porque é bem diferente, a realidade é bem diferente. Depois que você fica um tempo lá fora e volta pra cá...Nossa, ainda mais São Paulo que tá tão caro! [risos] A gente fica assim, assim, de criança, com criança, né, tem que pagar tudo. E, com violência... [...] Mas daí, eu acho que o lado família foi mais forte, no finalzinho, eu acho que o meu marido quase me convenceu, de mudar tudo e ficar lá, mas aí ele conseguiu emprego aqui [numa faculdade de São Paulo], e meu pai teve um problema de saúde sério, então aí eu esqueci! Aí, tipo, tudo que eu tava, que ele tava conseguindo convencer, foi tudo por água abaixo! Aí, a gente veio. Mas foi ótimo, assim, eu acho que voltar pro Brasil também, sabe, ter uma experiência, eu não imaginava que fosse tão, tipo, sabe, que essa experiência iria mudar tanto minha vida, assim, tanto profissional, quanto pessoal [Daniela em entrevista realizada em 14/04/2011].

Outra experiência conjugal foi vivenciada por Osvaldo e Mara. Casados, eles foram para Lyon por causa de um contrato de expatriação de Osvaldo. Ambos gostaram da experiência, mas Mara manteve uma ligação mais forte com a França, não queria voltar, tornou-se professora de francês e considera que ir para lá foi a "melhor coisa que ela fez de sua vida". Enquanto Osvaldo, apesar de ter gostado da experiência e de manter uma relação afetiva com a França, tem uma visão mais objetiva, ao considerar aspectos como sua carreira profissional e sua aposentadoria:

> Eu, pessoalmente em termos profissionais, eu não tive muita escolha, por causa dessa questão da empresa [houve uma reestruturação] [...]. Então, por razões profissionais eu não me arrependo, mas, assim, é, se, se tivesse oportunidade de voltar, eu voltaria. [...] mas não me arrependo de ter voltado, né. [...] Porque eu não sei se profissionalmente, se eu tivesse permanecido lá, profissionalmente, onde eu estaria hoje, pode ser que eu nem estivesse mais na França, [...] ou se eu pudesse estar até em outro país. Ou, poderia ter tido um caso, porque tem uma coisa, você estar como expatriado, você tem uma certa proteção, em termos de trabalho. Se eu optasse por ficar, eu teria que abandonar o status de expatriação, e pela lei francesa, eles não reconhecem os anos trabalhados no Brasil. [...] E eu não teria nenhuma proteção da empresa. Eu teria que competir de igual pra igual...[...] com franceses e eu sendo mais velhos já [Osvaldo em entrevista realizada em 05/06/2011].

Todos esses casos de migração de retorno, assim como o de Pilar[255], são típicos exemplos de migrações temporárias, de média duração, na qual o regresso é esperado e normalmente cumprido. Os demais "retornados" entrevistados apresentam trajetórias

[255] Pilar foi acompanhando o marido que não se adaptou na empresa e voltou antes do previsto, mas foi uma experiência que não fugiu muito das expectativas iniciais.

mais complexas, que envolvem inclusive aspectos conflituosos em relação ao retorno, como o caso de Jurema, que vivenciou uma espécie de “retorno forçado”, no sentido de que ela não conseguiu se inserir profissionalmente na França após a conclusão de seus estudos e acabou decidindo voltar. De acordo com sua narrativa, gostava de viver na França e se pudesse, teria ficado: “Eu, no fundo, no fundo, eu não, eu não queria ter voltado, né. [...] Enfim, eu tinha uma vida lá [...] as minhas referências eram todas lá, de certa forma” [Jurema em entrevista realizada em 25/09/2011]. Esse e um caso em que o desejo de permanência do imigrante entra em conflito com a política migratória da sociedade de acolhimento. Segundo seu depoimento, ela tentou empregos em ONGs que atuavam na sua área de formação, mas disse que a França estava muito fechada. A entrevista foi realizada à distância, através do Skype, mas mesmo assim Jurema mostrou-se bastante à vontade e manifestou fortemente sua emoção ao declarar que tinha muitas saudades e que às vezes se arrependia por não ter tentado mais enfaticamente permanecer na França.

Outros entrevistados como Mário e Margareth, por exemplo, preenchiam critérios que facilmente permitiriam a um pesquisador classificar seus deslocamentos como irreversíveis ou de baixa reversibilidade (DOMENACH e PICOUET, 1990): viviam na França há 10 anos ou mais, tinham a nacionalidade, estavam trabalhando. Ou seja, elementos que indicavam um estabelecimento na sociedade de imigração.

Margareth me disse que nunca tinha pensado em ir pra França, “nem pra passear”, mas apoiou o desenvolvimento profissional do marido e aceitou o desafio. Na França, conseguiu reconhecer sua profissão, trabalhava na sua área de formação, advocacia, e os filhos estavam bem inseridos no sistema educacional francês. A família toda havia adquirido a cidadania francesa. Enfim, todos os elementos configuravam uma mudança “definitiva”. No entanto, o marido que normalmente viajava com frequência pela Europa em razão do trabalho, recebeu uma proposta que exigia a transferência para o Marrocos. Segundo Margareth me disse, ela e os filhos não iriam. Avaliaram que a família iria ficar dispersa, pois a distância inviabilizava o retorno semanal do marido para a casa da família, no sul de Paris. Desta forma, mesmo não querendo a princípio voltar, decidiram encontrar uma alternativa, que na prática exigiu ao marido encontrar outro emprego. Através de sua *network*, Sandro entrou em contato

com empresas que ele já havia trabalhado em parceria e ele conseguiu um posto em Araraquara, interior de São Paulo. Como resultado, a família voltou ao Brasil, em 2009, 10 anos depois de permanência na França.

O caso de Mário será analisado com mais detalhe no final do capítulo, mas cabe destacar que um acidente pessoal e um ensejo na empresa onde trabalhava foi suficiente para ele "adiantar" seu plano futuro de retorno e voltou para o Brasil depois de viver mais de duas décadas na França.

Amilton é um caso específico. Quando me concedeu a entrevista, ele estava no Brasil há quase um ano, um retorno não planejado. Contou-me que veio porque seu pai estava muito doente, mas depois que estava no Brasil, começaram a aparecer boas oportunidades profissionais (ele é fotógrafo) e ele "foi ficando", além do previsto. No entanto, Amilton sabia que retornaria a França, só não sabia quando exatamente, pois tem duas filhas e uma ex-mulher francesa de quem não estava ainda oficialmente separado. Ou seja, a França era, segundo sua narrativa, parte efetiva do seu espaço de vida (COURGEAU, 1988).

Considerando as trajetórias dos imigrantes brasileiros que estavam na França, será discutido como esses migrantes incorporam o retorno em seus projetos futuros de permanência ou de regresso. Praticamente todos os entrevistados foram confrontados com a questão do retorno, ou seja, tiveram que se posicionar, nas entrevistas concedidas, frente à possibilidade de voltar a viver no Brasil. As narrativas que resultaram destas provocações incorporam os projetos de futuro e sinalizaram para a influência de processos de identidades – tais como a identidade brasileira, a condição estrangeira, a questão do trabalho ou da inserção profissional, entre outros aspectos – que implicam na atualização do projeto migratório.

Há casos em que o estabelecimento da França é visto como definitivo e o retorno ao Brasil manifesta-se como uma alternativa descartada. Outros inúmeros casos "fecham" o processo iniciado, com o retorno à origem ou ao menos com o projeto de retorno. No entanto, cabe ressaltar que diversos entrevistados mostraram-se bastante incertos, viviam com a "dúvida", reiterando o argumento de que a questão do retorno é da alçada "do fantasma que ronda as consciências" (SAYAD, 2000, p. 12). Outros entrevistados manifestam inclinação para ambas possibilidades, apontando que essa

decisão depende do futuro, remete a condições que no momento não estão colocadas, mas que os entrevistados reconhecem como podendo interferir em seus planos sobre ficar na França ou retornar ao Brasil. Esta situação foi explicitamente formulada por uma entrevista: “Eu pulo essa pergunta. Eu não sei se eu ficaria aqui pra sempre”. [Amanda em entrevista realizada em 18/10/2012].

Como busquei enfatizar nas entrevistas mais o aspecto da emigração do Brasil e imigração na França, o material empírico obtido sobre a questão do retorno não permite uma análise no mesmo nível de profundidade que se procurou fazer com a construção das modalidades. Nesse sentido, os “resultados” apresentados sobre a relação destes migrantes com a volta ao Brasil serão discutidos considerando os aspectos mais gerais, sem uma maior preocupação em incorporar nuances e especificidades.

Um primeiro aspecto a ressaltar é que houve dois casos nos quais a entrevista foi realizada as “vésperas” do retorno. Marcela me recebeu uma semana antes de pegar o voo que a trouxe de volta ao Brasil e conversei com Humberto cerca de um mês antes de sua partida. São duas situações bastante distintas. Marcela queria voltar e planejou esse retorno durante dois anos, pois seu caso envolveu uma articulação institucional dado que se trata de uma migração de carreira (TILLY, 1986). Apesar de estar entre os imigrantes desejáveis pela política migratória francesa e de ter recebido suporte da empresa onde trabalha, Marcela sentiu-se pouco acolhida:

> Pode ser que eu seja mais sensível a certas coisas aqui, porque elas me incomodam, né, mais. Então, é, sendo estrangeira, sendo mulher, eu vou ficar mais, né, mais suscetível. Mas, eu não sei, eu, nesse aspecto, voltar pro Brasil, pra mim, é uma grande liberdade, já de... É, é... Aquela coisa assim: “Ai, eu sou cidadã”. Eu não tenho que me preocupar com a minha *Carte de Séjour*. Eu não tenho que chegar na Imigração e ter que enfrentar aquele cara, com uma cara de merda, lá, olhando pra minha cara... É, como aconteceu, várias vezes. Sempre atrasavam. [...] Porque eu renovava todo ano, né. [...] Então, todo ano eu tinha que fazer. E como eles demoraram mais de um ano, eu tive meu *Titre* [título] de residente o ano passado. Agora que eu não preciso mais, eu tive, né. Então... E, e, e... Assim, meu visto de *Séjour* estava escrito “salarié”, então, era um visto realmente, considerado de alto nível, e tudo [Marcela em entrevista realizada em 20/08/2012].

Por outro lado, Humberto gostaria de permanecer na França, mas teve problemas para renovar o seu visto, fato que acabou definindo seu retorno. Ele tinha um visto de estudante e fazia uma formação profissional (um equivalente a uma formação de tecnólogo no Brasil). Através do cunhado do pastor da igreja que Humberto frequentava na França, ele conseguiu um estágio em uma empresa em

março de 2010. Humberto contou-me que após a conclusão do curso, em junho de 2011, a empresa o convidou para trabalhar integralmente, condição que exigia a passagem do visto de estudante para o de trabalho. Assim, segundo a narrativa de Humberto, ele teve o apoio da empresa para a garantia do vínculo e da documentação que embasou o seu pedido de renovação e alteração do tipo de visto. Humberto alegou que o pedido foi negado duas vezes. Na segunda recusa, as autoridades francesas alegaram que o salário não era compatível com a função. De acordo com Humberto, a empresa aceitou aumentar o salário dele e mudar o seu enquadramento profissional para permitir a renovação, mas foi então que ele teria ponderado a situação e entendendo que "Deus estava falando através das ações das pessoas". Nas palavras dele: "Deus avisou as pessoas, mas não falou para mim" [Humberto em entrevista realizada em 06/09/2012], até que um dia, segundo o entrevistado, "Deus teria falado que o tempo dele em Paris tinha terminado". Então, Humberto disse-me que aceitou, apesar do desejo de permanecer, o fato de que precisava seguir seu caminho. Essa resignação à vontade divina fez com que Humberto e sua esposa retornassem ao Brasil em outubro de 2012. Seja um retorno movido pela fé ou explicado pela contingência, o fato é que o destino do casal, que se formou em Paris, era a cidade de São Paulo, onde Humberto avaliava que teria mais oportunidade e onde sua esposa poderia seguir seus estudos de pós-graduação.

Considerando os demais 84 entrevistados[256] tem-se que 30 não consideram o retorno ao Brasil, 23 planejam voltar no médio ou longo prazo, 19 entrevistados não sabem ou têm dúvidas quanto ao retorno, 10 não descartam a possibilidade no futuro, situação em que o retorno aparece condicionado a alguma outra realização (que pode ser ter uma boa oportunidade profissional ou que as suas condições de vida na França se alterem). Uma entrevistada, Diana "estranhou" minha pergunta, pois como ela tem uma casa no Brasil e passa três meses por ano no Rio de Janeiro considera que esse arranjo já lhe permite viver no Brasil. Também houve uma entrevista na qual o assunto não foi abordado, devido à interrupção prematura do encontro por necessidade do entrevistado (Renan).

[256] Na França foram realizadas 86 entrevistas sendo que como foi apontado, dois estavam com o retorno definido no curtíssimo prazo.

Entre aqueles que não consideram o retorno, há casos que podemos qualificar de extremos como o de Alberto que me disse não se considerar mais brasileiro e que só usa o passaporte francês, mesmo nas raras ocasiões em que veio ao Brasil. Alberto é um exemplo do "imigrante que deixou de ser imigrante":

> O imigrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, consequentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal. E a extinção desta denominação apaga, a um só tempo, a questão do retorno inscrito na condição do imigrante. Na verdade, não se trata, sob o pretexto do retorno, da questão mais fundamental da legitimidade intrínseca da presença daquele que é visto e designado como um imigrante? (SAYAD, 2000, p. 11).

Entrevistados como Jonas e Roger me explicaram que já se acostumaram à condição imigrante e à vida na França. Quando perguntei ao Jonas se ele pensava em voltar para o Brasil, prontamente respondeu-me que não, mas admitiu que "todo mundo" fala que não quer passar a velhice fora, que vai voltar e comprar uma casinha; no entanto Jonas ponderou que tem amigos que voltaram e que não se adaptaram. Por isso, segundo Jonas o caminho era aceitar essa "dualidade" e se "acostumar". Curiosamente Roger, também mencionou essa questão da "velhice" ainda que em sua narrativa, ele descarte o retorno:

> **Pesquisadora**: E quais são os seus planos, assim, de médio a longo prazo? Entra Brasil aí nessa história? Retorno?
>
> **Roger:** Não, o Brasil não. Eu acho que o Brasil eu fiz uma cruz, assim, um pouco, entendeu? Vou muito pouco ao Brasil. Nesse período que eu estou aqui, acho que eu fui três vezes ou quatro ao Brasil, em dezessete anos, olha só... Eu fui sete, sete, sete... Acho que eu fui, a cada sete anos, acho, que eu vou ao Brasil. Não vou muito ao Brasil não. Realmente não, não tenho planos. Mas como eu sempre escutei dizer que pessoas que imigram, imigrantes, quando chegam numa certa idade sentem saudade da terra natal ou querem se aposentar ou querem morrer, bom, *bref*, talvez isso possa me acontecer. Mas não, não, eu sou assim, agora eu sou, me sinto realmente parisiense, parisiense. [Roger em entrevista realizada em 18/09/2012]

Outros fatores que apareceram com relativa frequência entre os depoimentos coletados sobre os motivos para não retornar ao Brasil referem-se ao problema da violência urbana (motivo mencionado por Fernanda e destacado enfaticamente por Malu, Paula e Wanda), a descrença com a situação política e social no Brasil (Leonardo, Leandra e Osmar), o receio de como se inserir no mercado de trabalho brasileiro ou de "começar tudo de novo" (Sônia e Úrsula), a valorização do sistema de proteção social e a qualidade de vida que tem na França (Dalva, Flávia, Ivan, Ivone, Joana, Marcílio e Nilson) ou simplesmente porque gostam de viver na França e/ou

expressaram que se sentem “acostumados” com o modo de vida francês (Alexandra, Clara, Isabel, Jonas, Milena, Plínio, Renato e Suzana). Também encontrei casos (Alex, Augusto e Baltazar) que descartam o retorno porque o entendem como “recuo” ou “atraso”, e por isso pensam sempre em seguir “em frente” (como Alex que deixou a Espanha para tentar a vida na França) do que voltar “para trás”.

Como foi exposto no terceiro capítulo, entre o *corpus* da pesquisa há diversos casos de migrações motivadas “por amor” e de uniões e casamentos entre brasileiros e franceses. Muitas vezes estes relacionamentos geraram filhos e aí a questão do retorno assume maior complexidade. Assunção (2012) chama a atenção para o fato de que os filhos que resultam das relações entre brasileiras e holandeses – seu caso empírico de pesquisa – implicam no estabelecimento definitivo da brasileira na Holanda mesmo que o casamento se desfaça. Segundo a autora, suas entrevistadas declararam que os seus maridos holandeses não permitiriam que seus filhos fossem criados em um país de “terceiro mundo”. Nesta pesquisa, com os imigrantes brasileiros na França, não foram registrados depoimentos que abordasses o problema dessa forma, mas as narrativas permitem inferir que o ciclo de vida, particularmente no que se refere ao matrimônio e à maternidade, é fundamental para a elaboração e atualização dos projetos migratórios.

Peres (2013) ressalta a relevância destes fatores para a análise específica da migração feminina. No caso das 86 entrevistas com imigrantes brasileiros vivendo na França, 48 foram realizadas com mulheres. Destas 48 brasileiras na França, 25 tiveram ou tinham relacionamentos afetivos formalizados (casamento ou união civil) com homens franceses e 3 declararam estar envolvida afetivamente com um francês, mas sem vínculo civil.

Entre as 25 brasileiras que eram ou foram casadas com franceses, 16 tinham filhos destes relacionamentos. Houve 3 casos de divórcio que, por causa dos filhos, a permanência na França foi redefinida seja para permitir o vínculo paterno, ou ainda porque o filho já crescido não tinha a intenção de retornar ao Brasil (Cecília, Elba e Olívia). Nesse sentido, os filhos tendem a se tornar o “elo” mais forte que liga estas mulheres brasileiras à França tal como apontou Olívia, que pretende voltar ao Brasil após sua aposentadoria, “eu só não fui ainda [viver no Brasil] por causa da minha filha.

O que me prende realmente aqui é ela" [Olívia em entrevista realizada em 25/05/2012]. Ou então, Cecília:

> Por que que eu não voltei? Na época [na qual se divorciou do marido], eu poderia voltar, poderia ter voltado [...] mas eu não queria privá-lo [seu filho] da convivência com o pai. Então, se eu fosse pro Brasil, se eu voltasse pro Brasil, ele não iria mais ver o pai, ou ia ver de outra maneira. Eu não quis arriscar. Eu já estava aqui, eu me dava bem aqui. Eu acabei ficando. [Cecília em entrevista realizada em 08/06/2012].

A situação de Cecília se tornou mais complicada com o tempo em decorrência de ter sofrido perdas familiares, com a morte de sua mãe e de seu irmão. Segundo Cecília, era seu irmão quem cuidava de seu pai que tinha mais de 80 anos e que vivia só no interior de São Paulo. Desde a morte de seu irmão, disse-me que fazia três anos, Cecília vivia o que chamou de "impasse", pois segundo ela é um sentimento de indecisão muito forte entre ficar na França ou voltar. De acordo com sua narrativa, o filho dela não aceitava morar no Brasil e ao mesmo tempo, ela avaliava que na sua idade (mais de 50 anos) não seria fácil encontrar trabalho no Brasil. Como ela não tinha um capital para voltar e montar um negócio, Cecília disse que prolongava sua situação e sua sensação de viver em "cima do muro", mas assegurou que voltaria um dia:

> Eu acho que a gente sempre fica na cabeça, da gente voltar. E eu, por exemplo, eu não tenho, na minha cabeça eu não concebo, por exemplo, morrer aqui, ser enterrada aqui. Não quero nem ser enterrada. Mas eu acho que a gente sempre pensa em voltar... [Cecília em entrevista realizada em 08/06/2012].

Regiane, por outro lado, tem pressa. Disse-me que faz muito tempo que ela quer voltar, todavia o marido a convenceu a esperar que o filho terminasse o primeiro grau na escola francesa. Segundo ela, há três anos atrás ela perdeu o pai e isso fez com que ela tomasse "consciência de que [...] todo mundo tá, tá tudo indo e você não tá fazendo parte disso e vice-versa" [Regiane em entrevista realizada em 28/092012]. A perda do pai foi muito significativa para Regiane, que quase se separou do marido para regressar naquela ocasião para o Brasil. Quando me concedeu a entrevista, o momento de voltar estava se aproximando:

> E lá [empresa do marido] a situação pra ele, profissionalmente, não tá boa. O meu filho está terminando o primeiro grau. Eu não achei emprego, passei dois anos procurando emprego. O Brasil está num momento favorável. [...] Então, tudo tá fazendo com que a gente possa tomar essa decisão hoje. [Regiane em entrevista realizada em 28/092012].

Álvaro declarou ter um forte desejo subjetivo de retornar que se mostrava irrealizável devido às condições mais objetivas. Álvaro e sua esposa francesa pensam

em morar um dia no Brasil, mas no médio prazo isso não se mostrava possível, de acordo com o entrevistado, em razão das condições financeiras do casal e a dificuldade de garantir aos filhos a mesma qualidade de vida que tinham na França. Álvaro mantêm fortes vínculos com o Brasil. Ele, a esposa e os filhos passam três meses por ano no Brasil.

Outro exemplo de manutenção de laços forte com o Brasil é o caso de Beatriz, que vive na França há anos, mas deixou uma filha em Salvador, para quem manda dinheiro frequentemente. Beatriz disse-me que passa três meses do ano no Brasil e apesar de dizer gostar da França, tem certeza que quer voltar, nas palavras delas: "minha vida é aqui, mas meu futuro é lá" [Beatriz em entrevista realizada em 19/05/2012].

No caso de Waleska, a retomada dos vínculos com a origem estava fazendo com que ela se organizasse para retornar ao Brasil. Ela é uma mulher transexual e foi expulsa de casa aos 15 anos, quando foi para São Paulo, viver da prostituição. Chegou na França em 2002. No começo trabalhava apenas com a prostituição, mas com o tempo conseguiu trabalhar também como figurante e maquiadora. Disse-me que não pensava mais em voltar, mas "reconquistou" sua família, e quando me concedeu a entrevista, ela se preparava para voltar ao Brasil, estava estudando francês para fazer uma formação de cabeleireira na França para então voltar para Fortaleza:

> Queria acabar no, com meus, meus dias aqui, na Europa, né. Mas como eu... Reconquistei minha família, minha família tá do meu lado novamente. Tô fazendo minhas formações, quero voltar pro [sorrindo] Brasil... E, viver lá, abrir um salão, ter uma vida normal e digna como toda mulher brasileira [Waleska em entrevista realizada em 15/10/2012].

Para Carlos parece que não são tantos os vínculos sociais, mas seu "espírito" de aventura que o faz querer voltar porque não quer ficar na França e "perder o bonde do Brasil" [Carlos em entrevista realizada em 16/06/2012]. Quando me concedeu a entrevista, Carlos trabalhava como motorista, mas também estudava inglês com intenção de retornar ao Brasil antes da Copa do Mundo. Segundo me explicou, seu intuito era voltar capitalizado, para poder investir em um negócio. Pondera que precisaria pesquisar um local para isso, pois dada sua ampla trajetória migratória, ele conhece muitos lugares. Sua meta era voltar entre janeiro e junho de 2014. Entretanto, o caso de Carlos é interessante porque ele quer voltar, mas tem vínculos objetivos (uma

casa) e subjetivos com a França (vive lá desde 2003), ou seja, ele tem certeza que quer voltar, mas admite que ele possui duas “pátrias”.

Essa questão da dupla ausência ou duplo pertencimento foi explorada por Sayad: “Com efeito, esses homens que retornaram da imigração, homens do entre-dois – entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades, etc. – são também e principalmente, homens entre-duas-maneiras-de-ser ou entre-duas-culturas” (SAYAD, 2000, p. 19). Deve-se ressaltar que essa experiência cindida não se dá exclusivamente após o retorno, pois a permanência na condição migratória também pode engendrar essa dualidade.

Essa cisão foi particularmente mencionada por uma entrevista, Tânia, para a qual a experiência migratória teria comprometido a possibilidade dela se sentir satisfeita em um só lugar:

> Não é fácil, viver fora do país da gente. [...] Depois que você vive em dois países, assim, como a gente [ela e o marido], eu sou brasileira e vivo hoje aqui, ele é francês, viveu no Brasil. A gente não é mais 100% feliz em nenhum dos dois. Porque quando eu estou lá, eu estou feliz, porque eu estou com minha família, não-sei-o-que, não-sei-o-que; mas ao mesmo tempo eu tenho a minha casa aqui já hoje, eu tenho...Você quer juntar o que é bom do Brasil, da França. Quando você está na França, você quer trazer as coisas do Brasil pra cá. Quando você está lá, você quer levar as coisas de lá pra cá...Você não é mais 100% feliz em nenhum dos lugares. Quando você está aqui, você quer alguma coisa que está lá. Quando você está lá, falta alguma coisa que está aqui. [Tânia em entrevista realizada em 27/09/2012].

Em seu texto sobre o retorno Sayad (2000), que olha especialmente para a imigração argelina na França, argumenta como o retorno é um desejo “natural” do migrante e que quando esta operação espacial não pode se efetivar, o migrante só pode contar com um refúgio numa “intranquila nostalgia”. A questão do retorno evoca, segundo Sayad, as relações que os migrantes travam com o tempo presente e futuro e com o espaço, a terra em todas suas qualificações (física, social, simbólica e afetiva). Essa intensidade que se estabelece entre a condição do migrante e a questão do retorno se manifestou particularmente em um dos depoimentos que abordou explicitamente o sentimento de ausência e de toda a dor que esta experiência pode carregar:

> Eu tive uns momentos de muita angústia, recentemente, quando minha família teve umas dificuldades aí. E inclusive eu tenho muito medo do dia em que meus pais vão partir. Eu tenho uma ligação muito forte com o meu pai e eu tô tentando me preparar psicologicamente. Porque eu sei que eu vou... Vai ser difícil, muito difícil. E existe uma coisa assim de uma consciência que eu tenho

> hoje que eu não tinha quando eu tinha 25 anos, que é essa coisa da minha família. Na verdade, às vezes, eu falo: "Como é que eu vou morrer? Onde é que eu vou morrer?" Eu não... É incrível isso. Onde é que eu vou estar, hã, na minha fase de fragilidade, quando eu estiver velhinha? Onde é que eu vou viver minha velhice? Com quem eu vou estar? Eu não tô na minha casa aqui. Eu tô na minha casa com as minhas filhas e meu marido. É a minha casa. Mas a França não é a minha casa. Não é a minha casa. Assim, acho que é alguma coisa muito profunda da infância que, que fala nessa hora. Então, é, eu sei que tem minhas filhas, eu não vou estar nunca sozinha. Mas e se minhas filhas decidirem fazer a mesma coisa que eu fiz e forem embora? Onde é que eu vou morrer? Onde é que eu vou estar? É incrível, né, de... Então, é, eu, enfim... Mas pra responder de uma forma prática essa questão: Não, eu não quero voltar a morar no Brasil. Porque eu não tenho mais energia pra começar tudo de novo. Porque voltar a morar no Brasil, vai ser começar tudo de novo. Mas eu tenho só uma, uma vontade que eu não consegui realizar ainda, é achar uma forma de trabalhar com o Brasil de novo. E de ter suficientemente corrente de trabalho que me permitisse ter um pezinho lá... [Úrsula em entrevista realizada em 16/06/2012].

No segundo capítulo argumentamos sobre o caráter multifacetado da migração enquanto processo social (SAYAD, 1998) e como a análise dos projetos migratórios pode iluminar o reconhecimento da agência dos migrantes ao mesmo tempo em que manifesta o papel das coações e constrangimentos relacionados à posição que estes ocupam no espaço social (BOURDIEU, 2004, 2011; MA MUNG, 2009). Também foi enfatizado o caráter dinâmico do projeto migratório e sua constante atualização (BOULY DE LESDAIN, 1999; BOYER, 2005). Nesse sentido, assim como se refletiu sobre as criações que levaram a emigração no Brasil e a imigração na França, apresentamos a seguir discussão semelhante, mas abordando também o processo de tomada de decisão para o retorno ao Brasil, bem como a relação que se estabelece com a França a partir daí. São apresentados dois casos de retorno, um deles de regresso recente ao Brasil (Mário) e outro caso que revela uma trajetória múltipla com retorno para o Brasil e uma nova estada temporária na França (Suzie).

4.3.1. O projeto de retorno de Mário

Mário[257] nasceu em 1964 numa cidade localizada ao sul de Minas Gerais. Foi para o Rio de Janeiro fazer faculdade, e depois de formado foi para Friburgo. Ele é

[257] Entrevista realizada em 01/09/2012 por Skype, eu estava em Paris, França e ele em Belo Horizonte, Minas Gerais. É interessante porque Mário foi um dos poucos que respondeu aos meus anúncios de "procura-se imigrantes brasileiros na França retornados ao Brasil" e na época em que ele me escreveu pela primeira vez, maio de 2011, ele vivia na França e eu estava no Brasil. Quando fui para a França entrei em contato com ele novamente, e soube que ele havia retornado ao Brasil. Em razão do nosso desencontro geográfico, a entrevista foi feita através do Skype.

biólogo marinho e queria fazer uma pós-graduação no exterior, sendo esse o "mote" inicial para a emigração segundo me contou:

> Na verdade, quando eu comecei os meus estudos, visto que eu queria fazer, que era parte de Biologia marinha, eu pensava inicialmente em ir pros Estados Unidos. E esse pensamento foi mudando com o tempo, porque com o tempo durante a faculdade, porque eu já tinha feito inglês. Mas aquela coisa do Inglês, você faz inglês dois anos, três anos, cinco anos, não pratica, perde e no final do último ano de faculdade, eu comecei a ter contato com muitas pessoas, pessoas que faziam francês, que estudavam francês. Eu resolvi fazer francês. Então, eu comecei pela Aliança, eu fiz francês no último ano de faculdade, depois eu me mudei pra Friburgo, eu fiz faculdade no Rio, mudei pra Friburgo e em Friburgo, a comunidade de pessoas que fala francês é muito grande. E eu ainda tive mais um contato com pessoas que moravam na França e outras que tinham o projeto de um dia ir morar, estudar etc. E, por um lado prático é, conseguir bolsa pelos Estados Unidos era muito difícil. Pela França era mais fácil [...].Então eu direcionei isso e direcionei a minha carreira, o meu trabalho pra poder preparar a minha ida pra Europa. E, assim, eu fui, eu fui sem bolsa, sem nenhum auxílio, eu fui com o meu dinheiro inicialmente, entendeu? Pensando no caso de trabalhar paralelamente. [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Através do seu depoimento é possível perceber que o fato de ter encontrado pessoas que tinham planos de ir para a França serviu como estímulo para a mudança no destino, isso e claro, o levantamento de informações que lhe apontara a maior dificuldade para conseguir bolsas de estudos nos Estados Unidos. Mário deixou Friburgo e voltou para Minas Gerais para viver com os pais enquanto economizava dinheiro para a realização do "projeto". Ele tinha duas amigas que estavam se programando para ir para a França estudar francês e elas lhe avisaram seis meses antes. Segundo me disse, o fato delas irem naquela ocasião foi considerado por ele, que acabou indo antes do previsto, entendendo que a presença de duas amigas lá lhe serviria como apoio. Na época, ele foi em 1991, a situação econômica estava desfavorável (inflação alta no Brasil, moeda brasileira desvalorizada), mas decidiu "investir", pediu ajuda aos pais e conseguiu viabilizar a ida. O primeiro destino foi Marselha onde obteve uma licença. De lá foi para Paris, onde fez o *master* e o doutorado. Para o doutorado, Mário conseguiu bolsa do governo francês para uma pesquisa realizada na Guiana Francesa. Por causa desta pesquisa, viveu dois anos na Guiana Francesa. O plano inicial era voltar ao Brasil depois do doutorado, mas não aconteceu desta forma. Reproduzirei um trecho longo, mas que vale pela narrativa que ele formulou:

> [...] na minha cabeça eu sempre guardei que eu iria voltar pro Brasil. É...Mas

> tinha a opção de caso, vamos dizer [...] se eu fizesse a minha vida na França, que seja profissional, afetiva, se tudo tivesse bem, eu ficaria, entendeu? Mas com aquele intuito de "eu quero morrer no Brasil", entre aspas, né? "Eu quero voltar pra minha terra um dia". [...] Esse retorno foram vários pensamentos e ações e acontecimentos da minha vida que me foram amadurecendo essa ideia. O primeiro fator foi o fator trabalho que finalmente eu me formei, eu fiz então o *Master* e fiz o Doutorado. E logo após o doutorado, eu era residente francês, eu tinha então uma carta de residente, mas eu ainda não tinha nacionalidade, então pra prestar algum concurso pra, por exemplo, alguma instituição governamental, eu não podia porque eu era Brasileiro. Além disso, outras dificuldades, de não poder votar, de não poder ter acesso a certas coisas e eu paralelamente, porque durante os meus estudos eu trabalhei numa porção de lugar: em hotel, em restaurante, tinha que trabalhar pra pagar os estudos. E eu trabalhei durante a minha tese, paralelamente eu fazia tradução. E eu fui convidado pra uma agência pra fazer um projeto, eles me convidaram logo em seguida pra trabalhar, eu não tinha nada ainda disponível na minha área. Eu aceitei esse trabalho e acabei ficando lá 10 anos. Fui subindo de posto e até chegar ao posto de diretor geral de empresa, mas assim, meu pensamento foi que quando eu cheguei nesse posto, tinha uma certa hora que eu não tinha mais *challenge* pra frente, sabe? [...] Então eu resolvi pensar em outras possibilidades: ou mudar de emprego, ou, porque não, voltar ao Brasil. Começou por aí, a ideia. [...] mas também teve outros acontecimentos. Eu tive um acidente em 2009 muito grave onde eu vi que família, entendeu, aqui conta, entendeu? Nessas horas graves, a família é quem está em cima, apesar de ter feito um círculo de amigos grande na França e, a maioria dos meus amigos na França eram Franceses. [...] Também tinha o fato de que o Brasil estava crescendo muito, o emprego aqui estava muito grande, o desemprego na França muito grande. Isso me fez refletir até mudar, entendeu? [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Em diversos momentos da entrevista, Mário menciona sua "predisposição" a se integrar na cultura francesa, aspecto que segundo ele teria facilitado muito a sua inserção. Ele falava bem francês e tendia a adotar posturas e comportamentos mais adequados à cultura francesa. Desta forma, lhe valeu mais a inserção em redes sociais de franceses do que brasileiros. Mário contou-me que desde 2008 começou a alimentar um projeto de retorno e que em 2011 apareceu uma oportunidade de desligar-se do trabalho, de ser demitido e poder receber seguro desemprego. Inicialmente tinha pensado em voltar para o Brasil depois de ter seus diplomas validados, mas ele adiantou sua saída do trabalho e acabou voltando antes de conseguir o reconhecimento dos seus títulos:

> [...] quando eu comecei a germinar essa ideia de voltar pra cá, eu vim sempre ao Brasil. Coisa que, às vezes eu ficava dois anos sem vir a Brasil. Então eu tive aqui em 2008, tive em 2009, em 2010 e em 2011. E eu já fui pesquisando mercado pra saber o que que eu ia fazer, quais seriam as possibilidades [...]. Então eu falei: "não, inicialmente eu vou fazer um período de adaptação em Belo Horizonte porque a minha família está perto". E nesse momento é por contatos que eu vou conseguir eventualmente um trabalho qualquer que ele for. É o tempo que eu necessito também, porque em 2010, eu resolvi validar os

> meus diplomas no Brasil. Infelizmente é um processo longo, caro. E eles me deram na Universidade de São Paulo o tempo mais ou menos de dois anos pra talvez sair a resposta. Então, eu nesse ponto eu não posso dar nenhuma aula em faculdade. Eu não posso prestar nenhum concurso porque meus diplomas não estão validados ainda. Então, na minha ideia de voltar era "vamos tentar voltar quando isso tudo estiver pronto, porque daí eu já chego aqui com todas as armas". Mas ao mesmo tempo eu saí do meu trabalho, me demiti do meu trabalho no início de 2011. [...] E eu falei: "bom, então por que não voltar pro Brasil" pra justamente fazer essa adaptação e fazer os contatos e, talvez no ano que vem, quando tudo estiver já certo, os diplomas já validados, seja mais fácil entrar no mercado. Aí, porque não mudar daqui e ir pra qualquer outro lugar, eu não tenho essa pretensão de ficar em Belo Horizonte. Se aparecer um emprego em Natal ou não sei aonde, no Sul do Brasil, eu vou. [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Mário voltou ao Brasil depois de 21 anos de vida no exterior (2 anos na Guiana Francesa e 19 anos de França). Obteve a cidadania francesa há alguns anos atrás. Apesar da decisão de voltar ao Brasil, continua com uma boa imagem da França e disse que apesar do plano atual de se estabelecer no Brasil, não descarta um retorno à França:

> Eu acho que eu voltaria, de repente se, vamos dizer, se o contexto econômico estivesse diferente hoje em dia, entendeu? E que tivesse alguma oportunidade interessante. Eu voltaria. Hoje em dia eu não penso mais em voltar, entendeu. Hoje em dia eu quero me estabelecer aqui. Mas se, sei lá, daqui um ano, dois anos, cinco anos, dez anos, eu tiver uma oportunidade de algum negócio ou de algum emprego que me interesse, eu não tenho problema nenhum. Largo tudo. Nesse ponto eu tenho a vantagem de não ser casado, de não ter filhos, entendeu? Então, eu posso, como eu fiz lá, eu vendi tudo o que eu tinha, tudo, fiz um bazar na minha casa, vendi tudo. O que eu pude trazer, eu trouxe, e falei "tchau todo mundo!", entendeu. Posso fazer a mesma coisa aqui, entendeu? Vendo tudo e vou embora. [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Mário deixou o Brasil aos 27 anos, pensando que voltaria após o doutorado no exterior, mas predisposto a "ficar" caso fizesse sua vida profissional ou afetivamente na França. Esta mesma "abertura" para um "porvir migratório" se manifesta em seu retorno ao Brasil aos 48 anos, que mesmo planejado e entremeado de obstáculos (dado o desemprego e o não reconhecimento dos títulos acadêmicos obtidos no exterior) está sendo levado a cabo pelo desejo de estar mais próximo da família e ao mesmo tempo aproveitar o contexto econômico brasileiro mais favorável. Ao que tudo indica, Mário parece dispor de capital cultural e financeiro suficiente para lhe permitir investir tempo e dinheiro que o retorno ao Brasil estava lhe exigindo.

4.3.2. O projeto de retorno de Suzie

Suzie[258] nasceu no interior de Minas Gerais, em 1959, mas foi criada em Belo Horizonte. Seu interesse pela França vem da família, seu bisavô era francês. Contou-me que conseguiu descobrir que ele veio para o Brasil na década de 1860 e foi para a região de Diamantina, Minas Gerais. Ainda que a família não tenha mantido as tradições, ela sempre valorizou essa "herança" simbólica:

> [...] O meu nome é, que é um nome muito francês...E o meu sobrenome [...], que também é francês. [...] E, quando eu era criança, o meu pai... É... Uma vez... Eu me lembro. O que eu me lembro, assim, nitidamente, é que saiu uma reportagem sobre uma escritora chamada George Sand. [...] E meu pai me falou: "Nós somos parentes dessa escritora." E eu fiquei fascinada com aquilo, né. Porque era uma reportagem de várias páginas; que falava que ela tinha sido casada com Chopin, que ela era amiga do Victor Hugo, do Liszt, de um monte de gente famosa... Eu fiquei fascinada com aquilo. [...] E também, na f... No colégio. Eu tive uma professora... Eu tive Inglês e eu tive Francês. Eu gostava muito da professora de Francês e não gostava nem um pouquinho da professora de Inglês. E isso, às vezes, pode influenciar, né. Então...São essas duas coisas [Suzie, em entrevista realizada em 16/10/2011]

De qualquer forma, ela sempre guardou um enorme interesse pela França e particularmente pelo idioma francês, inclusive precisou insistir muito com o pai para poder estudar francês, conseguiu um desconto na Aliança Francesa e convenceu a família.

Era bailarina, fazia teatro e já havia se formado em Jornalismo quando soube que havia uma associação em Belo Horizonte que oferecia bolsas de estudo para brasileiros que quisessem ir para a França. Mesmo sem nenhuma ligação prévia com a organização, Suzie se inscreveu e conseguiu uma bolsa com a duração de um ano para ir estudar na França. Foi para Bordeaux em setembro de 1987, aos 28 anos de idade. Não gostou muito da Universidade, nem do curso para o qual ela havia se inscrito, mas gostou muito da experiência "cosmopolita", de conhecer pessoas do mundo todo, de viver em uma cidade muito ativa culturalmente. A experiência foi tão positiva que ela voltou ao Brasil após o término da bolsa, porque era uma obrigação contratual da bolsa, mas nem trouxe bagagem. Voltou com data marcada para regressar à França mesmo sem financiamento:

> [...] voltei pro, com meus próprios meios, pra lá. Com o dinheirinho que eu fui guardando da bolsa – porque eu sou uma pessoa que sempre vivi na ponta do

[258] Entrevista realizada em 16/10/2011 em Brasília.

> lápis, sempre fui muito econômica e tudo... Não fiz nenhuma maluquice. Guardei o dinheiro, comprei a passagem pra voltar pra lá e por lá fiquei, por mais cinco anos. Por minha conta. O que não foi fácil [risos]. [...] Não foi totalmente maluquice foi porque eu já sabia que eu tinha onde ir. [...] Porque eu tinha conversado com uma moça francesa que eu tinha conhecido. Ela era socióloga. Aí eu falei: "Cê não conhece uma família que queira uma *fille au pair*, né, e tal, brasileira". Aí ela falou, com algumas amigas, e ela tinha uma amiga que tinha acabado de se separar. Ela tinha dois filhos. O... A moça já tava grande, né, na faculdade, foi morar sozinha. E o menino, o adolescente, preferiu ir morar com o pai. Então, ela ficou no apartamento de três quartos – o que pros padrões franceses é grande –, sozinha. E ela falou: "Uai, pode trazer essa brasileira pra cá, ficar um tempo aqui comigo, que eu tenho espaço. Depois a gente vê." E nós nos demos muito bem! [Suzie, em entrevista realizada em 16/10/2011]

Se a primeira ida para a França foi promovida por uma associação e viabilizada pela bolsa de estudos, o retorno para a França foi mais audacioso e exigiu mais capital social. Ao mesmo tempo em que Suzie reconhece não ter sido "fácil", confessa que tinha deixado tudo "acertado" para seu retorno antes mesmo de voltar ao Brasil. Mesmo com a questão de moradia resolvida, Suzie precisou trabalhar para se manter e ao mesmo tempo preencher os requisitos jurídicos para sua permanência legal no país até final de 1993. Estudando e trabalhando para se manter, precisou fazer uso de suas habilidades artísticas e intelectuais. E também estudou: terminou uma formação superior em Francês e obteve um diploma de português no nível de graduação. Conseguiu ser durante um ano assistente de Língua Portuguesa no âmbito do Ministério da Educação graças ao contato com um amigo haitiano que era Professor de Português.

Ao mesmo tempo conheceu uma associação franco-brasileira que existia em Bordeaux na época, criada por dois casais franco-brasileiros. Ela se envolveu com a associação e como era jornalista acabou responsável pela edição de um jornal em Francês, sobre o Brasil. Também dava aula de português e de danças brasileiras no âmbito da associação. Como tinham muitos músicos, fundaram um grupo de percussão, que depois se transformou em "escola de samba" que animava o carnaval de Bordeaux. Aos poucos Suzie foi se tornando uma espécie de "embaixadora do Brasil" na cidade, e contou-me que o próprio Cônsul honorário do Brasil de Bordeaux a indicava sempre que alguém precisava de informações sobre o Brasil, ainda mais numa época em que não tinha internet.

Além destas atividades, trabalhou como garçonete, fez shows de dança (era a

época da lambada e um francês professor de dança a procurou para ser sua parceira), fez figuração em montagens de ópera, posou como modelo vivo para curso de desenho e de moda. Como ela mesma disse, era uma “vida de artista mambembe” e, por isso, cansativa:

> Seis anos em Bordeaux. É. Aí então, no último ano, depois que não dava mais pra associação me bancar, eu fiquei procurando um emprego..., mais fixo, né. Que eu já tava cansada, assim: tudo bem, vida de artista, mambembe e tal, cada dia fazendo uma coisa diferente. Muito legal, mas tava começando a cansar. [...] Eu tinha um namorado. E... Mas ele tinha separado, assim, há uns dois anos, né. E tava, assim, não tava a fim de casar de novo. [...] Fiquei naquela expectativa: se, se rolasse, ótimo! Mas não tava rolando. [...] Aí, eu falei: “Ah, não! Chega dessa confusão.” Tava tudo muito difícil. Aí eu resolvi ir embora. [...] Vim embora. Cheguei no final de noventa e três. Aí, um ano depois, final de noventa e quatro, comecei a namorar com uma pessoa, e logo em seguida engravidei. Assim, porque a gente, quando quer fixar raízes, né... [Suzie, em entrevista realizada em 16/10/2011]

As raízes estavam fincadas em Belo Horizonte. Ela se casou, teve a filha e trabalhava na Secretaria Municipal de Cultura quando “apareceu” um informe sobre uma seleção para um curso de Gestão Cultural na França. Ela se candidatou e foi aprovada. Em 2003 conseguiu uma bolsa do governo francês para fazer esse curso de Gestão em uma Universidade de Paris. Teve o apoio do marido, e foi com a filha de oito anos na época para uma permanência de um ano. Retornou ao Brasil em 2004.

Em 2007, mudou-se para Brasília a convite do governo para trabalhar em um organismo público, onde ainda estava quando me concedeu a entrevista em outubro de 2011. O vínculo com a França se mantém forte, pois graças ao seu trabalho, Suzie vai à França ao menos uma vez por ano. Vínculo que ela mesma não sabe explicar, pois a filha dela que morou com ela na França, escolheu a Inglaterra para fazer intercâmbio:

> Mas foi, foram seis anos muito bem vividos. E depois o ano de Paris foi muito duro [sorrindo] mas foi de muito proveito intelectual. Então, foi isso. Eu acho que essas coisas, de a gente ser atraída pelo país, é difícil de explicar, né. Eu tô te dando uma explicação, mas assim, minha filha que morou comigo em Paris, que sabe que eu sou totalmente francofônica, que eu tenho a maior preguiça de falar em Inglês... Ela, ela desde os treze anos, tá me pedindo pra morar na Inglaterra. Tem um mês que ela foi – vai fazer dois meses agora, dia vinte e cinco. Ela foi pra fazer o intercâmbio. [...] E tinha que ser a Inglaterra. [...] Eu não sei te explicar porque, né. [Suzie, em entrevista realizada em 16/10/2011]

Ainda que o retorno não seja uma modalidade, este foi incorporado à análise na medida em que integra o processo de atualização do projeto que levou à decisão de migrar e, nesse sentido, estabelece uma relação intrínseca com os processos

migratórios analisados. Além disso, confrontar o entrevistado com a questão do retorno foi também uma forma de promover uma reflexão sobre seu processo de "integração", como se sentiam e como se percebiam frente à condição estrangeira na França.

O foco da discussão, nesse quarto e último capítulo, foi o destino. As atenções voltaram-se à nação francesa, ao Estado francês e à sociedade francesa de maneira geral. A dimensão da identidade nacional foi abordada por causa de seu uso pelo discurso político, que a utiliza atrelada à imigração, uma "ligação perigosa" – como apontou Maillot (2008) – mas reveladora de processos sociais importantes quando se tem o interesse de se refletir sobre as relações que a sociedade hospedeira estabelece com seus "estrangeiros/imigrantes". A dimensão do Estado, que se explicita através da política migratória adotada pelo país, mostrou o investimento em esforços para minimizar a entrada e a permanência de imigrantes indesejáveis nos últimos anos. O debate em torno da "integração" na França aponta para a opção política do país no que tange à incorporação da população imigrante, e também revela as relações e as questões que atravessam à condição dos imigrantes na sociedade hospedeira.

O histórico da imigração na França e suas repercussões contemporâneas tendem a reforçar um movimento crescente de criminalização da imigração e dos imigrantes. O uso das modalidades migratórias como recurso teórico-metodológico foi importante para registrar a heterogeneidade dos processos sociais que se relacionam aos diferentes projetos migratórios e que culminam em diferentes modos de instalação na sociedade hospedeira – dados os mecanismos de diferenciação social dos migrantes no espaço social.

O olhar para o destino trouxe à tona como os diversos processos sociais que constroem as diferentes modalidades estão, por sua vez, conciliados às distintas formas de acesso ao reconhecimento social e jurídico. Essas dinâmicas sociais, conforme foi discutido, revelaram experiências antagônicas e às vezes paradoxais da chamada "integração" e da "não integração". Os casos de Marcela e de Bernardo elucidam em grande medida este aspecto. Marcela é uma executiva, que foi para a França em 2006 através de um vínculo empregatício junto a uma corporação privada francesa, o que a coloca no rol dos imigrantes "benvindos", segundo os critérios da política migratória francesa. Seu estatuto profissional e sua condição jurídica (regularizada com um visto

“salarié”) são evidências “objetivas” deste aspecto. No entanto, sua experiência “subjetiva”, tal como narrada na entrevista, anunciou um caminho tortuoso rumo ao reconhecimento social, gerando-lhe um incômodo que a fez inclusive construir um projeto de retorno ao Brasil, efetivado em 2012.

Bernardo, por outro lado, chegou na França em 2008, trabalhava como pintor de paredes, não tinha documentos e tinha uma experiência de passagem pela polícia francesa, mas ele não tinha nenhuma reclamação sobre sua condição “estrangeira/imigrante”. Como ele narrou na entrevista que me concedeu, os franceses “adoram o Brasil” e ele sempre foi “muito bem recebido”. Bernardo considera voltar um dia ao Brasil, quando tiver “uns 40 anos”, considerando a idade que tinha quando me concedeu a entrevista, isso significa voltar daqui a cerca de 10 anos. Ainda que não pretenda com esses exemplos construir uma comparação, estes dois casos ilustram o argumento de que o processo de “integração” do brasileiro e da brasileira na França remete à complexidade das migrações internacionais contemporâneas e das transformações sociais, realidade que engendra processos sociais multifacetados e que estão sendo absorvidos ainda pelos cientistas sociais e pelos *migrantólogos*.

O mapeamento dessa questão da “integração” do imigrante torna-se um tema cada vez mais premente em um contexto no qual a xenofobia e o uso político da questão migratória têm ganhado terreno. Esse é o cenário em que se coloca em pauta na agenda multilateral internacional um “novo paradigma de ordem social internacional”, tal como foi formulado por Castro (2006), devido à necessidade de se considerar os aspectos relativos à vulnerabilidade dos estrangeiros/imigrantes, tornando premente o enfrentamento das migrações internacionais a partir de uma ótica de direitos humanos (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, 2005).

As medidas de controle da imigração têm se mostrado cada vez mais rigorosas, ao mesmo tempo em que a questão dos direitos humanos coloca na agenda institucional global, exigências contrárias. As autoridades governamentais conduzem políticas migratórias e sociais em desacordo com as recomendações que partem dos organismos internacionais. Patarra (2005) abordou as indicações registradas no Programa de Ação formulado pela Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento que ocorreu no Cairo em 1994 e Castro (2006) discutiu as diretrizes

estabelecidas pelo relatório formulado no âmbito da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais em 2005. Em ambos os casos, as autoras apontam a dissonância entre o estabelecido e as políticas de trato ao imigrante, conduzidas principalmente pelos países receptores.

Considerações Finais

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.
Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é conseqüência
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.

Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,
rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoam incessantemente
em nossas fundas paredes.

Novas coisas, sucedendo-se,
iludem a nossa fome
de primitivo alimento.
As descobertas são máscaras
do mais obscuro real,
essa ferida alastrada
na pele de nossas almas.

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado,
enganoso.

Carlos Drummond de Andrade

As relações históricas entre o Brasil e a França, particularmente no âmbito intelectual e artístico, favoreceram a difusão – ao menos em certos grupos sociais – que associa esse país europeu à sofisticação do pensamento e à erudição. Essa inclinação "típica" da França para o mundo das ideias estaria na raiz de um fluxo importante e histórico de estudantes e pesquisadores brasileiros que buscavam entrar em contato com essa "vigorosa" intelectualidade francesa. Essa francofilia mostrou-se tão forte que, mesmo diante da emergência e da consolidação da hegemonia cultural estadunidense no Brasil ao longo do século XX, a mobilidade de estudantes brasileiros para a França continuou expressiva.

No entanto, como procuramos demonstrar nesta tese, o fluxo migratório Brasil-França das últimas três décadas evidencia uma maior complexidade que remete ao contexto atual e às novas formas de mobilidade que aí se manifestam e que se expressam através da presença concomitante de "novos migrantes" e de "novos perfis", da instituição de "novas rotas migratórias" e de "novas formas de instalação". Esperamos ter apresentado uma argumentação capaz de mostrar como o fluxo investigado vem sendo atravessado por esse cenário de difícil apreensão no qual se manifestam as chamadas migrações internacionais contemporâneas. O enfretamento dos desafios analíticos relacionados ao tema foi um objetivo perseguido ao longo desta investigação. Na organização da tese, procuramos apontar e, ao mesmo tempo, incorporar os desafios teóricos e metodológicos que um estudo deste tipo invariavelmente carrega.

Um aspecto que deixa entrever esse caráter complexo é a questão da utilização das pesquisas sobre migrações internacionais pelos Estados, evidente nos casos em que os organismos estatais são os financiadores das mesmas, mas subliminar em outros, como, por exemplo, no desta própria investigação, tendo em vista seus possíveis usos no futuro, para controle e monitoramento dos imigrantes brasileiros em situação indocumentada ou que tentam permanecer em território francês. São repercussões que escapam ao controle do pesquisador e que minam qualquer ilusão de neutralidade do conhecimento nas Ciências Sociais.

Essa questão da complexidade tem se colocado como uma exigência para os estudiosos do tema. Um aspecto fundamental dos desafios encontrados que

abordamos na tese é a crise das chamadas teorias clássicas das migrações internacionais, em função das denúncias feitas por especialistas sobre as insuficiências teóricas (como, por exemplo, as críticas ao pressuposto da escolha racional, base da explicação neoclássica da migração) e sobre a fraqueza analítica de conceitos usados pelos paradigmas consolidados para explicar as migrações internacionais até meados da década de 1970 (como é o caso da definição de migração como "mudança definitiva de residência" ou da discussão em termos de "integração" para falar sobre a instalação dos migrantes na sociedade de acolhimento). É evidente que houve avanços consideráveis nas últimas duas décadas e há, atualmente, uma generosa oferta bibliográfica com novas perspectivas analíticas e conceituais instigantes. A presente tese procurou contribuir para esse debate, ao apresentar uma leitura sociológica sobre a imigração brasileira na França após 1980.

O caráter de "fato social total" intrínseco ao fenômeno migratório – tal como postulou Sayad (1998) – reforça a constituição interdisciplinar desse objeto e é mais um fator que dificulta sua compreensão, principalmente num contexto que o torna cada vez mais multifacetado. A feitura da tese nos levou, então, a seguir a recomendação de Max Weber, quando esse autor clássico da Sociologia sugere que o cientista social incorpore a dificuldade e os limites de apreensão da realidade social de forma consciente e explícita na pesquisa.

Numa análise sociológica sobre um fluxo migratório internacional contemporâneo, o pesquisador é confrontado com a tarefa de compreender a sociedade de origem e de destino, bem como as relações que se estabelecem entre elas de forma articulada. Ou seja, é preciso tratar as forças estruturais que promovem a emigração na origem, mas também os fatores estruturais que permitem a imigração no destino. E, no cenário atual, isso significa entender as mudanças e os processos globais, que se manifestam em experiências concretas como, por exemplo, a nova geografia social global e as ocupações que crescem em certos segmentos de trabalho nos países desenvolvidos. Além disso, no nosso entendimento, também é preciso reconhecer o agente que migra, seus interesses e suas estratégias, que podem ter uma base econômica, mas que, sem dúvida, não devem ser reduzidos a ela.

Nesse mesmo sentido, também não é possível ignorar as “pontes” entre espaços internos e externos aos pontos que engendram e sustentam o fluxo. No caso da imigração brasileira na França, isso significa, por exemplo, um olhar para o Reino Unido, pois, como evidenciaram algumas das trajetórias migratórias observadas, a França foi uma opção viável em função da deportação ou do fracasso da tentativa de entrar em território inglês. Foi a partir do reconhecimento dessa dinâmica social que elegemos os projetos migratórios como ponto de partida para a reconstrução analítica dos processos sociais que conectam os brasileiros à França e que viabilizam esses deslocamentos.

Inicialmente, como foi explicitado, interessava-nos pensar os processos relacionados à seletividade migratória, isto é, construir uma análise sobre a recente imigração brasileira na França capaz de iluminar nosso conhecimento sobre como são erigidas as “pontes” que conectam brasileiros à França, promovendo e sustentando a imigração brasileira nesse país. Ao mesmo tempo, tínhamos o objetivo de contemplar, na leitura desse fluxo, o processo de diferenciação inerente à estruturação do espaço social que, no caso, revelar-se-ia a partir dos diferentes perfis de migrantes. Com o andamento da pesquisa, dado o material que foi sendo obtido junto ao terreno empírico, foi-se estruturando a opção de enfatizar as modalidades migratórias, inclusive porque seu caráter diversificado mostrava-se potente para revelar a heterogeneidade dos processos migratórios relacionados. Essas modalidades foram, então, “construídas” em função dos projetos e dos processos migratórios identificados através da pesquisa de campo.

O uso dos projetos dos agentes que migram como base de uma tipologia mostrou-se um recurso metodológico suficientemente robusto para enfrentar o impasse analítico que ora enxerga a migração como resultado de condicionantes macroestruturais, um cenário no qual o migrante tem pouca ou nenhuma capacidade de agência, ora apreende a migração como resultado da decisão individual, neste caso explicitando o papel da agência do migrante frente aos constrangimentos dados pela realidade social. Essa polaridade de análise tem sido bastante combatida pelos pesquisadores interessados, suscitando contribuições teóricas inovadoras no âmbito dos estudos migratórios. Tentamos contemplar essas novas abordagens de análise na

construção do referencial utilizado para a estruturação desta tese, em que partimos da consideração de que os processos que engendram e realizam projetos de migração não são universais, isto é, de que as formas como as coações e a liberdade manifestam-se na experiência dos agentes são revestidas de especificidades em função da posição que os migrantes ou potenciais migrantes ocupam no espaço social. Nesse sentido, o grau de liberdade e o peso dos constrangimentos que os agentes experimentam são variáveis, assim como são também heterogêneos os interesses e as estratégias desses migrantes. Dessa forma, as motivações para migrar – como reflexos dos interesses e estratégias específicos dos diferentes *habitus,* tal como Bourdieu (2004, 2011) concebeu esse conceito – foram tomadas como referências para o delineamento das modalidades migratórias. Assim, por exemplo, as trajetórias dos indivíduos que migraram "por amor", em função de relacionamentos afetivos e/ou casamentos, levaram-nos a formalizar a modalidade da "migração afetiva", os casos daqueles que foram para a França para estudar compuseram a modalidade da "migração estudantil". O mesmo raciocínio aplica-se para a migração de profissionais qualificados, a migração laboral e a migração que chamamos de "cosmopolita". Entretanto, cabe destacar que, como ocorre em toda construção tipológica, tal segmentação delimitou fronteiras que não existem nos processos sociais empíricos. Isto é, a busca de melhores condições de vida e de trabalho que se associa com frequência à migração laboral também pode ser uma motivação importante de emigrantes brasileiros que foram "identificados", como casos de migração afetiva. A dimensão "cosmopolita" também pode se mesclar às motivações dos profissionais qualificados e da mobilidade estudantil, apenas para citar alguns exemplos. Em relação aos estudantes, conforme foi enfatizado, foram encontrados diversos casos em que os estudos na França resultaram das estratégias dos migrantes em contornar os obstáculos à imigração e não necessariamente de um "genuíno" interesse de obter uma formação na França. Essa lista poderia ser alongada com a exposição de outras nuances, assim como poderia ser enriquecida a partir da incorporação dos exemplos empíricos que obtivemos a partir das entrevistas, argumentação que apenas reforçaria um irrefutável hibridismo inerente às diferentes modalidades migratórias encontradas.

Esse aspecto de que as modalidades construídas estão marcadas por um

entrecruzamento que lhes confere caráter híbrido é uma evidencia de como o processo de pesquisa e a sua realização é, em grande medida, infindável. Por isso, o momento em que a tese se conclui é também o momento em que a tese aponta para certos eixos que poderiam – e até mesmo deveriam – ser contemplados e explorados para o enriquecimento da análise. Em outras palavras, o processo de finalização da tese leva à confrontação de algumas "lacunas" que poderão ser consideradas e superadas em estudos posteriores.

Um dos aspectos que não foi explorado na tese, e que faz referência ao aspecto do hibridismo, é dado pela questão do "trânsito" entre as modalidades migratórias. A pesquisa de campo mostrou como um projeto migratório articulado em torno dos estudos pode ser atualizado, considerando outros interesses e outras estratégias, como é o caso dos brasileiros que foram para a França a princípio para estudar, mas que lá permaneceram "por amor" ou por oportunidades na carreira profissional. Nesse sentido, poderia se investigar como a "migração estudantil" se atualiza em "migração afetiva", ou como a "migração afetiva" pode assumir contornos de uma "migração de mão de obra qualificada", apenas para citar alguns casos possíveis. O caráter híbrido e a dimensão de transitoriedade das modalidades migratórias apontam para processos sociais relevantes, porque evidenciam as articulações possíveis entre as possibilidades e os limites analíticos do uso metodológico das modalidades migratórias.

Como foi dedicada atenção exclusiva à criação e aos projetos que resultaram em migração, não abordamos as dimensões relacionadas à origem, tendo em vista as repercussões dos deslocamentos para os familiares dos imigrantes brasileiros na França que estão ou que ficaram no Brasil. Da mesma forma, não exploramos com profundidade o "não retorno", entendendo essa decisão de permanência "definitiva" na sociedade hospedeira como reveladora de processos sociais que engendram interesses e estratégias também específicos em função dos perfis dos migrantes e das motivações que estariam na gênese dos deslocamentos e no processo de atualização constante de seus projetos. Essas especificidades reverberam na permanência do migrante na sociedade de destino, na configuração de trajetórias de "vai-e-vem" e na decisão pelo retorno propriamente dito em outros casos.

Outro aspecto que tem relação com a origem e que não foi explorado refere-se

ao papel das remessas para a formulação dos projetos migratórios. Ainda que alguns entrevistados tenham reconhecido o envio de remessas para familiares que ficaram no Brasil, esse aspecto não foi contemplado com atenção em nossa análise. Essa discussão poderia ser favorecida, por exemplo, através da incorporação do que os "novos economistas da migração" têm abordado em termos da chamada "privação relativa", em função do reconhecimento de que o processo de tomada de decisão em relação à migração configura-se em termos coletivos, em que a questão da manutenção ou melhora do padrão de vida – do domicílio ou da família em questão – assume papel de destaque, entendendo, ainda, que esse padrão de vida é dado pelo contexto socioeconômico no qual essas unidades de análise (o indivíduo, o domicílio e a família) estão imersas.

Uma pesquisa que contemplasse essas relações com a sociedade de origem, através, por exemplo, da realização de entrevistas com familiares no Brasil ou mesmo explorando esses aspectos nas entrevistas com os migrantes no destino, poderia contribuir também para uma reflexão sobre a totalidade do "espaço de vida" – conceito de Courgeau (1988) – desses migrantes, reconhecendo a importância dos vínculos com a origem, tanto para decisão de permanecer na França como para fundamentar o retorno ao Brasil. As formas de composição e arranjos em relação aos diferentes espaços que compõem os "espaços de vida" dos indivíduos evocariam por sua vez as estratégias de pertencimentos múltiplos, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação na conformação da experiência migratória contemporânea, bem como os impactos para as formas de instalação na sociedade de destino, entre outros aspectos.

As relações com a sociedade de origem também guardam intimidade com as interações sociais que se estabelecem na sociedade hospedeira, evidenciando tanto os limites dessas interações quanto os impactos para o que a França define como "integração" dos seus imigrantes/estrangeiros. Dessa forma, poderia ser investigado com mais rigor o uso estratégico que os migrantes podem fazer de sua condição estrangeira, ancorada particularmente na sua origem. Como apontamos brevemente, ser "brasileiro" na França pode ser um poderoso "trunfo" para um artista ou para alguém casadouro. No entanto, não se pode esquecer que os "trunfos" não são universais. É provável que a "origem brasileira" do imigrante/estrangeiro seja valorizada em certos

espaços sociais franceses e que esta assuma dimensões negativas em outros "lugares", aspectos relacionados à distinção e que foram analisadas por Bourdieu. Nesse sentido, a tese também explorou muito pouco como os estereótipos em torno do Brasil, do brasileiro e da brasileira podem ser assumidos, negociados ou confrontados pelos migrantes tendo em vista seus interesses e suas estratégias.

É importante reconhecer que as modalidades migratórias que foram "reconstruídas" pela identificação de certos processos sociais e migratórios relacionam-se aos resultados que obtivemos com a pesquisa de campo realizada. Isto é, enquanto construção formalizada a partir do universo de entrevistados, as modalidades migratórias apresentadas expressam a dimensão "seletiva" da própria metodologia: diferentes entrevistados nos levariam, muito provavelmente, a uma configuração distinta de modalidades migratórias.

Um penúltimo aspecto que merece ser destacado refere-se à questão de um aporte de gênero para o entendimento dos processos migratórios investigados. Nesse momento de fechamento, o olhar retrospectivo nos faz considerar que um referencial analítico que destacasse a dimensão de gênero traria uma contribuição importante para o aprofundamento das perspectivas trabalhadas. Se, logo no início da trabalho, a dimensão da seletividade aplicada ao fluxo Brasil-França mostrava-se como um problema a ser incorporado pela pesquisa, a dimensão seletiva do gênero poderia ter integrado o projeto original da investigação. Isso não foi feito e essa é uma falha evidente de nosso trabalho. A incorporação de uma perspectiva de gênero poderia municiar as reflexões apresentadas aqui em torno da diversidade das modalidades migratórias e dos diferentes perfis de migrantes. As dimensões de gênero aumentariam nosso entendimento dos diferentes processos que engendram as emigrações e que viabilizam as imigrações.

Por último, há que se considerar a questão do espaço de circulação dos brasileiros na Europa e da relativa ausência de estudos sobre o assunto. A presença crescente de brasileiros na Bélgica, na Suíça e na própria França mereceria um olhar mais aprofundado. Com o espaço de livre circulação europeu, os usos que os brasileiros podem fazer desse território ampliam-se e podem repercutir em novas "criações migratórias", redefinir formas de instalação e instituir espaços migratórios

ampliados. Uma pesquisa de maior envergadura multisituada em mais de um país europeu poderia trazer achados relevantes e mostrar, por exemplo, como aspectos subjetivos (como, por exemplo, os imaginários instituídos em torno da Europa) e objetivos (dado que, uma vez que o migrante tem um documento de residência de um país membro do Espaço Schengen, ele pode "circular" livremente pelo seu território) influem em "novas" estratégias migratórias e nas definições de trajetórias múltiplas.

Como é possível presumir, o "espaço europeu" cria uma estrutura de oportunidades para os emigrantes brasileiros. O aumento da presença de brasileiros no continente, inclusive em "novos" países, tende a potencializar as oportunidades que se colocam àqueles que já estão na Europa, àqueles que pretendem emigrar e aos que retornaram ao Brasil após uma experiência anterior de imigração.

Referências Bibliográficas

ABUD, Tatiana Diniz. **Brazil in France**: representation of brazilian culture, the image of the country and the conservation of stereotypes. Mestrado (Master Europeo en Antropología Social y Cultural) - Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2010. 128 p.

ABUD, Tatiana. "El Brasil de Francia: Representación de la Cultura Brasileña, la Imagen del País y la Conservación de Estereotipos". In: Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, 1, Barcelona. **Atas...** Barcelona: Coletivo Brasil Catalunya, 2010. p. 265-272

AGULHON, Catherine et BRITO, Ângela Xavier de. "Les étudiants étrangers: des migrants comme les autres?". In: AGULHON, Catherine et BRITO, Ângela Xavier de. (org.) **Les étudiantes étrangers à Paris**. Paris: L'Harmattan, 2009. p. 9-40

ALCARAZ, Rodolfo Córdova. **Rutas y dinámicas migratorias entre los países de América Latina y el Caribe (ALC), y entre ALC y la Unión Europea**. Bruselas: Organización Internacional para las Migraciones (OIM), 2012. 158 p. Disponível em: <publications.iom.int>. Acesso em: 25 Jul. 2013

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. "Circulação estudantil e imigração brasileira na França". In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos de População, 18, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: ABEP, 2012. 18 p. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais>.

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. "As 'causas' e os 'motivos' na emigração de brasileiros para a França". **Informe Gepec**, Toledo, vol 15, nº 3, 2011. p. 369-386

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de e BAENINGER, Rosana. "Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais". In: BAENINGER, Rosana (org) **Migração internacional**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013. p. 23-34

ALMEIDA REGO, Vânia e CHRISTIANO, Caio César. "Ces drôles de Brésiliens – L'image du Brésilien dans les émissions humoristiques françaises et portugaises". DIRE - **DIversités Recherches et Terrains**¸ nº 1, 2012. 9 p. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/dire/71>. Acesso em 15/12/2012.

AMARAL, Ruy Pacheco de Azevedo. "Brésil, Brésils ou 2005 - Ano do Brasil na França". **Ano do Brasil na França**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p. 35-84

AMORIM, Marina Alves. "Migração e casamento misto: o Brasil e 'a brasileira' no imaginário francês". In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; MOREIRA, Maria Eunice e BERND, Zilá (orgs) **Pensamento francês e cultura brasileira**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2009. p. 55-71

AMORIM, Mariana Alves. **Para além de partidas e de chegadas**: migração e imaginário entre o Brasil e a França, na contemporaneidade. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 296 p.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989. 191 p.

ARANGO, Joaquín. "Explaining migration: a critical view". In: VERTOVEC, Steven (ed.) **Migration**: critical concepts in the Social Sciences (Volume 1 – Theories). London: Routledge, 2010. p. 97-114.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. "A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global". **Caderno Pagu**, n.31, julho-dezembro 2008, p. 219-250.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. "Estar Aqui, Estar Lá ...uma cartografia da emigração valadarense para os EUA". In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa (org.) **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 125-166

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. "Casamentos e migração internacional: notas a partir de uma etnografia sobre os relacionamentos afetivos entre brasileiras(os) e holandeses(as)". In: PADILLA, Beatriz *et al* (org). **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa**. Atas do 2º seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa. Lisboa: ISCTE, 2012. p. 349-361. Disponível em: <repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>. Acesso em: 03 Dez. 2012

BAENINGER, Rosana. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2012a. 146 p.

BAENINGER, Rosana. "Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil". **REMHU** - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Brasília, vol. 20, n. 39, Dezembro de 2012b. p. 77-100. Disponível em: <www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/332>. Acesso em: 18 Fev. 2013.

BAENINGER, Rosana. "Notas acerca das migrações internacionais no século 21". In: BAENINGER, Rosana (org) **Migração internacional**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013. p. 9-22

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales**: memorias y esperanzas colectivas. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991. 199 p.

BAKEWELL, Oliver. "Some reflections on structure and agency in migration theory". **Journal of Ethnic & Migration Studies**. Volume 36, Issue 10, 2010. p. 1565-1586. Disponível em: <www.imi.ox.ac.uk/pdfs>. Acesso em: 19 Fev. 2013

BARRETTO, Margarita. "Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica" **PASOS** - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Vol. 7, n° 1, Janeiro, 2009. p. 1-11. Disponível em: <www.redalyc.org/articulo.oa?id=88111633001>. Acesso em: 22 Jul. 2013

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 145 p.

BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. “Da França para o Brasil: contexto, emigração, interesses comerciais e ingerências consulares”. In: **Vivre à St. Paul**: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 14-148

BEAUD, Stéphane et WEBER, Florence. **Guide de l'enquête de terrain**. Paris: La Découverte, 2010. 334 p.

BERTAUX, Daniel. “L'approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potencialités”. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Volume LXIX, Ano 27, Juillet-Décembre, 1980. p. 197-225

BLANC-CHALÉARD, Marie-Claude. **Histoire de l'immigration**. Paris: La Découverte, 2001. 121 p.

BLANCHET, Alain. **Dire et faire dire**: l’entretien. Paris: Armand Colin, 2003. 172 p.

BLANCHET, Alain et GOTMAN, Anne. **L’entretien:** l’enquête et ses méthodes. Paris: Armand Colin, 2012. 126 p.

BOËLDIEU, Julien e BORREL, Catherine. “La proportion d´immigrés est stable depuis 25 ans”. **INSEE Premiere**, nº 748. Paris: INSEE, 2000. 4 p. Disponível em: <www.insee.fr/fr/ffc/docs_ffc/ip748.pdf> Acesso em: 02/08/2005.

BÓGUS, Lucia Maria. “Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar”. In: PATARRA, Neide (org) **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 111-121.

BÓGUS, Lucia Maria. “Esperança além-mar: Portugal no ‘arquipélago migratório’ brasileiro”. In: MALHEIROS, Jorge (org). **A imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007. p. 39-58. Disponível em: <www.oi.acidi.gov.pt>. Acesso em: 05 Fev. 2013

BOURDIEU, Pierre, “Les trois états du capital culturel”. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, n. 30, p. 3-6, Nov. 1979, p. 3-6. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654>. Acesso em: 25 Out. 2010

BOURDIEU, Pierre. “Le capital social: notes provisoires”. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, n. 31, p. 2-3, 1980. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069>. Acesso em: 25 Out. 2010

BOURDIEU, Pierre. “Espaço social e gênese das classes”. In: **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil & Lisboa: Difel, 1989. p. 133-161.

BOURDIEU, Pierre. “Efeitos do lugar”. In: BOURDIEU, Pierre. et al. **A miséria do mundo.** Tradução de Mateus S. Soares Azevedo et al. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 159-166

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234 p.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011. 224 p.

BOYD, Monica. "Family and Personal Networks in International Migration: Recent Developments and New Agendas". **International Migration Review**, Vol. 23, No. 3, Special Silver Anniversary Issue: International Migration an Assessment for the 90's, Autumn, 1989. p. 638-670. Disponível em: <www.jstor.org/stable/2546433>. Acesso em: 21 Dez. 2011

BOULY DE LESDAIN, Sophie. "Projet migratoire des étudiantes camerounaises et attitude face à l'emploi". **Revue européenne de migrations internationales**. Vol. 15 N°2, 1999. p. 189-202.. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remi_0765-0752_1999_num_15_2_1685> Acesso em: 19 Set. 2012

BOYER, Florence. "Le projet migratoire des migrants touaregs de la zone de Bankilaré: la pauvreté désavouée". **Stichproben**, nº 8, Special Issue on African Migrations. Historical Perspectives and Contemporary Dynamics, p. 47-67, 2005. Disponível em: <www.univie.ac.at/ecco/stichproben/Nr8_Boyer.pdf>, acesso em: 01 Mai. 2013.

BRETTELL, Caroline e HOLLIFIELD, James Frank. "Migration theory". In: BRETTELL, Caroline e HOLLIFIELD, James Frank. (orgs.) **Migration theory:** talking across disciplines. New York: Routledge, 2000, p. 1-26.

BRITO, Fausto. "Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo". In: PATARRA, Neide (org) **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 53-66

BRITO, Fausto. "As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes". **Texto para discussão**, nº 366, UFMG/Cedeplar, 2009. 20 p. Disponível em: <www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20366.pdf>. Acesso em: 13 Mai. 2013

BRUM, Ceres Karam. "Maison du Brésil: uma residência para pesquisadores em situação de imigração temporária em Paris". In: Encontro Anual da ANPOCS, 35, 2011, Caxambu. **Anais...**São Paulo: ANPOCS, 2011, 30 p. Disponível em: <www.anpocs.org>. Acesso em: 25 Nov. 2011.

CANDIDO, Antonio. "Prólogo". In: MARTINS, Carlos Benedito (org). **Diálogos entre o Brasil e a França**: formação e cooperação acadêmica. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2005. p. 13-17

CANÊDO, Letícia e GARCIA, Afrânio. "Les boursiers brésiliens et l'accès aux formation d'excellence internacionales". **Cahiers du Brésil Contemporain** - Le Brésil et le marché mondial de la coopération scientifique. Nº 57/58-59/60. Paris: CRBC, 2004-2005. p. 21-48

CARDOSO, Ana Paula Saldanha. **O processo de ajustamento intercultural de expatriados brasileiros**. Dissertação de Mestrado em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008. 103 p.

CARELLI, Mario. **Culturas cruzadas**: intercâmbios culturais entre França e Brasil. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1994. 272 p.

CASTEL, Robert. **A discriminação negativa**: cidadãos ou autóctones? Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2008. 136 p.

CASTELLS, Manuel. "A nova economia: informacionalismo, globalização, funcionamento em rede". **A sociedade em rede**. Volume 1. Tradução Roneide Venancio Majer e Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 119-208

CASTLES, Stephen e MILLER, Mark. **La era de la migracion**: movimientos internacionales de población en el mundo moderno. Tradução Luiz Rodolfo Morán Quiroz. México: Cámara de Diputados LIX Legislatura, UAZ, Secretaría de Gobernación, Instituto Nacional de Migración, Fundación Colosio, Miguel Ángel Porrua, 2004. 382 p. Disponível em: <biblioteca.diputados.gob.mx/janium/bv/ce/scpd/LIX/era_mig.pdf>. Acesso em: 01 Abr. 2012.

CASTLES, Stephen. "Understanding global migration - a social transformation approach". **Journal of Ethnic & Migration Studies**. Volume 36, Issue 10, 2010. p. 1689-1708. Disponível em: <http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs>. Acesso em: 23 Abr. 2013.

CASTRO, Mary Garcia. "Migrações internacionais, direitos humanos e ordem político social internacional por um novo paradigma". In: Encontro Nacional de Estudos de População, 15, Caxambu. **Anais....** Belo Horizonte: ABEP, 2006. 18 p. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_323.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2008

CHAMOZZI, Françoise. "Les brésiliens qualifiés immigrés en France: risques de l'immigration et déclassement professionnel". **Hommes & Migrations**, nº 1281, 2009. p. 112-121

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. **As migrações num mundo interligado:** novas linhas de acção. Relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais. Fundação Calouste Gulbenkian, outubro de 2005. 96 p. Disponível em: <www.gcim.org/mm/File/Port.pdf>. Acesso em 16 Out. 2008.

COORDINATION FRANÇAISE POUR LE DROIT D'ASILE. **La loi des "jungles"**: la situation des exilés sur le littoral de la Manche et de la Mer du Nord. Rapport de mission d'observation, mai-juillet, 2008. 185 p. Disponível em: <www.gisti.org/publication_pres.php?id_article=1205>. Acesso em: 05 Mai. 2013

CORDEIRO, Albano. "Les portugais, une population 'invisible?'". In: DEWITTE Philippe (dir). **Immigration et intégration**: l'état des savoirs. Paris: La Découverte, 1999, pp. 106-111.

CORTES, Geneviève. e FARET, Laurent. "La circulation migratoire dans l'ordre des mobilités". In: CORTÈS, Geneviève. e FARET, Laurent (orgs) **Les circulations transnationales**: lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris: Armand Colin, 2009, p. 7-19.

COURGEAU, Daniel. “Concepts de base”. In: **Methodes de mesure de la mobilite spatiale**: migrations internes, mobilite temporaire, navettes. Paris: Editions de l'Institut National d’Études Demographiques, 1988. p. 11-20

DEGENNE, A. "Sur les réseaux de sociabilité". **Revue Française de Sociologie**. Vol. 24, nº 1, 1983. p. 109-118. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3321788> acesso em 11 Jan. 2011.

DE HAAS, Hein (2010). “The internal dynamics of migration processes: a theoretical inquiry”. **Journal of Ethnic & Migration Studies**. Sussex, Vol. 36, Issue 10, p. 1587-1617. Dec. 2010. Disponível em: <dx.doi.org/10.1080/1369183X.2010.489361>. Acesso em: 26 Abr. 2013.

DIMINESCU, Dana. “Le migrant dans un système global de mobilités”. In: CORTÈS, Geneviève. e FARET, Laurent. (orgs) **Les circulations transnationales**: lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris: Armand Colin, 2009, p. 211-224.

DOMENACH, Hervé. “De la ‘migratologie’...”. Revue européenne de migrations internationales. Poitiers, Vol. 12, n°2, 1996. p. 73-86. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remi_0765-0752_1996_num_12_2_1067>. Acesso em: 15 Jan. 2011.

DOMENACH, Hervé. e PICOUET, Michel. **Las migraciones**. Tradução Eduardo Bologna. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 1996. 145 p.

DOMENACH, Hervé e PICOUET, Michel. . “El caracter de reversibilidad en el estudio de la migracion.” **Notas de población**, nº 49, 1990, p. 49-. 68

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da USP, 2009. 292 p.

DUMONT, Gérard-François. “Les nouvelles logiques migratoires au XXIe siècle”. **Outre-Terre**, nº 17, 2006. Disponível em: <www.cairn.info/revue-outre-terre-2006-4-page-15.htm>. Acesso em: 18 Jul. 2011. p. 15-25.

DUMONT, Jean-Christophe. “Les migrations internationales de travailleurs qualifiés: des bénéfices à partager”. In: MOUHOUD, El Mouhoub (dir) **Les nouvelles migrations**: un enjeu Nord-Sud de la mondialisation. Paris: Universalis, 2006. p. 79-96

DURAND, Jorge. “Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del processo”. **REMHU**. Números 26 e 27, 2006.

EL HAJJI, Mohammed. “Migrações internacionais, fuga das mentes e corrida dos cérebros: custos materiais, benefícios simbólicos e dúvidas existenciais”. In: ARAÚJO, Emília; FONTES, Margarida e BENTO, Sofia (eds.) **Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros.** Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2013. p. 125-137. Disponível em: <www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/120/showToc>. Acesso em: 22 Jun. 2013

ELIAS, Norbert. “A sociedade dos indivíduos”. In: **A sociedade dos indivíduos.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 13-60

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000. 224 p.

EVANS, Yara. "Brasileiros em Londres: um perfil socioeconômico". **Revista Travessia,** nº 66. São Paulo: CEM, janeiro-junho, 2010. p. 9-20

FAIST, Thomas. "The crucial mesolevel". In: MARTINIELLO, Marco and RATH, Jan (edits). **Selected studies in international migration and immigrant incorporation**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010. p. 59-90.

FARET, Laurent. "Savoir et pouvoir: les réseaux de la migration". In: **Les territoires de la mobilité.** Paris: CNRS Éditions, 2003. p. 183-222

FERNANDES, Duval; NUNAN, Carolina e CARVALHO, Margareth. "O fenómeno da migração internacional de retorno como consequência da Crise Mundial". **Revista de Estudos Demográficos**, nº 49, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa. p. 69-98. Disponível em: <www.ine.pt>. Acesso em: 27 Ago. 2011

FERREIRA, Daniel Granada da Silva. "Adaptação em movimento: o processo de transnacionalização da capoeira na França". **Antropolítica** - Revista Contemporânea de Antropologia, n° 24, 2008. p. 64-86.

FRANCE. Article L315-1. Modifié par Loi n°2006-911 du 24 juillet 2006. **Code de l'entrée et du séjour des étrangers et du droit d'asile.** Disponível em: <www.legifrance.gouv.fr>. Acesso em: 08 Jul. 2013

FREITAS, Maria Ester de. "Expatriação profissional: o desafio interdependente para empresas e indivíduos". **Revista Gestão e Sociedade**. CEPEAD/UFMG vol. 4, nº 9, Setembro/Dezembro 2010, p. 689-708. Disponível em: <www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1235/857>. Acesso em: 27 Jun. 2013

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional**: o caso de Governador Valadares. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. 120 p.

GAILLARD Anne-Marie et GAILLARD, Jacques. "Fuite des cerveaux, circulation des compétences et développement: un enjeu politique". **Mots pluriels**, 20, février, 2002. Disponível em: <motspluriels.arts.uwa.edu.au/MP2002ajg.html>. Acesso em: 7 Abr. 2011

GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 1993. 210 p.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991. 177 p.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda e BLANC, Cristina Szanton. "From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration". In: **Anthropological Quarterly**, Vol. 68, No. 1, 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3317464>. Acesso em: 02 Mai. 2011

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 124 p.

GOLDBERG, Anette. “Le Paris des Brésiliens en exil”. MARÈS Antoine et MILZA Pierre (org) **Le Paris des étrangers depuis 1945**. Paris: Publications de la Sorbonne, 1994. p. 293-298

GOLDBERG-SALINAS, Anette “Brésiliennes en exil: de femmes migrantes à féministes étrangères”. **Cahiers du CEDREF**: Femmes em migrations, Vol. 8-9, Paris, 2000. p. 43-66. Disponível em: <cedref.revues.org/186>. Acesso em: 14 Jul. 2013

GONZALEZ, Olga. “L'intégration problématique des latino-américains en France”. In: AUDEBERT, Cédric et MA MUNG, Emmanuel (dirs) **Les migrations internationales**: enjeux contemporains et questions nouvelles. Bilbao: Université de Deusto, 2007a. p. 123-134

GONZÁLEZ, Olga L. ¿Qué sabemos sobre los migrantes latinoamericanos en Francia? Revisión bibliográfica comentada. CASTILLO, Isabel Yépez del e HERRERA, Gioconda (eds). **Nuevas migraciones latinoamericanas a Europa**: balances y desafíos. Quito: FLACSO, OBREAL, Universidad Católica de Lovaina, Universitat de Barcelona, 2007b. p. 139-165. Disponível em: <www.flacsoandes.org>. Acesso em: 23 Jan. 2010.

GREEN, Nancy. **Repenser les migrations**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002. 138 p.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko e SUGITA, Kurumi. “Cuidado e cuidadoras: o trabalho de *care* no Brasil, França e Japão”. **Sociologia & Antropologia**, nº 1, volume 1, 2011. p. 151-180. Disponível em: <www.revistappgsa.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 25 Abr. 2013

HARVEY, David. “A compressão do tempo-espaço e a ascenção do modernismo como força cultural” e “A compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna”. In: **A condição pós-moderna**. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Editora Loyola, 1992. p. 237-276

HAUT CONSEIL A L’INTEGRATION. **Pour un modèle français d’intégration**. Paris : La Documentation française, 1991. 192 p. Disponível em: <www.ladocumentationfrancaise.fr>. Acesso em: 20 Out. 2012

HAUT CONSEIL À L’INTEGRATION. “L’Intégration: ça marche”. **La France sait-elle encore intégrer les immigrés?** Les élus issus de l'immigration dans les conseils régionaux (2004-2010). Paris: La Documentation française, 2011. p. 21-32 Disponível em: <www.ladocumentationfrancaise.fr>. Acesso em 06 Mar. 2013

HIRATA, Helena Sumiko e GUIMARÃES, Nadya Araujo. “Introdução”. In: HIRATA, Helena Sumiko e GUIMARÃES, Nadya Araujo (org) **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo: Ed. Atlas, 2012. p. 1-28

HOBSBAWM, Eric J. “A construção das nações”. In: **A era do capital**: 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 125-145

HUGO, Graeme. “Migrações internacionais não documentadas: uma tendência global crescente”. **Revista Travessia** nº 30. São Paulo: CEM, 1998. p. 5-12

IBGE. “Características da população e dos domicílios: resultados do universo”. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 270 p. Disponível em: <www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades>. Acesso em 14 Out. 2013

IORIO, Juliana. “Estudantes Brasileiros em Portugal e Reino Unido: As alterações nos fluxos migratórios e o retorno”. In: PADILLA, Beatriz et al (org). Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. **Atas do 2º seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa.** Lisboa: ISCTE, 2012. p. 85-101. Disponível em: <repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>. Acesso em: 03/12/2012.

KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros?** Imigrantes brasileiros no Japão. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999. 263 p.

KECHICHIAN, Melissa (coord). **A presença francesa no Brasil:** de Villegaignon ao século XXI. São Paulo: CCFB - Editora Conteúdo, 2009. 207 p.

KING, Russell. “Theories and typologies of migration: an overview and a primer”. **Willy Brandt Series of Working Papers**, n° 3, 2012. 48 p. Malmö: IMER/MIM, Malmö University. Disponível em: <www.mah.se/upload/Forskningscentrum/MIM/WB/WB%203.12.pdf>. Acesso em: 20 Set. 2013

KING, Russell and ZONTINI, Elisabetta. “The role of gender in the South European immigration model”. **PAPERS** - Revista de Sociologia, n° 60, Universitat Autònoma de Barcelona, 2000. p. 35-52. Disponível em: <www.raco.cat/index.php/Papers/article/view/25564/25398>. Acesso em: 29 Jul. 2013

KRISSMAN, Fred. “Sin coyote ni patrón: why the ‘migrant network’ fails to explain international migration”. **International Migration Review**, v. 39, n. 1, p. 4-44, 2005. Disponível em: <www.jstor.org/stable/27645475>. Acesso em: 14 Mai. 2013

LA CIMADE. “Un visa, pour qui, pour quoi?”. In: **Enquête sur les pratiques des consulats de France en matière de délivrance des visas**. Rapport d’Observation. Paris, Juillet 2010. p.7-26. Disponível em: <www.lacimade.org/publications/41>. Acesso em: 05 Jan. 2013.

LA CIMADE. “Éléments statistiques”. In: **Centres et locaux de rétention administrative:** Rapport 2010. Paris: Assfam, Forum Réfugiés, France terre d'asile, La Cimade et l'Ordre de Malte, 2011. p.7-14. Disponível em: <www.lacimade.org/publications/57>. Acesso em: 25 Nov. 2012.

LA CIMADE et al. **Centres et locaux de rétention administrative**. Rapport 2011. France: ASSFAM, Forum Réfugiés, France terre d'asile, La Cimade et l'Ordre de Malte, 2012. 292 p. Disponível em: <www.lacimade.org/publications/70>. Acesso em: 11 Set. 2013

LATRECHE, Abdelkader. “Les migrations étudiantes de par le monde”. **Hommes & migration**, n° 1233, p. 13-27, 2001.

LAURENS, Jean-Paul. “Introduction: l’exception et la règle”. In: **1 sur 500**: la réussite scolaire en milieu populaire. Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 1992. p. 11.21.

LEE, Everet. “Uma teoria sobre a migração”. In: MOURA, Hélio A. de Moura (Coord.). **Migrações internas**: textos escolhidos. Tradução Hélio A. de Moura. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, p.93-114.

LISBOA, Teresa Kleba. “Gênero e migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas”. **REMHU** - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Brasília, vol. 14, n. 26/27, 2006. p. 151-166. Disponível em: <www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/viewFile/39/31>. Acesso em: 05 Fev. 2013.

MACHADO, Igor. “Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal”. In: MALHEIROS, Jorge (org). **A imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007. p. 171-190. Disponível em: <www.oi.acidi.gov.pt>. Acesso em: 05 Fev. 2013

MACHADO, Igor e REIS, Ellen Saraiva. “Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal”. **Teoria & Pesquisa**, v. 16, p. 153-166, 2007

MAILLOT, Agnès. **Identité nationale et immigration**: la liaison dangereuse. Paris: Les Carnets de l’Info, 2008. 157 p.

MA MUNG, Emmanuel. “Le point de vue de l’autonomie dans l’étude des migrations internationales: ‘penser de l’interieur’ les phénomènes de mobilité”. In: DUREAU, Françoise et HILY, Marie-Antoinette (dirs). **Les mondes de la mobilité**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2009. p. 25-38

MANGALAM, J. J. and SCHWARZWELLER, Harry K. “Some theoretical guidelines toward a sociology of migration”. **International Migration Review**. Vol. 4, n. 2, 1970. p. 5-21. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3092047>. Acesso em: 26 Fev. 2013.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil**: imigrantes Brasileiros em Nova York. Campinas: Papirus, 1994. 452 p.

MARQUES, Eduardo. “Os mecanismos relacionais”. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 64, June 2007. p. 157-161

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos**: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 204 p.

MASSEY, Douglas S. et al. “The social organization of migration”. **Return to Aztlan**: the social process of international migration from western Mexico. Los Angeles: University of California Press, 1987. p. 139-171

MASSEY, Douglas S. et al “New migrations, new theories” In: **Worlds in motion**: understanding international migration at the end of the millennium. New York: Oxford University Press, 1998. p. 1-59

MATOS, Cristina. “Migrações: Decisões Individuais e Estruturas Sociais”. **SOCIUS Working Papers**, nº 5, 1993. 22 p. Disponível em: <www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1599> Acesso em: 06 Fev. 2013.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva” In: **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004. 288 p.

MAZZA, Débora. “Intercâmbios acadêmicos internacionais: bolsas Capes, CNPq e Fapesp”. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, nº 137, p. 521-547, mai/ago 2009.

MAZZA, Debora. “A circulação internacional de pessoas, saberes e práticas no campo das ciências humanas. Do direito à exigência”. **REMHU** - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Brasília, vol. 16, n. 31, 2008. p. 295-305. Disponível em: <www.csem.org.br/remhu>. Acesso em: 03 Abr. 2012.

MENEZES, Lená Medeiros de. “Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak Laemmert (1844-1861)”. **Revista do IHGB**. Ano 165, nº 423, abril-junho 2004. 30 p. Disponível em: <www.labimi.uerj.br/artigos/1306519921.pdf>. Acesso em: 24 Jan. 2013.

MENEZES, Marilda Aparecida de. “Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos” In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa e BAENINGER, Rosana (org.) **Migrações**: implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-40.

MERCKLÉ, Pierre. **Sociologie des réseaux sociaux**. Paris: La Découverte, 2011. 125 p.

MEYER Jean-Baptiste et CHARUM, Jorge. “La ‘fuite des cerveaux’ est-elle épuisée? Paradigme perdu et nouvelles perspectives”. **Cahiers des sciences humaines**, vol. 31, n°4, pp.1003-1017, 1995. Disponível em: <web.uct.ac.za/org/sansa/charum.pdf>. Acesso em: 12 Abr. 2011

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965. 246 p.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. **Brasileiros no Mundo**: Estimativas. Brasília, julho de 2008. 30 p. Disponível em: <www.abe.mre.gov.br/avisos/brasileiros-no-mundo>. Acesso em 15 Out. 2008.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. **Brasileiros no Mundo**: Estimativas. Brasília, setembro de 2009. 32 p. Disponível em: <www.brasileirosnomundo.mre.gov.br>. Acesso em 08 Dez. 2009.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. **Brasileiros no Mundo**: Estimativas. Brasília, junho de 2011. 32 p. Disponível em: <www.brasileirosnomundo.mre.gov.br>. Acesso em 30 Ago. 2011.

MOLINA, Ligia. “Atendimento sob medida”. **Revista França Brasil**, n° 307, Maio/Junho. São Paulo: CCFB - Editora Conteúdo, 2012. p. 66-72

MOROKVASIC, Mirjana “Birds of passage are also women...”. **International Migration Review**, The Center for Migration Studies of New York, Vol. 18, n° 4, 1984, pp. 886-907. Disponível em: <www.jstor.org/stable/2546066>. Acesso em: 11 Jan. 2011

MOROKVASIC, Mirjana. “Le genre est au cœur des migrations”. In: FALQUET, Jules *et al* (dir). **Le sexe de la mondialisation:** genre, classe, race et nouvelle division du travail. Paris: Presses de Sciences Po, 2010. p. 105-119

NOIRIEL, Gérard. **Le creuset français**: Histoire de l'immigration , XIXème-XXème siècle. Paris: Points, 2006. 437 p.

OFÍCIO ao Ministro do Exterior do Brasil. Paris, 1824.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de. “A Emigração de Brasileiros para os Estados Unidos – o caso de Miami”. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos de População, 13, Caxambu. **Anais...**Caxambu: ABEP, 2002. 25 p.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 234 p.

ORTIZ, Renato. “Do flagelo da diversidade ao pesadelo monolínguista”. In: **A diversidade dos sotaques e as Ciências Sociais**. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 15-54

PADILLA, Beatriz. “A imigração brasileira em Portugal: considerando o género na analise”. In: MALHEIROS, Jorge (org). **A imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007. p. 113-134. Disponível em: <www.oi.acidi.gov.pt>. Acesso em: 05 Fev. 2013

PALAU, Tomás. “Brasiguaios”. In: CASTRO, Mary Garcia (org) **Migrações internacionais**: contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001. p. 345-360

PARK, Robert e BURGESS, Ernest. “Assimilation”. In: PARK, Robert e BURGESS, Ernest. **Introduction of the Science of Sociology**. E-book, 2004. p. 734-784. Disponível em: <www.gutenberg.org/files/28496/28496-h/28496-h.htm>. Acesso em 18/02/2012.

PATARRA, Neide. “Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volume, fluxos, significados e políticas”. In: **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, jul/set 2005. p. 23-33

PATARRA, Neide e BAENINGER, Rosana. “Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil”. In: PATARRA, Neide (org) **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 78-88

PEIXOTO, João. “As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas”. **SOCIUS Working Papers**, nº 11, 2004. 36 p. Disponível em: <www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2037> Acesso em: 19/05/2011.

PEREIRA, Marcio Rodrigues. “Presença cultural francesa no Brasil”. **Revista Travessia**, nº 65. São Paulo: CEM, setembro-dezembro 2009. p. 89-100

PERES, Roberta Guimarães. “Migração feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero”. In: BAENINGER, Rosana e DEDECCA, Claudio Salvadori (org) **Processos migratórios no Estado de São Paulo:** estudos temáticos. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013. p. 609-619

PIRES, Álvaro P. “Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico”. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 154-211

PISCITELLI, Adriana. “Geografia política do afeto: interesse, ‘amor’ e migração”. In: CARVALHO, Flávio *et al* (edit). **Atas do 1º seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2010. p. 14-22. CD-ROM

PISCITELLI, Adriana. “Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial”. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 15, n. 31, 2009. 36 p.

PISON, Gilles. “Le nombre et la part des immigrés dans la population: comparaisons internationales”. **Population & Sociétés**, nº 472. Paris: INED, 2010. 4 p. Disponível em: <www.ined.fr/fr/publications/pop_soc/bdd/publication/1520>. Acesso em: 07/03/2013.

PORTES, Alejandro. **Migrações internacionais**: origens, tipos e modos de incorporação. Tradução Frederico Ágoas. Oeiras: Celta, 1999. 160 p.

POUPART, Jean. “A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas”. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 215-251

PÓVOA NETO, Helion. “A criminalização das migrações na nova ordem internacional”. In: PÓVOA NETO, Helion e FERREIRA, Ademir Pacelli (org) **Cruzando fronteiras disciplinares:** um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 297-309

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: CERU e FFLCH, 1983. 182 p.

RAMOS, Madalena e FERREIRA, Ana Cristina. “Imigrantes brasileiros em Portugal: como casam e com quem casam”. In: Congresso Português de Sociologia, 7, Porto. **Atas...**Porto: Associação Portuguesa de Sociologia, 2012. 13 p. Disponível em: <www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1504_ed.pdf>. Acesso em 05 Ago. 2013

RAVENSTEIN, Ernst Georg. “As leis da migração”. In: MOURA, Hélio A. de (Coord.). **Migrações internas**: textos escolhidos. Tradução Hélio A. de Moura. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. p. 24-88

REA, Andrea e TRIPIER, Maryse. **Sociologie de l'immigration**. Paris: La Découverte, 2008. 120p.

REDONDO, Michelle. "*Au pairs* e babás: reflexões sobre o trabalho de cuidado". In: Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho, 7, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ALAST, 2013. 25 p. Disponível em: <www.alast2013.com.br/gt5.asp >. Acesso em: 29 Jul. 2013

REGO, José Márcio e MARQUES, Rosa Maria. (orgs) **Economia brasileira**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002. 262 p.

REIS, Cacilda Ferreira dos. "A minha casa é a Bahia/mas o mundo é meu lugar: as experiências de trabalho de músicos e dançarinos na França". In: **Sonhos, incertezas e realizações**: as trajetórias de músicos e dançarinos afro-brasileiros no Brasil e na França. 2012. p. 159-242. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

REIS, Rossana Rocha. **Migrações internacionais e identidade nacional no contexto da globalização**: o caso francês. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. 168 p.

REIS, Rossana Rocha. "Políticas de nacionalidade e políticas de imigração na França". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 32, fev, 1999. p. 118-138

REIS, Rossana Rocha. "Migrações: casos norte - americano e francês". **Estudos Avançados**, vol. 20, n. 57, Mai/Ago 2006. p. 59-74

RENAN, Ernest. "Qu'est-ce qu'une nation?". In: FOREST, Philippe (dir) **Qu'est-ce qu'une nation?** Paris: Pierre Bordas et fils, 1991. Édition électronique, p. 32-52. Disponível em: <classiques.uqac.ca>. Acesso em: 09 Ago. 2012

RENNER, Cecília H. e PATARRA, Neide L. "Migrações". In: SANTOS, Jair. L. F., LEVY, Maria Stella F. e SZMRECSÁNYI, Tamás (orgs) **Dinâmica da população**: teoria, método e técnicas de análise. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p. 236-260

ROBERTS, Bryan R. "Socially expected durations and the economic adjustment of immigrants". In: PORTES, Alejandro (ed) **The economic sociology of immigration**. New York: Russell Sage Fundation, 1995. p. 42-86

ROCA GIRONA, Jordi. "Migrantes por amor. La búsqueda y formación de parejas transnacionales". **Revista de Antropología Iberoamericana**, vol 2, n° 3, 2007, 30 p. Disponível: em: <www.redalyc.org/articulo.oa?id=62320303>. Acesso em: 02 Ago. 2013

ROLLAND, Denis. "L'exil des disctatures: impact conjoncturiel dans la présence latino-américaine en France?". In: SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos e ROLLAND, Denis. **L'exil brésilien en France**: histoire et imaginaire. Paris: L'Harmattan, 2008. p. 185-205

RUFIN, Jean-Christophe. **Vermelho Brasil**: o romance da conquista do Brasil pelos franceses. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 406 p.

ROSENFELD, Martin et al. "Immigration brésilienne en Europe: dimension transnationale". **Hommes & Migrations**, nº 1281, 2009. p. 54-63

ROSSINI, Rosa Ester. “O Brasil no Japão: a conquista do espaço dos nikkeis do Brasil no Japão”. In: Encontro Nacional de Estudos de População, 14, Caxambu. **Anais....** Belo Horizonte: ABEP, 2004. 11 p.

RYAN, Louise *et al* “Social Networks, Social Support and Social Capital: The Experiences of Recent Polish Migrants in London”. **Sociology**, vol. 42, nº 4, 2008. p. 672-690. Disponível em: <soc.sagepub.com/content/42/4/672> acesso em 11 Jan. 2011.

SALES, Teresa. “Novos fluxos migratórios da população brasileira”. **Revista Brasileira de Estudos de População. Campinas**, v. 8, n. 1/2, janeiro/dezembro, 1991. p. 21-32

SALES, Teresa. “Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações de pesquisa”. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Campinas, v. 9, n. 1, jan/jul, 1992, p. 50-81.

SALES, Teresa. “Brasil migrante, Brasil clandestino”. **São Paulo em Perspectiva**. Vol 8, n 1, 1994. p. 107-115

SALES, Teresa. “O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais”. In: PATARRA, Neide (org) **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 89-103

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Ed. Cortez, 1999. 232 p.

SALIM, Celso Amorim. “A questão dos brasiguaios e o Mercosul”. In: PATARRA, Neide (org) **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 144-157

SANCHEZ-MAZAS, Margarita. **Racisme et xénophobie**. Paris: Presses Universitaire de France, 2004. 249 p.

SASAKI, Elisa Massae. "Movimento Dekassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão". In: SALES, Teresa; e REIS, Rossana Rocha (Org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 243-274.

SASSEN, Saskia. **La movilidad del trabajo y del capital**. Tradução: Beatriz Knorr Alonso. Madri: Ministério de Trabajo y Seguridad Social , 1993. 304 p.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010a. 240 p.

SASSEN, Saskia. “Mondialisation et géographie globale du travail”. Traduit par Anissa Talahite. In: FALQUET, Jules *et al* (dir). **Le sexe de la mondialisation:** genre, classe, race et nouvelle division du travail. Paris: Presses de Sciences Po, 2010b. p. 27-41

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**: ou os paradoxos da alteridade. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. 299 p.

SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”. **Travessia**. Vol XVIII, número especial, janeiro de 2000. 36 p.

SCHNAPPER, Dominique. “L’intégration des migrants et de leurs descendants à la société nationale”. **Qu'est-ce que l'intégration?** Paris: Gallimard, 2007. p. 71-129

SJAASTAD, Larry A. Os custos e os retornos da migração. In: MOURA, Hélio A. de (coord.). **Migrações internas**: textos escolhidos. Tradução Hélio A. de Moura. Fortaleza, BNB/ETENE, 1980. t.1, p.115-145.

SCHAEFFER, Fanny. “La circulation migratoire, révélatrice de la structuration sociospatiale du champ migratoire marocain”. In: CORTÈS, Geneviève. e FARET, Laurent (orgs) **Les circulations transnationales**: lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris: Armand Colin, 2009. p. 61-72

SCHUTZ, Alfred. “The stranger: an essay in social psychology”. **American Journal of Sociology**, vol. 49, n° 6, May, 1944, p. 499-507. Disponível em: <www.jstor.org/stable/2771547>. Acesso em: 21 Jan. 2013

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. Rio de Janeiro: FINEP, 1979. 481p.

SEGA, Rodrigo Fessel. “Política migratória, seletividade e gênero: apontamentos da pesquisa de campo em Toronto – Canadá”. In: BAENINGER, Rosana (org) **Migração internacional**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013. p. 161-182

SILVA, Marta dos Santos. “Casamento franco-brasileiro: mulheres brasileiras casadas com franceses e morando na França”. In: PADILLA, Beatriz *et al* (org). **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa**. Atas do 2º seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa. Lisboa: ISCTE, 2012. p. 363-375. Disponível em: <repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>. Acesso em: 03 Dez. 2012

SIMAI, Szilvia. e BAENINGER, Rosana. “Discurso, negação e preconceito: bolivianos em São Paulo”. In: BAENINGER, Rosana. **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: Nepo/Unicamp, Fapesp, CNPq, UNFPA, 2012. p. 195-210

SIMON, Gildas. **La planète migratoire dans la mondialisation**. Paris: Armand Colin, 2008. 255 p.

SIMON, Gildas. “Penser globalement les migrations”. **Projet**, Paris, n° 272, 2002. p. 37-45. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-projet-2002-4-page-37.htm>. Acesso em: 18 Jul. 2011.

SIMON, Patrick. “Le ‘modèle français d’intégration’: politiques publiques et crise sociale”. **Diversité Canadienne**, vol 5, n. 1, 2006, p. 40-44. Disponível em: <www.acs-aec.ca/fr/publications/diversite-canadienne>. Acesso em 12 Set. 2013

SINGER, Paul. “Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo”. In: **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1973, p. 29-60.

SJAASTAD, Larry A. Os custos e os retornos da migração. In: MOURA, Hélio A. de (coord.). **Migrações internas**: textos escolhidos. Tradução Hélio A. de Moura. Fortaleza, BNB/ETENE, 1980. t.1, p.115-145.

SOARES, Weber. “Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional”. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 21, n. 1, jan/jun, 2004. p. 101-116

SOUZA, Carlos Alves de. “A guerra da lagosta”. **Um embaixador em tempos de crise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. p. 314-320

STOICEA-DERAM, Ana Luana. “’Immigration’ et ‘identité nationale’: une affaire de connexion”. In: DESSAJAN, Séverine; HOSSARD, Nicolas et RAMOS, Elsa (dirs) **Immigration et identité nationale**: une altérité revisitée. Paris: L’Harmattan, 2009. p. 29-45

TAPINOS, Georges. “Les enjeux de l’immigration”. LEQUIN, Yves (dir) **Histoire des étrangers et de l'immigration en France**. Paris: Larousse, 1992. p. 421-444

TARRIUS, Alain. “Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants”. **Annales de la Recherche Urbaine**. nº 59-60, p. 51-60, 1993. Disponível em: <1libertaire.free.fr/Tgv03.html>. Acesso em: 20 Abr. 2011.

TAVARES, Aurélio de Lyra. **Brasil-França**: ao longo de cinco séculos. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979. 335 p.

TAVARÈS, Marie-Christine Volovitch. “Les phases de l'immigration portugaise”. **Actes de l’Histoire de l’Immigration**. Volume 1, mars, 2001. 9 p. Disponível em: <barthes.ens.fr/clio/revues/AHI/articles/volumes/volovitch.html>. Acesso em 25 Jul. 2013

TILLY, Charles. **Transplanted networks**. New York: New Scholl of Social Research, 1986. 16 p. Disponível em: <faculty.utep.edu/Portals/1858/Tilly%201986%20Transplanted%20Networks.pdf>. Acesso em 11 Jan. 2011.

THIESSE, Anne-Marie. **A criação das identidades nacionais**. Lisboa: Temas & Debates, 2000. 296 p.

TODARO, Michael P. “A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países em desenvolvimento”. In: MOURA, Hélio A. de (coord.). **Migrações internas**: textos escolhidos. Tradução Hélio A. de Moura. Fortaleza, BNB/ETENE, 1980. t.1, p.146-171.

TRIBALAT, Michèle. “Une estimation des populations d'origine étrangère en France en 1999”. **Population**, n 1 Vol. 59, 2004. p. 51-81. Disponível em: <www.cairn.info/revue-population-2004-1-page-51.htm>. Acesso em 07/07/2012.

TRUZZI, Oswaldo. “Redes em processos migratórios”. **Tempo social**, Revista de Sociologia da USP, vol.20, n.1, Junho 2008. p. 199-218.

UNITED NATIONS. **Population Facts**. New York, nº 3, June 2012. 4 p. Disponível em: <www.un.org/en/development/desa/population/publications/factsheets>. Acesso em: 16 Mai. 2013

URRY, John. “Societies”. **Sociology beyond societies**: mobilities for the twenty-first century. Florence, KY, USA: Routledge, 2000. p. 1-20. Disponível em: <site.ebrary.com/lib/unicamp/Doc?id=5002124>. Acesso em: 23 Jan 2012.

URRY, John. “Les systèmes de la mobilité”. **Cahiers Internationaux de Sociologie**. V. 118, 2005. p. 23-35

VALE, Alexandre Fleming Câmara. “Migração, sexualidade e prostituição: travesti e transgêneros no Bois de Boulogne”. In: Encontro Anual da ANPOCS, 33, 2009, Caxambu. **Anais...**São Paulo: ANPOCS, 2009, 28 p. Disponível em: <www.anpocs.org>. Acesso em: 10 Fev. 2013.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. “O vôo da beleza: experiência transgênero e processo migratório”. In: Encontro Anual da ANPOCS, 32, 2008, Caxambu. **Anais...**São Paulo: ANPOCS, 2008, 26 p. Disponível em: <www.anpocs.org>. Acesso em: 10 Fev. 2013.

VALENTE, Pamela. “Os brasileiros na França”. **Rádio França Internacional**, 07/07/2005. Disponível em <www.rfi.fr/actubr/articles/067/article_102.asp>. Acesso em: 08 Mai. 2008. 2 p.

VAN EECKOUT, Laetitia. **L’immigration**. Paris: Odile Jacob, La Documentation Française, 2007. 181 p.

VARTABEDIAN, Julieta. “Travestis brasileñas en Europa: el viaje como constructor de las identidades”. In: CARVALHO, Flávio *et al* (edit). **Atas do 1º seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2010. p. 48-55. CD-ROM

VASSALO, Simone Pondé. “Anarquismo, igualitarismo e libertação: A apropriação do jogo da capoeira por praticantes parisienses”. In: Encontro Anual da ANPOCS, 28, 2003, Caxambu. **Anais...**São Paulo: ANPOCS, 2003, 13 p. Disponível em: <www.anpocs.org>. Acesso em: 30 Jul. 2013

VERTOVEC, Steven. “Conceiving and researching transnationalism”. In: MARTINIELLO, Marco and RATH, Jan (edits). **Selected studies in international migration and immigrant incorporation**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010. p. 91-109

VIDEIRA, Pedro. “A mobilidade internacional dos cientistas: construções teóricas e respostas políticas”. In: ARAÚJO, Emília; FONTES, Margarida e BENTO, Sofia (eds.) **Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros.** Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2013. p. 138-162. Disponível em: <www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/120/showToc>. Acesso em: 22 Jun. 2013

WAGNER, Anne-Catherine. **Les nouvelles élites de la mondialisation**: une immigration dorée en France. Paris: Presses Universitaire de France, 1998. 236 p.

WEBER, Max. “A ‘objetividade’ do conhecimento nas Ciências Sociais”. In: COHN, Gabriel. (org) **Max Weber**. São Paulo: Ed. Ática, 1986 [1904]. p. 79-127

WEIL, Patrick. “L’émergence d’une règle du jeu”. **La France et ses étrangers**. Paris: Gallimard, 2004. p. 65-81

WEISS, Robert S. “Respondents: choosing them and recruiting them”. **Learning from strangers**: the art and method of qualititave interview studies. New York: The Free Press, 1994. p. 15-37

WIEVIORKA, Michel. **La diversité.** Rapport à la Ministre de l'Enseignement supérieur et de la Recherche. Paris: Robert Laffont, 2008. 229 p.

WIHTOL DE WENDEN, Catherine “Un essai de typologie des nouvelles mobilités”. **Hommes & migration**, nº 1233, 2001. p. 5-12

WIHTOL DE WENDEN, Catherine. “Immigration et imaginaire”. In: RUDE-ANTOINE, Edwige (dir) **L’immigration face aux lois de la République.** Paris: Karthala, 1992. p. 69-81

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Annual Report 2011**. Madrid: UNWTO, 2012. 46 p. Disponível em: <www2.unwto.org/en/publication/unwto-annual-report-2011>. Acesso em 05 Mai. 2013.

XAVIER DE BRITO, Angela. “‘Avec du cœur au ventre’: l’expérience des Brésiliens non boursiers à Paris”. In: AGULHON, Catherine et BRITO, Ângela Xavier de. (org.) **Les étudiantes étrangers à Paris**. Paris: L’Harmattan, 2009. p. 41-70

XAVIER DE BRITO, Angela. **Construction de l’espace de formation brésilien et études à l’étranger.** Stratégies et carrière morale des étudiants brésiliens dans l’Université française, 1960-1986. Thèse de doctorat en sociologie, Université René Descartes-Paris, 1991. 2 volumes. 503 p.

XAVIER DE BRITO, Angela. “Transformações institucionais e características sociais dos estudantes brasileiros na França” In: **BIB** - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, nº 50, 2000. p. 145-162

XAVIER DE BRITO, Ângela. “‘Avec du cœur au ventre’: l’expérience des Brésiliens non boursiers à Paris”. In: AGULHON, Catherine et XAVIER DE BRITO, Ângela Xavier de. (org.) **Les étudiantes étrangers à Paris**. Paris: L’Harmattan, 2009. p. 41-70

ZELIZER, Viviana. “L'Économie du care”. **Revue Française de Socio-Économie**, n° 2, 2008, p. 13-25. Disponível em: <www.cairn.info/revue-francaise-de-socio-economie-2008-2-page-13.htm>. Acesso em 26 Mai. 2013

Anexos

Anexo 1. Instituições francesas no Brasil

Aliança Francesa

A Aliança Francesa foi concebida no final do século XIX, quando se articulou as bases de uma associação que teria como principal objetivo a difusão da cultura francesa, tendo como eixo fundamental a própria língua francesa. No entanto, além do ensino do idioma francês, os objetivos da instituição também contemplam o estímulo aos intercâmbios linguísticos e culturais. Pela política da instituição, espera-se que as sedes da referida instituição sejam sempre um *locus* de referência do pensamento francês, organizando e divulgando eventos propagadores da cultura francesa[259].

No Brasil, a Aliança Francesa chegou apenas dois anos após sua fundação na França. A primeira sede brasileira foi criada no Rio de Janeiro em 1885. Em São Paulo, a primeira associação surgiu em 1934 e atualmente existem sete unidades em funcionamento apenas na capital paulista. No edifício sede, no Centro, funciona também o Teatro Aliança Francesa. Foi neste local que fui recebida, em 01/09/2010, pelo diretor geral da Aliança Francesa de São Paulo.

Perguntado sobre a magnitude e o perfil dos estudantes da Aliança Francesa, fui informada que no Brasil havia 39 sedes da instituição no Brasil, mais 10 Centros associados. Segundo ele, são 35 mil alunos sendo que a maior parcela está concentrada nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo o diretor, a Aliança Francesa realiza pesquisas regulares para conhecer o perfil dos seus alunos e, de acordo com a última pesquisa efetuada pela instituição, havia em São Paulo sete mil alunos, sendo que 78% deles têm entre 18 e 35 anos. A justificativa para estudar francês, segundo os resultados obtidos, foi em 80% dos casos explicada em função do interesse pessoal pelo idioma, sendo que apenas 20% declarou que seria por razões profissionais. Neste sentido, nosso interlocutor na instituição ponderou que 80% dos alunos da Aliança Francesa não têm necessidade de aprender o idioma, e o fazem pelo gosto, aspecto que na sua perspectiva reflete uma representação simbólica ligada à literatura, à moda e à gastronomia da França no país. Em relação ao tema da minha pesquisa, o tal diretor disse-me que na sua avaliação, não há uma relação evidente entre os estudos de francês e a emigração de brasileiros, sendo que na sua avaliação isso se deve ao fato do Brasil possuir atualmente uma economia mais sólida, diferentemente do caso do Peru; onde segundo o informante, 75% dos estudantes tinham menos de 25 anos e eles estudavam francês porque tinham interesse em migrar para o Quebec no Canadá. Para ele, o interesse dos brasileiros pela cultura francesa aumenta proporcionalmente ao nível de instrução e renda. Perguntei a ele porque isso ocorria, e segundo ele, essa é uma característica da França, o peso dos intercâmbios culturais, fato que se associa a maior influência que o intelectual tem na França.

Câmara de Comércio França-Brasil (CCFB)

A Câmara de Comércio França-Brasil (CCFB) nasceu no Rio de Janeiro no começo do século XX. Atualmente existem cinco escritórios regionais em funcionamento: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

[259] Disponível em <www.aliancafrancesagabc.com.br/alianca.htm>. Acesso em 30 Ago. 2010.

A entidade possui cerca de 800 associados entre empresas francesas e brasileiras, além de pessoas físicas que tem interesses e/ou parcerias estabelecidas entre os dois países. Em poucas palavras, a "missão" da instituição é incentivar as relações econômicas, financeiras, comerciais, industriais, técnicas, culturais e sociais entre a França e o Brasil[260]. No dia 27/09/2010, fui até a sede paulista do CCFB para uma visita de reconhecimento. Nesta ocasião, fui apresentada ao livro editado pela instituição e que foi lançado em 2009 como parte dos eventos relacionados ao Ano da França no Brasil (KECHICHIAN, 2009). Por se tratar de uma publicação institucional, com foco nas parcerias econômicas, os textos têm os seus limites, no entanto constitui-se num ótimo compêndio de imagens e informações sobre o assunto. Além deste livro, a CCFB é responsável pela publicação de uma revista bimestral, chamada Revista França-Brasil, na qual se veicula artigos e informes diversos sobre as relações bilaterais entre os países. No endereço eletrônico do CCFB é possível encontrar uma série de estatísticas referentes às trocas comerciais, como saldos de exportações e importação, descrição dos produtos franceses importados pelo Brasil e dos produtos brasileiros exportados para a França, entre outras informações desta natureza.

O Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica

O Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica (CENDOTEC) é uma instituição bastante relevante na tessitura de vínculos entre Brasil e França. É uma associação binacional, pois é simultaneamente uma sociedade civil brasileira sem fins lucrativos e uma agência vinculada institucionalmente ao Ministério Francês de Relações Exteriores e Europeias. O objetivo da instituição é apoiar a cooperação científica, universitária e tecnológica, facilitando e desenvolvendo o fluxo de informações entre a França e o Brasil[261].

O endereço eletrônico da instituição está dentro do portal "Comunidade França-Brasil", que se constitui em um canal para divulgação das parcerias e intercâmbios entre os países. Além desta atuação, o CENDOTEC também é responsável pela coordenação da agência Campus-France no Brasil. O Campus-France reúne informações e serviços para os estudantes interessados em estudar na França. Desde 2006, esses serviços envolvem uma série de procedimentos pré-consulares, relacionados ao processo de obtenção do visto de estudante para o brasileiro que parte estudar na França.

Em 02/09/2010, fui recebida pelo diretor do CENDOTEC, para uma reunião. Além de várias informações sobre a própria entidade, o referido interlocutor disponibilizou-me alguns relatórios da instituição. Destaco as informações dos serviços prestados pelo Campus-France, que é uma passagem obrigatória para brasileiros que entram na França com visto de estudantes. Os relatórios disponibilizados (anos de 2008 a 2010) continham as Instituições de Ensino Superior (IES) de Origem no Brasil e de destino na França e especificação do projeto de cooperação ou tipo de vínculo para cada processo realizado. Para a realização destas consultas estive no Cendotec nos dias 20, 21 e 23 de setembro de 2010 e no dia 12 de agosto de 2011. Ainda que sejam dados referentes apenas a estudantes - ou potenciais estudantes - brasileiros na

[260] Disponível em <www.ccfb.com.br/a-ccfb/quem-somos.html>. Acesso em 30 Ago. 2010.
[261] Disponível em <www.comunidadefb.com.br>. Acesso em 30 Ago. 2010.

França, estes dados revelam os principais “locais de saída e de destino” de estudantes brasileiros na França[262].

O Consulado Geral da França em São Paulo

O Consulado Geral da França em São Paulo foi contatado diversas vezes durante agosto e setembro de 2009, por correio eletrônico e telefone. Na nossa perspectiva, mostrava-se relevante acessar as informações e as “impressões” dos funcionários deste consulado sobre a recente imigração brasileira na França. No entanto, apesar dos contatos relativamente insistentes, não consegui ser recebida por nenhum setor consular. O departamento cultural alegou estar em reestruturação com funcionários novos, e se eximiu de qualquer possibilidade de auxílio à pesquisa. O serviço consular também seguiu a mesma linha de orientação, e via a funcionária que me atendeu ao telefone, recebi a mensagem do Cônsul de que o mais adequado para minha pesquisa era procurar o Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

No entanto, após contato com o Consulado Geral da França em Brasília, e através da intermediação deste, consegui ser recebida pelo Consulado paulista no dia 02/12/2011 pelo Cônsul Adjunto do Consulado da França em São Paulo. Antes do encontro, apresentei brevemente a pesquisa por mensagem eletrônica e evidenciei o interesse em ter acesso ao número e tipos de vistos concedidos. Desta forma, o referido cônsul esperou-me com uma tabela onde estava um quadro comparativo de 2005 a 2010 do volume de vistos emitidos por aquele Consulado. Segundo os dados do consulado paulista, em cada ano do período citado foram solicitados quase 3 mil pedidos de visto. Como os brasileiros estão dispensados da exigência de visto para curta duração, os vistos de longa duração são aqueles que se referem efetivamente aos brasileiros residentes na área de jurisdição do consulado paulista, e que correspondem ao maior volume de vistos demandados e concedidos (em 2010 foi 83% dos vistos demandados e concedidos). Importante registrar que o volume de vistos de longa duração apresentou tendência crescente no período 2005-2010.

O discurso do Cônsul Geral Adjunto reforça o peso das parcerias estratégicas entre o Brasil e a França. Segundo este interlocutor, o Brasil é uma potência mundial global e que apesar desta não ser uma noção compartilhada pelo senso comum dos franceses, no âmbito da esfera política é inquestionável que a França deve investir nas relações com o Brasil.

Essa avaliação positiva foi reforçada pelo Chefe do Departamento Cultural e de Cooperação do Consulado Francês de São Paulo, que também me recebeu para uma conversa, mais centrada no tema da cooperação científica. Este referido informante reforçou o interesse que a França tem em receber os bolsistas brasileiros e fez elogios

[262] O Cendotec permitiu-me consultar os relatórios que sistematizou as pesquisas realizadas com os usuários dos serviços Campus-France, um universo que envolve "potenciais" estudantes brasileiros na França, neste sentido, tive acesso às estatísticas obtidas para três anos consecutivos: 2008, 2009 e 2010. Também foi disponibilizado para minha pesquisa uma publicação sobre mobilidade internacional de estudantes, considerando os programas de cooperação universitária e a atratividade exercida pela França, particularmente para os países da América e Caribe (MINISTÈRE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES ET EUROPÉENNES, 2009). Algumas destas informações foram sistematizadas e estão disponibilizadas ao final deste Anexo.

à formação acadêmica e técnica dos brasileiros, bem como valorizou a capacidade destes em se integrar à cultura francesa.

O Consulado Geral da França em Brasília

No planejamento da viagem a Brasília, foi contemplada a visita à Embaixada da França no Brasil, bem como a realização de entrevistas com autoridades francesas lá estabelecidas. No dia 18/10/2011, o Cônsul Geral, recebeu-me para uma conversa sobre assuntos como perfil, fluxo e número de vistos emitidos para brasileiros. Uma das minhas principais demandas era sobre o volume de vistos para estudantes e para profissionais concedidos pelas autoridades francesas no Brasil (dada a recusa inicial de colaboração do Consulado francês de São Paulo).

No que tange a este aspecto, a entrevista foi insatisfatória tendo em vista que a seção Consular de Brasília não tem os dados relativos a todos Estados brasileiros, apenas daqueles que estão sob sua jurisdição e que, no caso, referem-se em grande medida à Guiana Francesa. Diferentemente do caso da França metropolitana, os brasileiros precisam de visto para entrar na Guiana Francesa independentemente do período de permanência.

Por outro lado, o contato com o Cônsul francês em Brasília foi oportuno para captar sua percepção, enquanto autoridade francesa, sobre a presença recente de brasileiros na França. Segundo o referido interlocutor, a presença dos brasileiros na França é vista como positiva, apesar de referir-se a um “fantasma” que, como apontou, estaria na imagem dos refugiados políticos. De acordo com o Cônsul, o brasileiro que vive na França não tem “um” perfil, mas apontou a existência de 5 “tipos” de brasileiros: 1. Estudantes de alto nível; 2. Brasileiros casados com franceses, sendo que segundo o entrevistado, 80% destes casamentos mistos são de casos nos quais as mulheres brasileiras casam-se com homens franceses; 3. Profissionais executivos; 4. Membros da alta burguesia brasileira que não são exatamente residentes, mas passam temporadas na França; 5. Militares que trabalham em bases aéreas. Segundo o entrevistado, trata-se de um fluxo do Rio de Janeiro não volumoso, mas com expressividade.

A Embaixada da França no Brasil

Nesta visita à Embaixada francesa, também tive a oportunidade de conversar com o Primeiro Secretário. Neste caso, o tema da migração ficou em segundo plano, pois o referido informante abordou mais aspectos relativos à diplomacia e relações bilaterais entre o Brasil a França. Em outro dia, foram feitas mais duas reuniões, com a Assessoria de Cooperação Científica e Tecnológica e com o Conselheiro Econômico do Serviço Econômico Regional da Embaixada.

Outras instituições franco-brasileiras

Também entrei em contato com a Fundação Liceu Pasteur e com o Colégio Liceu Pasteur, escola bilíngue português-francês que funciona desde 1923 em São Paulo. A escola disse não ter como contribuir e indicou a Fundação. A última consulta feita foi através de telefonema em 26/08/2010, quando fui informada pela secretária que meu pedido seria encaminhado e que em breve teria um retorno. Fato este que não ocorreu até o presente momento.

A Missão Econômica de São Paulo é enquadrada pela política econômica internacional francesa como “Serviços Econômicos”, agências que se vinculam aos “Serviços ao Estrangeiro” do Ministério de Economia, Finanças e Indústria e às Embaixadas francesas, como agências de serviços externos da Direção Geral do Tesouro (DG Trésor). Estas Missões formam uma rede internacional do Ministério de Economia, Finanças e Indústria, rede esta constituída por 29 circunscrições. Desde 2012, esta “rede” é coordenada pela Ubifrance. Estas Missões funcionam como “vigilantes” da situação econômica e financeira dos países, construindo análises macroeconômicas e setoriais; não obstante, além de analisar a situação de risco do país, têm também como objetivo promover relações bilaterais econômicas (financeiras e comerciais) e apoiar exportações de empresas francesas e auxiliar o investimento, tanto o francês no exterior quanto ao investimento destinado à França[263].

No Brasil, há o serviço econômico da Embaixada Francesa em Brasília, além das Missões Regionais em São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo o organograma da agência brasileira, são cerca de 15 funcionários franceses alocados nas seguintes áreas de atuação: Aeronáutica e aviação civil; Economia, finanças e multilateralidade; Assuntos bilaterais e políticas públicas; Assuntos agrícolas e agro-alimentares; Propriedade intelectual; Transportes e equipamento e Energia, Meio-Ambiente e telecomunicações.

Telefonei para a Missão Econômica de São Paulo solicitando informações sobre as relações econômicas Brasil-França. Fui instruída a enviar uma mensagem eletrônica, na qual explicasse o meu interesse. O retorno que tive foi de que infelizmente a Missão não poderia me ajudar, e que para os meus objetivos eu deveria procurar a CCFB.

Do ponto de vista das relações econômicas contemporâneas entre o Brasil e a França, há uma revista de publicação bimestral da CCFB que se chama *França Brasil* na qual encontramos elementos que mostram a exploração do imaginário de “luxo” e sofisticação que se associa à França como fator importante para os investimentos franceses no Brasil e também para a oferta de serviços voltados à recepção dos “turistas” brasileiros na França (MOLINA, 2012). Destaca-se também o livro organizado pelo CCFB em função do Ano da França no Brasil em 2009 que apresenta um histórico da presença francesa no Brasil desde o período da disputa colonial no continente até os dias atuais, através da instalação de empresas francesas no país nos mais distintos setores econômicos (KECHICHIAN, 2009).

[263] Informações sobre as Missões, histórico, objetivos, localizações, organogramas, etc. podem ser encontrados em: <http://www.tresor.economie.gouv.fr/se/bresil/missioneco.asp>. Acesso em 15 Ago. 2010.

Anexo 2. Dados Campus France Brasil

O Cendotec realiza anualmente uma pesquisa com os usuários dos serviços Campus-France, ou seja o universo investigado refere-se aos "potenciais" estudantes brasileiros na França. O Campus France, uma instituição vinculada aos Ministérios franceses da Educação e das Relações Exteriores, cujo objetivo é disponibilizar informações aos interessados e viabilizar o ingresso de estudantes estrangeiros em instituições de ensino superior na França. No Brasil, o Campus France existe desde 1998 e é responsável por realizar procedimentos pré-consulares, sendo passagem obrigatória para a obtenção do visto de categoria estudante junto às autoridades francesas no Brasil. Os dados disponibilizados registram um aumento no fluxo de estudantes brasileiros na França, conforme a tabela abaixo.

O Cendotec me permitiu consultar os relatórios com as estatísticas obtidas para três anos consecutivos: 2008, 2009 e 2010.

Em primeiro lugar, há os dados de uma investigação sobre o perfil dos usuários do órgão. Essa pesquisa consiste em envio de questionário pela lista de email e foi estabelecido pelo Cendotec que seriam sistematizadas, em média, apenas os primeiros 330 retornados. A seguir, apresento estes resultados, que fornecem um perfil básico destes usuários tais como: sexo, idade, escolaridade e informação que qualifica o projeto de estudos na França.

Também foi disponibilizado para minha pesquisa uma publicação do Ministère des Affaires Étrangères et Européennes sobre mobilidade internacional de estudantes, considerando os programas de cooperação universitária e a atratividade exercida pela França, particularmente para os países da América e Caribe[264]. A seguir estão alguns dos dados divulgados pelo estudo, mas pode-se adiantar que a França não é o principal destino dos estudantes americanos e caribenhos. Estes estudantes representam apenas 8% dos estudantes estrangeiros que estão em instituições de ensino superior na França. Porém, esse número vem aumentando. Para o ano letivo 2003-2004, o número de estudantes americanos e caribenhos era de 13.390; sendo que em 2008-

[264] Ministère des Affaires Étrangères et Européennes. Mobilité internacionale des étudiants, attractivité de la France et coopération universitaire: Ameriques et Caraibes. Paris: août 2009.

2009, a cifra era de 17 mil. Em 2008, o Brasil é o sexto no ranking de país de origem, por número de vistos de estudos de longa duração na França. Dos 17 mil estudantes americanos e caribenhos na França, 17% eram brasileiros. O Brasil ocupa a 2ª posição de país de origem, após os EUA (20%).

Por último, há as informações sobre os serviços Campus-France. Passagem obrigatória para brasileiros que queiram estudar na França, os relatórios contêm as Instituições de Ensino Superior (IES) de Origem no Brasil e as IES paras as quais estes estudantes se dirigiram na França.

Existem 3 maneiras pelas quais estudantes brasileiros chegam na França: 1. mobilidade "espontânea", na qual um estudante brasileiro vai para a França autonomamente, fora de acordos institucionais ou de programas de mobilidade internacional de estudantes e pesquisadores; 2. mobilidade estimulada pelos acordos estabelecidos entre universidades e 3. mobilidade prevista por programas de cooperação institucional.

Há projetos de cooperação e outros acordos (como a possibilidade de duplo diploma) estruturados com o objetivo de aprofundar o intercâmbio acadêmico entre os países. Alguns destes projetos são especificamente pensados para ampliar o fluxo de estudantes brasileiros na França e de estudantes franceses no Brasil.

Estudantes na França segundo nível dos estudos em 2008-2009

Origem	Graduação Nº	%	Mestrado Nº	%	Doutorado Nº	%	Total
América do Norte	2 187	2,4	2 141	2,2	402	1,45	4 330
América Central	841	0,92	760	0,78	379	1,36	1 602
América do Sul	3 065	3,36	4 145	4,26	1 773	6,38	7 213
Caribe	784	0,86	691	0,71	124	0,45	1 476
Total Américas	6 877	7,54	7 737	7,95	2 678	9,63	14 622
Total Mundo	91 242	100	97 313	100	27 807	100	188 655

Fonte: Ministre de l'Enseignement supérieur et de la Recherche (MESR)

	Graduação	Mestrado	Doutorado	Total
Brasil	806	1 425	680	2 911
% em relação América do Sul	26,30	34,38	38,35	**40,36**
% em relação América Total	11,72	18,42	8,79	19,91

Fonte: Ministre de l'Enseignement supérieur et de la Recherche (MESR)

Evolução do efetivo de estudantes estrangeiros matriculados em universidades francesas 2003-2004 a 2008-2009

	2003-2004	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008	2008-2009	Evolução 2003/2008
América do Norte	3 953	3 973	4 062	4 242	4 438	4 730	20%
América Central	1 752	1 771	1 772	1 827	1 889	1 980	13%
América do Sul	6 362	6 783	7 339	7 772	8 269	8 983	41%
Caribe	1 323	1 325	1 551	1 735	1 552	1 599	21%
Total Américas e Caribe	13 390	13 852	14 724	15 576	16 148	17 292	29%
Brasil	**1 774**	**1 963**	**2 189**	**2 313**	**2 558**	**2 911**	**64%**
Taxa de crescimento do nº de estudantes brasileiros	-	11%	12%	6%	11%	14%	

Fonte: Ministre de l'Enseignement supérieur et de la Recherche (MESR)

Estudantes matriculados em universidades francesas na França segundo área disciplinar de estudos (2008-2009)

Em nº	América do Norte	América Central	América do Sul	Caribe	Total Américas	**Brasil**
Administração/Economia/Gestão	376	306	1 359	340	2 381	401
Direito/Ciência Política	570	234	1 156	259	2 219	403
Idiomas	1 478	331	1 193	202	3 204	324
Letras/Ciências da Liguagel/Artes	1 308	302	1 266	132	3 008	433
Saúde	134	51	508	90	783	147
Ciências da Vida, da Terra e do Universo	110	108	501	32	751	117
Ciências fundamentais e aplicadas	250	354	1 183	177	1 964	376
Ciências Humanas e Sociais	504	294	1 817	367	2 982	710
Total	4 730	1 980	8 983	1 599	17 792	2 911

Em %	América do Norte	América Central	América do Sul	Caribe	Total Américas	**Brasil**
Administração/Economia/Gestão	7,9	15,5	15,1	21,3	13,4	13,8
Direito/Ciência Política	12,1	11,8	12,9	16,2	12,5	13,8
Idiomas	31,2	16,7	13,3	12,6	18,0	11,1
Letras/Ciências da Liguagel/Artes	27,7	15,3	14,1	8,3	16,9	14,9
Saúde	2,8	2,6	5,7	5,6	4,4	5,0
Ciências da Vida, da Terra e do Universo	2,3	5,5	5,6	2,0	4,2	4,0
Ciências fundamentais e aplicadas	5,3	17,9	13,2	11,1	11,0	12,9
Ciências Humanas e Sociais	10,7	14,8	20,2	23,0	16,8	**24,4**
Total	100	100	100	100	97	100

Fonte: Ministre de l'Enseignement supérieur et de la Recherche (MESR)

Evolução do número de vistos de estudantes de 2004 a 2008 nos países da América e Caribe

	2004	2005	2006	2007	2008
América do Norte	9 254	9 234	9 286	9 185	10 158
América Central	2 466	2 246	2 495	2 693	2 620
América do Sul	4 315	4 546	4 856	5 590	6 088
Caribe	329	359	295	335	299
Total Américas e Caribe	16 364	16 385	16 932	17 803	19 165
Total Mundo	66 596	63 833	62 900	63 544	69 822
Brasil	**1 717**	**1 886**	**2 151**	**2 406**	**2 655**

Taxa de crescimento no período 2004-2008	
América do Norte	0,9
América Central	0,9
América do Sul	0,7
Caribe	1,1
Total Américas e Caribe	0,9
Total Mundo	1,0
Brasil	0,6

Fonte: Ministre de l'immigration, de l'intégration, de l'identité nationale et du développement solidaire (IMINIDCO)

Evolução do efetivo de estudantes estrangeiros bolsistas do governo francês (BGF) de 2003 a 2008

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Evolução 2003/2008
América do Norte	197	195	186	171	146	154	-22%
América Central	316	300	333	354	365	353	12%
América do Sul	775	1 039	953	930	936	958	24%
Caribe	182	162	178	210	213	171	-6%
Total Américas e Caribe	1 470	1 696	1 650	1 665	1 660	1 636	11%
Brésil	238	499	307	291	273	286	20%

Fonte: Centro nacional de obras universitárias e escolares (CNOUS) e EGIDE

Obs.: Entre os países americanos e caribenhos, o Brasil é o país que possui o maior número de brasileiros bolsistas do governo francês de 2003 a 2008

BGF (estudos e estágios) segundo área disciplinar – 2008

Em nº	América do Norte	América Central	América do Sul	Caribe	Total Américas e Caribe	Total Mundo*	Brasil
Administração/Economia/Gestão	1	40	131	37	209	2 953	33
Direito/Ciência Política	4	30	99	26	159	1 233	30
Línguas/Letras/Artes	62	52	149	21	284	3 087	39
Engenharias e Ciências Aplicadas	20	149	261	18	448	3 176	124
Saúde	8	19	53	25	105	1 242	12
Ciências Fundamentais	21	31	90	12	154	2 110	20
Ciências Humanas e Sociais	31	12	86	14	143	1 495	4
Comunicação e Ciência da Informação	1	4	17	3	25	326	9
Agronomia	0	10	15	8	33	339	1
Arquitetura, urbanismo e território	1	4	36	5	48	406	2
Outras	2	2	21	2	28	545	12
Total	151	353	958	171	1 636	16 912	**286**

Em %	América do Norte	América Central	América do Sul	Caribe	Total Américas e Caribe	Total Mundo*	Brasil
Administração/Economia/Gestão	1	11	14	22	13	17	12
Direito/Ciência Política	3	8	10	15	10	7	10
Línguas/Letras/Artes	41	15	16	12	17	18	14
Engenharias e Ciências Aplicadas	13	42	27	11	27	19	**43**
Saúde	5	5	6	15	6	7	4
Ciências Fundamentais	14	9	9	7	9	12	7
Ciências Humanas e Sociais	21	3	9	8	9	9	1
Comunicação e Ciência da Informação	1	1	2	2	2	2	3
Agronomia	0	3	2	5	2	2	0
Arquitetura, urbanismo e território	1	1	4	3	3	2	1
Outras	1	1	2	1	2	3	4
Total	100	100	100	100	100	100	100

* total de estudantes estrangeiros matriculados em universidades francesas

Fonte: Centro nacional de obras universitárias e escolares (CNOUS) e EGIDE

Dossiers processados em 2008

Em 2008 foram 720 accord d'échange

UF da IES de Origem	Nº	%
Bahia	21	2,9
Ceará	22	3,1
DF	9	1,3
Espírito Santo	4	0,6
Goiás	5	0,7
Minas Gerais	100	13,9
Não informado	2	0,3
Paraíba	21	2,9
Paraná	37	5,1
Pernambuco	43	6,0
Rio de Janeiro	159	22,1
Rio Grande do Sul	39	5,4
Santa Catarina	33	4,6
São Paulo	223	31,0
Sergipe	2	0,3
TOTAL	**720**	100

Em 2008 foram 105 "*double diplome*" sendo que em 75% dos casos a IES de Origem era São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
FGV – SP	1	1,28
PUC-SP	5	6,41
UNESP	1	1,28
UNICAMP	24	30,77
USP	47	60,26
TOTAL	78	100

Em 2008 foram 265 BRAFITEC (PROGRAMA CAPES – CDFI), sendo que 20% tinham IES de Origem na UF São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
ITA	5	9,1
UFSCAR	4	7,3
UNICAMP	22	40,0
USP	24	43,6
TOTAL	55	100

Em 2008 foram 21 BRAFAGRI (programa Capes-DGER Ministère de l'Agriculture et de la Pêche), sendo que 20% tinham IES de Origem na UF São Paulo (os 4 casos USP)

Em 2008 foram 58 CAPES-COFECUB, sendo que em 35% dos casos a IES de Origem era São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
UNESP	3	15,0
UFSCAR	2	10,0
UNICAMP	1	5,0
USP	14	70,0
TOTAL	20	100

Em 2008 foram 45 CDFB (COLLÈGE DOCTORAL FRANCO-BRESILIEN CAPES), sendo que em 40% dos casos a IES de Origem era São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
MACKENZIE	2	11,1
UFSCAR	1	5,6
UNESP	1	5,6
UNICAMP	1	5,6
UNIFESP	1	5,6
USP	12	66,7
TOTAL	18	100

Fonte: Campus-France (Brasil)

Dossiers processados em 2009

Em 2009 foram 712 accord d'échange

UF da IES de Origem	Nº	%
Bahia	18	2,5
Ceará	15	2,1
DF	9	1,3
Minas Gerais	112	15,7
Outros	8	1,1
Paraíba	10	1,4
Paraná	32	4,5
Pernambuco	33	4,6
Piauí	1	0,1
Rio de Janeiro	154	21,6
Rio Grande do Norte	3	0,4
Rio Grande do Sul	39	5,5
Santa Catarina	50	7,0
São Paulo	223	**31,3**
Sergipe	4	0,6
Tocantins	1	0,1
TOTAL	712	100,0

Em 2009 foram 160 *"double diplome"* sendo que em 49% dos casos a IES de Origem era São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
FGV – SP	1	1,28
ITA	2	2,56
UNESP	5	6,41
UNICAMP	28	35,9
USP	42	53,85
TOTAL	78	100

Em 2009 foram 307 BRAFITEC (PROGRAMA CAPES – CDFI), sendo que 16% tinham IES de Origem na UF São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
ITA	6	12,2
UFSCAR	4	8,2
UNICAMP	16	32,7
UNESP	5	10,2
USP	18	36,7
TOTAL	49	100

Em 2009 foram 61 BRAFAGRI (programa Capes-DGER Ministère de l'Agriculture et de la Pêche), sendo que 56% tinham IES de Origem na UF São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
UFSCAR	4	11,8
UNESP	1	2,9
UNICAMP	4	11,8
USP	25	73,5
TOTAL	34	100

Em 2009 foram 56 CAPES-COFECUB, sendo que em 20% dos casos a IES de Origem era São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
UNESP	2	18,2
UNICAMP	3	27,3
USP	6	54,5
TOTAL	11	100

Em 2009 foram apenas 4 CDFB (COLLÈGE DOCTORAL FRANCO-BRESILIEN CAPES), sendo que 3 deles a IES de Origem era São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
USP	1	33,3
FGV-SP	1	33,3
UNIV ANHEMBI-MORUMBI	1	33,3
TOTAL	3	100

Fonte: Campus-France (Brasil)

Dossiers processados em 2010

Em 2010 foram 842 accord d'échange

UF da IES de Origem	Nº	%
Alagoas	1	0,1
Bahia	26	3,1
Ceará	31	3,7
Distrito Federal	13	1,5
Espírito Santo	3	0,4
Goiás	1	0,1
Minas Gerais	114	13,5
Pará	1	0,1
Paraíba	13	1,5
Paraná	62	7,4
Pernambuco	51	6,1
Rio de Janeiro	174	20,7
Rio Grande do Norte	4	0,5
Rio Grande do Sul	41	4,9
Santa Catarina	63	7,5
São Paulo	239	28,4
Outros (não Brasil)	5	0,6
TOTAL	842	100

Em 2010 foram 181 "*double diplome*" sendo que em 51% dos casos a IES de Origem era São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
Anhembi-Morumbi	1	1,1
PUC-SP	4	4,3
UNESP	6	6,5
UNICAMP	31	33,7
USP	50	54,3
TOTAL	92	100

Em 2010 foram 413 BRAFITEC (PROGRAMA CAPES – CDFI), sendo que 24% dos casos a IES de Origem era UF São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
ITA	6	5,9
UFSCAR	8	7,9
UNICAMP	31	30,7
UNESP	22	21,8
USP	34	33,7
TOTAL	101	100

Em 2010 foram 41 BRAFAGRI (programa Capes-DGER Ministère de l'Agriculture et de la Pêche), sendo que em 40% dos casos a IES de Origem estava São Paulo na UF São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
UFSCAR	4	23,5
UNESP	2	11,8
UNICAMP	3	17,6
USP	8	47,1
TOTAL	17	100

Em 2010 foram 62 CAPES-COFECUB, sendo que em 20% dos casos a IES de Origem estava em São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
UNESP	1	7,7
UNICAMP	5	38,5
USP	7	53,8
TOTAL	13	100

Em 2010 foram 22 CDFB (COLLÈGE DOCTORAL FRANCO-BRESILIEN CAPES), sendo que 3 deles a IES de Origem era São Paulo

IES de Origem em São Paulo	Nº	%
UFSCAR	1	33,3
USP	2	66,7
TOTAL	3	100

Fonte: Campus-France (Brasil)

Anexo 3. Dados Capes

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma instituição vinculada ao Ministério da Educação com foco na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) no Brasil[265]. Em linhas gerais, a agência é responsável:

- Pela avaliação da pós-graduação stricto sensu;
- Por garantir o acesso e a divulgação da produção científica;
- Por investimentos na formação de recursos de alto nível no país e exterior;
- Pela promoção da cooperação científica internacional.
- E mais recentemente pelo fomento da formação inicial e continuada de professores para a educação básica nos formatos presencial e a distância

Tendo em vista o interesse da pesquisa, focada no fluxo Brasil-França, as bolsas de estudo da Capes no exterior são importantes principalmente pela possibilidade de bolsas de mestrado e doutorado integrais (que promovem fluxos de média a longa duração) e os projetos de cooperação internacional[266].

Neste âmbito de sua atuação, destacam-se os seguintes projetos de cooperação com a França:

a) Brafitec (Brasil/França Ingénieur Technologie) tem como objetivo fomentar as parcerias universitárias no campo das engenharias; a mobilidade de docentes e o intercâmbio de alunos de graduação em engenharia; e, a aproximação da estruturação dos cursos e disciplinas de forma a permitir o reconhecimento dos créditos cursados em ambos os países e viabilizar a prática profissional internacional inclusive prevendo a realização de estágios em empresas dos países envolvidos. No Brasil, a instituição responsável pela gestão do programa é a CAPES e na França é a Conférence des Directeurs des Écoles Françaises d'Ingénieurs (CDEFI).

b) Brafagri (Brasil/França Agricultura) é um programa de cooperação científica internacional coordenado pela CAPES no Brasil e pela Direction Générale de l'Enseignement et de la Recherche du Ministère de l'Agriculture et de la Pêche na França. O foco do programa é promover a mobilidade de de estudantes em nível de graduação nas áreas de ciências agronômicas, agro-alimentares e veterinária. Assim como o BRAFITEC, prevê a convalidação de créditos cursados e reconhece à formação profissional em ambos os países.

c) Cofecub[267]: é um programa de cooperação científica internacional coordenado pela CAPES no Brasil e pelo Ministère des Affaires Étrangères (DGCID) e o

[265] De acordo com Mazza (2009), a Capes foi criado em 1951 com o objetivo de direcionar a estrutura do ensino superior no Brasil no contexto da política de pós-graduação que se desenhava na época.
[266] Foi realizada uma reunião, em 19/10/2011 na sede da Capes em Brasília com a Coordenação-Geral da Cooperação Internacional.
[267] Sigla de: “Comité Français d'evaluation de la coopération universitaire avec le Brésil” (Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil).

Ministère de l'Éducation Nationale (DRIC) na França. O programa iniciado em 1978, tem como característica o fomento a projetos de pesquisas e a formação de recursos humanos com recursos de ambos os países envolvidos.

d) Programa Capes/Fundação Agrópolis: assinado em 2010, e a Capes é a entidade responsável pelo programa no Brasil e a Fundação Agrópolis é a responsável pela gestão do programa na França. Foi estruturado com o objetivo de contribuir para a difusão de conhecimentos e a capacitação científica entre Brasil e França no âmbito da agricultura e do desenvolvimento sustentável (permite cooperação trilateral com países africanos).

e) O Programa Colégio Doutoral Franco-Brasileiro (CDFB) foi criado em 2005 com o intuito de promover o intercâmbio de doutorandos brasileiros e franceses, matriculados em Instituições de Ensino, em regime de co-tutela ou co-orientação. No Brasil, a gestão está a cargo da Capes e na França do Conselho de Presidentes de Universidades francesas. Importante destacar que o programa teve seu o último edital publicado em 2009 e está suspenso, devendo ser encerrado após o término dos processos em andamento.

f) Programa Ciências Sem Fronteiras[268]: que deverá oferecer editais específicos para a França com o intuito de reforçar os projetos de cooperação científica.

[268] É um ambicioso programa criado em 2011 cuja missão é investir na formação de profissionais altamente qualificados, incentivar a mobilidade internacional de pesquisadores e estudantes brasileiros, estimular a inserção internacional das instituições brasileiras, promover a capacidade de inovação em ciência e tecnologia, além de atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil.

Distribuição Relativa de Bolsas de Pós-graduação no Mundo por País
Em %

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
África do Sul	-	0,04	-	-	0,03	0,08	0,08	0,07	0,05	0,09	0,10
Alemanha	11,12	12,06	10,81	10,43	12,19	12,52	12,48	12,42	11,37	10,38	9,13
Angola	-	-	-	-	-	-	0,03	-	-	0,05	0,04
Argentina	0,49	0,68	0,28	0,48	0,74	0,81	0,63	0,37	0,27	1,33	1,25
Austrália	1,44	1,43	1,40	1,79	1,78	1,56	1,84	1,51	1,28	1,08	0,87
Áustria	0,12	0,08	0,12	0,19	0,20	0,22	0,20	0,15	0,12	0,09	0,16
Bélgica	0,49	0,44	0,72	0,67	0,74	0,81	0,71	0,67	0,82	0,81	0,59
Bolívia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,02
Bósnia-Herzegovina	-	-	-	-	-	-	-	0,02	0,02	-	-
Cabo Verde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,02
Canadá	4,39	4,86	4,04	3,50	3,83	4,18	3,81	3,44	3,39	3,73	3,03
Checa, República	-	-	-	-	0,03	-	-	0,07	0,05	0,02	0,04
Chile	0,04	-	0,04	0,11	0,17	0,08	0,05	0,05	0,07	0,09	0,06
China	-	-	0,08	0,11	-	-	0,03	0,10	0,05	0,05	0,04
Colômbia	-	-	-	-	-	-	0,05	-	0,02	0,02	-
Coreia do Sul	-	-	-	-	-	-	0,03	-	-	-	-
Costa do Marfim	-	-	0,04	-	-	-	-	-	-	-	-
Costa Rica	0,08	0,04	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cuba	-	-	0,04	-	-	-	0,10	0,07	0,02	0,09	0,18
Dinamarca	0,37	0,24	0,12	0,15	0,24	0,25	0,18	0,12	0,17	0,23	0,28
Dominicana, República	-	0,04	0,04	-	-	-	-	-	-	-	-
Egipto	-	-	-	-	-	-	-	-	0,05	0,02	0,02
Equador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,39	0,18
Eslovénia	-	-	-	-	-	0,03	0,03	-	-	-	-
Espanha	6,23	5,41	6,04	7,41	7,49	7,42	8,17	8,51	8,34	7,73	7,68
Estados Unidos da América	29,49	27,95	29,26	29,77	27,81	26,52	25,27	23,03	21,79	22,07	20,66
Filipinas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,02
Finlândia	0,04	0,08	0,08	0,11	0,03	0,08	0,08	0,07	0,15	0,12	0,06
França	**26,13**	**27,55**	**25,82**	**21,98**	**23,14**	**23,59**	**24,29**	**26,39**	**28,61**	**30,14**	**30,34**
Grécia	-	-	-	-	0,03	0,03	0,05	0,02	0,07	0,05	0,06
Haiti	-	-	-	-	-	-	-	0,02	0,02	-	-
Honduras	-	-	-	-	-	-	-	-	0,02	0,02	-
Hungria	-	-	-	-	-	0,06	0,05	-	-	-	-
Índia	-	-	-	-	-	-	-	0,02	0,05	0,02	-
Irlanda	0,12	0,28	0,16	0,19	0,17	0,08	0,10	0,15	0,07	-	0,06
Israel	-	0,08	0,04	-	0,07	0,20	0,13	0,02	0,02	0,02	0,02
Itália	1,60	1,83	2,44	2,83	2,35	2,57	2,62	2,47	2,59	2,49	2,42
Japão	0,04	0,08	0,12	0,07	0,10	0,08	0,08	0,10	0,05	0,05	0,08
Líbano	-	-	-	-	-	-	0,03	0,02	-	-	-
México	0,25	0,36	0,24	0,19	0,30	0,25	0,28	0,32	0,17	0,35	0,34
Moçambique	-	-	-	0,04	0,03	-	-	0,02	0,02	0,05	0,02
Nigéria	-	-	-	-	-	-	-	0,02	0,02	-	-
Noruega	0,12	0,08	0,12	0,07	0,07	0,03	0,13	0,15	0,27	0,07	0,02
Nova Caledónia	-	-	-	-	-	-	-	-	0,02	0,02	-
Nova Zelândia (Aotearoa)	0,21	0,28	0,24	0,37	0,30	0,25	0,28	0,25	0,15	0,16	0,22
Países Baixos (Holanda)	1,44	1,47	1,36	1,53	1,21	1,45	1,31	1,56	1,84	1,73	1,78
Panamá	-	-	-	-	-	-	0,05	0,05	-	-	-
Peru	0,04	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Polónia	-	-	-	-	-	0,03	0,08	0,05	0,02	0,02	-
Porto Rico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,16
Portugal	3,20	3,74	5,32	6,18	6,62	7,72	8,12	9,13	9,75	9,36	13,01
Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte	11,77	10,15	9,81	10,77	9,54	8,09	7,49	7,40	7,01	6,17	5,25
Rússia	-	-	-	-	-	0,03	-	-	-	0,02	0,04
Singapura	-	0,04	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Suécia	0,25	0,20	0,24	0,30	0,30	0,42	0,53	0,52	0,39	0,30	0,20
Suíça	0,49	0,52	0,84	0,71	0,44	0,47	0,55	0,54	0,65	0,44	0,34
Tanzânia	-	-	-	-	-	-	-	-	0,02	-	-
Timor-Leste	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,99
Ucrânia	-	-	-	-	-	-	0,03	-	-	-	-
Uruguai	0,04	-	0,12	0,04	0,03	0,06	0,08	0,05	0,05	0,09	0,16
Vaticano	-	-	-	-	-	-	-	0,02	-	-	-
Venezuela	-	-	-	-	-	0,03	-	-	0,07	0,05	0,04
Total	**2.438**	**2.512**	**2.498**	**2.684**	**2.977**	**3.586**	**3.965**	**4.043**	**4.135**	**4.346**	**4.951**

Fonte: Estatísticas da Capes (http://geocapes.capes.gov.br)

Modalidades de Bolsas na França - Capes (2000-2010)

Em nº

França	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**
Graduação Sandwich	197	198	100	43	128	254	338	447	580	695	848
Mestrado Pleno	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mestrado Sandwich	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Doutorado Pleno	193	180	172	173	157	150	143	137	84	76	55
Doutorado Sandwich	169	199	238	257	264	297	336	313	343	387	426
Pós-Doc	78	115	135	117	140	145	146	170	176	136	140
Estágio Sênior	0	0	0	0	0	0	0	0	0	16	33
Prof. Visitante no Exterior	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	**637**	**692**	**645**	**590**	**689**	**846**	**963**	**1067**	**1183**	**1310**	**1502**

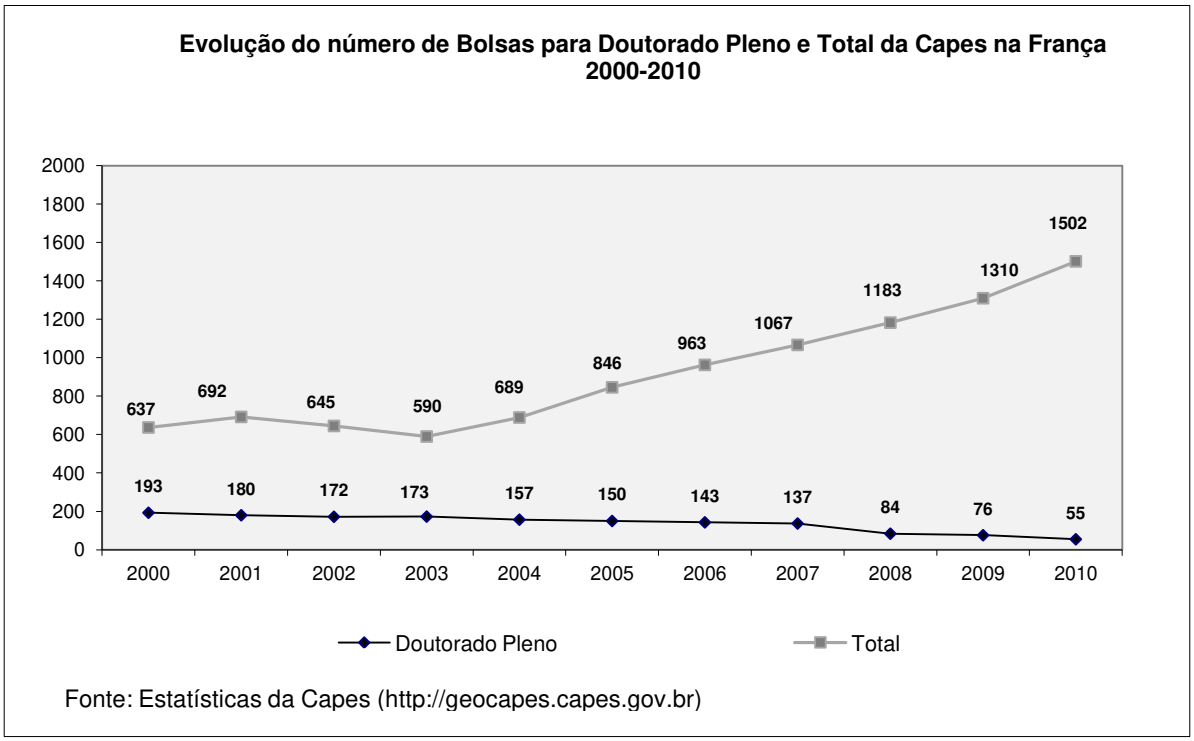
Em %

França	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**
Graduação Sandwich	30,9	28,6	15,5	7,3	18,6	30,0	35,1	41,9	49,0	53,1	56,5
Mestrado Pleno	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Mestrado Sandwich	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Doutorado Pleno	30,3	26,0	26,7	29,3	22,8	17,7	14,8	12,8	7,1	5,8	3,7
Doutorado Sandwich	26,5	28,8	36,9	43,6	38,3	35,1	34,9	29,3	29,0	29,5	28,4
Pós-Doc	12,2	16,6	20,9	19,8	20,3	17,1	15,2	15,9	14,9	10,4	9,3
Estágio Sênior	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,2	2,2
Prof. Visitante no Exterior	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**

Proporção de Bolsas para a França em relação ao total de bolsas no exterior - Capes (2000-2010)

França	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**
Graduação Sandwich	41,6	45,6	34,8	15,1	27,1	36,7	46,0	56,5	62,4	65,5	57,6
Mestrado Pleno	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	-	0,0
Mestrado Sandwich	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	-	0,0	0,0
Doutorado Pleno	19,1	19,3	19,2	17,9	16,7	15,8	15,3	15,0	11,6	11,5	9,5
Doutorado Sandwich	25,5	27,9	28,3	26,5	25,9	22,9	22,0	20,9	22,0	23,0	22,5
Pós-Doc	29,2	28,3	29,7	25,7	26,2	22,6	19,2	20,5	19,1	16,1	19,2
Estágio Sênior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20,3	16,2
Prof. Visitante no Exterior	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	**26,1**	**27,5**	**25,8**	**22,0**	**23,1**	**23,6**	**24,3**	**26,4**	**28,6**	**30,1**	**30,3**

Fonte: Estatísticas da Capes (http://geocapes.capes.gov.br)



Anexo 4. Dados CNPq

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma instituição vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) cujo objetivo é fomentar a pesquisa científica e tecnológica e a formação de recursos humanos para a pesquisa no país[269].

Tendo em vista o interesse da pesquisa, focada no fluxo Brasil-França, a atuação do CNPq é relevante para pensarmos, via projetos de cooperação internacional e estímulo à mobilidade de pesquisadores e estudantes para a França, a tessitura de laços que ligam brasileiros à França.

Do ponto de vista da Cooperação Internacional, a referida agência prevê apoio à mobilidade de pesquisadores no desenvolvimento de pesquisas em rede, à formação e capacitação de recursos humanos, além de participação em organismos internacionais. A política adotada tem, nesta perspectiva, como objetivo[270]:

a) financiar projetos conjuntos de pesquisa (intercâmbio científico e tecnológico interinstitucional) e visitas científicas;

b) formação e Capacitação de brasileiros em outros países;

c) formação e Capacitação de estrangeiros no Brasil.

d) participação direta com outras agências de cooperação internacional em projetos e programas de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico e formação de RH.

e) participação em Comissões Mistas.

f) acompanhamento de delegações estrangeiras.

g) missões exploratórias.

h) assessoramento à Presidência do CNPq e ao MCT em questões relativas à cooperação internacional.

[269] De acordo com Mazza (2009), o CNPq foi criado em 1951 sob a influência do contexto internacional voltado à pesquisa atômica.

[270] Foi realizada uma reunião, em 17/10/2011 na sede do CNPq em Brasília com a Coordenadora Geral de Cooperação Internacional, Maria Lucilene Araújo Barros.

Distribuição Relativa de Bolsas do CNPq no exterior por país (2000-2010)

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
África do Sul	-	0,0	0,0	-	-	-	0,1	0,1	-	0,1	0,1
Alemanha	5,6	4,4	3,9	6,4	8,2	11,6	11,8	9,4	9,1	11,0	11,9
Argentina	-	0,2	0,1	0,2	0,2	0,3	0,3	0,3	0,2	0,5	0,3
Austrália	2,7	2,4	2,7	1,8	2,0	2,7	2,5	3,0	3,0	2,3	3,1
Austria	0,2	0,1	0,1	0,4	0,8	0,5	0,5	0,2	0,2	0,0	0,3
Bélgica	1,1	0,9	0,5	0,4	1,0	0,8	1,4	1,0	1,0	1,2	1,5
Canadá	5,5	6,5	7,4	7,5	7,7	5,7	6,9	7,7	7,3	6,4	5,6
Chile	0,2	0,1	0,3	0,3	0,5	1,0	0,6	0,4	0,4	0,2	0,4
Colômbia	-	-	-	-	0,0	-	-	-	-	-	-
China	-	0,1	-	-	-	-	0,1	0,0	-	-	-
Costa Rica	-	-	0,0	0,2	0,2	0,2	0,2	-	-	-	-
Cuba	-	-	-	-	-	0,1	-	-	-	-	-
Dinamarca	0,2	0,0	0,2	0,2	0,2	0,5	0,5	0,3	0,3	0,5	0,3
Escócia	1,2	1,2	1,0	1,1	0,9	0,3	0,2	0,5	0,7	0,9	0,6
Espanha	4,3	5,0	5,8	4,9	5,9	6,8	5,4	5,8	5,8	6,5	6,2
Estados Unidos	40,6	40,2	38,1	36,2	31,0	30,0	30,4	29,6	33,5	32,2	31,6
Finlândia	0,1	0,2	0,1	0,3	0,4	0,5	0,7	0,5	0,1	0,1	0,1
França	**13,8**	**14,5**	**14,1**	**12,3**	**14,0**	**13,6**	**12,7**	**13,1**	**12,9**	**12,8**	**12,3**
Gales	0,2	0,1	0,1	-	0,1	0,1	-	0,0	-	0,2	0,1
Grécia	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1	-	0,2
Holanda	1,8	1,9	1,9	2,6	1,5	1,5	1,4	1,2	2,3	2,5	2,0
Hungria	-	-	-	-	-	-	0,1	0,0	0,0	-	-
Índia	-	0,1	0,1	-	-	0,2	-	-	0,1	0,0	0,2
Inglaterra	17,5	16,1	17,0	19,2	17,7	15,2	13,9	13,2	9,9	11,0	11,2
Irlanda	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1	0,2	0,2
Irlanda do Norte	0,0	0,2	0,1	-	-	0,2	-	0,4	0,0	-	-
Israel	-	-	-	-	-	-	-	0,1	-	-	-
Itália	1,5	1,3	2,5	1,5	2,9	3,4	3,0	3,2	4,8	3,0	3,5
Japão	0,4	0,3	0,1	0,1	0,1	0,2	0,0	-	0,1	0,0	0,1
Malásia	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1	0,1	-
México	-	-	0,1	0,3	0,1	0,3	0,4	0,4	0,3	0,3	0,3
Não informada	-	-	-	0,2	-	-	0,2	4,2	0,2	0,1	0,2
Não se aplica	-	-	-	-	-	-	0,1	0,0	-	-	-
Noruega	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	-	-	-	0,1	0,3	0,2
Nova Zelândia	0,2	0,4	0,3	0,4	0,2	0,3	0,7	0,5	0,1	0,2	0,7
Panamá	-	-	-	-	0,2	-	-	-	0,1	0,1	-
Peru	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1	0,1
Polônia	-	-	-	-	0,0	0,1	0,2	-	-	-	0,0
Portugal	0,6	2,0	2,1	2,1	2,9	2,5	3,9	3,5	4,1	4,3	4,4
Rússia	-	-	-	-	-	-	-	-	0,0	-	0,0
Síria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,0	0,0
Suécia	0,5	0,6	0,8	1,1	0,9	0,4	0,6	0,3	0,3	0,3	0,5
Suiça	1,6	1,0	0,4	0,3	0,3	0,7	1,1	1,1	2,5	2,4	1,7
Uruguai	-	-	-	0,1	-	-	-	-	-	0,2	-
Total Geral	**456**	**737**	**767**	**469**	**510**	**414**	**355**	**496**	**551**	**578**	**438**

Fonte: Estatísticas do CNPq (www.cnpq.br)

Modalidades de Bolsas na França - CNPq (2000-2010)

Em nº

França	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**
Aperfeiçoamento no Exterior	-	-	2,4	4,5	4,2	2,4	-	-	-	-	-
Doutorado no Exterior	35,6	49,8	49,4	38	3-,3	2-,1	15	16,9	16,5	2-	14,2
Doutorado Sanduíche no Exterior	8,9	21,9	22,5	4,2	16,3	14,3	13,2	19,2	21,9	24,2	18,9
Estágio Júnior no Exterior	-	-	-	-	-	-	-0,9	-	-	-	-
Estágio Sênior no Exterior	-0,8	2,2	2,4	-	1,7	1,5	-0,5	-0,4	2	1,8	2,4
Estágio/Especialização no Exterior	3,9	6,2	3,9	-0,2	-	-0,5	1,2	2,9	6,8	-0,4	1,2
Pós-Doutorado no Exterior	13,8	27	27,6	1-,8	18,8	17,6	14,3	25,5	23,8	27,3	17,4
Total	**63**	**107,1**	**108,2**	**57,7**	**71,3**	**56,4**	**45,1**	**64,9**	**71**	**73,7**	**54,1**

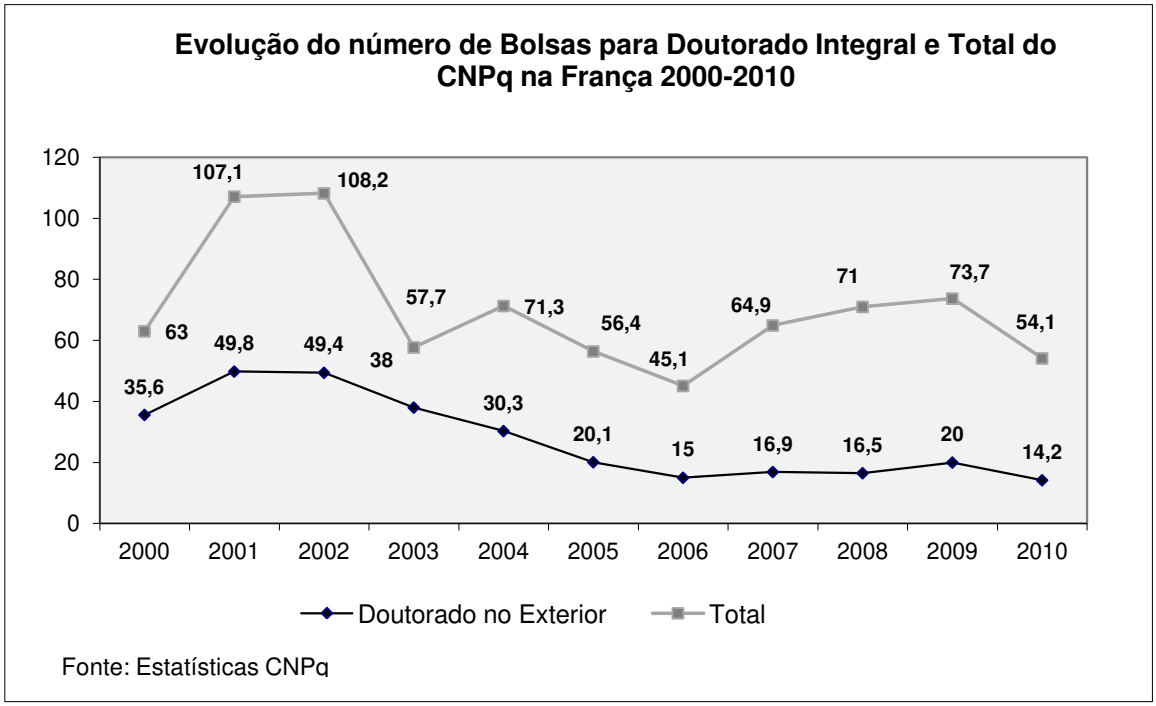
Em %

França	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**
Aperfeiçoamento no Exterior	0,0	0,0	2,2	7,8	5,9	4,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Doutorado no Exterior	56,5	46,5	45,7	65,9	42,5	35,6	33,3	26,0	23,2	27,1	26,2
Doutorado Sanduíche no Exterior	14,1	20,4	20,8	7,3	22,9	25,4	29,3	29,6	30,8	32,8	34,9
Estágio Júnior no Exterior	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Estágio Sênior no Exterior	1,3	2,1	2,2	0,0	2,4	2,7	1,1	0,6	2,8	2,4	4,4
Estágio/Especialização no Exterior	6,2	5,8	3,6	0,3	0,0	0,9	2,7	4,5	9,6	0,5	2,2
Pós-Doutorado no Exterior	21,9	25,2	25,5	18,7	26,4	31,2	31,7	39,3	33,5	37,0	32,2
Total	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**	**100**

Proporção de Bolsas para a França em relação ao total de bolsas no exterior - CNPq (2000-2010)

França	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**
Aperfeiçoamento no Exterior	0,0	0,0	36,4	95,7	84,0	92,3	-	-	-	-	-
Doutorado no Exterior	11,6	11,8	11,4	11,2	11,7	11,1	13,3	15,4	14,4	16,2	14,9
Doutorado Sanduíche no Exterior	16,8	19,5	21,4	10,1	14,5	13,2	15,5	13,3	10,6	10,6	10,0
Estágio Júnior no Exterior	-	-	-	-	-	0,0	**64,3**	0,0	-	-	-
Estágio Sênior no Exterior	14,5	12,3	35,8	0,0	45,9	24,6	12,8	7,3	22,7	35,3	40,0
Estágio/Especialização no Exterior	**75,0**	65,3	40,6	6,1	0,0	27,8	**70,6**	**96,7**	**98,6**	30,8	27,9
Pós-Doutorado no Exterior	16,6	15,7	13,4	13,7	14,8	15,5	9,5	10,9	11,1	12,4	12,0
Total	**13,8**	**14,5**	**14,1**	**12,3**	**14,0**	**13,6**	**12,7**	**13,1**	**12,9**	**12,8**	**12,3**

Fonte: Estatísticas do CNPq (www.cnpq.br)



Anexo 5. Resumos trajetórias de imigrantes brasileiros na França entrevistados

Adalberto nasceu em Fortaleza em 1987. Enquanto fazia a graduação em Engenharia, apareceu a oportunidade de passar um ano na França com bolsa Capes. A escolha do país foi por acaso, pois o programa Brafitec na época tinha bolsa apenas para a França. Foi no final de 2008, acabou passando 18 meses (seis meses a mais do que o previsto). Retornou ao Brasil em meados de 2010, concluiu a graduação e conseguiu uma bolsa para fazer uma formação na França, financiada pela própria empresa onde ele fez estágio na primeira estada em Lyon. Foi em setembro de 2011 e tinha um contrato temporário com a empresa até dezembro de 2012. Não sabia o que iria acontecer, achava que a renovação seria difícil no contexto da crise econômica. De qualquer forma, sua expectativa no médio prazo é retornar ao Brasil, pois apesar de gostar da qualidade de vida que tem lá, disse-me que sente saudades da família e que não quer ser mais um imigrante na França, que na avaliação dele, já são muitos. (Entrevista realizada em Lyon, França em 18-10-2012)

Adalto nasceu no interior de Goiás em 1985. Em 2007 saiu do Brasil pela primeira vez, foi para Londres, onde viveu um ano e meio até ser parado numa blitz e ser deportado por estar irregular no país. Voltou para o Brasil e vivia em Goiânia quando em 2011 foi para Paris com o objetivo de ir para Londres. Foi com um primo e tentaram entrar na Inglaterra duas vezes. Chegaram a ser retidos e sofreram maus-tratos quando tentaram embarcar em um aeroporto europeu. Voltaram para Paris tentando remarcar a volta para o Brasil, mas como estava muito caro para adiantar, precisaram esperar. Enquanto esperava na casa da "prima do primo", contou-me que arrumou um trabalho e desistiu de voltar. Quando me concedeu a entrevista, um ano e pouco após estar em Paris "por acaso", Adalto estava namorando uma francesa e faziam planos de formar uma família. O retorno ao Brasil estava, portanto, a princípio fora de questão. (Entrevista realizada em Paris, França em 16-09-2012)

Alberto nasceu em Recife, em 1962. Contou-me que sua família era rica e conversadora. Passou a adolescência e parte da vida adulta no Rio de Janeiro e depois foi para Campinas. Foi de lá que partiu em 1990 tendo como destino a França. Para ele, esse projeto tem relação com três eventos: o interesse pelo psicanalista francês Jacques Lacan, a vitória eleitoral do Collor vivida com muita decepção e um aborto espontâneo sofrido pela namorada da época. Era a primeira vez que ia para Europa. Depois disso, voltou algumas vezes ao Brasil, mas não se considera mais brasileiro e só usa o passaporte francês. Casou-se com uma francesa e eles tiveram três filhos. A relação com a França atualmente, segundo sua narrativa, é muito forte e vai "além do Lacan". Não se sente estrangeiro na França e sim no Brasil. Disse-me que como psicanalista atende alguns brasileiros que não tem condições de pagar que lhe chegam pelo Consulado, assim como alguns estudantes, executivos e também mulheres riquíssimas que vão para a França fazer compras nas famosas lojas francesas. (Entrevista realizada em Paris, França em 28-08-2012)

Alex nasceu em 1984 em Jequié, na Bahia. A mãe trabalhava em um grande banco nacional e por isso mudavam com facilidade. Moraram em Salvador, Pernambuco, Porto Seguro, Eunápolis e por último São Paulo. Passou um ano em Salvador antes de ir para a França em 2004. Segundo me disse sempre quis "ir embora". Em 2004 deixou

o Brasil para ingressar na Legião Estrangeira na França. Durante o treinamento, desistiu. Mas o plano de emigrar se manteve e ele conseguiu convencer a namorada no Brasil, cuja mãe era espanhola, a ir com ele para a Espanha. Foram juntos para a Espanha em 2005, onde Alex viveu 7 anos. A mulher havia voltado para o Brasil, mas ele não quis retornar. Estava bem na Espanha, fez um curso de Gastronomia e trabalhava num restaurante. Com a recente crise, o restaurante que existia há 17 anos, fechou. Enquanto recebia o seguro-desemprego, Alex buscou por trabalho, mas nenhum que lhe permitisse manter seu padrão de vida. Foi neste contexto de se sentir sem saída, que ele pensou em voltar a ser legionário. Então, em março de 2012 deixou a Espanha rumo a Aubagne (cidade francesa onde se faz o alistamento), mas não pode efetivar seu interesse porque foi roubado durante a viagem e levaram seu passaporte. Até resolver sua situação de documentação, Alex conheceu uma Associação Cultural Peruana na cidade e através desta, conheceu brasileiros na cidade. Ele conseguiu lugar para dormir e alguns trabalhos a partir da associação. Em menos de um mês ficou sabendo que um bar latino de Marseille buscava um cozinheiro. Fez um teste, conseguiu o trabalho. Quando me concedeu a entrevista, quatro meses depois de chegar em Marselha, o "projeto Legião" estava a princípio suspenso. (Entrevista realizada em Marselha, França em 16-07-2012)

Alexandra nasceu em 1968 em Recife. O pai é crítico de cinema, e segundo contou-me, ela cresceu "banhada" num universo cultural no qual a França ocupava lugar de destaque. Em 1994, ela era jornalista e um grupo de marionete que ela integrava foi convidado para participar de um festival na França. Ela soube dois anos antes, se empolgou com a ideia e começou a estudar francês. Conseguiu ser escalada pela direção do grupo. Na época precisava ter visto mesmo quando se tratava de estadas curtas. Foi e ficou três meses que na sua avaliação foram poucos. Retornou ao Brasil para conseguir um visto de estudante para um período maior e voltou em 1995. Foi estudar francês e ficou morando com um francês que ela conhecera. A ideia inicial era estudar durante um ano, mas ela foi ficando. Este relacionamento acabou, mas ela se envolveu com outro francês e em 1997 estava casada e teve seu primeiro filho. Esse casamento acabou, mas em 2003, conheceu o seu atual marido. Quando me concedeu a entrevista, estavam juntos e tinham dois filhos. Alexandra esperava encontrar na França, um lugar de efervescência cultural. Para ela, mais do que a França, sua ligação é com Paris, um lugar que para ela é cosmopolita. Ela não pensa em voltar para o Brasil mais, o principal motivo alegado é o medo da violência. (Entrevista realizada em Paris, França em 17-08-2012)

Álvaro nasceu em 1972 em Porto Seguro. Trabalhava com turismo na cidade e decidiu ir para a Londres, passar 6 meses para aprender inglês. Chegando lá, achou trabalho e os 6 meses, transformaram-se em 5 anos. Em Londres, conheceu uma francesa, que veio a ser sua atual esposa. A vida em Londres era difícil, disse-me que trabalhava 12 até 15 horas por dia. Estava indocumentado e cansado. Foi neste momento que o casal decidiu ir embora de Londres, um ano depois que estavam juntos. Passaram 6 meses no Brasil e de lá foram para Montpellier, cidade natal da esposa. Chegaram na França em meados de 2005 e vivem lá desde então. Tiveram 2 filhos e atualmente, Álvaro trabalha com artesanato. Estão bem, mas o projeto do casal é morar no Brasil, ainda que hoje isso não seja possível em função das condições financeiras, não poderiam garantir aos filhos à qualidade de vida que eles têm atualmente na França. Os laços

com o Brasil se mantêm fortes, a família passa 3 meses por ano no Brasil. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 24-07-2012)

Amanda nasceu no interior do Rio Grande do Sul, em 1987. Saiu da casa dos pais para fazer faculdade, em Porto Alegre. Em 2007, ela trancou a faculdade para fazer um ano de intercâmbio na Austrália, para estudar inglês. Lá ela conheceu um francês, com o qual iniciou um relacionamento. Ele voltou para a França e ela para o Brasil em 2008. Ela foi para a França passar férias. Depois ele visitou-a no Brasil duas vezes. O relacionamento foi ficando sério e se depararam com a ida dela para a França ou ele ir para o Brasil. Amanda decidiu ir. Foi para Lyon viver com ele em abril de 2011. O primeiro ano fez curso de francês. Quando me concedeu a entrevista estava fazendo outra faculdade na França que, segundo ela, será importante para sua formação tanto se ficar na França como se acabar voltando ao Brasil. Ela trabalha cuidando de crianças, e conseguiu esse trabalho quando ainda estava no Brasil, via Orkut. Disse-me que não sabe se viveria para sempre na França, que gosta da qualidade de vida, mas que pensa na família e nos amigos. Neste sentido, mesmo que a relação dê certo, ela não descarta a possibilidade do casal morar no Brasil. (Entrevista realizada em Lyon, França em 18-10-2012)

Angelina é filha de alagoanos, nascida no Rio de Janeiro em 1962, mas criada em Maceió. Contou-me que sonhava “em sair e morar fora”, que tinha certeza de que não iria viver em Maceió “para sempre”. Mas seu alvo era Inglaterra, pois fazia Letras e estudava inglês, pensando em ir para lá para aperfeiçoar o idioma. Em 1988, conheceu um francês que estava de férias no Brasil. Começaram a namorar e ela foi para a França para conhecer o país e ficar uma temporada com ele. A temporada se transformou em anos, mas a relação terminou e ela estava se preparando para retornar ao Brasil quando conheceu outro francês. Um ano depois estavam casados e como ela disse, “eu fui ficando e já tem 24 anos”. Mesmo estando satisfeita com a vida na França disse-me que o retorno é uma “eterna questão”. O marido gostaria de vir para o Brasil, é cozinheiro e gostaria de tentar exercer a profissão no Brasil. Mas o filho está em vias de ingressar na faculdade e não escreve português. Ela se consome na dúvida se deve ficar na França ou começar tudo de novo no Brasil. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 25-05-2012)

Armando nasceu no interior de Minas Gerais em 1976. Contou-me que a profissão do pai exigiu que a família mudasse frequentemente. Morava em Belo Horizonte quando foi, em 2000, para a Inglaterra. O ano de 2001 passou em Portugal e em 2002 voltou para a Inglaterra, onde ficou até final de 2005, quando ele e a mulher foram detidos e extraditados. Ficaram presos em Belfast durante 11 dias e depois enviados para o Brasil. Na Inglaterra eles estavam se organizando para ir para os Estados Unidos, mas voltaram para o Brasil. E apareceu uma oportunidade de montar um restaurante no Espírito Santo (a esposa é de lá), mas ele começou a ter problemas pessoais e decidiu que era hora de partir novamente. Já tinha passado pela França a passeio quando morava na Europa e decidiu que era esse o novo destino. No final de 2007 começou a planejar a emigração, e foi em fevereiro de 2008. A mulher foi encontrá-lo sete meses depois. Disse-me que os dois primeiros anos foram muito difíceis, quando me concedeu a entrevista, a situação de Armando estava boa. Montou uma empresa na área de renovação imobiliária que estava indo muito bem. Ele disse-me que gosta da França,

mas que o “lugar dele é o Brasil” e que pensava em voltar em breve. (Entrevista realizada em Paris, França em 15-09-2012)

Arthur nasceu em 1970 no Rio de Janeiro. Entre 1980 e 1981 viveu um ano na França, pois sua mãe estava casada com um uruguaio que foi na condição de refugiado. Anos depois, quando cursava Música em uma universidade carioca e pensou em sair do Brasil, resgatou essa relação com a cultura e com o idioma francês. Prestou os exames e foi aceito em uma universidade francesa. Em 2006, chegou em Aix-en-Provence com a ideia de ficar um tempo e depois ir para Paris. Mas as coisas deram certo, ele foi ficando e quando me concedeu a entrevista, havia ingressado no doutorado. Vive dando aulas de música e se apresentando em shows na França e Alemanha. Tem uma filha no Brasil para quem manda dinheiro. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 16-07-2012)

Augusto nasceu em Salvador em 1972. A mãe morava lá, foi para a França em meados dos anos 1970, quando ele ainda era pequeno, em função de um casamento com francês. Isso facilitou sua imigração, pois me disse que entrou no país regularmente através de pedido de reagrupamento familiar. Segundo sua narrativa, Augusto saiu do Brasil porque queria trabalhar com capoeira, e que esta não era valorizada no país. Chegou na França em 1993, e começou fazendo apresentações de capoeira e shows de percussão. Ele contou-me que naquela época não tinha tanto espaço para aulas de capoeira como se tem atualmente. Envolveu-se com uma francesa e teve um filho com ela. Não estava mais casado e que estava cansado da França se sentia preso lá por causa do filho. Ao mesmo tempo, alegou que não pensava em voltar porque “recuar não é a solução”. (Entrevista realizada no sul da França em 24-05-2012)

Baltazar nasceu, em 1964, no Rio de Janeiro, mas foi criado no sertão baiano e segundo seu depoimento, teve uma infância maltratada em função da pobreza e da seca. Estava com 15 anos, quando foi para Salvador. A grande chance veio com um contrato para jogar futebol num clube importante baiano. Ele tinha então 16 anos e contou com orgulho que pode levar a família toda para viver em Salvador. Em 1989, quando era jogador, conheceu uma francesa. Casaram-se e foram juntos para a França. O casamento não deu certo, e para viver começou a trabalhar como músico. Segundo ele, foi o primeiro músico brasileiro na região. Ele mandou muito dinheiro para o Brasil, disse ter sustentado 10 irmãos e que tem uma casa em Salvador. Sente muitas saudades, mas não tem intenção de retornar. (Entrevista realizada em Marselha, França em 16-06-2012)

Beatriz nasceu em 1975, em Salvador. Em 1996, foi para a França participar de uma turnê como bailarina. Ao final do período, voltou para o Brasil. Mas em 1997, retornou à França e aí ficou mais tempo morando em Paris, e participando de shows brasileiros. Em 1998 fez uma audição e foi trabalhar num bar na Côté d'Azur. Onde está até hoje. Conta com orgulho que entrou ali com um contrato de experiência de 5 dias e que hoje ela é a produtora cultural. A ligação com o Brasil é forte, inclusive porque Beatriz deixou uma filha em Salvador, para quem manda dinheiro frequentemente. Passa 3 meses do ano no Brasil e apesar de dizer gostar da França - segundo ela foi uma escolha, pois visitou muitos outros países em função da dança - Beatriz tem certeza que quer voltar, nas palavras delas: "minha vida é aqui, mas meu futuro é lá". Quando me concedeu a entrevista, Beatriz vivia com um francês há 6 anos e disse-me que pensavam em

estabelecer uma união civil. Para ela não é fácil viver distante do Brasil, ela o faz com esforço, cuja recompensa é poder oferecer à filha certas oportunidades. (Entrevista realizada na região de Nice, França em 19-05-2012)

Bernardo nasceu em 1982 no interior de Minas Gerais. Trabalhava desde 2000 numa empresa exportadora de café e foi mandado embora. Arrumou outro emprego, mas disse-me que "fez as contas" e que "ganhava 8 euros por dia". Tinha a irmã e primos nos Estados Unidos e primos em Portugal. Quando foi fazer o passaporte conheceu um "coiote" para a França. Gostou da ideia de ser uma "novidade" e quis viver essa "aventura". Logo após sua chegada teve problemas com a polícia, foi detido, mas acabou sendo liberando. Vive na França desde 2008 na condição de indocumentado. Trabalhava como pintor de paredes e disse-se que ama a França, que pensa em voltar ao Brasil um dia, mas só daqui a uns 10 anos. No momento, apesar de mandar dinheiro para ajudar a família, diz que "vive na França", que trabalha lá, mas também aproveita para passear. Tem o primeiro grau completo e contou que a França o transformou em um homem "culto" e que hoje ele gosta de ópera e de história. (Entrevista realizada em Paris, França em 22-09-2012)

Bianca nasceu em 1986 em Porto Alegre. Graduada em Direito se interessou pela área de Direitos Humanos, inclusive com engajamento junto aos movimentos sociais. Mas queria estudar, ter fundamentos e na avaliação dela, é uma área ainda recente no Brasil, o que a fez pensar em ir para a França fazer um mestrado. Se inscreveu no Campus France, fez os procedimento e foi para Grenoble em julho de 2011. O projeto inicial era fazer o master de um ano e retornar. Mas ao final, depois de tanta dificuldade com a língua, quis continuar e se inscreveu em um outro master, em uma Universidade em Lyon. Esse curso deve acabar em meados de 2013, mas quando me concedeu a entrevista, Bianca disse que pensava em fazer um doutorado na França. Ou seja, o retorno está a princípio indeterminado, ainda mais porque disse-me que se sentia cada vez melhor adaptada à vida na França. (Entrevista realizada em Lyon, França em 18-10-2012)

Carlos nasceu no interior do Paraná em 1972. A família migrou para Mato Grosso, e no Pantanal, ele conheceu alguns franceses. Disse-me que "sempre quis voar" e que podia ser Estados Unidos ou Londres, mas foi a França porque conheceu estes franceses. Estava com 21 anos, tinha um caminhão e segundo grau completo e pensou que "entrava na faculdade ou saia do Brasil". Acabou saindo pela primeira vez em 1993, com o amigo francês. Não deu nada certo, mas conheceu uma brasileira que lhe deu apoio e se tornou sua "segunda mãe", ela o ajudou e para ganhar a vida jogou futebol na terceira divisão. Mas para ele foi uma desilusão. Após 8 meses e acabou indo embora. Ficou um ano e meio no Brasil, o ano era 1994, e a situação estava ruim no Brasil. O pai estava falindo. Acabou decidindo voltar para a França. Ficou dois anos. E após esse período retorna ao Brasil casado com uma francesa. Em menos de dois anos, regressam à França. O casamento se desfez, voltou para o Brasil é foi "puxar madeira" na Amazônia. Foi para Curitiba, onde trabalhava como motorista de caminhão e garçom de hotel. Em seguida tentou novamente trabalho no Mato Grosso, mas segundo ele, "a coisa estava feia". Em 2002 decidiu sair do Brasil para estudar inglês em para Londres, mas antes passou na casa da "segunda mãe" na França. Apareceu um emprego para caminhoneiro que pagava bem e ele foi ficando. Dez anos depois,

Carlos ainda estava em Marselha. Comprou uma casa e trabalhava como motorista. Mas estava estudando inglês com intenção de retornar ao Brasil antes da Copa do Mundo. Segundo me disse “não quero ficar aqui e perder o bonde do Brasil”. Pensa em voltar para o Brasil entre janeiro e junho de 2014, mas reconheceu que ele tem duas pátrias e que pretende voltar à França. (Entrevista realizada em Marselha, França em 16-06-2012)

Cassiano nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Fez graduação em Música na UFRJ e participou de um intercâmbio através de uma escola de música que o levou a passar alguns dias na França em 2000. Obteve a cidadania portuguesa em função da origem familiar e segundo me contou, depois disso Cassiano colocou em prática seu desejo de ir para Europa, “sabia que queria vir para a Europa, só não sabia para qual país”. No final esse intercâmbio e o contato que estabeleceu com uma francesa naquela oportunidade, influenciaram sua decisão. Chegou a Paris em junho de 2006 e escolheu a cidade por ser uma capital, que para ele traz muitas facilidades. Na França via comunidade de Brasileiros em Paris no Orkut fez os primeiros contatos para trabalho e moradia. Trabalhou como barman, baby-sitting e outros “bicos” até que começou a dar aulas de piano. Na época em que me concedeu a entrevista, Cassiano tinha vários alunos e conseguia viver como professor de música. Tinha planos de ir viver na Alemanha, estava estudando alemão enquanto esperava uma oportunidade. Pensa em voltar para o Brasil no médio prazo, pois idealiza desenvolver projetos sociais relacionados à cultura no país. (Entrevista realizada em Paris, França em 11-09-2012)

Catarina nasceu no interior do Paraná em 1987. Casou-se pela primeira vez, aos 16 anos, e desde então ela vivia em Curitiba. Foi lá que conheceu o atual marido, Valter. Disse-me que eles tentaram comprar uma casa em Curitiba, mas não tinham recursos suficientes para sair da Região Metropolitana. Ficaram na dúvida entre investir na formação, fazer uma faculdade e começaram a pensar nas possibilidades. Entenderam que era hora de arriscar, pois segundo Catarina “pessoas bem sucedidas, arriscaram”. O marido tinha um tio que morava na França que aceitou os receber. Neste contexto, teve início um projeto migratório para a França, que segundo ela, é uma ideia do marido, pois ela nunca tinha pensado em sair do Brasil. Disse-me que nunca tinha viajado de avião. Chegaram a Paris em fevereiro de 2012. Valter tem o projeto de se formar pastor e assim que chegaram, começaram a frequentar uma igreja. O que segundo Catarina foi fundamental, porque a partir da Igreja eles encontraram apoio e solidariedade, inclusive para conseguir trabalho. Ela estava trabalhando com limpeza e ele na construção civil. Ela não tinha imagem nenhuma da França antes de ir, contou-me que não tinha ideia do que ela iria encontrar. Mas estava gostando, falou-me que eles passeavam pela cidade e que estavam deslumbrados com a beleza de Paris. (Entrevista realizada em Paris, França em 17-08-2012)

Cecília nasceu em 1954 em São Paulo. O interesse pela França começou com o interesse pela cultura e o estudo do idioma na Aliança Francesa. Desde então, segundo ela, alimentava um desejo de estudar na França. Em 1982, foi para Paris com uma amiga, ocasião em que previa uma estada de um ano motivada pelos estudos. Ao final, ficou quatro anos e meio. No entanto, manteve a ligação com o país após o retorno ao Brasil. Disse-me que viajava para a França todos os anos em suas férias. Em uma destas viagens, foi a um casamento de amiga e na ocasião conheceu um francês que

se tornou seu marido. Em 1990 deixou o Brasil para viver na França em função do casamento e do projeto de maternidade. O casal teve um filho, mas acabou separando-se alguns anos depois. Quando me concedeu a entrevista, Cecília trabalhava em uma universidade em Aix-en-Provence e sentia-se dividida entre dois mundos: o filho na França e seu pai idoso no Brasil. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 08-06-2012)

César nasceu em Olinda em 1984. Aos 13 anos, começou a estudar música e aos 15 tocava profissionalmente. A primeira experiência no exterior foi em 2000, na própria França, quando foi como percussionista de um conhecido músico brasileiro. Contou-me que ficou apaixonado pelo país e disse-me que "pôs na cabeça" que queria morar na França. Começou a estudar Francês e tentar se informar sobre o país, inclusive fez um projeto para ir para a França em 2005 em função do ano do Brasil na França, mas que não foi aprovado. Ao mesmo tempo, nesta época, conheceu uma francesa no Brasil, que estava no país para estudar. Começaram a namorar. Ele foi com ela para a França, primeiro uma estada de quatro meses em 2005 e depois uma ida definitiva, em 2006, quando inclusive se casaram. O relacionamento acabou, no entanto ele permaneceu na França. Falou-me que não tem planos de voltar, pelo menos por enquanto. Vive no sul da França e ganha a vida como músico, apresentando-se em shows e dando aulas. (Entrevista realizada em Marselha, França em 02-07-2012)

Cícero nasceu em Salvador em 1977. Ele é professor de Capoeira e disse-me que não estava conseguindo "ganhar a vida" no Brasil. A primeira ida para a França foi em 2003, para Bordeaux, a convite de um amigo para fazer shows de capoeira. Voltou novamente, em 2006, desta vez tentando viabilizar condições para permanecer mais tempo. De Bordeaux foi para Strasbourg em janeiro de 2007. No começo de 2008, foi para o Brasil para buscar a esposa e a filha, ficaram 11 meses, enquanto ele trabalhava em um grupo de capoeira. Mas o visto que ele tinha não lhe permitia trabalhar (ele ganhava informalmente pela associação). Como não dava para a família ficar naquela condição, em 2009, retornou ao Brasil. No ano seguinte regressam a França, pois ele havia conseguido um novo visto, mas era na categoria "bénévole", isto é, ele não tinha permissão de trabalho e nem condições para regularizar a situação da esposa e dos filhos. O visto dele estava prestes a vencer quando me concedeu a entrevista e a família não sabia o que fazer. Conversei com sua esposa, que também é de Salvador e tem 25 anos, e conheci os filhos do casal. A mais nova, menos de um ano, nasceu na França. Eles estavam apreensivos pela situação de insegurança de ficar sem papéis, ou então retornar ao Brasil sem nenhuma perspectiva. Reconhece a importância dos benefícios sociais da França e que a vida lá é "mil vezes melhor". Mesmo no caso da mulher que está irregular consegue atendimento médico rápido e a escola que a filha frequenta é muito boa. E que "fome aqui, não passa". O "sonho" do casal é juntar dinheiro para comprar uma casa no Brasil. (Entrevista realizada no leste da França em 10-09-2012)

Clara nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 1970. O pai era militar e em função disso, a família mudava-se frequentemente. Ela é jornalista, trabalhava na área e morava em Brasília quando conheceu o atual marido numa viagem de férias em 2003. A relação foi mantida à distância, com idas e vindas, durante 2 anos. Em 2005, Clara mudou-se definitivamente para o sul da França para realizar o projeto de ter uma

família. Ela adora viver na França, teve dois filhos e não pensa em voltar para o Brasil. Em 2011, obteve sua naturalização francesa. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 15-05-2012)

Dalva nasceu em 1966 no interior da Bahia. Com 21 anos, no final dos anos 1980, foi para São Paulo com uma amiga e a irmã. Segundo ela, foi em São Paulo que ela pode realizar seus ideais, pois segundo me narrou, conseguiu comprar um terreno, trazer a mãe e as irmãs da Bahia "sem que ninguém precisasse pagar aluguel". Em 1991, Dalva começou a trabalhar numa grande empresa em São Paulo, mas em meados dos anos 2000 foi demitida. Tinha uma irmã que morava na França e que ofereceu trabalho para ela. Ela deixou o Brasil em 2002. Primeiramente, foi para Portugal, onde passou três meses e de onde seguiu para Paris. Segundo ela, ir para São Paulo com vinte e poucos anos foi um desafio muito maior do que a chegada em Paris. Em 2007, ela conheceu um português em um curso de francês, com o qual ela casou-se. Isso fez com que ela regularizasse a situação migratória dela. Eles tiveram dois filhos e é por isso que ela acha que não volta mais para o Brasil, pois ela avalia que a educação na França é muito boa, e isso acaba "prendendo" o casal no país. Disse-me que o que mais gosta da vida na França é o tratamento igualitário, a assistência médica de qualidade. Trabalha por conta própria fazendo faxina. Sempre mandou remessas para o Brasil, e contou-me que foi assim que quitou a casa da mãe. (Entrevista realizada em Paris, França em 16-09-2012)

Darci é gaúcha e nasceu em 1954. Em 1986, mudou-se para Brasília para fazer seu doutorado. Segundo contou-me seus avós eram franceses, e que por isso sua relação com a França sempre foi forte, porém subjetiva. Foi apenas em 2001 que foi à França pela primeira vez como pesquisadora convidada, através de uma parceria acadêmica. Entre 2001 e 2008 foi para a França uma ou duas vezes ao ano, sempre a trabalho e com estadas que duravam de alguns meses. Em 2009, já aposentada no Brasil, recebeu um convite para permanecer na França como docente e aceitou. Vive desde então em Paris. Deixou a família no Brasil - filhos, netos e um ex-marido – por isso, vem ao Brasil duas vezes por ano. Apesar de sentir um pouco a solidão, Darci gosta muito da vida na França, e não tem planos de retornar ao Brasil. (Entrevista realizada em Paris, França em 05-09-2012)

Diana nasceu em 1962 no Rio de Janeiro, onde sempre viveu. Era bailarina e viajava com frequência para o exterior em função do trabalho. Formada em Comunicação Social trabalhava também como produtora. Em 1989, já tinha ido para a França e estudava francês quando conheceu um francês em um ônibus no Rio de Janeiro. Eles envolveram-se afetivamente e casaram-se. Em 1991, o casal foi viver no sul da França. Diana criou uma empresa na qual atua como produtora cultural de shows artísticos brasileiros, com atuação global. Ela se separou do marido, mas tem a nacionalidade francesa e continua vivendo na França. Em relação a retornar para o Brasil, ela disse-me que vive entre "lá e cá", pois passa 4 meses do ano no Brasil e 8 na França. (Entrevista realizada em Montpellier, França em 20-07-2012)

Elba nasceu no Rio de Janeiro em 1959. Mudou-se para Salvador aos 20 anos, onde estudou Psicologia. Um ano antes dela se formar, seu pai faleceu. Segundo sua narrativa, a perda repentina a estimulou a buscar novas experiências. Deixou o Brasil em 1985 com uma passagem só de ida, com o objetivo de passar pela Espanha e ir

para a França. Na França, a partir de Nice, conseguiu um trabalho de *fille au pair* na Córsega. Lá viveu durante quatro anos trabalhando como garçonete a maior parte do tempo. Depois conheceu um francês e foi com ele para Paris. Casaram-se para regularizar a situação de Elba. Ela decidiu retomar os estudos e ingressou numa formação de tradutora. Separou-se, casou-se novamente e adotou uma criança, que é brasileira. Atualmente está separada, trabalha como tradutora autônoma e vive com o filho em Paris. O retorno é uma ideia remota, motivada pela saudade, mas inviabilizado de acordo com sua avaliação por questões práticas. (Entrevista realizada em Paris, França em 13-09-2012)

Elis nasceu em 1974 em Recife. Formada em jornalismo, trabalhava para revistas esportivas e mudou-se para Salvador em 2000, em função do trabalho. Em 2005 estava cansada do trabalho e com tinha uma reserva, decidiu investi-la financiando uma temporada de estudo de francês na França. Foi em 2000, para La Rochelle, com o objetivo inicial de ficar um ano. O projeto foi se ampliando, pois após o primeiro ano avaliou que o francês ainda estava ruim e decidiu fazer um curso superior. Depois um mestrado. Quando me concedeu a entrevista, Elis estava no doutorado. Como nunca teve bolsa de estudos, manteve-se na França trabalhando como babá, garçonete e faxineira. Teve algumas oportunidades temporárias de trabalhar na sua área de formação, mas quando conversamos, ela trabalhava como atendente na biblioteca da universidade e dava aulas de português. Em 2007, conheceu um francês, com o qual se casou em 2010. Eles estão planejando morar no Brasil após o término do doutorado de Elis, pois ela não quer ficar na França se não puder trabalhar na sua área e como ela acha que será difícil, preparava o retorno ao Brasil. Em 2012, Elis pediu a nacionalidade francesa, mas seu pedido foi negado. (Entrevista realizada em Toulon, França em 28-06-2012)

Érica nasceu em São Paulo, em 1980. Fez administração de empresas e trabalhava em empresa que concorria por licitações. Disse-me que o trabalho era muito estressante e que decidiu se afastar. Saiu com o projeto de ir estudar inglês fora durante seis meses. O seu namorado, que estava desempregado recentemente, gostou da ideia. O casal foi para a Irlanda em 2006. Após os 6 meses, eles decidiram que queriam ficar mais, pois estavam bem, tinham trabalho e amigos. Foram para Marselha passar férias em 2009. O namorado conseguiu a cidadania italiana em função da origem familiar e nasceu um novo projeto de reemigração. Entre as opções que tinham em função de contatos com amigos, segundo Érica contou-me, eram: Alemanha, Espanha e França. Escolheram a França, pois o marido é chefe de cozinha. Chegaram em Marselha em julho de 2010 com a ideia de ficar um ano e voltar ao Brasil após esse período. Trabalhos e boas oportunidades surgiram, e o casal desistiu de retornar. Quando me concedeu a entrevista, eles haviam se casado oficialmente há poucos meses e tinham acabado de comprar um apartamento. Em Marselha, Érica trabalhava como manicure. (Entrevista realizada em Marselha, França em 02-07-2012)

Fabiana nasceu em 1989 no interior do Rio Grande do Sul. Estava no quinto semestre de Letras-Francês em uma universidade no Brasil quando uma conhecida entrou em contato com ela oferecendo uma vaga de *au pair*. Como ela pensava mesmo em fazer um mestrado na França, avaliou que deveria aproveitar a oportunidade. Largou a faculdade e foi em 2009, com 20 anos de idade. Quando me concedeu a entrevista, não

era mais “au pair” e já havia terminado a graduação na França e fazia um mestrado. Ao término do mestrado, não sabia o que iria fazer, se voltaria ao Brasil ou se faria um doutorado na França. (Entrevista realizada em Paris, França em 18-08-2012)

Fátima nasceu em Belém 1973. Graduou-se em Letras e em 1999 foi para São Paulo, onde fez seu mestrado e doutorado. A primeira ida para a França foi em 2006, quando fez um estágio linguístico, tendo permanecido 45 dias em Paris. Em 2008, retornou a Paris com uma bolsa sanduíche para uma estada de um ano. Nesta ocasião, em função de sua pesquisa visitou uma instituição francesa na qual conheceu aquele que se tornou seu marido. Ela voltou para o Brasil no período previsto, para dar continuidade ao seu doutorado, porém o relacionamento se manteve à distância. Após a sua defesa, em 2011, Fátima partiu para a França para se casar. O casal pretende futuramente viver no Brasil, onde Fátima acredita que poderá encaminhar melhor sua carreira, mas admite que se sua situação profissional na França estiver satisfatória, este retorno pode ser revisto. Atualmente, Fátima está numa universidade no sul da França, estudando e trabalhando como tutora. (Entrevista realizada em Marselha, França em 14-06-2012)

Felipe nasceu em Fortaleza em 1981. Formado em Economia, disse-me que sempre conciliou estudos com trabalho. No mestrado, conheceu um colega que havia estudado na França e que havia levado um dos professores franceses para o Brasil. Segundo Felipe, ele não falava francês, pensava em estudar fora, tinha esse desejo, mas segundo sua narrativa foi uma questão de “coincidência”, de haver uma parceria na Universidade. Ele não tinha bolsa de estudos na França, mas ponderava que o curso não era pago, e ele sustentava-se com a poupança que ele fez enquanto trabalhava no Brasil. Ele chegou no sul da França em setembro de 2011 e segundo ele, os primeiros três meses foram muito difíceis, “coisa de depressão mesmo”. O mais difícil foi lidar com a falta de habilidade no francês e a saudades de casa. Me concedeu a entrevista nove meses depois de chegar, e já não tem pressa em voltar. Ele entende ser importante fazer o doutorado fora e vê uma oportunidade em ficar. Sobre viver no exterior ele falou que era uma experiência importante, que lá se sentiu cidadão pela primeira vez na vida. Também mencionou a riqueza de uma experiência cosmopolita, de ter amigos africanos, vietnamitas, chineses, enfim, que até os jornais de rua gratuitos noticiam o “mundo” enquanto, segundo ele, no Brasil a gente vive num “gueto”, que o mais longe que se vai é dentro no próprio país. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 15-06-2012)

Fernanda nasceu em 1981 em São Paulo. É graduada em física e fazia seu doutoramento quando foi para a França em 2008 fazer um estágio. Voltou para o Brasil, concluiu a tese e voltou para a França, em 2010, para fazer um pós-doutoramento na região parisiense. Essa decisão dependeu de sua busca profissional, mas também porque na primeira estada, ela conheceu um francês com o qual se envolveu. Então, ela reconhece que procurou retornar a França também por esse motivo. Mas quando saiu sua bolsa de estudos, a relação tinha terminado. Fernanda deixou o Brasil nesta segunda ida sem planos de retornar tanto que, segundo me contou, não tentou pedir financiamento de agência brasileira por esse motivo. Quando me concedeu a entrevista estava com outra proposta de pós-doutorado na França e sem planos de retorno no médio prazo. (Entrevista realizada em Paris, França em 09-08-2012)

Flávia nasceu no Rio de Janeiro em 1973. No começo dos anos 1990 foi para Campinas, onde fez a graduação e o mestrado em Ciências Sociais. Voltou para o Rio de Janeiro em 1998 e lá ingressou no doutorado. Em 2004 foi para Paris com uma bolsa-sanduíche. Em um evento de uma amiga brasileira na França, conheceu um francês, com o qual se envolveu afetivamente. Após o término do estágio, ela regressou ao Brasil e ele veio visitá-la duas vezes. Decidiram ficar juntos e após a defesa da tese, Flávia deixou seu trabalho como professora universitária e embarcou novamente para Paris, no final de 2006, desta vez sem previsão de retorno. Há dois anos o casal teve um filho. A possibilidade de retorno ao Brasil é descartada, pois para Flávia as condições de vida para a família são melhores lá, mesmo ela tendo dificuldade para se inserir no mercado de trabalho francês. (Entrevista realizada em Paris, França em 07-08-2012)

Geraldo nasceu em 1962 no interior de São Paulo. Como engenheiro trabalhou em São Paulo, Limeira, São José dos Campos, Campinas e Piracicaba. Ao longo dos anos 1990, Geraldo foi algumas vezes para a Holanda em função de treinamentos, mas eram estadas de curto período. A primeira permanência mais longa foi de seis meses na França em 1998. Em 1999, teve o primeiro contrato como expatriado, de dois anos, quando viveu em Lyon com a família. Em 2002, voltou para o Brasil e em 2008 surgiu uma nova proposta de expatriação para a França, desta vez na região de Paris. O contrato estava previsto para acabar em abril de 2013, mas Geraldo não sabia se voltaria. As possibilidades que tinha em vista quando me concedeu a entrevista o levavam a permanecer na Europa por tempo indeterminado. (Entrevista realizada em Paris, França em 11-10-2012)

Guilherme se recusou a declarar sua idade, mas deve ter entre 35 e 45 anos. Nasceu no interior do Rio Grande do Sul. A primeira mudança foi motivada pelo estudo, foi para Porto Alegre fazer uma graduação em Comunicação Social. Depois foi para São Paulo, onde trabalhou num portal eletrônico de notícias. Posteriormente, chegou a abrir uma empresa que na área de Marketing ligado à moda. Em função da origem familiar italiana, Guilherme conseguiu a nacionalidade italiana e decidiu se “presentear” com um ano sabático na Itália. Em 2006 foi então fazer cursos de língua e cultura italiana. Decidiu aproveitar que estava na Europa para estudar inglês em Londres, até com objetivo de viver um tempo na Inglaterra. Mas antes, foi para Marselha visitar um amigo. Em Marselha conheceu um francês, com o qual se envolveu. Apesar da relação não ter durado muito, depois de voltar para o Brasil, Guilherme retomou o projeto de estudar em Londres. Voltou para Marselha em 2010 e acabou desistindo de ir para Londres. Segundo sua narrativa, foi neste momento em que escolheu a cidade de fato. Em relação ao Brasil, disse não ter “a mínima saudade”, principalmente depois do “governo horroroso do PT”. Adora viver em Marselha, não tem planos de retorno no médio prazo, inclusive disse querer se naturalizar francês, para ter seus direitos não como imigrante, e sim como francês. Inclusive se precisar ele vai abdicar da cidadania italiana. Quando me concedeu a entrevista, trabalhava como gerente de uma loja em Marselha. (Entrevista realizada em Marselha, França em 29-05-2012)

Gustavo nasceu em Piracicaba em 1985. Fazia graduação em Ciências Sociais em Campinas quando conheceu uma francesa que segundo me disse, aumentou ainda mais o interesse que ele disse ter historicamente pela França. Tentou fazer um

intercâmbio ainda na Graduação, mas não conseguiu, e acabou indo para o Québec, no Canadá, onde avaliou que poderia aperfeiçoar seus conhecimentos no idioma francês. Após o término do curso, Gustavo se inscreveu em um mestrado em Ciência Política em uma Universidade de Paris e foi para lá em 2008, com 23 anos, sendo inclusive beneficiado com uma bolsa de estudos do governo francês. Após a conclusão do mestrado, ele teve a possibilidade de trabalhar na sua área de especialização em uma agência pública de Lille. Quando me concedeu a entrevista, Gustavo estava com visto de permissão de trabalho e não tinha planos de retornar ao Brasil no médio prazo. (Entrevista realizada em Lille, França em 15-08-2012)

Horácio nasceu em 1954 em Curitiba. Lá estudou engenharia e trabalhava em uma empresa pública quando recebeu uma proposta de uma grande multinacional sediada em São Paulo. Aceitou e foi para São Paulo em 1985. Logo após a mudança, recebeu o convite para sua primeira expatriação para a França, uma permanência de 10 meses. Voltou para São Paulo e em 1995 teve uma nova experiência de expatriação. Desta vez passou 3 anos na França. Regressou ao Brasil no final de 1997. Em 2000, um novo contrato, desta vez, foram 2 anos e meio. A quarta estada foi de 2005 a 2007. Em 2011 ficou "indo e vindo", passava 2 meses na França e depois 2 semanas no Brasil. Até que recebeu convite de um contrato de 2 anos que começou em maio de 2013. Ou seja, até maio de 2015, ele deve permanecer na França. Horácio vive ente "lá e cá" em função das diretivas da empresa na qual trabalha, pois segundo contou-me, muitas vezes falta profissional com o perfil dele na França. Não tem a cidadania francesa, mas tem uma filha alfabetizada lá, atualmente graduada pela Sorbonne e cursando um *master* e um filho, nascido na França, em idade escolar. Recebeu proposta para contrato por tempo indeterminado na França, mas não aceitou. Segundo me disse, para ele é mais vantajoso ser expatriado do que se estabelecer indefinidamente como profissional na França. (Entrevista realizada em Paris, França em 04-10-2012)

Humberto nasceu em 1983, em Brasília. Ele morou em diversos estados do Brasil, pois o pai era jogador de futebol, mas a primeira migração individual deu-se quando ele foi para Paris. O vínculo veio pela mãe, que trabalhava com diplomatas no Brasil e em 2000, recebeu convite da família ir para a França com eles. Nesta época, ele estava na faculdade e havia passado num concurso. No entanto, alguns anos depois, no final de 2004, ele havia sido demitido, e contou-me que estava um pouco "perdido na vida" quando a mãe foi passar férias no Brasil e sugeriu que ele fosse para a França. Ele foi em fevereiro de 2005. A ideia inicial era passar os três meses permitidos sem visto. Mas ele gostou muito da cidade, e começou a estudar francês. Conheceu uma brasileira, que veio a ser sua esposa. Na renovação do visto ele teve problemas e precisou voltar ao Brasil. Regressou regularmente vinculado a um programa "au pair". Em 2009, precisava renovar o visto de novo. Foi negado e ele entrou com recurso administrativo. Re-orientou a sua carreira e decidiu fazer um curso de informação em rede, tendo desta forma conseguido o visto de estudante que lhe viabilizou a permanência. Em março de 2010, Humberto começou a trabalhar com contrato de trabalho. Após a conclusão do curso, em junho de 2011, a empresa o convidou para trabalhar integralmente. Isso exigia a passagem do visto de estudante para de trabalho. Apesar do apoio da empresa, o pedido foi negado. Desde novembro de 2006 ele estava casado com uma estudante brasileira na França. Avaliaram que Deus estava direcionando o caminho deles para o Brasil. Quando me concedeu a entrevista, estava em vias de retornar, com

bilhete aéreo comprado. Eu não perguntei se ele pensava em voltar um dia para França, mas ele voluntariamente me disse “e se um dia eu for voltar para a França, Deus é quem sabe”. Reconheceu que tem muitos amigos, que a mãe vai continuar a viver lá. Mas em última instância essa decisão é da alçada divina, não depende só dele. (Entrevista realizada em Paris, França em 06-09-2012)

Isabel nasceu em 1978 em Recife, mas foi criada em Salvador. A família é de origem italiana, e ela tem a nacionalidade italiana. Disse-me que sempre teve o sonho de morar em Paris e após a conclusão do seu mestrado, em 2005, foi para a França fazer o doutorado. Terminou o doutorado no início de 2012, mas ela havia se casado com um francês e trabalhava em uma agência brasileira na França. Descartava retornar ao Brasil, pelo menos no médio prazo. (Entrevista realizada em Paris, França em 27-08-2012)

Ivan nasceu, em 1965, em Goiânia. Em 1988 foi para Campo Grande. Em 1990 foi para Guiana Francesa para jogar futebol, graças a um cunhado que jogava lá e o convidou. Ele jogou por um tempo e depois começou a trabalhar na construção civil, tornou-se mestre de obras. Depois trabalhou como joalheiro. Em 1996, conheceu a esposa, brasileira do Pará. Casaram-se em 1999 e em 2001 foram juntos para a França. A possibilidade apareceu com a oferta de trabalho de um amigo que vivia em Paris. Chegaram em junho de 2001 e com o vínculo de trabalho, conseguiu um visto de 2 anos. Começou preparando entregas. Depois fez curso de operador de empilhadeira. Trabalhou com gestão de estoque. Com a crise a empresa foi vendida e em 2009 voltou para o ramo da construção civil. Contou-me que a empresa era pequena e com a crise, acabou fechando. Então ele voltou a trabalhar como operador de empilhadeira. Ele e a família foram naturalizados franceses. Segundo ele, isso ocorreu porque contou o tempo de território francês e foi rápido conseguir o título de residente de 10 anos. O casal tem dois filhos que nasceram na França. Disse-me que nunca teve sonho de sair do Brasil, mas que agora é o contrário, não pensa em voltar, principalmente pensando na qualidade de vida dos filhos. (Entrevista realizada em Paris, França em 03-09-2012)

Ivone nasceu em 1955 no Rio de Janeiro. É jornalista e trabalhava em um jornal carioca quando conheceu um francês, com o qual se envolveu e se casou. Perdeu o trabalho no Rio de Janeiro em função de sua primeira ida para a França, mas tiveram que voltar ao Brasil em função do visto dela, e acabaram passando dois anos e meio em Maceió, onde ela arrumou trabalho. Como o marido não conseguiu se inserir profissionalmente no Brasil decidiram ir para a França em 1991. A adaptação dela foi um pouco difícil, pois não falava francês e não tinha como trabalhar na sua área de formação. Após oito anos, se separou e estava em vias de retornar ao Brasil quando se envolveu com outro francês que é seu parceiro até hoje. Não pensa em voltar porque não conseguiria conviver com a violência, mas vem ao Brasil todos os anos. Há alguns anos passou por um grave problema de saúde e disse que viu a diferença de estar em um país que tem um ótimo sistema de seguridade social. (Entrevista realizada em Marselha, França em 29-05-2012)

Joana nasceu em João Pessoa em 1982. A primeira migração foi para o Rio de Janeiro. Contou-me que foi sozinha e que tinha a intenção de estudar, mas para pagar os estudos começou a trabalhar como manicure. Na capital fluminense, Joana conheceu um francês, em março de 2003. Segundo sua narrativa, sete meses depois, ela estava

casada com ele e por causa dessa relação, ela foi para a França. Disse-me que não tinha sonho de sair do Brasil e que os cinco primeiros anos foram difíceis, pois ela não gostava da França. Mas disse ter aprendido a gostar. Até mesmo porque chegou a voltar para o Brasil, mas ficou doente e o contato com o sistema público de saúde no Brasil, a fez "colocar as coisas na balança". Quando ela me concedeu a entrevista, falou que nem pensa mais em deixar a França. Falou que foi difícil aprender a falar bem francês, mas tinha adquirido fluência e inclusive falava português com sotaque estrangeiro. Tem dois filhos e trabalhava como manicure num salão em Marselha. (Entrevista realizada em Marselha, França em 29-05-2012)

Jonas nasceu em Canoa Quebrada, no Ceará, em 1968. Foi lá, em 1993, que conheceu uma francesa, que trabalhava com movimentos sociais e que estava no Brasil em função de um projeto de trabalho. Eles iniciaram um relacionamento afetivo e em 1994 foram juntos para a França. Jonas contou-me que eles decidiram se casar para facilitar a regularização dele. Ela não queria mais morar em Paris e foram juntos para Marselha. Jonas é capoeirista e disse que foi um dos primeiros profissionais a chegar na cidade. Não falava nada de francês, só sabia “Belle du Jour” por causa da música do Alceu Valença. Estudou sozinho em casa, com materiais didáticos e ouvindo música. Ele não está mais casado com a francesa desde 2007, mas tiveram um filho. Quando perguntei se pensava em voltar, ele me disse que não. Admitiu que todo mundo fala que não quer passar a velhice fora, que vai voltar e comprar uma casinha; mas ao mesmo tempo tem amigos que voltaram e não se encontraram. Segundo ele, é uma dualidade, depois de viver tanto tempo num lugar, a pessoa acaba se acostumando. Acabou trazendo a mãe em 2006, e a irmã, em 2007. Elas vieram para passar um tempo e foram ficando. (Entrevista realizada em Marselha, França em 03-07-2012)

Kelly nasceu em Belém, em 1980. Foi para São Paulo fazer a graduação em música. Segundo sua narrativa, contou-me que sempre teve vontade de sair do Brasil, e o estudo foi um caminho para viabilizar esse projeto. Na faculdade conheceu um amigo que tinha contato com professor em Estrasburgo. Foi assim que ela foi parar na França em 2002, pois segundo sua narrativa, ela não tinha nenhuma relação com o país e não falava francês. Estudou um pouco o idioma, mas acabou aprendendo a língua em função da necessidade de trabalhar. Ela contou-me que com o tempo foi percebendo que seu desejo de sair do país foi passado pela mãe, que sempre contou que ganhou uma bolsa de estudos no exterior e não pode ir por causa dos filhos. Apesar de ter se empenhado no projeto de partida (fez poupança, vendeu carro e instrumentos), disse-me que não pretendia ficar tanto tempo e resumiu esse processo em três fases, sendo que começa com “eu vou para ficar um tempo”, passa pelo “não sei se vou voltar” até chegar ao “como vou fazer para ficar?”. Isso porque segundo Kelly, manter um visto de estudante durante 10 anos é complicado, pois é difícil conciliar a carga de horário das aulas com o trabalho. Com o aumento das dificuldades para renovação, acabou recorrendo a uma união civil com um amigo francês, apenas para viabilizar sua permanência regular no país. Disse que ser estrangeira só é uma questão dependendo do meio, e que em um contexto mais burguês, ela já sentiu como uma “macaca de circo”. O momento da vida é delicado, pois ela acabou os estudos e está pensando no que fazer. E que agora passa pela questão do trabalho. Mas que hoje ela prefere ir para Nova Caledônia ou para Senegal do que voltar para o Brasil. (Entrevista realizada em Paris, França em 24-08-2012)

Larissa nasceu em 1976, em Belo Horizonte. Vivia em Ipatinga quando saiu do Brasil para ir para a França em agosto de 2008. Não tinha planos de sair do Brasil, segundo me disse, foram as circunstâncias. Sempre trabalhou no comércio, e seu último vínculo foi como gerente de loja e era muito estressante. Disse-me que ficou dois anos sem ter férias. Pediu demissão e com o acerto, decidiu investir no seu próprio negócio. Comprou uma máquina, mas ela tinha um defeito e ela perdeu todo o dinheiro investido. Disse-me que naquela situação, em que buscava uma saída, "emigrava ou estudava". Ponderou que até para estudar, ela precisava de dinheiro. Com isso, investiu no projeto migratório. A tia aceitou lhe emprestar dinheiro para emigrar. Como tinha um irmão na França, decidiu ir para lá. Mas apesar disso, foi um "amigo de um amigo" que a buscou no aeroporto e que a acolheu até ela arrumar trabalho e onde morar. Como a situação migratória dela é irregular, falou-me que tem receio de viajar, e nestes 4 anos, praticamente não saiu da região parisiense. Disse-me que teme ser deportada porque quer ir embora pagando sua passagem "com a cabeça erguida". Estava prevendo voltar ao Brasil no início de 2013, ficar 4 meses para fazer um curso de manicure. Mas tem planos de voltar para a França, pois quer viver mais um tempo na França, estudar francês etc. Por outro lado, disse que não viveria a vida inteira na França "a não ser que seja a vontade de Deus". Quando me concedeu a entrevista fazia faxina e trabalhava como manicure. (Entrevista realizada em Paris, França em 24-10-2012)

Leandra nasceu no interior de Minas em 1980. Trabalhava como jornalista esportiva, contou-me que era editora de um programa de TV em São Paulo quando decidiu largar tudo para ir viver na França com Milton, um antigo namorado que ela havia reencontrado muitos anos depois. Ele é engenheiro, foi fazer um intercâmbio no meio da graduação, e acabou recebendo uma proposta para trabalhar na empresa em Lyon e trabalha lá até hoje. Em janeiro de 2010, Leandra deixou o Brasil definitivamente para viver com ele. Casaram-se e a possibilidade de retorno ao Brasil é atualmente remota. Ela estudou francês, fez um curso sobre história da França em uma universidade em Lyon. Nunca se sentiu discriminada, mas reconheceu que ser estrangeira é difícil, pois ela sente que não pertence mais ao Brasil, mas também não se sente confortável na França. (Entrevista realizada em Lyon, França em 16-10-2012)

Leonardo nasceu em 1966 em Mato Grosso do Sul. Fez a graduação e o mestrado em física no interior de São Paulo. Mudou-se para Recife para fazer o doutorado. Ele disse-me que queria muito sair do Brasil, e mesmo sem ligações pretéritas com a França foi para lá em 1999, após concluir seu doutorado, acompanhando sua esposa. Nesta primeira estada na França, que durou quatro anos, Leonardo fez dois pós-doutoramentos. Em 2003, o casal voltou para o Brasil por motivos pessoais. Algum tempo depois, Leonardo foi convidado para trabalhar em um laboratório na região sul de Paris. Em função da dificuldade de readaptação ao Brasil, ele foi em 2005. Desde então, vive na França e não pensa em voltar. Atualmente, ele tem um cargo estável como pesquisador permanente no leste da França junto a uma importante agência de pesquisa francesa. (Entrevista realizada no leste da França em 08-09-2012)

Lígia nasceu em 1968 em Olinda. Segundo me contou, estava cansada dos brasileiros machistas e me revelou inclusive que foi vítima de violência doméstica. Tinha cerca de 30 anos e dois filhos, mas não havia realizado o sonho de ter uma família, uma casa, pois sempre morara com a mãe. Foi neste contexto que ela começou a se interessar

por estrangeiros, que eram turistas na cidade. Em 2004, ela conheceu um francês que lhe permitiu realizar seu sonho. Foi para a França encontrá-lo, mas enfatizou que ela própria pagou a passagem. O relacionamento deu certo e eles estão juntos desde então. Ela trabalha cuidando de crianças. Em Rennes, fez uma graduação em Português-Francês. Disse-me que manda dinheiro todo mês para a família no Brasil e que estava feliz, pois havia conseguido comprar uma casa para a sua mãe em Olinda. Ela disse-me que acha difícil se acostumar novamente com a vida no Brasil. (Entrevista realizada em Rennes, França em 26-09-2012)

Luiz nasceu em 1968 em Criciúma. Aos 17 anos mudou-se para Florianópolis, em função de uma graduação em engenharia. Três anos depois abandonou a faculdade com intenção de se dedicar totalmente a música. Em 1990, foi para São Paulo, para cursar Universidade de Música. Estava em São Paulo e no verão de 1995 foi para Florianópolis fazer shows com uns suíços que o convidaram para ir para a Suíça. Ele aceitou porque, segundo ele, era para a Suíça francófona, e ele tinha um desejo de aprender francês. Lá conheceu uma mulher que queria vir para o Brasil. Vieram juntos em meados de 1996. Em 2000 com posse do passaporte italiano, partiu novamente para a Suíça. Lá viveu até 2004, quando em função de uma relação com uma francesa, mudou-se para o norte França. Vive na França desde então. No momento em que me concedeu a entrevista, vivia em Marselha, trabalhando como músico. Contou-me que não descartava a possibilidade de mudar de cidade ou mesmo de retornar ao Brasil, ainda mais porque naquele momento estava em vias de separar-se. (Entrevista realizada em Marselha, França em 16-07-2012)

Malu nasceu em 1966 em Santos. A família mudou-se para Florianópolis, onde ela cresceu. Adulta se deslocou bastante em função do trabalho: morou em Santos, São Paulo, viveu quatro meses na Itália e três meses na Inglaterra. Trabalhava com moda em uma importante grife nacional de roupas, em um escritório base em São Paulo. Foi para Recife em 2003, transferida pela empresa. Não se adaptou e acabou pedindo demissão. Decidiu fazer uma viagem à França, pois me contou que havia dividido casa com cinco franceses e sempre ia a Paris de férias. Em setembro de 2004, foi fazer um curso de francês com visto de quatro meses. Nessa ocasião, conheceu através de um de seus amigos franceses, aquele que veio a ser seu marido. Ele morava em Paris na época e ela estava decidida a abrir uma loja de biquínis. Com o envolvimento, eles ficaram noivos, ela voltou para o Brasil para “fechar as coisas”, e em seguida retornou para a França. Em meados de 2005, casaram-se. A decisão de formar uma família na França está ligada a uma perda dolorosa, sua irmã foi vítima de uma bala perdida. A violência urbana a assusta demasiadamente, por isso diz que não quer voltar, pois não teria coragem de voltar com os filhos. Não conseguiu trabalhar na área. Primeiro trabalhou como faxineira. Depois fez um curso de “azuleijista” e desde então trabalha com isso. Apesar de ser um trabalho pesado, disse-me que é bem remunerado. (Entrevista realizada em Rennes, França em 27-09-2012)

Marcela é paulistana, nascida em 1970. Motivada pela mãe, começou a estudar francês com 10 anos e influenciada pela expectativa de ser secretária executiva foi estudar letras numa universidade paulista. Começou a trabalhar numa empresa multinacional, contratada pela habilidade com idiomas, em 1990, como assistente de direção A política de carreira da empresa era oportuna, e Marcela foi crescendo. Primeiro, assumiu a

gerência de gestão de pessoas da filial em que trabalhava no Brasil, depois ocupou a mesma posição para América Latina (permanecendo em São Paulo). Em 2006, foi convidada para ocupar um cargo importante de direção na França. O marido aceitou acompanhá-la e foram: o casal e o filho. Apesar dos desafios, profissionais e da condição de ser mulher e estrangeira, Marcela se saiu muito bem, a carreira continuou prosperando e em 2008 chegaram a comprar uma casa na França, pensando que ficariam definitivamente. Mas logo depois veio o desejo de voltar e desde 2010 foi sendo estruturado pela empresa seu retorno ao Brasil. Quando me concedeu a entrevista, em meados de 2012, Marcela estava "feliz da vida", prestes a voltar para o Brasil, onde assumiria uma importante direção na filial brasileira. (Entrevista realizada no norte de Paris, França em 20-08-2012)

Marcílio nasceu em 1974 em São Paulo. Fez administração de empresas e é poliglota (fala inglês, espanhol, francês e italiano – além do português, é claro). A primeira ida para a Europa foi para a Suíça, enviado pela empresa que trabalhava no Brasil. Aí nasceu um desejo forte de "morar fora". Em 2000, foi para o Canadá, e em 2001 foi sua primeira ida para a França, para estudar a língua. Voltou para o Brasil, conseguiu sua cidadania italiana e em 2002 foi para Londres. Um ano depois voltou ao Brasil, em função de um vínculo afetivo. Em 2004 partiu para uma primeira estada mais prolongada na França, na qual viveu dois anos em Lyon. Depois disso, até 2012 foram idas e vindas, inclusive com duas temporadas na Itália. O relacionamento que o prendia ao Brasil terminou e ele estava trabalhando em São Paulo, com um bom salário, mas confessou que se sentia infeliz. Contou-me que resgatou o projeto de viver em Lyon, conseguiu voltar ao antigo trabalho e chegou em abril de 2012. O contrato é temporário, de um ano e seis meses, mas Marcílio tem expectativa de permanecer, e até mesmo conseguir um contrato por tempo indeterminado. O fato é que ele diz que adora viver em Lyon e que não pensa em voltar no curto e nem no longo prazo. (Entrevista realizada em Lyon, França em 16-10-2012)

Maristela nasceu em 1980 em Macapá. Lá conheceu um canadense (amigo do padrasto francês) com o qual se casou. Foram juntos para Marselha. Enfermeira de formação, na França ela trabalhava como manicure, na expectativa de no futuro conseguir a validação do seu diploma. Quando me concedeu a entrevista, Maristela havia saído da casa na qual vivia com o marido, pois queria a separação. Segundo seu depoimento, ele mudou desde que saíram do Brasil e que havia começado a lhe tratar mal. Disse-me que ouviu estas histórias de outras mulheres que se casaram com estrangeiros. De qualquer forma, ela tinha expectativa de não ter problema com a documentação, porque ela tinha um vínculo de emprego indeterminado, que segundo ela era um critério importante para a renovação do visto. A mãe dela é casada com um francês e mora na França há 15 anos. Ela tem mais dois irmãos, que estão no Brasil. Ela gostaria de voltar com a mãe para o Brasil, mas a mãe que é inclusive cidadã francesa não quer voltar. (Entrevista realizada em Marselha, França em 29-05-2012)

Miguel nasceu em 1980, numa pequena cidade no interior de Minas Gerais. Trabalhava como pedreiro e disse-me que nunca teve o sonho, nem a oportunidade de sair do Brasil. Em 2002, um amigo o convidou para ir para Londres. O projeto não deu certo porque ele não tinha a carteira de reservista para fazer o passaporte. Dois anos depois, o mesmo amigo que estava na França, ofereceu-lhe um trabalho de 4 meses, inclusive

com o patrão financiando a passagem aérea. Miguel foi e contou-me que não se arrependeu. As coisas deram mais certos do que o previsto no trabalho e na vida pessoal. Em 2007 ele casou-se com uma brasileira e o projeto individual, virou um projeto familiar. Decidiram se "enraizar", o que para eles significa não se preocupar em mandar dinheiro para o Brasil e nem economizar para voltar. No entanto, ele falou que tem uma filha no Brasil e que lhe envia a pensão. Fora isso, a prioridade é viabilizar os estudos da esposa e usufruir da vida na França. Tiveram um filho e não pensam em voltar. Ele disse-me que ama a França e que não dá para comparar a qualidade de vida em termos de proteção social, a facilidade das coisas para viajar e passear e o poder de compra que tem hoje lá. Sua situação jurídica como imigrante foi regularizada desde o final de 2007 através de demanda do empregador. (Entrevista realizada no sul de Paris, França em 06-10-2012)

Milena nasceu em 1980, no interior do Maranhão. Formada em Letras, era professora pública municipal na capital do Estado, quando deixou o Brasil em 2007. O projeto de emigração é antigo, pois Milena disse-me que desde criança sonhava em viver nos Estados Unidos, onde tem um irmão estabelecido. Porém, seu irmão casou-se e ela não podia mais ir morar com ele. Acabou encontrando um amigo que também queria emigrar, mas como precisavam ir através de programa "au pair", a idade dele estava fora do padrão norte-americano. Já para a França era possível, assim ele foi primeiro e ela o encontrou depois. Como ela não falava francês, demorou para encontrar uma "família que a recebesse". Quando me concedeu a entrevista, Milena trabalhava como babá e tinha um visto de estudante. Segundo sua narrativa, ela adora Paris e que se depender dela, ela não sairá de lá nunca mais. Contou-me que prefere o pequeno studio em que mora com seu amigo, o qual ela se referiu como um "cubículo que não tem conforto nenhum" do que "uma mansão no Brasil". Para ela, não tem como explicar, é um "estado espiritual" o bem-estar que ela sente vivendo lá. (Entrevista realizada em Paris, França em 13-09-2012)

Nara nasceu em 1986, numa pequena cidade no interior de Minas Gerais. Havia terminado o segundo grau e queria fazer faculdade na área da saúde, mas prestou o vestibular e disse-me que não foi aprovada. Segundo seu depoimento, sempre teve o sonho de estudar fora, e a princípio pensava em ir para os Estados Unidos, mas foi informada que estava muito difícil conseguir visto e passar pela imigração. Decidiu então ir para a Inglaterra. Foi com uma amiga, via Paris. Não conseguiu entrar na Inglaterra e acabou encontrando amigos da sua cidade natal em Paris. Ela foi ficando, arrumou trabalho e começou a namorar com um brasileiro. Em 2007, ela casou-se. Quando me concedeu a entrevista, tinha um filho e o casal não tinha planos de retorno. Com a ajuda do marido, Nara estava conseguindo se dedicar integralmente aos estudos e cursava Administração em uma Universidade de Paris. (Entrevista realizada no sul de Paris, França em 06-10-2012)

Nilson nasceu no interior de Goiás, em 1979. Falou-me que com 16 anos migrou para Goiás procurando melhorar de vida. Segundo sua narrativa, sempre sonhou em sair do Brasil com o objetivo "igual ao de todo mundo", que na sua situação era ganhar dinheiro para comprar uma casa e ajudar a mãe. A oportunidade que ele esperava veio em 2006, quando trabalhava numa grande empresa e conseguiu negociar sua saída para "fazer uma coisa diferente". Foi assim que ele embarcou em 2006, tendo Londres como

destino. Foi pela França e não passou pelo controle de imigração britânico. Arrumou um trabalho na construção civil e lugar para morar na periferia de Paris. O problema é que quatro meses depois, ele sofreu um grave acidente de trabalho. Ele ficou seis meses internado e teve como sequela uma incapacitação laboral significativa. Apesar de estar com um documento falso na época do acidente, o nome que constava no mesmo era verdadeiro e isso, segundo Nilson, facilitou o processo. Quando me concedeu a entrevista, contou-me que sua situação estava regularizada e que tinha um título de residente. Em 2008, a esposa e os filhos foram pra França viver com ele. Não tem planos de voltar, pois pensa na educação dos filhos e pondera que no Brasil há violência e que é possível "morrer por causa de cinco reais". (Entrevista realizada no norte de Paris, França em 28-10-2012)

Norberto nasceu em 1965, em Curitiba. Contou-me que sempre trabalhou com decoração, na área de revestimento de interior, e que viajava muito a trabalho. Disse-me que tem grande interesse pelo inglês e que sonhava em morar nos Estados Unidos, Canadá ou Inglaterra. Em 2006, saiu do Brasil tendo como destino a Inglaterra, mas foi primeiro para a Espanha "porque era caminho" e porque tinha um amigo em Madri. Disse-me que gostou da cidade e que decidiu ficar. Seis meses depois, a esposa e os dois filhos foram se juntar a ele. Trabalhava como autônomo prestando serviços na sua área. Em 2009, avaliou que não dava mais para continuar na Espanha por causa da crise, mas também não queria "voltar para trás". Durante esses três anos na Espanha, o casal conseguiu juntar o dinheiro para fazer os documentos italianos para a família, pois a esposa de Norberto é descendente de italianos. Devidamente documentados, decidiram ir primeiro para França – sugestão de um amigo, que o convidou – para então seguir rumo a Inglaterra. Chegaram na França em 2009. Falou que o começo foi muito difícil, mas na época em que me concedeu a entrevista, avaliava que eles estavam bem adaptados. No entanto, Norberto disse-me que começava a sentir os efeitos da crise. Estava em vias de ir para os Estados Unidos. Inicialmente era uma viagem de passeio, mas ele reconhece que pode mudar de ideia. Ele tem amigos morando nos Estados Unidos e ponderou que se ele gostar, lá poderia ser o novo destino da família. Em relação a voltar para o Brasil, ponderam a questão da qualidade de vida e segurança. Disse-me que viajou já com intenção de ficar, que a maioria das pessoas quer juntar dinheiro para comprar uma casa. Enfatizou que esse não era o seu caso, pois o casal tinha duas casas no Brasil quando partiram. Contou-me que eles queriam viver fora. Norberto avaliava que a situação econômica europeia em comparação à brasileira pode tornar o retorno vantajoso em algum momento. (Entrevista realizada no sul de Paris, França em 25-10-2012)

Olívia nasceu em 1960, no interior de Minas Gerais. Tinha uma pousada no litoral baiano, onde conheceu um francês com o qual se envolveu. Dois anos depois, quando ela estava grávida, o casal decidiu ir viver na França. Hoje, separada do marido, o que a prende na França é seu filho. Disse-me que vem ao Brasil uma vez por ano e que manda dinheiro para ajudar a mãe, que cria os filhos da irmã. Pensa em voltar para o Brasil, ainda que reconheça que depois de tanto tempo de vida fora, ela tenha duas pátrias e que sempre vai sentir falta de uma delas. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 25-05-2012)

Osmar nasceu em Salvador em 1971. Morou três anos em São Paulo de 1994 a 97. Saiu do Brasil em março de 2002, quando foi para Suíça. Foi para lá em função de um contato, a "irmã do seu vizinho". No entanto, apesar do apoio, contou-me que o trabalho que a amiga tinha "arrumado", não deu certo e como ele não tinha papéis não estava fácil encontrar alternativa. Foi quando conseguiu através de um amigo, que morava em Paris, trabalhar como músico na França. Passou um mês e meio em Paris, e segundo sua narrativa, trabalhou neste tempo, mais que os 3 meses que havia ficado na Suíça. Por isso, decidiu ficar na França. Ele começou um relacionamento com uma francesa, e 6 meses depois, ela engravidou. Eles casaram-se, mas dois anos depois, em 2005, separaram-se. Em 2009, disse-me que estava num momento bem difícil de sua vida, pois perdeu a mãe e um irmão, estava indocumentado, sem lugar para morar. Avaliou que era o momento de "voltar de vez" para o Brasil. Osmar falou que passou seis meses no Brasil e que não aguentou, pois achou que o país "estava pior que antes". Ele ainda não tinha sua situação regularizada quando me concedeu a entrevista. Perguntei se ele voltaria ao Brasil e ele me respondeu: "só se eu ganhar na loteria. Não existe lugar melhor pra se viver, mas duro, não rola não!". (Entrevista realizada em Paris, França em 18-08-2012)

Paula nasceu em 1970, em Niterói. Tinha 28 anos, era cantora em uma banda de rock, fazia faculdade e trabalhava no Rio de Janeiro quando a irmã lhe mostrou um anúncio no jornal "O Dia" que buscava cantora para participar de uma temporada no sul da França. Ela candidatou-se e conseguiu a vaga. Foi em maio de 1998 para o sul da França. Conheceu um francês que trabalhava no bar onde ela se apresentava e começou uma relação afetiva. Contou-me que ela voltou ao Brasil 5 meses depois para vender o carro e "fechar" as coisas no Brasil. Desde então, as vindas ao Brasil são apenas para passeio. Eles se casaram e tiveram dois filhos. Quando me concedeu a entrevista, já havia se naturalizado francesa, considerava-se bem integrada. O casal havia comprado um apartamento há pouco na França. Voltar ao Brasil, segundo me disse, era uma opção fora de questão. (Entrevista realizada na região de Nice, França em 19-05-2012)

Plínio nasceu, em 1974, no interior de Minas Gerais. Aos 14 anos sua mãe faleceu e a avó que morava no Rio de Janeiro, o levou para viver com ela. Contou-me que no Rio de Janeira foi "apadrinhado" por uma senhora. Era músico, flautista, e fazia uma graduação em Música quando deixou o Brasil para estudar na França em 1998, graças ao incentivo financeiro que recebeu para ir e para se manter inicialmente na França. Não falava francês, disse-me que aprendeu na prática. Fez a graduação e terminou o mestrado em 2004. Quando me concedeu a entrevista, ainda não havia concluído o doutorado, que estava atrasado pela dificuldade de conciliar o trabalho com os estudos. Trabalhou numa rede de supermercado durante 10 anos e desde 2011 trabalhava em uma agência brasileira em Paris com contrato por tempo indeterminado. É casado com uma francesa, com o qual teve um filho. Desde 2005 tem a nacionalidade francesa. (Entrevista realizada em Paris, França em 08-08-2012)

Rafaela nasceu em Recife, em 1982. Trabalhava como auxiliar administrativa e, segundo declarou, nunca teve o sonho de sair do Brasil, mas como o marido queria emigrar, o acompanhou. Ele foi primeiro e ela foi encontrá-lo sete meses depois, em 2007, e falou que não se arrepende de ter ido. Segundo ela, eles foram com o objetivo

de buscar uma “vida melhor”. Ela trabalha como zeladora e apesar de não ter documentação quer regulamenta sua permanência na França, disse-me que não sente medo e que vive normalmente. Rafaela declarou que nunca tinha imaginado morar em Paris, e se surpreendeu com a quantidade de africanos, disse-me que quando ela chegou “ela se sentia em um filme”, mas depois de um tempo, ela havia se “acostumado”. O que ela acha mais positivo de viver na França é o seu poder de compra, mas alegou que sofre muito com a saudade. Mesmo estando lá há tantos anos, ela ainda chora de saudades, principalmente da mãe. Em relação ao retorno, disse-me que “Deus trouxe e se for da vontade de Deus que ela volte, ela volta”. (Entrevista realizada em Paris, França em 16-09-2012)

Raquel nasceu em 1981 numa cidade no interior de São Paulo. Em 2001 foi para Campinas, onde obteve sua graduação em Ciências Sociais. Após a graduação trabalhou como estagiária em uma empresa na região de Rio Claro. Sem contrato de trabalho, foi para São Paulo capital dar aulas e ingressou no mestrado. Quando descobriu que seria demorado e difícil ter bolsa, aceitou a proposta de uma amiga de ir para a França trabalhar como “au pair”. Foi em 2008, mas não conseguindo ficar sem estudar, ingressou em um master. Depois de “au pair”, trabalhou como babá. Entrou no doutorado, conseguiu um financiamento de um ano. Depois de já estar vivendo na França, Raquel havia conseguido obter a cidadania espanhola por origem familiar. (Entrevista realizada em Paris, França em 06-08-2012)

Regiane nasceu em 1975 em uma pequena cidade no sul de Minas Gerais. Foi para Varginha fazer faculdade e foi lá que conheceu um francês, seu atual marido. Ele vivia na cidade porque trabalhava em uma multinacional francesa na região. Ele estava disposto a permanecer no Brasil, mas sete meses depois que eles se conheceram, em 1999, ele recebeu uma proposta de transferência para os Estados Unidos. Ela foi com visto de estudante, pois não quis casar, dado que o relacionamento ainda era recente. Viveram nos Estados Unidos cerca de 18 meses, onde casaram-se, principalmente para resolver questões burocráticas. Foram para a França de férias, e Regiane contou-me que se apaixonou pelo país. Aproveitando a oportunidade de uma nova alocação, ele foi transferido para Paris, em 2000. Viveram em Paris durante 2 anos, tiveram um filho. Um tempo depois mudaram para Rennes. Regiane estudou comércio exterior na França e chegou a trabalhar numa empresa, mas estava desempregada há três anos mais ou menos. O plano da família, quando ela me concedeu a entrevista, era voltar ao Brasil em março de 2013. O marido que é engenheiro estava buscando emprego no Brasil, mas estavam dispostos a vir mesmo sem um posto garantido. Segundo ela me disse, faz tempo que ela quer muito voltar e seria um momento em que tudo estaria convergindo para viabilizar esse retorno. (Entrevista realizada em Rennes, França em 28-09-2012)

Renan nasceu em Salvador em 1982. Como jogador de futebol morou no Rio de Janeiro, Alagoas, Minas Gerais. Contou-me que jogou fora do país nos Estados Unidos, no Qatar, Dinamarca. No Brasil, Renan viveu 10 anos em Minas Gerais. Em 2006, foi contratado para jogar na Suíça. O contrato dele havia terminado recentemente, mas ele não tinha certeza se iria voltar a jogar. Além de ter passado por uma cirurgia, Renan casou-se com uma mulher franco-brasileira e juntos eles montaram um restaurante de comida brasileira em Paris e o negócio estava indo bem. Disse-me que não podia

reclamar da crise, nem das férias. O restaurante vivia cheio. Segundo seu depoimento, durante a semana, o público é majoritariamente francês, pessoas que trabalham no entorno e almoçam lá. Nos finais de semana, o local torna-se ponto de encontro para a comunidade brasileira. (Entrevista realizada em Paris, França em 30-08-2012)

Renato nasceu em 1982 em Brasília. O ano de 2008 foi um ano de ruptura, pois segundo sua narrativa a mãe faleceu e ele terminou sua graduação de Administração. Ele que também é músico, tinha uma banda e começou a se dedicar à música. Nesta época, a namorada de Renato lhe propôs de irem juntos para a França, estudar francês. Isso porque o irmão de Renato vivia em Estrasburgo, em função de um casamento com uma francesa. Ele inclusive foi para lá a primeira vez para participar do casamento em 2005. Contou-me que não passava pela cabeça dele sair do Brasil e que a namorada foi fundamental neste projeto. Foram, em 2009, ambos com visto de estudante. Depois de 6 meses, tiveram que voltar ao Brasil. Conseguiu um novo visto de estudante de 9 meses que lhe permitiu trabalhar. Desde então vive na França. Quando me concedeu a entrevista, Renato estava apreensivo, pois aguardava um pedido de renovação e mudança na sua categoria de visto. Ele me disse que por ele viveria o resto da vida na França e que eles até pensavam em comprar um apartamento. (Entrevista realizada em Estrasburgo, França em 07-09-2012)

Roger nasceu em 1964, no Rio de Janeiro. Tinha o segundo grau completo e trabalhava em uma companhia aérea quando, em meados dos anos 1990, decidiu que queria sair do Brasil. Falava inglês e francês. O projeto inicial era viver o "sonho americano" nos Estados Unidos, mas seu pedido de visto foi recusado. Como ele tinha amigos na França, decidiu aperfeiçoar o idioma. Foi para Paris viver e estudar francês em 1995. Desde então, voltou ao Brasil apenas 3 vezes. Depois da instabilidade inicial dos primeiros anos, atualmente tem um contrato de trabalho de tempo indeterminado e um visto de residente. Voltar para o Brasil era, quando me concedeu a entrevista, uma opção fora de questão. Adora viver em Paris e busca aproveitar todas as oportunidades que isso lhe traz como, por exemplo, poder viajar e explorar seus interesses artísticos para além do trabalho que o sustenta. (Entrevista realizada em Paris, França em 18-09-2012)

Rômulo nasceu em 1966, em Belo Horizonte. Aos 19 anos começou a dançar como bailarino clássico. Foi para São Paulo em meados dos anos 1980, onde viveu durante cerca de 5 anos. Em janeiro de 1991, foi para a Europa participar de audições e no meio daquele ano deixou o Brasil, rumo à Alemanha, para integrar uma companhia de ballet. Ficou cerca de 3 anos na Alemanha, e depois ingressou em uma companhia parisiense. Mudou-se para a França em 1994 e vive lá desde então. A profissão lhe permitiu realizar o sonho de "ver o mundo". Quando me concedeu a entrevista, Rômulo vivia em Aix-en-Provence. Não dançava mais profissionalmente e era proprietário de um estúdio de Pilates. Recentemente havia rompido um casamento com uma inglesa, com a qual teve dois filhos. Quando me concedeu a entrevista, disse-me que achava difícil voltar ao Brasil para trabalhar, mas por outro lado, tinha certeza de que não queria terminar sua vida na França. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 28-05-2012)

Rosa nasceu em 1967 no interior de São Paulo. Morava em São José dos Campos e tinha um filho, quando o marido teve o primeiro contrato de expatriação. Em 1999, eles

foram para Lyon com o projeto inicial de ficar mais ou menos um ano. No final, ficaram três anos e ela teve um segundo filho que nasceu na França. Eles voltaram para o Brasil em 2002. Em 2008, retornam a França através de uma segunda expatriação profissional do marido, desta vez para morar no norte de Paris. Rosa contou-me que para tomar essa decisão eles consideraram a questão profissional e salarial, mas também o fato dos filhos estarem em uma idade na qual a mudança não seria prejudicial. Eles viviam um momento de instabilidade, pois o contrato de expatriação estava previsto para terminar no início de 2013, e a empresa não havia sinalizado a realocação dele no Brasil. Eles avaliaram que era um bom momento para voltar ao Brasil, mas o marido não conseguiu nenhuma proposta de trabalho, apesar de ter procurado. Quando me concedeu a entrevista, eles tinham acabado de voltar da Bélgica e da Suíça, onde foram verificar algumas oportunidades de emprego. (Entrevista realizada em Paris, França em 03-09-2012)

Rubens nasceu em 1953 no interior de Minas Gerais. Segundo contou-me, sua família era “simples” e seu pai faleceu quando ele tinha apenas 3 anos. Como resultado, foi uma infância difícil e ele precisou trabalhar desde muito cedo. Trabalhava em uma empresa, mas gostava mesmo do mundo das artes. Estudou teatro e cantava em coral. Com vinte e poucos anos foi trabalhar com irmão e acabou descobrindo a dança. Participou de uma seleção e foi aceito. Desde então, Rubens disse-me que não parou mais de dançar. Em 1989, vivia em Salvador, quando conheceu uma francesa, Edith. Ela engravidou e eles foram para a França para ela ter o filho. Ele foi e logo arrumou trabalho, ganhava bem. Foi ficando. Rubens tem uma escola de dança, é professor na universidade e dirige uma companhia. Pensa em voltar para o Brasil, mas antes o plano é ir para os Estados Unidos, país que ele adora e onde seu filho vivia. (Entrevista realizada em Rennes, França em 26-09-2012)

Rúbia nasceu no interior do Rio Grande do Sul em 1987. Aos 18 anos casou-se e foi viver na capital gaúcha. Segundo ela me disse, foi então que sua “vida começou”. Ela estudava administração e trabalhava em uma loja de telefonia celular. Aos 21 anos tornou-se gerente da loja, mas seu casamento entrou em crise. Segundo sua narrativa, isso se deu em função de incompatibilidade de interesses do casal, pois enquanto seu marido queria estabilidade, ela queria encontrar novas oportunidades. Sua irmã morava na Irlanda e ia ter um filho, por isso, convidou Rúbia para ir para lá, estudar inglês e se distanciar um pouco das coisas. Contou-me que foi para a Irlanda em 2008 apenas com o dinheiro da rescisão do vínculo trabalhista. Para se manter na Irlanda, Rúbia anunciou no Orkut seus serviços de depilação e manicure. Uma brasileira de Recife agendou um horário. Quando foi fazer o serviço, Rúbia conheceu um francês, Claude, com quem a tal recifense dividia o apartamento. Eles se envolveram, mas Claude precisava voltar para a França. Ficaram namorando à distância, durante dois anos. Em um determinado momento, Rúbia decidiu ir viver na França com ele, ver se ela se adaptava, pois caso contrário Claude estava disposto a viver no Brasil. A experiência deu certo, Rúbia conheceu brasileiros na cidade e como me narrou “se integrou”. Eles casaram-se no final de 2011, ela resgatara um projeto antigo de estudar comércio exterior e não tinha planos de voltar ao Brasil no médio prazo. (Entrevista realizada em Rennes, França em 27-09-2012)

Sabrina nasceu em 1987 em Brasília. Sempre teve o desejo de “ir para fora”,

primeiramente era os Estados Unidos, mas não deu certo. Estudava moda no Brasil e contou-me que no curso, a França era muito mencionada. Por coincidência, o irmão do namorado dela morava na França. Assim, Sabrina propôs ao namorado ir para a França passar seis meses. Foram em 2009, mas gostaram e decidiram ficar mais. Depois de estudar francês durante um ano, começou uma formação na Universidade de Estrasburgo. Contou-me que gosta muito da vida na França e o único motivo para voltar ao Brasil seria pela saudade que sente da família porque a qualidade de vida que ela tem lá é incomparável. Admite que o futuro é incerto, mas enquanto projeto, ela pensa em voltar. Ela disse-me que é bom ser brasileira em Estrasburgo, não se sente discriminada, ao contrário, acha que as pessoas valorizam os brasileiros. (Entrevista realizada em Estrasburgo, França em 10-09-2012)

Samuel nasceu em 1981, em Vitória, Espírito Santo. Disse que em 2004 começou a pensar em sair do Brasil, pois trabalhava como mestre de obras começou a avaliar que sua profissão não era valorizada no país dado que seus amigos que tinham emigrado não eram bons profissionais e ganhavam mais do que ele. Estava com as malas prontas para ir para os Estados Unidos, mas o seu tio estava na França e o convidou para ir. Segundo ele, isso foi fundamental para a decisão, pois na sua concepção é sempre "melhor ficar perto da família". Nunca tinha saído do Brasil, nem do Estado. Em outubro de 2005, chegou a Paris. No Brasil, era mestre de obras e lá continuou trabalhando com isso. Chegou a ter documento falso, trabalhou informalmente até conseguir montar sua empresa. Atualmente, a empresa vai bem. Segundo sua narrativa, vários arquitetos franceses sempre fazem trabalhos com ele. Para ele, a crise não havia se feito sentir, e ponderou que se tudo continuasse dando certo, ele não voltaria. Faz um ano casou-se com uma francesa de origem argelina. Disse-me que é muito complicado porque a família dela é muçulmana não aceita a união, e que era um problema e não sabia se o casamento iria durar muito mais. Desde que foi para a França só voltou ao Brasil uma vez em 2009. Tem uma filha de 9 anos no Brasil. Trouxe o pai, mas ele não estava se adaptando muito bem e pensava em voltar. (Entrevista realizada em Paris, França em 06-09-2012)

Silvana nasceu em Porto Alegre em 1966 e licenciou-se em História numa Universidade do Rio Grande do Sul. Em fevereiro de 1993, foi para a França fazer o mestrado numa Universidade de Paris. Depois do mestrado, fez também o doutorado. Casou-se com um francês. Em 2002, nasceu o primeiro e único filho. Vive em uma cidade ao norte de Paris até hoje, mas disse-me que o "vou voltar" é uma constante, mesmo tanto tempo depois. (Entrevista realizada no norte de Paris, França em 19-11-2010)

Sônia nasceu em 1964 no interior de Minas Gerais. Formou-se em Letras e era funcionária pública de uma agência nacional quando decidiu ir para Paris, estudar francês, estimulada pela irmã que estava na França naquela época. O plano inicial era aprender o idioma e permanecer um ano mais ou menos. Depois do Francês, Sônia foi estudar Antropologia e Literatura. Para sobreviver fez diversos tipos de trabalhos: ajudante de cozinha, garçonete, cuidou de crianças e idosos, fazia faxina. Em 1996, a irmã decidiu voltar ao Brasil, mas ela conheceu um francês que veio a ser o seu marido e pai de seu filho. Foi professora universitária em Paris e outras cidades francesas. Quando me concedeu a entrevista, vivia e trabalha em Lyon. Apesar de me dizer que gostaria de voltar a viver no Brasil, avaliava que o retorno era inviável principalmente

por causa de seu filho, entre outros fatores. (Entrevista realizada em Lyon, França em 17-11-2012)

Suzana nasceu em 1974, em São Paulo capital. Formada em Jornalismo, falou que tinha um desejo de estudar na França e para isso estudava francês. Trabalhava como jornalista quando sua professora de francês lhe procurou para dizer que uma família francesa procurava uma jovem brasileira para ser “au pair”. Ela aceitou a proposta, pediu demissão e foi para Paris em 2003. Em 2005, entrou no mestrado e fez o doutorado na sequência. Em 2007, casou-se com um francês. Quando me concedeu a entrevista, estava grávida do segundo filho. Não tinha planos de voltar a viver no Brasil. (Entrevista realizada em Paris, França em 19-09-2012)

Tadeu nasceu em 1982, em Teresina. Ele é acrobata, artista de circo, mas também se apresenta em shows de capoeira. Foi para a França pela primeira vez em 2000, convidado para fazer parte de um espetáculo no âmbito de um intercâmbio cultural. Ficou três meses e voltou para o Brasil. Terminou o segundo grau e foi para a França no ano seguinte para mais uma temporada. Em 2005, em função de um espetáculo criado exclusivamente para o Ano do Brasil na França, ele foi à França com um visto de permanência de um ano. E desde então, só veio ao Brasil para visitar a família. Em 2006, ele se casou com uma francesa, que lhe deu um apoio fundamental, inclusive financeiro. Estudou francês na Aliança Francesa e disse-me que fala e escreve bem em francês. O casamento acabou em 2011. Desde 2009 tem um título de residente de 10 anos. A migração foi uma oportunidade de ajudar a família, Tadeu contou-me que sempre mandou dinheiro e comprou uma casa no Brasil. Ele pensa em voltar para o Brasil. Ao final da entrevista, perguntei se ele queria acrescentar alguma coisa, e ele me disse: "talvez voltar para o Brasil em 2014 definitivamente, escreve isso aí!". Esse retorno para o Brasil é vivido de forma bastante conflituosa, ele teme perder tudo o que conquistou na França, mas sente-se emocionalmente inclinado a voltar. O sonho dele era ter dinheiro para voltar ao Brasil e abrir uma pousada no litoral nordestino. (Entrevista realizada em Paris, França em 25-08-2012)

Tamyres nasceu em 1977 em Araçatuba, mas contou-me que foi criada na cidade de Bauru. Ela é uma transexual e o mote para a migração, segundo ela, foi uma “necessidade psicológica” em função do suicídio de seu namorado em 2000. Contou-me que tinha uma boa condição financeira, e que ela se desfez dos bens que possuía e decidiu emigrar para se distanciar de tudo que o lembrasse dele. Chegou na França em abril de 2001. De início, quando chegou, Tamyres trabalhou exclusivamente na prostituição. Quando me concedeu a entrevista, quase 12 anos de vida na França, também trabalhava eventualmente como artista. Sempre mandou dinheiro para o Brasil, ajudando a mãe e seus quatros irmãos. Ela planejava retornar em breve para o Brasil, para viver na casa que construiu e abrir um negócio com a ajuda da mãe em Bauru. (Entrevista realizada em Paris, França em 11-10-2012)

Tânia nasceu em 1970, no interior de São Paulo. Em 2000, era professora primária do Estado e tinha um escritório de advocacia quando conheceu um francês em uma festa. Eles começaram a namorar. O relacionamento ficou sério. Foram viver juntos e tiveram dois filhos. Em 2007, o pai de seu marido, aposentou-se e ele precisou voltar para a França para assumir os negócios da família. Eles vivem entre lá e cá, pois o vínculo com o Brasil se mantém forte. O marido vem duas vezes por ano ao Brasil pela filial da

empresa instalada no país e ela vem uma vez por ano, durante as férias de verão da França. A mudança na vida de Tânia foi profunda, pois hoje ela não trabalha, dedica-se ao cuidado da casa e dos filhos. Mesmo assim, pensa que para os filhos, a vida na França é melhor. O retorno é uma possibilidade, mas ao mesmo tempo um projeto vago, repleto de motivações duais. Como ela disse-me, sentia-se dividida, pois não se sentia “mais 100% feliz em nenhum dos lugares”. (Entrevista realizada em Rennes, França em 27-09-2012)

Tiago nasceu no litoral de São Paulo, em 1981. A primeira ida para a França teve como destino Nice, no verão de 2005, quando foi convidado para fazer shows brasileiros (percussão, apresentação de capoeira). Foi com visto de trabalho para artista de duração de 3 meses. Ficou além do tempo previsto, circulando entre Nice, Marselha e Paris. Voltou para o Brasil em dezembro de 2005, e em janeiro de 2006 regressou a França com um novo contrato e um visto de trabalho de 2 anos. No final deste período, envolveu-se afetivamente com uma francesa e o casamento foi acelerado para ele poder permanecer regularmente na França. E foi só então que começou a aprender o francês, pois nestes dois primeiros anos, contou-me que praticamente só falava português. Quando me concedeu a entrevista, havia acabado de mandar o pedido para o visto de residente de 10 anos. Falou que como seu visto estava ligado ao casamento, ele e a mulher foram entrevistados separadamente para averiguação da veracidade da união. No começo tinha poucas aulas, mas atualmente disse-me que "escolhe" onde quer dar aula e falou com orgulho que ganhava mais do que a esposa francesa. Ele avalia que no médio prazo o retorno ao Brasil está fora de questão, mas disse-me que o seu projeto ideal é de ficar entre “lá e cá”, formar os alunos e coordenar os grupos de aula, passando três meses na França e três meses no Brasil. Principalmente para escapar do inverno. (Entrevista realizada em Marselha, França em 13-06-2012)

Úrsula nasceu em 1971, em São Paulo. É jornalista, tinha 25 anos, e trabalhava em um jornal e uma rádio quando partiu para uma viagem de férias na Europa. O plano era passar por Barcelona, conhecer a França toda e visitar uma amiga na Irlanda. Em função de eventos fortuitos, contou-me que conheceu um grupo de franceses em Montpellier, entre os quais estava Jean, seu atual marido. A relação com a França era vaga, mas me disse que sempre nutriu uma enorme admiração pela cultura e pensamento francês, de forma que após o forte encontro afetivo, Úrsula - que alegou ter uma antiga disposição para deixar São Paulo - embarcou em um projeto de ir para a França estudar francês e viver essa história afetiva. Estudou francês, história e relações internacionais. Dezesseis anos depois, continua casada e teve duas filhas. Viveu em Montpellier, Paris e atualmente está em Marselha. Não pensa em voltar para o Brasil para viver, mas contou-se que vive hoje a distância da família com dificuldade, pois não consegue visitar o Brasil todo ano. (Entrevista realizada em Marselha, França em 16-06-2012)

Valentina nasceu em 1977 em Fortaleza. Em 2009 era mestre em Logística e trabalhava como professora, quando decidiu pôr fim ao casamento, deixar seu trabalho e se desfazer de sua casa para realizar um antigo projeto de ir estudar na França. Em função de uma parceria entre a Universidade no Brasil e uma universidade francesa, Valentina conseguiu sua admissão com facilidade e em 2010 chegou no sul da França para fazer seu doutorado. Quando me concedeu a entrevista, ela estava há quase dois

anos vivendo no sul da França. Segundo seu depoimento, encontrou muitas dificuldades, pois seu nível de francês era básico. Como precisava trabalhar para se manter, trabalhava como faxineira e baby-sitter. Como ela mesma disse, mais do que uma viagem para o exterior, sua viagem era para o interior. A realização do "sonho" de estudar fora demandou rupturas e sacrifícios, enfim segundo sua narrativa, sua experiência na França ia muito além do seu doutoramento. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 29-06-2012)

Vanessa nasceu em Florianópolis e cursou Artes Cênicas em Santa Catarina. Foi para Paris em 2008, para fazer um mestrado em uma universidade parisiense. Logo após o término do mestrado, ingressou no doutorado. Foi para a França com o marido, brasileiro, e tem um filho que nasceu lá. Pensa em voltar ao Brasil depois de terminar o doutorado, mas considera a possibilidade de permanecer caso as condições sejam oportunas. (Entrevista realizada em Paris, França em 18-11-2010)

Waleska nasceu em 1977 em Fortaleza. Ela é uma mulher transexual. Contou-me que sua condição não foi aceita pelo pai, e foi obrigada a sair de casa aos 15 anos. Migrou para São Paulo, onde – segundo seu depoimento – não encontrou inserção no mercado de trabalho, e por isso recorreu à prostituição. Viveu em São Paulo durante 10 anos, mas segundo me disse, o preconceito no Brasil era demais e decidiu ir tentar a vida na Itália, até estudou italiano. Mas foi via Paris, onde encontrou uma grande amiga brasileira e acabou mudando os planos. Chegou em 2002 e desde então vive na França. No começo trabalhava apenas com a prostituição. Depois conseguiu trabalhar também como figurante, maquiadora e cabelereira. Em 2006, fez uma união civil com um francês para regularizar sua situação de imigrante na França. Ela conseguiu comprar terra para a família no interior do Ceará e uma casa em Fortaleza. Não pensava em voltar, mas "reconquistou" sua família. Quando me concedeu a entrevista, Waleska estudava francês para fazer um curso de cabelereira antes de retornar ao Brasil. Pretende abrir um salão de beleza em Fortaleza, e realizar seu desejo de "ter uma vida normal e digna como toda mulher brasileira". (Entrevista realizada em Paris, França em 15-10-2012)

Wanda nasceu em 1952, em Belém. Era comerciante e vendia jóias em uma cidade no interior do Pará quando foi vítima de violência em função de um roubo. Desde então, segundo sua narrativa, ela desenvolveu problemas psicológicos que dificultavam sua vida no Brasil. Era viúva e mãe de duas filhas "crescidas", quando recebeu o convite para ir para a Guiana Francesa. Wanda foi para Caiena em 2003, onde trabalhou como faxineira e também cuidou de criança e de idoso. Em 2008, contou-me que se casou com um francês que conheceu na cidade e em 2010 foram juntos para a França. Uma vez na França, segundo me disse, o marido mudou, bebia demais e acabou por perder o emprego. Ela através de contato de uma amiga brasileira arrumou um trabalho de verão no sul da França. O marido que devia se juntar a ela, literalmente desapareceu segundo Wanda. Ela não tem notícias dele desde dezembro de 2010. Em função disso, ela não conseguiu seu visto de residente e vivia na França irregularmente, fazendo alguns trabalhos informais. Quando me concedeu a entrevista, contava com a ajuda de um francês que conheceu na internet, que havia arrumado um lugar para ela morar e um advogado; pois segundo Wanda me contou, ela havia entrado na justiça para tentar reverter a decisão da prefeitura que a obrigava a deixar o território francês. Ela disse-

me que precisa permanecer na França, pois não consegue ter uma vida normal no Brasil em função dos traumas que carrega. (Entrevista realizada em Aix-en-Provence, França em 23-07-2012)

Anexo 6. Resumos trajetórias de “ex-imigrantes” brasileiros na França entrevistados

Alessandra nasceu em Santos, em 1958. Sua trajetória revela uma mobilidade frequentemente motivada pelos estudos. A primeira mudança foi para Ribeirão Preto, interior de São Paulo, onde ela graduou-se em Química. Depois, em 1984, mudou-se para Campinas, para fazer um mestrado. Após o mestrado, ficou morando em Santos e trabalhando em São Paulo. Em 1992, realizou o projeto de fazer o doutorado no exterior, após conseguir uma bolsa de estudos do CNPq. Viveu em Grenoble, durante 4 anos. Após a titulação, volta para Campinas para um pós-doutoramento na Unicamp. Em 2001, regressou à França, desta vez Paris, para um pós-doutorado. Segundo ela, sempre que pode, “passa na França”. Quando me concedeu a entrevista, Alessandra morava em São Paulo e trabalhava num importante instituto de pesquisa brasileiro. (Entrevista realizada em São Paulo, Brasil em 12-08-2011)

Amilton nasceu no litoral de São Paulo em 1967. Foi para a França em 1990 com o objetivo de estudar fotografia. Contou-me que tinha um pequeno jornal, mas que as coisas não estavam indo bem, vendeu o que pode e partiu. Disse que quando foi “não tinha muita noção” e foi com visto de turista (que na época ainda era necessário) e chegando lá soube que precisava voltar ao Brasil, para entrar com visto de estudante. Com a carta de aceite da Sorbonne em mãos, conseguiu o visto. Vendeu sua moto e voltou para a França. Contou-me que na época o franco estava valorizado e o dinheiro “só deu para pagar a matrícula”. Por “sorte”, entrou na “rede de brasileiros”, conheceu pessoas que o ajudaram a arrumar trabalho e moradia. Como fotógrafo independente conseguiu tornar-se profissional e já viajou o mundo registrando eventos e paisagens diversas, inclusive guerras. Ele casou com uma francesa, teve dois filhos, mas estava separado da esposa quando me concedeu. Segundo sua narrativa, ele voltou porque o pai estava morrendo, disse-me que veio para ficar alguns dias, mas quando conversamos já estava no Brasil há um ano. (Entrevista realizada em São Vicente, Brasil em 16-10-2009)

Bruno nasceu em 1984, em São Paulo. Ingressou na Escola Politécnica da USP em 2003. Ao procurar possibilidade de estágio, encontrou a oportunidade de estudar na França. Inscreveu-se no programa, e começou a se preparar fazendo curso de Francês. Ele foi aceito e recebeu a bolsa “Eiffel”, outorgada pelo governo francês. Vindo uma família classe média, segundo Bruno, sem tal apoio financeiro, ele jamais poderia ter passado tanto tempo estudando fora do país. O convênio prevê que o graduando faça parte da sua formação como engenheiro na França e ao retornar ao país de origem e se graduar, o estudante obtém dupla diplomação, com reconhecimento nos dois países. Bruno foi em junho de 2005 e ficou até final de 2007. Graduou-se como Engenheiro Elétrico em agosto de 2009. Quando me concedeu a entrevista, em abril de 2011, trabalhava numa empresa de telefonia celular em São Paulo capital. Disse-me que gostaria de voltar um dia para a França como profissional. (Entrevista realizada em São Paulo, Brasil em 14-04-2011)

Daniela nasceu em 1981, no interior de Minas Gerais. Fazia sua graduação em Fisioterapia em Belo Horizonte quando se casou, em 2006, pois o marido foi para os Estados Unidos fazer um doutorado integral e ela iria se juntar a ele após sua titulação. Ele acabou transferindo a formação para a França e depois de formada, em meados de 2007, ela foi para Toulouse encontrá-lo. Como o período previsto era de 3 anos mais ou menos, ela aproveitou para investir em sua formação profissional e fez uma especialização e um mestrado. O casal retornou ao Brasil no final de 2010, para São Paulo capital, onde seu esposo conseguiu emprego como professor em instituição de ensino superior. Ela também tinha conseguido um trabalho em uma clínica de idosos e preparava-se para ingressar no doutorado. (Entrevista realizada em São Paulo, Brasil em 14-04-2011)

Dora nasceu em 1963, no sul de Minas Gerais. Quando tinha 7 anos, a família mudou-se para São José dos Campos. Graduou-se nesta cidade em 1989, em Sociologia. Lá também iniciou sua militância junto aos movimentos sociais e seu engajamento político partidário. Em 1991, mudou-se para São Paulo, e em 1995 para Florianópolis. O interesse pela França começou ainda em São José dos Campos quando um amigo, que era casado e tinha um bebê, foi fazer doutorado na França e a convidou para ir trabalhar como babá da família. Ela não foi, mas disse-me que ficou a vontade. Em 2001, conheceu uma francesa e quando uma crise institucional acabou deixando-a desempregada, alimentou um projeto migratório. Tinha uma amiga que vendia passagens baratas, e decidiu ir para a França, em um primeiro momento, apenas com o contato da tal francesa, de quem ela ficara amiga. Foi em maio de 2002, e voltou em fevereiro de 2004. A permanência no país foi indocumentada, possível por ter encontrado um trabalho de babá. As mudanças no Brasil com o governo Lula começaram a atraí-la. Retornou primeiro para Florianópolis, depois foi para São Paulo trabalhar na gestão petista, até quando recebeu convite para trabalhar em Brasília, para onde se mudou em maio de 2006. (Entrevista realizada em Brasília, Brasil em 18-10-2011)

Gabriel nasceu em Brasília, em 1986. Mudou-se para estudar Campinas para cursar Engenharia em 2004. Não tinha nenhuma relação, nem interesse especial pela França, mas no segundo semestre conheceu o programa “Eiffel”, pleiteou a bolsa e começou a estudar francês. Conseguiu a chamada bolsa de estudos Égide e foi para Nantes, onde viveu de julho de 2006 a setembro de 2008. Voltou para Campinas. Quando me concedeu a entrevista, em outubro de 2011, Gabriel morava em Campinas e fazia um mestrado na Unicamp e não planejava sair do país, apesar de ter gostado da experiência. (Entrevista realizada em Campinas, Brasil em 21-10-2011)

Jurema nasceu em 1958, na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se em Geografia pela UFF no final dos anos 1970. Em 1994, estava separada e aceitou a oportunidade de sair do país, em função de uma bolsa auxílio para uma especialização na Escócia. Foi e fez um mestrado também. No entanto, Jurema nunca deixou de alimentar o “sonho” de fazer o doutorado no exterior. Como na Escócia houve alguns empecilhos, Jurema aproveitou uma visita ao seu irmão - que morava na França – para se inscrever em uma formação doutoral na École de Hautes Études en Sciences Sociales. Foi aceita e ela se mudou para uma cidade na periferia de Paris em 1997. Lá permaneceu até 2006, vivendo de economias, ajuda de familiares e trabalhos como baby-sitting, limpeza e

traduções. Diante da dificuldade de encontrar trabalhar e obter a mudança do seu visto, de estudante para residente com autorização de trabalho, Jurema se viu “forçada” a retornar ao Brasil. Voltou para o Rio de Janeiro e em 2010, em função de oportunidade profissional, migrou novamente, desta vez para o Espírito Santo, onde morava quando me concedeu a entrevista. (Entrevista realizada via Skype em 25-09-2011)

Mara nasceu em 1968, em Niterói. Viveu a maior parte da sua vida em Campinas onde estudou e onde trabalhava quando o marido recebeu uma proposta de ir para Lyon através de um contrato de expatriação. Segundo ela, foi uma oportunidade que ela encarou como “imperdível”. Durante os quatro anos que permaneceu na França ela estudou, acabou fazendo uma graduação em Francês. Ela que fez graduação no Brasil na área de exatas, mas com os estudos no exterior, reorientou sua carreira e trabalhava desde o retorno ao Brasil como professora de francês. (Entrevista realizada em Campinas, Brasil em 27-06-2011)

Marcelo nasceu em 1981, em Belo Horizonte, mas disse-me que a família mudou-se para a Goiânia quando ele ainda era bebê. Em 1999, foi para Campinas para fazer a Graduação, onde ficou até ir para a França, em março de 2008, apesar de estar naquela época vinculado a um programa de doutoramento na USP. Viveu em Paris quase 2 anos, em função de um estágio sanduíche, transformado em um doutorado “co-tutela”. Voltou para o Brasil em 2009, para a casa da família em Goiânia. Em 2010, passou 2 meses na França. Em 2011, mudou-se para o Rio de Janeiro, para fazer um Pós-Doutorado em uma universidade cariosa. Em agosto de 2011 saiu novamente do Brasil, desta vez para um pós-doutorado no Canadá. Desde setembro de 2012, Marcelo estava vivendo na Bélgica. (Entrevista realizada via Skype em 22-11-2011)

Margareth nasceu em 1969, em Campinas. É advogada e o seu marido é engenheiro mecânico. Ele começou a trabalhar em uma empresa francesa de autopeças na região de Campinas. Primeiramente, ele passou um ano na França em função deste emprego. Em 1999, recebeu um convite para ir para a França. Foram, o casal e os dois filhos que tinham na época 5 e 6 anos. Foram para Lyon em primeiro lugar, onde ficaram 3 anos e meio. O marido mudou de trabalho e a família mudou-se para Chartres. Margareth estudou francês, fez uma especialização em Direito Internacional e conseguiu trabalhar em sua área, como assistente jurídica. Depois de 5 anos de residência, pediram a naturalização francesa, de forma que todos são franco-brasileiros. Os filhos estavam estudando, ela estava prestes a prestar um exame para validar seu diploma de advogada na França, quando o marido soube que seria transferido para o Marrocos. Ao mesmo tempo, ele recebeu uma proposta de trabalho em Araraquara. O casal avaliou que era o momento de retornar. Em 2009, 10 anos depois, voltaram para o Brasil. (Entrevista realizada em Campinas, Brasil em 23-06-2011)

Mário nasceu, em 1964, no interior de Minas Gerais. Foi para o Rio de Janeiro fazer faculdade, e depois de formado foi para Friburgo. Segundo ele, a presença francesa na cidade era notável e ele começou a desenvolver o interesse de ir para a França estudar. Fez cursos na Aliança Francesa e começou a se preparar para a viagem. Voltou para Minas Gerais para viver com os pais para economizar dinheiro para o projeto. Foi em 1991, o primeiro destino foi Marselha onde obteve uma titulação no nível de graduação. De lá foi para Paris, onde fez o master e o doutorado. Para o doutorado conseguiu bolsa do governo francês em uma pesquisa na Guiana Francesa.

Viveu na Guiana Francesa 2 anos. Mário contou-me que começou a trabalhar em uma empresa de tradução e lá fez carreira, onde chegou a ser diretor geral. Desde 2008 começou a alimentar um projeto de retorno. Em 2011, vivia na França há 20 anos, havia obtido a cidadania francesa. Aproveitou uma oportunidade para desligar-se do trabalho. Em 2012, retornou ao Brasil. Quando me concedeu a entrevista, vivia em Belo Horizonte, mas esperava a equivalência de seus diplomas para buscar oportunidades no Brasil dentro de sua área de formação. (Entrevista realizada via Skype em 01-09-2012)

Norma nasceu, em 1961, em Recife. Formou-se em Pedagogia e trabalhava como assistente em uma Faculdade de Medicina. Casou-se com um paulista, que em determinado momento de sua carreira, recebeu um convite de expatriação da empresa na qual trabalhava. Recém-curada de uma grave doença, Norma contou-me que viu naquele momento uma oportunidade de refazer sua vida familiar. Foram para Chartres em 2001, com os dois filhos. Ao total, o casal viveu 7 anos na França, período intercalado com uma estada de três anos nos Estados Unidos. Os filhos voltaram para o Brasil há alguns anos, mas o casal continua a viver fora. De 2010 a 2013, estavam na Alemanha e no início de 2013 o casal retornou para a França. (Entrevista realizada via Skype em 23-09-2012)

Osvaldo nasceu em 1962, no interior de São Paulo. Graduou-se em 1985 em Química e em 1986 em Engenharia Química. Ainda como estagiário começou a trabalhar numa empresa química francesa estabelecida na região de Campinas e foi efetivado em 1987. Como política da empresa, soube desde o início que havia uma possibilidade de trabalhar na França como expatriado e essa experiência, tornou-se um projeto profissional. Em 1988, teve sua primeira missão internacional na França, e em 1992 uma segunda viagem de negócios. Estudou francês de 1987 a 1993. Enquanto trabalhava no Brasil recebia também profissionais franceses. Casou-se em 1992. Osvaldo contou-me que em 1995 deram-se as circunstâncias profissionais e pessoais que viabilizaram a ida para a França como profissional expatriado. Ele e a esposa foram para Lyon em 1996, onde permaneceram por 4 anos, até 1999, quando regressaram para Campinas. (Entrevista realizada em Campinas, Brasil em 05-06-2011)

Pilar nasceu em 1970, em São Paulo. Quando tinha 11 anos, a família mudou-se para Campinas. Casou-se em 1996. Estudou e trabalhou em Campinas até ir para Lyon em 1998, acompanhando o marido. Ele é engenheiro mecânico que foi como expatriado por uma empresa francesa de produção de autopeças. Pilar graduou-se em Publicidade e aproveitou a estada na França para estudar francês e se especializar em sua área, obteve um equivalente ao mestrado em Ciência da Comunicação e da Informação. O marido teve problemas de adaptação na empresa e eles voltaram antes do previsto, dois anos e meio depois da partida, para Campinas. Quando me concedeu a entrevista, estavam morando em São José dos Campos. (Entrevista realizada em São José dos Campos, Brasil em 08-06-2011)

Suzie nasceu no interior de Minas Gerais, em 1959. Seu interesse pela França vem da família, pois segundo contou-me seu bisavô era francês, ainda que a família não tenha preservado esta ligação. Suzie era bailarina, fazia teatro e já havia se formado em Jornalismo quando soube de uma bolsa de um ano para estudar na França. Foi para Bordeaux em setembro de 1987. Gostou tanto que voltou após o término da bolsa, mas

nem trouxe bagagem. Regressou à França na sequência, para Bordeaux mesmo, onde permaneceu até final de 1993. Estudando e trabalhando para se manter, fez de “tudo”: trabalhou na colheita de uva, como garçonete, dançarina, professora de português, digitadora. Após os anos, disse-me que foi se cansado da vida instável, tanto profissionalmente e como em função da condição imigrante. Decidiu voltar ao Brasil. Regressou a Belo Horizonte. Em 2003 conseguiu uma bolsa do governo francês para fazer um curso de Gestão em uma Universidade de Paris. Foi com a sua filha de 8 anos, o marido ficou. Retornou ao Brasil em 2004. Alguns anos depois, Suzie mudou-se para Brasília para trabalhar à convite em uma Instituição Pública, onde ainda estava quando me concedeu a entrevista em outubro de 2011. O vínculo com a França se mantém forte, pois em função do seu trabalho, Suzie vai à França ao menos uma vez por ano. (Entrevista realizada em Brasília, Brasil em 16-10-2011)

Vânia nasceu em 1964, em São Paulo. Arquiteta de formação, casou-se com um engenheiro binacional, suíço-brasileiro. Ele trabalhava em uma indústria química francesa na região de Campinas quando recebeu a proposta de uma expatriação para a França. Foram em 1989 e acabaram voltando antes do previsto, em 1991, em função de uma reestruturação da empresa. Voltaram para Campinas e em 1997, ele recebeu uma nova proposta, desta vez uma mutação para uma vaga francesa. Essa segunda ida foi diferente, porque Vânia contou-me que eles foram com 2 filhos pequenos. O marido adoeceu, acabou sendo aposentado por invalidez. Ela decidiu voltar com os filhos em 2005. O marido não pode voltar em função dos seus problemas de saúde. No início, tentaram manter o casamento apesar da distância, mas, segundo Vânia, acabaram se divorciando. Quando me concedeu a entrevista, morava em São José dos Campos e trabalhava como professora de francês. (Entrevista realizada em São José dos Campos, Brasil em 08-06-2011)